



# BRISINGR

Christopher Paolini

# **Brisingr**

## **Christopher Paolini**

---



# BRISINGR

OU

AS SETE PROMESSAS DE ERAGON MATADOR  
DE ESPECTROS E SAPHIRA ESCAMAS  
BRILHANTES

---

H E R A N Ç A  
LIVRO TRÊS

Christopher Paolini



# SUMÁRIO

Agradecimentos.....	6
Os Voluntários.....	7
Dedicatória.....	8
Mapas.....	9
Sinopse de Eragon e Eldest.....	12
Os Portões da Morte.....	16
Em Volta da Fogueira.....	21
Ataque a Helgrind.....	35
Divergência.....	45
O Cavaleiro e o Ra'zac.....	50
Sozinho Pelos Campos.....	55
O Teste das Facas Longas.....	68
Notícias Aladas.....	77
Escapar e Fugir.....	86
Um Assunto Delicado.....	101
Sangue de Lobo.....	108
Misericórdia, Cavaleiro.....	117
Fantasmas do Passado.....	123
Estre a Multidão Esfuziante.....	139
Resposta ao Rei.....	147
Um Banquete Entre Amigos.....	153
Sagas Cruzadas.....	159
Reparando Erros.....	164
Presentes de Ouro.....	171
Preciso de Uma Espada!.....	183
Convidados Inesperados.....	191
Fogo no Céu.....	196
Marido e Mulher.....	213
Sussurros na Noite.....	221
Ordens.....	224

Pegadas na Sombra.....	233
Sobre Colina e Montanha.....	240
Para Meu Amor.....	249
A Floresta de Pedra.....	256
O Riso da Morte.....	265
Sangue nas Rochas.....	271
Uma Questão de Perspectiva.....	284
Beije-me Docemente.....	290
Glûmra.....	292
Reunião dos Clãs.....	297
Insubordinação.....	311
Mensagem no Espelho.....	326
Quatro Toques de Tambor.....	331
Reunião.....	336
Ascensão.....	339
Palavras Sábias.....	346
O Pelourinho.....	349
Por Entre as Núvens.....	355
Confronto de Chefes.....	360
Genealogia.....	366
Dois Amantes Amaldiçoados.....	371
Herança.....	380
Almas de Pedra.....	384
As Mãos de Um Guerreiro.....	391
A Árvore da Vida.....	395
A Razão Acima do Ferro.....	405
Um Cavaleiro Por Completo.....	415
Caneleiras e Braceletes.....	419
De Partida.....	421
O Voo.....	428
Brisingr! .....	432
A Sombra da Ruína.....	443
Nascer do Sol.....	454
Propagandas.....	461

# AGRADECIMENTOS

Existem obstáculos em nossa vida, que sozinhos não podemos superar.

Trabalhar em equipe, nem sempre é mais fácil; Quando nos propomos a prestar um serviço, devemos ter em mente que o destinatário espera de nós o máximo. O oleiro modela o barro até atingir a perfeição, muitas vezes não é o que ele próprio acha perfeito, mas o que os outros acham... Viabilizar um ambiente de relacionamentos organizado e que surta o efeito esperado não é fácil, porém, mais difícil é colocar as mãos no barro, modelar, alisar, arrumar, ajeitar, pintar, mais difícil é trabalhar. Como se tudo isso já não fosse difícil, temos que conviver diariamente com a pressão exercida pelos expectadores, eles parecem não ter coração! Cobram sem, se quer, imaginar que temos vidas, problemas, fraquezas... Parecem esquecer que somos humanos...

Mais difícil é enfrentar um emaranhado de novas palavras, expressões, gírias, nomes, sentidos... É abandonar o mundo em que vivemos, para adentrar outro, este completamente diferente, cheio de suas particularidades.

Não é fácil aceitar as ordens que nos são dadas por estranhos, por pessoas que pensam ter o direito de dirigir nossos caminhos e influenciar nossas escolhas.

Escolher iniciar uma tradução, seja ela qualquer, exige das pessoas que pretendem dirigi-la muita coragem, porque quando o esforço é direcionado para fãs, tudo o que é produzido parece pouco, parece ruim. Mas coragem maior, têm os que decidem trabalhar, se sujeitar às regras e aos prazos, às decisões e também aos acasos.

Por todas as percas, as dificuldades, as tristezas, as decepções, os imprevistos, os problemas enfim, que possam ter ocorrido, nossas sinceras desculpas.

Para todas as lições, vitórias, felicidades, para todos os orgulhos, por tudo de bom que se possa ter tirado das traduções, nossas congratulações e satisfação.

Aos tradutores, revisores, adaptadores, controladores e à todos os que ajudaram neste trabalho, direta ou indiretamente, nosso sinceros e humildes agradecimentos.

Por todas as vezes que possamos ter-nos excedido quanto a forma de tratá-los, julgá-los, conduzi-los e qualquer outra forma de interação que tenha sido infeliz, nosso sincero arrependimento.

Por fim, desejamos vê-los novamente e por muito tempo em nossa comunidade, esperamos poder contar com a vossa ajuda nas próximas mobilizações e desejamos do fundo de nossa alma que tenhamos conseguido levar uma mensagem de força e vitória por meio da tradução que, bem ou mal, possibilitou aos ansiosos fãs do “Ciclo da Herança” saber o que este excelente livro, Brisingr, traz em suas páginas preenchidas de muita emoção.

*“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”*

*Antoine de Saint-Exupery*

Nosso muito obrigado,

. mafia dos livros .

Kiko<sup>1</sup>

# OS VOLUNTÁRIOS

Agradeço à todos aqueles que participaram da tradução, revisão, estruturação, leitura final, entre outras funcionalidades diversas que desempenhamos para compor este livro de capa á contra-capá. Entre estes, destacam-se alguns nomes, aos quais devemos grande respeito e agradecimentos:

Agradecemos aos nomes citados abaixo, aos voluntários anônimos e aos esquecidos.

Organização Responsável: . **mafia dos livros**.

Chefe de Tradução: Raul Nogueira Fernandes

Organização: Raul Nogueira Fernandes

Comando: Raul Nogueira Fernandes & Mari Trindade

Apoio à Organização: Kiko<sup>1</sup> & Guilherme Nunes, Mari Trindade, Debora Cristina & Ron

Leitura Final: Raul Nogueira Fernandes & Bruna Antochévis

Estruturação e Detalhes Finais: Raul Nogueira Fernandes

Tradução:	Mari Trindade	Revisão:	Mari Trindade
	Hellen Pollini		Raul Nogueira Fernandes
	Bruno Albus		Hellen Pollini
	Stéphanie Fernandes		Bruna Antochévis
	Jônatas Meireles		Diego Faria
	Débora Cristina		Willian Skywalker
	Bruno e Lunara Caliarí		Seu Oliveira
	Evandro Cipriano		Icaro
	Du Sundavar Freohr		Guilherme Nunes
	Herbert Hosp Júnior		Icaro Barbosa
	Diego Faria		Thiago Nogueira
	Tathiana Martins		
	Marcela Magalhães		
	Guilherme Nunes		
	Andreza Brum Boal		
	Karoline Fin		
	Franci Manfredi		
	Bruno Demolay		
	Kathe Brito		
	Vinícius Cardoso		
	Stephanie Miyazaki		
	Thiago Nogueira		
	Pamella Bertolli		
	Renato Augusto		

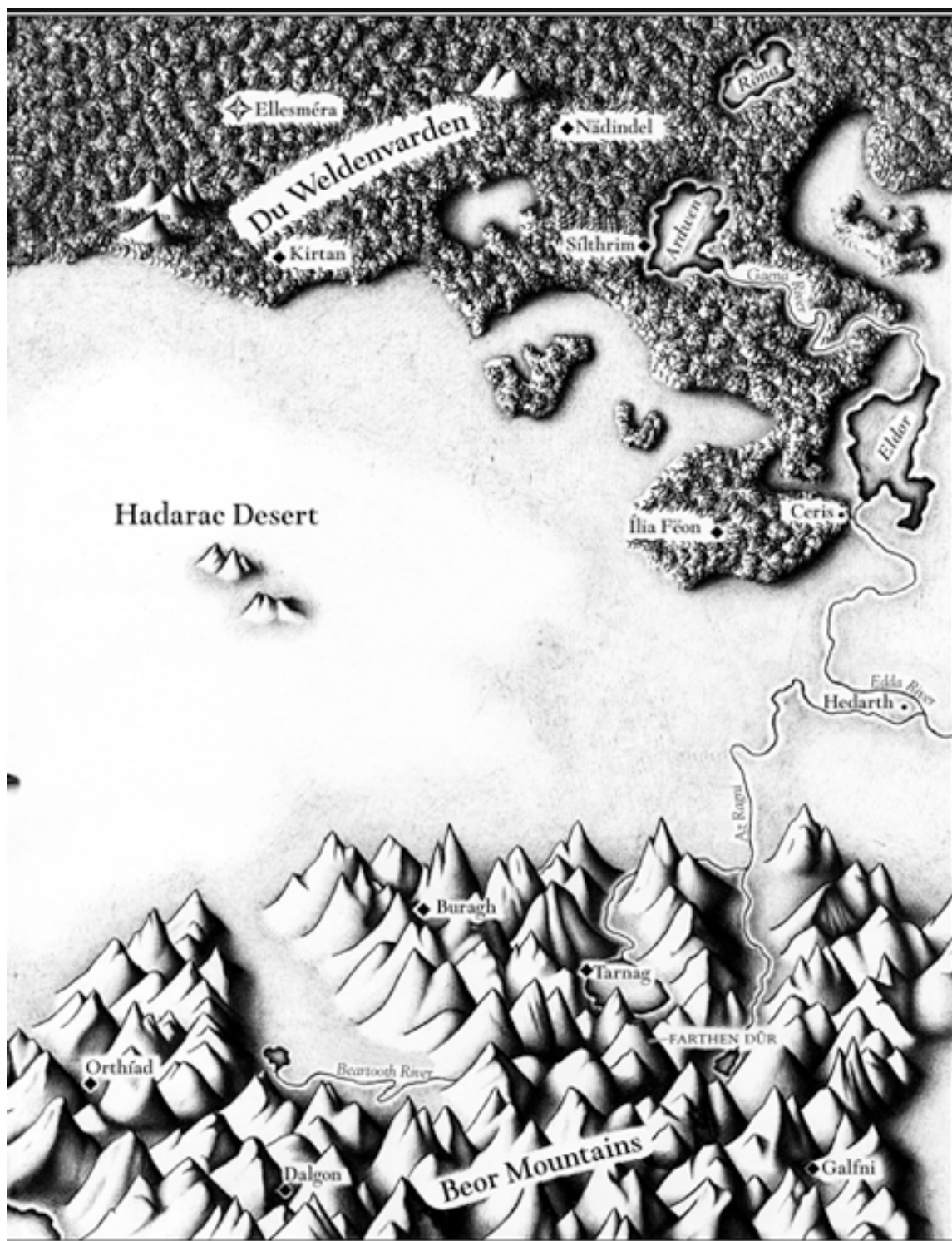
Como sempre, esse livro é para minha família.

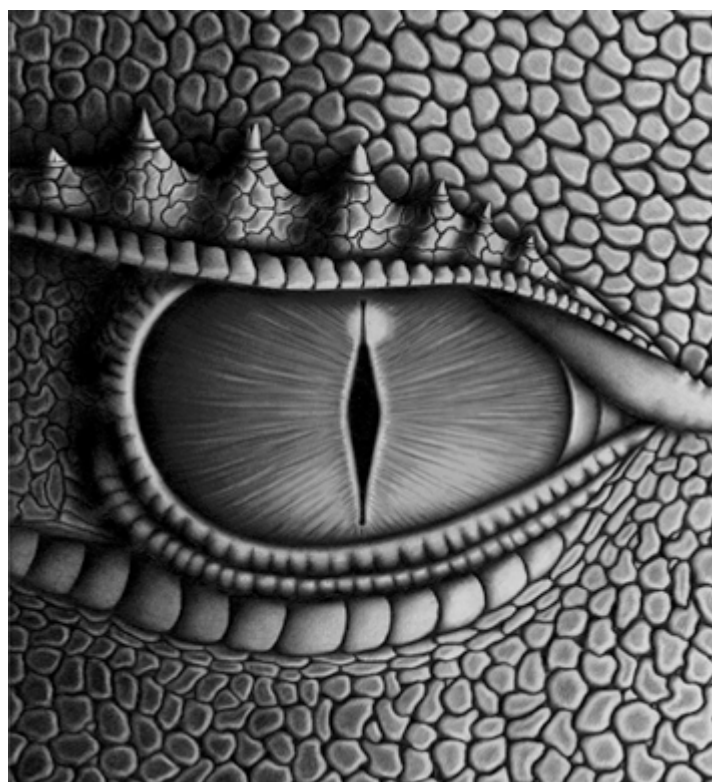
E também para Jordan, Nina e Sylvie,  
As luzes brilhantes de uma nova geração.

*Atra esterní ono thelduin.*  
(Que a boa sorte esteja com você)









## SINOPSE DE ERAGON E ELDEST

Eragon, um jovem fazendeiro de 15 anos, é surpreendido quando uma pedra azul polida aparece diante dele nos arredores das montanhas conhecidas como A Espinha. Eragon leva a pedra para a fazenda onde mora com seu tio, Garrow, e seu Primo, Roran, fora o pequeno vilarejo de Carvahall. Garrow e sua falecida esposa, Marian, criaram Eragon. Nada é conhecido sobre o pai de Eragon, sua mãe, Selenia, era irmã de Garrow e não é vista desde o nascimento de Eragon. Mais Tarde, a pedra se quebra e revela um bebe dragão. Quando Eragon o toca, uma marca prateada aparece em sua palma, e uma ligação irrevogável é formada entre suas mentes, fazendo de Eragon um dos lendários Cavaleiros de Dragão. Ele chama o dragão de Saphira, depois ouvir o nome de um dragão mencionado pelo contador de histórias do vilarejo, Brom.

Os Cavaleiros de Dragões foram criados há milhares de anos em consequência da devastação da guerra entre elfos e dragões, em ordem de prevenir que ambas as raças lutassem entre si novamente. Os Cavaleiros tornaram-se os pacificadores, educadores, curandeiros, filósofos naturais, e os maiores de todos os magos, porque a junção com um dragão tornava-os magos. Durante sua orientação e proteção, a terra desfrutou de uma idade de ouro.

Quando os humanos chegaram à Alagaësia, eles também foram adicionados a esta ordem de elite. Depois de alguns anos de paz, os guerreiros Urgals mataram o dragão de um jovem cavaleiro humano chamado Galbatorix. A perda de sua montaria enlouqueceu-o, e quando seus anciões recusaram a dar-lhe outro dragão, Galbatorix levantou-se contra os Cavaleiros.

Ele roubou outro dragão, que chamou de Shruikan e forçou-o a servi-lo através de certas magias negras, e reuniu ao seu redor um grupo de treze traidores: os Renegados. Com a ajuda de seus cruéis discípulos, Galbatorix derrubou os Cavaleiros, matou seu líder, Vrael e declarou-se rei de toda Alagaësia. Suas ações forçaram os elfos a retirar-se para dentro de suas florestas de pinheiros e os anões se esconderem em seus túneis e cavernas, e nenhuma raça agora aventura-se além de suas moradas secretas. O embate entre Galbatorix e as outras raças tem durado mais de cem anos, durante os quais todos os renegados morreram de várias causas. É nessa tensa situação política que Eragon é forçado a adentrar.

Alguns meses depois de Saphira nascer, dois estranhos ameaçadores parecidos com besouros chamados Ra'zac chegam a Carvahall, procurando pela pedra que era o ovo de Saphira. Eragon e Saphira fogem para evadir-se deles, mas eles destroem a casa de Eragon e matam Garrow. Eragon resolve ir a seu encalço e matar os Ra'zac. Quando ele saía de Carvahall, o contador de histórias, Brom, que sabe da existência de Saphira, aborda Eragon e pede para acompanhá-lo. Brom dá a Eragon uma espada vermelha pertencente a um Cavaleiro do Dragão, Zar'roc, entretanto recusa-se a dizer como a conseguiu.

Eragon aprende muito com Brom durante sua viagem, incluindo como lutar com espadas e usar magia. Quando eles perdem o rastro dos Ra'zac, eles vão para a cidade portuária de Teirm e visitam Jeod um velho amigo de Brom, que Brom pensa poder ajudá-los a localizar o covil dos Ra'zac. Em Teirm, eles descobrem que os Ra'zac vivem em algum lugar próximo da cidade de Dras-Leona. Eragon também tem sua sorte lida pela herbolária Angela e recebe dois estranhos conselhos de seu companheiro, o menino-gato Solembum.

No caminho para Dras-Leona, Brom revela que ele é um agente dos Varden – um grupo de rebeldes dedicados a derrotar Galbatorix, e que ele tem se escondido em Carvahall, esperando pelo novo Cavaleiro do Dragão aparecer. Vinte anos atrás, Brom, estava envolvido no roubo do ovo de Saphira de Galbatorix e, no processo, matou Morzan, primeiro e último dos Renegados. Somente dois outros ovos de dragão ainda existem ambos em posse de Galbatorix.

Próximo de Dras-Leona, eles encontram os Ra'zac, que ferem mortalmente Brom, enquanto ele protegia Eragon. Um misterioso jovem chamado Murtagh afugenta os Ra'zac. Em seu último

suspiro, Brom confessa que ele também já foi um Cavaleiro e que seu dragão assassinado era chamado Saphira.

Eragon e Saphira então decidem juntar-se aos Varden, mas Eragon é capturado na cidade de Gil'ead e é levado diante de Durza, um malvado e poderoso Espectro que serve Galbatorix. Com a ajuda de Murtagh, Eragon escapa da prisão, levando consigo a elfa Arya, outra prisioneira de Durza e embaixadora dos Varden. Arya foi envenenada e requer ajuda médica dos Varden.

Perseguido por um contingente de Urgals, os quatro fogem para o refugio dos Varden nas gigantes Montanhas Beor, que possuem 16 km de altura. As circunstâncias forçam Murtagh, que não queria ir até os Varden, a revelar que é filho de Morzan. Murtagh, contudo, condenou os crimes de seu falecido pai e fugiu da corte de Galbatorix para procurar seu próprio destino. E ele diz a Eragon que a espada Zar'roc pertenceu a seu pai.

Antes de eles serem dominados pelos Urgals, os Varden, que vivem em Farthen Dûr, uma montanha escavada que é também casa da capital dos anões, Tronjheim, resgata Eragon e seus amigos. Uma vez dentro, Eragon é levado a Ajihad, líder dos Varden, enquanto Murtagh é aprisionado por causa de sua relação com Morzan.

Eragon encontra com o rei anão, Hrothgar, e a filha de Ajihad, Nasuada, e é testado pelos gêmeos, dois muito odiosos magos que servem Ajihad. Eragon e Saphira também abençoam um bebê órfão dos Varden enquanto os Varden curam Arya de seu envenenamento.

A permanência de Eragon é interrompida pelas notícias da aproximação de uma armada Urgal às escondidas, através dos túneis dos anões. Na batalha que segue, Eragon é separado de Saphira e forçado a lutar com Durza sozinho. Muito mais forte que um humano, Durza facilmente derrota Eragon, cortando suas costas do ombro a cintura. Nesse momento, Saphira e Arya quebram o piso da câmara, uma estrela de safira de 18 metros quadrados, distraindo Durza o suficiente para Eragon golpeá-lo no coração. Livre dos encantos de Durza, que estava controlando-os, os Urgals recuam. Enquanto Eragon jaz inconsciente depois da batalha, ele é telepaticamente contatado por um ser que se identifica como Togira Ikonoka, o Imperfeito que é perfeito. Ele estimula Eragon a procurá-lo por instruções em Ellesméra, a capital dos elfos.

Quando Eragon acorda, ele tem uma grande cicatriz em suas costas. Espantado, ele também percebe que só derrotou Durza por pura sorte e que ele precisa desesperadamente de muito treino. E no fim do primeiro livro, ele decide que, sim, ele procurará este Togira Ikonoka e aprenderá com ele.

Eldest começa três dias depois de Eragon derrotar Durza. Os Varden estão se recuperando da Batalha de Farthen Dûr, e Ajihad, Murtagh, e os gêmeos têm caçado os Urgals que escaparam dentro dos túneis abaixo de Farthen Dûr depois da batalha. Quando um grupo de Urgals toma-os de surpresa, Ajihad é morto e Murtagh e os Gêmeos desaparecem no confronto. O concelho dos Anciões dos Varden aponta Nasuada para suceder seu pai como nova líder dos Varden, e Eragon jura lealdade a ela como vassalo.

Eragon e Saphira decidem que eles deveriam ir para Ellesméra para começar seu treinamento com o Imperfeito que é Perfeito. Antes de eles irem, o rei anão, Hrothgar, oferece adotar Eragon em seu clã, o Dûrgrimst Ingeitum, e Eragon aceita, o que dá a ele todos os direitos legais como um anão e autoriza sua participação no conselho dos anões.

Arya e Orik, filho adotivo de Hrothgar, acompanham Eragon e Saphira em sua jornada para a terra dos elfos. No caminho, eles param em Tarnag, uma cidade anã. Alguns dos anões são amigáveis, mas Eragon aprende que um clã em particular não gosta dele e Saphira, os Az Sweldn rak Anhûin, que odeiam os Cavaleiros e dragões porque os Renegados mataram muitos de seu clã.

O grupo finalmente chega a Du Weldenwarden, a floresta dos elfos. Em Ellesméra, Eragon e Saphira encontram Islanzadí, rainha dos elfos, que, eles descobrem ser mãe de Arya. Eles também se encontram com o Imperfeito que é Perfeito: um elfo ancião chamado Oromis. Ele também é um

dos Cavaleiros. Oromis e seu dragão, Glaedr, têm mantido suas existências escondidas de Galbatorix por cem anos enquanto procuravam uma maneira de derrotar o rei.

Oromis e Glaedr são afetados com velhos ferimentos que impedem-os de lutar, Glaedr perdeu uma perna e Oromis, que foi capturado e enfraquecido pelos Renegados, é incapaz de controlar grande quantidade de magia e é acometido de repentinos ataques debilitantes.

Eragon e Saphira começam seu treino, ambos juntos e separadamente. Eragon aprende mais sobre a história das raças da Alagaësia, manejo de espada, e o idioma antigo, que todos os magos usam. Em seu estudo do idioma antigo, ele descobre que fez um terrível erro quando ele e Saphira abençoaram o bebe órfão em Farthen Dûr: ele pretendia dizer “Talvez você possa ser protegido da desgraça,” mas o que ele verdadeiramente disse foi “Talvez você possa ser um escudo para a desgraça.” Ele amaldiçoou o bebe para proteger outros de qualquer e toda dor e desgraça.

Saphira fez um rápido progresso no aprendizado com Glaedr, mas a cicatriz que Eragon carregava do resultado de sua luta com Durza retardava seu treinamento. Não é apenas a marca em suas costas deformadas, mas também os muitos inesperados espasmos de dor que o incapacitavam. Ele não sabia como ele progrediria como um mago e espadachim se suas convulsões continuassem. Eragon começou a perceber que ele tinha sentimentos por Arya. Ele confessou-os a ela, mas ela recusou-os e tão logo retornou aos Varden.

Então os elfos festejaram um ritual conhecido como Agaetí Blödhren, ou Celebração do Juramento de Sangue, durante o qual Eragon foi transformado magicamente: ele tornou-se um híbrido de elfo e humano, não totalmente um, nem totalmente o outro. Como resultado sua cicatriz foi curada e agora ele tem a mesma força sobrenatural dos elfos. Suas feições também foram alteradas, então ele aparentava levemente um elfo.

Nesse ponto, Eragon descobre que os Varden estão a ponto de batalhar com o Império e precisam urgentemente dele e Saphira. Enquanto Eragon esta ausente, Nasuada moveu os Varden de Farthen Dûr para Surda, um país ao sul do Império que ainda mantém independência de Galbatorix.

Eragon e Saphira deixam Ellesméra, junto com Orik, depois de prometer a Oromis e Glaedr que retornariam para completar seu treinamento tão logo quanto pudessem.

Enquanto isso, o primo de Eragon, Roran, tem tido suas próprias aventuras. Galbatorix enviou os Ra'zac e uma legião de soldados para Carvahall, em busca de capturar Roran, para usá-lo contra Eragon. Roran planeja escapar pelas montanhas próximas. Ele e os outros cidadãos tentam afastar os soldados. Muitos cidadãos morreram no processo. Quando Sloan, o açougueiro do vilarejo, que odeia Roran e opõem-se ao casamento de Roran com sua filha, Katrina, revela Roran para os Ra'zac, as criaturas semelhantes a besouros encontram e atacam Roran no meio da noite em seu quarto. Roran luta por sua liberdade, mas os Ra'zac capturam Katrina.

Roran convence os moradores de Carvahall largar o vilarejo e procurar refugio com os Varden em Surda. Eles partem para o oeste para costa, na esperança que eles possam navegar de lá para Surda. Roran se torna o líder, conduzindo-os seguramente pela Espinha para a costa. No porto de Teirm, eles encontram Jeod, que diz a Roran que Eragon é um cavaleiro e explica que os Ra'zac procuravam antes de tudo em Carvahall, Saphira. Jeod oferece ajuda a Roran e os cidadãos para chegar a Surda, dizendo que Roran e os cidadãos apenas estarão seguros com os Varden. Roran pode pedir ajuda a Eragon para resgatar Katrina. Jeod e os cidadãos roubam um navio e navegam até Surda.

Eragon e Saphira chegam aos Varden, que estão preparando-se para a batalha. Eragon descobre o que aconteceu ao bebê que ele erroneamente abençoou: seu nome é Elva, e enquanto, cronologicamente, ela é ainda um bebê, e tem a aparência de uma criança de quatro anos e a voz e o comportamento de um adulto cansado da vida. O feitiço de Eragon força-a sentir a dor de todas as pessoas que ela vê, e compele-a a protegê-las, se ela resistir a essa ímpeto, ela própria sofre.

Eragon, Saphira e os Varden vão ao encontro das tropas do Império nas Planícies Ardentes, uma larga área de terra que emite fumaça e queima lentamente a turfa sem chamas. Eles são

surpreendidos quando outro Cavaleiro aparece montando em um Dragão vermelho. O novo cavaleiro mata Hrothgar, o rei anão, e então começa a lutar com Eragon e Saphira. Quando Eragon consegue retirar o elmo do Cavaleiro, ele fica abalado por ver Murtagh.

Murtagh não morreu na emboscada dos Urgals em Farthen Dûr. Os Gêmeos planejaram tudo, eles são os traidores que planejaram a emboscada na qual Ajihad seria morto e eles poderiam capturar Murtagh e leva-lo a Galbatorix. O rei forçou Murtagh a jurar lealdade a ele no idioma antigo. Agora Murtagh e seu dragão, Thorn, são escravos de Galbatorix, e Murtagh afirma que seus juramentos nunca permitirão que ele desobedeça ao rei, embora Eragon peça a ele que abandone Galbatorix e junte-se aos Varden.

Murtagh domina completamente Eragon e Saphira com uma força inexplicável. Contudo, ele decide livrá-los por causa de sua antiga amizade. Antes de Murtagh ir, ele tomou Zar'roc de Eragon, declarando que era sua herança como filho mais velho de Morzan. Então ele revela que ele não é o único filho de Morzan, Eragon e Murtagh são irmãos, ambos filhos de Selenia, companheira de Morzan. Os gêmeos descobriram a verdade quando eles examinaram as memórias de Eragon no dia em que chegou a Farthen Dûr.

Ainda abalado pela revelação de Murtagh com seu parentesco, Eragon recua com Saphira e ele finalmente se reúne com Roran e os cidadãos de Carvahall, que chegaram as Planícies Ardentes em tempo de ajudar os Varden na batalha. Roran luta heroicamente e é bem sucedido em matar os Gêmeos.

Eragon e Roran fazem as pazes com relação ao papel de Eragon na morte de Garrow, e Eragon promete ajudar Roran a resgatar Katrina dos Ra'zac.



# OS PORTÕES DA MORTE

Eragon fitou a torre de pedra negra na qual escondiam-se os monstros que tinham assassinado seu tio, Garrow.

Ele estava deitado sobre sua barriga atrás do cume arenoso de uma colina salpicado aqui e ali de folhas de grama, espinheiros e pequenos cactos em forma de botão de rosa. Os frágeis ramos de folhagem do último ano pinicavam suas palmas enquanto ele se levantava ligeiramente para ter uma visão melhor de Helgrind, que assomava sobre o terreno circundante como um punhal negro pulando para fora das entranhas da Terra.

O sol do anoitecer riscou as colinas baixas com sombras longas e estreitas e, longe ao oeste, iluminou a superfície do lago Leona de tal forma que o horizonte se tornou uma barra de ouro ondulada.

À sua esquerda, Eragon ouviu a respiração ritmada de seu primo, Roran, que estava esticado ao seu lado. O normalmente inaudível fluxo de ar parecia anormalmente alto para Eragon com o seu acrescido sentido de audição, uma das muitas mudanças forjadas por sua experiência durante o Agaetí Blödhren, a celebração élfica de juramento de sangue.

Ele prestou pouca atenção a isso no momento conforme ele assistia uma coluna de pessoas indo na direção da base de Helgrind, aparentemente tendo caminhado da cidade de Dras-Leona, a algumas milhas de distância. Um contingente de vinte e quatro homens e mulheres, trajando grossas vestes de couro, ocupava a frente da coluna. Esse grupo se movia com muitas, estranhas e variadas passadas, eles coxeavam e embaralhavam e surtavam, eles usavam muletas ou os braços para se propulsionarem para frente em pernas curiosamente curtas, contorções que eram necessárias porque, como Eragon notou, todos dos vinte e quatro tinham faltando um braço ou uma perna ou alguma dessas combinações. Seu líder se sentava ereto sobre uma liteira carregada por seis escravos besuntados de óleo, uma postura que Eragon encarou como uma realização impressionante, considerando que aquele homem ou mulher, ele não podia dizer qual, consistia em nada mais que um torso e uma cabeça, sobre cuja sobancelha balançava um ornamento de couro com 3 metros de altura.

“Os sacerdotes de Helgrind,” ele murmurou para Roran.

“Eles podem usar mágica?”

“Possivelmente. Eu não me atrevo a explorar Helgrind com minha mente até eles irem embora, pois se houver alguns mágicos, eles irão sentir meu toque, ainda que leve, e nossa presença será revelada.”

Atrás do sacerdote caminhava pesadamente uma fila dupla de homens jovens cobertos com panos de ouro. Cada um carregava uma moldura retangular metálica subdividida por doze barras horizontais das quais pendiam sinos de metal do tamanho de abóboras de inverno. Metade dos jovens homens deram em suas molduras uma tremida vigorosa quando eles pisaram à frente com seus pés direitos, produzindo uma dolorosa cacofonia de notas, enquanto a outra metade chocava suas molduras quando eles avançavam sobre o pé esquerdo, causando o choque de línguas metálicas contra gargantas metálicas e emitindo um clamor fúnebre que ecoou ao longo das colinas. Os acólitos acompanharam o latejo dos sinos com seus próprios choros, gemendo e gritando em um êxtase de paixão.

Na retaguarda da grotesca procissão se arrastava uma cauda de cometa de habitantes de Dras-Leona: nobres, comerciantes, artesãos, vários comandantes militares de alta patente, e uma multicolorida coleção de menos afortunados, como trabalhadores, mendigos e soldados rasos comuns.

Eragon imaginava se o governador de Dras-Leona, Marcus Tabor, estava em algum lugar naquele meio.

Chegando à parada na beira do precipício do monte de seixos que anelava Helgrind, os sacerdotes recolheram dos dois lados seixos multicoloridos com o topo polido. Quando a coluna inteira parou pacatamente ante o rudimentar altar, a criatura sobre a liteira se agitou e começou a entoar um



cântico em uma voz que destoava dos gemidos dos sinos. O xamã das declamações era repetidamente truncado por rajadas de vento, mas Eragon captou fragmentos da língua antiga, estranhamente distorcida e incorretamente pronunciada, intercalada com palavras das línguas dos anões e dos Urgals, e tudo isso era unido por um dialeto arcaico da própria língua de Eragon. O que ele entendeu fez com que ele tremesse, pois o sermão falava de coisas que eram melhores se ficassem desconhecidas, de um maléfico ódio que foi aumentando por séculos nas cavernas escuras dos corações das pessoas antes de ser permitido florescer na ausência dos cavaleiros, de sangue e loucura, e de perversos rituais realizados embaixo de uma lua negra.

Ao fim da depravada oração, dois dos sacerdotes inferiores rapidamente avançaram e levantaram o seu senhor, ou senhora, se for o caso, da liteira e colocaram sua face no altar. Então o Alto Sacerdote emitiu uma ordem sumária. Idênticas lâminas de aço refletiram como estrelas conforme subiam e desciam. Gotas de sangue apareceram subitamente de cada ombro do alto sacerdote, fluindo pelo torso coberto de couro, e então empoçando através dos pedregulhos até que transbordou o piso abaixo.

Mais dois sacerdotes pularam a frente para pegar o fluxo carmesim em taças que, quando cheias até a boca, eram distribuídas entre os membros da congregação, que bebiam avidamente.

“Gar!”, disse Roran em meia-voz. “Você se esqueceu de mencionar que aqueles errantes carniceiros, aqueles barrigas cheias de sangue seco, desprovidos de cérebro sem escrúpulos adoradores idiotas são canibais.”

“Não é bem assim. Eles não usufruem da carne.”

Quando todos os participantes haviam molhado suas gargantas, os noviciados servis retornaram o Alto Sacerdote à liteira a cobriram os ombros da criatura com tiras de linho branco. Úmidas marcas rapidamente mancharam o intocado tecido.

As feridas pareciam não ter efeito sobre o Alto Sacerdote, pois a figura sem movimento se virou para os devotos com seus lábios vermelho-cereja e pronunciou, “Agora vocês são verdadeiramente meus irmãos e irmãs, tendo provado a seiva das minhas veias aqui à sombra da imponente Helgrind. Sangue chama por sangue, e se sua família precisa de ajuda faça então o que pode pela igreja e pelos outros que conhecem o poder do nosso temido Lorde... Para afirmar e reafirmar fidelidade ao triunvirato recitem comigo os nove juramentos... Por Gorm, Ilda e Fell Angvara, nós juramos homenagem ao menos três vezes por mês, na hora antes do crepúsculo, e então fazer oferendas de nós mesmos para apaziguar a fome eterna do nosso Grande e Terrível Lorde. Nós juramos observar as escrituras como apresentadas no livro de Tosk... Nós juramos carregar sempre nosso Bregnir em nossos corpos e para sempre nos abster de doze dos doze e de tocar uma corda muito entrelaçada, para que ela não corrompa...”

Um súbito aumento do vento obscureceu o resto da lista do alto sacerdote. Então Eragon viu que os que ouviam pegaram uma pequena, curvada faca, e um a um, eles se cortaram na altura de seus cotovelos e ungiram o altar com um fluxo do seu sangue.

Alguns minutos depois, a revolta brisa acalmou e Eragon pode ouvir de novo o sacerdote: “...e tais coisas como vida longa e luxúria serão garantidas a vocês como recompensa por sua obediência... Nossa veneração está completa. Contudo, se agora houver entre vocês pessoas valentes o suficiente para demonstrar a verdadeira profundidade de sua crença, então que se mostrem!”

A platéia enrijeceu e se inclinou para frente, suas feições extasiadas; isto, aparentemente, era pelo que eles estavam esperando.

Por uma longa, silenciosa pausa, pareceu que eles seriam desapontados, mas então um dos acólitos rompeu as fileiras e gritou, “Eu irei!”. Com um rugido de prazer, seus pares começaram a brandir seus sinos em um ritmo rápido e selvagem, levando a congregação a um frenesi, eles pularam e gritaram como se tivessem abandonado a razão. A áspera música acendeu uma chama de excitação no coração de Eragon, apesar da sua repulsa pelos procedimentos, despertando uma parte primária e bruta dele.

Soltando suas vestimentas douradas de forma a que vestisse nada além de um calção de couro, o jovem de cabelos escuros saltou para o topo do altar. Gotas de um spray rubi romperam de ambos os lados de seus pés. Ele encarou Helgrind e começou a arrepiar-se e a tremer como se atingido por

uma paralisia, marcando passo com a toada dos cruéis sinos de aço. Sua cabeça se movia folgadoamente sobre seu pescoço, espuma escorria pelos cantos de sua boca, seus braços balançavam como cobras. O suor lubrificou seus músculos até ele raiar como uma estátua de bronze na luz que ia se desfalecendo.

Os sinos logo alcançaram um ritmo alucinado onde uma nota colidia contra a outra, até o ponto em que o jovem impulsioneu uma mão por trás de si mesmo. Paralelamente a isso o sacerdote depositou o cabo de um instrumento bizarro: uma arma de um gume só, cerca de 75 centímetros de comprimento, com o botão do cabo grande, cabo de escamas, a guarda do punho vertical, e uma lâmina larga e achatada que se alargava perto do final, em uma forma que lembrava a asa de um dragão. Era uma ferramenta desenhada para um único propósito: para despedaçar através de armadura e ossos e sustentáculos tão fácil como se fosse através da superfície da água.

O jovem rapaz levantou a arma de forma que ela se inclinou na direção do ponto mais alto de Helgrind. Então ele ajoelhou em uma perna e, com um grito incoerente, trouxe a lâmina através de seu punho direito.

Sangue espirrou nas rochas atrás do altar.

Eragon estremeceu e evitou olhar, contudo ele não conseguiu evitar os gritos perfurantes do jovem. Não era nada que Eragon já não tivesse visto em batalha, mas parecia errado se mutilar deliberadamente quando era tão fácil se tornar desfigurado na vida cotidiana.

Lâminas de capim raspam umas nas outras conforme Roran levantou seu peso. Ele resmungou alguma maldição, a qual se perdeu em sua barba, e então caiu no silêncio novamente.

Enquanto o sacerdote tendia para a ferida do jovem, estancando o sangramento com um feitiço, um acólito soltou dois escravos da liteira do Alto sacerdote, unicamente para prendê-los pelos tornozelos a um aro de aço embutido no altar. Então os acólitos se desfizeram de numerosos pacotes que estavam embaixo de suas vestimentas e formaram uma pilha no chão, fora do alcance dos escravos.

Suas cerimônias acabaram, os sacerdotes e sua comitiva deixaram Helgrind para Dras-Leona, lamuriando e tocando por todo o caminho. O agora fanático com uma mão só tropeçava ao longo justamente atrás do alto sacerdote.

Um sorriso beatífico agraciou sua face.

“Bem,” disse Eragon, e soltou sua respiração até então presa conforme a coluna desaparecia atrás de uma colina distante.

“Bem o quê?”

“Eu viajei tanto entre anões como dentre os elfos, e nada que eles fizeram foi remotamente estranho como o que esse povo, esses humanos, fazem.”

“Eles são monstruosos como so Ra’zac.” Roran apontou seu queixo na direção de Helgrind.

“Você pode ver agora se Katrina esta lá?”

“Eu vou tentar. Mas esteja pronto para correr.”

Fechando seus olhos, Eragon vagarosamente estendeu sua consciência, movendo da mente de um ser vivente para outro, como fios de água escorrendo pela areia. Ele tocou uma prolífica cidade de insetos freneticamente cuidando de seus negócios, lagartos e cobras escondidos entre rochas quentes, diversas espécies de pássaros canoros, e numerosos pequenos mamíferos. Tanto insetos como animais, estavam ocupados com atividades conforme se preparavam para a noite que se aproximava rapidamente, seja recuando para suas tocas ou, no caso daqueles de hábitos noturnos, bocejando, se alongando, e em outros casos se preparando para caçar e procurar alimentos.

Assim como seus outros sentidos, a habilidade de Eragon de tocar os pensamentos de outro ser vivo diminuía com a distância. Ao tempo que sua sonda psíquica chegou à base de Helgrind, ele pode perceber somente os animais maiores, e mesmo estes de forma pouco perceptível.

Ele procedeu com cautela, pronto para retirar ao segundo aviso se acontecesse dele esbarrar nas mentes de suas presas: os Ra’zac e os pais e corcéis dos Ra’zac, os gigantescos Lethrblaka. Eragon estava disposto a se expor dessa maneira unicamente por que ninguém da raça dos Ra’zac podia usar mágica, e ele não acreditava que eles fossem invasores de mentes, não mágicos treinados para

lutar com telepatia. Os Ra'zac e os Lethrblaka não necessitam desses truques quando somente com sua respiração podiam induzir um estupor no maior dos homens.

E embora Eragon arriscasse ser descoberto por sua fantasmagórica investigação, ele, Roran e Saphira precisavam saber se os Ra'zac haviam aprisionado Katrina, a noiva de Roran, em Helgrind, pois a resposta poderia determinar se sua missão seria de resgate ou de captura e interrogatório.

Eragon procurou muito e longamente. Quando ele retornou a si mesmo, Roran estava olhando para ele com a expressão de um lobo faminto. Seus olhos cinzentos queimavam com uma mistura de raiva, esperança e um desespero que era tão grande, que parecia que suas emoções poderiam irromper e incinerar tudo à vista num arroubo de intensidade inimaginável, derretendo as próprias rochas.

Isso Eragon entendeu.

O pai de Katrina, o açougueiro Sloan, havia traído Roran para os Ra'zac. Quando eles falharam em capturá-lo, os Ra'zac ao invés, apreenderam Katrina do quarto de Roran e a levaram do Vale Palancar, deixando os habitantes de Carvahall para serem mortos e escravizados pelos soldados do Rei Galbatorix. Incapaz de perseguir, Roran teve, no momento certo, que convencer os aldeões a abandonar suas casas e seguir através da Espinha e então para o sul ao longo da costa da Alagaësia, onde eles juntariam forças com os rebeldes Varden. A miséria que eles suportaram como resultado foi muita e terrível. Mas sinuoso como era, esse curso reuniu Roran e Eragon, que sabia a localização do esconderijo dos Ra'zac e prometeu ajudar a salvar Katrina.

Roran somente teve sucesso, como ele posteriormente explicou, por que a força de sua paixão o levou a extremos que outros temiam e evitavam, e isso permitiu que ele confundisse seus inimigos.

Um fervor semelhante se apoderava de Eragon agora.

Ele poderia saltar no caminho do perigo sem a menor consideração por sua própria segurança se alguém com quem ele se importasse estivesse em perigo. Ele amava Roran como um irmão, e como Roran estava para se casar com Katrina, Eragon havia estendido sua definição de família para incluí-la também. Esse conceito parecia ainda mais importante porque Eragon e Roran eram os últimos herdeiros de sua linhagem.

Eragon havia renunciado a toda afiliação com seu irmão, Murtagh, e os únicos parentes que ele e Roran tinham eram uma ao outro, e agora Katrina.

Sentimentos nobres de parentesco não eram a única força que os movia. Outro objetivo os obcecava tanto quanto: vingança! Mesmo que eles tivessem sucesso em arrebatrar Katrina das garras dos Ra'zac, ainda assim os dois guerreiros, tanto homem mortal quanto cavaleiro de dragão, tentariam matar os antinaturais servos do Rei Galbatorix por torturar e matar Garrow, que era pai de Roran e havia sido como um pai para Eragon.

O conhecimento então que Eragon havia adquirido era tão importante para ele como para Roran.

“Eu acho que a senti,” ele disse. “É difícil ter certeza, porque estamos tão distantes de Helgrind e eu nunca toquei a mente dela antes, mas eu acho que ela está naquele pico abandonada, escondida em algum lugar perto do topo.”

“Ela está doente? Está ferida? Que droga, Eragon, não esconda isso de mim: eles a machucaram?”

“Ela não está sofrendo no momento. Mais do que isso, eu não posso dizer, pois requereu toda a minha força somente para sentir o brilho de sua consciência; Eu não pude me comunicar com ela.”

Eragon se absteve de mencionar, contudo, que ele havia detectado uma segunda pessoa também, uma cuja identidade ele suspeitava e cuja presença, se confirmada, o preocupava muito. “O que eu não achei foram os Ra'zac ou os Lethrblaka. Mesmo se eu de algum modo negligencieei os Ra'zac, seus pais são tão grandes, que sua força vital poderia alardear mil lanternas, como a de Saphira faz. Aparte Katrina e alguns fracos salpicos de luz, Helgrind é negra, negra, negra.”

Roran desaprovou, cerrou seu punho esquerdo, e vislumbrou a montanha de pedra, a qual estava se desvanecendo no crepúsculo conforme sombras roxas a envolviam. Em uma voz baixa e contínua, como se falando consigo mesmo, ele disse, “Não importa se você está certo ou errado.”

“Como assim?”

“Nós não nos atreveremos a atacar a noite; a noite é quando os Ra'zac são mais fortes, e se eles estiverem por perto seria estúpido lutar com eles, quando estamos em desvantagem. Concorde?”

“Sim.”

“Então, nós esperaremos pelo alvorecer.” Roran gesticulou na direção dos escravos acorrentados ao altar ensangüentado. “Se esses pobres desgraçados tiverem sido levados até lá, nós saberemos que os Ra’zac estão aqui, e então procederemos conforme o plano. Se não, nós amaldiçoamos nossa má sorte por eles terem escapado de nós, libertamos os escravos, resgatamos Katrina, e voamos de volta para os Varden com ela antes que Murtagh nos persiga. De qualquer forma, eu duvido que os Ra’zac deixariam Katrina desvigiada por muito tempo, não se Galbatorix a quer viva para usá-la como uma ferramenta contra mim.”

Eragon concordou. Ele queria libertar os escravos agora, mas fazendo isso poderia alertar seus inimigos de que algo estava errado. Não, se os Ra’zac viessem coletar seu jantar, ele e Saphira poderiam interferir antes que os escravos fossem levados. Uma batalha em campo aberto entre um dragão e criaturas como os Lethrblaka atrairia a atenção de todo homem, mulher, e criança por léguas de distância. Eragon não achava que ele, Saphira e Roran poderiam sobreviver se Galbatorix viesse a saber que eles estavam sozinhos em seu império.

Ele olhou para os homens acorrentados. Para o bem deles, eu espero que os Ra’zac estejam do outro lado da Alagaësia ou, pelo menos, que os Ra’zac não estejam com fome esta noite.

Através de um consenso silencioso, Eragon e Roran rastejaram recuando para baixo através da crista da baixa colina atrás da qual se escondiam. Na base, eles se levantaram meio agachados, então se viraram e, ainda abaixados, correram entre duas filas de colinas. A rasa depressão gradualmente se aprofundou em um estreito, com uma linha de escoamento de água esculpida por inundações com lascas despedaçadas de xisto.

Esquivando-se da formação de árvores de zimbro que pontilhavam o escoadouro, Eragon olhou de relance e, através dos espinheiros, viu a primeira constelação a adornar o céu de veludo. As estrelas pareciam frias e afiadas, como lascas brilhantes de gelo. Então ele se concentrou em manter o passo conforme ele e Roran trotavam para o sul na direção de seu acampamento.



## EM VOLTA DA FOGUEIRA

O pequeno monte de carvão pulsou como um coração de alguma besta gigantesca. Ocasionalmente, um punhado de faíscas douradas ardia na existência e corria através da superfície da madeira antes de desaparecer em uma fenda branca de tão quente.

As brasas quase extintas da fogueira que Eragon e Roran tinham feito lançavam uma leve luz avermelhada sobre a área circundante, revelando um remendo de solo rochoso, alguns arbustos de peltre cinza, a massa indistinta de uma árvore de junípero mais longe, e mais nada então.

Eragon sentou-se com os pés descalços estendendo-os em direção ao ninho de brasas cor de rubi, desfrutando o calor, e com as suas costas estakeadas contra as escamas duras da perna grossa dianteira direita de Saphira. Em frente a ele, Roran empoleirou-se na concha de ferro muito duro, branqueada de sol, resistente pelo vento de um tronco de uma antiga árvore. Toda vez que ele se movia, o tronco produzia um guincho estridente que fazia Eragon ter vontade de arranhar as orelhas.

Até o momento, quietude reinava dentro do vale. Até o carvão queimava em silêncio; Roran tinha colhido apenas galhos há muito mortos destituídos de umidade para eliminar qualquer fumaça que os pares de olhos inimigos pudessem estar de olho.

Eragon acabara de contar as atividades do dia para Saphira. Normalmente, ele nunca tinha que contar a ela o que ele andara fazendo, quando pensamentos, sentimentos e outras sensações fluíam entre eles tão facilmente quanto de um lado de um lago para o outro. Mas naquele momento foi necessário, pois Eragon tinha mantido a sua mente cuidadosamente protegida durante a expedição, além de sua correria desincorporada pela toca dos Ra'zac.

Depois de uma longa pausa na conversa, Saphira bocejou, expondo as fileiras de seus muitos dentes ferozes. *“Cruéis e maus eles podem ser, mas eu estou impressionada que os Ra'zac possam enfeitiçar as suas presas para quererem ser devoradas. Eles são ótimos caçadores para fazer isso... Talvez eu tente a fazer isso um dia.”*

*“Mas não”,* Eragon sentiu-se compelido a acrescentar, *“com pessoas. Tente com um carneiro em vez disso.”*

*“Pessoas, carneiros: qual é a diferença para um dragão?”* E ela riu profundamente em sua longa garganta, um rolante estrondo que o fez lembrar-se de um trovão.

Inclinando-se pra frente para tirar o seu peso das escamas afiadas de Saphira, Eragon pegou o bastão de espinheiro que estava ao seu lado. Ele rolou-o por entre as palmas, admirando o jogo de luzes sobre o trançado polido de raízes no topo e o arco metálico muito arranhado e a estaca na base.

Roran tinha impulsionado o bastão em seus braços antes deles deixarem os Varden na Campina Ardente, dizendo “Tome. Fisk fez isto pra mim depois que um Ra'zac mordeu o meu ombro. Eu sei que você acabou de perder a sua espada, e eu pensei que você poderia precisar dele... Se você quiser pegar outra espada, está bem também, mas eu descobri que há poucas brigas que você não possa ganhar com algumas pancadas de um bom e firme bastão.” Lembrando-se do cajado que Brom sempre carregara, Eragon decidiu abrir mão de uma nova espada a favor do comprimento do espinheiro nodoso. Depois de perder Zar'roc, ele não sentiu nenhum desejo de ter outra espada, uma menor. Aquela noite, ele tinha fortificado tanto o espinheiro nodoso quanto o martelo que Roran carregava com vários feitiços que iriam prevenir ambos de quebrarem em pedaços, exceto em situações de extrema pressão.

Sem que ele quisesse, uma série de memórias engolfou Eragon: *Um céu taciturno tingido de laranja e carmesim girou em volta dele enquanto Saphira mergulhou, perseguindo o dragão vermelho e seu Cavaleiro. O vento passava uivando por suas orelhas. Os seus dedos ficaram entorpecidos pelo solavanco de espada contra espada enquanto ele duelava com o mesmo Cavaleiro na terra... Arrancando o elmo do seu inimigo no meio do combate para revelar o seu uma vez amigo e companheiro de viagem, Murtagh, que ele pensava estar morto... A zombaria no*

*rosto de Murtagh enquanto ele tomava Zar'roc de Eragon, reclamando a espada vermelha pelo direito da herança como o irmão mais velho de Eragon...*

Eragon piscou, desorientado enquanto o barulho e a fúria da batalha desaparecia e o adorável aroma de madeira de junípero substituíu o fedor de sangue. Ele passou a língua sobre os dentes superiores, tentando erradicar o gosto de bile que ele sentia em sua boca.

*"Murtagh".*

O nome sozinho gerava um furacão de confusas emoções em Eragon. De um lado, ele *gostava* de Murtagh. Murtagh tinha salvado a vida de Eragon e Saphira dos Ra'zac depois de sua primeira e mal-sucedida visita a Dras-Leona, arriscou sua vida para ajudar Eragon a fugir de Gil'ead, absolveu a si mesmo honoravelmente na Batalha de Farthen Dûr, e, apesar das torturas que ele sem dúvida sofreria como resultado escolheu a interpretar as ordens de Galbatorix de um modo que permitisse que libertasse Eragon e Saphira depois da Batalha das Campinas Ardentes em vez de tomá-los em cativeiro. Não era culpa de Murtagh se os Gêmeos tinham-no seqüestrado, que o dragão vermelho, Thorn, tinha nascido para ele, ou que Galbatorix tenha descoberto seus nomes verdadeiros, com os quais ele tinha extraído juramentos de fidelidade na língua antiga, tanto de Murtagh quanto de Thorn.

Nada daquilo podia ser culpa de Murtagh. Ele era uma vítima do destino, e tem sido desde o dia em que nasceu.

Ainda sim... Murtagh poderia servir Galbatorix contra sua vontade, e ele poderia odiar as atrocidades que o rei o forçou a cometer, mas alguma parte dele pareceu deleitar em manejar o seu poder recente. Durante o recente encontro entre os Varden e o Império na Campina Ardente, Murtagh tinha escolhido o rei anão, Hrothgar, e o matado, embora Galbatorix não tivesse ordenado que ele o fizesse. Ele tinha deixado Eragon e Saphira irem embora, sim, mas só depois de derrotá-los no teste brutal de força e logo escutar a súplica de Eragon por sua liberdade.

E Murtagh tinha adquirido inteiramente demasiado prazer da dor que ele infligiu sobre Eragon revelando que ambos eram filhos de Morzan, primeiro e último dos treze Cavaleiros de Dragão, os Renegados, quem tinham traído seus compatriotas para Galbatorix.

Agora, quatro dias depois da batalha, outra explicação se apresentou para Eragon: *Talvez o que Murtagh gostaria de ver era outra pessoa carregar o mesmo terrível fardo que ele havia carregado toda a sua vida.*

Sendo isso verdade ou não, Eragon suspeitava que Murtagh tinha abraçado seu novo propósito pela mesma razão que um cão que foi açoitado sem causa que um dia irá virar-se e atacar o seu dono. Murtagh tinha sido frustrado e frustrado, e agora ele tinha a chance de atacar de volta o mundo que havia mostrado a ele muito pouca bondade.

Ainda assim não importava que boa força ainda refletisse no peito de Murtagh, ele e Eragon foram destinados a serem inimigos mortais, já que as promessas de Murtagh na língua antiga o ataram a Galbatorix com grilhões inquebráveis e para todo o sempre.

*"Se ele apenas não tivesse ido com Ajihad para caçar os Urgals embaixo de Farthen Dûr. Ou se eu fosse um pouco mais rápido, os Gêmeos..."* "Eragon", disse Saphira.

Ele flagrou a si mesmo e concordou, agradecido pela intervenção dela. Eragon fez o que pode para evitar refletir sobre Murtagh ou os parentes que os ligavam, mas tais pensamentos às vezes o surpreendiam quando ele menos esperava.

Inspirando e soltando um longo e lento suspiro para clarear a mente, Eragon tentou forçar sua mente a voltar para o presente, mas ele não conseguiu.

Na manhã após a monumental batalha nas Campinas Ardentes, quando os Varden estavam ocupados em se reagrupar e preparando para marchar atrás do exército do Império, que tinha arrumado muitas ligas acima do Rio Jiet, Eragon tinha ido até Nasuada e Arya, explicado a situação de Roran, e pedido a permissão delas para ajudar seu primo. Ele não obteve sucesso. Ambas as mulheres opuseram-se veementemente ao que Nasuada descreveu como "um plano impulsivo que terá conseqüências catastróficas para todo o mundo na Alagaësia se ele errar!"

A discussão prolongou-se por muito tempo, até que Saphira interrompeu-a com um rugido que fez tremer as paredes da tenda de comando. Então ela disse, *Eu estou machucada e cansada, e Eragon*

*está fazendo um péssimo trabalho em se explicar. Nós temos coisas melhores a fazer do que ficarmos parados choramingando como gralhas, não?... Ótimo, agora me escutem.*

Era, Eragon refletiu, muito difícil discutir com um dragão.

Os detalhes das observações de Saphira eram complexos, mas a estrutura subjacente de sua apresentação foi franca. Saphira apoiou Eragon porque ela entendia como a importante proposta missão significava para ele, enquanto Eragon apoiava Roran por causa do amor e da família, e porque ele sabia que Roran ia seguir Katrina com ou sem ele, e o seu primo nunca seria capaz de derrotar os Ra'zac sozinho. Também, enquanto o Império mantivesse Katrina em cativeiro, Roran, e através dele, Eragon, era vulnerável a manipulações de Galbatorix. Se o usurpador ameaçasse matar Katrina, Roran não teria escolha se não se submeter aos seus comandos.

Seria o melhor, então, remendar esta violação em sua defesa antes que os seus inimigos tirassem proveito disto.

Quanto à cronologia, era perfeito. Nem Galbatorix nem os Ra'zac iriam esperar um ataque surpresa no centro do Império quando os Varden estavam ocupados em lutar contra as tropas de Galbatorix perto da fronteira de Surda. Murtagh e Thorn tinham sido vistos voando em direção a Urû'baen, nenhuma dúvida de que ele seria punido pessoalmente, e Nasuada e Arya concordavam com Eragon que aqueles dois provavelmente iriam continuar em direção do norte para confrontar Rainha Islanzadí e seu exército sob seu comando uma vez que os elfos iriam fazer o seu primeiro ataque e revelar sua presença. E se possível, seria bom eliminar os Ra'zac antes que eles comessem a aterrorizar e desmoralizar os guerreiros dos Varden.

Saphira tinha então indicado, nos mais diplomáticos termos, que se Nasuada impusesse sua autoridade como senhora de Eragon e o proibisse de participar desta busca, isto envenenaria a relação deles com um tipo de rancor e divergência que poderia minar a causa dos Varden. “Mas”, disse Saphira, *“a escolha é sua. Mantenha Eragon aqui se você quiser. No entanto, os compromissos dele não são meus, e eu, como um, decidi que irei acompanhar Roran. Parece que será uma boa aventura.”*

A sombra de um sorriso perpassou pelos lábios de Eragon enquanto ele imaginava a cena.

A combinação do peso da declaração de Saphira quanto a sua inexpugnável lógica convenceram Nasuada e Arya concederem sua aprovação, embora de má vontade.

Posteriormente, Nasuada tinha dito, “Nós estamos confiando em seu julgamento nisto, Eragon, Saphira. Pelo seu bem e pelo nosso, eu espero que essa expedição corra bem.” O seu tom deixou Eragon incerto se suas palavras representavam um desejo do coração ou uma ameaça subentendida. Eragon tinha gasto o resto daquele dia juntando provisões, estudando mapas do Império com Saphira, e procurando por feitiços que ele achava necessário, como um para frustrar tentativas de Galbatorix ou de seus favoritos para observar Roran por meio de cristalomancia.

Na manhã seguinte, Eragon e Roran subiram nas costas de Saphira, e ela levantara vôo, subindo acima das nuvens alaranjadas que suprimiam a Campinas Ardentes e rumaram para o norte. Ela voou sem paradas até que o sol tinha atravessado a cúpula do céu e tinha-se extinguido atrás do horizonte e estourado novamente em uma conflagração gloriosa de tons vermelhos e amarelos.

A primeira parte da jornada deles os levou até o limite do Império, onde poucas pessoas viviam. Lá eles viraram para o oeste em direção a Dras-Leona e Helgrind. Desde então, eles viajaram à noite para evitar notícias de qualquer um em uma das muitas vilas se espalhasse pelos pastos que havia entre eles e o seu destino.

Eragon e Roran tiveram que se envolver em capas e peles e luvas de lã e chapéus grossos já que Saphira decidiu voar mais alto do que o gelo preso nos mais altos picos das montanhas, onde o ar era rarefeito e seco e apunhalavam seus pulmões, para que se um agricultor que cuidava de um bezerro doente no campo ou um vigia perspicaz que estaria fazendo seu turno decidisse levantar o olhar para o céu quando ela passasse em cima, Saphira não pareceria muito maior do que uma águia.

Para todos os lugares que eles iam, Eragon via evidências da guerra que agora estava em ação: campos de soldados, vagões carregados de provisões reunidos por um grupo durante a noite, e

colunas de homens usando colarinhos de ferro sendo arrastados para fora de suas casas para lutar em prol de Galbatorix. A soma de recursos desdobrados contra eles atemorizava de fato.

Próximo ao fim da segunda noite, Helgrind havia aparecido na distância: uma massa de colunas lascadas, vagas e abomináveis na luz acinzentada que precede a alvorada. Saphira tinha pousado na depressão que agora se encontravam, e eles tinham dormido quase o dia todo antes de começarem o seu reconhecimento.

Uma fonte de partículas de pó ambáricas elevou e girou no ar quando Roran lançou um ramo no carvão que se desintegrava. Ele capturou o olhar de Eragon e encolheu os ombros. “Frio”, ele disse. Antes que Eragon pudesse responder, ele ouviu um barulho de deslizamento parecido com alguém que desembainha uma espada.

Ele nem pensou, ele arremessou-se na direção oposta, rolou uma vez, e logo depois se abaixou, levantando o bastão de espinheiro para desferir um golpe. Roran foi quase na mesma velocidade. Ele pegou o seu escudo do chão, escalando de volta da concha em que estava sentado, sacou o seu martelo do cinto, tudo isso num intervalo de poucos segundos.

Eles congelaram, esperando pelo ataque.

O coração de Eragon batia com força e seus músculos tremiam enquanto ele procurava na escuridão pelo mais leve indício de movimento.

*Não sinto cheiro de nada*, disse Saphira.

Quando muitos minutos passaram sem nenhum incidente, Eragon estendeu a sua mente para a paisagem circundante. “Ninguém”, disse ele. Mergulhando fundo na própria mente, no lugar em que ele podia tocar o fluxo de magia, ele proferiu as palavras “Brisingr raudhr!”. Uma pálida luz avermelhada apareceu vários metros a frente dele e permaneceu lá, flutuando ao nível dos olhos e pintando a depressão com um brilho aquoso. Ele se moveu levemente, e a luz tênue imitou seu movimento, como se ela estivesse conectada a ele por fios invisíveis.

Juntos, ele e Roran avançaram até o local em que eles ouviram o som, no desfiladeiro abaixo que seguia para o leste. Eles seguraram suas armas no alto e paravam entre cada passo, prontos para se defenderem a qualquer momento. Cerca de dez jardas do acampamento deles, Roran ergueu uma mão, parando Eragon, e então apontando para uma chapa de xisto que jazia na grama. Parecia evidentemente fora de lugar. Ajoelhando-se, Roran esfregou um fragmento menor de xisto na chapa e criando a mesma raspagem que eles tinham ouvido antes.

“Deve ter caído” disse Eragon, examinando os lados do desfiladeiro. Ele permitiu que a luz tênue se extinguisse no esquecimento.

Roran acenou com a cabeça e ficou parado, tirando terra das suas calças.

Enquanto ele voltava para Saphira, Eragon considerou a velocidade com que eles tinham reagido. Seu coração ainda estava contraído em um nó complexo, doendo a cada batida, suas mãos tremiam, e ele sentia como se tivesse se jogado na selva e corrido por vários quilômetros sem parar. *Nós não teríamos pulado daquele jeito antes*, pensou ele. A razão para a vigilância deles não era nenhum mistério: cada uma de suas lutas tinha quebrado a sua vaidade, deixando apenas nervos crus para trás que se contraíam no mais leve toque.

Roran deveria estar entretido por pensamentos semelhantes, pois ele disse “Você os vê?”

“Quem?”

“Os homens que você matou. Você os vê em seus sonhos?”

“Às vezes.”

A pulsante incandescência do carvão iluminou o rosto de Roran por baixo, formando sombras grossas acima de sua boca e através de sua testa e dando aos seus olhos pesados e meio cobertos um aspecto maligno. Ele falou lentamente, como se cada palavra fosse difícil de pronunciar. “Eu nunca quis ser um guerreiro. Eu sonhava com sangue e glória quando eu era mais novo, como todo garoto o faz, mas a terra era mais importante pra mim. Isso e a nossa família... E agora eu matei... Eu matei e matei, e você matou ainda mais.” Seu olhar se fixou em um lugar distante que somente ele podia ver. “Havia dois homens em Narda... Eu já lhe disse isso antes?”

Ele já tinha dito, mas Eragon balançou a cabeça e permaneceu em silêncio.



“Eles eram guardas do portão principal... Dois deles, sabe, e o homem da direita, ele tinha os cabelos puramente brancos. Eu me lembro porque ele não poderia ter mais do que vinte e quatro, vinte e cinco anos. Eles usavam o símbolo de Galbatorix, mas falavam como se fossem de Narda. Eles não eram soldados profissionais. Eles eram provavelmente apenas homens que tinham decidido ajudar a proteger seus lares de Urgals, piratas, bandidos... Nós não iríamos encostar os dedos neles. Eu juro pra você, Eragon, que isso nunca foi parte do nosso plano, eu não tive escolha, no entanto. Eles me reconheceram. Eu apunhalei o homem dos cabelos brancos embaixo do queixo... Foi parecido de quando o meu pai cortou a garganta de um porco. E então o outro, eu amassei o seu crânio. Eu ainda consigo sentir os ossos dele se partindo... Eu me lembro de cada golpe que eu desferi, desde os soldados em Carvahall àqueles na Campina Ardente... Sabe, quando eu fecho os olhos, às vezes eu não consigo dormir porque as luzes do fogo que ateamos nas docas de Teirm são tão fortes na minha mente. Eu acho que eu estou enlouquecendo.”

Eragon percebeu que suas mãos agarravam o bastão com tanta força, seus nós nos dedos estavam brancos e os tendões rígidos na parte interna dos seus pulsos. “Sim” disse ele. “De primeiro, eram apenas Urgals, depois eram homens e Urgals, e agora esta última batalha... Eu sei que o que fazemos é *certo*, mas *certo* não significa *fácil*. Por causa de quem somos, os Varden esperam que Saphira e eu que fiquemos na frente de seu exército e chacinemos batalhões inteiros de soldados. Nós fazemos. Nós temos.” Sua voz falhou, e ele ficou em silêncio.

*“O tumulto acompanha cada grande modificação”, disse Saphira a ambos. “E experimentamos mais do que a nossa ação, já que somos agentes daquela mesma modificação. Eu sou um dragão, e não lamento as mortes daqueles que nos põem em perigo. Matar os guardas em Narda pode não ser um feito digno de celebração, mas nem o é para sentir-se culpado. Você teve de fazê-lo. Quando você deve lutar, Roran, a feroz alegria do combate não lhe empresta asas para os pés? Você não conhece o prazer de sentir pena de si mesmo quando de frente a um oponente que vale a pena ou a satisfação de ver os corpos dos seus inimigos pilhados diante de você? Eragon, você já vivenciou isto. Ajude-me a explicar para o seu primo.”*

Eragon encarou o carvão. Ela tinha afirmado a verdade que ele relutava em reconhecer, mas se concordasse que alguém poderia gostar de violência, ele poderia se tornar um homem que desprezaria. Portanto ele ficou mudo. A sua frente, Roran parecia ter sido afetado de mesmo modo.

Em um tom de voz mais suave, Saphira disse, *“Não fiquem zangados, eu não tinha intenção de magoá-los... Eu me esqueço às vezes que vocês ainda não se acostumaram com tais emoções, enquanto eu lutei com garras e dentes por sobrevivência desde o dia em que saí do ovo”*.

Ficando em pé, Eragon andou até os seus alforjes e pegou o pequeno jarro feito do barro que Orik tinha lhes dado antes de separarem-se, então ele derramou dois grandes bocados do hidromel de framboesa garganta abaixo. O calor floriu no seu estomago. Fazendo caretas, Eragon passou o jarro a Roran, que também fez aquela mistura.

Depois de vários goles, quando o hidromel tinha conseguido amenizar o seu humor negro, Eragon disse “Nós talvez tenhamos problemas amanhã”.

“O que você quer dizer?”

Eragon direcionou suas palavras para Saphira também. “Lembra-se como eu disse que nós, Saphira e eu, poderíamos facilmente dar conta dos Ra’zac?”

“Sim”

*E portanto podemos*, disse Saphira.

“Bem, eu estava pensando sobre isso enquanto nós espionávamos Helgrind, e eu não tenho mais tanta certeza. Há quase um número infinito de coisas que se pode fazer usando magia. Por exemplo, se eu quiser acender o fogo, eu poderia acendê-lo com o calor colhido do ar ou do chão, eu poderia criar uma chama através da energia pura, eu posso imitar um pino de um relâmpago, eu poderia concentrar vários raios de sol em um único ponto, eu poderia usar fricção, e assim por diante.”

“E daí?”

“O problema é, muito embora eu possa inventar numerosos feitiços para executar apenas uma ação, *bloquear* esses feitiços pode requerer apenas um contra feitiço. Se você prevenir a ação em si de

tomar forma, então você não tem que talhar o seu contra feitiço para dirigir as propriedades únicas de cada feitiço individual.”

“Eu ainda não entendi o que isso tem a ver com amanhã”.

“*Eu sei*”, disse Saphira para ambos. Ela tinha pego imediatamente as implicações. “*Isto quer dizer que, no século passado, Galbatorix...*”.

“pode ter colocado defesas em volta dos Ra’zac...”

“*que os protegerá contra ...*”

“uma enorme extensão de feitiços. Eu provavelmente não vou...”

“*ser capaz de matá-los com qualquer uma...*”

“das palavras de morte que me foram ensinadas, ou nenhum...”

“*ataque que nós podemos inventar agora ou na hora. Nós talvez...*”

“teremos que contar com...”

“Parem!”, exclamou Roran. Ele deu um sorriso aflito. “Parem, por favor. Minha cabeça dói quando vocês fazem isso”.

Eragon fez uma pausa com a boca aberta, até aquele momento, ele não tinha se dado conta de que ele e Saphira estavam falando alternadamente. Este conhecimento o alegrou, isso significava que eles tinham alcançado novas alturas de cooperação e atuavam em conjunto como uma entidade única, que os fez muito mais poderosos do que cada um seria por si só. Isso também o incomodou quando ele meditou sobre como tal sociedade deveria, por sua própria natureza, reduzir a individualidade daqueles envolvidos.

Ele fechou a boca e riu a socapa. “Desculpe. O que me incomoda é isso: se Galbatorix teve um pressentimento para tomar certas precauções, então a força de braços pode ser o único meio de matar os Ra’zac. Se isso for verdade...”

“Eu apenas estarei no seu caminho amanhã”.

“Bobagem. Você pode ser mais lento que os Ra’zac, mas eu não tenho dúvidas de que você dar a eles um motivo para ter medo da sua arma, Roran Martelo Forte.” O elogio pareceu agradar Roran. “O maior perigo pra você é se os Ra’zac ou os Lethrblaka conseguirem separar você de Saphira e de mim. Quanto mais perto estivermos, mais a salvo vamos estar. Saphira e eu vamos tentar manter os Ra’zac e os Lethrblaka ocupados, mas alguns deles podem passar por nós. Quatro contra dois só é uma boa vantagem quando se está do lado dos quatro.”

Para Saphira, Eragon disse, “*Se eu tivesse uma espada, eu tenho certeza que poderia matar os Ra’zac sozinho, mas eu não sei se eu posso derrotar duas criaturas que são tão rápidas quanto elfos, usando nada mais que um bastão*”.

“*Foi você quem insistiu em carregar esse galho seco ao invés de uma arma apropriada*”, disse ela. “*Lembre-se, eu lhe disse que isso talvez não fosse suficiente contra inimigos tão perigosos quanto os Ra’zac*”.

Eragon admitiu isso com relutância. “*Se os meus feitiços falharem, nós estaremos muito mais vulneráveis do que eu esperava... Amanhã pode terminar muito mal de fato.*”

Continuando o fio da conversa que ele foi privado, Roran disse “Essa magia é um negócio traiçoeiro”. O tronco em que ele estava sentado soltou um gemido baixo quando ele descansou os cotovelos nos joelhos.

“É”, concordou Eragon. “A parte mais difícil é tentar antecipar qualquer possível feitiço, eu passei metade do meu tempo me perguntando como eu posso me proteger se eu fosse atacado *desse* jeito e se outro mágico esperaria que eu fizesse *aquilo*”.

“Você poderia me tornar tão forte e rápido quanto você é?”

Eragon ponderou a sugestão por vários minutos antes de dizer, “Eu não sei como. A energia necessária pra fazer isso teria que vir de algum lugar. Saphira e eu poderíamos dar isso a você, mas iríamos perder tais velocidade ou força que você ganha.” O que ele não mencionou foi que ele poderia extrair energia das plantas e animais próximos, embora por um preço terrível: ou seja, as mortes de seres menores cuja vida fazem você seguir em frente. A técnica era um enorme segredo, e Eragon sentia que ele não deveria revelar isso levemente, afinal de contas. Além disso, não seria útil para Roran, pois pouco crescia ou vivia em Helgrind para suprir o corpo de um homem.

“Então você pode me ensinar a usar magia?” Quando Eragon hesitou, Roran acrescentou, “Não agora, obviamente. Nós não temos tempo, e eu não espero que alguém se torne um feiticeiro do dia pra noite. Mas no geral, por que não? Você e eu somos primos. Nós dividimos o mesmo sangue. E isso seria uma valiosa habilidade pra se ter”.

“Eu não sei como alguém que não é um Cavaleiro aprende a usar magia” confessou Eragon. “Não foi algo que eu estudei”. Olhando em volta, ele colheu uma pedrinha achatada e redonda e a arremessou para Roran, que a pegou no ar. “Aqui, tente isto: concentre-se em levantar a pedra uns trinta centímetros mais ou menos no ar e diga, ‘Stenr rīsa!’”.

“Stenr rīsa?”

“Exato”.

Roran franziu a testa para a pedra descansando em sua mão em uma pose que lembrou o próprio treinamento de Eragon, e este não podia deixar de sentir um lampejo de nostalgia dos dias em que ele gastou sendo ensinado por Brom.

As sobrancelhas de Roran se encontraram, seus lábios se apertaram num rosnado, “Stenr rīsa!” com intensidade suficiente, Eragon meio que esperou que a pedra voasse para fora do seu campo de visão.

Nada aconteceu.

Franzindo a testa com mais força, Roran repetiu o seu comando: “Stenr rīsa!”

A pedra exibiu uma profunda falta de movimento.

“Bom” disse Eragon, “continue tentando. É o único conselho que eu posso lhe dar. Mas”, e aqui ele ergueu o dedo, “se *acontecer* de você obter sucesso, assegure-se de que você virá direto a mim ou, se eu não estiver por perto, outro mágico. Você pode matar a si mesmo e a outros se você começar a experimentar magia sem entender as regras. Se por mais nada, lembre-se disso: se você conjurar um feitiço que requer muito mais energia, você *vai* morrer. Não entre em projetos que estão além das suas habilidades, não tente trazer os mortos de volta a vida, e não tente desfazer nada.”

Roran acenou com a cabeça, ainda olhando a pedra.

“Deixando a magia de lado, eu acabei de perceber que há alguma coisa muito mais importante que você precisa aprender”.

“Oh?”

“Sim, você precisa aprender a esconder seus pensamentos da Mão Negra, Du Vrangr Gata, e outros como eles. Você sabe de muitas coisas agora que podem prejudicar os Varden. É crucial, então, que você domine esta habilidade logo que voltamos. Até que você possa se defender de espões, nem Nasuada nem eu nem ninguém mais pode confiar a você informações que poderiam ajudar nossos inimigos.”

“Entendo. Mas porque você incluiu Du Vrangr Gata nessa lista? Eles servem a você e a Nasuada.”

“Servem, mas até entre os nossos aliados há mais algumas pessoas que dariam o seu braço direito”, ele fez uma careta na apropriação da frase, “para descobrir os nossos planos e segredos. E os seus também, sem menos. Você se tornou *alguém*, Roran. Em parte por causa dos seus feitos, em parte porque somos parentes”

“Sei. É estranho ser reconhecido por aqueles que você não conheceu”.

“É isso aí.” Várias outras observações relacionadas pularam à ponta da língua de Eragon, mas ele resistiu ao impulso de perseguir o tópico, era um assunto para tratar outra hora. “Agora que você sabe o que se sente quando uma mente toca a outra, você poderia ser capaz de aprender a se estender e tocar outras mentes por sua vez”

“Não estou seguro de que seja uma capacidade que quero ter.”

“Não importa, você também pode *não* ser capaz de fazê-lo. De qualquer modo, antes que você perca seu tempo descobrindo, você deve dedicar-se primeiro à arte da defesa”.

O seu primo levantou uma sobrancelha. “Como?”

“Escolha algo, um som, uma imagem, uma emoção, qualquer coisa e deixe-o se avolumar dentro da sua mente até que ele apague qualquer outro pensamento”.

“Isto é tudo?”

“Não é tão fácil quanto você pensa. Vá em frente, tente fazer isso. Quando você estiver pronto, me avise, e eu vou ver quão bem você se saiu”.

Vários momentos se passaram. Então, num estalar dos dedos de Roran, Eragon lançou a sua consciência em direção ao primo, impaciente para descobrir o que ele tinha estabelecido.

A total força do raio mental de Eragon bateu em uma parede composta das memórias de Roran sobre Karina e foi barrado. Ele não podia tomar terreno, encontrar nenhuma entrada ou permissão, nem minar a barreira impenetrável que estava diante dele. Naquele instante, a inteira identidade de Roran era baseada em seus sentimentos por Katrina, suas defesas excederam quaisquer que Eragon tivesse encontrado antes, pois a mente de Roran estava despojada de nada mais que Eragon pudesse agarrar e usar para ganhar controle sobre o primo.

Então Roran moveu a sua perna esquerda e a madeira abaixo dele soltou um grito áspero.

Com isso, a parede que Eragon tinha se arremessado contra quebrou-se em dúzias de pedaços enquanto o anfitrião de pensamentos competindo distraíram Roran: *“O que era... Maldição! Não preste atenção nisso, ele vai transpassar. Katrina, lembre-se de Katrina. Ignore Eragon. A noite que ela concordou em se casar comigo, o cheiro de grama e do cabelo dela... É ele? Não! Concentre-se! Não”*

Tomando vantagem da confusão de Roran, Eragon foi em frente e, com a sua força de vontade, imobilizou Roran antes que ele pudesse se proteger mais uma vez.

“Você entendeu a concepção básica”, disse Eragon, e então se retraiu da mente de Roran e disse em voz alta, “mas tem que aprender a manter a concentração mesmo quando você está no meio de uma batalha. Você tem que aprender a pensar sem pensar... Em esvaziar a si mesmo de esperanças e preocupações, preservar aquela única idéia que é a sua armadura. Uma coisa que os elfos me ensinaram, que eu descobri ser útil, é recitar um enigma ou um pedaço de um poema ou música. Ter uma coisa que você pode repetir de novo e de novo torna mais fácil evitar que a sua mente se distraia”.

“Eu vou trabalhar nisso”, prometeu Roran.

Em um tom de voz mais calmo, Eragon disse, “Você realmente a ama, não é?”. Era mais uma apresentação da verdade do que uma pergunta, a resposta estava evidente, e ele sentiu-se incerto ao fazer a pergunta. Romance não era um tópico que Eragon levantara com o seu primo antes, apesar das muitas horas que eles gastaram em anos passados debatendo os méritos relativos das jovens mulheres de e por perto de Carvahall. “Como isso aconteceu?”

“Eu gostava dela. Ela de mim. Que importância tem os detalhes?”

“Qual é”, disse Eragon. “Eu estava bravo demais pra perguntar antes que você fosse para Therinsford, e nós não nos vimos de novo até apenas quatro dias atrás. Eu estou curioso”.

A pele em volta dos olhos de Roran repuxava e enrugava enquanto ele esfregava as têmporas. “Não há muito que dizer. Eu sempre fui parcial pra ela. Aconteceu pouco antes de eu ser um homem, mas depois dos rituais de passagem, eu comecei a me perguntar com quem eu iria me casar e quem eu queria que se tornasse a mãe dos meus filhos. Durante uma das nossas visitas a Carvahall, eu vi Katrina parada ao lado da casa de Loring para apanhar uma rosa que crescia nas sombras das calhas. Ela sorriu enquanto olhava para a flor... Era um sorriso tão terno, e tão feliz, que eu decidi naquele momento que eu queria fazê-la sorrir daquela maneira de novo e de novo e que eu queria olhar para aquele sorriso até o dia que eu morresse.” Lágrimas brilharam nos olhos de Roran, mas elas não caíram, e um segundo depois, ele piscou e elas sumiram. “Temo que eu tenha falhado naquela consideração.”

Depois de uma pausa respeitosa, Eragon disse, “Você a cortejou, então? Deixando de lado que você me usou para carregar cumprimentos a Katrina, como mais você procedeu?”

“Você pergunta como alguém que procura informações”.

“Eu não. Você está imaginando”

“Qual é você agora” disse Roran. “Eu sei quando você está mentindo. Você dá esse sorriso idiota, e as suas orelhas ficam vermelhas. Os elfos podem ter lhe dado um novo rosto, mas nessa parte você não mudou. O que é que existe entre você e Arya?”

A força da percepção de Roran perturbou Eragon. “Nada! A lua danificou o seu cérebro.”

“Seja honesto. Você cai de amores pelas palavras dela como se cada uma fosse um diamante, e o seu olhar se demora nela como se você estivesse faminto e ela fosse um grande banquete posto a trinta centímetros fora do seu alcance.”

Uma nuvem de fumaça cinza chumbo saiu das narinas de Saphira quando ela fez um barulho parecido com um engasgo.

Eragon ignorou o suprimido divertimento dela e disse, “Arya é uma elfa”.

“E muito bonita. Orelhas pontudas e olhos inclinados são pequenas falhas quando comparados com os charmes dela. Você mesmo se parece com um gato agora”

“Arya tem mais de cem anos de idade”.

Essa pequena informação em particular pegou Roran de surpresa, ele ergueu as sobrancelhas, e disse, “Eu acho difícil de acreditar nisso! Ela está na flor da juventude!”

“Isso é verdade”

“Bem, seja lá como for, essas são razões que você me deu, Eragon, e o coração raramente escuta as razões. Você gosta dela ou não?”

“*Se ele gostasse dela um pouco mais*”, Saphira disse para ambos Eragon e Roran, “*eu mesma estaria tentando beijar Arya.*”

“Saphira!” Mortificado, Eragon bateu na perna dela.

Roran foi prudente o bastante para não forçar Eragon ainda mais. “Então responda minha pergunta original e me conte como as coisas estão entre você e Arya. Você falou com ela ou com a família dela sobre isso? Eu descobri que não é sábio deixar tais problemas serem deixados de lado”.

“Sim” disse Eragon, e encarou o comprimento de espinheiro polido. “Eu falei com ela”.

“Com que fim?” Quando Eragon não respondeu imediatamente, Roran proferiu uma exclamação frustrada. “Receber respostas de você é tão difícil quanto arrastar Birka pela lama”. Eragon riu disfarçadamente a menção de Birka, um dos seus primeiros cavalos. “Saphira, pode resolver esse mistério para mim? De outra maneira, eu temo que eu nunca vá ter uma explicação completa”.

“Com nenhum fim. Absolutamente nenhum. Ela não me aceita”. Eragon falou indiferentemente, como se comentando o infortúnio de um estranho, mas dentro dele rugia uma torrente de dor tão profunda e selvagem, e ele sentiu que Saphira retirou-se um tanto dele.

“Eu sinto muito.”, disse Roran.

Eragon forçou-se a engolir um nó em sua garganta, além da ferida que havia em seu coração, e desceu para o nó na meada do seu estômago. “Isso acontece”.

“Eu sei que pode parecer meio improvável no momento”, disse Roran, “mas eu tenho certeza que você vai conhecer outras mulheres que irão lhe fazer esquecer essa Arya. Há incontáveis damas, e mais do que algumas mulheres casadas, eu aposto, que ficariam encantadas por captar o olhar de um Cavaleiro. Você não terá nenhum problema em encontrar uma esposa entre todas as mulheres adoráveis na Alagaësia.”

“E o que você faria se Katrina tivesse rejeitado a sua ternura?”

Esta pergunta batida deixou Roran mudo, era óbvio que ele não poderia imaginar como ele teria reagido.

Eragon continuou. “Ao contrário do que você, Arya, e todo mundo parecem acreditar, eu *estou* ciente de que outras mulheres elegíveis existem em Alagaësia e que é conhecido que as pessoas se apaixonam mais de uma vez. Sem dúvida, se eu passar meus dias em companhia das damas da corte do Rei Orrin, eu posso decidir de fato que gosto de uma delas. No entanto, meu caminho não é tão fácil assim. Sem levar em conta se eu posso mudar as minhas afeições em outras, e o coração, como você observou, é uma notória besta errática, a questão continua: eu devo?”

“Sua língua ficou tão retorcida quanto às raízes de uma árvore de abeto”, disse Roran. “Fale sem enigmas”.

“Muito bem: que mulher humana pode começar a entender quem e o que eu sou, ou a extensão dos meus poderes? Quem poderia compartilhar a minha vida? Muito poucas, e todas elas mágicas. E desse seleto grupo, ou até de mulheres em geral, quantas delas são imortais?”

Roran riu, de um modo áspero, e amável que repercutiu pelo desfiladeiro. “Você pode pedir também por um sol no seu bolso, ou...” Ele parou e ficou tenso como se ele fosse saltar para frente e então ficou anormalmente parado. “Você não pode ser.”

“Eu sou”.

Roran pelejou para achar palavras. “É um resultado da sua mudança em Ellesméra, ou isso é parte de ser um Cavaleiro.”

“É parte de ser um Cavaleiro”.

“Isso explica porque Galbatorix não morreu”.

“Sim”.

O galho que Roran tinha colocado no fogo queimou em uma parte com um silencioso *pop* enquanto os carvões embaixo aqueciam o comprimento de madeira ao ponto onde um pequeno esconderijo de água ou seiva que fugiu furtivamente de algum modo dos rios do sol durante décadas incontáveis explodiam no vapor.

“Essa idéia é tão.. *vasta*, é quase inconcebível,” disse Roran. “A morte é uma parte de quem somos. Ela nos guia. Ela nos molda. Ela nos leva à loucura. Você pode ainda ser um humano se você não tem um fim mortal?”

“Eu não sou invencível”, apontou Eragon. “Eu ainda posso ser morto com uma espada ou uma flecha. E ainda posso pegar alguma doença incurável.”

“Mas se você evitar esses perigos, você vai viver para sempre.”

“Se eu fizer isso, então sim. Saphira e eu iremos *resistir*”.

“Parece tanto uma benção quanto uma maldição.”

“Sim. Eu não posso em sã consciência casar com uma mulher que irá envelhecer e morrer enquanto eu permaneço intocado pelo tempo, tal experiência seria igualmente cruel para nós dois. Em cima disso, eu acho a idéia de desposar uma mulher depois da outra ao longo dos séculos muito depressiva”.

“Você pode tornar alguém imortal com magia?” perguntou Roran.

“Pode-se escurecer os cabelos brancos, você pode suavizar rugas e remover cataratas, se você está disposto a ir a extraordinárias extensões, você pode dar a um homem de sessenta anos o corpo que ele tinha com dezenove. No entanto, os elfos nunca descobriram um modo de restaurar a mente de uma pessoa sem destruir as memórias dele ou dela. E quem quer apagar a sua identidade a cada algumas décadas em troca da imortalidade? Seria um estranho, então, quem vivesse. Um cérebro velho em um corpo jovem também não é a resposta, pois mesmo com a melhor saúde, do que nós humanos somos feitos só pode durar por um século, talvez um pouco mais. Você também não pode impedir que alguém envelheça. Isso causaria muitos outros problemas... Oh, os elfos e homens tentaram mil e uma maneiras diferentes para despistar a morte, mas nenhuma se provou bem sucedido.”

“Em outras palavras”, disse Roran, “é mais seguro você amar Arya do que deixar o seu coração livre para ser tomado por uma mulher humana.”

“Com quem mais eu *posso* me casar se não uma elfa? Especialmente considerando como eu me pareço agora.”. Eragon controlou o desejo de erguer um dedo e tocar a ponta de suas orelhas, um hábito que ele criara. “Quando eu morava em Ellesméra, era fácil para eu aceitar como os dragões tinham mudado a minha aparência. Até mesmo porque eles me deram muitos presentes. E também, os elfos eram mais amigáveis comigo depois do Agaetí Blödhren. Foi somente quando eu voltei para os Varden que eu percebi quão *diferente* eu tinha me tornado... Incomoda-me também. Eu não sou mais somente um humano, e eu não sou um elfo de fato. Eu sou algo mais no meio: uma mistura, um mestiço”.

“Anime-se!”, disse Roran. “Você talvez nem tenha que se preocupar em viver para sempre. Galbatorix, Murtagh, os Ra’zac, ou até mesmo um dos soldados do Império pode nos atravessar com aço a qualquer momento. Um homem sábio iria ignorar o futuro e beberia com outros enquanto ele tivesse a oportunidade de aproveitar este mundo.”

“Eu sei o que papai diria sobre isso.”

“E ele nos daria uma boa surra.”

Eles riram juntos, e depois o silêncio que muitas vezes se assentava em suas conversas veio entre eles mais uma vez, uma fenda carregada de cansaço, familiaridade e, de modo inverso, as muitas diferenças que o destino tinha criado entre aqueles que tinham uma vez andado com vidas que eram variações de uma única melodia.

“*Vocês deveriam dormir*”, disse Saphira para Eragon e Roran. “*Está tarde, e nós temos que acordar cedo amanhã*”.

Eragon olhou para a abóbada negra do céu, julgando a hora por quão distante as estrelas tinham voltado. A noite ia mais tarde do que ele esperava. “Um argumento válido” disse ele. “Eu só queria que nós tivéssemos mais alguns dias para descansar antes do nosso assalto a Helgrind. A batalha nas Campinas Ardentes drenaram toda força de Saphira e a minha, e nós ainda não nos recuperamos totalmente, com o que voar até aqui e a energia que eu transferi para o cinto de Beloth o Sábio nessas últimas duas noites. Os meus membros ainda estão doendo, e eu tenho mais machucados do que posso contar. Olhe...” Afrouxando as amarras do punho da manga esquerda da sua camisa, ele puxou pra trás o suave lãmarae, um tecido que os elfos fazem cruzando lã com fios de urtiga, revelando uma faixa amarela rachada onde o seu escudo tinha amassado contra o seu antebraço.

“Ha!” disse Roran. “Você chama essa manchinha de machucado? Eu me feri mais quando eu bati o meu dedão esta manhã. Olhe, vou lhe mostrar os machucados que um homem pode ter orgulho”. Ele desenlaçou a bota esquerda, retirou-a, e enrolou a perna de suas calças para expor uma faixa preta tão larga quanto o polegar de Eragon que se inclinou através do seu quadril. “Peguei metade de uma lança quando um soldado dava meia-volta”.

“Impressionante, mas eu tenho melhores” Mergulhando para fora de sua túnica, Eragon libertou sua camisa de suas calças e se contorceu para o lado para que Roran pudesse ver a grande mancha nas suas costelas e o descoramento semelhante na sua barriga. “Flechas”, ele explicou. Depois ele descobriu o seu antebraço direito, revelando uma contusão que se parecia com aquela no seu outro braço, dada quando ele desviou uma espada com o braço.

Roran agora carregava uma coleção de irregulares pontos azuis esverdeados, cada uma do tamanho de uma moeda de ouro, que marcava desde sua axila esquerda à base da sua espinha, o resultado de ter caído em uma mistura de pedras e armadura amassada.

Eragon inspecionou as lesões, riu à socapa e disse, “Ora essa, isso são alfinetadas! Você se perdeu e correu de encontro a uma roseira? Eu tenho uma que vai fazer essa aí te dar vergonha.” Ele removeu ambas as botas, levantando-se e abaixando suas calças, para que seu único traje fosse a sua camisa e a cueca lanosa. “Bata essa se você puder” disse ele, e apontou para o lado de sua coxa. Uma combinação sediciosa de cores mosqueadas a sua pele, como se Eragon fosse um fruto exótico que amadurecia em remendos desiguais de verde maduro a putrefeito purpúreo.

“Ai” disse Roran. “O que aconteceu?”

“Eu saltei de Saphira quando nós estávamos lutando com Murtagh e Thorn no ar. Foi quando eu feri Thorn. Saphira mergulhou para debaixo de mim e me pegou antes que eu atingisse o chão, mas eu aterrissei nas costas dela um pouco mais pesadamente do que eu queria.”

Roran estremeceu e se arrepiou ao mesmo tempo. “Isso vai até...” Sua voz foi diminuindo e ele fez um gesto vago para cima.

“Infelizmente”.

“Eu tenho que admitir, é uma marca notável. Você deveria se orgulhar, é um feito e tanto ser ferido da maneira que você foi e naquele... *especial*... lugar.”

“Estou contente que você admire isso”.

“Bom”, disse Roran, “você pode ter o maior hematoma, mas os Ra’zac me feriram de tal forma que você não pode competir, desde que os dragões, pelo que eu entendi, removeram a cicatriz em suas costas”. Enquanto ele falava, ele mergulhou para fora de sua camisa e se moveu para mais longe da luz pulsante dos carvões.

Os olhos de Eragon se arregalaram antes que ele se controlasse e escondesse seu choque atrás de uma expressão mais neutra. Ele repreendeu-se por agir tão emocionalmente, pensando, *Não pode ser tão ruim*, mas quanto mais ele estudava Roran, mais assombrado ficava.

Uma cicatriz longa, franzida, vermelha e brilhante, ia a volta do ombro direito de Roran, que começava em sua clavícula e terminava somente para além do meio de seu braço. Era óbvio que o Ra'zac tinha separado a parte do músculo e que os dois fins não tinham conseguido curarem-se juntos mais uma vez, já que uma protuberância pouco apresentável deformou a pele logo abaixo da cicatriz, onde as fibras subjacentes tinham recuado sobre si mesmas. Mais para cima, a pele afundou, formando uma depressão de alguns centímetros de profundidade.

“Roran! Você deveria ter me mostrado isso dias atrás. Eu não tinha idéia de que os Ra'zac tinham te machucado dessa maneira... Você tem alguma dificuldade em mover o seu braço?”

“Não para o lado nem pra trás”, disse Roran. Ele demonstrou. “Mas na frente, eu só consigo levantar minha mão até a altura... do peito.” Fazendo caretas, ele abaixou o braço. “Até isso é uma luta, eu tenho que manter meus princípios básicos, ou então meu braço fica inoperante. A melhor maneira que eu encontrei foi balançar o meu braço em volta e deixá-lo aterrissar no que eu estou tentando agarrar. Eu despelei meus nós dos dedos algumas vezes antes de dominar o truque.”

Eragon rolou o bastão por entre as mãos. “*Eu devo?*” Ele perguntou a Saphira.

“*Eu acho que você tem*”.

“*Nós podemos nos arrepender amanhã*”.

“*Você vai ter mais motivos para arrependimentos se Roran morrer porque ele não pôde brandir seu martelo quando a ocasião exigir. Se você tirar sua energia das fontes à nossa volta, você pode evitar cansar a si mesmo*”.

“*Você sabe que eu odeio fazer isso. Até mesmo falar sobre isso me deixa enjoado.*”

“*Nossas vidas são mais importantes do que as das formigas*”, Saphira replicou.

“*Não pra formiga*”

“*E você é uma formiga? Não seja superficial, Eragon, pode passar a ser você*”.

Com um suspiro, Eragon abaixou o bastão e acenou para Roran.

“Aqui, deixe-me cura-lo”.

“Você pode fazer isso?”

“É óbvio.”

Um surto momentâneo de excitação iluminou o rosto de Roran, mas então ele hesitou e pareceu perturbado. “Agora? Isso é sábio?”

“Como Saphira disse, antes eu cuidar de você agora enquanto eu tenho chance, do que o seu ferimento lhe custar a sua vida ou colocar o resto de nós em perigo.” Roran se aproximou, e Eragon colocou sua mão direita sobre a cicatriz vermelha enquanto, ao mesmo tempo, expandia a sua consciência para abranger as árvores e as plantas e os animais que viviam na depressão, salvo aqueles que ele temia serem fracos demais para sobreviver ao seu feitiço.

Então Eragon começou a cantar na língua antiga. O encantamento que ele recitou era longo e complexo. Reparar tal ferimento era muito mais difícil do que criar uma pele nova e era uma tarefa difícil na melhor das hipóteses. Neste, Eragon confiou nas fórmulas de cura que ele tinha estudado em Ellesméra e tinha devotado muitas semanas para decorá-lo.

A marca prateada na palma da mão de Eragon, a gedwëy ignasia, ficou branca de tão aquecida quando ele lançou a magia. Um segundo depois, ele proferiu um gemido involuntário como se ele morresse três vezes, cada vez com dois passarinhos pousados perto da junipeira e também com uma cobra escondida por entre as pedras. Através dele, Roran jogou a sua cabeça para trás e mostrou os dentes em um urro mudo quando o seu músculo do ombro pulou e se contorceu abaixo da superfície da sua pele deslocada.

E então terminou.

Eragon respirou fundo de um modo trêmulo e descansou a cabeça nas mãos, tirando proveito daquele encobrimento por elas para enxugar as lágrimas antes que ele examinasse os resultados do seu trabalho. Ele viu Roran encolher o ombro várias vezes e logo estender e rodar os seus braços. O ombro de Roran era grande e arredondado, os resultados de anos passados cavando buracos para os postes da cerca, puxando rochas, e lançando feno. Ele podia ser mais forte, mas ele nunca foi tão musculoso quanto o primo.

Roran sorriu. “*Está bom como nunca! Melhor, talvez. Obrigado.*”



“Não há de quê”.

“Foi uma coisa muito estranha. Eu realmente senti como se eu fosse rastejar para fora da minha pele. E coçou terrivelmente, eu mal pude deixar de rasgar”

“Pegue um pouco de pão do seu alforje, por favor? Eu estou com fome.”

“Nós acabamos de jantar”.

“Eu preciso comer alguma coisa depois de usar uma magia como essa”. Eragon fungou e depois arrancou o lenço da cabeça e esfregou seu nariz. Ele fungou novamente. O que ele tinha dito não era inteiramente verdade. Era o preço que o seu feitiço tinha exigido da vida selvagem que o tinha perturbado, não a mágica em si, e ele temia que ele fosse vomitar a não ser que ele comesse alguma coisa para acalmar o estômago.

“Você não está doente, está?” perguntou Roran.

“Não.” Como a lembrança das mortes que ele causara continuavam frescas em sua mente, ele alcançou a jarra de hidromel ao seu lado, esperando defender-se de uma maré de pensamentos mórbidos.

Algo muito grande, pesado e agudo bateu em sua mão e a prendeu contra o chão. Ele estremeceu e abaixou o olhar para ver a ponta de uma garra de marfim de Saphira cavando em sua pele. Sua espessa pálpebra piscou enquanto faiscava através dele a muito grande íris brilhante que ela fixou sobre ele. Depois de um longo momento, ela levantou a garra, como uma pessoa levantaria um dedo, e Eragon retirou sua mão. Ele puxou e agarrou o bastão de espinheiro mais uma vez, aspirando por ignorar o hidromel e se concentrar no que era imediato e tangível, em vez de chafurdar numa triste introspecção.

Roran retirou uma metade irregular de pão de fermento da sua bolsa, depois fez uma pausa e, com uma insinuação de um sorriso, disse “Você não preferiria comer um pouco de carne de veado? Eu não terminei a minha”. Ele segurou o espeto improvisado de madeira junípero seca, no qual estavam espetados três pedaços de carne marrom dourada. Para o sensível nariz de Eragon, o odor que flutuou até ele era pesado e pungente e o fez lembrar-se de noites que ele passara na Espinha e de longos jantares de inverno em que ele, Roran, e Garrow tinham se juntado em volta do forno e aproveitado a companhia de cada um enquanto uma nevasca uivava lá fora. Sua boca encheu-se d’água. “Ainda está quente”, disse Roran, e balançou a carne de veado na frente de Eragon.

Com sua força de vontade, Eragon balançou a cabeça. “Apenas me passe o pão”.

“Tem certeza? Está perfeito: não muito dura, não muito tenra, e cozinhado com uma quantidade perfeita de tempero. Está tão suculento, quando você morde um pedaço, é como se você engolisse a boca cheia do melhor ensopado de Elain”.

“Não, eu não posso”.

“Você sabe que vai gostar”.

“Roran, pare de me tentar e me passe aquele pão!”

“Ah, agora veja, você já parece melhor. Talvez o que você precisa não é o pão, mas alguém pra te irritar, eh?”

Eragon olhou furiosamente para ele, depois, mais rápido do que o olho pode ver, agarrou o pão de Roran.

Isso pareceu divertir Roran ainda mais. Enquanto Eragon rasgava o pão, ele disse, “Eu não sei como você consegue sobreviver com nada mais do que frutas, pão e verduras. Um homem precisa comer carne se ele quer manter sua força. Você não sente falta?”

“Mais do que você pode imaginar”.

“Então por que você insiste em se torturar dessa maneira? Toda criatura do mundo tem que comer outros seres vivos, mesmo que eles sejam apenas plantas, em ordem de sobrevivência. É como nós somos feitos. Por que tentar desafiar a ordem natural das coisas?”

“*Eu disse quase a mesma coisa em Ellesméra*”, observou Saphira, “*mas ele não me ouviu*”.

Eragon encolheu os ombros. “Nós já tivemos essa conversa. Você faz o que você quer. Eu não vou te dizer ou a qualquer outra pessoa como viver. No entanto, eu não posso em sã consciência comer um animal com sentimentos e emoções com os quais eu compartilhei.”

A ponta da calda de Saphira se contraiu, e as escamas dela retiniram contra a cúpula desgastada da rocha que se sobressaía do chão. “*Oh, ele não tem jeito*”. Levantando e esticando o seu pescoço, Saphira arrancou a carne de cervo juntamente com o espeto, da outra mão de Roran. Quando a mordeu, a madeira estalou entre os dentes serrilhados, resvalando para as suas entranhas juntamente com a carne. “*Hmm. Você não exagerou*, disse ela para Roran. *Que maravilhoso e suculento naco. Tão macio, tão salgado e tão delicioso que me apetece rebolar de prazer. Deveria cozinhar para mim mais vezes, Roran Martelo Forte. Mas na próxima vez, eu acho que você deveria preparar vários cervos de uma vez. De outra forma, eu não terei uma refeição apropriada*”.

Roran hesitou, sem saber se o pedido dela era sério e, se era, como ele poderia eximir-se cortesmente de uma obrigação tão trabalhosa e inesperada? Ele lançou um olhar suplicante a Eragon, que desatou a rir, não só por sua expressão, mas também pela situação delicada em que Roran se encontrava.

O riso ondulante e sonoro de Saphira reuniu-se ao de Eragon, ecoando pelo vale. À luz das brasas, seus dentes brilhavam em tons avermelhados.

Uma hora depois de os três se terem recolhido, Eragon deitara-se de costas, ao lado de Saphira, embrulhado em várias camadas de cobertores para se proteger do frio da noite. Tudo estava quieto e silencioso, como se um mágico tivesse lançado um encantamento sobre a terra e tudo permanecesse mergulhado num sono eterno, para sempre congelado e imutável, sob o olhar atento das estrelas cintilantes.

Sem se mexer, Eragon murmurou mentalmente, “*Saphira?*”

“*Sim, pequenino?*”

“*E se eu tiver razão e ele estiver em Helgrind? Não vou saber o que fazer... Diga-me o que fazer*”.

“*Não posso, pequenino. É uma decisão que somente você tem que tomar. Os costumes dos dragões são diferentes dos costumes dos homens. Eu lhe arrancaria a cabeça para depois me banquetear com o seu corpo. Mas creio que isso seria errado pra você.*”

“*Vai ficar ao meu lado, qual quer que seja a minha decisão?*”

“*Sempre, pequenino. Agora descanse. Vai ficar tudo bem.*”

Reconfortado, Eragon contemplou o vazio que separava as estrelas e abrandou o ritmo da respiração até entrar no transe que agora lhe substituíra o sono. Manteve-se consciente do espaço ao seu redor, mas, como de costume, as personagens dos seus sonhos lúcidos começaram a desfilar e a representar peças sombrias, diante das constelações.



## ATAQUE A HELGRIND

O dia já havia nascido há quinze minutos quando Eragon se levantou. Ele estalou os dedos duas vezes para acordar Roran e então tirou seus cobertores e enlaçou-os numa trouxa apertada. Levantando-se do chão, Roran fez o mesmo com sua roupa de cama.

Eles se olharam, e tremeram com a excitação.

“Se eu morrer,” disse Roran, “você vai ver Katrina?”

“Eu prometo.”

“Então a diga que eu entrei na batalha com alegria no meu coração e com o nome dela nos meus lábios.”

“Eu prometo.”

Eragon murmurou uma rápida expressão na língua antiga. A queda em sua força que se seguiu foi quase imperceptível.

“Lá. Isso irá filtrar o ar na nossa frente e irá nos proteger dos efeitos paralisantes da respiração dos Ra'zac.”

De sua bolsa, Eragon tirou sua cota de malha e desdobrou o pano de saco que ele havia guardado dentro dela. Sangue da batalha das Campinas Ardentes ainda incrustava o antes brilhante corselete, e a combinação de sangue seco, suor e descuido permitiram que grandes manchas de ferrugem se arrastassem ao longo dos anéis. A cota estava, apesar disso, livre de rasgos, como Eragon a tinha reparado antes de partir para o Império.

Eragon vestiu a couraça, torcendo o nariz para o fedor da morte e desespero que ela trouxe, e então prendeu braceletes entalhados em seus antebraços e armaduras em suas pernas. Em sua cabeça ele pôs uma espécie de armadura almofadada, uma cota de malha e um elmo. Ele havia perdido o dele – o que ele havia usado em Farthen Dûr e que os anões haviam gravado com a crista do Dûrgrimst Ingeitum – junto com o seu escudo durante a batalha aérea entre Saphira e Thorn. Em suas mãos havia fortes luvas de malha.

Roran se vestiu de maneira similar, embora ele tenha aumentado sua armadura com um escudo de madeira. Uma fina tira de ferro envolvia o lábio do escudo, o melhor para capturar e deter uma espada inimiga. Nenhum escudo sobrecarregava o braço esquerdo de Eragon, o bastão de espinheiro requeria duas mãos para ser manejado propriamente.

Pelas suas costas, Eragon passou a aljava dada a ele pela Rainha Islanzadí. Além de vinte pesadas flechas de carvalho emplumadas com penas de ganso cinza, a aljava continha o arco com armação de prata que a rainha havia cantado da árvore pra ele. O arco já estava tensionado e pronto para o uso.

Saphira amassou o solo sob os seus pés. “Vamos embora!”. Deixando suas bagagens e suprimentos pendurados em um galho de uma árvore juniper, Eragon e Roran subiram nas costas de Saphira. Eles não perderam tempo selando-a; ela havia usado o equipamento durante a noite. O couro moldado estava morno, quase quente, embaixo de Eragon. Ele agarrou um espinho do pescoço em frente a ele – para se manter firme durante súbitas mudanças de direção – enquanto Roran encaixou um grosso braço em volta da cintura de Eragon e bradiu seu martelo com o outro.

Um pedaço de rocha fina estalou sob o peso de Saphira quando ela se ajustou agachando um pouco e então, em um único e vertiginoso movimento, pulou da beira do penhasco, quando se balançou por um momento antes de desdobrar suas enormes asas. As finas membranas reverberaram quando Saphira se erguia para o céu. Verticalmente, elas pareciam duas velas translúcidas.

“Não tão apertado”, grunhiu Eragon.

“Desculpe”, disse Roran. Ele afrouxou o aperto.

Conversas posteriores se tornaram impossíveis quando Saphira pulou novamente. Quando ela atingiu o auge do seu salto, ela trouxe suas asas abaixo com um poderoso grito, levando os três ainda mais alto. Com cada batida subsequente das asas, eles subiram mais perto das lisas, estreitas nuvens que se estendiam de leste a oeste.

Enquanto Saphira se direcionava para Helgrind, Eragon relanceou para sua esquerda e descobriu que, por causa da altura em que estavam, podia ver uma ampla parte da margem do Lago Leona distante algumas milhas. Uma fina camada de névoa, cinza e fantasmagórica no brilho do amanhecer, emanava da água, como se fogo mágico queimasse sobre a superfície do líquido. Eragon tentou, mas mesmo com sua visão de falcão, ele não conseguiu decifrar a costa distante, nem o alcance sul da Espinha a frente, o que ele lamentava. Ele não havia pousado o olhar sobre a cadeia de montanhas da sua infância desde sua partida do Vale Palancar.

Ao norte estava Dras-Leona, uma enorme, desconexa massa que parecia a silhueta de um bloco contra um muro de névoa que margeava seu flanco ocidental. O único prédio que Eragon pôde identificar foi a catedral onde os Ra'zac o atacaram; seu contorno conificado assomava acima do resto da cidade, como uma ponta-de-lança afiada. E em algum lugar na paisagem que se precipitava, Eragon sabia, estava o remanescente do campo onde os Ra'zac feriram Brom mortalmente. Ele permitiu que toda sua raiva e pesar pelos eventos daquele dia – assim como pela morte de Garrow e a destruição da fazenda deles – crescessem de repente dando a ele a coragem, não, o desejo, de enfrentar os Ra'zac em combate.

Eragon, disse Saphira. Hoje nós não precisamos guardar nossas mentes e manter nossos pensamentos em segredo um do outro, precisamos?

Não até que outro mágico apareça.

Um leque de luz dourada irrompeu quando o topo do sol apareceu no horizonte. Em um instante, todo o espectro de cores deu vida ao antes mundo desinteressante: a névoa brilhou branca, a água se tornou de um rico azul, a muralha borrada de lama que circundava o centro de Dras-Leona revelou seus descoloridos lados amarelos, as árvores se encobriam com todos os tons de verde, e o solo corava vermelho e laranja. Helgrind, contudo, continuava como sempre foi – sombria.

A montanha de pedra rapidamente se tornou maior conforme eles se aproximavam. Mesmo do ar isso era intimidador.

Mergulhando na direção da base de Helgrind, Saphira se inclinou tão rápido para sua esquerda que Eragon e Roran poderiam ter caído se já não tivessem prendido suas pernas à sela. Então ela planou em volta da costa de pedregulhos e acima de onde os sacerdotes de Helgrind observavam suas cerimônias. A borda do elmo de Eragon pegou o vento que veio da passagem dela e produziu um uivo que quase o ensurdeceu.

“Então?”, gritou Roran. Ele não podia ver na frente deles. “Os escravos se foram!”.

Um grande peso parecia pressionar Eragon no seu assento enquanto Saphira se afastava do mergulho e voava em espiral em volta de Helgrind, procurando uma entrada para o esconderijo dos Ra'zac.

“Nem mesmo um buraco grande o suficiente para um pequeno cervo” ela declarou. Ela desacelerou e se pendurou em um lugar antes do cume que conectava o terceiro mais baixo dos picos à proeminência acima. O apoio recortado aumentava o barulho produzido por cada golpe de suas asas até que isso ficou alto como um estampido de trovão. Os olhos de Eragon lacrimejaram por causa do ar que pulsava contra sua pele.

Uma teia de veias brancas adornava a parte de trás dos penhascos e pilares, onde a geada se armazenava na fenda que sulcava a pedra. Nada mais perturbava a tristeza da paisagem de Helgrind, de sua muralha varrida pelo vento. Nenhuma árvore crescia no declive rochoso, nem arbustos, grama, musgo, líquens, nem águias se atreviam a fazer ninho sobre a fenda na borda da torre. Fiel a seu nome, Helgrind era um lugar de morte, e ficava encoberta pelos afiados, visíveis dentes quebrados do penhasco como um espectro cheio de espinhos se levantando para caçar a terra.

Avançando com sua mente, Eragon confirmou a presença de um dos escravos, assim como das duas pessoas que ele descobriu no dia anterior que estavam aprisionadas em Helgrind, mas para sua preocupação ele não conseguiu localizar os Ra'zac ou os Lethrblaka. Se eles não estavam lá, onde estavam então? Ele ponderou. Procurando de novo, ele notou algo que o havia iludido antes: uma única flor, uma gentian, florescendo a menos de 50 pés em frente a eles onde, por tudo que é certo, devia haver a mais sólida rocha. Como ela recebia luz suficiente para viver?

Saphira respondeu à pergunta dele pousando com um impulso incompleto muitos pés à direita. Quando ela fez isso, ela perdeu o equilíbrio por um momento e bateu suas asas para se estabilizar. Ao invés de roçar o corpo de Helgrind, a ponta de sua asa direita entrou na rocha e então saiu novamente.

Saphira, você viu isso!

Eu vi.

Inclinando-se para frente, Saphira empurrou a ponta de seu focinho em direção à rocha transparente, parando uma polegada ou duas depois – como se esperando que uma armadilha surgisse – e então continuou o seu avanço. Escama por escama, a cabeça de Saphira escorregou para dentro de Helgrind, até que tudo que ficou visível dela para Eragon foi o pescoço, o dorso e as asas.

É uma ilusão! Saphira exclamou.

Com um súbito movimento de seus poderosos músculos, ela abandonou o plano e arremessou o resto do seu corpo após sua cabeça. Isso exigiu cada partícula de auto-controle de Eragon para não cobrir sua face em uma desesperada tentativa de se proteger conforme o rochedo se precipitou na sua direção.

Um instante depois, ele se achou olhando para a larga, fechada caverna invadida pelo fulgor morno da manhã. As escamas de Saphira refletiram a luz, lançando milhares de manchas azuis na rocha. Olhando ao redor, Eragon não viu parede alguma atrás dele. Só a entrada da caverna e a vista arrebatadora da paisagem além.

Eragon fez uma careta. Nunca lhe ocorreu que Galbatorix teria escondido os Ra'zac com magia. Idiota! Preciso fazer melhor, ele pensou. Subestimar o rei era um caminho certo para que fossem todos mortos.

Roran xingou e disse, “Avise-me antes de fazer algo assim.”

Inclinando-se para frente, Eragon soltou suas pernas da sela enquanto estudava os arredores, alerta para qualquer perigo.

A abertura da caverna era de um oval irregular, talvez 50 pés de altura e 60 pés de largura. Dali, a câmara se expandia até o dobro do tamanho antes de terminar em um grande declive afastado com uma pilha de lajes de pedra grossas que se inclinavam umas contra as outras em uma confusão de ângulos incertos. Um conjunto de riscos cinzentos desfigurava o chão, evidência das muitas vezes em que o Lethrblaka havia levantado vôo, aterrado, e andado por ali. Como se fossem misteriosos buracos de fechadura, cinco túneis baixos perfuravam os lados da caverna, como passagens em forma de arco grandes o bastante para acomodar Saphira. Eragon examinou os túneis com cuidado, mas eles eram escuros e pareciam vazios, fato este que ele confirmou com rápidas incursões da sua mente. Estranhos, desconexos murmúrios ecoaram de dentro das entranhas de Helgrind, sugerindo que coisas desconhecidas se moviam na escuridão, e um gotejamento de água sem fim. Somado ao coro de sussurros vinha o constante sobe e desce da respiração de Saphira, a qual era mais alta nos confins da câmara desnuda.

A característica mais marcante da caverna, entretanto, era a mistura dos odores que impregnava o lugar. O cheiro de rocha fria dominava, mas além dele, Eragon discerniu o odor da umidade e do mofo e de algo muito pior: o fedor nauseante e doce de carne podre.

Soltando as últimas poucas amarras, Eragon virou sua perna direita sobre o dorso de Saphira, então ele estava sentado de lado na sela, e preparado para pular de suas costas.

Roran fez o mesmo do lado oposto.

Antes de pular, Eragon ouviu, entre vários sussurros que alcançavam seu ouvido, uma marcação de simultâneos cliques, como se alguém golpeasse a rocha com vários martelos. O som se repetiu meio segundo depois.

Ele olhou na direção do barulho, assim como Saphira.

Uma enorme, distorcida forma se apressou para fora do arco da passagem. Olhos negros, salientes, bulbosos. Um bico com sete pés de comprimento. Asas como as de um morcego. O torso nu, sem pêlo, com os músculos ondulando. Garras como pontas de ferro.

Saphira balançou enquanto tentava escapar do Lethrblaka, mas sem proveito. A criatura colidiu em seu lado direito com o que Eragon sentiu como a força e a fúria de uma avalanche.

O que exatamente aconteceu em seguida, ele não soube, pois o impacto o lançou através do espaço sem mais do que meio pensamento formado em seu cérebro confuso. Seu vôo cego terminou tão abruptamente como começou quando algo duro e plano bateu contra suas costas, e ele caiu no chão, batendo sua cabeça uma segunda vez.

Essa última colisão tirou o resto do ar para fora dos pulmões de Eragon. Atordoadado, ele se torceu para o lado, arfando e se esforçando para recuperar um pouco de controle sobre seus membros insensíveis.

Eragon! Gritou Saphira.

A preocupação na voz dela estimulou os esforços de Eragon como nada mais poderia. Enquanto a vida retornava para seus braços e pernas, ele se esticou e puxou seu bastão de onde ele havia caído ao seu lado. Ele cravou o ferrão no fim do bastão numa fresta próxima e se arrastou até a haste da vara e pôs-se de pé. Ele oscilou. Uma multidão de faíscas vermelhas dançou diante dele.

A situação estava tão confusa, ele mal sabia para onde olhar primeiro.

Saphira e o Lethrblaka rolaram pela caverna, chutando, arranhando e mordendo um ao outro com força suficiente para retalhar a rocha abaixo deles. O barulho da luta deles deveria ser incredivelmente alto, mas para Eragon eles lutavam em silêncio; seus ouvidos não funcionavam. Todavia, ele sentiu as vibrações através das solas dos seus pés enquanto as bestas colossais se espancavam de um canto a outro, ameaçando esmagar qualquer um que chegasse perto deles.

Uma torrente de fogo azul estourou por entre os dentes de Saphira e banhou o lado esquerdo da cabeça do Lethrblaka num inferno enfurecido quente o bastante para derreter aço. As chamas se curvaram ao redor do Lethrblaka sem lhe causar nenhum prejuízo. Destemido, o monstro bicou o pescoço de Saphira, forçando-a a parar e a se defender.

Rápido como uma flecha lançada por um arco, o segundo Lethrblaka voou pela passagem arqueada, lançou-se sobre o flanco de Saphira, e, abrindo seu bico estreito, emitiu um horrível, destruidor guincho que fez o couro cabeludo de Eragon formigar e um frio carço de medo se formar em seu ventre. Ele rosnou em desconforto, aquilo ele podia ouvir.

O cheiro agora, com os dois Lethrblaka presentes, assemelhou-se ao opressor mau cheiro que se conseguiria jogando três quilos de carne apodrecida em um barril de água de esgoto e deixando a mistura fermentar por uma semana no verão.

Eragon manteve a sua boca calada quando sua garganta se levantou e voltou sua atenção para outro lugar para não vomitar.

A alguns passos de distância, Roran deitava-se curvado contra a parede da caverna, onde ele também havia caído. Exatamente como Eragon assistiu, seu primo levantou um braço e ficou de quatro, e então de pé. Seus olhos estavam lustrosos, e ele cambaleou como se estivesse bêbado.

Atrás de Roran, os dois Ra'zac emergiram de um túnel próximo. Eles usavam longas, foscas espadas de um design antigo em suas mãos mal formadas. Diferentemente dos seus antepassados, os Ra'zac eram aproximadamente do mesmo tamanho e da mesma forma que os humanos. Um negro exoesqueleto os revestia de cima a baixo, embora um pouco à mostra, mesmo em Helgrind, os Ra'zac usavam mantos e capas escuros.

Eles avançaram com uma velocidade surpreendente, seus movimentos rápidos e aos trancos como os de um inseto.

E ainda, Eragon não conseguia senti-los ou os Lethrblaka. Eles também são uma ilusão? ele se perguntou. Mas não, isso não fazia sentido; a carne que Saphira dilacerou com suas garras era real o suficiente. Outra explicação ocorreu a ele: talvez fosse impossível detectar a presença deles. Talvez os Ra'zac pudessem proteger a mente deles dos humanos, sua presa, como as aranhas se protegem das moscas. Neste caso, então Eragon finalmente entendeu porque os Ra'zac haviam sido tão bem sucedidos caçando mágicos e cavaleiros para Galbatorix se eles mesmos não podiam usar magia.

Maldição! Eragon teria feito pragas mais bonitas, mas era hora de ação, não de maldizer a sua sorte. Brom havia desafiado os Ra'zac sem nenhum trunfo à luz do dia, e enquanto isso deve ter sido verdade – dado que Brom teve décadas para inventar feitiços para usar contra os Ra'zac – Eragon sabia disso, sem a vantagem da surpresa, ele, Saphira e Roran seriam sobrecarregados para escapar com vida, sem ao menos resgatar Katrina.

Levantando sua mão direita acima da sua cabeça, Eragon gritou, “Brisingr!” e atirou uma estrondosa bola de fogo na direção dos Ra’zac.

Eles se desviaram, e a bola de fogo se espatifou contra a parede de pedra, queimou por um momento, e então deixou de existir. O feitiço era bobo e infantil e não poderia ter causado considerável dano se Galbatorix tivesse protegido os Ra’zac e os Lethrblaka. Ainda assim, Eragon achou o ataque imensamente satisfatório. Ele também distraiu os Ra’zac por tempo suficiente para Eragon se jogar contra Roran e pressionar suas costas contra as de seu primo.

“Os segure por um minuto”, ele gritou, esperando que Roran pudesse ouvir. Se ele ouviu ou não, Roran captou o que Eragon quis dizer, pois ele se protegeu com seu escudo e levantou seu martelo em preparação para a luta.

O montante de força contida em cada terrível golpe dos Lethrblaka já havia enfraquecido as defesas contra perigo físico que Eragon havia colocado em torno de Saphira. Sem elas, os Lethrblaka haviam inflingido vários arranhões --- longos, mas rasos --- no correr de suas patas e conseguiram esfaqueá-la três vezes com seus bicos; essas feridas eram pequenas mas profundas e causavam a ela uma grande dor.

Dando o troco, Saphira deixou abertas as costelas de um dos Lethrblaka e arrancou os últimos três pés da cauda do outro. O sangue do Lethrblaka, para o espanto de Eragon, era de um azul-verde metálico, ao contrário dos verdetes que se formam em cobre antigo.

Nesse momento o Lethrblaka havia se afastado de Saphira e a estava rodeando, lançando-se aqui e ali com a finalidade de mantê-la encurralada enquanto eles esperavam que ela se cansasse ou até que eles pudessem matá-la com uma estacada de um de seus bicos.

Saphira era melhor feita que os Lethrblaka para combate aberto pela força de suas escamas --- as quais eram mais duras e fortes que a pele cinzenta dos Lethrblaka --- e as presas dela --- as quais eram muito mais fatais em espaços pequenos do que os bicos dos Lethrblaka --- mas apesar de tudo isso, ela tinha dificuldade em atacar as duas criaturas ao mesmo tempo, especialmente porquê o teto a impedia de pular e voar sobre e em volta manobrando seus inimigos. Eragon temia que mesmo que ela prevalecesse, os Lethrblaka iriam mutilada antes que ela os matasse.

Respirando rapidamente, Eragon pronunciou um único feitiço que continha cada uma das doze técnicas de matar que Oromis havia ensinado a ele. Ele foi cuidadoso em pronunciar o encantamento como uma série de processos, para que se as defesas de Galbatorix o abortasse, ele poderia interromper o fluxo da magia. De outra maneira, o feitiço iria consumir suas forças até que ele morresse.

Foi bom que ele tomou precaução. Após libertar o feitiço, Eragon rapidamente se tornou consciente de que a magia não tinha efeito sobre os Lethrblaka, e ele abandonou o ataque. Ele não esperava ser bem sucedido com a palavras de morte tradicionais, mas ele tinha que tentar, na remota chance de Galbatorix ter sido descuidado ou ignorante quando colocou defesas sobre os Lethrblaka e seus filhotes.

Atrás dele Roran gritou, “Yah!”. Um instante depois, uma espada bateu contra seu escudo, seguida do tilintar das ondas enviadas e um repique como o de um sino de uma segunda espada repicando no elmo de Roran.

Eragon percebeu que sua audição estava melhorando.

Os Ra’zac atacaram de novo e de novo, mas cada vez suas armas perdiam a armadura de Roran ou erravam sua face e costelas por um fio de cabelo, não importando quão rápido eles moviam suas lâminas. Roran era muito lento para retaliar, mas os Ra’zac também não conseguiam feri-lo. Eles sibilavam de frustração lançavam um contínuo fluxo de tentativas, as quais pareciam todas mais pérfidas por causa de como os duros maxilares das criaturas batiam deturpando a linguagem.

Eragon sorriu. O casulo de encantamentos que ele havia posto em torno de Roran havia feito seu trabalho. Ele esperava que a teia invisível de energia permanecesse até que ele pudesse achar uma forma de sustar os Lethrblaka.

Tudo tremia e se tornava cinza em volta de Eragon conforme os dois Lethrblaka guinchavam em uníssono. Por um momento, sua vontade o abandonou, deixando-o incapaz de se mover, então ele

se mobilizou e se balançou com um cachorro faria se livrando da influência nociva deles. O som o lembrava de nada mais que um par de crianças gritando com dor.

Então Eragon começou a cantar o mais rápido que podia sem errar a pronúncia da língua antiga. Cada sentença que ele proferia, e elas eram uma legião, continha a potência de levar morte instantânea, e cada morte era única entre as outras. Conforme ele recitava seu improvisado solilóquio, Saphira recebeu outro corte sobre seu flanco esquerdo. Em retribuição, ela quebrou a asa de seu atacante, arrasando a fina membrana de vôo em pedaços com suas garras. Um número de pesados impactos se transmitiu das costas de Roran para as de Eragon conforme os Ra'zac cortavam e esfaqueavam em um frenesi relâmpago-rápido. O maior dos dois Ra'zac começou a contornar em torno de Roran com a finalidade de atacar Eragon diretamente.

E então, no meio do barulho de aço contra aço, e aço contra madeira, e garras contra pedra, veio o arranhão de uma espada deslizado através da armadura, seguida de um som de algo úmido. Roran gritou, e Eragon sentiu sangue salpicar em toda panturrilha de sua perna direita.

Pelo canto do olho, Eragon assistiu conforme uma figura corcunda saltou em sua direção, estendendo sua lâmina-folha espada como se para empalá-lo. O mundo parecia se encolher em volta da fina, estreita ponta; a ponta brilhava como um caco de cristal, cada arranhão uma ameaça de mercúrio na luz brilhante do alvorecer.

Ele só tinha tempo para mais um feitiço antes de ter que se devotar a impedir o Ra'zac de inserir a espada entre seus fígado e rins. Em desespero, ele desistiu de tentar machucar diretamente os Lethrblaka e ao invés gritou "Garjzla, letta!"

Era um feitiço simples, construído apressadamente e pobremente formulado, e ainda assim funcionou. Os olhos bulbosos do Lethrblaka com a asa quebrada se tornaram um conjunto pareado de espelhos, cada um perfeito hemisfério, conforme a magia de Eragon refletia a luz que, de outra forma, teria entrado nas pupilas do Lethrblaka. Cego, a criatura tropeçou e se lançou no ar em uma vã tentativa de atingir Saphira.

Eragon girou o bastão de espinheiro em suas mãos e golpeou o lado da espada do Ra'zac quando esta estava a meros centímetros de suas costelas. O Ra'zac pousou na frente dele e projetou seu pescoço. Eragon recuou conforme um pequeno, grosso bico apareceu das profundezas do capuz. O CHITINOUS apêndice bateu perto do seu olho direito. De uma maneira bem distanciada, Eragon notou que a língua do Ra'zac era farpada e púrpura e contorcida como uma cobra sem cabeça.

Trazendo suas mãos juntas para o centro do bastão, Eragon levou seus braços para frente, acertando o Ra'zac através de sua cavidade torácica jogando o monstro para trás várias jardas. Ele caiu sobre suas mãos e joelhos.

Eragon acercou Roran, cujo lado esquerdo estava escorregadio com sangue, e parou a espada do outro Ra'zac. Ele fintou, bateu a lâmina do Ra'zac, e, quando o Ra'zac golpeou mirando sua garganta, girou a outra metade do bastão através de seu corpo e desviou o impulso. Sem parar, Eragon se lançou a frente e plantou a parte final de madeira do bastão no abdômen do Ra'zac.

Se Eragon estivesse empunhando Zar'roc, ele teria matado em seguida e aí. Como estava, algo rachou dentro do Ra'zac, e a criatura foi rolando através da caverna por uma dúzia ou mais de passos. Ele bateu-se de novo, deixando um esfregão de sangue azul na rocha desigual.

Eu preciso de uma espada, pensou Eragon.

Ele alargou a sua posição conforme os dois Ra'zac convergiram em sua direção; ele não tinha escolha que não manter sua posição e encarar sua arremetida combinada, pois ele era tudo o que permanecia entre aqueles garra-gancho corvos carniceiros e Roran. Ele começou a pronunciar o mesmo feitiço que havia se provado contra os Lethrblaka, mas os Ra'zac executaram altos e baixos golpes antes que ele pudesse proferir uma sílaba.

As espadas se separaram do espinheiro com um incômodo bonk. Eles não amassaram ou de outra forma macularam a madeira encantada.

Esquerda, direita, acima, abaixo. Eragon não pensava; ele agia e reagia conforme trocava uma onda de golpes com os Ra'zac. O bastão era ideal para lutar com múltiplos oponentes, pois ele podia atacar e bloquear com ambas as extremidades, e frequentemente simultaneamente. Essa habilidade o servia bem agora. Suor pingava de sua testa e se recolhia nos cantos de seus olhos, e uma camada



engraxava suas costas e as partes internas de seus braços. A poeira vermelha da batalha diminuiu sua visão e palpitava em resposta às convulsões do seu coração.

Ele nunca se sentiu tão vivo, ou com medo, como quando ele estava lutando.

As próprias defesas de Eragon estavam escassas. Desde que ele havia concentrado o grosso de sua atenção em Saphira e Roran, as defesas mágicas de Eragon logo falharam, e o Ra'zac menor o feriu na parte externa de seu joelho esquerdo. A injúria não era perigo a vida, mas ainda assim era séria, pois sua perna esquerda não poderia suportar todo o seu peso por muito tempo.

Apertando a ponta superior, Eragon balançou o bastão como um taco e bateu em um dos Ra'zac na parte de cima da cabeça. O Ra'zac desabou, mas se ele estava morto ou apenas inconsciente, Eragon não podia dizer.

Avançando sobre o Ra'zac remanescente, ele acertou os braços e ombros da criatura e, com um repentino movimento, golpeou a espada para fora de suas mãos.

Antes que Eragon pudesse finalizar o Ra'zac, o cego, de asa quebrada Lethrblaka voou pela largura da caverna e bateu contra a parede mais distante, fazendo soltar uma chuva de flocos de pedras do teto. A visão e o som eram tão colossais, que fizeram Eragon, Roran e o Ra'zac esquivassem e virarem, simplesmente por instinto.

Pulando atrás do Lethrblaka aleijado, o qual ela havia acabado de chutar, Saphira afundou seus dentes nas costas do enérgico pescoço da criatura. O Lethrblaka esperneou em um esforço final para se libertar, e então Saphira chicoteou sua cabeça de um lado para outro e quebrou sua espinha. Erguendo-se de sua matança sangrenta, Saphira encheu a caverna com um urro selvagem de vitória. O remanescente Lethrblaka não hesitou. Enfrentando Saphira, ele cravou suas garras debaixo das bordas de suas escamas, o que a levou a um incontável tremor. Juntos eles rolaram para a borda da caverna, equilibraram-se por meio segundo, e então saíram de vista, lutando por todo o caminho. Era uma tática esperta, pois levava o Lethrblaka para fora do alcance dos sentidos de Eragon, e aquilo que ele não podia sentir, ele teria dificuldade em lançar um feitiço contra.

Saphira! Gritou Eragon.

Atente-se a você. Este um não vai me escapar.

Com um tranco, Eragon girou em torno em tempo de ver os dois Ra'zac sumirem nas profundezas do túnel mais próximo, o menor suportando o maior. Fechando seus olhos, Eragon localizou as mentes dos prisioneiros em Helgrind, murmurou trecho da língua antiga, então disse a Roran, “Eu vedei a cela de Katrina para que os Ra'zac não possam usá-la como refém. Somente você ou eu podemos abrir a porta agora.”

“Bom”, disse Roran por entre dentes cerrados. “Você pode fazer algo sobre isso?” Ele apontou seu queixo na direção da mancha que ele havia bloqueado com sua mão direita. Sangue escorria entre seus dedos. Eragon examinou a ferida. Tão logo ele a tocou, Roran titubeou e recuou.

“Você é sortudo,” disse Eragon. “A espada atingiu uma costela.” Colocando uma mão na ferida e a outra nos doze diamantes camuflados dentro do cinto de Beloth, o Sábio preso em torno de sua cintura, Eragon retirou o poder que ele havia estocado dentro das gemas. “Waíse heill!” uma ondulação percorreu o lado de Roran conforme a mágica tricotava sua pele e músculo juntos novamente.

Então Eragon curou sua própria ferida: o rasgo no seu joelho esquerdo.

Terminado, ele se endireitou e olhou na direção em que Saphira havia ido. Sua conexão com ela estava falhando conforme ela perseguia o Lethrblaka através do Lago Leona. Ele suspirava desejoso por ajudá-la, mas sabia que, por enquanto, ela teria que se defender.

“Depressa,” disse Roran. “Eles estão escapando!”

“Certo.”

Prontificando seu bastão, Eragon se aproximou do túnel não iluminado e relanceou seu olhar de uma protrusão rochosa para outra, esperando os Ra'zac pularem de trás de uma delas. Ele se moveu lentamente para que seus passos não ecoassem nos sinuosos veios. Quando acontecia dele tocar uma rocha para se firmar, ele a encontrava encoberta em lodo.

Depois de várias jardas, várias dobras e torções na passagem escondida na caverna principal e mergulharam em quase escuridão tão profunda, que mesmo Eragon achou impossível enxergar.

“Talvez você seja diferente, mas eu não posso lutar no escuro”, sussurrou Roran.

“Se eu fizer uma luz, os Ra’zac não iram se aproximar de nós, não quando eu sei o feitiço que funciona neles. Eles vão simplesmente se esconder até nós irmos. Nós temos que matá-los enquanto temos a chance.”

“O que eu devo fazer? É mais provável que eu vá de encontro a uma parede e quebre meu nariz do que achar aqueles dois besouros... Eles podem esgueirar-se por trás de nós e nos golpear nas costas.”

“Shh. ... Segure-se no meu cinto, me siga, e esteja preparado para se abaixar.”

Eragon não podia ver, mas ele ainda podia ouvir, cheirar, tocar e provar, e essas faculdades eram sensíveis o suficiente para que ele tivesse uma boa idéia do que estava por perto. O maior perigo era que os Ra’zac pudessem atacar a distância, talvez com um arco, mas ele confiava que seus reflexos eram afiados o suficiente para salvar Roran e ele mesmo de uma seta próxima.

Uma corrente de ar roçou a pele de Eragon, então parava e se virava conforme a pressão externa aumentava e desvanecia. O ciclo se repetia em intervalos inconsistentes, criando invisíveis turbilhões que escovavam contra ele como fontes de águas rolantes.

Sua respiração, e a de Roran, eram alta e desigual comparada com o estranho sortimento de sons que se propagava através do túnel. Acima das rajadas de suas respirações, Eragon percebeu o tink, clink, clatter de uma pedra caindo de algum lugar das ramificadas linhas emaranhadas e o contínuo doink . . . doink . . . doink das gotículas condensadas atingindo a superfície como a um tambor na lagoa subterrânea. Ele também ouviu o despedaçar de pedras do tamanho de uma ervilha esmagadas sob a sola de suas botas. Um longo, misterioso lamento se pronunciou de algum lugar bem à frente deles.

Dos cheiros, nenhum era novo: suor, sangue, umidade e mofo.

Passo a passo, Eragon mostrou o caminho conforme eles se entocavam mais fundo nas entranhas de Helgrind. O túnel inclinava para baixo e frequentemente se dividia ou virava, tanto que Eragon teria rapidamente se perdido se ele não tivesse sido capaz de usar a mente de Katrina como ponto de referência. Os vários buracos protuberantes eram baixos e acanhados. Uma vez, quando Eragon bateu sua cabeça contra o teto, uma repentina sensação de claustrofobia o enervou.

Eu voltei, Saphira anunciou no momento em que Eragon colocou seu pé em um degrau acidentado cortando a rocha abaixo dele. Ele parou. Ela havia escapado a adicionais ferimentos, o que o aliviava.

E o Lethrblaka?

Flutuando de barriga pra cima no Lago Leona. Eu receio que alguns pescadores viram nossa batalha. Eles estavam remando na direção de Dras-Leona quando eu os vi pela última vez.

Bem, isso não pode ser remediado. Veja o que você pode encontrar no túnel de onde o Lethrblaka saiu e fica atenta aos Ra’zac. Eles podem tentar escorregar por nós e escapar de Helgrind pela entrada que usamos.

Eles provavelmente têm uma saída na altura do chão.

Provavelmente, mas eu não acho que eles vão fugir ainda.

Depois do que pareceu uma hora aprisionado na escuridão --- apesar de Eragon saber que não podia ter sido mais do que dez ou quinze minutos --- e depois de descer mais do que uma centena de pés através de Helgrind, Eragon parou em um nível diferente de pedra. Transmitindo seus pensamentos para Roran, ele disse, a cela de Katrina está a uns cinquenta pés à nossa frente, à direita.

Nós não podemos arriscar libertá-la até que os Ra’zac estejam mortos ou tenham partido.

E se eles não se revelarem até que nós a deixemos sair? Por alguma razão, eu não consigo senti-los. Eles podem se esconder de mim até o apocalipse aqui. Então nós esperamos por quem sabe quanto tempo, ou nós libertamos Katrina enquanto ainda temos a chance? Eu posso colocar algumas defesas em volta dela que devem protegê-la da maioria dos ataques.

Roran ficou quieto por um segundo. Vamos libertá-la, então.

Eles começaram a se mover para frente novamente, sentindo seu caminho ao longo do espremido corredor que era bruto, de chão inacabado. Eragon teve que dedicar a maior parte de sua atenção a sua pisada a fim de manter seu equilíbrio.

Como resultado, ele quase perdeu o farfalhar de roupa deslizando ao longo de roupa e então o fraco twang que emanou de sua direita.

Ele recuou contra a parede, empurrando Roran pra trás. Ao mesmo tempo, algo perfurante passou por sua face, esculpindo uma linha estreita na carne de sua bochecha esquerda. A fina trincheira queimou como se cauterizasse.

“Kveykva!” gritou Eragon.

Luz vermelha, brilhando como o sol do meio-dia, deflagrou-se na existência. Ela não tinha fonte, e apesar disso iluminava cada superfície uniformemente e sem sombras, dando às coisas uma curiosa aparência plana. O repentino alardeio deslumbrou Eragon, mas fez mais do que isso ao solitário Ra’zac na sua frente; a criatura deixou cair seu arco, cobriu sua face encapuzada, e gritou alto e estridente. Um guincho similar disse a Eragon que o segundo Ra’zac estava atrás dele.

Roran!

Eragon se virou a tempo de ver Roran carregar o outro Ra’zac, martelo seguro no alto. O monstro desorientado tropeçou para trás, mas foi muito lento. O martelo desceu. “Por meu pai!” gritou Roran. Ele golpeou novamente. “Por nosso lar!” O Ra’zac já estava morto, mas Roran ergueu o martelo mais uma vez. “Por Carvahall!” Seu golpe final despedaçou a carapaça do Ra’zac como a casca de uma abóbora seca. No impiedoso clarão rubi, a poça espalhada de sangue parecia púrpura. Girando seu bastão em um círculo para acertar ao lado a flecha ou espada que ele estava convencido estava vindo em sua direção, Eragon se virou para enfrentar o Ra’zac remanescente. O túnel diante deles estava vazio. Ele praguejou.

Eragon se dirigiu para a retorcida figura no chão. Ele levou o bastão acima de sua cabeça e trouxe-o para baixo no peito do Ra’zac morto com um ressonante baque.

“Eu tenho esperado um longo tempo para fazer isso,” disse Eragon.

“Assim como eu.”

Ele e Roran olharam um para o outro.

“Ahh!” gritou Eragon, e apertou sua bochecha conforme a dor intensificou. “Está borbulhando!” exclamou Roran.

“Faça alguma coisa!”

O Ra’zac deve ter revestido a ponta da flecha com óleo de Seithr, pensou Eragon. Lembrando seu treino, ele limpou a ferida e o tecido circundante com um encantamento a então reparou o dano a sua face. Ele abriu e fechou sua boca várias vezes para ter certeza de que os músculos estavam funcionando propriamente. Com um sorriso impiedoso, ele disse, “Imagine o estado em que estaria sem mágica.”

“Sem mágica, nós não teríamos que nos preocupar com Galbatorix”

Conversem depois, disse Saphira. Assim que aqueles pescadores alcançarem Dras-Leona, o rei deve ouvir sobre os nossos feitos de um de seus mágicos de estimação na cidade, e nós não queremos Galbatorix observando Helgrind enquanto ainda estamos aqui.

Sim, sim, disse Eragon. Extinguindo o onipresente brilho vermelho, ele disse, “Brisingr raudhr,” e criou uma luz vermelha como aquela da noite anterior, salvo que esta permanecia ancorada a seis polegadas do teto ao invés de acompanhar Eragon aonde quer que ele fosse.

Agora que ele tinha uma oportunidade de examinar o túnel em detalhes. Eragon viu que algumas rochas no meio do caminho eram dotadas com vinte ou mais portas de aço, algumas de ambos os lados. Ele apontou e disse. “nona abaixo, à direita. Você vai pegá-la. Eu vou checar as outras celas. Os Ra’zac podem ter deixado algo interessante nelas.”

Roran concordou. Agachando, ele procurou no corpo a seus pés, mas não achou as chaves. Ele encolheu os ombros. “Eu farei do jeito difícil então.” Ele correu para a porta certa, abandonou seu escudo, e começou a trabalhar nas dobradiças com seu martelo. Cada golpe criava um baque temeroso.

Eragon não se ofereceu para ajudar. Seu primo não iria querer ou apreciar assistência agora, e, além disso, havia algo mais que Eragon tinha que fazer. Ele foi para a primeira cela, sussurrou três palavras, então, depois que a fechadura caiu aberta, afastou a porta. Tudo que o pequeno cômodo continha era uma corrente negra e uma pilha de ossos apodrecidos. Estes tristes restos eram mais do

que ele esperava; ele já sabia onde o objeto de sua busca estava, mas ele manteve a charada de ignorância para evitar aguçar as suspeitas de Roran.

Mais duas portas se abriram e fecharam sob o toque dos dedos de Eragon. Então, na quarta cela, a porta abriu para admitir a radiância deslocada da luz e revelar o próprio homem que Eragon esperava não encontrar: Sloan.



# DIVERGÊNCIA

O açougueiro caiu contra a parede de seu lado esquerdo, com ambos os braços presos a um anel de ferro que estava acima da sua cabeça.

Suas roupas esfarrapadas mal cobriam sua palidez e seu corpo magro, as pontas de seus ossos se destacavam por aparecer por debaixo de sua pele translúcida. Suas veias azuis também estavam destacadas. Haviām formado feridas sobre seus pulsos desgastados pelas algemas. As úlceras pareciam uma mistura de um líquido claro com sangue. O que restou de seu cabelo ficou cinza ou branco e pendurado em cordas finas ao longo de seu suntuoso rosto irregular.

Despertado pelo som estridente do martelo de Roran, Sloan levantou seu queixo em direção à luz e, em voz alta, perguntou:

"Quem é? Quem está aí?"

Seu cabelo se partiu e deslizou para trás, expondo seus olhos, que tinham afundado profundamente em seu crânio. Onde suas pálpebras deveriam estar, agora só havia um pequeno número de pedaços de panos esfarrapados, em sua pele ao longo de seus machucados internos. A área ao redor delas foi ferida e estava cicatrizando.

Com um choque, Eragon percebeu que tinha bicadas de Ra'zac nos olhos de Sloan.

O que Eragon deveria fazer, se eles não puderam decidir? O açougueiro havia dito aos Ra'zac que Eragon havia encontrado o ovo de Saphira. Além disso, Sloan tinha assassinado o vigia, Byrd, e tinha traído Carvahall à favor do Império. Se ele fosse levado até seus compatriotas aldeões, sem dúvida, Sloan seria culpado, e condenado à forca.

Para Eragon parecia certo, que o açougueiro deveria morrer pelos seus crimes. Mas essa não foi à fonte de sua incerteza. Pelo contrário, ela surgiu do fato de que Roran amava Katrina, e Katrina, qualquer que seja o que Sloan tenha feito, ela ainda deve ter certo grau de afeto para com seu pai. Assistindo a um árbitro em público denunciando as infrações de Sloan e, em seguida, morrendo enforcado não seria fácil para ela, ou, por extensão, Roran.

Essas dificuldades podem até mesmo criar discórdia entre eles o suficiente para terminar seu noivado. De qualquer maneira, Eragon estava convencido de que a volta de Sloan, seria semear discórdia entre eles, Roran, Katrina, e os outros moradores, e poderia gerar indignação suficiente para distraí-los de suas lutas contra o Império.

"A solução mais fácil", pensou Eragon, "era matá-lo e falar que ele estava morto na cela."

Seus lábios tremeram, umas das palavras de morte pesaram em sua língua.

"O que você quer?" perguntou Sloan. Ele virou seu rosto de lado para o outro com a intenção de ouvir melhor. "Eu já te disse tudo que sabia!"

Eragon parou-se por hesitação. A culpa de Sloan não estava em disputa, ele era um assassino e traidor. Qualquer prova o sentenciaria à morte. Não desmerecendo aqueles argumentos, agora era Sloan que se curvava em frente dele, um homem que ele conheceu sua vida toda. O açougueiro devia ser uma pessoa desprezível, mas as riquezas das memórias e experiências que havia compartilhado com ele trazia uma certa intimidade que perturbava a mente de Eragon. Golpear Sloan seria como golpear Horst, Loring ou qualquer um dos aldeões de Carvahall.

Eragon preparou-se novamente para liberar a palavra de morte.

Uma imagem apareceu em sua mente: Torkenbrand, o traficante de escravos que ele e Murtagh encontraram durante sua fuga para os Varden, ajoelhado na terra e Murtagh avançando em cima dele e decapitando-o. Eragon lembrou-se de como se opôs ao feito de Murtagh e como isso perturbou sua mente por dias.

"Será que eu mudei tanto que conseguiria fazer a mesma coisa agora?", perguntou a si mesmo, "Como Roran disse, eu matei, mas apenas durante a batalha, nunca assim."

Ele olhou por cima de seu ombro enquanto Roran quebrava a última dobradiça da porta da cela de Katrina. Deixando cair seu martelo, Roran preparou-se para arrombar a porta, mas por outro lado pensou melhor e tentou tirar ela livremente de sua armação. A porta levantou uma fração de

polegada e a seguir parou.

“Me dê uma mão aqui!” ele pediu “Não quero falhar com ela!”

Eragon olhou para trás, para o açougueiro desgraçado. Ele não tinha mais tempo para passeios mentais. Ele teria que escolher. Um caminho ou outro, ele tinha que escolher...

“Eragon!”

“*Eu não sei o que é certo*”, percebeu Eragon. Sua única incerteza o dizia que seria errado matar Sloan ou retorná-lo aos Varden. Ele não tinha idéia do que ele deveria fazer em vez disso, a não ser encontrar um terceiro caminho, um que fosse menos óbvio e menos violento. Levantando sua mão, como se fosse uma bênção, Eragon sussurrou “Slytha”. As algemas de Sloan tilintaram quando ele ficou flácido, caindo em sono profundo.

Assim que teve certeza que o feitiço havia se consolidado, Eragon fechou e trancou novamente a porta da cela e repôs suas defesas em torno dela.

“O que você quer fazer, Eragon?”, perguntou Saphira.

“Espere até estarmos juntos novamente. Então eu explicarei”

“Explicar o quê? Você não tem um plano.”

“Me dê um minuto e eu terei.”

“O que está aí?” Perguntou Roran assim que Eragon posicionou-se contrariamente a ele.

“Sloan.” Eragon ajustou seu poder na porta entre eles. “Ele está morto.” Os olhos de Roran arregalaram-se.

“Como?”

“Parece que eles quebraram seu pescoço”

Por um instante, Eragon temeu que Roran não acreditasse nele. Então seu primo grunhiu e disse: “É melhor desse jeito, suponho. Pronto? Um, dois, três”. Juntos, levantaram a porta maciça e jogaram através do corredor. O corredor de pedra retornou-lhes o barulho várias vezes. Sem pausa, Roran apressou-se e correu para dentro da cela, que era iluminada por uma única tocha. Eragon seguiu-o um pouco atrás. Katrina encolheu-se na extremidade de um berço de ferro.

“Deixem-me em paz, seus bastardos desdentados! Eu...” Ela parou, pois como Roran pisou na frente após um golpe mudo. Sua cara estava branca pela falta de sol e listrada com sujeira, contudo nesse momento, um olhar de tal maravilha e de amor macio floresceu em cima de suas características, e Eragon pensou que ele raramente viu alguém tão bonito. Sem tirar seus olhos de Roran, Katrina parou e com uma mão trêmula, tocou sua bochecha.

“Você veio”

“Eu vim”

Uma risada saiu de Roran e ele a tomou em seus braços, colocando-a contra seu peito. Eles se perderam nesse abraço por um longo momento. Novamente separados, Roran beijou seus lábios por três vezes.

“Você deixou a barba crescer!”. De todas as coisas que ela poderia ter dito, aquela era inesperada, e soou assim quando Eragon riu em resposta. À primeira vista, Katrina pareceu tentar avisá-lo. Olhou de relance por sobre ele, pôs-se em frente à Eragon e estudou seu rosto, com cuidado aparente.

“Eragon, é você?”

“Sim”

“Ele é um cavaleiro de Dragão agora” disse Roran.

“Um Cavaleiro, você quer dizer...” Ela parou no meio da frase. A revelação pareceu oprimi-la. Olhando para Roran, como se isso fosse uma proteção, ela o trouxe ainda mais para perto, e encolheu-se em volta dele, ficando longe de Eragon. Para Roran, ela disse: “Como você me encontrou? Quem mais está com você?”

“Contarei tudo isso depois. Temos que sair logo de Helgrind antes que o império todo venha correndo atrás de nós.”

“Espere! E quanto ao meu pai? Você o encontrou?”

Roran olhou para Eragon, que retribuiu seu olhar para Katrina e disse gentilmente:

“Nós chegamos um tanto quanto atrasados”.

Um arrepiou atravessou o corpo de Katrina. Fechou seus olhos, mas uma lágrima solitária escapou e

escorreu abaixo do lado de seu rosto.

“Então, que assim seja”.

Enquanto eles falavam, Eragon, freneticamente, tentava descobrir como mataria Sloan, embora escondesse suas deliberações de Saphira, sabia que ela desaprovava o rumo que seus pensamentos tomaram. Um esquema começou a tomar forma em sua mente. Era um conceito estranho, preocupante com o perigo e a incerteza, mas era o único trajeto viável, dado as circunstâncias.

Abandonando reflexões adicionais, Eragon saltou para a ação. Ele tinha muito a fazer em pouco tempo.

“Jierda!”, gritou apontando. Com um estouro de faíscas e fragmentos azuis do vôo, as faixas de metal rebitadas ao redor do tornozelo de Katrina quebraram distantes. Katrina pulou de surpresa.

“Magia...” , sussurrou ela.

“Um feitiço simples”. Ela encolheu-se do seu toque quando ele esticou sua mão em direção a ela.

“Katrina, eu tenho que ter certeza que Galbatorix ou algum dos seus mágicos não te encantaram com nenhuma armadilha ou te forçaram a jurar coisas na língua antiga.”

“A língua”

Roran a interrompeu. “Eragon! faça isso enquanto fazemos acampamento! Não podemos ficar aqui.”

“Não”. Eragon lançou seu braço ao ar. “Farei isso agora!”. Roran moveu-se de lado e permitiu a Eragon pôr suas mãos em cima do ombro de Katrina. “Apenas olhe dentro dos meus olhos”. Ela acenou e obedeceu. Essa foi a primeira vez que Eragon teve uma razão para usar os feitiços que Oromis o ensinou para detectar feitiços de outros mágicos, e ele teve dificuldade de se lembrar de cada palavra dos pergaminhos de Ellésmera.

Os lapsos em sua memória eram tão grandes que de três exemplos, teve que confiar em um sinônimo para terminar um encanto. Por um longo tempo, Eragon olhou nos olhos cintilantes de Katrina e vocalizou frases na língua antiga, e ocasionalmente examinava algumas de suas memórias para a evidência de que alguém a havia alterado. Ele foi gentil o quanto possível, ao contrário dos Gêmeos, que haviam devastado sua mente num processo similar no dia que ele chegou em Farthen Dûr. Roran montou guarda, e passeava pra frente e para trás na frente da entrada aberta. Cada segundo que foi perdido aumentou sua agitação, apertou seu martelo e tocou a cabeça dele contra a parte superior da coxa, enquanto mantinha o tempo como uma peça de música.

Por fim, Eragon liberou Katrina. “Eu acabei”.

“O que você encontrou?” sussurrou Katrina. Ela abraçou a si mesma, sua testa revelava linhas de preocupação enquanto ela esperava seu veredicto. Silêncio dominou a cela quando Roran parou em um estado de nervos.

“Nada a não ser os seus próprios pensamentos. Você está livre de qualquer feitiço.”

“Claro que ela está”, grunhiu Roran, e a tomou em seus braços novamente.

Juntos, os três saíram da cela.

“Brisingr, iet tauthr”, disse Eragon, gesticulando em direção à luz tênue que continuou flutuando em direção ao teto do corredor. A esfera de incandescência foi arremessada a um ponto diretamente sobre sua cabeça e lá ficou, flutuando como um pedaço de madeira flutuante na ressaca. Eragon fez a ligação enquanto eles corriam de volta à cadeia de túneis das quais haviam saído. Enquanto corria, através da rocha lisa, ele se concentrou no Ra'zac restante, ao mesmo tempo em que erguia defesas para proteger Katrina. Atrás dele, ele ouviu Roran e Katrina trocarem uma série de frases curtas e palavras isoladas:

“Eu te amo...Horst e os outros estão seguros...Sempre...Pra você...Sim...Sim...Sim...Sim.”. A confiança e o afeto que eles compartilhavam estavam tão óbvios que isso estimulou um grande desejo em Eragon.

Quando eles estavam a dez metros da caverna principal e puderam começar a ver o fulgor fraco na frente deles, Eragon extinguiu a luz tênue. Alguns passos a atrás, Katrina desacelerou, então eles a colocaram contra o lado do túnel e cobriram seu rosto.

“Eu não posso. Está muito claro, meus olhos doem”. Roran rapidamente moveu-se pra frente dela, pondo-a na sombra.

“Quando foi a última vez que você esteve lá fora?”

“Eu não sei”. Uma nota de pânico cresceu em sua voz. ‘Eu não sei! Não desde que eles me trouxeram aqui. Roran, eu estou ficando cega?’ Ela fungou e começou a chorar.

Suas lágrimas surpreenderam Eragon. Ele sempre se lembrava dela como alguém de incrível força e coragem, mas também, ela passou muitas semanas trancada na escuridão, temendo por sua vida.

“Eu não seria mais eu mesmo se estivesse em seu lugar.”, pensou Eragon.

“Não, você está bem. Você só precisa se acostumar com o sol de novo.” Roran acariciou seu cabelo.

“Vamos lá. Não deixe isso perturbar você. Tudo está se encaixando... Você está salva agora. Salva, Katrina. Você me ouviu?”

“Eu te ouvi”.

Embora ele odiasse arruinar a túnica dos elfos, Eragon rasgou um pedaço da borda inferior de seu vestuário. Entregou à Katrina e disse:

“Tome, amarre isso sobre seus olhos, mas você deve estar capaz de ver suficientemente bem apenas para manter-se livre de quedas ou batidas em alguma coisa.” Ela agradeceu a ele e então vendou-se.

Avançando novamente, o trio emergiu pelo túnel principal ensolarado, o sangue salpicado cheirava mais mal do que antes, devido às emanções nocivas que saíam do corpo do Lethrblaka, mesmo que Saphira aparecesse dentro das profundidades da lanceta que abria exatamente oposta a eles. Vendo ela, Katrina ofegou e correu a Roran, enterrando os dedos dela em seus braços.

Eragon disse:

“Katrina, permita-me colocá-la em Saphira. Eu sou seu Cavaleiro. Ela poderá entender se você falar com ela.”

“É uma honra, ó Dragão.” Falou Katrina a Saphira. Ela curvou seus joelhos em uma imitação fraca de uma reverência. Saphira inclinou sua cabeça em retorno. Então, encarou Eragon.

“Eu procurei o ninho dos Ra'zac mas tudo o que encontrei foram ossos, ossos e mais ossos, inclusive alguns que cheiravam a carne humana. Os Ra'zac devem ter comido os escravos ontem à noite.”

“Eu queria que pudéssemos tê-los salvado.”

“Eu sei, mas não se pode salvar todos nesta guerra.”

Gesticulando para Saphira, Eragon disse “Vai em frente. Me juntarei a vocês em um momento.”

Katrina hesitou e então olhou para Roran, que acenou com a cabeça e murmurou “Está tudo bem, Saphira nos trouxe aqui.” Juntos, o casal contornou o corpo do Lethrblaka enquanto se aproximavam de Saphira, que se inclinou horizontalmente em direção à sua barriga, para que pudessem montá-la. Juntando suas mãos para formar uma espécie de escada, Roran levantou Katrina alto o suficiente para que ela escalasse a coxa da perna esquerda de Saphira. De lá Katrina escalou as cintas amarradas para uso do pé na sela e equilibrou-se sobre a sela nos ombros de Saphira. Como uma cabra de montanha que pula de uma borda a outra, Roran duplicou sua subida. Entrando na caverna depois deles, Eragon examinou Saphira, avaliando a seriedade de seus vários arranhões, cortes, equimoses e feridas de faca. Para fazê-lo, ele sentiu novamente tudo o que ela sentiu, em soma ao que ele pôde ver.

“Por bondade,” disse Saphira, “Guarde suas reservas de força até que estejamos bem fora do perigo. Eu não irei sangrar até a morte.”

“Isso não é bem verdade, e você sabe disso. Você está sangrando por dentro. Se eu não parar isso agora, você irá sofrer complicações que eu não posso suportar, e então nós nunca iremos voltar até os Varden. Não discuta, você não pode mudar meu ponto de vista, e eu não vou tomar um minuto.”

Quando acabou, Eragon tomou alguns minutos para restaurar Saphira à sua saúde anterior. Seus ferimentos foram severos o suficiente que para completar o feitiço Eragon teve que exaurir as reservas do cinto de Beloth, o Sábio, e depois disso, teve que extrair forças das gastas reservas de Saphira. Sempre que ele se deslocava de uma ferida maior a uma menor, ela dizia que estava sendo insensato e pedia por favor para ele deixar isso pra lá, mas ele ignorava suas queixas, muito ao seu descontentamento crescente.

Mais tarde, Eragon caiu, cansado da magia e da luta. Passando rapidamente um dos dedos para um lugar onde os Lethrblaka a haviam perfurado com seus bicos, ele disse: “Você deveria ter Arya ou



algum outro elfo que inspecione meus trabalhos manuais como esse. Eu fiz o meu melhor, mas ainda posso ter faltado com alguma coisa.”

“Eu aprecio seu interesse em meu bem-estar”, ela respondeu, “mas esse não é o lugar para demonstrações de bondade. Definitivamente, deixe-nos ir!”

“Sim, está na hora de ir”.

Andando para trás, Eragon pulou longe de Saphira, na direção do túnel atrás dele.

“Vamos!”, chamou Roran, “Se apresse!”

“Eragon!” exclamou Saphira. Eragon agitou sua cabeça. “Não, vou permanecer aqui”.

“Você”, começou a dizer Roran, mas um rosnado furioso de Saphira o interrompeu. Ela ricocheteou sua cauda contra o lado da caverna e juntou o assoalho com as suas garras, de modo que o osso e a pedra guinchassem no que soou com uma agonia mortal.

“Escute!” disse Eragon, “Um dos Ra'zac continua solto. E pense o que mais pode estar em Helgrind: pergaminhos, poções, informações sobre as atividades do Império, coisas que podem nos ajudar! Os Ra'zac podem ter até mesmo ovos deles guardados aqui! Se eles tiverem, eu tenho que destruí-los antes que Galbatorix pegue-os para si mesmo.”

Para Saphira, Eragon disse também:

“Eu não posso matar Sloan, eu não posso deixar Roran ou Katrina verem ele, e não posso deixar ele morrer na cela ou algum dos homens de Galbatorix recapturarem ele. Me desculpe, mas eu terei que decidir sobre Sloan eu mesmo.”

“Como você vai sair do Império?” questionou Roran.

“Irei correr. Sou tão rápido como um elfo, você sabe disso.”

A ponta da cauda de Saphira se contraiu. Esse foi o único aviso que Eragon teve antes que ela pulasse em cima dele, estendendo uma de suas brilhosas patas. Ele fugiu, precipitando-se para o túnel uma fração de segundo antes que o pé de Saphira passasse pelo lugar onde havia antes estado. Saphira derrapou num batente e rugiu com frustração quando viu que não era capaz de segui-lo pelo estreito cerco.

Seu volume obstruiu a maioria da luz. A pedra agitou-se em torno de Eragon quando ela arranhou a pedra e quebrou a entrada com suas garras e dentes, quebrando pedaços grandes. Seus rosnados ferozes e a vista de seu focinho mexendo-se ao longo de seu antebraço emitia um pouco de medo em Eragon. Ele entendeu como um coelho se sente quando ele refugia-se em sua toca e um lobo a escava atrás dele.

“Gánga”, ele gritou.

“Não!”

Saphira direcionou sua cabeça ao chão e soltou um grito afiado, e seus olhos estavam grandes e chorados.

“Gánga! Eu te amo, Saphira, mas você tem que ir.”

Ela retornou várias jardas pelo túnel e bufou, miando como um pequeno gato. Eragon odiou fazê-la infeliz, e ele odiou mandá-la embora, isso foi como se ele estivesse se rasgando distantemente. A indulgência de Saphira voou pelo elo mental deles, e a sua própria angústia quase o paralisou. De algum jeito ele teve a coragem de dizer: “Gánga! E não venha ou mande ninguém atrás de mim. Eu ficarei bem. Gánga! Gánga!”. Saphira urrou com frustração e dirigiu-se à boca da caverna. De algum lugar da cela, Roran disse “Eragon! Vamos! Você é muito importante de se arriscar”

Uma combinação de barulho e movimento obscureceu o restante de sua sentença quando Saphira jogou-se da caverna. No céu desobstruído, suas escamas faiscaram como uma multidão de diamantes azuis brilhantes. Ela era, como Eragon pensou, magnífica, orgulhosa, nobre e mais bonita que qualquer criatura viva. Nenhum veado ou dragão podia competir com a majestade de um dragão no vôo. Ela disse: “Uma semana, é o que eu irei esperar. Se não, eu me juntarei a você, Eragon, mesmo que eu tenha que lutar contra Thorn, Shruikan e centenas de mágicos”. Ele ficou ali, até que ela tivesse se afastado e ele não mais pudesse tocar sua mente. Então, com seu coração pesado, enquadrou seus ombros longe do sol e das coisas brilhantes e entrou novamente nos sombrios túneis.



## O CAVALEIRO E O RA'ZAC

Eragon estava sentado no corredor cercado de celas nas laterais, próximo do centro de Helgrind. O espaço era banhado pela luz fria que ele mesmo criara. E ele mantinha-se com o bastão pousado no colo.

A sua voz ecoava na rocha, ao repetir varias vezes a mesma frase na língua antiga. Não era um feitiço, mas uma mensagem para o Ra'zac que restava, e significava: "Venha, devorador de carne humana, vamos acabar com essa luta. Você está ferido e eu estou exausto. Os seus companheiros estão mortos e eu estou sozinho. Estamos em níveis iguais. Prometo não usar magia, nem feri-lo ou encurralá-lo com os feitiços que já lancei. Venha, devorador de carne humana, vamos acabar com a nossa luta..."

Parecia que estava falando há uma eternidade: um nunca-mais proferido numa câmara pavorosamente sombria, onde suas palavras tinham pouca importância. Algum tempo depois, o clamor cessou na sua mente e Eragon sentiu-se invadido por uma estranha tranquilidade.

Silenciou-se, em estado de alerta.

O Ra'zac estava dez metros à sua frente. Sangue escorria pelas bainhas da túnica esfarrapada da criatura. "O meu mestre não quer que eu o mate," disse ele num tom sibilante.

"Mas isso não lhe interessa agora."

- "Sim. Se o seu bastão me derrubar, Galbatorix que te enfrente como ele quiser, pois ele tem mais coragem que você."

Eragon sorriu. "Coragem? Sou eu o herói do povo, não ele."

"Rapaz tolo." O Ra'zac inclinou ligeiramente a cabeça, olhando para o corpo do seu companheiro, que jazia mais a frente no túnel. "Ela nasceu no mesmo dia que eu. Você ganhou força desde a primeira que nós o encontramos, Matador de Espectros."

"Ou ganhava, ou morria."

"Querr fazer um pacto comigo, Matador de Espectros?"

"Que tipo de pacto?"

"Sou o último da minha raça, Matador de Espectros. Somos antigos e não gostaria que nós esquecessem. Seria capaz de lembrar aos seus companheiros humanos o terror que inspiramos na sua raça, nas suas canções e histórias?... Lembrem-se de nós como o medo!"

"Por que eu faria isso?"

Enfiando o bico no peito estreito, o Ra'zac cacarejou algo para si durante alguns instantes. "Por que..." disse ele "Eu vou lhe contar um segredo, vou sim."

"Então conte."

"Quero que primeiro me dê a sua palavra, não quero que me engane."

"Não. Primeiro me conte e depois eu decido se concordo ou não."

Durante mais de um minuto nenhum dos dois se moveram, embora os músculos de Eragon estivessem tensos e prontos para entrar em ação, na expectativa de um ataque surpresa. Após uma série de cliques agudos, o Ra'zac disse, "Ele quase descobriu o nome."

"Quem?"

"Galbatorix."

"O nome de quê?"

O Ra'zac silvou de frustração. "Não posso te dizer! O nome! O verdadeiro nome!"

"Tem que me dar mais informações."

“Não posso!”

“Então não há pacto.”

”Maldito seja Cavaleiro! Eu lhe amaldiçôo! Que não encontre paz de espírito nesta terra. Que você abandone a Alagaësia para nunca mais voltar!”

Eragon sentiu uma tremedeira de pavor na nuca.

Voltou a ouvir na sua mente as palavras de Ângela, a herbolária, que quando lançou os ossos de dragão e viu seu futuro, também previu esse mesmo destino.

Um jato de sangue separou Eragon do inimigo, no momento em que o Ra’zac lançou para trás a capa ensopada, revelando um arco com uma flecha encaixada na corda. Erguendo e puxando o arco, o Ra’zac soltou a flecha na direção do peito de Eragon.

Eragon desviou a flecha com o bastão.

Como se aquele ato se tratasse apenas de um gesto preliminar, que cumprissem por tradição, antes de darem início ao combate real, o Ra’zac baixou-se, pousou o arco no chão, endireitou o capuz, desembainhando lenta e deliberadamente a espada de aço que tinha debaixo da túnica. Enquanto isso, Eragon pôs-se de pé, endireitou os ombros e agarrou firmemente o bastão com ambas as mãos.

Lançaram-se em direção um do outro. O Ra’zac tentou golpear Eragon da Clavícula ao peito, mas este se torceu e se esquivou do golpe. Empurrando a extremidade do bastão para cima, cravou a ponta metálica por baixo do bico do Ra’zac, atravessando as placas que protegiam a garganta da criatura.

O Ra’zac estremeceu uma vez e depois tombou.

Eragon olhou para o inimigo mais odiado, para os seus olhos desprovidos de pálpebras e subitamente ficou sem força nos joelhos, vomitando contra a parede do corredor, limpando a boca, arrancou o bastão e murmurou, ”Pelo nosso pai, pela nossa casa, por Carvahall e por Brom... Saciei a minha sede de vingança. Que apodreça aqui para sempre, Ra’zac!”

Depois de entrar na cela de Sloan, Eragon resgatou o açougueiro, ainda mergulhando num sono encantado, o pendurou sobre o ombro e volto para a caverna principal de Helgrind.

Ao longo do percurso, pousou Sloan várias vezes, explorando uma câmara ou algum desvio que ainda não tivesse visitado. Eragon acabou descobrindo diversos instrumentos maléficos, incluindo quatro frascos de metal com óleo de Seithr, que destruiu imediatamente, para que ninguém pudesse usar aquele ácido corrosivo em contato com a pele e levar a cabo os seus planos maliciosos.

Quando finalmente abandonou os túneis, Eragon sentiu o sol quente ferir-lhe o rosto. Contendo a respiração, passou rapidamente pelo Lethrblaka morto, caminhando até o extremo da vasta caverna. Olhou para a face escarpada de Helgrind e para as colinas que ficavam muito em baixo. A Oeste reparou uma coluna de pó alaranjado que crescia sobre o caminho que ligava Helgrind a Dras-Leona, anunciando a aproximação de um grupo de homens a cavalo.

O lado direito doía devido ao peso de Sloan; por isso resolveu passar o açougueiro para o outro ombro. Piscou os olhos para limpar as gotas de suor presas nas sobrancelhas, enquanto planejava uma forma de descer mais de mil e quinhentos metros com um homem nas costas.

“É quase um quilometro e meio até lá embaixo,” murmurou. ”Se houvesse uma trilha, percorreria com facilidade essa distância, mesmo carregando Sloan nas costas. Isso significa que terei de arranjar forças para descer com auxílio de magia... Sim, mas conseguir de uma vez o que normalmente se faz ao longo de determinado período de tempo, pode nos custar a vida. Tal como Oromis disse, o corpo demora tempo demais para converter o seu estoque de combustível em energia, impedindo-o de manter a

maioria dos feitiços mais do que alguns segundos. Tenho apenas determinada quantidade de energia disponível a cada momento; depois de a consumir, tenho que esperar recuperá-la... assim como falar comigo mesmo não me leva a lado nenhum.”

Depois de segurar bem Sloan, Eragon fixou os olhos numa estreita saliência, uns trinta metros abaixo. “isso vai doer”, pensou ele, se preparando. A seguir gritou, “Audr!”

Eragon sentiu-se levitando vários centímetros do chão da caverna. “Fram,” – continuou ele, e o feitiço o levou para longe de Helgrind.

Deixando-se flutuar em espaço aberto, como uma nuvem no céu.

Habitado a voar com Saphira, a sensação de ter apenas o ar debaixo dos pés, o fazia sentir-se desconfortável.

Manipulando o fluxo de magia, Eragon saiu rapidamente do esconderijo dos Ra’zac – de novo oculto sob a ilusória parede de pedra – rumo à saliência. Ao pousar, os pés escorregaram em uma rocha solta. Durante longos segundos de ansiedade, ele se debateu, procurando equilíbrio, tentando firmar os pés, sem conseguir olhar para baixo, com medo de cair para frente ao baixar a cabeça. Depois gritou ao sentir a perna esquerda escorregar na saliência e começou a cair. Mas, antes que pudesse recorrer a magia para se salvar, a queda foi abruptamente interrompida ao enfiar o pé esquerdo numa fenda. As bordas pontiagudas da fissura cortaram a batata de sua perna, atrás da canela, no entanto ele não se lamentou, porque daquele jeito, estava seguro.

Eragon encostou-se a Helgrind, usando a encosta para apoiar o corpo desacordado de Sloan.

“Não foi muito mau,” falou para si. Pagara um pouco pelo esforço, não o bastante que o impediria de continuar. “Eu consigo fazer isso,” E encheu os pulmões de ar fresco, esperando que o coração dilatasse-os; parecia ter corrido uns vinte metros com Sloan nas costas. “Eu consigo fazer isso...”

Os cavaleiros que se aproximavam chamaram a sua atenção novamente. Era visível que estavam mais próximos agora, e galopavam pela terra seca em um ritmo preocupante. “A corrida é entre eu e eles,” Concluiu. “Tenho que escapar antes que cheguem a Helgrind. Deve haver feiticeiros entre eles e eu não estou em condições de enfrentar os magos de Galbatorix.” Olhando de relance para o rosto de Sloan, disse, “Talvez você possa me ajudar um pouco, não? É o mínimo que pode fazer por mim, considerando que corro o risco de ser morto, ou pior que isso, por tua culpa.” O açougueiro adormecido, rolou a cabeça perdido no mundo dos sonhos.

Rosnando, Eragon lançou-se de Helgrind.”Audr,”- ele disse, outra vez, e voltou a flutuar. Eragon recorreu a energia de Sloan além da sua. Por muito escassa que ela fosse. Unidos como duas estranhas aves, flutuaram pelo flanco pedregoso de Helgrind até outra saliência, cuja largura era perfeita para um esconderijo.

E foi assim que Eragon orquestrou sua descida. Não prosseguiu em linha reta, viraram a direita, de modo que contornassem Helgrind, para que a massa atarracada de rochedos os ocultasse dos cavaleiros.

Quando mais próximos estavam do chão, mais lentamente desciam. Uma fadiga dilacerante apoderou-se de Eragon, reduzindo a distancia que conseguia fazer de uma vez só, o que lhe dificultava a recuperação, entre cada etapa de esforço. Até erguer um dedo, se tornava uma tarefa irritante e quase insuportável de tão complicada.

Uma sonolência morna estava se instalando em Eragon, nublando-lhe a mente e as emoções, até o ponto de a mais dura das rochas, se assemelhar a uma almofada fofa para os seus músculos doloridos.

Quando finalmente chegou ao solo, queimado pelo sol – demasiado fraco para impedir que ele e Sloan não se estatelassem no meio da poeira – Eragon, ficou caído no chão com os braços dobrados debaixo do peito, formando um ângulo estranho. De olhos meio

fechados, distinguiu manchas amarelas de citrino embutidas numa pequena pedra, a alguns centímetros do seu nariz. Sloan estava pesado nas suas costas, como uma pilha de vigas de ferro. O Ar saía dos pulmões de Eragon, mas não parecia entrar. A visão escureceu, como se uma nuvem encobrisse o sol. Uma trégua

mortal parecia se interpor a cada batida do seu coração e os sons que, quando se ouviam, eram semelhantes a um débil estremecimento.

Eragon já não conseguia pensar de forma coerente, mas em algum lugar, no canto de sua mente, estava consciente que iria morrer.

A idéia não o assustava, pelo contrario, tal possibilidade o reconfortava, pois se sentia exausto além do imaginável e a morte iria libertá-lo daquele corpo destruído, permitindo que ele assim descansasse para toda eternidade.

Atrás de sua cabeça, vindo de cima, surgiu um abelhão do tamanho do seu polegar. Descreveu um círculo sobre o ouvido de Eragon, sobrevoando em seguida a rocha, sondou os pedaços de citrino com um amarelo-vivo semelhante ao das estrelas dos campos, que floresciaam entre as colinas. A juba do abelhão brilhava à luz da manhã – Eragon conseguia ver cada pêlo – E as asas soltavam um zumbido suave, como o rufar de um tambor. Tinha os pêlos das patas salpicados de pólen.

O abelhão era tão vibrante, tão vivo e tão belo, que fez renascer o desejo de sobreviver em Eragon. Valia a pena viver num mundo que continha uma criatura tão espetacular como o abelhão.

Por pura força de vontade, Eragon soltou a mão esquerda e vislumbrou o caule lenhoso, de um arbusto próximo. Como uma sanguessuga, um carrapato, ou qualquer outro parasita, extraiu a vida da planta, a deixando mole e seca. A energia que lhe percorreu o corpo, de imediato recuperou seu juízo. Agora sentia-se assustado; após ter recuperado o desejo de continuar a existir, ele não via nada senão terror numa escuridão adiante.

Arrastando-se para frente, se agarrou num outro arbusto, transferindo sua vitalidade para o interior do corpo, depois de um terceiro ou quarto arbusto, recuperou sua força.

Levantou-se e observou o rastro de plantas secas, que se estendia atrás de si. Sentiu um gosto amargo na boca ao ter noção do que acabara de fazer.

Eragon sabia que se descuidara com a magia e que se o seu comportamento inconseqüente condenaria os Varden à derrota, se tivesse morrido. Ao fazer uma retrospectiva, a sua estupidez o fez vacilar. “Brom iria me dar nas orelhas por me meter num problema desses.” Pensou ele.

Voltando para perto de Sloan, Eragon levantou o açougueiro esquelético do chão. Depois seguiu em direção ao Leste, afastando-se a passos largos de Helgrind, seguindo a um Vale abrigado. Passados dez minutos, ao fazer uma pausa para verificar se era seguido, avistou uma nuvem de pó se juntar junto a base de Helgrind, o que deduziu que era a chegada dos cavaleiros à sombria torre de pedra.

Sorriu. Os servos de Galbatorix estavam muito longe para que qualquer feitiço detectasse a sua presença ou a de Sloan. “Quando descobrirem os corpos dos Ra’zac”, pensou, “Já terei percorrido uma légua ou mais. Duvido que consigam me encontrar. Além disso, devem andar a procura de um dragão e do seu Cavaleiro e não de um homem a pé.”

Satisfeito por não ter de se preocupar com um ataque iminente, Eragon retomou a passada anterior: uma passada larga, constante e descontraída que conseguiria manter ao longo do dia.

No alto, o sol brilhava em tons de dourado e branco. À frente, o mato selvagem, sem trilhas, estendia-se a muitas léguas de distância antes de se defrontar com os muros de uma aldeia. Eragon teve uma sensação de alegria e as esperanças renovadas. Finalmente os Ra’zac estavam mortos!

Finalmente concretizara a sua vingança. Pelo menos cumprirá o seu dever para com Garrow e Brom. Finalmente extinguiu da atmosfera o medo sob a qual vivera desde que os Ra'zac apareceram em Carvahall. Eliminá-los levava muito mais tempo do que ele imaginara, mas agora a façanha estava concluída, E que façanha magnífica! Eragon se sentiu no direito de regozijar-se de tão difícil proeza, mesmo com a assistência de Roran e Saphira.

Contudo, para sua surpresa, o triunfo era meio amargo-doce, assombrado por um inesperado sentimento de perda. A perseguição dos Ra'zac era um dos últimos elos com a vida no Vale do Palancar e agora custava a ele abrir mão desse laço, por mais assustador que fosse. Além disso, aquela missão lhe deu um propósito na vida – quando não tinha nenhum; foi esse o motivo pelo qual abandonou sua casa. Sem ele, sentia um imenso vazio dentro de si, onde anteriormente alimentara o ódio aos Ra'zac.

O horrorizava o fato de lamentar ter dado cabo a terrível missão e prometeu a si mesmo que não iria cometer os mesmos erros duas vezes. “Recuso me dedicar a luta contra o Império, Murtagh e Galbatorix, a ponto de não querer seguir com a vida quando esse momento chegar, ou pior que isso, tentar prolongar o conflito em vez de me adaptar por o que esta por vim.” Preferiu depois afastar de si esse sentimento mal, se concentrando em vez disso, no alívio que sentia. Alívio por estar finalmente livre da obrigação que impusera a si mesmo e pelo fato das obrigações que lhe restavam derivarem apenas da sua atual situação.

Júbilo iluminava seus passos. Agora que os Ra'zac tinham desaparecido, Eragon sentia que podia construir uma vida baseada não no que era antes, mas sim no que se transformou: Um Cavaleiro de Dragão.

Sorriu para o irregular horizonte e riu enquanto corria, sem se importar que alguém pudesse o ouvir. A sua voz reboava acima e abaixo do vale e tudo em torno dele parecia novo, belo e recheado de promessas.



## SOZINHO PELOS CAMPOS

O estômago de Eragon fez um barulho.

Permanecia deitado de costas, com as pernas dobradas abaixo dos joelhos – para alongar as coxas, depois de correr a maior distância da sua vida, mais carregado do que nunca – quando aquele resmungo líquido devastou seu estômago. O ruído foi tão inesperado que Eragon se sentou rápido, tateando ao redor à procura do bastão.

O vento assobiava através dos campos desolados. O sol já tinha se posto, inundando tudo de azul e púrpura na sua ausência. Nada se movia exceto uma erva e Sloan, cujos dedos se abriam e fechavam lentamente, estimulados por qualquer visão do seu sono encantado. Um frio de arrepiar os ossos anunciava a chegada da verdadeira noite.

Eragon ficou mais animado e esboçou um meio sorriso.

Mas o bom-humor depressa acabou, ao recordar a fonte do seu desconforto. Lutar com os Ra'zac, lançar inúmeros feitiços e carregar Sloan nas costas o deixaram tão esfomeado que, se pudesse voltar no tempo, devoraria toda a comida do banquete que os anões tinham preparado em sua honra, durante a visita a Tarnag. A memória do cheiro do assado de Nagran, o porco gigante – quente, pulsante, temperado com mel e especiarias, pingando gordura – era o suficiente para lhe dar água na boca.

O problema é que ele não tinha comida. Água era fácil de encontrar, era possível filtrar umidade do solo sempre que quisesse. Porém, encontrar comida naquele local, não era só difícil como também o colocava num dilema moral, e isso ele queria evitar. Oromis dedicou muitas das lições aos diferentes climas e regiões geográficas da Alagaësia. Desse modo, ao abandonar o acampamento para investigar a área ao redor, Eragon conseguiu identificar a maioria das plantas com as quais se deparou. Poucas eram comestíveis e as que eram não tinha tamanho nem existiam na quantidade e variedade suficientes para prover uma refeição destinada a dois adultos, por um período razoável de tempo. Os animais locais teriam certamente sementes e frutos guardados em esconderijos, mas ele não fazia idéia por onde começar a busca. Eragon tão pouco achava que um rato do deserto fosse capaz de reunir mais que meia dúzia de porções de comida.

Isso lhe deixava duas opções, e nenhuma delas agradou. Podia – como alias, já fizera – sugar a energia das plantas e dos insetos ao redor do acampamento, o que significaria deixar um local morto na superfície da terra, semeando uma praga onde nada, nem mesmo os menores organismos do solo sobreviveriam. Embora pudesse abastecer ele e Sloan, as transfusões de energia eram muito pouco gratificantes, pois não contribuíam para encher o estômago.

Ou então podia caçar.

Eragon fez uma expressão de desagrado, torcendo a ponta do bastão na terra. Depois de partilhar os pensamentos e desejos de tantos animais, a idéia de comer um fazia ele se revoltar. Contudo, também não estava na disposição de se deixar enfraquecer, permitindo que o império o capturasse, só porque tinha decidido ficar sem jantar para poupar a vida de um coelho. Como Saphira e Roran diziam, todos os seres vivos tinham de comer para sobreviver. Vivemos em um mundo cruel, pensou ele, e eu não posso modificá-lo... Talvez os elfos tenham razão em evitar carne, mas neste momento sinto uma grande necessidade. Recuso me culpar se isso for levado pela força das circunstâncias. Não é crime saborear um pouco de bacon, uma truta ou algo do gênero.

O cavaleiro continuou a apaziguar-se recorrendo a vários argumentos, embora no seu íntimo a idéia ainda fosse repugnante. Ficou preso ao chão, durante quase meia hora,

incapaz de fazer o que a lógica dizia ser necessário naquele momento. Depois percebeu que já era tarde, e se culpou por ter perdido tempo. Tinha que aproveitar cada minuto para descansar.

Encheu-se de coragem, projetou dois filamentos de energia e sondou o terreno até encontrar dois lagartos grandes e uma colônia de roedores enroscados no interior de uma toca de areia; estes pareciam mais um cruzamento entre uma ratazana, um coelho e um esquilo.

“Deyja,” disse Eragon, matando os lagartos e um dos roedores. Apesar de terem sucumbido instantaneamente e sem dor, ele cerrou os dentes ao sentir que tinha apagado a chama cintilante de suas mentes.

Recolheu os lagartos à mão, levantando as rochas onde estavam escondidos, o roedor, contudo, ele tirou da toca através de magia, manobrando cautelosamente o corpo até à superfície, para não acordar os outros. Para ele parecia cruel aterrorizá-los com a idéia de que um predador invisível conseguia matar no interior dos seus esconderijos mais secretos.

Estripou, esfolou e limpou os animais, enterrando os restos bem fundo para protegê-los dos necrófagos. Depois reuniu uma série de pedras pequenas e achatadas e improvisou um pequeno fogão, onde acendeu uma fogueira e começou a cozinhar a carne. Sem sal, não podia temperá-los convenientemente, mais algumas das plantas nativas emanavam um aroma agradável esmagadas entre os dedos; por isso as esfregou na carne e recheou as carcaças.

O roedor foi o primeiro a ficar pronto por ser menor que os lagartos. Retirando-o do fogão improvisado, Eragon segurou a carne em frente à sua boca. Fez uma careta, ia ser dominado pela repulsa, se não fosse o fato de ter de cuidar do fogo e dos lagartos. As duas atividades o distraíram o suficiente para obedecer, sem pensar, ao impulso agudo da fome, comendo o roedor.

A primeira dentada foi a pior. A carne ficou presa na garganta e o sabor da gordura quente lhe deu ânsias de vômito. Depois estremeceu, engoliu em seco duas vezes e a impressão passou. A próxima foi mais fácil. Ficou agradecido pela carne ser tão sem sabor, na verdade a falta de sabor ajudava a esquecer o que ele estava mastigando.

Devorou o roedor e a parte de um lagarto. Arrancando um último fragmento de carne de um osso fino da pata, suspirou de prazer, mas logo hesitou desgostoso consigo, ao concluir que apesar de tudo tinha gostado da refeição. Estava tão esfomeado que aquela refeição magra pareceu deliciosa para ele, ultrapassando com dificuldade as suas proibições. Talvez, pensou ele, talvez quando eu voltar ... se servirem carne à mesa de Nasuada ou do Rei Orrin... talvez se eu tiver vontade e se for indelicado recusar, é possível que coma um pouco... Não conseguirei saborear como antes, mas também não serei tão rigoroso como os Elfos. A moderação é uma política mais sábia que a intolerância, creio eu.

Eragon examinou as mãos de Sloan, com ajuda das brasas do fogão.

O açougueiro estava a um ou dois metros de Eragon, onde ele o colocara. Os seus dedos longos e ossudos tinham dezenas de finas cicatrizes brancas, cruzadas, e as unhas compridas, que em Carvahall mantinha meticulosamente limpas, estavam agora maltratadas, partidas e escurecidas pela sujeira acumulada. As cicatrizes eram o testemunho dos raros erros cometidos por Sloan ao manejar facas durante décadas. Veias azuis e salientes como vermes se destacavam na pele enrugada e envelhecida, embora os músculos permanecessem rijos e secos.

Eragon sentou-se e cruzou os braços sobre os joelhos.

“Não posso simplesmente deixá-lo partir sozinho,” murmurou ele. Se o fizesse, Sloan poderia encontrar Roran e Katrina, uma possibilidade que Eragon considerava



inaceitável. Além disso, mesmo não tendo intenção de matar Sloan, achava que o açougueiro devia ser punido pelos seus crimes.

Eragon nunca fora amigo íntimo de Byrd, mas sabia que ele era um homem honesto e leal, recordando com alguma ternura a esposa de Byrd, Felda, e os seus filhos; Garrow, Roran e Eragon tinham comido e dormido em sua casa por diversas ocasiões. A morte de Byrd afetara Eragon, por ser particularmente cruel, e ele achava que a família do guarda merecia que a justiça fosse feita, mesmo que nunca se descobrisse o que realmente tinha acontecido.

Mas qual seria o castigo adequado? Me recuso a fazer papel de carrasco, pensou Eragon, e fiz de mim um juiz. O que eu sei sobre a lei ?

Levantando-se, caminhou até Sloan, curvou-se sobre o seu ouvido e disse, “Vakna.”

Sloan deu um salto e acordou, arranhando o chão com suas vigorosas mãos. O que restava das suas pálpebras estremeceu, como se por instinto o açougueiro as tentasse erguer para olhar ao redor. Só que em vez disso, permaneceu preso na sua noite.

Eragon disse, “Tome, coma isto.” Ele esticou a metade que restava do lagarto a Sloan que, apesar de não ver, cheirou a comida.

“Onde estou?” perguntou Sloan, examinando as rochas e as plantas a frente com as mãos tremulas. Tocou nos pulsos e tornozelos esfolados e pareceu confuso ao descobrir que os grilhões haviam desaparecido.

“Os elfos, tal como os Cavaleiros, em dias que já se passaram chamavam este lugar de Mírnathor, os anões referem-se a ele como Werghadn e os humanos o chamam de Terra Cinzenta. Se isso não responder a sua pergunta, talvez você fique satisfeito se eu disser que estamos a várias léguas de Helgrind, onde você era mantido prisioneiro.”

Sloan balbuciou a palavra Helgring. “Foi você que me salvou?”

“Foi.”

“E sobre...”

“Deixe essas perguntas para depois, coma primeiro.”

O tom áspero de Eragon produziu o efeito de um chicote no açougueiro. Sloan encolheu-se e tateou o ar com os dedos, em direção ao lagarto.

Colocando-os nas suas mãos, Eragon regressou ao seu lugar, junto do fogão de pedra, atirando mãos cheias de areia para as brasas, apagando seu brilho, para que elas não denunciassem sua presença, caso alguém estivesse por perto, embora fosse altamente improvável.

Depois de uma lambidela inicial a fim de identificar o que Eragon tinha lhe dado, Sloan enterrou os dentes no lagarto e rasgou um grande pedaço da carcaça. A cada dentada, enchia completamente a boca de carne, mastigando apenas uma ou duas vezes antes de engolir. Limpou meticulosamente todos os ossos, revelando a eficiência de um homem com um profundo entendimento sobre a anatomia dos animais e a forma mais rápida de desarticulá-los e depositou-os ordenadamente num monte a sua esquerda. Quando o último pedaço da cauda do lagarto desapareceu nas goelas de Sloan, Eragon lhe deu o segundo réptil, que estava inteiro. Sloan rosnou um agradecimento e continuou a empanturrar-se, sem se preocupar em limpar a gordura da boca e queixo.

O segundo lagarto era grande demais para Sloan. Parou duas costelas acima do fundo da cavidade torácica, depositando o que restava da carcaça sobre o monte de ossos. Depois, endireitou as costas, passou a mão na boca, prendeu o cabelo comprido atrás das orelhas e disse, “Obrigado pela hospitalidade, senhor desconhecido. Não comia uma refeição decente fazia muito tempo. Acho que prezo mais a sua comida que a minha própria liberdade... agora se me permite que lhe pergunte, pode me dizer o que aconteceu a minha filha Katrina? Ela estava presa comigo em Helgrind.” A sua voz mostrava uma complexa mistura de emoções: respeito, medo e submissão na presença de uma

autoridade desconhecida; esperança e apreensão em relação ao destino da filha e uma determinação inabalável como as montanhas da Espinha. A única coisa que Eragon esperava ouvir, mas não ouviu, era o desprezível desdém que Sloan usara com ele nos seus encontros em Carvahall.

”Está com Roran.”

Sloan ficou boquiaberto.

“Roran? Como ele veio até aqui? Os Ra’zac também o capturaram, ou...”

“Os Ra’zac e os seus companheiros estão mortos.”

“Você os matou? Como? ... Quem ...” Sloan parou por uns instante, como se seu corpo tivesse travado. Depois o rosto e a boca amolecerem, os ombros arquearam-se e ele se agarrou a um arbusto para se equilibrar, abanando a cabeça.

“Não, não, não... Não... Não pode ser. Os Ra’zac falaram disso, exigiram respostas que eu não tinha, mas eu pensei... Quer dizer, quem poderia acreditar...?” O seu corpo agitava-se com tamanha violência, que Eragon receou que ele se machucasse. Em seguida, num murmúrio sufocado, como se alguém o forçasse a falar depois de levar um murro, Sloan disse, “Você não pode ser Eragon.”

Uma sensação de maldição e de predestinação desceu sobre Eragon. Era como se o instrumento daqueles dois impiedosos senhores supremos e foi nessa qualidade que respondeu, falando pausadamente, para que cada palavra se assemelhasse a um golpe de martelo e evidenciasse o peso da sua dignidade, posição e fúria:

“Eu sou Eragon e muito mais que isso, eu sou Argetlam, Matador de Espectros e a Espada de Fogo. O meu dragão é Saphira, também é conhecida como Bjartskular e Língua de Fogo. Fomos treinados por Brom, que foi um Cavaleiro antes de mim, pelos Anões e pelos Elfos. Combatemos os Urgals, um Espectro e Murtagh, que é filho de Morzan. Servimos os Varden e o povo de Alagaësia e eu trouxe você aqui Sloan, Filho de Alden, para julgá-lo pelo assassinato de Byrd e por entregar Cavahall ao Império.”

“Mentira! Você não pode ser...”

“Mentir?!” Rugiu Eragon, “Eu não minto!”

Atacando-o com a mente, Eragon afundou a consciência de Sloan dentro da sua, forçando o açougueiro a aceitar memórias que confirmavam as suas afirmações. Queria também que Sloan sentisse o poder que agora detinha e que percebesse que ele já não era inteiramente humano. Embora Eragon sentisse relutância em admitir, sentiu prazer em controlar um homem que tantas vezes lhe causara problemas, além de atormentá-lo com humilhações, insultando a ele e a sua família. Cerca de um minuto depois cessou a invasão.

Sloan continuou a tremer, mas não se humilhou como Eragon esperava, assumindo uma postura fria e dura. “Maldito seja,” disse ele. “Eu não tenho que dar explicações para você, Eragon Filho de Ninguém. Entenda uma coisa, porém: eu fiz o que fiz por Katrina e nada mais.”

“Eu sei. Essa é a única razão de você estar vivo.”

“Faça o que quiser comigo então. Pouco me importa desde que ela esteja a salvo... Faça, então! Como vai ser? Um espancamento? Uma maldição? Eles já me arrancaram os olhos, que tal uma das minhas mãos? Ou será que me deixar aqui para que morra de fome ou o Império me capture de novo?”

“Ainda não decidi.”

Sloan acenou com a cabeça energicamente e aconchegou os membros dentro das roupas esfarrapadas para se proteger do frio da noite. Depois sentou-se com uma precisão militar, como se contemplasse as sombras ao redor do acampamento com as suas órbitas vazias.

Não implorou, nem pediu clemência. Não negou seus atos, nem tentou acalmar Eragon. Limitou-se a permanecer sentado e esperar, armado de uma coragem singular e sublime. Aquela bravura impressionou Eragon.

A paisagem escura em torno deles lhes parecia incomensurável, como se todo o espaço oculto estivesse a cair sobre ele, algo que aumentava a ansiedade desencadeada pela escolha que teria de fazer. O meu veredicto irá ditar o resto da vida dele, pensou.

Abandonando por instantes a questão do castigo, Eragon pensou no que sabia a respeito de Sloan: O seu amor excessivo por Katrina – um amor obsessivo, egoísta e pouco saudável, embora outrora sadio –; O seu ódio e pavor da Espinha, fruto da dor pela falecida mulher, Ismira, o que precipitara a morte dela, por entre aqueles picos destruidores de nuvens; o seu afastamento dos restantes membros da família; o orgulho pelo seu trabalho; as histórias que Eragon tinha ouvido a respeito da infância de Sloan e o seu conhecimento do que significava viver em Carvahall.

Eragon reuniu a coleção de percepções fragmentadas e dispersas e pensou a respeito, ponderou sobre a sua importância e tentou encaixá-las umas nas outras como as peças de um quebra-cabeça. Era difícil, mas com persistência, pouco a pouco, foi conseguindo traçar um conjunto de ligações e acontecimentos e as emoções de vida de Sloan, tecendo uma complexa teia, cujos padrões representavam aquilo que o açougueiro era. Ao lançar o último fio dessa teia, Eragon sentiu que finalmente entendera a razão do comportamento de Sloan e isso o fez sentir alguma simpatia. Mais do que simpatia, Eragon sentiu que conhecia Sloan ao isolar os elementos básicos da sua personalidade, aqueles aspectos que não se podem remover sem modificar o homem. Foi então que lhe ocorreram três palavras na língua antiga, que pareciam personificar Sloan e, sem pensar duas vezes, Eragon proferiu-as.

Embora o som não pudesse alcançar Sloan, este se agitou agarrando as coxas com as mãos e exibiu uma expressão de inquietação.

Eragon sentiu seu lado esquerdo ficar dormente, formigando, e os braços e pernas arrepiaram ao fixar o açougueiro. Ocorreu uma série de explicações para a reação de Sloan, cada uma delas mais elaborada que a anterior; no entanto apenas uma lhe parecia plausível, ainda que a considerasse improvável. Sussurrou de novo as três palavras. Tal como anteriormente, Sloan agitou-se e Eragon o ouviu murmurar, “... alguém caminha sobre o meu túmulo.”

Eragon suspirou tremulamente. Era difícil acreditar, mas a experiência não deixava margem para dúvidas, sem querer ele adivinhara o verdadeiro nome de Sloan. A descoberta deixou-o bastante confuso. Conhecer o verdadeiro nome de alguém era uma responsabilidade pesada, pois garantia poder absoluto sobre essa pessoa. Devido aos riscos inerentes, os elfos raramente confiavam os seus verdadeiros nomes a alguém, e quando o faziam era apenas para a pessoa de maior estima.

Eragon nunca descobrira o nome verdadeiro de ninguém e desejava que se acontecesse, fosse como uma dádiva de alguém de quem gostasse muito. Dizer o verdadeiro nome de Sloan sem o seu consentimento era uma reviravolta para a qual ele não se sentia preparado, nem sabia como lidar. Entretanto, lhe ocorreu que para ter adivinhado o verdadeiro nome de Sloan, devia compreender o açougueiro melhor do que a si mesmo, pois não fazia a mínima idéia de qual era o seu.

A conclusão o estava deixando desconfortável. Entender a natureza dos seus inimigos, sem saber tudo que fosse possível acerca de si mesmo, poderia ser fatal. Prometeu, então, dedicar mais tempo a se conhecer melhor e adivinhar o seu verdadeiro nome. Talvez Oromis e Glaedr possam me dizer qual é o meu verdadeiro nome, pensou.

Independentemente das dúvidas e da confusão que o verdadeiro nome de Sloan gerara dentro de si, o ocorrido parecia lhe dar uma idéia de como lidar com o açougueiro.

Mesmo depois de ter assimilado o conceito básico, demorou cerca de dez minutos para traçar o plano e certificar-se de que funcionaria como pretendia.

Sloan inclinou a cabeça na direção de Eragon, ao senti-lo se levantar e afastar-se do acampamento rumo aos campos iluminados pelas estrelas. “Aonde vai?” perguntou Sloan.

Eragon permaneceu em silêncio.

Vagou pelos campos até encontrar uma rocha baixa e ampla, coberta de musgo, com um buraco no centro e a força de uma taça. - Adurna rīsa – disse ele. Minúsculas gotas de água brotaram do solo, aglutinando-se em tubos de prata, subindo junto a rocha até o interior do buraco. Mal a água começou a transbordar e regressar a terra, para voltar a subir por ação do feitiço, Eragon cortou o fluxo de magia.

Aguardou até que a superfície da água ficasse absolutamente parada, para que servisse de espelho e se viu diante de algo semelhante a uma bacia de estrelas. Em seguida disse, “Draumr kópa,” e muitas outras palavras, recitando um feitiço que lhe permitiria não só ver, como também falar com outros a distância. Oromis ensinara-lhe esta variação da clarividência, dois dias antes de ele e Saphira partirem de Ellesméra para Surda.

A água ficou completamente negra, como se alguém tivesse apagado as estrelas como se fossem velas. Instantes depois, uma forma oval acendeu no centro da água e Eragon contemplou o interior de uma grande tenda branca, iluminada pela luz sem chama de uma Erisdar vermelha, uma das lanternas mágicas dos elfos.

Normalmente Eragon não conseguiria visualizar uma pessoa ou um lugar que nunca tenha visitado antes, mas o vidro de observação dos elfos estava encantado de forma a transmitir uma imagem de tudo que o rodeava, com qualquer um que ele poderia falar. O feitiço de Eragon projetaria uma imagem igualmente sua e daquilo que o rodeava, para a superfície do vidro. Esse encantamento permitia que estranhos se comunicassem mutuamente em qualquer parte do mundo, o que era bastante útil em tempos de guerra.

Um elfo alto, com cabelos brancos e uma armadura gasta pelas batalhas entrou no campo de visão de Eragon e, de imediato, este reconheceu Lord Däthedr, conselheiro da Rainha Islanzadí e amigo de Arya. Se Däthedr ficou surpreso ao ver Eragon, não o demonstrou. Inclinou a cabeça, tocando com os dois primeiros dedos da mão direita nos lábios e disse no seu tom ritmado, “Atra esterní ono thelduin, Eragon Shur’tugal.”

Após se programar mentalmente para falar na língua antiga, Eragon repetiu o gesto dos dedos e replicou, “Atra Du evarínya ono varda, Däthedr-vodhr.”

Continuando a falar na sua língua nativa, Däthedr disse, “Fico contente por saber que está bem, Matador de Espectros. Arya Dröttningu nos informou da sua missão há uns dias e estamos muito preocupados com você e com Saphira. Suponho que nada de errado tenha ocorrido?”

“Não, mas me deparei com um problema inesperado e, se permitirem, gostaria de recorrer à sabedoria da Rainha Islanzadí para me aconselhar sobre o assunto.”

Os olhos de gato de Däthedr fecharam, se transformando em duas nesgas que lhe atribuíram uma expressão feroz e insondável. “Sei que não formularia tal pedido se não fosse realmente importante, Eragon-vodhr. Mas preste atenção: um arco de flechas tanto pode ferir o arqueiro como disparar a flecha... Se não se importa em aguardar, eu iria consultar a rainha.”

“Aguardarei. O seu conselho é muito bem-vindo Däthedr-vodhr.”

Quando o elfo se afastou do vidro, Eragon fez uma careta. Não apreciava a formalidade dos elfos, mas acima de tudo detestava ter de interpretar aquelas frases enigmáticas. Ele estaria me avisando que arquitetar planos e conspirações em torno da rainha é um passatempo perigoso; ou que Islanzadí é um arco de flechas prestes a disparar? Ou será que estava a se referir a algo totalmente diferente?

“Pelo menos consigo contatar os elfos”, pensou Eragon. As proteções dos elfos impediam fosse o que fosse de entrar em Du Werldenvarden por meio de magia, incluindo ver a distância através da clarividência. Enquanto os elfos permanecessem nas suas cidades, a única forma de se comunicar com eles era enviar mensageiros às florestas. Porém, agora que estavam em movimento e tinham abandonado a proteção dos pinheiros de agulhas negras, os grandes feitiços já não os protegiam e era possível usar artifícios como o vidro de observação.

Ao passar o primeiro minuto e depois o segundo, Eragon se sentiu mais ansioso. “Vamos lá.” murmurou. Olhou rapidamente em volta para se assegurar de que nenhum ser humano ou animal se aproximava, enquanto estava de olhos nos postos na água.

Com um ruído semelhante ao de rasgar um tecido, a aba de entrada se abriu e a rainha Islanzadí entrou apressadamente, precipitando-se para junto do vidro. Usava um corselete de armadura cintilante, com escamas douradas, cota de malha, caneleiras e um magnificamente decorado com opalas e outras pedras preciosas, prendendo os longos cabelos negros. Uma capa vermelha com detalhes em branco ondulava sobre os ombros, como a frente de uma tempestade. Na mão esquerda trazia uma espada desembainhada. A mão direita estava vazia, mas parecia enluvada em púrpura e Eragon percebeu, instantes depois, que seus dedos e pulsos estavam cobertos de sangue.

Ao olhar para Eragon, Islanzadí franziu as sobrancelhas oblíquas. Essa expressão a tornava extraordinariamente parecida com Arya, embora a sua natureza e compleição fossem ainda mais impressionantes que as da filha. Era bela e terrível, como uma temível deusa da guerra.

Eragon tocou os lábios com dedos e dobrou a mão direita sobre o peito, um gesto de lealdade e respeito entre os elfos, recitando a frase inicial de saudação tradicional e falando primeiro, como era de praxe ao dirigir-se a alguém hierarquicamente superior. Islanzadí deu a resposta convencional. Num esforço para lhe agradar e demonstrar que era conhecedor dos seus costumes, Eragon concluiu com a terceira frase opcional de saudação: “E que a paz reine no seu coração.”

A postura feroz de Islanzadí suavizou ligeiramente, e um sorriso quase imperceptível aflorou seus lábios, como que aprovando o seu exercício.

“E no seu também, Matador de Espectros.”

Na sua voz baixa e profunda havia resquícios do murmúrio dos pinheiros, da água gorgolejante dos riachos e da música das flautas. Embainhando a espada, Islanzadí caminhou até junto da mesa desmontável, ficando de lado para Eragon, enquanto lavava o sangue das mãos na água de um jarro. “Paz é algo difícil de alcançar nos dias que se seguem, eu temo”

“O combate tem sido difícil, Sua Majestade?”

“Será em breve. Os meus homens estão se reunindo no extremo oeste de Du Weldenvarden, onde teremos de nos preparar pra matar e morrer, junto das árvores que tanto amamos. Somos uma raça dispersa que não marcha em fileiras e em colunas como as outras – pelos danos que isso inflige a terra -; por isso levamos algum tempo para nos reunirmos, desde os confins da floresta.”

“Compreendo. Mas...” Eragon procurava uma forma de falar sobre a questão sem ser indelicado. “Mas se a luta ainda não começou, não posso deixar de me perguntar por que motivo a sua mão está tingida de sangue?”

Sacudindo as gotas de água dos dedos, Islanzadí ergueu o belo antebraço castanho dourado, para que Eragon o inspecionasse.

Foi então que o cavaleiro compreendeu que ela servira de modelo a uma escultura de dois braços enlaçados, para a entrada da sua casa na árvore em Ellesméra.

“Agora já não está. A única mancha que o sangue deixa é na alma e não no corpo. Eu disse que a luta se intensificaria num futuro próximo e não que ainda não começara.” Voltou a baixar a manga do corselete e da túnica até o pulso. Retirou uma luva costurada com fio de prata do cinturão de pedras preciosas preso em torno da cintura fina e calçou-a “temos observado a cidade de Ceunon, pois pretendemos atacar ali primeiro. Há dois dias atrás, os nossos batedores avistaram grupos de homens e mulas viajarem de Ceunon para Du Weldenvarden. Pensamos que iria cortar lenha no extremo da floresta, como fazem freqüentemente. Essa é uma pratica que toleramos, já que os humanos precisam de lenha. As árvores da orla da floresta são jovens e estão praticamente fora da nossa influência, além de que não era de nosso desejo se expor. Porém, os grupos não ficaram na orla da floresta, avançaram para o interior de Du Weldenvarden, seguindo trilhas com as quais estávamos obviamente familiarizados. Estavam procurando árvores maiores e mais grossas, mais antigas que Alagaësia, árvores que já eram adultas quando os anões descobriram Farthen Dûr. Logo que as encontraram, começaram a derrubá-las “a sua voz estremeceu de raiva. “Pelos seus comentários, compreendemos porque estavam ali. Galbatorix queria as maiores árvores que pudesse arranjar para substituir as catapultas e aríetes que perdeu durante a batalha das Campinas Ardentes. Se os seus propósitos fossem simples e honestos, talvez perdoássemos a perda de um monarca da floresta, talvez até dois, mas nunca vinte oito.” Eragon se arrepiou.

“O que vocês fizeram?” “perguntou ele, embora desconfiasse qual seria a resposta. Islanzadí levantou o queixo e o seu semblante endureceu. “Eu estava lá com dois dos nossos batedores. Juntos, corrigimos o erro dos humanos. No passado, o povo de Ceunon sabia que não deviam entrar em nossas terras, hoje nós os fizemos lembrar por que.” Aparentemente sem se importar com isso, esfregou a mão direita, como se lhe doesse, vendo coisas que só ela via através do vidro.”Você aprendeu o que é tocar a força vital das plantas e dos animais ao seu redor, Eragon-finiarel. Imagina a estima que você sentiria se tivesse esse dom há séculos. Nós nos oferecemos como sustentação a Du Weldenvarden; a floresta é uma extensão do nosso corpo e da nossa mente. Qualquer ferimento que sofra, nós sentimos a dor... Somos um povo difícil de provocar... mas quando conseguem, somos que nem dragões. Nem eu, nem qualquer outro elfo derramava sangue numa batalha há mais de cem anos. O mundo esqueceu-se do que somos capazes. É possível que a nossa força tenha diminuído desde a queda dos Cavaleiros; mesmo assim, faremos o inimigo nos reconhecer. Será como se os elementos tivessem se virado contra eles. Somos uma raça anciã, cujos talentos e conhecimentos ultrapassam largamente os dos mortais. Galbatorix e seus aliados que se cuidem, pois nós, os elfos, estamos prestes a abandonar a floresta. Aqui voltaremos vitoriosos ou não voltaremos nunca mais.”

Eragon estremeceu. Nem mesmo durante os seus confrontos com Durza se deparou com tão obstinada e impiedosa determinação. Isso não é humano, pensou ele, desdenhando depois de si mesmo. Claro que não. E é bom que me lembre disso. Por muitas semelhanças que haja entre nós – por muito próximos ou idênticos que sejamos, no meu caso – não somos iguais. “Se tomar Ceunon, “disse ele,”como irá controlar o povo de lá? É possível que odeiem o Império mais do que a própria morte, mas duvido que confiarão em você, ainda mais, tem o fato que vocês são elfos e eles humanos.”

Islanzadí ergueu a mão. “Isso não é importante. Depois de estarmos no interior dos muros da cidade, temos formas de garantir que ninguém se oponha. Não é a primeira vez que combatemos a sua raça”. Ela removeu seu elmo então, e o seu cabelo caiu a sua frente, emoldurando o rosto com madeixas negras. “Não fiquei muito satisfeita ao saber da sua invasão a Helgrind, mas suponho que a incursão já terminou e foi bem sucedida.”

“Sim, majestade.”

“Então as minhas reprovações não têm qualquer significado. Contudo, sugiro Eragon Shur’tugal, que não ponha sua vida em riscos desnecessários com esse tipo de aventura. É cruel, mas ainda assim verdadeiro, por isso tenho que dizer para você: a sua vida é mais importante que a felicidade de seu primo.”

“Prestei juramento a Roran, prometendo que o ajudaria.”

“Prestou juramento irresponsavelmente, sem medir as consequências.”

“Preferia que eu abandonasse meus entes mais queridos? Se fizesse isso, iria me tornar um homem digno de desprezo e desconfiança. Um veículo deformado da esperança do povo que acredita que irei, de alguma forma, derrotar Galbatorix. Além disso, enquanto Katrina permanecesse refém de Galbatorix, Roran iria se tornar vulnerável às suas manipulações.”

A rainha ergueu uma sobancelha, afiada como uma adaga.

“Uma vulnerabilidade que poderia impedir Galbatorix de explorar, instruindo Roran sobre certos juramentos na língua antiga... Não é minha intenção sugerir que se afaste dos seus amigos, ou da sua família, isso seria de fato uma tolice. O que pretendo é que se concentre no que está em jogo: toda a Alagaësia. Se falharmos agora, a tirania de Galbatorix iria se estender a todas as raças, e seu reinado dificilmente terá fim. Você é a ponta da lança que personifica nosso esforço. Se essa ponta se quebrar ou perder, a nossa lança ricocheteará na armadura do inimigo e nós perderemos.”

Apertou com força a pedra em forma de bacia, para freiar um impulso de comentar, impertinentemente, que qualquer guerreiro bem equipado deveria ter uma espada ou uma arma qualquer na qual confiar, além de uma lança. Sentia-se frustrado com o rumo que a conversa tomava e ansioso para mudar o assunto o mais depressa possível. Não contatara a rainha para que esta o repreendesse como uma criança. Porém, deixar que a impaciência dominasse as suas ações, não iria beneficiar a sua causa; por isso manteve a calma e replicou, “Acredite Majestade, que levo as suas preocupações, muito, muito a sério. Posso apenas dizer que se não ajudasse Roran, me sentiria tão miserável perante a ele, e mais miserável ainda se ele tentasse resgatar Katrina e morresse. Em qualquer das circunstâncias ficaria tão perturbado que deixaria de ter qualquer utilidade para você. Não podemos concordar em mudar de assunto? Nenhum conseguirá convencer o outro.”

“Muito bem” disse Islanzadí. “Deixemos esse assunto de lado... por agora. Mas fique sabendo que a sua decisão será convenientemente investigada, Eragon Cavaleiro de Dragão. Parece-me demonstrar uma atitude bastante frívola para com as suas responsabilidades maiores e isso é grave. Discutirei a questão com Oromis e ele decidirá o que fazer contigo. Agora, diga-me, porque pediu essa audiência?”

Eragon comprimiu os maxilares três vezes antes de arranjar coragem para relatar, num tom civilizado, os acontecimentos do dia, o motivo das suas atitudes em relação à Sloan e o castigo que o açougueiro estava precisava receber.

Quando terminou, Islanzadí virou-se, contornou a tenda com a agilidade de um gato, a seguir parou e disse, “Decidiu ficar para trás, no meio do Império, para salvar a vida de um assassino e de um traidor. Está viajando sozinho com esse homem, a pé, sem mantimentos ou armas com exceção da magia, com inimigos no seu encalço. Vejo que minhas repreensões foram mais do que justificadas. Você...”

“Se zangue comigo como assim o entender, Majestade. Preciso resolver isto rapidamente para poder descansar um pouco antes do amanhecer; tenho muitos quilômetros a percorrer amanhã.”

A rainha concordou. “O que importa é a sua sobrevivência. Ficarei zangada depois de terminamos a conversa... Quanto ao seu pedido, é algo sem precedentes na nossa história. Se estivesse no seu lugar, teria morto Sloan e me livrado do problema.”

“Eu sei que teria feito. Uma vez vi Arya matar um falcão gravemente ferido, pois, segundo ela, a sua morte era inevitável e ao matá-lo estaria lhe poupando horas de sofrimento. Talvez eu devesse ter feito o mesmo com Sloan, mas não consegui. Creio que seria uma escolha que iria lamentar o resto da minha vida, ou pior, uma escolha que tornaria mais fácil matar de novo.”

Islanzadí suspirou, e, de repente, revelou um ar fatigado. Eragon se lembrou que ela lutara o dia inteiro. “Oromis pode ter sido o professor adequado para você; no entanto, demonstra ser herdeiro de Brom e não de Oromis. Brom é a única pessoa que eu conheço capaz de se meter em situações tão difíceis como você. Tal como ele, parece que você é atraído a procurar a zona mais profunda de areias movediças para logo depois mergulhar nela.”

Satisfeito com a comparação, Eragon disfarçou um sorriso. “E o que faço com Sloan?” perguntou ele. “O destino dele repousa em suas mãos agora.”

Islanzadí sentou-se lentamente numa cadeira, junto da mesa dobrável. Pousou as mãos na borda dela e olhou para o lado de fora do vidro, assumindo um semblante pensativo e enigmático. Uma bela máscara que escondia os seus pensamentos e emoções, na qual Eragon nunca conseguiria penetrar por mais que se esforçasse. Quando decidiu falar, disse, “Já que decidi salvar a vida desse homem, se sujeitando a dificuldades e esforços consideráveis, não posso recusar o seu pedido, pois faria todo o seu sacrifício ser em vão. Se Sloan sobreviver à provação que o sujeitar, então Gilderian o Sábio permitirá a sua entrada e Sloan ganhará um quarto, uma cama e comida. Mas não posso prometer, visto o que acontecerá em seguida, dependerá inteiramente de Sloan. Todavia, se as condições que se referiu se confirmarem, então sim, iluminaremos a sua escuridão.”

“Obrigado Majestade. É muito generoso da sua parte.”

“Generoso, não. Esta guerra não me permite ser generosa, mas prática. Vá e faça o que tem que fazer. Tenha cuidado Eragon, Matador de Espectros.”

“Majestade” e fez uma reverência. “Se me permite, gostaria de lhe pedir um último favor: se importa de não mencionar a minha presente situação à Arya, Nasuada ou qualquer um dos Varden? Não quero que se preocupem comigo mais do que devem, além disso, saberão de mim em breve, através de Saphira.”

“Considerarei o seu pedido.”

Eragon esperou, mas ao ver que Islanzadí continuava silenciosa, deixando claro que não pretendia falar a sua decisão, fez uma segunda reverência e disse, “Obrigado.”

A imagem cintilante na superfície da água tremeu e desapareceu na escuridão, assim que Eragon terminou o feitiço que lançara. Se apoiando nos calcanhares, endireitou-se e contemplou a imensidão de estrelas, deixando que seus olhos se adaptassem à luz tênue e fraca. Depois se afastou da rocha com água e refez os seus passos ao longo das ervas e dos arbustos, regressando ao acampamento, onde Sloan estava sentado, muito direito e rígido como ferro.

Eragon deu um pontapé numa pedra e o ruído denunciou sua presença a Sloan, que virou a cabeça com a rapidez de um pássaro.

“Já tomou sua decisão?” perguntou Sloan.

“Já” respondeu Eragon. Parou e agachou-se em frente ao açogueiro, pousando a mão no chão para se equilibrar. “Ouça-me bem, pois não quero repetir. Fez o que fez condicionado pelo seu amor por Katrina, pelo menos é o que diz. Mas, mesmo que não queira admitir, creio que tinha outros motivos para a separar de Roran:... raiva... ódio... desejo de vingança... e a sua própria dor.”

Os lábios de Sloan endureceram, convertendo-se em duas linhas finas. “Está me ofendendo.”



“Não, não acho que esteja. Uma vez que a minha consciência me impede de matar você, o seu castigo será o mais terrível que eu consegui imaginar, tirando a morte. Estou convencido que o que disse é verdade e que Katrina é mais importante para você do que qualquer outra coisa. Assim o teu castigo será: não voltará a vê-la, tocá-la ou falar com ela, nem mesmo no dia da sua morte. E viverá sabendo que Katrina está com Roran e que ambos estão felizes juntos sem você.”

Sloan inspirou através dos dentes cerrados. “Isso é o meu castigo? Ora! Não pode executá-lo sem uma prisão para me deter.”

“Ainda não acabei. Irei executá-lo, forçando você a prestar juramentos na língua dos elfos - a língua da verdade e da magia - para que cumpra os termos da sentença.”

“Não pode me forçar a dar a minha palavra?” rosnou Sloan. “Nem que me torture.”

“Posso e não vou torturar você. Além disso, vou induzir um impulso em você para que viaje rumo ao norte, até chegar à Ellesméra, a cidade dos elfos, nas profundezas de Du Weldenvarden. Poderá tentar resistir ao impulso, se quiser, mas por mais que lute, o feitiço irá incomodar você como uma coceira que não pode coçar, até que finalmente obedeça as suas exigências e viaje para os domínios dos elfos.

“Não tem coragem para me matar?” perguntou Sloan. “É covarde demais para enfiar uma faca no meu pescoço e, por isso, me obriga a vagar pelos campos, perdido e cego, até que algum animal me mate?” E cuspiu a esquerda de Eragon. “Não passa de um pirralho infestado de doenças. Bastardo, é o que você é, uma cria sem mãe, um bruxo de cara oleosa, salpicado de estrume; um vilão maldoso, um sapo venenoso; o filho débil e choroso de uma porca desonrada. Não daria para você meu último pedaço de carne se você estivesse prestes a morrer de fome, nem uma gota de água se ardesse em febre, nem a tampa de um caixão se estivesse morto. Tem pus em vez de medula, e fungos em vez de cérebro, anda encolhido e morde os lábios.”

Há algo impressionantemente obsceno nas blasfêmias de Sloan, pensou Eragon, embora a sua admiração não o impedisse de desejar estrangular o açougueiro ou, pelo menos lhe dar uma resposta à altura. Porém, a suspeita de que Sloan tentava enfurecê-lo de qualquer maneira, a ponto que ele o agredisse e lhe desse um fim não merecido, acabou com o desejo de retaliação.

Eragon respondeu, “Posso ser um bastardo, mas não sou um assassino.” Sloan respirou fundo, mas antes que este pudesse retomar a sua torrente de insultos, Eragon acrescentou: “Para onde quer que vá não lhe faltará comida, nem será atacado por animais selvagens. Lançarei certos feitiços ao seu redor, que impedirão os homens e os animais de importunarem você e permitirão que os animais levem comida para você, sempre que precisar.”

“Não pode fazer isso,” suspirou Sloan. Mesmo à luz das estrelas, Eragon conseguia ver os últimos vestígios de cor fugir de sua pele, o deixando branco como osso. “Você não tem os meios. Você não tem o direito.”

“Eu sou um Cavaleiro de Dragão. Tenho tanto esse direito como um rei ou uma rainha.” Em seguida Eragon, que não tinha qualquer interesse em continuar a castigar Sloan, proferiu o verdadeiro nome do açougueiro de modo que ele o ouvisse. Uma expressão de terror e revelação invadiu o rosto de Sloan, que ergueu os braços e gritou como se tivesse sido apunhalado. O grito foi rude, irregular e desolado: era o grito de um homem condenado pela sua própria natureza a um destino do qual nunca poderia escapar. Deixou-se cair para frente sobre a palma das mãos e permaneceu nessa posição. Depois começou a gemer, com o rosto obscurecido pelas madeixas do cabelo.

Eragon observou, horrorizado com a reação de Sloan. Será que ouvir o seu verdadeiro nome afetará todas as pessoas dessa forma? Será que acontecerá o mesmo comigo?

Tentando esquecer-se do sofrimento de Sloan, Eragon começou a executar o que disse que faria. Repetiu o verdadeiro nome de Sloan e, palavra por palavra, instruiu o açougueiro sobre os juramentos na língua antiga que o iriam impedir de voltar a ver ou contatar Katrina. Sloan tentou resistir, chorando, guinchando e rangendo os dentes, mas, por mais vigorosamente que se debatesse, não tinha alternativa senão obedecer, sempre que Eragon invocava seu verdadeiro nome. Quando os juramentos terminaram, Eragon lançou os cinco feitiços que iriam conduzir Sloan a Ellesméra e o proteger da violência fortuita, convencendo os pássaros, as feras e os peixes que habitavam os rios a alimentá-lo. Eragon invocou os feitiços de forma a sugarem a energia de Sloan e não a sua.

A meia-noite não passava de uma vaga memória, quando Eragon terminou o ultimo encantamento. Embriagado de cansaço apoiou-se no bastão de espinheiro. Sloan estava dobrado a seus pés.

“Acabou” disse Eragon.

A figura abaixo de si emitiu um gemido confuso. Sloan parecia tentar dizer algo. Franzindo a sobancelha, Eragon se ajoelhou junto dele. As faces de Sloan estavam vermelhas e ensangüentadas onde ele havia se arranhado com os dedos. Seu nariz pingando lágrimas que escorriam de seu olho esquerdo, que era o menos mutilado dos dois. A pena e a culpa cresciam dentro de Eragon; não lhe dava qualquer prazer ver Sloan naquele estado deplorável. Era um homem destroçado, despido de tudo a que dava valor na vida, incluindo as suas ilusões e fora Eragon o responsável. A consumação do ato fez com que Eragon se sentisse sujo, como se tivesse feito algo vergonhoso. Era necessário, pensou ele, mas nunca ninguém deveria ser forçado a executar o que eu acabei de fazer.

Sloan voltou a gemer e a seguir disse, “... só um pouco de corda. Não era a minha intenção... Ismira... Não, não, por favor, não...” As alucinações do açougueiro cessaram e no intervalo de silêncio que se seguiu, Eragon pousou a mão no braço de Sloan, que se retraiu ao sentir o contato. “Eragon...,” murmurou ele. “Eragon... Estou cego e você me manda caminhar pelos campos... Caminhar sozinho pelos campos. Fui abandonado e renegado. Sei quem sou e não suporto. Ajuda-me; mata-me! Liberta-me desta agonia.”

Num impulso, Eragon colocou o bastão de espinheiro na mão direita de Sloan e disse, “Leva o meu bastão. Deixe que ele guie você na sua jornada.”

“Mata-me!”

“Não.”

Sloan deu um grito rouco e balançou de um lado para o outro, batendo com os punhos na terra. “Cruel, cruel você é!”. As suas débeis forças se esgotaram e ele se enrolou num novelo apertado, ofegando e lastimando-se.

Curvando-se sobre ele, Eragon colocou a boca junto do ouvido de Sloan e murmurou, “Não sou impiedoso, por isso lhe dou uma esperança: Se chegar a Ellesméra, terá uma casa à sua espera. Os elfos cuidarão de você e lhe deixarão fazer o que quiser até o fim da sua vida, exceto uma coisa: depois de entrar em Du Weldenvarden, não poderá sair... Escute-me, Sloan. Quando estava entre os elfos, aprendi que o verdadeiro nome de uma pessoa pode mudar ao envelhecer. Percebe o que isso significa? Aquilo que você é não significa que o será para toda a eternidade. Um homem pode mudar se assim o quiser.”

Sloan não respondeu.

Eragon deixou o bastão junto a Sloan e se dirigiu ao lado oposto do acampamento, se estendendo no chão. Já de olhos fechados, murmurou um feitiço, que o faria se levantar antes do amanhecer e lhe permitiria vagar no abraço apaziguador de um repouso em alerta.

A Terra Cinzenta estava fria, escura e inóspita, quando Eragon ouviu um zumbido suave dentro da sua cabeça. “Letta” disse ele e o zumbido cessou. Gemendo enquanto estirava os músculos doloridos, se levantou e ergueu os braços por cima da cabeça, movimentando-se para ativar a circulação. Sentia as costas tão doloridas que esperava não ter de voltar a brandir uma arma tão cedo. Baixou os braços e procurou Sloan.

O Açougueiro havia sumido.

Eragon sorriu ao distinguir um trilho de pegadas, acompanhada pela marca arredondada do bastão, que se afastava do acampamento. A trilha era confusa e ondulada, contudo avançava para o norte, em direção a grande floresta dos elfos.

Desejo que ele seja bem sucedido, pensou Eragon, ligeiramente surpreendido. Quero que ele seja bem sucedido, porque tal coisa significa que todos podemos nos redimir de nossos erros. Se Sloan conseguir corrigir seus defeitos de caráter e aceitar o mal que fez, descobrirá que a sua provação não é tão sombria quanto pensa.

Eragon não dissera a Sloan que se ele demonstrasse verdadeiro arrependimento pelos seus crimes, modificasse os seus hábitos e vivesse como uma pessoa melhor, a Rainha Islanzadí pediria aos seus feiticeiros que recuperassem a sua visão. No entanto, Sloan teria de conquistar essa recompensa, logo não poderia saber da sua existência; caso contrário poderia ocorrer de ele tentar enganar os elfos para que lhe concedessem a visão antes do tempo.

Eragon observou as pegadas durante algum tempo, erguendo depois o olho em direção ao horizonte e disse, “Boa sorte.”

Cansado, mas também satisfeito, virou as costas para a trilha de Sloan e começou a correr ao longo da Terra Cinzenta. Sabia que as formações de rocha arenosa onde Brom jazia na sua tumba de diamantes, ficavam a Sudoeste. Há muito tempo desejava desviar-se do seu caminho e ir lhe prestar uma homenagem; mas não se atrevia, pois, se Galbatorix descobrisse a existência do local, mandaria os seus agentes à procura de Eragon.

“Eu voltarei” disse ele. “Eu prometo a você, Brom: um dia eu voltarei.”

E continuou a correr.



## O TESTE DAS FACAS LONGAS

“Mas nós somos o teu povo!”

Fadawar, um homem alto, de pele escura e nariz empinado falava com a mesma ênfase e vogais alteradas que Nasuada lembrava ouvir na sua infância, em Farthen Dûr, quando os emissários da tribo do pai chegavam e se sentavam para conversar e fumar erva de cardo enquanto ela cochilava no colo de Ajihad.

Nasuada olhou para Fadawar e desejou ter mais quinze centímetros de altura, para poder olhar diretamente nos olhos do senhor da guerra e os seus quatro servos. Mesmo assim estava habituada a encarar homens mais altos que ela. Desconcertante era ainda se ver no meio de um grupo de pessoas com a pele tão escura como a sua. Não ser alvo de olhares curiosos e comentários em voz baixa, era de fato uma experiência nova.

Nasuada estava à frente na cadeira entalhada, de onde conduzia as audiências que dava no pavilhão do comando vermelho – uma das únicas cadeiras sólidas que os Varden trouxeram para as campanhas. O sol estava prestes a se pôr e os seus raios infiltravam-se no lado direito do pavilhão, como que através de um vidro fosco, dando aos objetos dispostos no interior, um brilho avermelhado.

Uma mesa baixa e comprida, com mapas e relatórios espalhados, ocupava metade do pavilhão.

Mesmo à entrada da grande tenda, no exterior, seis membros da sua guarda pessoal – dois homens, dois anões e dois Urgals – permaneciam de armas em punho, prontos a atacar ao mínimo indício de perigo. Jörmundur, o comandante mais velho e em quem depositava mais confiança, lhe impusera a presença dos guardas desde o dia em que Ajihad morrera; mas nunca tantos guardas, nem durante tanto tempo. Contudo, no dia seguinte da batalha da Campina Ardente, Jörmundur expressara a profunda e constante preocupação que sentia em relação à sua segurança, uma preocupação, dizia ele, que o mantinha freqüentemente de pé toda noite, com o estômago ardendo. Atendendo ao fato que ela já fora alvo de um atentado em Alberon e Murtagh chegara a concretizar essa façanha com o Rei Hrothgar há pouco menos de uma semana, Jörmundur dera a opinião que Nasuada criasse uma força para sua defesa. Ela objetara, alegando que tal medida era um exagero, mas não conseguira dissuadir Jörmundur; ele ameaçara abdicar do seu posto se ela se recusasse a adotar o que ele considerava serem as precauções necessárias.

Finalmente, ela acabou cedendo, passando a hora seguinte pensando sobre o número que guardas que deveria ter. Ele queria doze ou mais, a qualquer hora do dia, ela quatro, no máximo. Por fim, acabaram concordando em seis, o que Nasuada continuava considerando excessivo. Incomodava-a que pensassem que ela tinha medo, ou pior, que pretendia intimidar aqueles com quem se reunia. Mas, mais uma vez, Jörmundur não se deixou influenciar pelos seus protestos e quando ela o acusou de ser um velho teimoso e pessimista ele riu e acrescentou, “Mais vale um velho teimoso e pessimista do que uma jovem imprudente e morta antes do seu tempo.”

Como os membros da sua guarda trocavam de turno em seis em seis horas, o número total de guerreiros destacados para proteger Nasuada tinha trinta e quatro, incluindo os dez suplementares, sempre a postos para substituir seus camaradas, caso estes adoecessem, fossem feridos ou morressem.

Foi Nasuada que insistiu que recrutasse essa força de entre cada uma das três raças mortais reunidas, para combater Galbatorix. Ao fazê-lo esperava inscutir uma solidariedade entre todos e lhes transmitir que representava os interesses de todas as

raças sob o seu comando, e não apenas os dos humanos. Teria incluído também os elfos, mas naquele momento Arya era o único elfo que lutava ao lado dos Varden e seus aliados. Os doze feiticeiros de Islanzadí que enviara para proteger Eragon, ainda não tinham chegado. Para desilusão de Nasuada, os guardas humanos e os anões demonstravam hostilidade com os Urgals com quem serviam, uma reação que antecipara, mas fora incapaz de evitar.

Estava consciente que seria necessário mais do que uma batalha comum para suavizar as tensões que existiam entre as raças que se defrontavam e se odiavam mutuamente há tantas gerações. Mesmo assim, achou encorajador que os guerreiros decidissem chamar a sua força de Falcões Noturnos, já que o título contemplava em simultâneo a sua cor e o fato de os Urgals invariavelmente se referirem a ela como Lady Caçadora Noturna.

Embora jamais admitisse perante Jörmundor, Nasuada começou a apreciar rapidamente a segurança acrescida que os guardas lhe proporcionavam. Além de serem mestres nas suas armas preferidas – fossem elas as espadas dos humanos, os machados dos anões ou a exótica coleção de instrumentos dos Urgals – inúmeros dos guerreiros eram feiticeiros e todos eles lhe juravam lealdade eterna na língua antiga. Desde o dia que os Falcões Noturnos tinham assumido os seus deveres, Nasuada não voltara a ficar sozinha com outra pessoa a não ser a sua criada, Farica.

Quer dizer, até agora.

Nasuada os enviara para fora do pavilhão, pois sabia que o seu encontro com Fadawar poderia conduzir ao tipo de derramamento de sangue que o senso de dever dos Falcões Noturnos levaria a evitar. De qualquer modo, não estava totalmente indefesa, pois tinha uma adaga escondida nas pregas do vestido, uma faca ainda menor no corpete da roupa interior e Elva, a criança-feiticeira que estava sentada logo atrás da cortina, junto das costas da cadeira de Nasuada, pronta a intervir caso fosse necessário.

Fadawar bateu com o seu cetro de um metro e meio no chão. O bastão gravado em relevo era de ouro maciço, tal como sua fantástica coleção de jóias. Tinha os antebraços cobertos de pulseiras de ouro; o tórax protegido por uma armadura de ouro batido; longas e grossas correntes de ouro penduradas no pescoço; e os lóbulos das orelhas esticados, com discos de ouro embutidos.

Sobre a cabeça repousava uma coroa de ouro resplandecente de proporções tão grandes que Nasuada se perguntou como ele conseguiria suportar aquele peso sem entortar o pescoço e como a manteria fixa sendo uma monumental peça de arquitetura. Aparentemente, só grampeando tal edifício ao osso que lhe servia de base poderia evitar que caísse, pois apresentava, pelo menos, setenta centímetros de altura.

Os homens de Fadawar usavam trajes semelhantes, embora menos extravagantes. O ouro que usavam servia não somente para mostrar a sua fortuna, mas também o status e as façanhas de cada um, bem como as aptidões da tribo, composta de artífices famosos. Fosse como nômades ou cidadãos vulgares, o povo da pele escura de Alagaësia era há muito conhecido pela qualidade das suas jóias, cujas melhores peças rivalizavam com as dos anões.

Nasuada adquirira algumas, mas decidira não usar. O seu singelo vestuário jamais poderia competir com o esplendor de Fadawar. Além disso, não considerava sensato se associar a um grupo, por muito mais rico e influente que fosse, sempre que tinha de lidar e dirigir-se a todas as facções dos Varden. Se demonstrasse algum tipo de parcialidade em relação a este ou aquele, a sua capacidade para controlá-los diminuiria. E era nisso que se constituía a sua base de argumentação com Fadawar.

Fadawar voltou a bater o bastão no chão. “O sangue é a coisa mais importante! Primeiro, estão as suas responsabilidades para com a família, a seguir para com a sua tribo, depois para com o seu senhor da guerra, depois ainda para com os deuses

superiores e inferiores e só no fim para com o seu rei e sua nação, caso tenha uma. Era assim que Unulukuna pretendia que os homens vivessem e é assim que devemos viver se quisermos ser felizes. Terá coragem suficiente para cuspir nos sapatos do Ancião? Se um homem não apóia sua família, com quem poderá contar? Os amigos são volúveis, mas a família é eterna.”

“Você me pede,” disse Nasuada, “que conceda posições de poder aos seus parentes, pois é primo da minha mãe e pelo fato de o meu pai ter nascido entre vocês. Eu teria o maior gosto em satisfazer o seu pedido se os seus parentes estivessem em melhores condições de preencher esses lugares que outras pessoa dos Varden os preenchem. Mas nada do que me disse até agora me convenceu a fazê-lo. Logo, antes que desperdice essa sua comprometedora eloquência, é bom que saiba que os apelos baseados no sangue que compartilhamos nada significam para mim. O seu pedido mereceria uma consideração maior da minha parte, se tivesse feito algo para apoiar meu pai, além de enviar bugigangas e promessas vazias para Farthen Dûr. Só agora, que a vitória e a influência são minhas você se apresenta perante mim. Os meus pais estão mortos e lhe digo, a minha única família sou eu. Vocês são o meu povo, nada mais.”

Fadawar fechou os olhos, ergueu o queixo e disse, “O orgulho de uma mulher nunca faz qualquer sentido. Você irá falhar sem o nosso apoio.”

Agora, dirigia-se a ela na sua língua nativa, o que forçou Nasuada a responder na mesma moeda. Odiava-o por isso. O seu discurso hesitante e a entoação duvidosa deixavam transparecer que estava pouco familiarizada com a sua língua mãe, enfatizando o fato de que não crescera na tribo e de não passar de uma estranha. Era uma estratégia que minava a sua autoridade. “Novos aliados são sempre bem-vindos,” acrescentou ela. “Contudo, pactuar com favoritismos, nem vocês deveriam ter necessidade disso. As suas tribos são fortes e dotadas. Deverão conseguir destacar-se rapidamente entre os Varden, sem que seja necessária a caridade de outros. Serão por acaso cães esfomeados para se sentarem a minha mesa com lamúrias, ou serão homens capazes de se bastar a si próprios? Se o são, terei o maior prazer de me unir convosco para melhorar o grupo dos Varden e derrotar Galbatorix.”

“Bah!” exclamou Fadawar. “A tua oferta é tão falsa quanto você. Nós não fazemos o trabalho de seus criados; somos os eleitos. Insulta-nos. Sorri, mas o seu coração está inundado de veneno de escorpião.”

Aplacando a sua raiva, Nasuada tentou serenar o senhor da guerra. “Não era minha intenção lhe ofender. Estava apenas tentando explicar a minha posição. Não tenho nada contra as tribos nômades, tão pouco nutro qualquer tipo de afeição por elas. Será isso assim tão mau?”

“Pior que mau. É uma traição descarada! O seu pai nos fez determinados pedidos, se baseando no nosso parentesco e agora você ignora os nossos serviços e nos manda embora de mãos vazias, como pedintes!”

Um sentimento de resignação invadiu Nasuada. Elva tinha razão --- é inevitável, pensou ela. Uma vaga sensação de medo e exaltação percorreu-lhe o corpo. Se tem de ser, não vejo motivos para manter esta charada. Ao voltar a falar, disse, “Pedidos que não honraram por metade do tempo.”

“Honramos sim!”

“Não honraram nada. E mesmo que estivesse dizendo a verdade, a posição dos Varden é demasiada precária para que eu lhes conceda algo gratuitamente. Já que pedem favores, me digam o que me oferecem em troca? Ajudarão a financiar os Varden com o seu ouro e jóias?”

“Não diretamente, mas---“

“Permitirá que eu utilize seus prédios gratuitamente?”

“Não poderíamos ---”

“Como pretende, então, conquistar essas vantagens? Não pode pagar com guerreiros, visto que os seus homens já lutam ao meu lado, seja com os Varden ou no exercito do Rei Orrin. Contenta-te com o que tens, Senhor da Guerra e não tente conseguir mais do que é seu por direito.”

“Distorce a verdade para servir os seus propósitos egoístas. Eu procuro obter o que é nosso por direito! É por isso que estou aqui. Fala, fala, mas as suas palavras não têm qualquer significado, pois as suas ações revelam que nos traiu.” As pulseiras chocalhavam umas nas outras enquanto gesticulava como se estivesse perante uma audiência de milhares de pessoas. “Admite que somos o seu povo, mas será que ainda segue os nossos costumes e adora os nossos deuses?”

Eis o ponto da viragem, pensou Nasuada. Poderia mentir e alegar que abandonara os velhos costumes, mas se o fizesse os Varden perderiam as tribos de Fadawar e os outros nômades, logo que soubessem da sua resposta. Precisamos deles. Precisamos de toda a gente que possamos reunir, para ter a mínima chance de derrotar Galbatorix.

“Sigo,” disse ela.

“Então lhe digo que não está em condições de liderar os Varden, e como é meu direito legítimo, a desafio para o Teste das Facas Longas. Se sair vencedora, nos curvaremos perante você e nunca mais questionaremos a sua autoridade. Mas se perder terá de se afastar e eu assumirei o seu lugar como líder dos Varden.”

Nasuada distinguiu o regozijo brilhar no olhar de Fadawar. Era isto que ele queria desde o início, concluiu ela. Teria pedido pelo teste mesmo que eu cedesse suas exigências. Em seguida disse, “Talvez esteja enganada, mas pensei que a tradição ditasse que o vencedor assumisse a liderança das tribos do seu rival, para além da liderança da sua tribo, não é assim?” E quase desatou a rir com a expressão de desânimo que surgiu no rosto de Fadawar. Não esperava que eu soubesse isto, esperava?

“Sim.”

“Então aceito o seu desafio, na certeza, porém de que se eu ganhar a sua coroa e o seu cetro serão meus. Estamos entendidos?”

Fadawar anuiu com uma evidente expressão de raiva. “Estamos.” Cravou o bastão tão fundo que este ficou preso no chão, agarrando, em seguida na primeira pulseira do braço esquerdo e fazendo-a passar através da mão.

“Espere,” disse Nasuada. Aproximando-se da mesa que enchia a outra metade do pavilhão, pegou um pequeno sino de latão, o agitou duas vezes e após uma breve pausa, abanou-o mais quatro.

Passado pouco tempo, Farica entrou na tenda, olhou diretamente para os convidados de Nasuada. Fez-lhe uma reverência e disse, “Sim, minha senhora?”

Nasuada acenou para Fadawar. “Podemos prosseguir.” Depois se dirigindo a criada, disse: “Ajude-me a despir o vestido; não quero estragá-lo.”

A mulher mais velha parecia chocada com o pedido. “Aqui senhora? Em frente a estes... homens?”

“Sim, aqui. E trate de se apressar também! Eu não ter que discutir com a minha própria criada sobre isso.” Nasuada fora mais brusca do que pretendia, mas o seu coração batia descompassadamente e a sua pele estava tão sensível que o linho lhe parecia tão abrasivo como lona. Paciência e cortesia eram coisas que desconhecia naquele momento. A única coisa que tinha em mente era a provação que a aguardava.

Nasuada permaneceu imóvel, enquanto Farica puxava os cordões do vestido que se estendiam desde as omoplatas até a base da espinha. Logo que os alargou, Farica ergueu os braços de Nasuada, despindo-lhe as mangas e o corpo do vestido, que se embrulhou ao redor dos pés de Nasuada, deixando-a quase nua, apenas com uma camisa branca.

Nasuada conteve um arrepio, ao ver os quatro guerreiros examiná-la e sentiu-se vulnerável sob aqueles olhares cobiçosos. Ignorando-os, deu um passo a frente, saindo do interior do vestido, enquanto Farica o apanhava no chão empoeirado.

Do lado oposto, Fadawar estivera ocupado removendo as pulseiras dos antebraços, revelando mangas bordadas das roupas que trazia por baixo. Ao terminar, ergueu a pesada coroa e a entregou a um dos servos.

Um ruído de vozes, vindo do exterior da tenda, impediu que prosseguissem. Marchando através da entrada, um mensageiro – Jarsha era o seu nome – avançou um ou dois passos e anunciou: “O rei Orrin de Surda, Jörmundur dos Varden, Trianna de Du Vrangr Gata, Naako e Ramusewa da tribo Inapashunna.” Enquanto falava, Jarsha desviou deliberadamente o olhar para o teto.

Virando-se bruscamente, Jarsha retirou-se e a congregação que anunciara entrou com Orrin a dianteira. Ao ver Fadawar, o rei o cumprimentou e dizendo, “Ah, Senhor da Guerra, mas que surpresa. Espero que esteja –” A estupefação tomou as feições juvenis de Orrin ao olhar para Nasuada. “O que significa isto, Nasuada?”

“Eu faço a mesma pergunta,” resmungou Jörmundur. Ele agarrou o punho da espada e olhou enraivecido para qualquer um que se atrevesse a observá-la muito descaradamente.

“Os chamei aqui,” disse ela, “a fim de testemunharem o Teste das Facas Longas, entre mim e Fadawar, para que depois revelem o resultado a todos os que os interrogarem.”

Os dois membros tribais de cabelo grisalho, Naako e Ramusewa, pareciam alarmados com aquela revelação, trocando murmúrios entre si. Trianna cruzou os braços com uma pulseira em forma de cobra em torno do pulso fino, sem deixar transparecer qualquer reação. Jörmundur praguejou e disse, “Pedeu o juízo, Senhora? Isto é uma loucura. Não pode ---”

“Posso e vou fazê-lo.”

“Senhora, se o fizer, eu ---”

“Agradeço a sua preocupação, mas a minha decisão é definitiva e proíbo seja quem for de interferir.” Nasuada podia dizer que ele pretendia desobedecer à sua ordem, mas por muito que a desejasse proteger de todo o mal, a lealdade sempre fora a característica predominante em Jörmundur.

“Mas Nasuada,” disse o rei Orrin. “Não é neste teste que---”

“Sim, é.”

“Maldito seja, então! Porque não desistes desta aventura louca? Só pode estar perturbada para querer levar isto adiante.”

“Já dei a minha palavra a Fadawar.”

Os ânimos tornaram-se ainda mais sombrios no interior do pavilhão. O fato de ter dado a sua palavra significava que se quebrasse a promessa iria mostrar que era desonrada e desleal, pelo que nenhum homem justo teria outra alternativa senão amaldiçoá-la e evitá-la. Orrin hesitou por instantes porém persistiu nas suas perguntas:

“Para quê? Isto é, se você perder---”

“Se perder, os Varden deixarão de estar sob as minhas ordens, passando a obedecer Fadawar.”

Nasuada esperava uma tempestade de protestos, mas, em vez disso, obteve um silêncio que aguçou a raiva ardente que animava o rosto do Rei Orrin, deixando-o vermelha. “Não me agrada que tenha decidido pôr em perigo a nossa causa.” Se dirigindo, em seguida, a Fadawar acrescentou, “Seria razoável da sua parte libertar Nasuada da sua obrigação. Irei lhe recompensar generosamente se concordar em abandonar esta sua insensata ambição.”



“Já sou rico,” respondeu Fadawar. “Não preciso do seu ouro misturado com latão. Não, nada poderá compensar do ultraje que Nasuada dirigiu ao meu povo e a mim próprio, a não ser o Teste das Facas Longas. Agora, preste o seu testemunho.”

Orrin apertou as abas do manto, mas fez uma reverência e disse, “Sim, prestarei testemunho.”

Os guerreiros de Fadawar tiraram um pequeno tambor de pele de cabra das volumosas mangas, sentaram-se sobre os quadris, colocaram os tambores entre os joelhos e iniciaram um ritmo indomável, batendo tão depressa que as mãos pareciam manchas de fuligem no ar. Esse barulho grosseiro obliterou todos os outros ruídos, diluindo também a vaga de pensamento frenética que perturbava Nasuada, cujo coração parecia acompanhar o ritmo maníaco que lhe chegava aos ouvidos.

Sem Falharem uma só nota, os servos mais idosos de Fadawar levaram a mão às túnicas, retirando duas facas longas e curvas que lançaram em direção ao pico da tenda. Nasuada viu as facas caírem com a lâmina apontada para baixo, fascinada com a beleza dos movimentos.

Logo que sentiu que a sua faca estava suficientemente perto, ergueu o braço e a pegou. O cabo com opalas embutidas machucou a palma da mão.

Fadawar conseguiu interceptar a sua arma.

Agarrando depois no punho direito do traje, empurrou a manga de forma a ficar acima do cotovelo. Nasuada ficou de olhos postos no antebraço de Fadawar enquanto ele tomava as suas diligências. Tinha um braço grosso e musculoso, mas ela não deu importância, as suas qualidades atléticas não o iriam ajudar a ganhar a competição. O que ela procurava eram os reveladores sulcos que, se existissem, deveriam ser visíveis ao longo do músculo interior do braço.

Nasuada distinguiu cinco.

Cinco! pensou ela. Tantos. A sua autoconfiança esmoreceu ao contemplar a evidência da bravura de Fadawar. A única coisa que a impedia de perder por completo a coragem era a previsão de Elva. Em relação a este assunto, a menina lhe dissera que ela iria sair vitoriosa. Nasuada agarrou-se a essa memória como a um filho único. Ela disse que eu ia conseguir, por isso devo agüentar mais tempo que Fadawar... tenho de agüentar!

Como fora Fadawar a lançar o desafio, foi ele que começou. Ergueu o braço direito à altura do ombro, com a palma da mão virada para cima, encostou a lâmina da faca no antebraço, abaixo da dobra do cotovelo e golpeou com a lâmina afiada. A pele abriu como um fruto maduro e o sangue escorreu abundantemente do interior da fenda rubra.

Ele fixou o olhar em Nasuada.

Ela sorriu e encostou a sua faca no braço. O metal estava frio como gelo. Aquele era um teste de força de vontade, cujo objetivo era descobrir quem agüentaria mais cortes. A crença era de que quem aspirasse a tornar-se chefe de uma tribo, ou mesmo senhor da guerra, deveria estar na disposição de suportar mais dor do que qualquer um, para o bem do seu povo.

Se não fosse assim, como poderiam as tribos acreditar que os seus líderes colocariam os interesses da comunidade à frente dos seus desejos egoístas? Nasuada tinha a opinião que essa prática encorajava o extremismo, mas compreendia as vantagens do gesto como uma forma de ganhar confiança do povo. Apesar de o Teste das Facas Longas ser um costume próprio das tribos de pele escura, vencer Fadawar iria solidificar a sua posição junto dos Varden, tal como, assim ela esperava, junto aos seguidores do Rei Orrin.

Lançou um breve pedido de força a Gokukara, a deusa louva-a-deus e puxou a faca. O aço afiado deslizou tão facilmente na pele que teve de se concentrar para não fazer um

golpe profundo demais. A sensação a fez estremecer. Queria jogar a faca fora, apertar a ferida e gritar.

Mas Nasuada não fez nada disso. Relaxou os músculos; se os contraísse, o processo seria muito mais doloroso. E continuou a sorrir à medida que a faca lhe mutilava lentamente o corpo. O corte terminou apenas três segundos depois, no entanto durante esse período a carne ultrajada deu mil gritos mudos que não a fizeram parar. Ao baixar a faca, reparou que embora os elementos da tribo ainda batessem nos tambores, ela apenas ouvia a sua própria pulsação.

Depois Fadawar cortou-se uma segunda vez. Exibia os tendões do pescoço em alto-relevo e, enquanto a faca sulcava o seu trilho sangrento, a jugular tornou-se saliente como se fosse arrebentar.

Nasuada percebeu que era sua vez de novo. Saber o que a esperava só aumentava seu medo. O instinto de conservação, que lhe fora tão útil em todas as outras ocasiões, parecia combater as ordens que enviava ao braço e à mão. Desesperada, Nasuada concentrou-se no desejo de preservar os Varden e derrotar Galbatorix: as duas causas pelas quais devotara todo o seu ser. Visualizou mentalmente o pai, Jörmundur, Eragon e os Varden, a seguir, pensou, Por eles! É por eles que faço isto. Nasci para servir e essa é a minha missão.

E fez a incisão.

Momentos depois, Fadawar abriu um terceiro corte no antebraço, tal como Nasuada.

O quarto golpe foi pouco depois.

E o quinto...

Uma estranha letargia invadiu Nasuada. Começava a se sentir muito cansada e também tinha frio. Ocorreu-lhe que talvez não fosse a tolerância à dor que pusesse fim ao teste, mas quem desmaiasse primeiro, por perda de sangue. Linhas de sangue escorriam ao longo do pulso e dos dedos, pingando numa poça espessa a seus pés. Algo semelhante, ainda que um pouco mais extenso, se acumulava em torno das botas de Fadawar. As feridas dos golpes, ao longo do braço do senhor da guerra, lembravam-lhe guelras de um peixe, um pensamento que, por qualquer razão, lhe pareceu extremamente divertido. Teve de morder a língua para não rir.

Com um rugido, Fadawar conseguiu completar o sexto golpe. “Faça melhor, sua bruxa inconseqüente!” Gritou ele, abafando o ruído dos tambores, e baixou-se sobre um joelho. E ela fez. Fadawar estremeceu, passando a faca da mão direita para a esquerda, pois a tradição impedia que se fizessem mais do que seis cortes em cada braço, para não correr o risco de cortar as veias e os tendões junto do pulso. Ao ver Nasuada fazer o mesmo, o rei Orrin saltou para o meio deles e disse, “Parem! Não vou permitir que isto continue. Vão acabar mortos.”

Esticou o braço em direção a Nasuada, mas logo saltou para trás, ao vê-la brandir a faca na sua direção. “Não interfira” rosnou ela entre os dentes.

Fadawar começou a cortar o braço direito, libertando um esguicho de sangue dos músculos tensos. Ele está contraindo os músculos, concluiu ela, esperando que aquele erro fosse o suficiente para enfraquecer o adversário.

Nasuada não conseguiu evitar um grito mudo, quando a faca lhe rasgou a pele. A lâmina afiada ardia como um arame incandescente. No meio do corte o braço esquerdo, ferido, estremeceu e a faca deslizou, deixando-a com uma laceração irregular e duas vezes mais profunda que as outras. Prendeu a respiração, enquanto tentava resistir à agonia. Não posso continuar, pensou ela, não posso... Não posso! É muito que suportar. Preferia morrer... Oh, por favor, vamos acabar com isto! Abandonar-se a esses e a outros protestos desesperados, deu-lhe algum alívio, embora no seu íntimo soubesse que jamais desistiria.

Pela oitava vez, Fadawar posicionou a sua faca sobre um dos antebraços, mantendo a lâmina pálida suspensa a escassos milímetros da pele negra. Permaneceu assim durante algum tempo. O suor escorria até seus olhos e os ferimentos revelavam rasgões cor de rubi. Parecia que a coragem começava a faltar, mas depois rangeu os dentes e cortou o braço com um gesto rápido.

A sua hesitação renovou a força debilitada de Nasuada. Tomada de um regozijo feroz que lhe transformou a dor numa sensação quase prazerosa, igualou o esforço de Fadawar e, compelida a prosseguir, por esse súbito e insensato desprezo pelo o seu próprio bem estar, ela voltou a cortar o braço.

“Faça melhor,” ela sussurrou.

A idéia de ter de fazer dois cortes de uma só vez, um para igualar o número dos lanhos de Nasuada e o outro para prosseguir o jogo, pareceu intimidar Fadawar. Pestanejou, lambeu os lábios, ajustando três vezes a mão na faca antes de erguê-la sobre o braço.

A língua voltou a umedecer os lábios.

Um espasmo faz sua mão esquerda contrair-se e a faca caiu dos dedos retorcidos, enterrando-se no chão.

Agarrou-a. Por baixo da túnica, o peito arfava num ritmo frenético. Erguendo a faca, encostou-a no braço, que sangrou de imediato. Os maxilares de Fadawar estavam tensos. Depois estremeceu de alto a baixo e dobrou-se, apertando os braços feridos contra o estômago. “Eu me rendo,” disse ele.

Os tambores pararam.

O silêncio que se seguiu durou apenas alguns segundos. De imediato, o Rei Orrin, Jörmundur e todos os outros encheram o pavilhão de exclamações.

Nasuada não prestou atenção aos comentários. Tateando atrás de si, encontrou a cadeira e se afundou nela, ansiosa por aliviar o peso das pernas. Sentia a visão turva e trêmula, mas fez um esforço para se manter consciente. A última coisa que queria era desmaiar em frente aos membros da tribo. Um toque gentil no ombro alertou-a o fato de Farica estar ao seu lado, com uma pilha de ligaduras.

“Senhora, posso cuidar de você?” perguntou Farica com uma expressão preocupada e hesitante, como se tivesse dúvidas em relação à reação de Nasuada.

Nasuada anuiu.

Enquanto Farica ia enrolando faixas de linho em torno dos braços, Naako e Ramusewa aproximaram-se. Fizeram-lhe uma reverência e Ramusewa disse, “Nunca ninguém suportou tantos cortes no Teste das Facas Longas. Tanto você como Fadawar demonstraram esforço, mas você é, sem dúvida, a vencedora. Relataremos a sua façanha ao nosso povo e eles irão lhe conceder lealdade.”

“Obrigada,” disse Nasuada. Ela fechou os olhos ao sentir a pulsação nos braços aumentar.

“Minha Senhora.”

Nasuada ouviu uma mistura confusa de sons ao redor e não fez qualquer esforço para decifrar, preferindo retirar-se para as profundezas de si, onde a dor não era tão imediata, nem tão ameaçadora. Flutuou num ventre negro e infinito, iluminado por bolhas sem forma e que mudavam constantemente de cor.

O seu descanso foi interrompido pela voz de Trianna, ao ouvir a feiticeira dizer, “Pára o que está fazendo, Farica. Tire essas ligaduras para que eu cure sua ama.”

Nasuada abriu os olhos e viu Jörmundur, o Rei Orrin e Trianna junto dela. Fadawar e os seus homens já tinham abandonado o pavilhão. “Não” disse Nasuada.

O grupo a olhou surpreso e Jörmundur disse, “Nasuada, os seus pensamentos estão pouco claros. O teste terminou. Não tem de tolerar esses cortes. Além do que temos que estancar a hemorragia.”

“Farica está fazendo um bom trabalho. Vou pedir a um curandeiro que limpe minhas feridas e coloque gelo para reduzir o inchaço, e isso é tudo.”

“Mas por quê?”

“O Teste das Facas Longas exige que os participantes deixem as suas feridas sarar naturalmente, caso contrário não se experimentaria em pleno a dor que o teste obriga. Se eu violar essa regra, Fadawar será o vencedor.”

“Permite-me que pelo menos alivie teu sofrimento?” perguntou Trianna. “Conheço vários feitiços capazes de eliminar qualquer tipo de dor. Se me tivesse consultado, eu poderia ter arranjado uma maneira de não sentir o mínimo desconforto, mesmo que cortasse o braço inteiro.”

Nasuada riu, deixando cair à cabeça para o lado, sentindo-se bastante tonta. “A minha resposta teria sido a mesma que agora: truques são desonrosos. Eu tinha que ganhar o teste sem estratégias, para que ninguém questione a minha liderança no futuro.”

Em um tom excessivamente suave, o Rei Orrin disse, “E se tivesse pedido?”

“Eu não podia perder, nem que isto significasse a minha morte. Jamais permitiria que Fadawar ganhasse o controle dos Varden.”

Orrin estudou-a com uma expressão grave. “Acredito em você. Mas será que a lealdade das tribos vale tamanho sacrifício? Não é assim tão vulgar que possamos substituir facilmente.”

“A lealdade das tribos? Não. Isto produzirá um efeito que irá muito além das tribos, como devem saber. Ajudará unificar nossas forças. O que é uma recompensa suficientemente valiosa para que me disponha a enfrentar inúmeras mortes desagradáveis.”

“Diga-me, por favor, o que ganhariam os Varden se tivesse morrido hoje? Não haveria qualquer benefício. O teu legado seria de desencorajamento, caos e provavelmente a ruína.”

Sempre que Nasuada bebia vinho, hidromel e bebidas especialmente fortes ela se tornava extremamente cautelosa com o seu discurso e com os seus movimentos. Mesmo que não percebesse logo, o álcool lhe prejudicava a coordenação e o bom senso e ela não queria comportar-se de uma forma menos própria, nem dar aos outros vantagens no seu relacionamento.

Embriagada de dor como estava, Nasuada percebeu mais tarde que na sua discussão com Orrin deveria ter tido a mesma dose de cautela que empregaria, caso tivesse bebido três canecas de licor de amora dos anões. Se o fizesse, o seu desenvolvido senso de cortesia teria lhe impedido de dizer: “Você se preocupa como um velho, Orrin. Tive de fazer isto e está feito. Não vale a pena nos preocuparmos agora... Corri um risco, sim, mais jamais conseguiremos derrotar Galbatorix a não ser dançando próximo do desastre. Você é um rei. Devia saber que o perigo é um manto que a pessoa aceita quando ele – ou ela – tem a arrogância de decidir o destino dos outros.”

“Percebo isso muito bem,” rosou Orrin. “Eu e a minha família defendemos Surda das invasões do Império, todos os dias há gerações e gerações, enquanto os Varden se limitaram a refugiar-se em Farthen Dûr, desfrutando da generosidade de Hrothgar como sanguessugas.” O manto rodopiou em torno dele ao se virar, abandonando apressadamente o pavilhão.

“A conversa foi muito mal conduzida, minha Senhora,” observou Jörmundur.

Nasuada retraiu-se ao sentir Farica puxar as ligaduras. “Eu sei,” balbuciou. “Eu cuidarei do seu orgulho ferido amanhã.”



## NOTÍCIAS ALADAS

Uma lacuna apareceu nas memórias de Nasuada, uma falta de informação de suas memórias tão profundas, que ela somente se deu conta do tempo perdido quando o dia amanheceu e Jörmundur estava balançando o ombro dela e dizendo alguma coisa em voz alta, levou algum tempo para decifrar os sons vindos da boca dele, então ela ouviu: “... continue olhando para mim, droga! Esse é o jeito! Não vá dormir de novo. Você não vai acordar se tentar.”

“Você pode me deixar, Jörmundur,” ela disse, forçando um fraco sorriso. “Eu estou bem agora.”

“E o meu tio Undset era um elfo.”

“Não era?”

“Céus! Você é igual ao seu pai: sempre ignorando cuidados quando se trata de sua própria segurança. As tribos podem se danar em seus velhos costumes violentos, se depender de mim. Deixe um curandeiro te ver. Você não está em condição de tomar decisões.”

“Foi por isso que eu esperei até que fosse quase noite. Olha, o sol quase se pôs, eu posso descansar esta noite, e amanhã eu estarei apta para lidar com os assuntos que requeiram a minha atenção.”

Farica apareceu do lado e pairou sobre Nasuada. “Oh, senhora, você nos deu um grande susto àquela hora.”

“Ainda é, se considerarmos a situação,” resmungou Jörmundur

“Bom, estou melhor agora.” Nasuada se levantou da cadeira, ignorando o calor de seus antebraços. “Vocês dois podem ir, eu ficarei bem. Jörmundur, mande dizer a Fadawar que ele pode ainda permanecer como chefe de sua própria tribo, desde que ele jure lealdade a mim como sua senhora, ele é um líder muito bom para ser desperdiçado. E, Farica, em seu caminho de volta para a sua tenda, por favor informe Angela a herbolaria que eu preciso de seus serviços. Ela concordou em misturar alguns tônicos para mim.”

“Eu não vou deixá-la sozinha nesta condição,” declarou Jörmundur.

Farica assentiu. “Implorando pelo seu perdão, minha senhora, mas eu concordo com ele, não é seguro.”

Nasuada foi até a entrada de seu pavilhão, para garantir que nenhum dos sentinelas estavam perto o suficiente para entreouvir, e então baixou sua voz a um sussurro. “Eu nunca estarei sozinha.” As sobrancelhas de Jörmundur foram ao meio da testa, e uma expressão alarmada cruzou o rosto de Farica. “Eu nunca estou sozinha. Vocês entendem?”

“Você tomou certas... precauções, minha senhora?” Perguntou Jörmundur.

“Tomei-as.”

Ambos os seus cuidadosos subordinados se mostraram difíceis quanto a sua afirmação, e Jörmundur disse, “Nasuada, a sua segurança é minha responsabilidade; eu preciso saber que adicional proteção você pode ter e quem exatamente tem acesso a sua pessoa.”

“Não,” disse gentilmente. Vendo a dor e a indignação que apareceu nos olhos de Jörmundur, ela continuou. “Não é que eu duvide de sua lealdade - longe disto. Apenas, isto eu preciso ter somente para mim, em nome da paz de minha própria consciência, eu preciso ter uma adaga que ninguém mais possa ver, uma arma escondida dentro de minhas mangas, considere isto uma falha de meu caráter, mas não recrimine a si próprio

imaginando que a minha escolha é algum tipo de crítica ao modo como você cumpre suas tarefas.”

“Minha senhora.” Curvou-se Jörmundur, uma formalidade que ele quase nunca usava com ela.

Nasuada levantou sua mão, indicando a permissão dela para que eles saíssem, e Jörmundur e Farica se apressaram a sair do pavilhão vermelho.

Por um longo minuto, talvez dois, o único som que Nasuada ouviu foi o áspero choro de corvos voando em círculos sobre o acampamento dos Varden. Então, de suas costas, veio um leve ruído, como aquele de um rato vasculhando ao redor por comida. Virando a cabeça, ela viu Elva sair de seu esconderijo, emergindo entre dois painéis na câmara principal do pavilhão.

Nasuada a estudou.

O crescimento desnatural da menina tinha continuado. Quando Nasuada a encontrou pela primeira vez há pouco tempo atrás, Elva tinha a aparência de entre três ou quatro anos de idade, agora ela parecia próxima dos seis anos, o seu vestido liso era preto, com poucos detalhes em roxo em volta do pescoço e ombros, seu comprido e liso cabelo estava ainda mais escuro, como um líquido que fluía até o meio de suas costas, seu rosto anguloso era branco como osso, porque ela raramente se aventurava fora da tenda, a marca do dragão em sua testa era prateada e seus olhos... Seus olhos violeta, continham um enfadado ar cínico - o resultado da bênção de Eragon que foi uma maldição, porque forçou ela a tanto tempo, agüentar a dor de outras pessoas como também tentar preveni-la, a batalha recente quase a matou, com a combinada agonia de milhares de mentes sobre a mente dela, mesmo tendo alguém do Du Vrangr Gata a colocado em um descanso artificial pela duração da luta, com a intenção de protegê-la, somente recentemente que a garota voltou a falar e ter interesse sobre as coisas novamente.

Ela limpou sua boca rósea com as costas da mão, e Nasuada perguntou, “Você esteve doente?”

Elva resmungou, “Eu estou acostumada à dor, mas nunca fica nem um pouco mais fácil resistir ao feitiço de Eragon... eu sou dura de impressionar, Nasuada, mas você é uma mulher forte para suportar tantos cortes.”

Mesmo que Nasuada tenha ouvido-na muitas vezes, a voz de Elva ainda inspirava um susto nela, pois ela era amarga e zombeteira, voz de uma adulta feita, e não de uma criança. Ela se forçou a ignorar isso conforme ela respondia: “Você é mais forte. Eu não tive que sofrer através da dor de Fadawar tampouco. Obrigada por ficar comigo. Eu sei o quanto deve ter te custado, e eu sou muito grata.”

“Grata? Há! Esta é uma palavra vazia para mim, Lady Caçadora Noturna.” Os lábios de Elva tremeram em um sorriso involuntário. “Você tem algo para comer? Estou faminta.”

“Farica deixou algum pão e vinho por entre todos estes papéis,” disse Nasuada, apontando ao outro lado do pavilhão. Ela assistiu a garota fazer seu caminho até a comida e começar a comer avidamente o pão, colocando grandes pedaços na boca. “Ao menos você não terá que viver desse jeito por muito mais. Em breve, quando Eragon retornar, ele removerá o feitiço.”

“Talvez.” Depois de devorar metade da comida, ela disse. “Eu menti sobre o Julgamento da Lamina.”

“O que quer dizer?”

“Eu previ que você perderia, e não que ganharia.”

“O que?!”

“Se eu permitisse aos eventos tomarem seu rumo, seus nervos não teriam suportado o sétimo corte e Fadawar estaria sentado onde você está agora. Então eu lhe disse o que você precisava ouvir para que vencesse.”

Um calafrio percorreu Nasuada, se o que Elva disse era verdade, então ela estava ainda mais em débito com a garota-bruxa. Entretanto, ela não gostou de ser manipulada, mesmo que para seu próprio benefício. “Eu entendo, parece que eu tenho que te agradecer uma vez mais.”

Elva riu então, um frágil som. “E você odeia cada momento disso, não é? Não importa, você precisa não se importar em me ofender, Nasuada, nós somos úteis uma à outra, nada mais.”

Nasuada aliviou-se quando um dos anões que fazia a guarda do seu pavilhão, o capitão daquele turno, bateu seu martelo contra o seu escudo e disse, “A herbolária Angela solicita uma audiência com você, Lady Caçadora Noturna.”

“De acordo,” disse Nasuada, aumentando sua voz.

Angela adentrou no pavilhão, carregando muitas sacolas e baldes amontoados em seus braços. Como sempre, seu cabelo ondulado formava uma nuvem de tempestade em volta de seu rosto, que estava contraído de interesse, em seu encalço vinha o menino-gato Solembum, em sua forma animal. Ele imediatamente foi em direção a elva e começou a se esfregar nas pernas dela, arqueando as suas costas conforme o fazia.

Depositando sua carga no chão, Angela deu de ombros e disse, “Realmente! Com você e Eragon, eu pareço gastar a maior parte de meu tempo entre os Varden curando pessoas muito doentes para se darem conta de que elas precisam evitar serem cortadas em pequenos pedacinhos.” Enquanto falava, a baixa herbolária foi até Nasuada e começou a remover as bandagens de seu antebraço direito. Ela fez um muxoxo de desaprovação. “Normalmente, agora é quando o Curandeiro pergunta ao paciente como ele está, e o paciente mente pelos dentes e diz ‘Oh, não muito mal’, e o Curandeiro diz ‘Bom, bom. Tome cuidado e você terá uma boa recuperação.’ Eu acho que é óbvio, de qualquer maneira, que você não está em condições de sair correndo por aí liderando ataques contra o império. Longe disto.”

“Eu vou me recuperar, não vou?” Perguntou Nasuada.

“Você iria se eu pudesse usar mágica para selar esses cortes, como eu não posso, é um pouco mais difícil de dizer, você terá que agüentar por enquanto, como a maioria das pessoas faz e torcer para que nenhum destes ferimentos se infeccione.” Ela pausou o seu trabalho e olhou diretamente para Nasuada. “Você tem idéia de que isto irá cicatrizar e marcar para sempre?”

“Será o que tiver de ser.”

“Suficientemente verdade.”

Nasuada tossiu um gemido e olhou para cima conforme Angela limpava cada um de seus ferimentos e então os cobria com um fino e molhado curativo com polpa de plantas. Pelo canto do olho, ela viu Solembum pular na mesa e se sentar próximo a Elva. Estendendo uma grande pata, o menino-gato pegou um pedaço de pão do prato de Elva e comeu mostrando suas presas brancas reluzindo. As borlas de fios pretos em suas grandes orelhas tremiam conforme ele virava suas orelhas de um lado a outro, ouvindo o barulho metálico das armaduras dos guerreiros andando fora do pavilhão.

“Barzûl,” resmungou Angela. “Apenas humanos poderiam pensar em cortar a si próprios para determinar quem é o líder. Idiotas!”

Doeu rir, mas Nasuada não se conteve. “Concordo,” ela disse após ter se controlado.

Assim, quando Angela terminou o último laço do curativo nos braços de Nasuada, o anão capitão daquela ronda gritou lá de fora, “Pare!” E se sucederam os barulhos dos homens cruzando as armas para deter o caminho de quem quer que tentasse entrar.

Sem parar para pensar, Nasuada sacou a faca de dez centímetros de sua bainha presa em seu antebraço esquerdo. Foi difícil para ela sustentar a empunhadura, porque sentia seus dedos fracos e desajeitados e os músculos em seu braço eram lentos pra responder. Era como se o membro estivesse adormecido, exceto os afiados e ardentes riscos em sua carne.

Angela também sacou uma adaga de algum lugar de suas roupas, e se postou ante Nasuada e disse uma palavra inaudível na língua antiga. Descendo ao chão, Solembum se agachou próximo de Angela, seu pêlo se eriçou tanto que o fazia parecer maior que a maioria dos cachorros. Ele ronronou profundo em sua garganta.

Elva continuou comendo, parecendo imperturbada quanto à comoção. Ela examinou o pedaço de pão que ela estava segurando entre seu dedão e seu indicador, como alguém que pudesse inspecionar por estranhas espécies de insetos, e então mergulhou ele em um cálice de vinho e jogou-o à boca.

“Minha senhora!” Anunciou um homem. “Eragon e Saphira se aproximam rapidamente do nordeste!”

Nasuada escondeu sua adaga. Empurrando a si mesma até a cadeira, disse para Angela, “Me ajude a me vestir.”

Angela segurou o vestido em frente a Nasuada, que o vestiu. Então, Angela gentilmente levou os braços de Nasuada às mangas e, quando eles estavam no lugar, foi dar os laços às costas do vestido. Elva se juntou a ela, juntas, elas arrumaram Nasuada devidamente em um instante.

Nasuada observou seus braços encobertos pelas mangas. “Devo esconder ou revelar meus ferimentos?” perguntou.

“Depende,” disse Angela. “Você acha que mostrando a eles aumentará sua posição ou irá encorajar seus inimigos, por eles poderem assumir que você é fraca e vulnerável? A pergunta é, na verdade, filosófica, depende somente se quando você ao ver um homem que perdeu um dedo, você diz ‘Oh, ele é um aleijado’ ou se você diz ‘Oh, ele foi forte ou inteligente ou sortudo o suficiente para escapar de piores injúrias.’”

“Você faz as mais estranhas comparações.”

“Obrigada.”

“O Julgamento da Lamina é uma competição de força,” disse Elva. “Isto é sabido entre os Varden e os habitantes de Surda. Você está orgulhosa de sua força, Nasuada?”

“Cortem fora estas mangas,” disse Nasuada. Quando elas hesitaram, ela acrescentou, “Vamos logo! Nos cotovelos. Não se importem quanto ao vestido; Eu o terei reparado depois.”

Com alguns movimentos, Angela removeu as partes que Nasuada tinha identificado e deixou o excesso de tecido na mesa.

Nasuada amainou seu tom. “Elva, se você sentir que eu estou prestes a desmaiar, por favor informe Angela e faça com que ela me segure. Vamos, então?” As três entraram em uma formação, com Nasuada à frente, Solembum andava sozinho.

Conforme eles saíam do pavilhão vermelho, o anão capitão ladrou, “Aos postos!” e os seis membros presentes dos sentinelas se postaram em volta do grupo de Nasuada, os anões e homens à frente e à retaguarda e os gigantescos Kull, Urgals que atingiam dois metros e meio de altura ou mais, em cada lado.

A manhã espalhou suas asas púrpuras e douradas sobre o acampamento dos Varden, dando um ar de mistério às filas de tendas de lona que se estendiam até o limite da vista de Nasuada. Profundas sombras anunciavam a vinda da noite, e incontáveis tochas queimavam puras e brilhosas no abafado crepúsculo. O céu estava limpo à leste, no sul, uma comprida e baixa nuvem de fumaça preta escondia o horizonte e os campos ardentes, que estavam uma légua e meia além. À oeste, uma linha de faias e álamos



marcava o caminho do Rio Jiet, sobre o qual flutuava o asa de dragão, o navio que Jeod, Roran e os outros aldeões de Carvahall piratearam. Mas Nasuada tinha seus olhos no norte, e na brilhosa forma de Saphira descendo. A luz do sol poente ainda a iluminava, envolvendo-na em um halo azul. Ela parecia como uma constelação de estrelas caindo dos céus.

A vista era tão majestosa que Nasuada permaneceu imóvel por um momento, grata de ter tamanha honra em testemunhar isso. Eles estão seguros! Ela pensou, e soltou um suspiro de alívio.

O guerreiro que tinha falado da vinda de Saphira - um homem com uma grande e emaranhada barba - se curvou e depois apontou. “Minha senhora, como você pode ver, eu disse a verdade.”

“Sim. Você o fez bem. Você deve ter exímios olhos aguçados para poder avistar Saphira antes, qual o seu nome?”

“Fletcher, filho de Harden, minha senhora.”

“Você tem os meus agradecimentos, Fletcher. Você pode retornar para o seu posto agora.”

Com outro cumprimento, o homem saiu a passos largos até o limite do acampamento.

Mantendo sua face fixa em Saphira, Nasuada observou que se direcionava para um caminho entre as filas de tendas até uma grande e limpa área planejada como um local para Saphira decolar e pousar. Seus guardas e companheiros a acompanharam, mas ela deu a eles pouca atenção de tão ansiosa que estava por encontrar Eragon e Saphira. Ela passou muito tempo do dia anterior perguntando-se sobre eles, tanto como líder dos Varden e, também um pouco para sua própria surpresa, como amiga.

Saphira voou tão rápido quanto nenhuma águia ou falcão que Nasuada tivesse visto, mas ela ainda estava a algumas milhas de distancia do acampamento, e ela levou quase dez minutos para transcorrer aquela distância. Nesse tempo, uma grande platéia de guerreiros se amontoou em volta daquela clareira: humanos, anões e até mesmo um contingente dos Urgals de pele cinza, liderados por Nar Garzhvog, que intimidava aos homens perto dele. Também na congregação, estava o rei Orrin e sua corte, que se posicionaram bem à frente de Nasuada; Narheim, o anão embaixador que assumira as tarefas de Orik desde que este saíra a Farthen Dûr, Jörmundur, os outros membros do conselho dos anciãos e Arya.

A alta mulher élfica fez seu caminho pela multidão até se encontrar diante Nasuada. Mesmo com Saphira pairando sobre eles, homens e mulheres desviaram sua atenção do céu para assistir a tarefa de Arya, ela apresentava uma imagem chocante, vestida toda em preto, ela vestia calças como um homem, uma espada em seu quadril e um arco e aljava em suas costas. Sua pele era da cor de mel clara. Seu rosto era angular como o de um gato. E ela se movia com uma fluidez e graça muscular que denunciava a sua habilidade com a espada, e também sua força desumana.

A excentricidade de seu conjunto sempre atingiu Nasuada quase como indecente, revelava muita coisa de seu ser, mas Nasuada tinha de admitir que, mesmo que Arya usasse um punhado de roupas rasgadas, ela ainda pareceria mais régia e digna que qualquer outro nobre mortal.

Parando ante Nasuada, Arya gesticulou com um elegante dedo aos ferimentos de Nasuada. “Como o poeta Earnë disse, botar a si mesmo na trilha do perigo pelo bem das pessoas e do país que você ama é a mais singela coisa que alguém pode fazer. Eu conheci cada líder dos Varden, e todos eles foram todos honrosos homens e mulheres, mas nenhum tanto quanto Ajihad. Nisto, entretanto, acredito que você tenha até ultrapassado ele.”

“Você me honra, Arya, mas eu temo que se eu for muito brilhante, poucos irão lembrar meu pai como ele merece.”

“As ações das crianças é um testamento do que lhes foi recebido por seus pais, queime como o sol, Nasuada, o mais brilhoso que puder ser, ainda assim a maioria das pessoas irão respeitar Ajihad por te ensinar como suportar as responsabilidades de comandar em tão tenra idade.”

Nasuada meneou a cabeça, levando o conselho de Arya ao fundo de seu coração. Então ela sorriu e disse, “Uma tenra idade? Eu sou uma mulher crescida já, por nossa conta.”

Divertimento surgiu nos olhos verdes de Arya. “Verdade. Mas se nós julgarmos por anos, e não sabedoria, nenhum humano seria considerado adulto entre minha raça, exceto por Galbatorix, isso sim.”

“E eu,” Angela acrescentou.

“Qual é?” disse Nasuada, “você não pode ser tão mais velha que eu.”

“Há! Você está confundindo aparências com idade. Você deveria ter mais noção disto depois de ficar perto de Arya tanto tempo.”

Antes que Nasuada pudesse perguntar exatamente quantos anos tinha Angela, ela sentiu um puxão nas costas de seu vestido, olhando em volta, ela viu que foi Elva quem tomou aquela atitude e que estava a chamando. Se curvando, Nasuada colocou seu ouvido junto a Elva, que sussurrou, “Eragon não está com Saphira.”

O peito de Nasuada apertou, dificultando sua respiração. Ela olhou para cima. Saphira circulou diretamente sobre o acampamento, algumas centenas de metros acima. Suas enormes asas estavam negras contra o céu. Nasuada pôde ver o lado de baixo de Saphira, suas garras brancas contra as escamas de sua barriga, mas nada de quem estaria montando ela.

“Como você sabe?” ela perguntou, mantendo sua voz baixa.

“Eu não consigo sentir seu desconforto e nem seus medos. Roran está lá, e uma mulher que eu imagino seja Katrina, ninguém mais.”

Alarmada, Nasuada bateu palmas e disse, “Jörmundur!” deixando sua voz soar forte.

Jörmundur, que estava a quase doze jardas dali, veio correndo, empurrando ao lado aqueles que estivessem em seu caminho; ele era experiente o suficiente para saber quando o chamado era uma emergência.

“Minha senhora.”

“Limpe o local! Tire todo mundo para longe daqui antes que Saphira pouse.”

“Incluindo Orrin, Narheim e Garzhvog?”

Ela transpareceu desconforto. “Não, mas não permita que ninguém além deles possa permanecer. Depressa!”

Enquanto Jörmundur começou a dar ordens, Arya e Angela se aproximaram de Nasuada, elas apareceram tão alarmadas quanto ela estava. Arya disse, “Saphira não estaria tão calma se Eragon estivesse ferido ou morto.”

“Onde está ele, então?” disse Nasuada. “Que problemas ele se meteu agora?”

Uma estridente comissão de protestos encheu o campo aberto conforme Jörmundur e seus homens direcionaram os curiosos de volta às suas tendas, usando um pouco de insistência quando os relutantes guerreiros protestavam ou se atrasavam. Muitos tumultos surgiram, mas os capitães sob o comando de Jörmundur rapidamente pegaram aos culpados, para prevenir a violência de se enraizar e espalhar. Com sorte, os Urgals, sob as ordens de seu chefe guerreiro, Garzhvog, saíram sem quaisquer problemas, embora Garzhvog em pessoa fosse em direção a Nasuada, como bem fizeram o Rei Orrin e anão Narheim.

Nasuada sentiu o chão tremer sob seus pés enquanto o Urgal de dois metros e meio se aproximou dela. Ele levantou seu queixo ossudo, mostrando a sua garganta como era

costume de sua raça, e disse, “O que isso significa, Lady Caçadora Noturna?” A forma de sua mandíbula e dentes, junto com seu sotaque tornaram difícil para Nasuada entendê-lo.

“Sim, eu também gostaria de uma resposta,” disse Orrin. Seu rosto estava vermelho.

“E eu,” disse Narheim

Ocorreu então a Nasuada, assim que ela se deu conta, que essa foi provavelmente a primeira vez em milhares de anos que membros de tantas raças na Alagaesia estiveram juntos em paz. A única que faltava eram os Ra'zac e suas montarias, e Nasuada sabia que nenhum ser são iria jamais convidar aquelas vis criaturas em seus conselhos secretos. Ela apontou para Saphira e disse, “Ela vai dar as respostas que vocês todos esperam.”

Justo quando os últimos baderneiros saíram da área, uma corrente de ar correu por Nasuada conforme Saphira pousava no chão, abrindo suas asas para diminuir sua velocidade antes de se postar em suas patas traseiras. Então ela se largou nas quatro patas com um baque seco ressoando pelo acampamento. Desamarrando eles mesmos da sela dela, Roran e Katrina desmontaram rapidamente.

Indo à frente, Nasuada examinou Katrina. Ela estava curiosa para ver que tipo de mulher poderia inspirar um homem a tomar tais extraordinárias medidas para resgatá-la. A jovem mulher ante ela era bem formada, com a pálida aparência de uma inválida, cabelos cor de cobre e um vestido tão rasgado e sujo que era impossível determinar como ele deve ter sido originalmente. Apesar dos custos que o cativo tinha imposto a ela, pareceu a Nasuada que Katrina era bastante atraente, mas não o que os bardos chamariam de grande beleza. Entretanto, ela possuía alguma força no olhar e porte que fez Nasuada pensar que se Roran fosse capturado, Katrina seria capaz de trazer os aldeões de Carvahall, levando-os ao sul para surda, lutado na batalha sobre os campos ardentes e então continuado ao Helgrind, tudo pelo bem de seu amado. Mesmo quando ela viu Garzhvog, Katrina não se assustou ou gritou, mas permaneceu parada onde ela estava, próxima a Roran.

Roran se curvou a Nasuada e, girando para estender seu cumprimento ao Rei Orrin. “Minha senhora,” ele disse com sua face grave. “Sua Majestade. Se me permitem, esta é minha cortejada Katrina.” Ela curvou-se a ambos.

“ Bem-vinda aos Varden, Katrina,” disse Nasuada. “Nós todos já ouvimos seu nome aqui, em conta da devoção incomum de Roran, músicas do amor dele por você já se espalham pela terra.”

“Você é muito bem-vinda,” adicionou Orrin. “Muito bem-vinda com certeza.”

Nasuada percebeu que o rei tinha olhos somente por Katrina, como qualquer homem presente, incluindo os anões, e Nasuada estava certa de que eles estariam recontando os dotes de Katrina à seus companheiros de armas antes de a noite terminar. O que Roran tinha feito para resgatá-la elevou-na muito acima das outras mulheres, fez dela um objeto de mistério e fascinação aos guerreiros. Que alguém sacrificasse tanto por outra pessoa significava, pela razão do preço pago, que a pessoa deveria ser incomumente preciosa.

Katrina corou e sorriu. “Obrigada,” ela disse. Junto com sua vergonha a tamanha atenção, um sinal de orgulho coloriu sua face, como se ela soubesse quão memorável Roran foi e quão satisfeito estava em ter capturado seu coração, entre todas as mulheres na Alagaesia. Ele era dela, e esse era todo o status ou tesouro que ela desejava.

Um sentimento de solidão chegou a Nasuada. Eu queria que eu tivesse o que eles têm, ela pensou. Suas responsabilidades a afastaram do entretenimento e de sonhos de menina como romance ou casamento - e certamente crianças - a menos que ela tivesse que arranjar um casamento para o bem dos Varden. Ela várias vezes considerou fazê-lo

com Orrin, mas seus nervos sempre a traíam. Contudo, ela estava contente consigo mesmo e não invejava a felicidade de Katrina e Roran. Sua causa era com o que ela se preocupava: derrotar Galbatorix era, de longe, mais importante que alguma coisa trivial como casamento. Quase todo mundo se casava, mas quantos tinham a oportunidade de ver o nascimento de uma nova Era?

Eu não sou eu mesma esta noite, pensou Nasuada. Seus ferimentos deixaram meus pensamentos inquietos como um ninho de abelhas. Balançando a si mesma, ela olhou para trás de Roran e Katrina, em direção a Saphira. Nasuada abriu então as barreiras que ela usualmente mantinha em volta de sua mente, assim ela poderia ouvir o que Saphira diria, e perguntou: “Onde ele está?”

Com o som seco das escamas deslizando entre as escamas, Saphira deu um passo a frente e baixou seu pescoço, tal que sua cabeça ficou diretamente na frente de Nasuada, Arya e Angela. O olho esquerdo do dragão faiscava com um fogo azul. Ela fungou duas vezes, e sua língua carmesim saiu de sua boca, um quente e úmido hálito rufou o laço no vestido de Nasuada.

Nasuada engoliu em seco quando a consciência de Saphira atingiu a sua própria. Ela sentiu Saphira diferente de qualquer outra entidade que ela encontrou: antiga, diferente, e ao mesmo tempo feroz e gentil. Isso, aliado com a presença física de Saphira, sempre lembrou a Nasuada que se Saphira quisesse comer eles, ela poderia. Era impossível, Nasuada acreditava, ser destemido perto de um dragão.

Eu sinto cheiro de sangue, disse Saphira. Quem te machucou, Nasuada? Dê o nome deles, e eu vou acabar com eles do pescoço ao pé e te trazer suas cabeças como troféus.

“Não há necessidade de você acabar com ninguém. Não ainda, pelo menos. Eu empunhei a faca sozinha. Entretanto, este é o momento errado para investigar esse assunto. Agora mesmo, tudo com que me preocupo é sobre a localização de Eragon.”

Eragon, disse Saphira, decidiu permanecer no império

Por alguns poucos segundos, Nasuada foi incapaz de se mover ou pensar. Então, um monte de senso de perigo repôs a surpresa surgida com a revelação de Saphira. Os outros reagiram de várias maneiras também, o que Nasuada deduziu que Saphira tinha falado para todos de uma só vez.

“Como... como você pôde permitir a ele que ficasse?” Ela perguntou.

Pequenas línguas de fogo saíram das narinas de Saphira quando ela respondeu. Eragon fez sua própria escolha. Eu não pude parar ele, ele insiste em fazer o que ele pensa que é certo, não importam as consequências para ele ou o resto da Alagaësia... Eu poderia balançar ele como um recém saído do ovo, mas eu estou orgulhosa dele, não temam, ele pode tomar conta de si mesmo, até agora, a má sorte não caiu sobre ele, eu saberia se ele fosse ferido.

Arya disse: “E por que ele fez esta escolha, Saphira?”

Seria mais rápido se eu mostrasse a vocês ao invés de explicar com palavras, posso?

Todos eles indicaram o seu consenso.

Um rio de memórias de Saphira chegou a Nasuada, ela viu o negro Helgrind por cima de uma camada de nuvens; ouviu Eragon, Roran e Saphira discutindo como melhor atacar; assistiu eles descobrirem o lar dos Ra'zac; e experimentou no corpo do dragão, sua batalha épica com os lethrblaka, a procissão de imagens fascinou Nasuada, ela nasceu no império mas não conseguia lembrar nada dele, esta era a primeira vez como adulta que ela olhava para algo que não fossem as fronteiras de Galbatorix.

Por último veio Eragon e seu confronto com Saphira, Saphira tentou esconder, mas a angústia que ela sentiu em deixar Eragon ainda era forte e penetrante, Nasuada teve que conter suas lágrimas em suas bochechas com as bandagens em seus antebraços. Entretanto, as razões que Eragon deu para permanecer - matar o último Ra'zac e

explorar as entranhas de Helgrind - foram razões que Nasuada mediu serem inadequadas.

Ela franziu as sobrancelhas. Eragon pode ser impaciente, mas certamente não estúpido o suficiente para pôr em risco tudo que nós visamos realizar para ele meramente visitar algumas cavernas e sugar os últimos restos amargos de sua vingança. Tem que haver outra explicação. Nasuada imaginou se ela deveria pressionar Saphira pela verdade, mas ela sabia que Saphira não liberaria essa informação facilmente. Talvez ela queira discutir isso a sós, ela pensou.

“Droga!” exclamou o Rei Orrin. “Eragon não poderia ter escolhido pior hora para ficar por si só. O que importa um único Ra'zac quando o exército inteiro de Galbatorix reside apenas alguns quilômetros de nós? Nós temos que tê-lo de volta.”

Angela riu. Ela estava costurando uma meia usando cinco agulhas de ossos, que faziam click e clack quando se batiam com um constante e peculiar ritmo. “Como? Ele estará viajando durante o dia, e Saphira não deve voar por aí procurando por ele quando o sol estiver alto e qualquer um puder vê-la e alertar Galbatorix.”

“Sim, mas ele é nosso cavaleiro! Nós não podemos sentar sem fazer nada enquanto ele permanece no meio de nossos inimigos.”

“Eu concordo,” disse Narheim. “De qualquer modo que seja feito, nós precisamos arranjar o seu retorno em segurança. Grimstborith Hrothgar adotou Eragon em sua família e clã - este é meu próprio clã, como vocês sabem - e nós devemos a ele lealdade por nossas leis e nosso sangue.”

Arya se ajoelhou e, para a surpresa de Nasuada, começou a desatar as amarras de seus calçados. Segurando uma das cordas entre os dentes, Arya disse, “Saphira, onde exatamente estava Eragon quando você tocou a mente dele por último?”

Na entrada para o Helgrind.

“E você tem alguma idéia do caminho que ele pretendia seguir?”

Ele ainda não sabia de si mesmo.

Saltando aos seus pés, Arya disse, “Então eu vou ter de olhar em todos os lugares que puder.”

Como um cervo, ela se lançou a frente e correu atravessando o espaço que se encontravam, sumindo entre as tendas enquanto ela fazia seu passo ao norte tão rápida quanto a luz e o próprio vento.

“Arya não!” gritou Nasuada, mas a elfa já tinha partido. A desesperança tratou de engolir Nasuada enquanto ela olhava para a elfa. O centro está se desintegrando, ela pensou.

Fazendo menção de tirar as peças irregulares que compunham a sua armadura, Garzhvog disse para Nasuada, “Você quer que eu siga ela, Lady Caçadora Noturna? eu não posso correr tão rápido quanto os pequenos elfos, mas posso agüentar como eles.”

“Não... não, fique. Arya pode passar como humana à distância, mas os soldados iriam te caçar no momento que algum fazendeiro te visse.”

“Eu estou acostumado a ser caçado.”

“Mas não no meio do império, com centenas de homens de Galbatorix viajando pela costa. Não, Arya terá que se defender por si própria. Eu rezo para que ela consiga encontrar Eragon e mantenha-o a salvo, porque sem ele, estamos condenados.”



## ESCAPAR E FUGIR

Os pés de Eragon batiam contra o chão.

A batida latejante de sua marcha, originadas em seu calcanhar corriam até suas pernas, através de suas costelas, e por sua espinha até terminar na base de seu crânio, onde o recorrente impacto vibrava em seus dentes, parecendo piorar a sua dor de cabeça a cada milha que passava. A música monótona de sua corrida era entediante no começo, mas depois de um tempo, levou a um estado de transe no qual ele não mais pensava, apenas se movia.

Conforme as botas de Eragon pisavam o chão, ele ouvia os caules das gramíneas se quebrando e a poeira se levantando do solo rachado. Ele pensou que já fazia no mínimo um mês desde que choveu nesta parte da Alagaësia. O ar seco tirava a umidade de seus pulmões, deixando a sua garganta seca. Não importava o quanto ele bebia, ele não poderia compensar a quantidade de água que o sol e o vento roubavam dele.

Isso era o que causava sua dor de cabeça.

Helgrind já estava distante. Porém, o seu progresso estava mais lento do que o esperado. Centenas de patrulhas de Galbatorix — tendo em sua formação tanto soldados quanto mágicos — Cruzavam o império, e freqüentemente ele tinha que se esconder para evitá-los. Que eles estavam procurando por ele, ele não tinha dúvidas. Na noite anterior, ele havia até mesmo avistado Thorn voando baixo a oeste no horizonte. Ele imediatamente fechou a sua mente e se jogou em uma vala, e ficou lá por meia hora, até Thorn estar mais além do que a linha do horizonte no final do mundo.

Eragon decidiu viajar em estradas e trilhas sempre que possível. Os eventos da última semana o levaram ao limite do seu estado físico e emocional. Ele preferiu deixar seu corpo descansar e se recuperar, ao invés de se sujeitar através de arbustos, sobre colinas, e por rios lamacentos. A hora de um esforço violento e desesperado viria novamente, mas não agora.

Assim que ele alcançou as estradas, ele não ousou correr mais do que ele era capaz; de fato, seria sábio evitar correr de qualquer forma. Um bom número de aldeias e dependências estavam espalhadas por toda a área. Se algum habitante observasse um homem sozinho correndo através do interior como se uma matilha de lobos estivesse perseguindo ele, o espetáculo iria com certeza atizar a curiosidade e a superstição e poderia até mesmo inspirar um morador assustado a reportar o incidente ao Império. Isto poderia ser fatal para Eragon, cuja melhor defesa era a capa do anonimato.

Ele só estava correndo agora, porque não encontrou nenhuma criatura viva exceto uma grande cobra deitada ao sol, há mais de uma légua.

Voltar para os Vardens era a preocupação principal de Eragon, e era um aborrecimento para ele arrastar-se através do império como um andarilho comum. Mesmo assim, ele apreciava a oportunidade de estar sozinho. Ele não tinha ficado sozinho, realmente sozinho, desde que ele encontrou o ovo de Saphira na Espinha. Sempre ela compartilhava seus pensamentos com os dele, ou Brom, ou Murtagh ou outra pessoa estava ao seu lado. Além do fato de companhias constantes, desde que Eragon havia deixado o Vale Palancar, ele esteve todos os meses em um treinamento árduo, com pausa somente para viajar ou para participar do tumulto de uma batalha. Nunca antes ele tinha se concentrado tão intensamente e por tanto tempo ou lidado com tanta quantidade de preocupações e medo.

A sua solidão era bem-vinda e, também a paz que ela trazia. A ausência de vozes, incluindo a sua própria, era uma doce canção de ninar e, por um breve momento, ele

esqueceu seu medo do futuro. Ele não tinha vontade de ver Saphira através de cristais - Apesar de eles estarem muito longe para tocar a mente um do outro, seu laço com ela iria lhe dizer se ela estava ferida - ou contatar Arya ou Nasuada e ouvir suas palavras zangadas. Quanto mais longe melhor, ele pensou, para escutar o canto dos pássaros voando e a brisa do vento através do capim e das folhas.

O som de tilintar de arreios, cascos, e de vozes masculinas, o trouxeram de seus devaneios. Alarmado, ele parou e olhou ao redor, tentando determinar de que direção os homens se aproximavam. Um par de corvos barulhentos voou em espirais acima de uma ravina próxima.

O único esconderijo possível era um pequeno aglomerado de zimbros. Ele correu em sua direção e se jogou em baixo dos ramos, no exato momento em que seis soldados surgiram da ravina e seguiam até a estrada de terra há não mais que quatro metros. Normalmente, Eragon teria sentido a presença deles muito antes de se aproximarem, mas desde a aparição distante de Thorn, ele mantinha sua mente protegida do que ocorria ao seu redor.

Os soldados puxaram o freio dos cavalos e começaram a andar em círculos no meio da estrada discutindo uns com os outros. “Estou dizendo, eu ví alguma coisa!” gritou um deles. Ele era de estatura média, rosto avermelhado e barba amarelada.

Seu coração estava disparado, Eragon lutou para manter sua respiração lenta e silenciosa. Ele tocou sua testa para se assegurar que o pano que ele tinha amarrado em volta da sua cabeça ainda estava cobrindo sua sobrancelha oblíqua e suas orelhas pontiagudas. “Gostaria que eu ainda estivesse usando minha armadura”, ele pensou. Na tentativa de evitar atenção indesejada, ele construiu uma mala — usando ramos secos e um quadrado de lona que ele trocou com um funileiro — para guardar sua armadura. Agora ele não ousava tirá-la e vesti-la com medo que os soldados pudessem ouvi-lo.

O soldado de barba amarela desmontou do cavalo de carga e caminhou até a lateral da estrada, estudando o chão e as árvores de zimbro. Como todo membro do exército de Galbatorix, o soldado usava um túnica vermelha com uma língua-de-fogo irregular bordada a ouro. Este brilhava sempre que se movia. Sua Armadura era simples — um elmo, um escudo afunilado, e um colete de couro — indicava que ele era um soldado da cavalaria. Quanto às armas, ele segurava uma lança na sua mão direita e uma espada longa preso ao seu cinto no lado esquerdo.

Enquanto o soldado se aproximava na sua direção, com as esporas tilintando, Eragon começou a sussurrar um feitiço complexo na língua antiga. As palavras saíam de sua boca sem cessar, até que, para seu espanto, ele pronunciou erradamente um grupo particularmente difícil de vogais, tendo que recomeçar todo o encantamento novamente.

O soldado deu um passo em sua direção.

Mais um passo.

No momento em que o soldado parou em sua frente, Eragon completou o feitiço e sentiu sua força diminuir enquanto a mágica fazia efeito. Ele estava um instante atrasado para conseguir escapar despercebido por completo e o soldado exclamou, “Aha!” e afastou os galhos, expondo Eragon.

Eragon não se moveu.

O soldado olhou diretamente para ele e franziu a sobrancelha “Mas que...” murmurou. Ele arremessou sua lança no matagal, errando o rosto de Eragon por menos de uma polegada. Eragon enfiou suas unhas na palma da mão ao sentir seus músculos estremecerem. “Ah, que se dane!” disse o soldado, e largou os galhos que voltaram à sua posição original escondendo Eragon novamente.

“O que foi?” disse um outro homem.

“Nada” disse o soldado, retornando para seus companheiros. Ele retirou seu elmo e secou sua testa. “Meus olhos estão me enganando.”

“O que o bastardo do Braethan espera da gente? Nós dificilmente conseguimos dormir mais que um piscar de olhos nestes últimos dois dias.”

“É. O rei deve estar desesperado para exigir tanto de nós. . . Para ser honesto, eu espero não encontrar o que quer que seja que estamos procurando. Não que eu esteja com medo, mas é melhor para pessoas como nós evitar qualquer um que incomode o próprio Galbatorix. Deixe que o Murtagh e seu dragão-monstro capture nosso misterioso fugitivo, né? ”

“Há menos que estejamos procurando pelo Murthagh” sugeriu um terceiro homem.

“Você ouviu o que a cria de Morzan disse tão bem quanto eu. ”

Um silêncio desconfortável pairou sobre os soldados. Então aquele que estava no chão montou novamente em seu cavalo de carga, enrolou a rédea em sua mão esquerda e disse, “Mantenha sua boca fechada, Derwood. Você fala demais.”

Com isso, o grupo de seis esporeou os cavalos e seguiram ao norte pela estrada.

Quando não escutava-se mais o som dos cavalos, Eragon finalizou o feitiço, esfregou seus olhos com os pulsos e descansou as mãos sobre o joelho. Deixou escapar um longa gargalhada em um tom baixo e balançou sua cabeça espantado com a situação que se encontrava comparada com sua educação no Vale Palancar. “Eu certamente nunca imaginei isto acontecendo comigo”, ele pensou.

O feitiço que ele usou consistia em duas parte: a primeira fazia os raios de luz rodearem seu corpo, assim ele pareceria invisível, e a segunda era para prevenir a esperança de outros feitiçeiros de detectarem seu uso de mágica. A desvantagem deste feitiço era não conseguir esconder as pegadas — Por isso precisava ficar parado enquanto a usava — e freqüentemente falhava em eliminar completamente a sombra da pessoa.

Abandonando a manta, Eragon espichou seus braços por cima da cabeça, e olhou para a ravina da onde os soldados vieram. Uma única questão o preocupou assim que ele retomou sua jornada:

“O Que Murtagh disse?”

“Ahh!”

A Ilusão lúcida dos sonhos de Eragon desapareceu quando ele rasgou o ar com as mão. Quase se torceu ao meio ao rolar de onde estava deitado.

Arastando-se para trás, ficou em pé com as mão à frente para de defender de qualquer golpe.

A escuridão da noite o envolvia. Acima, as estrelas imparciais orbitavam em sua dança celestial sem fim. Abaixo delas, nenhuma criatura se mexia nem podia-se ouvir nada além do vento sobre as gramíneas.

Eragon esfaqueou o seu redor com sua mente, convencido de que alguém estava prestes a atacá-lo. Ele estendeu sua mente mais de quatrocentos metros em cada direção, mas não encontrou ninguém ao seu redor.

Então ele abaixou sua mãos. Sentia o peito apertado e a pele queimando, estava encharcado de suor. Em sua mente havia uma tempestade: um redemoinho de espadas cintilantes e membros decepados.

Por um momento, ele pensou estar em Farthen Dûr, lutando contra os Urgals, e então nas planícies flamejantes, cruzando espadas contra homens iguais a ele. Cada local era tão real que ele poderia jurar que alguma mágica estranha o teria transportado de volta através do espaço e do tempo. Ele viu parado, diante de si homens e Urgals que ele havia matado; isso parecia tão real que ele se perguntou se eles iriam falar. E apesar de não ter mais cicatrizes ou ferimento, seu corpo se lembrou de todas as lesões que já



sofreu, e ele estremeceu como se sentisse novamente espadas e flechas contando-lhe a carne.

Com um grito, Eragon caiu de joelhos e colocou os braços ao redor do estômago, balançando-se para frente e para trás. “Está tudo bem... está tudo bem”. Ele encostou sua testa contra o chão enrolando-se como uma bola. Sua respiração estava quente contra seu peito.

“O que há de errado comigo?”

Nenhum dos épicos que Brom recitara em Carvahall mencionava tais visões que vinham atormentar os heróis antigos. Nenhum dos guerreiros que Eragon conheceu com os Vardens parecia ter problemas com o sangue que derramaram. E apesar de Roran admitir que não gostasse da matança, ele não acordava gritando no meio da noite.

“Eu sou fraco”, pensou Eragon. “Um homem não deveria se sentir assim. Um cavaleiro não deveria se sentir assim. Garrow ou Brom não teriam problemas, eu sei. Eles faziam o que precisava ser feito, e era isso. Sem chorar sobre isso, sem ficar se lamentando sem parar ou rangendo os dentes... eu sou fraco.”

Pulando em pé, ele andou na grama ao redor de onde estava tentando se acalmar. Depois de meia hora, quando a apreensão ainda apertava seu peito como um punho de ferro, sua pele coçava como se milhares de formigas rastejavam sobre ela, e ele ficava apreensivo com o menor barulho, Eragon agarrou sua mochila e saiu em uma corrida desenfreada. Ele não se importava com o que estava diante dele na escuridão desconhecida nem quem poderia perceber seu vôo estonteante.

Ele só queria escapar de seus pesadelos. Sua mente se voltou contra ele, ele não poderia usar seu raciocínio para dissipar seu pânico, seu único recurso era então confiar na sabedoria de sua carne animal, que dizia a ele para se mover.

Se ele corresse rápido e por tempo o suficiente, talvez ele pudesse se ancorar no momento. Talvez o desgaste de seus braços, o baque de seus pés no chão, o calafrio do suor em seus braços, e uma variedade de outras sensações, por sua força e quantidade, conseguisse forçá-lo a esquecer.

Talvez.

Um bando de andorinhas cruzava o céu da tarde como um cardume através do oceano. Eragon observou-as com olhos semi-cerrados. No Vale Palancar quando as andorinhas retornavam do verão, freqüentemente formavam bandos tão grandes que transformavam o dia em noite. Este bando não era tão grande, mas ainda assim o fez lembrar das noites em que ele bebia chá de menta com Garrow e Roran na varanda de sua casa, olhando essas agitadas nuvens negras serpenteando sobre suas cabeças.

Perdido nos pensamentos, ele parou e sentou em uma pedra para amarrar novamente o cadarço de suas botas.

O tempo havia mudado, estava frio agora, e uma mancha cinzenta a oeste indicava a possibilidade de uma tempestade. A vegetação era abundante, com musgos e espessas camadas de gramas verdes. Vários quilômetros adiante cinco colinas se destacavam em uma paisagem plana. Vários carvalhos adornavam a colina central. Sobre uma espessa folhagem, Eragon avistou as ruínas de um edifício há muito tempo abandonado construído por alguma raça em eras passadas.

Com a curiosidade despertada, ele decidiu quebrar seu jejum entre as ruínas. Alí haveria com certeza caça abundante e a procura por comida proporcionava a ele uma desculpa para explorar um pouco o lugar antes de continuar seu caminho.

Eragon chegou à base da primeira colina uma hora depois, onde encontrou resquícios de um estrada antiga pavimentada com paralelepípedos. Ele seguiu pela estrada até as ruínas, pensando sobre a estranha construção que não era nada parecida com qualquer coisa feita pelos humanos, elfos ou anões que ele já havia visto.

As sombras do carvalho fizeram Eragon relaxar enquanto subia a colina central. Próximo do cume, o terreno nivelou sobre seus pés, o bosque abriu-se e ele entrou em uma grande clareira. Uma torre quebrada permanecia ali. A parte de baixo da torre era larga e reforçada como o tronco de uma árvore. Então a estrutura afinava e apontava em direção ao céu a mais de nove metros de altura, terminando em uma linha afiada e irregular. A parte superior da torre jazia sobre o chão despedaçada em inúmeros fragmentos.

O entusiasmo crescia em Eragon. Ele suspeitava ter encontrado um posto avançado dos elfos construído antes da queda dos cavaleiros. Nenhuma outra raça teria habilidade ou vocação para construir uma estrutura como aquela.

Então ele avistou um canteiro do lado oposto da clareira.

Um homem estava sentado, curvado sobre as fileiras de plantas arrancando ervas daninhas de um canteiro de ervilhas. As sombras cobriam seu rosto que estava voltado para baixo. Sua barba acinzentada era tão longa, que formavam um monte no seu regaço, como lã despenteada.

Sem olhar para ele o homem disse, “Bem, você irá me ajudar com essas ervilhas ou não? Tem um refeição lá dentro se você ajudar.”

Eragon hesitou, sem saber o que fazer. Então pensou, “Por que deveria eu ter medo de um velho eremita?” e andou até o canteiro. “Eu sou Bergan... Bergan filho de Garrow”.

O Homem resmungou. “Tenga, filho de Ingvar.”

A Armadura de Eragon tilintou dentro do saco enquanto ele a colocava no chão. Na hora seguinte ele trabalhou em silêncio ao lado de Tenga. Ele sabia que não deveria ficar ali por tanto tempo, mas ele apreciava aquela tarefa, pois o impedia de pensar.

Enquanto arrancava as ervas, ele permitiu sua mente se expandir e tocar a multidão de animais vivos ao redor da clareira, e apreciou a sensação de unidade que compartilhava com eles.

Depois de removerem todas as ervas, beldroega e dentes-de-leão ao redor das ervilhas, Eragon seguiu Tenga na direção de uma estreita porta na parte de frente da torre, que dava acesso a um cozinha espaçosa e uma sala de jantar. No meio do aposento, uma escada circular levava ao segundo andar. Livros, pergaminhos e folhas soltas de velino cobriam toda a superfície disponível, inclusive uma boa parte do chão.

Tenga apontou a uma pequena pilha de lenha na lareira. Com um estalido a madeira se fez em chamas. Eragon ficou tenso, pronto para lutar fisicamente e mentalmente contra Tenga.

O homem pareceu não perceber sua reação e continuou andar pela cozinha pegando canecas, pratos, facas e vários restos para o almoço. Ele resmungava consigo mesmo enquanto se mantinha ocupado nos seus afazeres.

Com os sentidos em alerta, Eragon sentou-se em uma cadeira próximo a ele. “ele não falou na língua antiga”, ele pensou. “Mesmo dizendo o feitiço em sua cabeça ele ainda estaria arriscando sua vida, ou ainda pior somente para ascender o fogo para cozinhar!” Pelo o que Oromis havia lhe ensinado, palavras era o meio pelo qual se controlava a liberação da magia. Fazer um feitiço sem a estrutura da palavra era arriscar que um pensamento ou uma emoção distorcessem o resultado.

Eragon olhou ao redor do aposento, procurando por pistas sobre seu anfitrião. Ele olhou sobre um pergaminho aberto com colunas de palavras na língua antiga e reconheceu um compêndio de nomes verdadeiros parecido com aqueles que ele estudou em Ellesméra. Mágicos cobiçavam tais pergaminho e livros e arriscariam quase tudo para obtê-los, pois através destes poderiam aprender novas palavras para um feitiço ou anotar palavras

que descobrissem. Poucos, porém conseguiam adquirir um compêndio, eles eram extremamente raros, e aqueles que possuíam um dificilmente iriam compartilhá-lo.

Não era normal Tenga possuir tal compêndio, mas, para surpresa de Eragon, ele viu outros seis compêndios espalhados pela sala, com notas que variavam desde a história da matemática para assuntos como astronomia e botânica.

Uma caneca de cerveja de malte e um prato com pão, queijo e uma fatia fria de torta de carne apareceram em sua frente quando Tenga enfiou o prato embaixo do seu nariz.

“Obrigado”, Disse Eragon, aceitando.

Tenga o ignorou e sentou de pernas cruzadas próximo à lareira. Ele continuou a resmungar sobre a barba e a devorar sua refeição.

Após comer até a última migalha e beber até a última gota daquela deliciosa cerveja de malte, e perceber que Tenga também estava terminando sua refeição, Eragon perguntou, “Foram os elfos que construíram esta torre?”

Tenga o encarou com um olhar cortante, como se aquela pergunta o fizesse duvidar da inteligência de Eragon “Sim. Os elfos manhosos construíram Edur Ithindra.”

“O que você faz aqui? Vive sozinho, ou—”

“Eu procuro pela resposta!” exclamou Tenga. “A chave para uma porta nunca aberta, o segredo das árvores e plantas, fogo, calor, relâmpago, luz...Muitos não sabem a pergunta e vagueiam na ignorância. Outros sabem a pergunta mas temem o que a resposta pode significar. Bah! Por milênios vivemos como selvagens. Selvagens! Eu vou acabar com isso. Serei o pioneiro da era da luz e todos admirarão meus feitos.”

“Mas diga, o que exatamente você procura?”

O rosto de Tenga se distorceu. “Você não sabe a pergunta? Pensei que soubesse. Mas não, eu estava enganado. Mas ainda assim vejo que você compreende minha procura. Você procura por uma resposta diferente, mas mesmo assim procura. A mesma marca que arde em seu coração arde no meu. Quem além de um peregrino pode apreciar o que se deve sacrificar para encontrar a resposta?”

“A resposta para o quê?”

“Para as perguntas que escolhemos.”

“Ele é louco“, pensou Eragon. Olhou ao redor procurando algo que pudesse distrair Tenga, seu olhar iluminou-se ao avistar um fileira de pequenas estátuas de anto em madeira disposta em um peitoril em baixo de uma janela em forma de lágrima. “Elas são lindas,” ele disse indicando as estátuas. “quem as fez?”

“Ela fez... antes de partir. Ela estava sempre fazendo coisas” Tenga endireitou-se colocando o dedo indicador na primeira estátua. “Aqui temos o esquilo com sua calda ondulante, ele é muito inteligente, rápido e cheio de piadas zombeteiras.” Seu dedo passou pra segunda estátua na fila. “Aqui o javali selvagem, tão mortal com suas presas penetrantes, aqui temos o corvo...”

Tenga não prestou atenção enquanto Eragon se afastava, nem quando ele levantou a tranca da porta e se esgueirou para fora de Edur Ithindra. Com sua sacola nas costas, Eragon atravessou a coroa de carvalhos, se afastando das cinco colinas e do feiticeiro demente que morava nelas.

Durante este dia, e no dia seguinte, o número de pessoas na estrada aumentou até parecer que havia um novo grupo surgindo a cada colina. A maioria eram refugiados,mas haviam também alguns soldados e homens de negócio. Eragon evitava aqueles que podia e andou com o queixo enfiado no colarinho o resto do tempo.

Este motivo, entretanto o forçou a passar a noite no vilarejo de Eastcroft, trinta quilômetros ao norte de Melian. Ele pretendia abandonar a estrada antes de chegar a Eastcroft e encontrar algum abrigo ou uma caverna onde ele poderia passar o resto na noite até o dia seguinte. Mas por conhecer relativamente mal a área ele calculou mal a

distância e quando viu a aldeia estava na companhia de três homens do exército. Partindo naquele momento, a menos de uma hora da segurança das muralhas e portões de Eastcrotfalls e do conforto de uma cama, iria fazer até os mais idiotas se perguntarem por que ele estava tentando evitar o vilarejo. Então Eragon cerrou os dentes e em silêncio ensaiou as histórias que ele inventou para explicar esta viagem.

O Sol intenso estava a dois dedos sobre o horizonte quando Eragon contemplou Eastcroft pela primeira vez, era uma aldeia de tamanho médio situada no interior de uma alta paliçada. Já estava quase escuro quando ele finalmente chegou à aldeia e entrou pelos portões. Atrás dele, ouviu a sentinela perguntar aos homens do exército se havia mais alguém atrás deles na estrada.

“Não que eu possa dizer com certeza.”

“Isso é bom o suficiente pra mim” replicou o outro “Se tiver alguém atrasado, deverá aguardar até amanhã para poder entrar” Para um outro homem, no lado oposto do portão ele gritou “Fechem isto!” Juntos eles empurram as portas de ferro de quatro metros e meio, trancando com quatro barras de carvalho mais largas que o peito de Eragon.

“Eles devem estar esperando um cerco“, pensou Eragon e então riu da sua própria cegueira “Quem não espera problemas nos dias de hoje?” Alguns meses atrás ele estaria preocupado por ficar preso em Eastcroft, mas agora ele estava confiante de que poderia escalar as fortificações de mãos nuas e usando magia, escapar na escuridão da noite. Entretanto ele escolheu ficar, pois estava cansado e lançar um feitiço poderia atrair a atenção de magicos, se tivesse algum.

Antes de ele dar mais de meia dúzia de passos no corredor lamacento que conduzia à praça da cidade, um vigia o abordou, mirando a lanterna em seu rosto. “Pare aí! Você nunca esteve antes em Eastcroft, esteve?”

“Esta é a minha primeira visita” disse Eragon.

O vigia atarracado inclinou a cabeça. “E você tem amigos ou família para te receberem aqui?”

“Não, não tenho.”

“E o que te trás a Eastcroft, então?”

“Nada. Estou viajando para o sul para buscar a família do meu irmão e leva-los à Dras-Leona.” A história de Eragon pareceu não surtir qualquer efeito no vigia. “talvez ele não acredite em mim”, Eragon especulou. “Ou talvez já tenha ouvido tantas histórias como a minha que parou de se preocupar com elas”

“Então o que você precisa é da Casa dos Viajantes, pelo caminho principal. Vai lá e você encontrará comida e alojamento. E enquanto você estiver aqui em Eastcroft, fique avisado de que não toleramos assassinato, roubos nem depravação por aqui. Temos cedros resistentes e forcas e eles têm tido vários clientes. Fui claro?”

“Sim, senhor”

“Então vá, e boa sorte. Espere! Qual o seu nome, forasteiro?”

“Bergan.”

Com isso, o vigia saiu e retornou para as suas rondas noturnas. Eragon aguardou até que a lanterna do vigia desaparecesse por entre o aglomerado de casas antes de passar pelo quadro de avisos ao lado dos portões.

Alí, pregado sobre meia dúzia de vários criminosos, havia duas folhas de pergaminho com aproximadamente um metro de altura. Uma retratava Eragon, outra retratava Roran, e ambos estavam classificados como traidores da coroa. Eragon examinou os retratos com interesse e ficou maravilhado com a recompensa que oferecia: um condado por cabeça a quem os capturassem. O retrato de Roran estava bem parecido com ele, incluindo a barba que ele deixou crescer desde que saiu de Carvahall, mas o retrato de

Eragon mostrava ele como era antes da celebração do Juramento de Sangue quando ele parecia completamente humano.

“Como as coisas mudaram“, pensou Eragon.

Saindo de lá, vagou pelo vilarejo até encontrar a Casa dos Viajantes. A sala comum tinha tetos baixos e vigas escurecidas com alcatrão. Velas amarelas produziam um luz suave e trêmula. Carregando o ar com camadas sobrepostas de fumaça. Areia e juncos cobriam o chão, essa mistura se esmagava debaixo das botas de Eragon. À esquerda haviam mesas, cadeiras e uma grande lareira, onde uma pequena criança girava um porco no espeto. Do lado oposto havia um longo balcão, uma fortaleza com pontes elevadiças que protegiam os barris com diferentes tipos de cerveja da horda de homens sedentos que assaltavam de todos os lados.

Umás sessenta pessoas lotavam a sala e a barulheira que produzia era desconfortável. O rugido das conversa já seria naturalmente surpreendente a Eragon, mas com sua audição ele se sentiu como se estivesse no meio de uma ruidosa cachoeira. Estava difícil para ele se concentrar em qualquer uma das vozes. Tão logo quanto ele conseguia captar uma palavra ou uma frase esta era varrida por alguma exclamação. Em um canto um trio de músicos estavam cantando uma versão cômica de “Doce Aethrid o’ Dauth,” que em nada contribuía para melhorar o ambiente.

Distanciando-se da barreira de ruídos, Eragon esgueirou-se por entre a multidão até chegar ao balcão. Ele queria falar com a mulher que servia, mas ela estava muito ocupada, cinco minutos passaram até que ela pôde olhar para ele e perguntar, “O que deseja?” Havia fios de cabelos sobre seu rosto suado.

“Você tem um quarto para alugar ou um canto onde eu possa passar a noite? ”

“Não sei dizer. É com a dona da casa que você tem que falar, ela já descera aqui.” Disse a atendente apontando para uma escada sombria.

Enquanto esperava, Eragon se apoiou contra o balcão e estudou as pessoas na sala. Eles eram um grupo bem heterogêneo. Metade deviam ser aldeões de Eastcrot que vieram aproveitar um noite de bebedeira. O resto, eram homens e mulheres, famílias na maior parte dos casos, que estavam emigrando para lugares mais seguros. Era fácil identificá-los pelas camisas amassadas e pelas calças sujas e pela forma que se acomodavam nas cadeiras e encaravam qualquer um que se aproximavam. Entretanto, pareciam desviar o olhar do último e menor grupo da Casa dos Viajantes: Soldados de Galbatorix. Os homens nas túnicas vermelhas eram os mais barulhentos. Eles riam, gritavam, davam murros nos tampos da mesas com os punhos da armadura, bebiam cerveja e mexiam com qualquer criada tola o suficiente para passar por eles.

“Será que eles se comportam assim pois sabem que ninguém se atreverá a mexer com eles e apreciam essa demonstração de poder?” pensou Eragon. “Ou por que foram forçados a participar do exército de Galbatorix e agora tentam entorpecer a vergonha e o medo com euforia?”

Naquele momento os músicos estavam cantando:

*Então com seu cabelo ao vento, a doce Aethrid o’ Dauth*

*Correu para Lord Edel e chorou, “liberte meu amante,*

*Ou então uma bruxa o transformará em uma cabra peluda!”*

*Lord Edel,riu e disse, “Nenhuma bruxa vai me transformar em uma cabra peluda!”*

A multidão mexeu e Eragon conseguiu avistar uma mesa contra a parede. Nela estava sentada uma mulher, seu rosto estava escondido sobre uma capa escura de viagem. Quatro homens estavam à sua volta, grandes, fazendeiros com o pescoço curtido como o

couro e o rosto vermelho pelo o álcool. Dois deles estavam encostados contra a parede em cada lado da mulher, pairando sobre ela, enquanto outro estava sentado em uma cadeira virada de costas e o quarto ao seu lado esquerdo, em uma ponta da mesa se inclinando sobre o joelho. O homem falou e gesticulou descuidadamente. Embora Eragon não pudesse ouvir ou ver o que a mulher respondeu, pareceu óbvio para ele que a resposta irritou os fazendeiros, pois eles estufaram o peito como galos, um inclusive apontou o dedo para ela.

Para Eragon, eles pareciam decentes, homens trabalhadores que perderam o respeito depois de algumas canecas, erro que ele frequentemente testemunhara nos dias de festas em Carvahall. Garrow tinha tido pouco respeito por homens que não sabiam se controlar na bebida e insistiam em se humilhar publicamente. “É inadmissível” ele dizia “E mais, quem bebe para esquecer, e não por prazer devia fazê-lo em um lugar em que não incomode ninguém.”

O homem à esquerda abaixou a mão e colocou um dedo no capuz, como se fosse puxá-lo para trás. A mulher, tão rápida que Eragon quase nem viu, levantou sua mão direita, pegou o pulso do homem, voltou a largá-lo e retornou sua mão na posição original. Eragon duvidou que qualquer outra pessoa na sala, incluindo o homem que ela tocou tenha percebido este movimento.

O capuz caiu sobre seu pescoço, e Eragon ficou atônico. A mulher era humana mas parecia com Arya. A única diferença entre elas era os olhos, que não eram oblíquos como os de gatos – e as orelhas que não eram pontiagudas como a dos elfos. Ela era tão bonita quanto Arya, mas de um jeito menos exótico e mais familiar.

Sem hesitar, Eragon sondou a mulher com a mente, ele tinha que saber quem ela realmente era.

Assim que ele tocou a consciência dela, um golpe mental o jogou para trás, acabando com sua concentração, e então em uma parte de sua cabeça ele ouviu uma voz ensurdecadora exclamar, “Eragon! “

“Arya?”

Seus olhos se encontraram por um momento antes da multidão voltar a escondê-los.

Se apressou através da sala em direção à mesa, se espremendo entre corpos colados uns aos outros para abrir caminho. Os fazendeiros olharam desconfiados quando ele emergiu da multidão, um deles disse “Você está sendo rude, chegando aqui sem ser convidado, seria melhor para você mesmo ir embora, não acha?”

Em sua mais diplomática voz, Eragon disse, “Me parece, senhores, que a senhorita prefere ficar sozinha, e vocês não vão ignorar a vontade de uma mulher honesta, vão?”

“Uma mulher Honesta?” riu o homem mais próximo “Nenhuma mulher honesta viaja sozinha.”

“Então pode ficar tranquilo, pois eu sou o irmão dela e estamos indo morar com nosso tio em Dras-Leona.”

Os quatro homens trocaram olhares atrapalhados, três deles se afastaram de Arya, mas o maior deles parou alguns centímetros à frente de Eragon e respirando em cima de seu rosto disse:

“Não sei se confio em você, amigo. Você está apenas tentando se livrar da gente pra poder ficar com ela”

“Ele não está longe da verdade“, pensou Eragon.

Falando baixo o suficiente para somente o homem ouvir, Eragon Disse, “Eu lhe asseguro, ela é minha irmã. Não tenho nada contra o senhor, por que não nos deixa?”

“Não enquanto eu achar que você é um pivete mentiroso”

“Senhor, seja sensato. Não há motivos para desentendimentos a noite é uma criança e a bebidas e música de sobra. Não vamos criar problemas por um mal entendido tão insignificante, deixemos isso à parte”

Para alívio de Eragon, O homem relaxou depois de alguns segundos e rosnou desdenhosamente. “Eu não iria querer brigar com um pivete feito você, de qualquer forma.” Ele disse. Dando a volta e caminhando a passos pesados em direção aos seus amigos no balcão.

Com os olhos fixados na multidão, Eragon esgueirou-se por de trás da mesa e sentou ao lado de Arya “O que você está fazendo aqui? ” ele perguntou, sem quase mover os lábios.

“Procurando você.”

Supreso, olhou pra ela e ergueu sua sobrancelha curva. Olhou novamente para o amontoado de pessoas e perguntou tentando sorrir, “está sozinha?”

“Não mais... já alugou um quarto para a noite?”

Ele balançou a cabeça em sinal negativo.

“Ótimo, eu já tenho um quarto, podemos conversar lá.”

Levantaram juntos, e ele a seguiu até as escadas atrás da sala comum.

O assoalho gasto rangia debaixo dos pés, enquanto subiam para o corredor do segundo andar. Uma única vela iluminava o corredor encardido aplainado em madeira. Conduziu o caminho até a última porta à direita e pegou uma chave da sua volumosa manga direita de sua capa. Destrancou a porta, entrou no quarto, aguardou que Eragon entrasse então fechou e trancou a porta novamente.

Um tênue brilho dourado cruzava pela janela no lado oposto de Eragon. O brilho vinha de uma lanterna do lado oposto de Eastcroft’s e permitiu-o distinguir o contorno de uma lamparina a óleo em uma mesa baixa à sua direita.

“Brisingr,” sussurrou Eragon, iluminando o pavier com uma faísca do seu dedo.

Mesmo com o lampião queimando o quarto permanecia escuro. O aposento era aplainado como o corredor, e as madeiras cor-de-castanha absorvia toda a luz fazendo o quarto parecer menor e mais pesado, com se estivesse sobre uma enorme pressão.

Fora a mesa, a única peça de mobília era uma cama estreita com um único cobertor sobre ela. Uma pequena mala com mantimentos estava sobre o colchão.

Eragon e Arya ficaram de frente um para o outro. Então Eragon retirou a fita de tecido que tinha na cabeça e Arya desapertou o alfinete que mantinha a capa sobre os ombros, colocando-a sobre a cama. Ela usava um vestido de um verde profundo, o primeiro com que Eragon a via.

Era uma experiência estranha para Eragon ter suas aparências trocadas, pois ele parecia um elfo, e Arya uma humana. A mudança não mudou sua estima por ela, mas fez com que ele sentisse mais confortável em sua presença, agora que ela não estava tão diferente dele.

Foi Arya quem quebrou o silêncio. “Saphira disse que você ficou para trás para matar o último Ra’zac e para explorar Helgrind. Isto é verdade?”

“É parte da verdade.”

“E qual é a verdade completa? ”

Eragon sabia que ela não se contentaria com menos. “Prometa-me que você não irá compartilhar o que lhe direi com ninguém mais ,a menos, que eu lhe dê permissão para isto.”

“Eu prometo” ela disse na língua antiga.

Então ele lhe contou sobre ter encontrado Sloan, por quê ele decidiu não levá-lo aos Varden, a maldição que lançou sobre o açogueiro, e a chance que dera a Sloan para ele se redimir – pelo menos parcialmente- e recuperar sua visão. Eragon terminou dizendo.

“O que quer que aconteça, Roran e Katrina nunca poderão saber que Sloan ainda está vivo. Se descobrirem, os problemas não terão fim.”

Arya sentou na ponta da cama e, por um longo tempo, ficou encarando a lamparina e sua chama saltitante. Então: “Você deveria tê-lo matado”

“Talvez, mas não pude.”

“O fato de achar uma tarefa desagradável não é motivo para não fazê-la. Você foi um covarde.”

Eragon esnobou esta acusação. “Fui? Qualquer um com uma faca poderia ter assassinado Sloan. O que eu fiz foi bem mais difícil.”

“Fisicamente, mas não moralmente.”

“Eu não o matei pois achei que seria errado.” Eragon franziu a testa enquanto procurava palavras para explicar. “Não estava com medo... não mesmo. Não depois de ter participado de batalhas... Era outra coisa. Eu matei na guerra. Mas não me darei ao direito de decidir quem vive ou quem morre. Não tenho experiência ou sabedoria para tal... Todo homem tem uma linha a qual não deve ultrapassar Arya, e eu encontrei a minha quando olhei para Sloan. Mesmo que eu tivesse Galbatorix como meu prisioneiro, eu não o mataria. Eu levaria ele até Nassuada ou ao Rei Orrin, e se eles o condenassem à morte eu cortaria sua cabeça com prazer, mas não antes. Chame isso de fraqueza se quiser, mas é assim que eu sou e não me desculparei por isso.”

“Então você será uma ferramenta? Manejado pelos outros?”

“Eu servirei às pessoas o melhor que puder. Nunca aspirei liderança. Alagaësia não precisa de outro rei tirano.”

Arya massageou suas têmporas. “Por que tudo tem que ser tão complicado com você, Eragon? Não importa aonde você vá, se vê atolado em situações difíceis. É como se você se esforçasse para passar por todos os espinhos sobre a terra.”

“Sua mãe disse algo bem parecido.”

“Não me surpreende... Muito bem. Deixemos como está. Nenhum de nós vai mudar de opinião, e temos preocupações mais urgentes do que discutir justiça e moralidade. Mas no futuro, você faria bem em recordar quem você é e o que representa para as raças da Alagaësia.”

“Nunca me esqueci.” Eragon fez uma pausa, aguardando a resposta dela, mas Arya preferiu não fazer nenhum comentário. Sentado no canto da mesa Eragon disse, “Você não precisava ter vindo me procurar, sabe? Estava bem.”

“Claro que eu precisava.”

“Como você me encontrou?”

“Eu adivinhei o caminho que faria desde Helgrind. Para minha sorte, o caminho que adivinhei eram seis quilômetros daqui, perto o suficiente para escutar os sussurros da terra”

“Não entendi.”

“Um cavaleiro não anda sem ser percebido neste mundo, Eragon. Aqueles que tem ouvidos para escutar e olhos para ver conseguem interpretar os sinais fácil o suficiente. Os pássaros cantam a sua chegada, os animais da terra sentem o seu cheiro e as árvores e ervas não esquecem seu toque. O laço entre o Cavaleiro e o Dragão é tão forte que aqueles que são sensíveis às forças da natureza são capazes de senti-lo.”

“Um dia você vai ter que me ensinar este truque.”

“Não é truque, é a mera arte de prestar atenção no que está ao seu redor.”

“Mas por que veio até Eastcroft? Teria sido mais seguro me encontrar do lado de fora da aldeia.”

“As circunstâncias me forçaram a entrar, assim como suponho que também te forçaram. Você não veio de livre vontade, veio?”



“Não...” levantou os ombros, cansado da viagem do dia e lutando contra o sono, ele apontou em direção ao vestido e disse, “Você finalmente abandonou a camisa e as calças?”

Um pequeno sorriso apareceu no rosto de Arya. “Somente durante esta viagem. Eu morei entre os Vardens mais tempo do que gostaria de lembrar, e ainda assim eu me esqueço de como os humanos insistem em separar os homens das mulheres. Eu nunca conseguiria me adaptar aos seus costumes, mesmo não agindo totalmente como um elfo. Quem poderia dizer sim ou não pra mim? Minha mãe? Ela está do outro lado de Alagaësia.” Arya moderou-se como se tivesse dito mais do que pretendia, ela continuou. “De qualquer forma, eu tive um encontro desafortunado com dois pastores de vacas logo após eu ter deixado os Varden, e roubei este vestido logo após.”

“Lhe cai bem.”

“Uma das vantagens de ser uma feiticeira é não ter que esperar por um alfaiate”

Eragon riu por um momento e depois perguntou, “E agora?”

“Agora vamos descançar. Amanhã, antes do nascer do sol, deveremos deixar Eastcroft, e ninguém poderá ficar sabendo.”

Naquela noite, Eragon dormiu em frente a porta e Arya ficou com a cama. Este arranjo não foi feito pela cortesia de Eragon – embora ele teria insistido em oferecer a cama à Arya em qualquer situação – mas por uma questão de precaução. Se alguém tentasse entrar no quarto seria estranho deparar-se com uma mulher no chão.

À medida em que horas vazias passavam, Eragon olhava para as vigas no teto e para as rachaduras na madeira, incapaz de conter seus pensamentos desenfreados. Ele tentou todos os métodos que ele conhecia para relaxar, mas sua mente sempre voltava para Arya, e a sua surpresa ao encontrá-la, seus comentários sobre o modo que tratara Sloan, e, acima de tudo, seus sentimentos por ela. Aqueles que ele não sabia o que eram exatamente. Ele sentia falta de estar com ela, mas ela rejeitara seus avanços, e isso manchava seu afeição com dor e raiva, e também frustração, por um tempo Eragon recusou-se a aceitar que era uma causa perdida mas ele não sabia como prosseguir.

Uma dor invadiu o seu peito ao ouvir a respiração suave de Arya. O atormentava estar tão perto e ainda assim não poder se aproximar dela. Ele torceu a ponta de sua túnica entre os dedos e desejou fazer algo além de se resignar sobre um destino indesejado.

Lutou contra essas emoções incontroladas através da noite, até que, finalmente sucumbiu à exaustão e mergulhou no abraço de seus sonhos lúcidos. Aí ele ficou por algumas horas, até que as estrelas perderam o brilho e chegou a hora dele e Arya deixarem Eastcroft.

Juntos, abriram a janela e pularam para o chão a quatro metros abaixo, uma pequena queda perto das habilidades dos elfos. Enquanto caía, Arya segurou a saia impedindo de ondular a sua volta. Aterrisaram a centímetros um do outro e começaram a correr entre as casas em direção à paliçada.

“As pessoas vão querer saber para onde fomos,” Disse Eragon entre duas corridas.

“Talvez devíamos ter esperado e saído como viajantes normais.”

“Era um risco ficar. Eu paguei pelo meu quarto, isso é tudo o que a estaleira se importa, não a que horas saímos.” Eles se separaram por alguns segundos enquanto circulavam uma carroça, e depois Arya acrescentou “A coisa mais importante é continuar em movimento. Se ficarmos parados o rei irá certamente nos encontrar”

Quando chegaram até a muralha, Arya a percorreu até encontrar um poste mais saliente. Ela colocou as mãos ao redor do poste e o puxou, certificando-se que a madeira aguentaria seu peso. O poste oscilou e bateu contra os postes vizinhos, mas pareceu aguentar.

“Você primeiro,” disse Arya.

“Por favor, depois de você.”

Com um tom de impaciência ela batucou com os dedos no corpete. “Um vestido é um pouco mais arejado que uma calça, Eragon.”

Seu rosto avermelhou-se quando ele entendeu a mensagem. Colocando os braços sobre a cabeça, ele agarrou-se firmemente e começou a escalar a paliçada, firmando os pés e o joelho durante a subida. Quando chegou ao topo, parou e balançou sobre a ponta dos postes afiados.

“Continue” murmurou Arya.

“Não até você vir.”

“Não seja tão —”

“Vigia!” Disse Eragon, e apontou. Uma lanterna flutuava na escuridão entre duas casas próximas. Enquanto a luz se aproximava, a silhueta de um homem emergia da escuridão. Ele carregava uma espada desembaiada em uma das mãos.

Silenciosa como um espectro, Arya agarrou ao poste e usando somente as mãos içou-se até Eragon. Ela parecia deslizar para cima, como se por magia.

Quando ela estava perto o suficiente, Eragon segurou seu braço direito e a ergueu ao seu lado, ficaram empoleirados na paliçada como dois estranhos pássaros, imóveis e ofegantes enquanto o vigia passava por baixo deles balançando a lanterna em busca de um intruso.

“Não olhe para o chão”, Implorou Eragon. “Nem para cima.”

Um momento depois o vigia embainhou a espada e continuou sua ronda, resmungando para si mesmo.

Sem outra palavra, Eragon e Arya pularam para o outro lado da paliçada. A armadura de Eragon retiniu na sacola quando ele bateu no chão sobre a relva e rolou para dissipar a força do impacto. Levantando-se rapidamente, agachou-se e afastou-se de imediato de Eastcrot por entrar a paisagem acinzentada, Arya próxima a ele. Caminharam através de recôncavos e leitos secos de rios, uma vez que saíam da área agrícola que cercava a cidade. Uma meia dúzia de vezes, cães indignados saíam correndo para protestar a invasão a seu território. Eragon tentou acalmá-los com sua mente, mas o único modo que encontrou para que eles parassem de latir foi lhes assegurando que seus terríveis dentes e garras haviam assustado ele e Arya. Feliz com seu sucesso, os cães, com a cauda abanando regressaram para seus celeiros, e cabanas para guardar seu território. Eragon se divertiu com esta autoconfiança presunçosa.

Oito quilômetros de Eastcrot, quando se tornou evidente que eles estavam sozinho e ninguém os seguia, Eragon e Arya pararam junto a um tronco queimado. Ajoelhando-se, Arya escavou várias mãos cheias de terra em sua frente. “Adurna risa,” ela disse.

A água começou a brotar do solo ao seu redor correndo para o buraco que ela escavara. Arya aguardou até a água encher o buraco e então disse, “Letta,” E o fluxo parou.

Ela entoou um feitiço de vidência e o rosto de Nasuada apareceu na superfície da água. Arya a saudou.

“Minha senhora” disse Eragon, fazendo uma reverência.

“Eragon,” ela retorquiu. Ela parecia cansada e estava com o rosto encovado, como se tivesse sofrido uma doença prolongada. Um fio de cabelo soltou-se de um nó apertado em seu penteado. Ao passar a mão pela cabeça para arranjar seu cabelo rebelde, Eragon viu de relance que tinha volumosas ataduras nos braços.

“Você está salvo, graças a Gokukara. Nós estávamos preocupados com você.”

“Sinto muito se eu te pertubei, mas tive minhas razões.”

“Você deverá me explicar quando chegar.”

“Assim como deseja,” ele disse. “Como você se machucou? Alguém te atacou? Por que ninguém da Du Vrangr Gata te curou?”

“Eu ordenei que me deixassem sozinha. E isto te explicarei quando você chegar” Verdadeiramente intrigado Eragon balançou a cabeça e engoliu todas as perguntas. Para Arya, Nasuada disse “Estou impressionada que o encontrou, não tinha certeza de que conseguiria.”

“A sorte sorriu para mim.”

“Talvez, mas eu acredito que suas habilidades foram tão importantes quanto à generosidade da sorte. A que distância vocês estão de se encontrar conosco?”

“Dois, três dias, a não ser que encontremos dificuldades inesperadas.”

“Ótimo. Vou esperá-los então. De agora em diante, eu quero que vocês entrem em contato comigo pelo menos uma vez antes do meio dia e uma vez antes de anoitecer. Se não tiver notícias de vocês, vou presumir que foram capturados e mandarei Saphira com um grupo de resgate.”

“Poderemos não ter a privacidade que precisamos para usar mágica.”

“Ache um jeito de conseguir. Eu preciso saber onde vocês dois estão e se estão a salvo.”

Arya pensou por um momento e então disse, “Se eu puder, farei como você pediu, mas não farei se isso colocar Eragon em perigo.”

“Combinado.”

Aproveitando-se da pausa na conversa Eragon disse, “Nasuada, Saphira está por perto? Eu gostaria de falar com ela... não conversamos desde Helgrind”

“Ela saiu há uma hora para patrulhar nosso perímetro. Você pode manter o feitiço enquanto vejo se ela já retornou?”

“Vai,” disse Arya.

Com um simples passo Nasuada saiu do campo de visão, deixando para trás a imagem estática de uma mesa e cadeiras dentro de sua tenda vermelha. Por um bom tempo Eragon examinou a tenda, mas a inquietação se apossou dele e sua atenção passou da poça d'água para o pescoço de Arya. Seu cabelo negro estava caído para um lado, revelando uma faixa de pele macia acima da gola do vestido. Aquilo o deixou paralizado por praticamente um minuto, depois saiu e encostou-se no tronco queimado.

Veio um som de madeira quebrando e todo o campo de visão foi tomado por escamas azuis enquanto Saphira entrava na tenda. Era difícil para Eragon dizer qual parte dela ele via, pois seu campo de visão era pequeno. As escamas atravessavam a poça d'água à medida que ela se revirava e se torcia, tentando achar uma posição em que pudesse confortavelmente ver o espelho que Nasuada usava para suas comunicações secretas.

Pelos barulhos alarmantes originados atrás de Saphira, Eragon deduziu que ela estava quebrando todos os móveis. Até que, finalmente, ela colocou sua cabeça próxima ao espelho então somente o grande olho de Saphira repousado em Eragon ocupava a poça. Eles olharam um para o outro durante um minuto inteiro, nenhum deles se moveu. Eragon se surpreendeu como ele ficou aliviado em vê-la. Ele não se sentia completamente seguro desde que se separaram.

“Senti sua falta,” ele murmurou.

Ela piscou uma vez.

“Nasuada, você ainda está aí?”

Uma resposta abafada veio em direção de algum lugar ao lado direito de Saphira: “Sim, mais ou menos.”

“Você faria a gentileza de transmitir os comentários de Saphira para mim? ”

“Ficaria feliz em fazê-lo, mas no momento, estou presa entre uma asa e um poste e não tem espaço para eu aparecer, você poderá ter dificuldades para me escutar, mas se você tiver paciência eu tentarei”

“Por favor, faça.”

Nasuada ficou em silêncio por várias batidas de coração, e então em um tom tão parecido com o de Saphira que Eragon quase riu, ela disse, “você está bem?”

“Estou saudável como um touro, e você?”

“Me comparar com um bovino ia ser ridículo e insultante, mas eu me virei como sempre, se é o que vocês está perguntando. Estou feliz que Arya está com você. É bom para você estar com alguém sensato por perto para vigiar suas costas.”

“Concordo. Ajuda sempre é bem-vinda quando se está em perigo.” Embora Eragon estava grato que ele e Saphira podiam conversar, mesmo que por forma indireta, ele achou a palavra falada uma pobre substituta para a troca livre de pensamentos e emoções que eles aproveitavam enquanto próximos, além disso, com Arya e Nasuada ouvindo a conversa, Eragon estava relutante em abordar tópicos de natureza mais pessoal, como perguntar a Saphira se o tinha perdoado por tê-la forçado a abandoná-lo em Helgrind. Saphira devia compartilhar a mesma relutância pois evitou tocar nesse assunto. Conversaram sobre acontecimentos inconseqüentes, despedindo-se um do outro. Antes de se afastar da poça d’água, Eragon levou os dedos aos lábios e disse sem falar “ desculpa. “

Uma fenda surgiu entre cada uma das pequenas escamas que rodeavam os olhos de Saphira, a medida que a pele por baixo se alisava. Ela piscou lentamente e ele percebeu que ela entendeu sua mensagem e que não estava ressentida com ele.

Após Eragon e Arya despedirem-se de Nasuada ela quebrou o feitiço e se levantou. Com as costas da mão tirou a poeira do vestido.

Eragon estava mais inquieto e impaciente do que nunca, naquele momento não queria nada mais do que correr diretamente para Saphira e enroscar-se com ela em frente a uma fogueira.

“Vamos embora,” ele disse, já andando.



## UM ASSUNTO DELICADO

Os músculos das costas de Roran dilatavam e contraíam-se ao erguer o rochedo do chão. Ele repousou a grande rocha sobre suas coxas por um instante e então, com um rugido, ergueu-a acima da cabeça até ficar com os braços retos. Por um minuto inteiro, ele segurou o enorme peso no ar. Quando seus ombros estavam trêmulos e prestes a ceder, lançou a rocha no chão à sua frente. Esta caiu com um ruído seco, deixando uma cova de algumas polegadas de profundidade no chão.

De cada lado de Roran, vinte dos guerreiros Varden esforçavam-se para levantar rochas de tamanho similar. Somente dois conseguiram; o resto retornou para rochas mais leves as quais estavam acostumados. Roran ficou satisfeito que os meses que ele passou na forja de Horst e os anos anteriores trabalhados na fazenda lhe tinham dado a força para competir com homens que lidavam com suas armas todos os dias desde que completaram doze anos.

Roran agitou os braços para aliviar o ardor e respirou fundo várias vezes, o ar fresco contra o seu peito nu. Levantando os braços, massageou seu ombro direito, procurou a região da bola de músculos e examinou-a com seus dedos, confirmando mais uma vez que não havia indícios do ferimento que sofreu quando fora mordido pelo Ra'zac. Ele sorriu, feliz ao ver que estava inteiro e são novamente, embora isto lhe parecia tão improvável quanto uma vaca dançar uma jiga.

Um grito de dor o fez olhar para Albriech e Baldor, que estavam lutando contra Lang, um veterano, moreno e cheio de cicatrizes de batalhas que ensinava as artes da guerra. Mesmo contra dois oponentes, Lang se garantia, e com sua espada de madeira para treino, ele tinha desarmado Baldor, ao atingi-lo nas costelas, e atingiu Albriech com tanta força na perna que, este caiu desamparado, tudo isso em questão de segundos. Roran simpatizava-se com eles; ele tinha acabado de terminar sua sessão com Lang, e isso o tinha deixado com vários novos hematomas que se juntaram aos quase desaparecidos ganhos em Helgrind. De uma maneira geral, ele preferia seu martelo à espada, mas sabia que precisava saber manusear uma espada caso a ocasião exigisse. Espadas requeriam mais elegância do que ele achava que a maioria das lutas merecia: golpear um espadachim no pulso e, com armadura ou não, ele ficaria mais preocupado com os ossos quebrados do que em defender-se.

Após da Batalha das Campinas Ardentes, Nasuada convidou os aldeões de Carvahall a unir-se aos Varden. Todos aceitaram a oferta. Aqueles que teriam recusado já tinham decidido ficar em Surda quando os aldeões pararam em Dauth no caminho para as Campinas Ardentes. Todos os homens válidos de Carvahall armaram-se propriamente — descartando as lanças e escudos improvisados — e treinaram para se tornarem guerreiros iguais a qualquer outro na Alagaësia. As pessoas do Vale Palancar estavam acostumadas a uma vida dura. Brandir uma espada não era pior do que cortar lenha, e era bem mais fácil do que usar a enxada ou colher acres de beterraba no sol do verão. Aqueles que conheciam algum ofício útil continuaram a aplicá-los a serviço dos Varden, mas em seu tempo de folga eles se esforçavam para se tornarem mestres nas armas que lhes foram dadas, todo homem era esperado para lutar assim que a hora para a batalha chegasse.

Roran tinha decidido treinar com uma dedicação inabalável desde que retornou de Helgrind. Ajudar os Varden a derrotar o Império e, ultimamente, Galbatorix era a única coisa que ele poderia fazer para proteger os aldeões e a Katrina. Ele não era arrogante o suficiente para acreditar que sozinho poderia mudar o equilíbrio da guerra, mas ele

estava confiante na sua capacidade de mudar o mundo e sabia que se dedicasse, poderia aumentar as chances de vitória dos Varden. Ele tinha que permanecer vivo, ainda que isso significasse condicionar seu corpo e dominar as ferramentas e as técnicas de combate a fim de evitar ser derrotado por um guerreiro mais experiente.

Enquanto ele cruzava o campo de treino, em seu caminho para a tenda que dividia com Baldor, Roran passou por uma faixa de relva com dezoito metros de comprimento onde repousava um tronco de seis metros descascado e polido pelas milhares de mãos que se esfregavam nele todos os dias. Sem diminuir o passo, Roran virou-se, fez seus dedos deslizarem pela extremidade grossa do tronco, levantou-o, e, com um gemido de esforço ergueu-o na vertical. A seguir deu impulso ao tronco que se virou. Agarrando pela ponta mais estreita repetiu o exercício mais duas vezes.

Incapaz de reunir forças o suficiente para repetir o exercício novamente, Roran deixou o campo caminhando pelo labirinto de tendas ao redor, acenando para Loring e Fisk e para outros que ele reconheceu, assim como para meia dúzia ou mais de estranhos que o saudavam. “Salve, Martelo Forte!” eles gritavam num tom caloroso.

“Salve!” ele respondia. *É uma coisa estranha*, ele pensou, *ser conhecido por pessoas que você nunca tinha visto antes*. Um minuto depois, ele chegou à tenda que tinha se tornado sua casa e, inclinou-se para o interior, guardando o seu arco, a aljava com flechas e a pequena espada que os Varden lhe deram.

Ele tirou o cantil de pele de trás dos cobertores, e se apressou a regressar à luz brilhante do sol e, destampando o cantil, derramou o conteúdo sobre os ombros e costas. Banhos eram acontecimentos esporádicos e poucos frequentes para Roran, mas hoje era um dia importante, e ele queria estar fresco e limpo para o que estava por vir. Com a ponta afiada de um bastão polido, raspou a sujidade das pernas, braços e debaixo da unha, depois penteou o cabelo e aparou a barba.

Satisfeito de que estava apresentável, ele tirou uma túnica lavada, pendurou o martelo no cinto, e estava prestes a andar pelo acampamento quando percebeu que Birgit estava assistindo ele de um canto da tenda. Ela empunhava uma adaga embainhada com as duas mãos.

Roran congelou, pronto para empunhar o martelo à mínima provocação. Ele sabia que estava correndo um perigo mortal, e apesar de sua bravura, não estava confiante que poderia derrotar Birgit caso ela atacasse, pois como ele, ela perseguia os inimigos com uma obstinada determinação.

“Você uma vez me pediu ajuda,” disse Birgit, “e eu aceitei ajudá-lo porque queria achar os Ra’zac e matá-los por comerem meu marido. Não cumpri com a minha parte?”

“Cumpru.”

“E você se lembra que eu prometi que uma vez que os Ra’zac estivessem mortos, eu teria minha compensação por seu papel na morte de Quimby?”

“Lembro-me.”

Birgit girou a adaga com uma urgência crescente, as costas de seus punhos enrugaram-se com os tendões. A adaga subiu alguns centímetros da bainha, revelando o aço brilhante, e depois mergulhou novamente na escuridão. “Ótimo,” ela disse. “Não quero que sua memória falhe. Eu *terei* minha compensação, filho de Garrow. Nunca duvide disso.” Com um rápido, firme passo, ela saiu, a adaga escondida entre as pregas do vestido.

Liberando sua respiração, Roran sentou-se num banco próximo e esfregou sua garganta, convencido de que escapou por pouco de ser degolado por Birgit. A visita dela o alarmou, porém não o surpreendeu; ele estava ciente de suas intenções há meses, logo após deixarem Carvahall, e ele sabia que um dia deveria acertar este débito com ela.

Um corvo passou sobre sua cabeça, enquanto o olhava sentiu-se mais leve e sorriu. “Bem,” ele disse para si mesmo. *Um homem raramente sabe o dia e a hora em que vai morrer. Eu poderia ser assassinado a qualquer momento, e não tem droga nenhuma que eu possa fazer para impedir. O que vai acontecer acontecerá, e não vou desperdiçar meu tempo de vida me preocupando. Infelicidade sempre acontece com quem a espera. O segredo é encontrar felicidade nas frestas entre os desastres. Birgit fará o que sua consciência mandar fazer, e terei que lidar com isso quando for preciso.* Ao lado de seu pé esquerdo ele notou uma pedra amarela, ele a pegou e rolou-a por entre seus dedos. Concentrando tanto quanto podia, ele disse, “Stenr rīsa.” A pedra ignorou seu comando e permaneceu imóvel entre o polegar e o indicador. Com um ronco, ele a jogou fora.

Levantando-se ele caminhou para o norte entre as filas de tendas, enquanto andavam tentou desatar os nós ao redor do colarinho, mas devido à resistência ele desistiu. Quando chegou à tenda de Horst, que era o dobro do tamanho da maioria. “Oh de casa,” ele disse, batendo no poste entre as duas palas da entrada.

Katrina saiu disparada da tenda, com o cabelo ruivo esvoaçante e envolveu-o nos braços. Rindo, ele a ergueu pela cintura e girou-a em um círculo até todo o mundo se converter em uma mancha exceto o rosto dela, então gentilmente pousou-a. Ela beijou-o de leve nos lábios uma, duas, três vezes. Imóvel, ele olhou-a nos olhos, mais feliz do que ele jamais se lembrou de estar.

“Você cheira bem,” ela disse.

“Como está você?” A única falha na sua alegria era vê-la tão magra e pálida graças ao seu aprisionamento. Isto o fez querer ressuscitar os Ra’zac, assim eles poderiam passar pelo mesmo sofrimento que causaram a ela e ao seu pai.

“Todo dia você me pergunta e todo dia te digo, ‘Melhor’. Seja paciente, vou me recuperar, mas isso levará tempo... o melhor remédio para as minhas aflições é estar com você sob o sol, o bem que isso me faz é mais do que posso dizer.”

“Não é só isso que estou perguntando.”

O rosto de Katrina cobriu-se de pontos avermelhados e ela inclinou a cabeça para trás com um sorriso perverso. “Meu Querido, você é atrevido, atrevido mesmo, não tenho certeza se devo ficar sozinha com você, por medo de que você possa querer liberdades comigo.”

O tom de brincadeira da resposta tranquilizou-o. “Liberdade, eh? Bem, como você já me considere um patife, melhor seria eu aproveitar um pouco dessa *liberdade*.” E ele a beijou até ela o interromper, ainda permanecendo em seus braços.

“Oh,” ela disse sem fôlego. “Você é um homem difícil de argumentar, Roran Martelo Forte.”

“Isto eu sou.” Acenando com a cabeça para a tenda atrás dela, então com uma voz mais baixa perguntou, “Elain sabe?”

“Ela saberia senão estivesse tão preocupada com sua gravidez. Eu acho que o stress da viagem de Carvahall pode fazê-la perder o bebê. Ela está doente boa parte do dia e também sente dores... que não são de boa natureza. Gertrude está cuidando dela, mas ela não pode fazer muito para aliviar o desconforto. De qualquer forma, quanto antes Eragon chegar melhor, não sei por quanto tempo conseguirei manter este segredo.”

“Você vai se sair bem, tenho certeza.” Ele a soltou e então puxou a túnica pela bainha para tirar o amassado. “Como estou?”

Katrina estudou-o com um olho crítico e então molhou a ponta dos dedos e passou pelo cabelo dele, puxando-os para trás da testa. Ao reparar o nó da gola começou a mexer dizendo, “Você deveria ter mais atenção com suas roupas.”

“Roupas não estão tentando me matar.”

“Bem, as coisas estão diferentes agora. Você é o primo de um Cavaleiro de Dragão, e deveria parecer à altura. As pessoas esperam isso de você.”

Ele permitiu que ela continuasse a arrumá-lo até ela estar satisfeita com sua aparência. Com um beijo de despedida, ele caminhou uns oitocentos metros até o centro do campo massivo dos Varden, onde permanecia o pavilhão vermelho de comando de Nasuada. Permanentemente no topo estava um estandarte com um escudo negro e duas espadas paralelas fustigado pelo vento quente do leste.

Os seis guardas do lado de fora do pavilhão — dois humanos, dois anões e dois Urgals — abaixaram as armas quando Roran se aproximou, e um dos Urgals, um brutamonte de dentes amarelados, o desafiou dizendo, “Alto lá!” Seu sotaque era quase ininteligível.

“Roran Martelo Forte, filho de Garrow. Nasuada me chamou.”

Batendo na armadura do peito com um punho, que produziu um barulho alto, o Urgal anunciou, “Roran Martelo forte requer uma audiência com você, Lady Caçadora Noturna.”

“Pode deixá-lo entrar,” veio à resposta de dentro.

Os guerreiros levantaram as espadas e Roran cuidadosamente passou por elas, eles o olharam, e ele os olhou, com o semblante de alguém que teria de lutar entre eles a qualquer momento.

Dentro do pavilhão, Roran ficou assustado ao ver que quase todos os móveis estavam quebrados ou tombados. A única peça que parecia intocada era um espelho colocado em um posto e a enorme cadeira em que Nasuada estava sentada. Ignorando o que estava ao seu redor, Roran ajoelhou-se e fez uma reverência.

As feições e posturas de Nasuada estavam muito diferentes das mulheres que Roran conhecia, ele não tinha certeza do que fazer. Ela parecia estranha e altiva, com o vestido bordado, correntes de ouro no cabelo e pele escura, que no momento tinha um reflexo avermelhado devido à cor do tecido das paredes. Em um grande contraste com o resto do seu vestuário, seus antebraços estavam cobertos com uma atadura de linho, um testemunho da sua extraordinária coragem durante o Teste das Facas Longas. Seu feito era tópico constante de discussões entre os Varden desde que Roran retornou com Katrina. Este era um dos aspectos dela que ele achava compreender, pois ele também faria qualquer sacrifício para proteger aqueles com que se importa. Acontece que, enquanto ela se importava com grupos de milhares ele assumira compromisso com a família e com a aldeia.

“Por favor, levante-se,” disse Nasuada. Ele fez conforme ela o instruiu e descansou uma mão sobre a cabeça do martelo, então esperou enquanto ela o inspecionava. “Minha posição raramente me permite o luxo de ser clara e direta, Roran, mas serei direta com você hoje. Você parece ser um homem que aprecia a sinceridade e temos muito a discutir e pouco tempo para isso.”

“Obrigado, minha senhora. Eu nunca gostei de jogos de palavras.”

“Excelente. Falando abertamente, você me coloca a frente de duas dificuldades, nenhuma fácil de resolver.”

Ele franziu a sobrancelha. “Que tipo de dificuldades?”

“Uma de caráter, outra de política. Seus feitos no Vale Palancar e posteriormente durante a fuga de seus conterrâneos são quase inacreditáveis. Eles me revelam que você tem uma mente ousada, com perícia em combate, estratégia e capacidade de inspirar as pessoas a te seguirem com inquestionável lealdade.”

“Eles podem ter me seguido, mas certamente, nunca pararam de me questionar.”



Um sorriso tocou seus lábios. “Talvez. Mas ainda assim os trouxe até aqui, não? Você possui talentos preciosos Roran, e poderia ser útil aos Varden, eu acredito que gostaria de servi-los?”

“Sim.”

“Como você sabe, Galbatorix dividiu seu exército e mandou tropas ao sul para reforçar a cidade de Aroughs, a oeste de Feinster, e ao norte de Belatona. Ele espera desta forma prolongar a luta para nos drenar através de um desgaste lento. Jörmundur e eu não podemos estar em dezenas de lugares ao mesmo tempo. Nós precisamos de capitães em quem possamos confiar para lidar com a miríade de conflitos que estão surgindo à nossa volta. Nisto, você poderia provar o seu valor, mas...” Sua voz diminuiu.

“Mas você ainda não sabe se pode confiar em mim.”

“De fato. Proteger amigos e família enrijece a espinha de uma pessoa, mas eu imagino como você se sairia longe deles. Seus nervos vão agüentar? E enquanto você liderar, poderá também obedecer? Não tenho dúvidas quanto ao seu caráter Roran, mas é o destino de Alagaësia que está em jogo, e eu não posso arriscar colocar um incompetente à frente de meus homens. Esta guerra não perdoa este tipo de erro nem seria justo com os homens que já haviam se reunido com os Varden colocá-los sob seu comando sem uma justa causa. Você deve merecer a responsabilidade para conosco.”

“Entendo, o que você gostaria que eu fizesse então?”

“Ah, mas isso não é fácil, pois você e Eragon são praticamente irmãos e isso complica bastante as coisas. Eu tenho certeza de que você está ciente de que Eragon é a base das nossas esperanças. É importante então, resguardá-lo de distrações para que ele possa se concentrar nas tarefas à sua frente. Se eu lhe mandar para uma batalha e você acabar morrendo como resultado, dor e raiva muito provavelmente irão acabar desequilibrando-o. Eu já vi isto antes. Além do que eu devo ter muito cuidado com quem deixarei que você sirva, pois haverão aqueles que vão procurar te influenciar devido a sua relação com Eragon. Então agora você tem idéia da abrangência das minhas preocupações. O que tem a dizer sobre isso?”

“Se o próprio império está em jogo e esta guerra é alvo de tão ardentes confrontos, então eu acho que você não deveria me deixar sentado de lado. Colocar-me como um soldado comum seria também um desperdício. Mas acho que isto você já sabe. Quanto à política...” ele encolheu os ombros. “Eu não me importo com quem você vai me colocar. Ninguém vai chegar à Eragon por mim. Meu único objetivo é derrotar o império assim meus amigos e familiares poderão voltar para nossas casas e viverem em paz.”

“Você é determinado.”

“Muito. Não poderia permitir que eu continuasse no comando dos homens de Carvahall? Somo tão próximos quanto uma família e trabalhamos bem juntos. Teste-me deste jeito. Os Varden não vão sofrer se eu falhar.”

Ela balançou a cabeça. “Não. Talvez no futuro, mas não agora. Eles necessitam de instruções, e não poderei julgar seu desempenho quando você está cercado de pessoas que lhe são tão leais que por seus desejos abandonaram suas casas e atravessaram toda a Alagaësia.”

*Ela me considera uma ameaça, ele deduziu. Minha habilidade de influenciar os aldeões a intimidar.* Em uma tentativa de desarmá-la ele disse, “Eles tiveram a própria consciência como guia. Eles sabiam que seria idiotice permanecer no Vale.”

“Você não pode explicar o comportamento deles, Roran.”

“O que você quer de mim, Senhora? Você me deixará servir ou não? E se deixar, como?”

“Eis minha oferta. Esta manhã meus mágicos detectaram uma patrulha de vinte e três soldados de Galbatorix a noventa graus a leste. Estou mandando um contingente sob o comando de Martland Barba Ruiva, Conde de Thun, para destruí-los e patrulhar a área. Se você estiver de acordo, você servirá à Martland. Você vai ouvi-lo e obedecê-lo e com sorte aprender algo com ele. Ele em troca vai vigiá-lo e reportar a mim se achar que deve ser promovido. Martland possui bastante experiência, e tenho total confiança em sua opinião. Isto lhe parece justo, Roran Martelo Forte?”

“Sim. Apenas, quando eu partiria e quanto irei retornar?”

“Você partirá hoje e retornará em duas semanas.”

“Então devo perguntar, você poderia aguardar e me enviar em uma expedição diferente? Em alguns dias? Gostaria de estar aqui quando Eragon retornar.”

“Sua preocupação com Eragon é admirável, mas os eventos acontecem sem cessar. E não podemos nos atrasar. Assim que souber sobre Eragon mandarei alguém da Du Vrangr Gata contatá-lo e transmitir as notícias, sejam boas ou más.”

Roran esfregou o polegar nas arestas agudas do martelo enquanto tentava criar uma resposta que convencesse Nasuada a mudar de idéia sem trair o segredo que ele guardava. Por fim abandonou esta tarefa impossível e resignou-se a revelar a verdade.

“Você está certa, estou preocupado com Eragon, mas de todas as pessoas ele é o mais capaz de se defender sozinho. Vê-lo são e salvo não é o porquê de querer ficar.”

“Porque então?”

“Por que Katrina e eu queremos nos casar, e gostaríamos que Eragon realizasse a cerimônia.”

Havia uma cascata de tinidos enquanto Nasuada batucava suas unhas contra o braço da cadeira. “Se você acredita que eu vou permitir que você ande por aí sem fazer nada enquanto poderia estar ajudando os Varden, só para que você e Katrina possam desfrutar da sua noite de núpcias alguns dias antes você está completamente enganado.”

“É uma questão de urgência, Lady Caçadora Noturna.”

Os dedos de Nasuada pararam no meio do ar, e seus olhos semicerraram. “Quão urgente?”

“Quanto mais cedo casarmos, melhor para a honra de Katrina. Se você me conhece sabe que eu jamais pediria favores para mim mesmo.”

Uma luz moveu-se na pele de Nasuada ao inclinar a cabeça. “Entendo... Porque Eragon? Porque quer que ele realize a cerimônia? Porque não outro alguém? Um ancião de sua aldeia quem sabe?”

“Porque ele é meu primo e eu me importo com ele, e também por que ele é um Cavaleiro. Katrina perdeu tudo por minha causa, sua casa, seu pai e seu dote. Eu não posso compensar essas coisas, mas pelo menos quero dar a ela um casamento memorável. Sem ouro ou gado, eu não posso pagar para uma cerimônia, então tenho que encontrar meios que não a riqueza para fazer nosso casamento memorável, e ao que parece nada poderia ser mais grandioso do que ter um Cavaleiro de Dragão nos casando.”

Nasuada ficou em silêncio por tanto tempo que Roran começou a imaginar se ela não gostaria que ele se retirasse. Então: “Seria com certeza uma honra ter um cavaleiro de dragões realizando a cerimônia de seu casamento, mas seria uma pena se Katrina tiver que aceitar sua mão sem um dote próprio. Os anões me enviaram muitos presentes em ouro e jóias quando eu vivia em Tronjheim. Algumas eu já vendi para financiar os Varden, mas os que me restam são o suficiente para vestir uma mulher de peles de marta e cetim durante muitos anos. Eles serão de Katrina, se você concordar.”

Atônito, Roran curvou-se novamente. “Obrigado, sua generosidade é muito além da esperada. Não sei como poderei retribuir.”

“Retribua lutando para os Varden da mesma forma que lutou por Carvahall.”

“Eu irei, eu juro que Galbatorix vai amaldiçoar o dia em que mandou os Ra’zac atrás de mim.”

“Tenho certeza de que ele já amaldiçoou. Agora vá. Você poderá permanecer no acampamento até Eragon voltar e casar você e Katrina, mas eu espero que você esteja sobre uma sela na manhã seguinte.”



## SANGUE DE LOBO

*Que homem admirável, pensou Nasuada enquanto olhava Roran deixar seu pavilhão. É interessante; ele e Eragon são parecidos de tantas maneiras, e mesmo assim suas personalidades são fundamentalmente diferentes. Eragon pode ser um dos guerreiros mais mortais da Alagaësia, mas ele não é uma pessoa dura ou cruel. Roran, por sua vez, é feito do mais rígido material. Eu espero que ele nunca cruze meu caminho; Eu teria que destruí-lo para conseguir fazê-lo parar.*

Ela verificou suas bandagens e, satisfeita por elas ainda estarem no lugar, chamou por Farica e ordenou que ela lhe trouxesse uma refeição. Depois que sua criada entregou a comida e saiu da tenda, Nasuada sinalizou para Elva, que emergiu de seu esconderijo atrás do falso painel nos fundos da tenda. E juntas dividiram o desjejum.

Nasuada dedicou as próximas horas revisando os últimos relatórios dos estoques dos Varden, calculando o número de carroças que eles precisariam para se deslocar para o norte, adicionando e subtraindo as pequenas ripas de madeira que representavam as finanças do seu exército. Ela enviou mensagens para os Anões e Urgals, ordenou aos ferreiros para aumentar a produção de pontas de lança, ameaçou o Conselho dos Anciãos com a dissolução - o que ela fazia quase toda semana - e cuidou dos negócios dos Varden em geral. Então, com Elva ao seu lado, Nasuada montou no seu cavalo, Trovão de Guerra, e se encontrou com Trianna, que havia capturado e estava ocupada interrogando um membro da rede de espões de Galbatorix, a Mão Negra.

Quando ela e Elva deixaram a tenda de Trianna, Nasuada percebeu uma agitação ao norte. Ela ouviu gritos animados, então um homem apareceu entre as tendas, correndo em direção a ela. Sem uma palavra, seus guardas formaram um compacto círculo em volta dela, menos um dos Urgals, que se colocou na frente do corredor e suspendeu sua clava. O homem diminuiu e parou na frente do Urgal e, ofegando, exclamou, “Lady Nasuada! Os elfos estão aqui! Os elfos chegaram!”

Por um fantástico, e improvável momento, Nasuada pensou que ele se referia a Rainha Izlanzadí e seu exército, mas então ela se lembrou então que Islanzadí estava perto de Ceunon; nem mesmo os elfos poderiam atravessar toda extensão da Alagaësia em menos de uma semana. *Devem ser os doze feiticeiros que Islanzadí enviou para proteger Eragon.*

“Rápido, meu cavalo,” ela disse, mordendo os dedos. Seus antebraços queimaram quando ela montou Trovão de Guerra. Ela apenas esperou o tempo suficiente para o Urgal mais próximo lhe entregar Elva, e então pressionou seus calcanhares no garanhão. Seus músculos tremeram abaixo dela quando ele começou a galopar. Curvando-se sobre seu pescoço, ela o guiou por um beco sujo entre duas fileiras de barracas, desviando de homens e animais e pulando um barril atravessado no caminho. Os homens não pareceram ficar ofendidos; eles gargalharam e arrastaram-se atrás dela para também verem os elfos com seus próprios olhos.

Quando ela chegou na entrada norte do acampamento, ela e Elva desmontaram e procuraram por movimento no horizonte.

“Lá” disse Elva, e apontou.

A mais ou menos três quilômetros dali, vinte figuras magras e alongadas emergiram de trás de uma moita de zimbros, seus contornos indecisos no calor da manhã. Os elfos corriam juntos, graciosos e rápidos, seus pés não levantavam poeira e eles pareciam voar pela paisagem campestre. O couro cabeludo de Nasuada formigou. A velocidade dos elfos era, ao mesmo tempo, bela e antinatural. Eles a lembraram um bando de

predadores caçando sua presa. Ela sentiu o mesmo senso de perigo quando ela havia visto um Shrrg, um lobo gigante, nas Montanhas Beor.

“Dão um medo inspirador, não dão?”

Nasuada se sobressaltou ao descobrir Angela ao seu lado. Ela estava aborrecida e chocada por como a Herbolária tinha chegado silenciosa e furtivamente.

Ela desejou que Elva a tivesse prevenido da aproximação de Angela.

“Como você consegue estar sempre presente quando alguma coisa importante vai acontecer?”

“Ah bem, eu quero saber o que está acontecendo, e estar lá é muito mais rápido do que esperar até que alguém venha me contar depois. Além disso, as pessoas sempre deixam de fora detalhes importantes, como, se o dedo anular de alguém é mais longo do que o dedo indicador; ou se eles tinham escudos mágicos protegendo-os, ou se o jumento que eles estavam cavalgando tinha um sinal pelado em forma de cabeça de galo. Você não concorda?”

Nasuada franziu a testa. “Você nunca revela seus segredos, não é?”

“Ora, que bem isso faria? Todos ficariam excitados sobre alguma bobagem durante uma magia, e então eu teria que gastar horas tentando explicar, e no final, o Rei Orrin iria querer cortar minha cabeça e eu teria que acabar com metade dos seus magos durante minha fuga. Não vale o esforço, se você quer saber”

“Sua resposta não inspira muita confiança. Mas ---”

“Isso porque você é muito séria, Lady Caçadora Noturna”

“Mas diga-me” insistiu Nasuada, “por que você iria querer saber se alguém estava cavalgando um jumento com um sinal pelado em forma de cabeça de galo?”

“Ah, aquilo. Bem, o homem que possui aquele jumento em particular me trapaceou num jogo de ossinhos valendo três botões e um fragmento de cristal encantado muito interessante.”

“Enganou *você*?”

Angela franziu os lábios, obviamente aborrecida. “Os ossinhos estavam adulterados. Eu os troquei sem ele ver, mas ele trocou esses por seus próprios ossinhos quando eu estava distraída... Eu ainda não tenho certeza de como ele me enganou.”

“Então os dois estavam trapaceando?”

“Era um cristal valioso! Além disso, como podemos trapacear um trapaceiro?”

Antes que Nasuada pudesse responder, os seis Defensores Noturnos vieram fazendo estremecer o chão do acampamento e tomaram suas posições ao lado dela. Ela escondeu seu desprazer quando o calor e odor dos seus corpos a assaltou. O cheiro dos dois Urgals era especialmente pungente. Então, de um modo surpreendente, o capitão do grupo, um homem robusto com um nariz de gancho e de nome Garven, aproximou-se dela. “Minha Lady, posso ter uma palavra com você em particular?” Ele falou com o maxilar cerrado, como se estivesse contendo uma grande emoção.

Angela e Elva olharam para Nasuada para confirmar se ela queria que elas de afastassem. Ela acenou com a cabeça, e elas começaram a caminhar para o oeste, em direção ao Rio Jiet. Uma vez que Nasuada estava segura de que eles não poderiam ser ouvidos, ela começou a falar, mas Garven se sobrepujou a ela, exclamando, “Mas que droga, Lady Nasuada, você não deveria ter nos deixado como fez!”

“Paz, Capitão,” respondeu ela. “Foi um risco bem pequeno, e eu senti que era importante estar aqui na hora para receber os elfos.”

A cota de malha de Garven soltou pequenos estalidos quando ele esmurrou sua perna com o punho fechado. “Um risco pequeno? Não faz nem uma hora atrás, você recebeu uma prova de que Galbatorix ainda tem agentes escondidos entre nós. Ele é capaz de se infiltrar de novo e de novo, e você ainda acha conveniente abandonar sua escolta e sair

correndo entre um bando de assassinos em potencial! Você esqueceu o ataque em Aberon, ou como Os Gêmeos assassinaram seu pai?”

“Capitão Garven! Você está indo muito longe.”

“Eu irei ainda mais longe se isso significa garantir seu bem-estar.”

Os elfos, Nasuada observou, tinham coberto metade da distância em direção ao acampamento. Zangada, e ansiosa para terminar a conversa, ela disse, “Eu não estou sem minha própria proteção, Capitão.”

Piscando seus olhos em direção a Elva, Garven disse, “Nós suspeitamos que sim, Lady.” Uma pausa se seguiu, como se ele estivesse esperando que ela lhe desse mais informações. Como ela ficou em silêncio, ele continuou: “Se você estivesse realmente a salvo, e então eu estava errado de acusar você de negligência, peço desculpas. Entretanto, segurança e a impressão de segurança são duas coisas diferentes. Para ser um Defensor Noturno, nós temos que ser os guerreiros mais espertos, mais duros, mais dispostos da terra, e as pessoas tem que acreditar que nós somos os mais espertos, duros e dispostos. Eles tem que acreditar que se eles tentarem te apunhalar ou te flechar com uma besta ou usar magia contra você, nós vamos pará-los. Se eles acreditarem que tem a tanta chance de te matar como um rato tem chance de matar um dragão, então eles desistiram da idéia, e nós teremos evitado um ataque sem nem mesmo levantar um dedo.”

“Nós não podemos lutar contra todos os seus inimigos, Lady Nasuada. Para isso necessitaríamos de um exército. Nem mesmo Eragon poderia te salvar se todos que a querem morta tivessem a coragem de agir segundo lhes dita o ódio. Você pode sobreviver a centenas de atentados contra sua vida ou milhares, mas uma hora um iria ter êxito. A única maneira de impedir isso de acontecer é convencer a maioria dos seus inimigos de que eles nunca passaram pelos Defensores Noturnos. Nossa reputação pode te proteger tanto quanto nossas espadas e nossas armaduras. Não é bom, então, que as pessoas a vejam cavalgando sem nós. Não há duvida de que nós ficamos parecendo um grupo de tolos lá atrás, tentando freneticamente te alcançar. Afinal, se você não nos respeita, Lady, por que alguém mais deveria fazê-lo?”

Garven chegou mais perto, baixando a voz. “Nós ficaríamos satisfeitos em morrer por você se precisarmos. Tudo que nós pedimos em retorno é que você permita-nos desempenhar nossos papéis. É um favor pequeno, se considerarmos as circunstâncias. E chegará o dia em que você será grata por estarmos aqui. Sua outra proteção é humana, e dessa forma falível quaisquer que sejam seus poderes arcanos. Ela não fez os mesmos juramentos na língua antiga que nós os Defensores Noturnos fizemos. As simpatias dela podem mudar, e você faria melhor em considerar seu destino se ela se virar contra você. Os Defensores Noturnos, por sua vez, nunca irão te trair. Nós somos seus, Lady Nasuada, total e completamente. Então por favor, deixe os Defensores Noturnos fazerem aquilo que eles devem fazer... Deixe-nos protegê-la.”

Inicialmente, Nasuada estava indiferente aos seus argumentos, mas a eloquência dele e a clareza do seu raciocínio a impressionou. Ele era, pensou ela, um homem que ela poderia usar para qualquer coisa. “Eu vejo que Jörmundur me cercou com guerreiros tão habilidosos com suas línguas que com suas espadas,” ela disse com um sorriso.

“Minha Lady.”

“Você está certo. Eu não deveriam ter deixado você e seus homens para trás, e estou arrependida. Foi negligente e impensado. Eu ainda estou desacostumada a ter guardas comigo todas as horas do dia, e às vezes eu esqueço que eu não posso me movimentar por aí com a mesma liberdade que podia antes. Você tem minha palavra de honra, Capitão Garven, de que isso não acontecerá novamente. Eu não desejo enfraquecer os Defensores Noturnos tanto quanto você.”

“Obrigado, minha Lady.”

Nasuada se virou na direção dos elfos, mas eles estavam escondidos da vista atrás da ribanceira de um riacho seco a cerca de 400 metros. "Parece-me, Garven, que você acabou de inventar um lema para os Defensores Noturnos há alguns minutos atrás."

“Inventei? Se sim, não posso me recordar.

“Você inventou. ‘Os mais espertos, os mais duros, e os mais dispostos,’ você disse. Esse seria um bom lema, embora talvez sem o *e*. Se os outros Defensores Noturnos aprovarem, você deve pedir para Trianna traduzir a frase para a língua antiga, e eu mandarei gravá-la nos seus escudos e bordá-la nos seus estandartes.”

“Você é muito generosa, minha Lady. Quando nós retornarmos as nossas barracas, eu discutirei o assunto com Jörmundur e meus colegas capitães. Só...”

Ele hesitou então, e adivinhando o que o preocupava, Nasuada disse, “Mas você está preocupado que tal lema possa ser muito vulgar para homens de suas posições, e você iria preferir algo mais nobre e magnânimo, estou certa?”

“Exatamente, minha Lady,” ele disse com uma expressão aliviada.

“É uma preocupação válida, eu suponho. Os Defensores Noturnos representam os Varden, e você deve interagir com eminências de todas as raças e posições no comprimento do seu dever. Seria lamentável se vocês causassem a impressão errada... Muito bem, eu deixo a tarefa de inventar um lema apropriado com você e seus compatriotas. Eu estou certa de que vocês farão um excelente trabalho.”

Naquele momento, os doze elfos emergiram do riacho seco, e Garven, depois de murmurar alguns agradecimentos adicionais, tomou uma ligeira distância de Nasuada. Se recompondo para uma visita de estado, Nasuada sinalizou para Angela e Elva retornarem.

Quando ele ainda estava a alguns metros de distância, o líder dos elfos parecia estar coberto de fuligem preta dos pés à cabeça. Primeiramente Nasuada supôs que ele tinha a pele negra, como ela, e usava vestes negras, mas quando ele chegou mais perto, ela viu que o elfo usava apenas uma tanga e um cinto de tecido trançado com uma pequena algibeira presa nele. O resto do corpo dele estava coberto com pelos de um azul meia-noite que resplandeciam com um brilho saudável sob a luz ofuscante do sol. Em média os pelos tinham pouco mais de meio centímetro de comprimento -- uma lustrosa e flexível armadura que espelhava a forma e os movimentos dos músculos encobertos -- mas nas suas ancas e na parte inferior dos seus antebraços, os pelos se estendiam a totalidade de cinco centímetros, e entre seus ombros largos, havia uma crina ondulada da largura de uma mão que salientava seu corpo e seguia se afunilando por suas costas até a base da sua espinha. Uma franja repicada sombreava sua testa, e tufo felino cresciam da ponta das suas orelhas pontudas, por outro lado o pêlo na sua face era tão curto e achatado, que somente sua cor traía sua presença. Seus olhos eram amarelos vivos. Em vez de unhas, uma garra se projetava da ponta de cada um dos seus dedos médios. E quando ele diminuiu a velocidade para parar em frente a ela, Nasuada notou que um certo cheiro o rodeava: um almíscar picante que lembrava madeira seca de zimbro, couro oleado, e fumaça. Era um aroma tão forte, e tão masculino, que Nasuada sentiu sua pele esquentar e arripiar e ferver com antecipação, ela corou e ficou satisfeita por constatar que ninguém notaria.

Os outros elfos eram mais parecidos com o que ela esperava, a mesma complexão física e aspecto de Arya, com túnicas curtas de um laranja fosco e verde-pinho. Seis eram homens, e seis eram mulheres. Todos tinham cabelos negros como as asas de um corvo, salvo por duas das mulheres que tinham cabelos da cor da luz das estrelas. Era impossível determinar suas idades, porque seus semblantes eram serenos e sem rugas. Eles eram os primeiros elfos além de Arya que Nasuada havia encontrado em pessoa, e

ela estava ansiosa para saber se Arya havia representado bem sua raça.

Tocando os dois primeiros dedos em seus lábios, o líder elfo a saudou, assim como seus companheiros, e então torceu sua mão contra seu peito e disse, “Saudações e felicitações, Nasuada, filha de Ajihad. Atra esterní onto thelduin.” Seu sotaque era mais pronunciado que o de Arya: uma alegre cadência que fazia suas palavras parecerem musica.

“Atra du evarínya ono varda,” respondeu Nasuada, como Arya a havia ensinado.

O elfo sorriu, revelando dentes que eram mais pontudos do que o normal. “Eu sou Blödhgarm, filho de Ildrid o Belo.” Ele apresentou os outros elfos, um de cada vez, antes de continuar. “Nós te trazemos boas notícias da Rainha Izlanzadí; na noite passada nossos magos tiveram sucesso em destruir os portões de Ceunon. Agora mesmo enquanto falamos, nossas forças avançam por entre as ruas em direção a torre onde Lorde Tarrant se entrincheirou. Uns poucos ainda resistem, mas a cidade caiu, e em breve nós teremos o controle completo sobre Ceunon.”

Os guardas de Nasuada e os Varden juntaram-se atrás dela numa erupção de alegria com as notícias. Ela também se regozijou com a vitória, mas então um pressentimento e uma inquietação atormentaram seu bom humor quando ela pensou na aparência dos elfos--especialmente dos que eram tão fortes quando Blödhgarm--invadindo os lares humanos.

*Que força sinistra eu libertei?* ela se perguntou.

“Essas são notícias excelentes de fato,” ela disse, “e eu estou satisfeita de ouvi-las. Com Ceunon capturada, nós ficamos muito mais perto de Urû'baen, e assim de Galbatorix e da execução dos nossos objetivos.” Numa voz mais pessoal, ela disse, “Tenho certeza que a Rainha Izlanzadí será gentil com o povo de Ceunon, com aqueles que não morrem de amores por Galbatorix mas carência de recursos e coragem de não os permite a se opor ao Império.”

“A Rainha Izlanzadí é igualmente amável e misericordiosa com seus vassalos, mesmo se eles são vassalos relutantes, mas se alguém ousar a se opor aos elfos, nós os empurraremos para fora do caminho como folhas mortas diante de uma tempestade de outono.”

“Eu não esperaria nada menos de uma raça tão antiga e poderosa como a sua,” replicou Nasuada. Depois de satisfazer as exigências de cortesia com varias outras trocas de observações polidas com uma trivialidade crescente, Nasuada julgou apropriado tratar do motivo da visita dos elfos. Ela ordenou que a multidão agregada se dispersasse, então disse, “Seu propósito aqui, que eu saiba, é proteger Eragon e Saphira. Estou certa?”

“Está, Nasuada Svit-kona. E nós já fomos informados que Eragon ainda está dentro do Império, mas que ele retornará em breve.”

“Você foi informado de que Arya partiu para procurá-lo e que agora eles estão viajando juntos também?”

Blödhgarm cutucou suas orelhas. “Fomos informados sobre isso também. É desastroso que eles tenham que se expor a tanto perigo, mas tenho esperança que nenhum mal caia sobre eles.”

“O que você pretende fazer, então? Você vai segui-los e os escoltar de volta para os Varden? Ou você vai ficar e esperar que Eragon e Arya possam se defender contra os servos de Galbatorix?”

“Nós ficaremos como seus convidados, Nasuada, filha de Ajihad. Eragon e Arya estão a salvo enquanto evitarem ser detectados. Juntando-se a eles no Império poderia muito bem atrair atenção indesejável. Sobre as circunstâncias, parece melhor esperar aonde nós ainda podemos fazer algum bem. É mais provável que Galbatorix ataque aqui, nos Varden, e se ele atacar, e se Thorn e Murtagh reaparecerem, Saphira precisará de toda



nossa ajuda para vencê-los.”

Nasuada ficou surpresa. “Eragon disse que vocês estavam entre os mais poderosos magos da sua raça, mas vocês têm certeza que podem frustrar aquele par amaldiçoado? Como Galbatorix, eles tem poderes que muito excedem os de um Cavaleiro normal.”

“Com Saphira nos ajudando, sim, acredito que podemos nos igualar ou mesmo superar Thorn e Murtagh. Nós temos conhecimento do que os Renegados eram capazes, e mesmo que Galbatorix provavelmente tenha feito Thorn e Murtagh mais fortes que qualquer outro dos Renegados, ele certamente não faria eles tão poderosos quanto a si próprio. Com esse julgamento, pelo menos, seu medo da traição nos é favorável. Mesmo três dos Renegados não poderiam vencer doze de nós e um dragão. Por essa razão, nós estamos seguros que podemos nos defender contra qualquer um menos Galbatorix.”

“Isso é encorajador. Desde a derrota de Eragon nas mãos de Murtagh, eu estive me perguntando se nós devíamos nos retirar e esconder até a força de Eragon aumentar. Suas afirmações me convenceram que nós não estamos inteiramente sem esperança. Nós podemos não ter idéia de como matar o próprio Galbatorix, mas até nós derrubarmos os portões da sua cidadela em Uru'baen, ou até que ele escolha voar em Shruikan e nos confrontar no campo de batalha, nada nos parará.” Ela fez uma pausa. “Você não me deu razões de desconfiar de você, Blödhgarm, mas antes de entrar em nosso acampamento, sou obrigada a pedir que você permita que um dos meus homens entrar em cada uma de suas mentes para confirmar que vocês são realmente elfos, e não humanos disfarçados que Galbatorix enviou aqui. Me atormenta ter de fazer esse tipo de pedido, mas nos temos sido incomodados por espões e traidores, e não ousamos confiar em vocês, ou qualquer outro, apenas pela palavra. Minha intenção não é ofender, mas a guerra nos ensinou que essas precauções são necessárias. Certamente vocês, que circundaram toda a frondosa extensão de Du Weldenvarden com magias protetoras, podem entender minhas razões. Então eu pergunto, vocês concordam com isso?”

Os olhos de Blödhgarm eram selvagens e seus dentes alarmantemente pontudos quando ele disse, “A maioria das árvores de Du Weldenvarden tem espinhos, não folhas. Teste-nos se você precisa, mas eu a aviso, quem quer que você designar para a tarefa deve tomar um grande cuidado, ele não deve sondar nossas mentes muito a fundo, ou então ele pode se achar desprovido de sua razão. É arriscado para os mortais perambular entre nossos pensamentos; eles podem facilmente se perder e não serem capazes de retornar aos próprios corpos. Nossos segredos também não estão disponíveis para uma inspeção geral.”

Nasuada entendeu. Os elfos destruiriam qualquer um que se aventurasse em território proibido. “Capitão Garven,” ela disse.

Caminhando a frente com a expressão de um homem que estava se aproximando de sua destruição, Garven parou em frente à Blödhgarm, fechou seus olhos, e franziu intensamente as sobrancelhas enquanto procurava pela consciência de Blödhgarm. Nasuada mordeu o interior dos lábios enquanto assistia. Quando ela era uma criança, um homem de uma perna só com o nome de Hargrove havia a ensinado como ocultar seus pensamentos de telepatas e como bloquear e afastar as lanças penetrantes de um ataque mental. Ela se excedeu nas duas habilidades, e apesar de ela nunca ter conseguido se conectar com a mente de outra pessoa, ela estava profundamente familiarizada com os princípios envolvidos. Ela se empatizou, então, com a dificuldade e a delicadeza do que Garven estava tentando fazer, um processo ainda mais difícil pela estranha natureza dos elfos.

Se inclinando em direção a ela, Angela cochichou, “Você deveria ter mandado eu checar os elfos. Seria mais seguro.”

“Talvez,” disse Nasuada. Apesar de toda a ajuda que a herbolária a ela e aos Varden, ela ainda se sentia desconfortável em confiar a ela seus assuntos oficiais.

Por alguns momentos, Garven continuou seus esforços, e então seus olhos se abriram de repente e ele libertou sua respiração numa explosão repentina. Seu pescoço e sua face estavam marcados com o esforço, e suas pupilas estavam dilatadas, como se fosse noite. Em contraste, Blödhgarm parecia imperturbado; seus pelos estavam lisos, sua respiração regular, e um fraco sorriso de divertimento tremeu nos cantos dos seus lábios.

“Bem?” inquiriu Nasuada.

Pareceu que Garven levou um longo tempo para ouvir sua pergunta, e então o robusto capitão com nariz de gancho disse, “Ele não é humano, minha Lady. Sobre isso não há duvida. Não há a mínima duvida.”

Satisfeita e preocupada, pois havia um remoto incomodo na sua resposta, Nasuada disse, “Muito bem. Prossiga.” Depois disso, Garven levou menos e menos tempo para examinar cada elfo, gastando não mais que meia dúzia de segundos no último do grupo. Nasuada o observou atentamente durante o processo, e ela viu como os dedos dele se tornaram brancos e pálidos, e a pele nas suas têmporas afundou no seu crânio como os tímpanos de um sapo, ele adquiriu a aparência lânguida de uma pessoa nadando em águas profundas.

Tendo completado sua tarefa, Garven retornou ao seu lugar junto a Nasuada. Ele era, pensou ela, um homem mudado. Sua determinação e ferocidade de espírito originais haviam se transformado no aspecto sonhador de um sonâmbulo, e quando ele olhou para ela quando ela perguntou se ele estava bem, e respondeu num tom tão sereno, ele sentiu como se o espírito dele estava muito longe, errando numa clareira poeirenta, iluminada pelo sol em algum lugar da misteriosa floresta dos elfos. Nasuada esperava que ele se recuperasse em breve. Do contrario, ela pediria a Eragon ou Angela, ou talvez aos dois juntos, para tratar de Garven. Até a hora que sua condição melhorasse, ela decidiu que ele não mais serviria como um membro ativo dos Defensores Noturnos; Jörmundur daria a ele alguma coisa simples para fazer, desse modo ela não se sentiria culpada por causar a ele qualquer outro dano, e ele poderia ao menos ter o prazer de desfrutar quaisquer visões que seu contato com os elfos podia ter deixado nele.

Amarga com a perda, furiosa consigo mesma, com os elfos, com Galbatorix e o Império por fazer tal sacrifício necessário, ela teve dificuldade em manter a língua agradável e as boas maneiras. “Quando você fala de perigo, Blödhgarm, você teria feito melhor em mencionar que mesmo os que conseguem voltar para seus corpos não escapam inteiramente incólumes.”

“Minha Lady, eu estou bem,” disse Garven. Seu protesto foi tão fraco e ineficiente, que quase ninguém escutou, e apenas serviu para fortalecer o senso de indignidade de Nasuada.

O pelo na nuca de Blödhgarm ondulou e eriçou. “Se eu falhei em me explicar suficientemente claro antes, eu peço desculpas. De qualquer modo, não nos repreenda pelo que aconteceu; não podemos mudar nossa natureza. E não censure você mesma também, nós vivemos em uma época de duvida. Permitir que nos passássemos sem sermos testados seria ser negligente da sua parte. É lamentável que um acidente tão desagradável venha a manchar esse encontro histórico entre nós, mas pelo menos agora você pode descansar tranqüila, certa de que estabeleceu nossas origens e que nós somos aquilo que realmente parecemos: elfos de Du Weldenvarden.”

O fresco aroma almiscarado dele flutuou até Nasuada, e mesmo ela estando com um forte sentimento de raiva, suas juntas amoleceram e ela foi assaltada por pensamentos de caramanchões com cortinas de seda, taças de vinho de cerejeira, e as tristes canções

dos anões que ela freqüentemente ouvia ecoando pelos salões vazios de Tronjheim. Distraída, ela disse, “Gostaria que Eragon ou Arya estivessem aqui, eles poderiam ter examinado suas mentes sem o medo de perder a sanidade.”

Mais uma vez ela sucumbiu à atração lasciva do cheiro de Blödhgarm, imaginando como seria deslizar as mãos pela sua crina. Ela só voltou ao normal quando Elva puxou seu braço esquerdo, forçando-a a se curvar e deixar sua orelha perto da boca da bruxa-criança. Numa voz baixa e áspera, Elva disse, “Marroio-branco. Concentre-se no gosto de marroio-branco.”

Seguindo o conselho, Nasuada conjurou uma memória do ano passado, quando ela havia comido doce de marroio-branco durante um dos banquetes do Rei Hrothgar. Só de pensar no sabor acre do doce secou sua boca e neutralizou as qualidades sedutoras do almíscar de Blödhgarm. Ela tentou ocultar seu lapso de concentração dizendo, “Minha jovem companheira aqui está se perguntando por que você parece tão diferente dos outros elfos. Devo confessar que tenho um interesse nesse assunto também. Sua aparência não é o que nós esperávamos da sua raça. Você seria gentil a ponto de dividir conosco a razão para seu aspecto tão *animalesco*?”

Uma ondulação brilhante fluiu pelos pêlos de Blödhgarm quando ele encolheu os ombros. “Essa forma me agrada,” disse. “Alguns escrevem poemas sobre o sol e lua, outros cultivam flores ou constroem grandes estruturas ou compõem músicas. Tanto quanto eu aprecio essas várias formas de arte, eu acredito que a verdadeira beleza só existe na presa de um lobo, na pele de um gato-do-mato, no olho de uma águia. Então eu adotei esses atributos em mim mesmo. Daqui a cem anos, eu posso perder o interesse nas bestas da terra e em vez disso decidir que as bestas do mar personificam tudo o que é bom, então eu me cobrirei com escamas, transformarei minhas mãos em nadadeiras e meus pés em uma cauda, e desaparecerei abaixo da superfície das ondas para nunca mais ser visto na Alagaësia.”

Se ele estava sendo sarcástico, como Nasuada acreditava, não deu indicação. Totalmente ao contrário, ele estava tão sério, que ela imaginou se ele estava zombando dela. “Muito interessante,” ela disse. “Espero que o ímpeto se tornar um peixe não te ataque no futuro próximo, porque precisamos de você na terra seca. É claro que, se Galbatorix decidir escravizar os tubarões e peixes também, ora, então, um mago que pode respirar debaixo d'água pode ser útil para nós.”

Sem aviso, os doze elfos encheram o ar com suas claras e esplendorosas risadas, e os pássaros em mais ou menos um quilometro e meio de distância em todas as direções, começaram a cantar. O som das suas risadas era como água caindo em um cristal. Nasuada sorriu sem querer, e envolta dela ela viu expressões similares nos rostos dos seus guardas. Até mesmo os dois Urgals pareceram tontos de alegria. E quando os elfos caíram em silêncio e o mundo se tornou mundano de novo, Nasuada sentiu a tristeza de acordar de um sonho bom. Uma fina corrente de lágrimas obscureceu sua visão e uma dor a cada batida do coração, e então terminou.

Sorrindo pela primeira vez, dessa forma apresentando uma visão ao mesmo tempo atraente e apavorante, Blödhgarm disse, “Seria uma honra servir ao lado de uma mulher tão inteligente, capaz e espirituosa como você, Lady Nasuada. Um dia desses, quando seus deveres permitirem, eu ficaria deliciado de ensinar a você nosso jogo de Runas. Você daria uma oponente formidável tenho certeza.”

Os elfos rapidamente mudaram seu comportamento, fazendo-a lembrar de uma palavra que ela tinha ouvido algumas vezes os anões usarem para descrever os elfos: *inconstantes*. Tinha parecido uma descrição ingênua quando ela era uma menina - tinha reforçado a idéia que ela fazia dos elfos como criaturas que esvoaçavam de um deleite para outro, como fadas num jardim cheio de flores - mas agora ela reconheceu que o

que os anões queriam dizer era: *Cuidado! Cuidado porque você nunca sabe o que um elfo vai fazer.* Ela suspirou, deprimida pela perspectiva de ter que brigar com outro grupo de seres com o intento de controlá-la para seus próprios objetivos. *A vida é sempre complicada?* ela se perguntou. *Ou sou eu que trago a complicação para mim mesma?*

Do interior do acampamento, ela viu o Rei Orrin cavalgando em direção a eles a frente de uma longa fileira de nobres, cortesões, funcionários importantes e inúteis, conselheiros, auxiliares, servos, soldados e um excesso de outros similares e ela não se incomodou em identificar, enquanto do oeste, descendo rapidamente com as asas esticadas, ela viu Saphira. Preparando-se para o tédio espalhafatoso que estava prestes a engolfá-los, ela disse, “Podem-se passar alguns meses antes que eu tenha a oportunidade de aceitar sua oferta, Blödhgarm, mas eu a aprecio de qualquer maneira. Eu apreciaria muito a distração de um jogo depois de um longo dia de trabalho. Mas no presente momento, contudo, esse prazer precisa ser adiado. A totalidade do peso da sociedade humana está perto de cair em cima de você. Sugiro que vocês se preparem para uma avalanche de nomes, questões, e pedidos. Nós humanos somos curiosos ao extremo, e nenhum de nós jamais viu tantos elfos antes.”

“Nós estamos preparados, Lady Nasuada.” disse Blödhgarm.

Quando a cavalgada trovejante do rei Orrin chegou perto e Saphira se preparou para pousar, achatando a grama com o vento das suas asas, o último pensamento de Nasuada foi, *Oh, céus. Terei que colocar um batalhão ao redor de Blödhgarm para protegê-lo de ser rasgado em varias partes pelas mulheres do acampamento. E mesmo isso pode não resolver o problema!*



## MISERICÓRDIA, CAVALEIRO

Eram meados da tarde do dia depois de terem deixado as Terras do Leste, quando Eragon sentiu a patrulha de quinze soldados à frente deles.

Ele mencionou a Arya, e ela confirmou. “Eu percebi também.” Nem ele nem ela expressaram qualquer interesse, mas um frio começou a correr na barriga de Eragon, e ele a viu abaixar as sobrancelhas com um olhar feroz.

O terreno em volta deles estava aberto e plano, desprovido de qualquer cobertura. Eles haviam deparado grupos de soldados antes na companhia de outros viajantes, mas agora eles estavam sozinhos numa trilha mortificante de uma estrada.

“Nós poderíamos cavar um buraco com magia, cobrir o topo com galhos e folhagens e esconder nele, até que eles se afastem” disse Eragon.

Arya agitou a cabeça sem quebrar o passo

“O que nós faremos com resto que sobrar? Eles com certeza vão pensar que acharam o maior ninho da existência. Além disso, prefiro guardar nossas energias para fugir.”

Eragon grunhiu “Não sei mais quantos quilômetros posso viajar a pé”. Ele não estava sem fôlego, mas o martelamento implacável o estava desgastando. Seus joelhos estavam feridos, seus tornozelos doloridos, seu dedão do pé esquerdo estava vermelho e inchado, e as bolhas continuavam a estourar em suas costas, não importando o quão cuidadosamente ele tratasse elas. Na noite anterior, ele curou diversas dores e ferimentos que o incomodavam, e ao mesmo tempo em que alcançava um pouco de alívio, os feitiços acentuavam seu esgotamento.

A certa distancia, a patrulha era visível como uma nuvem de pó durante uma meia hora antes que Eragon fosse capaz de decifrar as formas dos homens e dos cavalos na base da nuvem amarela. Eragon e Arya tinham uma vista mais afiada do que a maioria dos seres humanos e era improvável que um dos soldados os vissem aquela distancia, por tanto eles teriam de correr por mais dez minutos para alcançá-los. Então eles pararam. Arya tirou a saia de sua bolsa e amarrou sobre a calça que usava enquanto corria, e Eragon guardou o anel de Brom em sua bolsa, e lambuzou de sujeira ao longo de sua palma direita para esconder a sua Gedwëy Ignasia prateada. Recomeçaram sua viagem com cabeças curvadas, os ombros baixos, e seus pés arrastando. Se tudo corresse bem, os soldados acreditariam que eles eram apenas mais um par de refugiados.

Embora Eragon pudesse sentir o rumor das batidas de cascos se aproximando e ouvir os gritos dos homens conduzindo seus corcéis, levou um bom tempo para os dois grupos se encontrarem na planície vasta. Quando aproximaram, Arya e Eragon se deslocaram para fora da estrada e ficaram olhando-os passar entre os seus pés. Eragon teve um vislumbre das pernas dos cavalos sob a borda de sua testa quando os primeiros cavaleiros pucos embriagados passaram, mas o pó sufocante elevou-se por cima dele, obscurecendo o resto da patrulha. A sujeira no ar era tão espessa, ele teve de fechar os seus olhos. Escutando cuidadosamente, ele contou até que estar seguro de que mais da metade da patrulha já tivesse ido. “Eles não vão se incomodar em interrogar-nos!” Ele pensou.

A sua alegria teve vida curta. Um momento depois, alguém naquela nevasca de pó gritou:

“Companhia, alto!” Um câro de “Whoa”, “Alto” e “Firme aí” foi ouvido enquanto os soldados guiavam suas montarias formando um círculo em torno de Eragon e Arya. Antes que os soldados concluíssem o sua manobra e o ar clareasse, Eragon revirou desajeitadamente a terra a procura de uma pedra para servir de auxílio..

“Devagar!” exclamou Arya.

Enquanto aguardava os soldados tornarem suas intenções conhecidas, Eragon se esforçou para acalmar seu coração acelerado ensaiando a história que ele e Arya tinham preparado para explicar a sua presença assim perto dos limites com Surda. Os seus esforços falharam, já que apesar da sua força, o seu treinamento, o conhecimento das batalhas que ele venceu, e a meia-dúzia de defesas protegendo ele, o seu corpo permaneceu convencido que dano de morte eminente esperava por eles. O seu estômago contorceu-se, a sua garganta se comprimiu, e os seus membros ficaram leves e oscilantes. “Ah. Anda logo com isso!” Pensou ele. Ele desejou ter algo para rasgar com as suas mãos, como se um ato de destruição pudesse aliviar a crescente pressão dentro dele, mas a ansiedade só aumentou a sua frustração, já que ele não ousou um movimento. A única coisa que o tranqüilizou foi à presença de Arya. Ele preferia cortar uma mão a ser considerado um covarde por ela. E embora ela fosse uma poderosa guerreira em seu próprio mérito, ele ainda sentia a vontade de defendê-la.

A voz que tinha ordenado que a patrulha parasse soou novamente. “Deixe-me ver seus rostos!” Levantando sua cabeça, Eragon viu um homem sentado diante deles em uma poderosa montaria, as suas mãos com luvas dobradas por cima de sua sela. Sobre o seu lábio superior brotava um enorme bigode encaracolado que, descia pelos cantos de sua boca, estendendo-se por nove centímetros em qualquer direção em contraste total com seu cabelo liso que descia aos ombros. Como um pedaço tão grande de pelo desses suportava seu próprio peso intrigava Eragon, especialmente porque não era polido nem brilhante e obviamente não havia sido impregnado com cera quente.

Os outros soldados mantiveram suas lanças apontadas para Eragon e Arya. De tanta sujeira cobrindo-os, era impossível ver as chamas bordadas em suas túnicas.

“Muito bem..” disse o homem, e seu bigode vacilou como balanças desequilibradas. “Quem são vocês? Onde vocês estão indo? E quais são suas intenções nas terras do rei?” Então ele tremulou uma mão. “Não, não se incomode em saber. Isso não importa. Nada importa atualmente. O mundo está caminhando para o fim, e desperdiçamos os nossos dias interrogando camponeses. Bah! Vermes supersticiosos que corem de lugar em lugar, devoram todo o alimento da terra e se reproduzem em taxas medonhas. Na minha propriedade perto de Urû’baen, teríamos o prazer de sorrir-lhes se fossem pegos vagando nas redondezas sem permissão. Se nos avisassem que você roubou seu senhor, qualquer que seja o motivo, adorariamos te pendurar. Não importando o quanto queira nos dizer que é mentira. Sempre é.”

“O que você tem nessas malas? Comida e mantas, sim, mas talvez seja um par de castiçais de ouro. Prataria de um baú trancado? Cartas secretas dos Varden? O gato comeu a sua língua? Bem, classificaremos logo a mercadoria.”

O Eragon cambaleou para frente quando um dos soldados bateu em suas costas com a empunhadura de uma lança. Ele tinha envolvido a sua armadura em trapos para impedir as partes de roçarem uma à outra. Os trapos, contudo estavam muito finos para absorver inteiramente a força do soco e amortecer o clangor de metal.

“Oh!” exclamou o homem do bigode.

Agarrando Eragon por trás, o soldado desenlaçou sua bolsa e arrancou a sua cota de malha, dizendo:

“Olhe, Senhor!” O homem do bigode eclodiu num sorriso encantado.

“Uma Armadura! E das melhores. Muito perfeita, eu diria. Bem, você é cheio de surpresas. Indo juntar-se aos Varden, não é? Intenção de traição e sedição, hein?!” A sua expressão se agravou. “Ou você é um daqueles que geralmente trazem má reputação aos bons soldados? Nesse caso você é o mercenário mais incompetente! Você nem ao menos tem uma arma. Tem sido difícil se cortar com um bastão ou um porrete, ãh?! Bem, que me diz disso?! Responda-me!”

“Não, senhor”.

“Não, Senhor? Não lhe ocorreu, suponho. É uma pena termos de aceitar esses patifes lentos como você, mas esta guerra arruinada nos reduziu, e agora nós dependemos até das sobras”.

“Aceitar-me onde, Senhor?”

“Silêncio, seu patife insolente! Ninguém lhe deu permissão para falar!” O seu bigode tremulava, enquanto o homem gesticulava. Luzes vermelhas explodiram em todo o campo de visão de Eragon quando o soldado atrás dele bateu em sua cabeça. “Não importa se você é um ladrão, um traidor, um mercenário, ou simplesmente um tolo, seu destino será o mesmo. Uma vez feito o juramento de serviço, você não terá escolha, apenas obedecer Galbatorix e aqueles que falam por ele. Somos o primeiro exército na história livres de divergência. Não perdemos tempo em discutir sobre o que deveríamos fazer. Apenas ordens, claras e diretas. Você também deve se juntar a nossa causa, você deve ter o privilégio de ajudar a tornar real o futuro glorioso que o nosso grande rei previu. Quanto a sua companheira amável, há outros meios dela ser útil ao Império, entende? Agora amarre-os!”

Eragon sabia então o que teria de fazer. Olhando ao redor, ele encontrou Arya que já o estava fitando, com um olhar firme e brilhante. Ele piscou uma vez. Ela piscou em troca. A sua mão apertou-se em volta da pedra.

A maior parte dos soldados que Eragon tinha lutado na Campina Ardente possuíam certas defesas rudimentares para protegê-los de ataques mágicos, e ele suspeitou que esses homens estavam igualmente equipados. Ele estava certo que poderia parar ou desviar de qualquer ataque inventado pelos mágicos de Galbatorix, mas isso iria requerer mais tempo do que ele tinha agora. Em vez disso, levantou o seu braço e, com uma chicoteada do seu pulso, arremeçou a pedra no homem do bigode.

A pedra perfurou o lado de seu elmo.

Antes que os soldados pudessem reagir, Eragon girou ao redor, arrancado a lança das mãos do homem que o tinha atormentado, usado-a para derrubá-lo de seu cavalo. Enquanto o homem aterrissava, Eragon golpeou-o pelo coração, quebrando a lâmina da lança nas chapas metálicas da armadura do soldado. Liberando a lança, Eragon mergulhou para trás, deixando seu corpo paralelo com o chão enquanto passava debaixo de sete lanças que voavam para onde tinha estado. Os veios letais pareceram flutuar acima dele quando ele caiu.

No mesmo instante que Eragon tinha lançado a pedra, Arya pulou em cima do cavalo mais próximo a ela, pulando do estribo à sela, e dando um pontapé na cabeça do soldado desatento que estava montado na égua. Ele foi lançado a mais de 9 metros. Então Arya pulou do dorso de cavalo em cavalo, matando os soldados com os seus joelhos, seus pés, e as suas mãos em uma exposição incrível de graça e equilíbrio.

Rochas denteadas rasgaram o estômago de Eragon quando ele caiu, mas apenas fez uma careta e levantou num salto. Quatro soldados, que tinham desmontado, confrontaram-no com suas espadas desembainhadas. Esquivando-se à direita, ele agarrou o pulso do primeiro soldado, quando o homem balançou a sua espada, e o perfurou a axila. O homem desabou. Eragon despachou os seus seguintes oponentes torcendo suas cabeças até as suas espinhas quebrarem, o quarto soldado estava tão perto, correndo em sua direção com a espada empunhada, que Eragon não conseguiria escapar.

Encurralado, ele fez a única coisa que ele poderia: ele bateu o peito do homem com toda a sua força. Uma fonte de sangue e o suor irrompeu com ímpeto com primeiro contato do seu punho. O soco quebrou as costelas do homem e propeliu-o a mais de 3 metros e meio por cima da grama, onde ele acabou encontrando outro cadáver.

Eragon respirou e arqueou-se, massageando a mão ferida. Quatro das suas juntas foram deslocadas, e a cartilagem branca mostrou-se através da pele dilacerada. “Droga”, ele observou enquanto o sangue quente escorria das feridas. Os seus dedos recusaram a mover-se quando ele tentou, ele concluiu que a sua mão seria inútil até que ele pudesse curá-la. Temendo outro ataque, ele olhou ao redor procurando Arya e o resto dos soldados.

Os cavalos tinham se dispersado. Só três soldados permaneceram vivos. Arya lutava com dois deles a alguma distância enquanto o terceiro e último soldado fugiu ao sul, ao longo da estrada. Reunindo suas forças, Eragon perseguiu-o. Quando ele reduziu a distância entre eles, o homem começou a suplicar por misericórdia, prometendo que não diria ninguém sobre o massacre e mantendo a mostra as suas mãos para provar que estava desarmado.

Quando Eragon se aproximou ao alcance de um braço, o homem virou para o lado e, alguns passos depois, mudou de direção novamente, lançando-se para frente e para trás, como um coelho sendo caçado. Todo o tempo, o homem continuou implorando, lágrimas que fluíam para baixo de sua face, dizendo que ele era jovem demais para morrer, que ainda era casado e tinha filhos, que seus pais sentiriam sua falta, que tinha sido pressionado a entrar no exército e que esta era apenas sua quinta missão e por que Eragon não podia deixá-lo sozinho? “O que você tem contra mim?” “ele soluçou. “Só fiz aquilo que tinha de fazer. Sou uma boa pessoa!”

O Eragon fez uma pausa e forçou-se a dizer:

“Você não conseguiria nos acompanhar. Nós não podemos te deixar; você pegará um cavalo e nos trairá.”

“Não, eu não irei!”

“As pessoas perguntarão o que aconteceu aqui. O seu juramento a Galbatorix e ao Império não o deixará mentir. Eu sinto muito, mas não sei como livrá-lo de sua obrigação, exceto...”

“Por que você está fazendo isto? Você é um monstro!” gritou o homem. Com uma expressão de terror puro, ele tentou se esquivar em volta de Eragon e voltar para a estrada. O Eragon capturou em menos de três metros, e enquanto o homem ainda chorava e pedia a clemência, Eragon envolveu sua mão esquerda no pescoço do homem e espremeu. Quando ele relaxou o seu aperto, o soldado caiu através de seus pés, morto. Um líquido biliar envolveu a língua de Eragon enquanto ele desviou o olhar para a face do homem. “Sempre que matamos, matamos uma parte de nós”, ele pensou. Tremendo com uma combinação de choque, dor, e auto-repugnância, ele andou de volta até a onde a luta tinha começado. Arya estava ajoelhada junto de um corpo, lavando as suas mãos e braços com

a água de um frasco de lata que um dos soldados tinha estado transportando.

“Como é que” perguntou Arya, “você pôde matar aquele homem, mas você não pode encostar um dedo em Sloan?”

Ela levantou e o fitou fixamente, seu olhar era franco.

Destituído pela emoção, ele encolheu os ombros. “Ele foi uma ameaça. O Sloan não foi. Não é óbvio?”

Arya se calou por um instante. “Deveria ser, mas não é. Estou envergonhada de ser instruída na moralidade por alguém com tão pouca experiência. Possivelmente estive segura demais, muito confiante em minhas próprias escolhas.”

O Eragon ouviu-a falar, mas as palavras não lhe significaram nada enquanto seu olhar fixo foi à deriva por cima dos cadáveres. “É nisto que toda a minha vida se tornou? Ele admirou-se. “Uma série interminável de batalhas?” “Sinto-me um assassino.”

“Entendo o quanto é difícil” disse Arya. “lembre-se, Eragon, você experimentou só uma



pequena parte do que é a ser um Cavaleiro de Dragão. Cedo ou tarde, esta guerra chegará ao fim, e você verá que os seus deveres abrangem mais do que a violência. “Os cavaleiros não foram somente guerreiros, eles foram professores, curandeiros, e eruditos.”

Os músculos de sua mandíbula se enrijeceram por um momento. “Por que estamos lutando contra esses homens, Arya?”

“Por que eles permanecem entre nós e Galbatorix.”

“Então devemos encontrar um modo de atacar em Galbatorix diretamente.”

“Não é possível. Não podemos marchar a Ur û’baen antes de derrotarmos as suas forças. E não podemos invadir o seu castelo antes de desarmarmos um século de armadilhas, magias e afins.”

“Tem de haver um caminho” ele murmurou. Permaneceu onde estava enquanto Arya andou com passos largos à frente e pegou uma lança. Mas quando colocou a ponta da lança sob o queixo de um soldado massacrado e a empurrou em seu crânio, Eragon saltou até ela e empurrou-a longe do corpo. “O que você está fazendo?”

A raiva brilhou através do rosto de Arya.

“Desculparei isto só porque você é distraído e não está pensando direito. Pense Eragon! Não temos mais tempo para te entregar tudo na mão. Por que isto é necessário?”

A resposta surgiu em sua mente, e ele respondeu descepcionado, “Se não o fizermos, o Império notará que mais homens foram mortos à mão.”

“Exatamente! Os únicos capazes de tal feito são elfos, cavaleiros, e Urgals. E sinceramente, até mesmo um imbecil pode perceber que urgals não foram responsáveis por isto, eles saberão logo que estamos nessa área, e em menos de um dia, Thorn e Murtagh estarão voando na região, procurando-nos”. O crânio esmagou e verteu sangue, quando ela puxou a lança para fora do corpo. Ela segurou a lança na direção dele, até ele se convencer. “Acho isso tão repulsivo quanto você, então você pode se tornar útil e ajudar.”

Eragon acenou com a cabeça. Então Arya catou uma espada, e juntos, eles intentaram fazer aquilo parecer como se uma tropa de guerreiros ordinários tinha matado os soldados. Era trabalho repugnante, mas foi rápido, para ambos que sabiam exatamente que tipo de ferimentos os soldados tinham que apresentar para assegurar o sucesso da decepção, e nenhum deles desejou demorar-se. Quando eles viram ao homem cujo peito Eragon tinha destruído, Arya disse:

“Há pouco o que podemos fazer para disfarçar um dano assim. Teremos que deixá-lo como está e esperar que as pessoas acreditem que ele foi pisoteado por um cavalo.” Eles se continuaram. O último soldado com quem eles trabalharam foi o comandante da patrulha. O seu bigode, agora estava frouxo e rasgado, tinha perdido a maior parte do seu antigo esplendor.

Depois de alargar o buraco da pedra para ele parecer com a cova triangular deixada pela lâmina de uma lança, Eragon descansou durante um momento, contemplando o bigode triste do comandante, então disse, “Ele estava certo, você sabe.”

“Sobre que?”

“Preciso de uma arma, uma arma própria. Preciso de uma espada”. Esfregando as suas palmas na borda da sua túnica, inspecionou a planície em volta deles, contando os corpos. “É isso, então, não é? Estamos prontos”. Ele foi reunido a sua armadura espalhada, a enrolou no tecido, e devolveu-a ao fundo do sua bolsa.

“Teremos de evitar melhor as estradas de agora em diante” ela disse. “Não podemos arriscar outro encontro com os homens de Galbatorix.” Indicando a sua mão direita deformada, que estava suja de sangue, ela disse, “você deveria cuidar disto antes de nos

estabelecer-mos.” Ela não lhe deu nem tempo para responder, mas agarrou os seus dedos paralisados e disse “Wáíse heill”.

Um gemido involuntário escapou dele quando os seus dedos eram postos de volta em seus lugares, e quando os seus tendões e a cartilagem triturada recuperaram plenamente a sua melhor forma, e quando os retalhos de pele suspensos dos seus nós dos dedos novamente cobriu a carne crua em baixo. Quando o encanto terminou, ele abriu e fechou a sua mão para confirmar que foi totalmente curado. “Obrigado,” ele disse. Ele surpreendeu-se por ela ter tomado a iniciativa quando ele era perfeitamente capaz de curar as suas próprias feridas sem nenhum problema.

Arya pareceu embaraçada. Olhando longe, fora por cima das planícies, ela disse: “Estou contente por ter você ao meu lado hoje, Eragon.”

“E eu por você.”

Ela favoreceu-o com um sorriso rápido, incerto. Eles demoraram na planície durante um momento, nenhum deles estava ansioso retomar a viagem. Então Arya suspirou e disse, “Devemos ir. A noite se aproxima, além disso, alguém logo vai aparecer e começará um clamor assim que descobrirem esse banquete de corvos.”

Abandonando a planície, eles orientaram-se no sentido sudeste, dirigindo-se para longe da estrada, e correram através do mar desigual de grama. Atrás deles, o primeiro dos comedores de carniça veio do céu.



## FANTASMAS DO PASSADO

Essa noite, Eragon sentou, encarando seu escasso fogo, estalando em uma folha de dente-de-leão. Seu jantar consistiu num variado cardápio de raízes, sementes e verduras que Arya havia encontrado nos arredores de uma zona rural. Comeram sem cozinhar e verdes, eles não eram nada apetitosos. Mas ele havia se controlado de aumentar sua refeição com um pássaro ou um coelho que havia em abundância nos arredores, pois ele não queria que Arya o reprovasse com um olhar duro. Além disso, depois de lutar com os soldados, o pensamento de ter tirado outra vida, mesmo a de um animal, o enojou.

Estava tarde, e eles teriam que acordar cedo na próxima manhã, mas ele não deu nenhum sinal de quem iria dormir, nem Arya. Ela estava sentada ao lado direito de Eragon, suas pernas puxadas para cima com seus braços em volta das pernas e seu queixo descansando em cima dos seus joelhos. A saia de seu vestido balançando como pétalas de uma flor na ventania.

Seu queixo afundando contra seu peito, Eragon massageou sua mão direita com a esquerda, tentando dissipar a dor de estar muito tempo sentado. Eu preciso de uma espada, ele pensou. Mesmo uma pequena. Eu poderia usar algum tipo de proteção para minhas mãos para que eu não me machucasse toda vez que eu bata em alguma coisa. O problema é: eu estou tão forte agora, eu teria que usar luvas com vários centímetros de enchimento, o que é ridículo. Elas seriam muito grandes e muito quentes, e além disso, eu não posso andar com luvas o resto da minha vida. Ele fechou a cara. Puxando os ossos de sua mão fora de suas posições normais, ele percebeu como elas alteraram o jogo de luz sobre sua pele, fascinado com a maleabilidade do seu corpo. E o que acontece se eu entrar numa luta enquanto usar o anel de Brom? Foi feito por elfos, então não devo me preocupar se a safira vai quebrar. Mas se eu acertar algo com o anel no meu dedo, eu não vou só deslocar algumas articulações, eu iria lascar com todos os ossos da minha mão... E talvez eu não seja nem mesmo capaz de consertar o estrago. Ele apertou sua mão nos punhos e lentamente balançou de um lado a outro, assistindo as sombras profundas e murchas entre os nós de seus dedos. Eu poderia inventar uma magia, que iria parar qualquer objeto que estaria se movendo a uma perigosa velocidade de tocar as minhas mãos. Não, espera, isso não é bom. E se fosse uma rocha? Ou uma montanha? Eu iria me matar tentando fazê-la parar.

Bom, se luvas e magia não funcionam. Eu gostaria de ter um conjunto de punhos de aço dos anões. Com um sorriso ele lembrou como o anão Shrrgnien tinha um espinho de metal enfiado em uma base metálica em cada um dos nós de seus dedos. Com exceção de seus polegares. Os espinhos permitiam a Shrrgnien bater em qualquer coisa com pouco medo de dor, e elas eram bem convenientes também, pois ele poderia tirá-las quando quisesse. A idéia pesou para Eragon, mas ele não estava nada à vontade em começar a cavar buracos em suas mãos. Fora que, ele pensou, meus ossos são mais finos que os ossos dos anões, muito mais finos. Para juntar a base e ainda ter a o movimento das articulações como elas deveriam ter... Então Ascûdgamln é uma má idéia, mas, talvez eu possa...

Se curvando sobre suas mãos, ele sussurrou: “Thaefathan.”

As costas de suas mãos começaram a coçar e pinicar como se ele houvesse caído em uma plantação de urtigas. A sensação era tão intensa e tão desagradável, que ele logo começou a coçar-se o mais forte possível. Com uma enorme força de vontade, parou de se coçar e viu a pele de seus dedos esticadas, formando uma superfície plana e com um centímetro e meio de espessura ao longe de cada junta.

Elas o lembraram escamas que aparecem na parte de dentro das pernas de um cavalo. Quando ele estava satisfeito com o tamanho e a densidade dos calos, cessou o fluxo de magia e começou a olhar e tocar a nova parte montanhosa que se acumularam sobre seus dedos.

Suas mãos estavam mais pesadas e duras do que antes, mas ele ainda podia mexer seus dedos sem nenhum problema. Isso pode ser feio, ele pensou, esfregando as ásperas protuberâncias de sua mão direita contra a palma de sua esquerda, e as pessoas podem rir ou repugnar se notarem, mas eu não ligo se isso servir seu propósito e me manter vivo.

Com uma excitação silenciosa, ele socou o topo de uma pedra entre suas pernas que, saiu do chão e voou.

O impacto rangeu o seu braço e produziu um baque, mas silencioso, o soco não lhe causou tanto desconforto, foi como se tivesse socado algo com a mão coberta de tecidos. Entusiasmado, ele tirou o anel de Brom de sua bolsa e o depositou no bolso de ouro, percebendo que o calo adjacente era maior do que a largura do anel.

Ele testou sua observação socando outra pedra que se encontrava próxima. A única resposta foi um som seco de uma pele compacta chocando-se contra uma rocha dura.

“O que você está fazendo?” Perguntou Arya, o olhando através do véu de seu cabelo preto.

“Nada.” Em seguida ele mostrou suas mãos. “eu pensei que seria uma boa idéia, já que eu vou ter que bater em algo novamente”

Arya olhou suas mãos. “Você vai ter problemas quando for usar luvas.”

“Eu posso cortá-las para abrir algum espaço.”

Ela concordou e voltou a admirar o fogo.

Eragon se apoiou nos seus cotovelos e esticou as pernas. Contente, já que ele estava preparado para qualquer batalha que o aguardaria no futuro. Além disso, ele não se atreveu a especular, pois se ele o fizesse começaria a se perguntar como ele e Saphira poderiam derrotar Murtagh ou Galbatorix e então o pânico iria afundar as suas garras geladas dentro dele.

Ele fixou seu olhar nas profundezas inconstantes do fogo. Ali, naquele inferno pulsante, ele procurou esquecer seus problemas e responsabilidades. Mas, como o movimento constante das chamas o acalmou, e o deixou num estado passivo onde fragmentos de sons, imagens e emoções aleatórias chegaram até ele como flocos de neve de uma manhã calma de inverno. De repente, por um breve momento, apareceu o rosto do soldado que havia implorado por sua vida. Novamente, Eragon o viu chorando, escutou seus desesperados pedidos de misericórdia e de novo, Eragon sentiu seu pescoço se partindo, como um galho de madeira seca.

Atormentado pelas memórias, Eragon cerrou seus dentes e respirou forte pelas suas narinas dilatadas. Um suor frio subiu pelo seu corpo todo, ele mudou sua posição e gritou para dispersar o hostil fantasma do soldado, mas foi em vão. “Vai embora!” ele exclamou. “Não foi culpa minha. Galbatorix que é o culpado, não eu. Eu não queria mata-lo!”

Em algum lugar nas profundezas a sua volta, um lobo uivou. E em vários lugares através da planície, vários outros lobos responderam, elevando suas vozes numa desordenada melodia. A musica assustadora fez o couro cabeludo de Eragon se arrepiar e goosebumps pular em seus braços. Então, por um breve momento, todos os uivos se juntaram em um simples tom que era similar ao grito de guerra de um Kull selvagem.

Eragon se moveu, apreensivo.

“O que foi?” perguntou Arya. “São apenas lobos. Eles não irão nos incomodar, você sabe.

“Estão ensinando seus filhotes a caçar, e eles não irão deixar seus descendentes chegarem perto de criaturas que cheiram tão estranhamente quanto nós.”

“Não são os lobos lá fora”, falou Eragon, se abraçando. “São os lobos aqui” ele bateu no meio de sua testa.

Arya concordou de um modo brusco, sem emoções, o que traía o fato de que ela não era humana, mesmo que ela havia assumido a forma de um. “São sempre eles. Os monstros da cabeça são muito piores dos que realmente existem. Medo, dúvida e ódio aleijam mais pessoas do que as feras.

“E amor” Ele lembrou.

“E amor,” Ela admitiu. “Também ganância, inveja e todo outro desejo obsessivo que as raças sensíveis são vulneráveis”

Eragon pensou em Tenga, sozinho, nas ruínas da sentinela élfica de Edur Ithindra, curvado sobre seus preciosos livros de premonições, sempre procurando pela sua “resposta” misteriosa. Ele evitou mencionar o eremita para Arya, pois não estava a vontade de discutir esse misterioso encontro no momento. Então, ele perguntou, “Você não se incomoda quando mata?”

Os olhos verdes de Arya o fitaram. “Nem eu, nem o resto do meu povo come a carne de outros animais, porque não ousamos ferir outra criatura para satisfazer nossa fome, e você tem a ousadia de perguntar se matar nos incomoda? Você realmente entende tão pouco sobre nós para pensar que somos assassinos a sangue frio?”

“Não, é claro que não.” ele protestou. “Não foi isso que eu quis dizer.”

“Então diga o que você quer dizer e não insulte alguém se não for sua intenção.”

Escolhendo suas palavras com muito cuidado Eragon disse, “Eu perguntei isso a Roran antes de atacarmos Helgring, ou uma questão bem parecida. O que eu quero saber é o que você sente quando mata? O que você deveria sentir?” Ele olhou o fogo. “Você vê os guerreiros que você matou olhando de volta para você, assim como você olha para mim?” Arya apertou seus braços ao redor de suas pernas, sua posição pensativa. Uma chama pulou para fora do fogo, queimando uma das folhas ao redor do acampamento. “Gánga,” ela murmurou mexendo seu dedo. Com um bater de suaves asas, as folhas se moveram. Sem mover seus olhos do amontoado dos galhos queimando, ela falou. “Nove meses depois de eu me tornar uma embaixadora, o único embaixador da minha mãe, pra falar a verdade, eu viajei dos Vardens em Farthen Dûr para a capital de Surda, que era um novo país naqueles dias. Tão logo eu e meus companheiros deixamos as montanhas Beor, nós encontramos um bando de Urgals perdidos. Nós deixamos nossas espadas embainhadas e continuamos nossos caminhos, mas eles não. Os Urgals insistiram em tentar vencer, para ganhar honra e glória para ficar melhor dentro de suas tribos. Nossa companhia era maior que a deles —para Weldon, o homem que havia sucedido Brom como líder dos Varden, que estava conosco --- o jeito mais fácil para dispersá-los era lutando... Esse dia foi a primeira vez que eu tirei uma vida. Isso me atrapalhou por semanas, até que eu percebi que iria enlouquecer se ficasse pensando nisso. Muitos fazem isso, e eles ficam tão raivosos, tão sozinhos, que não podem mais se livrar disso.”

“Como você chegou a essa conclusão sobre o que havia feito?”

“Eu examinei as minhas razões para matar, e se elas eram justas, tendo elas satisfeitas eu me perguntei se nossa causa era importante o bastante para eu continuar a suportar, mesmo que eu tivesse que matar de novo. Então eu decidi que quando comesse a pensar na morte, eu imaginaria que estava nos jardins de Tialdari Hall.”

“Funcionou?”

Colocando seu cabelo atrás da orelhas, ela respondeu. “Sim, funcionou. O único antídoto para o veneno da violência é achar paz consigo mesmo. É bem difícil de conseguir, mas vale a pena.” Depois adicionou. “respirar ajuda também.”

“Devagar e regular, como se estivesse meditando. É um dos modos mais fáceis para se acalmar.”

Seguindo seu conselho, Eragon começou a inspirar e expirar mantendo o ar por um tempo e expirando tudo em cada respiração.

Em um minuto, o nó em sua garganta desapertou, seu semblante suavizou, e a presença de seus inimigos, mortos, não era tão real. Os lobos uivaram de novo e depois de um pequeno susto, ele ouviu sem medo, os uivos distantes que haviam perdido o poder de inquietá-lo. “Obrigado,” Ele disse. Arya respondeu com um pequeno sorriso.

O silêncio reinou por vinte e cinco minutos, até que Eragon disse “Urgals.” Ele deixou a palavra no ar por momento. “o que você acha de Nasuada por deixar eles se juntarem aos Varden?”

Arya pegou um ramo perto da ponta de seu vestido e o rolou entre seus dedos alvos, estudando o pequeno pedaço de madeira como se ali houvesse um segredo. “Foi uma decisão corajosa, e eu a admiro por isso. Ela sempre agiu para os melhores interesses dos Varden, não importa o que seja.”

“Ela enfureceu muitos dos Varden quando aceitou o pedido de ajuda feito por Nar Garzhvog.”

“E então ganhou de novo suas lealdades com o acordo das longas espadas. Nasuada é muito inteligente quando se trata de manter sua posição.” Arya jogou o ramo no fogo. “eu não guardo amores pelos Urgals, mas também não os odeio. Diferentes dos Ra’zac, eles não são irreversivelmente maus, só presenciaram muitas guerras. É uma importante diferença, mesmo se não podemos providenciar nenhum consolo para as famílias das vítimas, nós elfos temos cuidado de Urgals antes, e faremos de novo se for preciso. É um trabalho fútil, no entanto.”

Ela não precisava explicar o porquê. Muitos dos pergaminhos que Oromis havia feito Eragon ler eram sobre os Urgals, mas um em particular, As Viagens para

Gnaevaldrskald, havia o ensinado que a cultura dos Urgals era baseada em lutas. Urgals machos só podiam aumentar seus status invadindo outra vila --- Urgal, humana, élfica, ou de anões, não importava. --- ou lutando contra seus rivais em um mano a mano, às vezes, até a morte. E quando chegava à hora de escolher uma parceira, as Urgals Fêmeas só escolhiam quem havia, no mínimo derrotado três oponentes. Como resultado, cada nova geração de Urgals não tinha escolha a não ser desafiar seus colegas ou seus anciões, e conseguir novas terras para provar seu valor. Sua tradição era tão fechada e rudimentar que toda tentativa de mudá-la havia falhado. Pelo menos eles tinham certeza de quem eram, pensou Eragon. Isso é muito mais que a maioria das pessoas pode falar.

“Como foi que,” ele perguntou. “Durza e os Urgals conseguiram emboscar você, Glenwing e Fäolin? Vocês não haviam proteção contra ataques físicos?”

“As flechas eram encantadas.”

“Então há Urgals feiticeiros?”

Fechando seus olhos, Arya suspirou e negou com a cabeça. “Não, era algum tipo de magia negra que Durza havia criado. Ele falou sobre isso quando eu estava em Gil’ead.”

“Eu não sei como você conseguiu resistir por tanto tempo. Eu vi o que ele fazia a você.”

“Isso... Isso não foi fácil, Eu vi as tormentas que ele me infligia como um teste ao meu compromisso, uma chance de mostrar que eu não havia errado e que de fato eu merecia o símbolo Yawe. Portanto, agüentei a provação de Durza.”

“Mas ainda assim, elfos não são imunes a dor. É incrível que você tenha conseguido esconder a localização de Ellésmera todos aqueles meses.”

Um pouco de orgulho enfeitou a voz dela. “Não só a localização de Ellésmera, mas também para onde eu havia mandado o ovo de Saphira, meu vocabulário da língua antiga, e tudo que poderia ser usado contra Galbatorix.”

A conversa teve uma pausa. Então Eragon disse, “Você pensa muito sobre isso? No que você passou em Gil’ead?” quando ela não respondeu, ele acrescentou. “Você nunca fala sobre isso. Você reconta os fatos de seu aprisionamento bem o bastante, mas nunca menciona como foi para você, nem como você se sente sobre isso agora.”

“Dor é dor,” ela disse. “Não precisa de descrição.”

“Verdade, mas ignorando isso, você pode se machucar mais do que a ferida original... ninguém pode viver depois de algo como isso e escapar ileso. Não por dentro, pelo menos.”

“O que lhe faz pensar que eu não falei para ninguém?”

“Quem?”

“Isso importa? Ajiha, minha mãe, uma amiga em Ellesméra.”

“Talvez eu esteja errado,” ele disse. “mas você não parece tão próxima de alguém. Onde quer que você esteja você está sozinha, mesmo entre o seu próprio povo.”

A postura de Arya permaneceu insensível. E a falta de expressão era tão completa e intensa, que ele se perguntou se ela iria responder, uma dúvida que se transformou em convicção quando ela sussurrou, “Nem sempre foi assim.”

Alerta, Eragon esperou sem mexer um músculo, com medo de que qualquer coisa que ele fizesse iria fazê-la parar de falar.

“Uma vez, eu tinha alguém com quem falar alguém que entendia quem eu era e de onde eu vinha. Ele era mais velho, mas nós éramos almas irmãs, ambos curiosos sobre o mundo fora das nossas florestas, com vontade de explorar e vontade de atacar Galbatorix. Nenhum de nós conseguia suportar ficar em Du Weldenvarden --- Estudando, treinando feitiços, perseguindo nossos projetos pessoais. --- quando soubemos que o matador de dragões, que havia extinguido os cavaleiros, estava procurando um jeito de conquistar nosso povo.

Décadas depois que assumi minha posição como embaixadora, e alguns anos antes de Helfring roubar o ovo de Saphira, ele havia se voluntariado para minha companhia, não importando para onde as ordens de Izlanzadí me levaria.”

Ela piscou, e sua garganta apertou. “Eu iria impedi-lo, mais a rainha gostou da idéia, e ele estava tão certo da sua escolha...” Piscou de novo, seus olhos mais brilhantes que o normal.

O mais gentil que ele pode, Eragon perguntou. “Era Faölin?”

“Sim,” ela disse, soltando a resposta entre um soluço. ”

“Você o amava?”

Inclinando sua cabeça para trás, Arya fitou o céu estrelado, seu longo pescoço dourado com a luz do fogo, seu rosto iluminado pela Luz da noite. “Você pergunta por preocupação ou por interesse próprio?” Ela deu uma repentina e chocada risada. O som das águas caindo sobre as rochas frias. “Esqueça, o ar da noite me dopou, e desfez meu senso de cortesia me deixando livre para falar as coisas mais dolorosas que vem a minha cabeça.”

“Não importa.”

“Importa sim, porque eu me arrependo, e não vou tolerar isso, se eu amava Faölin? Como você define amor? Por vinte anos, nós viajamos juntos, os únicos imortais entre as raças mortais. Nós éramos companheiros... e amigos.”

Um pouco de ciúmes atingiu Eragon. Ele lutou contra isso, tentou suprimi-lo, eliminá-lo, mas não foi totalmente vitorioso. Um pouco do sentimento ainda o afetava, como um espinho encravado embaixo da pele.

“Por vinte anos,” Repetiu Arya, observando as constelações, balançando para frente e para trás, parecendo absorta para Eragon. “Então, em um único instante Durza, tirou isso de mim. Faölin e Glenwing foram os primeiros elfos a morrer em combate por quase um século. Quando eu vi Faölin caindo, eu entendi que a verdadeira agonia da guerra não é ser machucado e sim ver aqueles que você mais ama sendo feridos. Foi uma lição que pensei que havia aprendido durante o meu tempo com os Varden, quando pessoa atrás de pessoa, homens e mulheres que eu havia respeitado morreram pelas espadas, flechas, venenos e velhice. A perda nunca havia sido tão pessoal, entretanto quando aconteceu, eu pensei, ‘agora eu posso morrer também’ todo o perigo que nós havíamos encontrado, sempre sobrevivemos juntos, e se ele não pudesse escapar, por que eu deveria?”

Eragon percebeu que ela estava chorando, grossas lágrimas caindo do canto de seus olhos, descendo pelos lados, e se perdendo nos seus cabelos, suas lágrimas iluminadas pelas estrelas, pareciam rios prateados. A intensidade da sua aflição o atingiu. Ele não pensava que podia ver tal reação dela, e nem era sua intenção.

“Então veio Gil’ead,” ela disse. “Foram os dias mais longos da minha vida, Faölin estava morto, eu não sabia se havia mandado o ovo de Saphira para um lugar seguro ou se o havia mandado de volta para Galbatorix, e Durza... Durza havia satisfeito os espíritos amaldiçoados que o controlavam fazendo as coisas mais horríveis que ele podia imaginar a mim. Algumas vezes, se ele exagerasse, ele me curava para que pudesse começar tudo de novo na próxima manhã. Se ele houvesse me dado a chance de recobrar o meu juízo, eu seria capaz de enganar o meu carcereiro, como você fez, e evitar tomar a droga que me impedia de usar magia, mas eu não havia mais do que algumas horas de repouso.”

“Durza precisava dormir o mesmo que eu ou você, e ele ficava comigo toda vez que eu estava consciente ou quando seus deveres deixavam, quando ele me maltratava, cada segundo era uma hora, cada hora uma semana e todo o dia uma eternidade. Ele era cuidadoso para não me deixar enlouquecer --- Galbatorix ficaria descontente se isso acontecesse --- mas foi perto, ele chegou muito, muito perto. Eu comecei a escutar o canto de pássaros onde pássaro nenhum poderia voar, e ver coisas que não existiam.

Uma vez quando eu estava na minha cela, uma luz dourada encheu a sala e me aqueceu. Quando eu percebi, estava deitada em um galho, era uma árvore perto do centro de Ellésmera. Era pôr-do-sol e toda a cidade brilhava como se estivesse pegando fogo. O Athalvard era cantado no caminho abaixo, e tudo era tão calmo, tão sereno... Tão bonito, que eu ficaria ali para sempre, mas então a luz se apagou e eu estava de novo na minha cela... Eu esqueci, mas teve uma vez que um soldado deixou uma rosa branca no meu quarto. Foi o único ato de bondade que alguém havia demonstrado em Gil’ead. Aquela noite a flor criou raízes e cresceu em uma grande roseira, que subiu a parede, forçando seu caminho entre as rochas, quebrando-as, saindo e crescendo, crescendo até tocar a luz, virando uma grande torre torcida, pela qual eu poderia escapar se eu pudesse cair no chão. Eu tentei com todas as minhas forças, mas não consegui, e quando eu olhei de novo, a roseira havia sumido... Esse era meu estado mental quando você sonhou comigo. E eu senti você me observando. “Uma pequena sensação que eu pensei que era outra ilusão.”

Ela lhe deu um pequeno sorriso “Então você veio, Eragon. Você e Saphira, depois que eu estava sem esperanças e prestes a ser levada para Galbatorix em Urû’baen um cavaleiro apareceu para me resgatar. Um Cavaleiro de Dragão!”



“E um filho de Morzan,” ele disse. “Ambos filhos de Morzan.”

“Fale como quiser, era um resgate tão improvável, algumas vezes eu penso que estou louca e que tenho imaginado tudo isso.”

“Você imaginava que eu causaria tanto problema, ficando na linha de trás em Helgrind?”

“Não,” ela disse. “Acho que não.”

Com a manga do seu punho esquerdo, ela secou seus olhos. “Quando eu acordei em Farthen Dûr eu tinha tanto que fazer que não havia tempo para remoer o passado. Mas os eventos que aconteceram depois foram tão obscuros e sangrentos que eu me peguei lembrando do que eu não deveria.” Ela mudou de posição, ficando de joelhos e colocando suas mãos ao lado do corpo.

“Você diz que eu sou sozinha. Elfos não são tão inclinados para amizade como os homens e os anões, e eu sempre tive uma disposição para ficar sozinha. Mas se você me conhecesse antes de Gil’ead, se me conhecesse como eu era. Não me consideraria tão distante. Eu podia cantar e dançar sem me sentir ameaçada.”

Chegando perto, Eragon colocou sua mão direita sobre a esquerda dela. “As histórias de heróis não contam que é esse o preço que se paga quando se enfrenta monstros tenebrosos e os monstros da sua cabeça. Continue pensando nos jardins de Tiadara Hall, que eu sei que você ficara bem.”

Arya permitiu que o contato entre eles durasse por quase um minuto, um tempo que não era de paixão ou amor para Eragon, mas sim um pouco de companheirismo mudo. Ele não fez nenhuma tentativa de chegar um pouco mais perto, para ele a confiança dela era a coisa mais importante depois de sua ligação com Saphira. Então com leve mexer de seu braço Arya deixou que ele soubesse que o momento havia passado e sem insistir ele retirou sua mão.

Com vontade de intensificar seus laços com ela. Ele olhou para a terra em sua volta e murmurou tão suave que foi quase inaudível “Loiviassa”. Guiado pelo poder do seu verdadeiro nome, ele examinou a terra ao redor de seus pés, até que seus dedos pegaram o que ele estava procurando.

Um fino objeto com metade do tamanho de sua menor unha da mão. Segundo sua respiração ele a colocou na sua palma direita, no centro da gedway ignasia com a maior delicadeza que ele podia. Revendo o feitiço que Oromis o havia ensinado, ele estava certo que não iria errar, então começou a cantar no mesmo estilo que os elfos:

Eldhrimner O Loivissa nuanen, dauþr abr deloi,

Eldhrimner nen ono weohnataf medh solus un thringa,

Eldhrimner un fortha onr fëon vara,

Wiol allr sjon.

Eldhrimner O Loivissa nuanen . . .

De novo e de novo Eragon, repetiu as mesmas quatro linhas as direcionando para o floco marrom em sua mão. O floco tremeu e então dilatou, se tornando esférico.

Parte branca de uma planta com 2.5 cm a 5 cm germinou da esfera, fazendo cócegas a eragon, enquanto um fino talo verde florescia com mais ou menos 30 cm de comprimento quando finalizado.

Então o topo do talo se engrossou e abriu depois de um momento parado se expandiu revelando cinco pétalas de um lírio. A flor era de um azul pálido com formato parecido com um sino.

Quando atingiu seu tamanho máximo, Eragon parou com o fluxo mágico e examinou seu trabalho manual.

Plantas que cantam com o formato certo é uma habilidade que a maioria dos elfos aprendem ainda quando crianças, mas foi um feitiço que Eragon havia praticado só algumas vezes e estava bem se inseguro se realmente daria certo.

O feitiço cobrou um grande preço de Eragon. O lírio surpreendentemente cobrou um amontoado de energia equivalente a um ano e meio de crescimento.

Satisfeito com o que havia feito, ele a deu para Arya. “Não é uma rosa branca, mas...” Ela sorriu e contraiu os ombros.

“Você não devia,” ela disse. “mas estou feliz que você o fez.” Ela acariciou a flor e levou ao nariz. Sua expressão suavizou. Por muitos minutos ela admirou o lírio. Então cavou um buraco no solo ao seu redor e a plantou, pressionando o solo com a palma de sua mão. Ela acariciou as pétalas de novo e ainda olhando o lírio ela disse “Obrigada. Dar flores é um costume que nossas raças dividem, mas nós elfos damos uma importância maior do que os homens. Dar flores significa tudo que é bom: vida, beleza, renascimento, amizade e mais, eu posso explicar o quando significa pra mim. Você não deve saber, mas —”

“Eu sabia.”

Arya o olhou com uma expressão solene, tentando adivinhar qual era o objetivo dele.

“Desculpe-me. É a segunda vez que eu esqueço a extensão da sua educação. Eu não devo errar de novo.”

Ela falou obrigada de novo na língua anciã, e falando na língua nativa dela, Eragon respondeu que era um prazer e que estava muito contente que ela havia gostado do presente. Ele tremia, e estava com fome, apesar de ter comido há pouco tempo. Notando isso, Arya disse. “você usou muita energia. Se houver alguma energia restante no Aren, use-a para se recuperar.”

Levou um tempo até Eragon lembrar que Aren era o nome do anel de Brom; ele havia escutado o nome a algum tempo, de Izlanzadí, no dia que ele chegou a Ellesméra.

Meu anel agora, ele disse a si mesmo. Eu tenho que parar de pensar que é de Brom.

Ele deu uma boa olhada para a larga safira que estava encravada no ouro do anel, em seu dedo. “Eu não sei se há alguma energia no Aren. Eu nunca coloquei, e também nunca chequei se Brom o tinha.” Depois de ter falado, ele estendeu sua consciência até a safira. No mesmo tempo que sua mente entrou em contato com a gema, ele sentiu a presença de uma vasta quantidade de energia. Para o seu olho interior, a safira vibrou com a energia. Ele pensou como ela não havia explodido com tanta quantidade de energia. Depois de usar a energia para se livrar de suas dores e restaurar suas forças, a energia dentro do Aren quase não diminuiu.

Com sua pele formigando, Eragon encerrou sua ligação com a gema. Deliciado pela sua descoberta e pelo seu bem-estar repentino, ele deu uma gargalhada, e contou a Arya o que havia descoberto.

“Brom deve ter colocado o máximo de energia que ele podia enquanto estava escondido em Carvahall.” Ele riu de novo, admirado. “Todos esses anos... com a energia dentro do Aren, eu poderia destruir um castelo com um único feitiço.”

“Ele sabia que iria precisar do anel para manter o novo Cavaleiro a salvo quando Saphira nascesse.” Observou Arya. “Também, tenho certeza que o anel era um jeito de ele se proteger se tivesse que lutar com um mago negro ou outro oponente igualmente forte. Não foi por acidente que ele conseguiu enganar seus inimigos por quase um século... se eu fosse você, eu guardaria essa energia para quando mais precisasse, e seria melhor colocar mais energia sempre que eu pudesse. É um incrível e valioso recurso. Você não deve gastar ele à toa.”

Não, pensou Eragon, não vou mesmo. Ele girou o anel no seu dedo, admirando como ele brilhava com a luz do fogo. Desde que Murtagh roubou Zar’roc, o anel, a cela de

safira e Fogo na Neve são as únicas coisas que eu tenho de Brom, e mesmo os anões tendo trazido Fogo na Neve de Farthen Dûr, eu raramente ando com ele. Aren é tudo o que eu tenho para me lembrar dele. . . Meu único legado dele. Minha única lembrança. Eu gostaria que ele estivesse vivo! Eu nunca tive a chance para falar de Oromis, Murtagh, meu pai. . . Ah, a lista é muito grande. O que ele diria sobre o que eu sinto por Arya? Eragon fungou. Eu sei o que elealaria: ele me repreenderia por ser encalhado, um tolo e por gastar minhas energias com uma causa perdida... E o pior que ele estaria certo, eu acho, mas, ah, como eu posso evitar? Ela é a única mulher que eu desejei. O fogo estalou. Faíscas pularam e saíram voando. Eragon assistiu com os olhos meio fechados, pensando no que Arya havia falado. Então sua mente retornou para a questão que o estava incomodando desde a batalha da Campina Ardente. “Arya, dragões machos crescem mais rápido que as fêmeas?”

“Não, por que pergunta?”

“Por causa de Thorn, ele só tem alguns meses de vida, e é do mesmo tamanho de Saphira, ou maior. Eu não entendo.”

Pegando uma folha seca, Arya começou a esboçar no solo achatado, o traçado de um grifo para os elfos, o Liduen Kvaedhi. “É provável que Galbatorix tenha acelerado o seu crescimento, então Thorn seria grande o bastante para suportar uma luta com Saphira.”

“Ah... E não é perigoso? Oromis me disse que se ele usasse magia para me dar força, velocidade, resistência e outras habilidades que eu precisaria, eu não conseguiria controlá-las tão bem se eu as tivesse ganhado do jeito normal: com trabalho duro. Ele estava certo também. Mesmo agora, as mudanças que os dragões me fizeram durante o Agaeti Blodhren algumas vezes me pegam de surpresa.”

Arya concordou e continuou desenhando os grifos no chão. “é possível reduzir os efeitos indesejáveis de certas magias, mas isso é feito em um árduo processo. Se você deseja alcançar o máximo do seu corpo, é melhor fazê-lo pelos meios normais. A transformação que Galbatorix forçou em Thorn devem ser bastante confusas pra ele. Thorn agora tem o corpo de um quase dragão adulto, e a mente de um adolescente.”

Eragon tocou os recém formados calos em suas mãos. “Você também sabe por que Murtagh é tão forte... mais forte do que eu?”

“Se eu soubesse, sem dúvida saberia como Galbatorix fez para aumentar sua própria força numa escala tão alta, mas eu não sei.”

Mas Oromis sabe, Eragon pensou. Ou tem uma idéia pelo menos. De todo jeito, ele teria que dividir a informação com Eragon e Saphira. Quanto mais cedo eles voltassem para Du Weldenvarden, Eragon pretendia perguntar para o Cavaleiro ancião sobre esse assunto. Ele tem que nos contar! Por causa de nossa ignorância, Murtagh nos derrotou, e ele podia facilmente nos levar para Galbatorix. Eragon quase mencionou os comentários de Oromis para Arya, mas segurou sua língua, pois percebeu que Oromis não iria esconder um fato de tal importância por cem anos a não ser que fosse de extrema importância.

Arya assinou uma pausa para a sentença que ela estava escrevendo no chão. Se curvando, Eragon leu: À deriva sobre o mar do tempo, o deus solitário vagueia distante de costa a costa, defendendo as leis acima das estrelas.

“O que isso significa?”

“Eu não sei,” ela disse, e apagou a linha com seu braço.

“Por que é que,” ele perguntou, falando devagar enquanto organizava seus pensamentos, “Ninguém se refere aos dragões dos Renegados pelo nome? Nós dizemos ‘o dragão de Morzan’ ou ‘O dragão de Kialandí.’ Mas nós nunca dizemos os seus nomes. Eles concerteza eram tão importantes quanto seus cavaleiros! Eu nem mesmo me lembro de ter visto seus nomes nos pergaminhos que Oromis me deu... mas eles deviam estar lá...

Sim, eu estou certo que eles estavam, mas por alguma razão, eu não consigo lembrar. Não é estranho?” Arya começou a responder, mas não pode nem abrir sua boca direito, ele disse, “Por agora, eu estou feliz que Saphira não está aqui. Eu ficaria envergonhado por não ter notado antes. Mesmo você, Arya, e Oromis e todos os outros elfos que eu tenho encontrado se recusam a chamá-los pelos nomes, como se eles fossem animais irracionais, não merecedores de honra. Você faz isso de propósito? É por que eles eram seus inimigos?”

“Nenhuma de suas lições o falaram sobre isso?” Perguntou Arya. Ela parecia genuinamente surpresa.

“Eu acho,” ele disse, “que Glaedr mencionou algo sobre isso para Saphira, mas não tenho certeza. Eu estava no meio de uma acrobacia durante a dança da cobra e cado, então eu não estava realmente pensando atenção no que Saphira estava fazendo.” Ele riu um pouco, envergonhado pelo seu deslize e sentindo como se tivesse que se explicar. “Eu fico confuso algumas vezes. Oromis estaria falando comigo enquanto eu estaria ouvindo os pensamentos de Saphira enquanto ela e Glaedr se comunicavam com suas mentes. O que é pior, Glaedr raramente usa uma língua reconhecível; ele geralmente usa imagens, cheiros e sentimentos em vez de palavras. Em vez de nomes, ele manda impressões da pessoa e que objeto ele quer dizer.”

“Você não se lembra de nada do que ele disse? Com palavras ou não?” Eragon hesitou. “Só quando ele disse sobre um nome que não era bem um nome, ou algo assim. Eu não consegui entender direito.”

“O que ele havia dito,” Disse Arya, “foi Du Namar Aurboda, A extinção dos nomes.”

“A extinção dos nomes?”

Tocando sua folha seca no chão, ela resumiu escrevendo na terra. “É um dos mais importantes eventos que aconteceu durante a luta dos Cavaleiros e dos Renegados. Quando os dragões perceberam que treze deles haviam os traído — esses treze estavam ajudando Galbatorix a erradicar o resto da sua raça, e era improvável que alguém iria pará-lo — os dragões ficaram tão irritados, que todo dragão, fora os dos Renegados, combinaram suas forças e fizeram um de seus inexplicáveis atos de magia. Juntos, eles tiraram os nomes dos treze.”

Uma grande admiração atingiu Eragon. “Como isso é possível?”

“Eu não disse que era inexplicável? Tudo que nós sabemos é que depois que os dragões realizaram seu feitiço, ninguém podia falar o nome dos treze; aqueles que lembraram seus nomes, logo esqueceram; e quando você lê os seus nomes nos pergaminhos e cartas na onde eles estão gravados, você não consegue lembrar após de ler. Os dragões poupados foram Jarnunvösk, o primeiro dragão de Galbatorix, pois não foi culpa dele, ele foi morto por Urgals, e também Shruikan, pois ele não escolheu servir Galbatorix, mas foi forçado por Galbatorix e Morzan.”

“Que destino horrível, esquecer o próprio nome, pensou Eragon. Ele tremeu. Se tem alguma coisa que eu aprendi desde que me tornei um Cavaleiro, é que você nunca deve querer ter um dragão como inimigo. “E os seus nomes verdadeiros?” ele perguntou.” Eles também os apagaram?”

Arya confirmou. “Nomes verdadeiros, nomes de nascença, apelidos, nome de família, títulos. Tudo. E como resultado, os treze foram reduzidos a não mais que animais pequenos. Não podiam mais dizer, ‘eu gosto disso’, ou ‘eu não gosto disso’, ou ‘eu tenho escamas verdes,’ quem diria dar nomes a eles mesmos. Eles não podiam nem se chamar de dragões. Palavra por palavra, o feitiço apagou tudo que os definiam como criaturas pensantes, e os Renegados não tinham escolha a não ser assistir quietos enquanto seus dragões entravam na ignorância completa. “A experiência foi tão atormentadora, que pelo menos cinco dos treze e alguns outros Renegados ficaram

loucos.” Arya parou, considerando a sua última linha, então apagou e começou a reescrever. “A extinção dos nomes é a principal razão que fez as pessoas acreditarem que dragões não são nada mais que animais para se viajar de um lugar a outro.”

“Eles não pensariam isso se conhecessem Saphira,” disse Eragon.

Arya sorriu. “Não.” Com sucesso, ela completou a última sentença do que ela vinha escrevendo. Ele inclinou sua cabeça e chegou perto para decifrar os grifos que ela havia escrito. Estava escrito: O malandro, o enigmático, o portador da balança, ele que tem muitas faces, que encontrou vida após a morte e não teme nenhum mal; ele que anda através das portas.

“O que fez você escrever isso?”

“O pensamento que muitas coisas não são como parecem.” Poeira se acumulou ao redor de sua mão enquanto ela batia no chão, apagando os grifos da face da terra.

“Alguém já tentou adivinhar o verdadeiro nome de Galbatorix?” Eragon perguntou.

“Parece o jeito mais rápido de acabar com essa guerra. Para ser honesto, eu acho que é a nossa única esperança de acabar com ele em batalha.”

“Você não estava sendo honesto comigo antes?” perguntou Arya, um brilho nos seus olhos. Sua pergunta o fez tremer. “Claro que não, é só um jeito de falar.”

“Um jeito ruim,” ela disse. “A não ser que você tenha o hábito de mentir.”

Eragon pensou um pouco antes de pegar o fio da conversa de novo e assim poder dizer, “Eu sei que seria difícil de descobrir o verdadeiro nome de Galbatorix, mas se todos os elfos e todos os membros dos Varden que conhecem a língua anciã procurarem por isso, nós conseguiríamos descobrir.”

Ela disse, “O verdadeiro nome de Galbatorix não é um grande segredo. Três elfos — um sendo cavaleiro, e dois esplêndido feiticeiros — descobriram o seu nome.

“Eles conseguiram!” Exclamou Eragon.

Sem se perturbar, Arya pegou outra folha, as rasgou em tiras, e as plantou no chão ao seu redor. “Nós especulamos que nem Galbatorix sabe seu verdadeiro nome. Eu acho que ele não sabe, por que seu nome deve ser tão terrível, que depois de escutar ele não conseguiria viver.”

“A não ser que ele seja tão mal ou demente, que as verdades de suas ações não o atrapalham em nada.”

“Talvez seja isso.” Seus ágeis dedos voaram tão rápido, torcendo, brandindo e arrancando que eram quase invisíveis. Ela pegou mais duas folhas. “Se não, Galbatorix estava avisado que ele tinha um verdadeiro nome, que nem todas as criaturas, e que isso era uma fraqueza evidente. Em algum ponto na sua campanha contra os Cavaleiros, ele conjurou um feitiço que mata qualquer um que usar seu verdadeiro nome. E desde que não sabemos como o feitiço mata, não podemos nos proteger. Você vê porque nós abandonamos a procura. Oromis é um dos poucos corajosos que tentam descobrir o nome de Galbatorix, e ainda assim de uma forma cautelosa.”

Com uma satisfeita expressão, ela colocou suas palmas das mãos para cima. Repousando sobre um deles um navio feito de erva branca e verde. Não havia mais de quatro centímetros de comprimento, mas era bem detalhado. Eragon viu bancadas para remadores, minúsculos parapeitos ao longo da borda do pavimento, A proa foi moldada ligeiramente curva, como a cabeça de um dragão. Havia um pequeno mastro.

“É lindo,” ele disse

“Arya se curvou e murmurou, “Flauga”. Ela gentilmente soprou o navio para cima, então ele zarpou de suas mão e navegou ao redor do fogo, então, pegando velocidade, voou de encontrou ao céu da noite.

“Até onde ele vai?”

“Ele não pára.” ela disse. “Ele pega energia das plantas que estão abaixo. Onde houver plantas, ele irá voar.”

A resposta surpreendeu Eragon, mas ele também achou um pouco triste, pensar que o belo navio voaria entre as nuvens para o resto da eternidade, com nenhuma companhia a não ser os pássaros.

“Imagine as histórias que irão contar sobre isso daqui a anos.” Arya juntou seus dedos, para tentar impedir eles de fazerem outro objeto.

“Muitas curiosidades existem no mundo. Quanto mais que você vive e o quanto mais você viaja, mais curiosidades você irá ter.”

Eragon fitou o fogo pulsante por um tempo, depois disse, “Se é tão importante proteger o verdadeiro nome, eu não deveria conjurar um feitiço para evitar que Galbatorix use o meu?”

“Você pode se achar que deve,” Arya disse, “Mas eu duvido que seja necessário. Nomes verdadeiros são difíceis de se descobrir. Galbatorix não conhece você tão bem para tentar adivinhar seu nome, e se ele estivesse dentro da sua cabeça, e pudesse olhar cada memória e cada pensamento você estaria perdido, com o verdadeiro nome ou não. Se serve de conforto para você, eu duvido que mesmo eu consiga adivinhar seu verdadeiro nome.”

“Não poderia?” ele perguntou. Ele estava um pouco lisonjeado e um pouco desgostoso porque acreditava que ela o conhecia totalmente.

Ela olhou para ele e depois abaixou seus olhos. “Não, acho que não. Você pode adivinhar o meu?”

“Não.”

Silêncio envolveu o acampamento. Acima, as estrelas brilhavam. Um vento soprou do leste e correu através das planícies, banhando a mata e gemendo com uma fina voz, como um lamento de alguém que perdeu um amor. Como resultado, os carvões flamejantes soltaram faíscas que voaram em direção ao oeste. Eragon curvou seus ombros e puxou a touca de sua túnica ao redor de seu pescoço. Havia algo hostil em relação ao vento; ele tinha uma agressividade diferente, e parecia que isolava ele e Arya do resto do mundo. Eles ficaram sem se mover, perdidos na sua pequena ilha de luz e calor, enquanto o ar massivo corria por eles, uivando, raivosa, entre o vazio espaço que se encontrava adiante.

Quando os ventos ficaram mais violentos e começaram a levar faíscas para longe de onde Eragon havia feito o fogo, Arya jogou uma mão cheia de barro sobre o carvão.

Ficando de joelhos, Eragon a ajudou, pegando a terra com ambas as mãos para acelerar o processo. Com o fogo apagado, ele tinha dificuldade para enxergar, o campo pareceu cheio de fantasmas e sombras irreconhecíveis, formatos indistintos.

Arya ia se levantar, mas parou meio abaixada, braços esticados para se equilibrar, sua expressão alerta. Eragon sentiu o mesmo: o ar estava traiçoeiro e quieto, como se um trovão estava para cair. Os pêlos das costas de suas mãos se arrepiaram e balançaram com o vento.

“O que é isso?” Ele perguntou.

“Nós estamos sendo vigiados. Não importa o que aconteça, não use magia ou qualquer coisa que nos mate.”

“Quem —”

“Quieto.”

Olhando em volta, ele achou uma pedra de o tamanho de um punho, a pegando do chão e testando seu peso.

Mais a frente, um conjunto de luzes incandescentes apareceu.

Elas avançaram pelo campo, voando baixo sobre a grama. Chegando mais perto, ele viu que as luzes mudavam de tamanho constantemente — mudando de um orbe menor que uma pérola para uma bola com trinta centímetros de diâmetro — e suas cores também mudavam, alternando entre todas as cores do arco-íris.

Uma aura florescente envolviam cada orbe, um halo de fios líquidos que chicoteavam e destroçavam tudo que entrava em seu caminho. As luzes se moviam tão rápido que ele não conseguia saber quantas eram, mas ele achou que era em torno de duas dúzias.

As luzes alcançaram o acampamento e formaram uma parede curva ao redor dele e Arya. A velocidade que eles chegaram, combinado com a barragem de cores pulsantes, o deixou tonto. Ele pôs uma mão no chão Para se apoiar. O som era tão forte agora que fazia seus dentes chocarem-se uns contra os outros. Ele deitou no chão. Arya fez o mesmo, para dispersar o peso extra, e quando ele olhou para ela, achou a vista tão ridícula que teve que controlar a vontade de rir.

“O que eles querem?” exclamou Eragon, mas ela não respondeu.

Um único orbe se destacou da parede e se abaixou na frente de Arya, no nível dos olhos. Balançando e se expandindo como um coração acelerado, alternando entre azul real e verde esmeralda e as vezes alguns flashes de vermelho. Um de seus fios pegou o cabelo de Arya.

Teve um barulho agudo, e por um instante, o orbe brilhou como um fragmento do som, então sumiu. O cheiro de cabelo queimado chegou a Eragon.

Arya não se moveu ou ficou em estado de alerta. Seu rosto estava calmo, ela mexeu seu braço e antes que Eragon pudesse impedi-la, colocou sua mão no orbe.

O orbe ficou dourado e branco, inchando para quase noventa centímetros. Arya fechou seus olhos e curvou sua cabeça para trás, e ficou com um semblante radiante. Seus lábios se moveram, mas o que quer que ela dizia, Eragon não pode ouvir. Quando ela terminou, o orbe ficou da cor vermelho sangrento, e tão rápido quanto antes mudou para o vermelho, para o verde e depois para o rosa, e então de um laranja escuro para um azul tão claro que ele teve que desviar o olhar, para terminar num preto com seus fios brancos em evidência, como o sol durante o eclipse.

Saindo de perto de Arya, ele se aproximou de Eragon, parando a sua frente com um brilho tão forte que seus olhos lacrimejaram. Sua língua parecia banhada de cobre, sua pele pinicava e pequenas descargas de eletricidade dançavam nas pontas de seus dedos. Meio amedrontado, ele se perguntou se devia tocar o orbe como Arya havia feito. Ele olhou para ela, procurando um conselho.

Ela balançou a cabeça e gesticulou para que ele prosseguisse.

Ele estendeu sua mão direita para onde o orbe estava. Para sua surpresa, encontrou resistência. O orbe era incorpóreo, mas fez força para alcançá-lo. O mais perto que ele chegava, mas força ele fazia. Com um esforço, ele conseguiu quebrar os últimos centímetros e entrou em contato com a criatura.

Raios azulados saíram entre a palma da mão de Eragon e a superfície do orbe, uma luz tão forte que superou as luzes que os outros orbes faziam e pintou tudo de um azul pálido. Eragon gritou de dor enquanto os raios penetravam seus olhos, ele tentou parar, fechando seus olhos. Então algo se moveu dentro do orbe, como um dragão adormecido se desenrolando, uma presença invadiu sua cabeça, passando facilmente pela suas defesas, como folhas de outono em uma ventania, ele ofegou. Uma enorme felicidade o preencheu; o que quer que o orbe fosse, parecia feito de pura felicidade. Gostava de viver, e tudo ao seu redor ficava satisfeito em um nível maior ou menor. Eragon tentou aproveitar a sua alegria, mas ele não tinha mais o controle do seu corpo. A criatura o deixou parado, os raios ofuscantes continuavam saindo de baixo de sua mão, enquanto a presença andava pelo seus ossos e músculos, se detendo nas partes machucadas, e então

retornou a sua mente. Eufórico do jeito que Eragon estava, a presença da criatura era tão estranha e tão improvável, que ele queria se livrar dela, mas dentro de sua consciência não havia lugar para se esconder. Ele tinha que continuar em contato com a alma da criatura, enquanto ela observava suas memórias, pulando de uma a outra na velocidade de uma flecha élfica. Ele se perguntou como ele conseguia compreender tanta informação naquela velocidade. Enquanto ela lhe vasculhava, ele tentou vasculhar o cérebro do orbe também, para aprender o que podia sobre a natureza ou a origem da criatura, mas foi em vão. As poucas impressões que ele conseguiu achar eram muito diferentes de todos os outros seres vivos que ele já tinha visto, elas eram incompreensíveis.

Depois de uma última, quase instantânea volta pelo seu corpo, a criatura se retirou. O contato entre eles se quebrou como um cabo tenso. Os raios que saíam das mãos de Eragon acabaram, deixando para trás uma luz rosa.

Mudando de cor de novo, o orbe em frente a Eragon encolheu para o tamanho de uma maçã e se juntou aos seus companheiros que circularam ele e Arya. O som aumentou para um barulho quase inaudível, então o redemoinho explodiu e cada um dos orbes foram empurrados para direções diferentes. Eles se juntaram a cerca de trezentos metros do acampamento, trombando uns com os outros como galinhas ameaçadas, correram para o sul e desapareceram como se nunca houvessem existido. O vento mudou para uma leve brisa.

Eragon ficou de joelhos, braço estendido na onde o orbe estava se sentindo vazio sem o sentimento que o haviam dado. “O que,” ele perguntou, então teve que tossir e perguntar de novo, sua garganta estava seca. “O que eram eles?” “Espíritos,” Disse Arya, Ela se sentou.

“Não pareciam com os saíram de Durza quando eu o matei.”

“Espíritos podem assumir diferentes atitudes, de acordo com a sua vontade.” Ele piscou algumas vezes, e limpou os cantos de seus olhos com o dedo.

“Como alguém se atreve a escravizar eles com magia? É monstruoso. Eu ficaria envergonhado de dizer que sou um feiticeiro. Bah! E Trianna fica se gabando de ser uma. Eu a farei parar ou irei expulsá-la dos Du Vrangr Gata e perguntar se Nasuada pode bani-la dos Vardens.”

“Eu não seria tão afobado.”

“Você não deve achar que é um direito dos feiticeiros forçar os espíritos a lhes obedecer. . . . Eles são tão belos que —“ Ele parou de falar e balançou sua cabeça, Exagerando por causa da emoção.

“Qualquer um que os maltratasse devia ser punido.”

Com um pequeno sorriso, Arya disse. “Eu acho que Oromis não falou sobre isso antes de você e Saphira saírem de Ellesméra.”

“Se você fala sobre os espíritos, ele falou sobre algumas vezes.”

“Mas não com grandes detalhes, devo dizer.”

“Talvez não.”

Na escuridão, o contorno do seu corpo se moveu enquanto ela se inclinava. “Espíritos sempre induziram um senso de êxtase quando eles escolhem se comunicar com quem é feito de carne e osso, mas não os deixem iludi-lo. Eles não são bondosos, contentes e felizes como fazem você acreditar. Satisfazendo aqueles com quem eles interagem é o jeito que eles tem de se defender. Eles odeiam ser presos em um só lugar, e perceberam a muito tempo que se a pessoa com quem eles estejam lidando está feliz, então ele ou ela provavelmente não os deixará preso para servir como escravos.

“Eu não sei,” Disse Eragon. “Eles os fazem se sentir bem, eu posso entender porque alguém iria querer manter-los perto, em vez de libertá-los.”



Ela encolheu os ombros. “Espíritos tem tanta dificuldade em prever nosso comportamento como nós temos sobre os deles. Eles tem poucos costumes iguais as outras raças de Alagaësia, conversar com eles, mesmo com os termos mais simples é um grande desafio, e nenhum encontro é feito com segurança, pois ninguém sabe como eles irão reagir.”

“Nada disso explica o porquê que eu não devo expulsar Trianna da ordem mágica.”

“Você já a viu invocar espíritos para fazer seus deveres?”

“Não.”

“Pensei que não. Trianna está com os Varden de seis a nove anos, e nesse tempo, ela demonstrou sua perícia com feitiços uma vez, e só foi depois de muita insistência de Ajihad que estava preocupado com a preparação de Trianna. Ela tem as habilidades necessárias — ela não é uma charlatã — mas invocar espíritos é muito perigoso e não se consegue realizar tão facilmente.”

Eragon apertou a palma brilhante com a sua esquerda. O tom da luz mudou quando o sangue chegava a superfície da pele, mas seus esforços não adiantaram de nada para diminuir o tanto de luz que sua mão emitia. Ele coçou a gedwëy ignasia com suas unhas. Isso tem que melhorar em algumas horas. Eu não posso andar por aí como uma lanterna brilhante. Pode me matar. E é tolo também. Quem já escutou sobre o Cavaleiro de Dragão que tem uma parte brilhante do corpo?

Eragon considerou o que Brom havia dito. “Eles não são espíritos humanos, são? Nem elfo, nem Anão nem qualquer outra criatura. Ou seja, eles não são fantasmas. Nós não ficamos que nem eles depois que morremos.”

“Não, e por favor não me pergunte, o que eu sei que você vai perguntar, o que eles realmente são. É uma pergunta que Oromis pode responder, não eu. O estudo da feitiçaria, se conduzido certamente, é um processo longo e ardiloso, deve ser conhecido com cuidado. Eu não quero dizer algo que vá interferir nas lições que Oromis tem planejado pra você, e eu certamente não quero que você se machuque tentando fazer algo que eu mencionei sem a instrução certa.”

“E quando é que eu voltarei para Ellesméra?” Ele perguntou. “Eu não posso deixar os Varden de novo, não assim, não enquanto Thorn e Murtagh ainda estão vivos, até que nós derrotamos o Império ou o Império nos derrote, Saphira e eu devemos apoiar Nasuada. Se Oromis e Glaedr realmente desejam terminar nosso treinamento, eles deviam se juntar a nós e então Galbatorix seria derrotado!”

“Por favor, Eragon,” ela disse. “Essa guerra não deve terminar tão rápido quando você pensa. O Império é grande. Tão grande que Galbatorix não sabe sobre Oromis ou Glaedr, nos temos uma vantagem.”

“É uma vantagem que nós nunca usamos?” ele resmungou. Ela não respondeu, e depois de um momento, ele se sentiu infantil por reclamar. Oromis e Glaedr querem mais que ninguém destruir Galbatorix, mas se eles escolheram por permanecer em Ellesméra por um tempo, é porque eles têm uma excelente razão.

Eragon podia até falar algumas que ele sabia, a mais protuberante é a incapacidade de Oromis em conjurar feitiços que requerem muita energia.

Com frio, Eragon cruzou seus braços. “O que foi que você disse sobre o espírito?”

“Que é curioso nós estarmos usando magia; foi por isso que nós chamamos a atenção deles. Eu expliquei, também que foi você que libertou os espíritos presos dentro de Durza. O que pareceu uma coisa grande para eles.” O silêncio reinou sobre eles, então ela se moveu em direção ao lírio, e o tocou. “Oh!” ela disse. “Eles realmente estão gratos. Naina!”

Ao seu comando, uma suave luz iluminou o acampamento. Com isso, ele viu que as folhas e o talo do lírio era de ouro puro, e as pétalas de um material transparente que ele

não conseguiu reconhecer. E o coração da flor, que Arya o mostrou apontando a flor pareciam que estavam enfeitadas com rubis e diamantes. Maravilhado, Eragon passou seu dedo sobre a curva folha, os finos cabelos da folha o fizeram cócegas. Se curvando para frente ele identificou um conjunto de colisões, sulcos, poços, veias, e outros detalhes que havia na planta original; a única diferença era que essa era feita de ouro.

“É uma copia perfeita!” ele disse.

“E ainda está viva.”

“Não!” Se concentrando, ele se procurou por sinais de calor e movimento que indicariam que o lírio não era um objeto inanimado. Ele as localizou, forte como se sempre fosse uma planta durante a noite. Tocando a folha de novo, ele disse, “Isso é superior a tudo que eu conheço de magia. Pelo que é normal esse lírio devia estar morto. Mas ao invés disso está pulsando vida. Eu nem imagino o que está envolvido no processo de transformar uma planta num metal vivo. Talvez Saphira possa fazer isso, mas ela nunca conseguiria ensinar o feitiço para alguém.”

“A verdadeira pergunta,” Falou Arya, “É se essa flor irá produzir sementes que são férteis.”

“Ela pode germinar?”

“Eu não estaria surpresa se o fizesse. Inúmeros exemplos de magia eterna existem por toda a Alagaesia, como o cristal flutuante na ilha de Eoam e os sonhos nas cavernas de Mani. Essa pode ser outra magia como essas.”

“Infelizmente, se alguém descobrir essa flor ou as que irão desabrochar, eles irão retirar todas elas. Todo caçador de fortuna iria vir aqui para pegar os lírios de ouro.”

“Elas não são tão fáceis de recolher, eu acho, mas somente o tempo ira dizer.” Uma luz se acendeu dentro de Eragon. Mal contendo sua alegria, ele disse, “Eu tenho ouvido a expressão ‘transformar lírio em ouro’ antes, e os espíritos realmente o fizeram! Eles transformaram o lírio em ouro!”

E ele começou a gargalhar deixando sua voz explodir através do campo vazio.

A boca de Arya se contraiu num pequeno sorriso. “Bem, suas intenções eram nobres. Não podemos culpá-los por serem ignorantes como os humanos falam.

“Não, mais... Ah, ha, ha, ha, ha!”

Arya estalou os dedos, e a luz se apagou. “Nós estamos conversando por quase toda a noite. É hora de dormir. O amanhecer está quase chegando, e nós iremos partir cedo.

Eragon se esticou em um lugar sem pedras, ainda rindo quando começou a sonhar.



## ENTRE A MULTIDÃO ESFUZIANTE

Já era meio da tarde quando finalmente avistaram os Varden.

Eragon e Arya pararam na crista de uma colina baixa e estudaram a cidade, salpicada de tendas cinzentas, que se estendia à sua frente, fervilhante de homens, cavalos e fogueiras. A oeste das tendas serpenteava o rio Jiet, cercado de árvores em sua volta; a leste, a cerca de um quilômetro, havia um acampamento mais pequeno – como uma ilha a flutuar perto da costa do continente materno -, onde viviam os Urgals, comandados por Nar Garshvog. Organizados ao longo de alguns quilômetros em torno do perímetro, viam-se numerosos homens a cavalo. Uns faziam parte das patrulhas montadas; outros eram mensageiros porta-estandartes, os restantes, batedores de partida ou a chegar de alguma missão. Duas das patrulhas logo que avistaram Eragon e Arya galoparam na sua direção, a toda velocidade, após fazerem soar as trompetas de aviso.

O rosto de Eragon abriu-se num largo sorriso, rindo aliviado.

“Conseguimos”, exclamou. “Murtagh, Thorn, centenas de soldados e mágicos de estimação de Galbatorix, os Ra’zac, nenhum deles conseguiu nos apanhar. Nada mal como uma afronta ao rei! Certamente que vai sentir um comichão na barba quando souber.”

“Vai ficar duas vezes mais perigoso, depois de tudo isto”, advertiu Arya.

“Eu sei”, disse ele, abrindo mais o sorriso. “Talvez fique tão furioso que se esqueça de pagar às tropas. Assim eles deitam fora os uniformes e juntam-se aos Varden”.

“Está muito bem disposto, hoje”.

“E por que não deveria estar?”, protestou ele. E balançando-se nas pontas dos pés abriu a mente tão amplamente quanto possível. Em seguida, reunindo todas as suas forças, gritou, “Saphira!”, o chamado foi enviado ao longo dos campos, como uma lança.

A resposta não tardou.

“Eragon!”

Os dois abraçaram-se mentalmente, afogando-se um ao outro em cálidas demonstrações de amor, alegria e preocupação. Trocaram memórias do tempo que passaram separados e Saphira consolou Eragon pelos soldados que matara, afastando-lhe a dor e a raiva que se acumulava dentro do Cavaleiro desde o incidente. Eragon sorriu. Tudo parecia estar certo no mundo, com Safira a seu lado.

“Senti a sua falta”, disse ele.

“Eu também, pequenino”. Depois lhe enviou uma imagem dos soldados com quem ele e Arya tinham lutado e comentou:

”Sempre que eu deixo você sozinho, você se mete em encrencas; é certo. É sempre assim! Detesto ter que deixar você sozinho, com receio que você se envolva num combate mortal no momento em que tiro os olhos de cima de você”.

“Seja razoável! Já me meti em muitos apuros com você. Não é nada que aconteça apenas quando estou sozinho. Parecemos ímãs de confusão.”

“Não, você é que é um ímã de confusão”, disse ela fungando. “Nunca nada de extraordinário acontece comigo quando estou sozinha, mas você atrai brigas, emboscadas, inimigos mortais, criaturas obscuras como os Ra’zac, familiares há muito perdidos e feitiços misteriosos; como se estes fossem doninhas esfomeadas e você um coelho que entrasse sem querer na sua boca”.

“E o tempo que você passou nas mãos de Galbatorix? Chama isto de um acontecimento normal?”

“Ainda não tinha nascido”, argumentou ela. “Isso não conta. A diferença entre você e mim é que, para você acontecem coisas, enquanto que eu as faço acontecer”.

“Talvez, mas é porque ainda estou aprendendo... Dê-me uns anos e serei tão bom como Brom, que as faz acontecer. Você não pode dizer que não tive iniciativa em relação a Sloan”.

“Mmh. Ainda temos de falar sobre isso. Se voltar a me surpreender daquela maneira, derrubo você no chão e lambo você da cabeça aos pés”.

Eragon estremeceu. Saphira tinha a língua coberta de espinhos curvados, que arrancariam o pêlo, a pele e a carne de um veado, de uma só vez.

“Eu sei, mas nem eu sei se mataria Sloan ou se o deixaria partir em liberdade, até o ter à minha frente. Além disso, se tivesse dito a você que ficaria para trás, você teria tentado me impedir”.

Eragon sentiu um rugido ténue ressoar-lhe no peito. Depois Saphira acrescentou:

“Devia ter confiado em mim para ajudar você a tomar a decisão certa. Se não falarmos abertamente, como poderemos funcionar como Dragão e Cavaleiro?”.

“Tomar a decisão certa implicaria você me levando de Helgrind, independentemente dos meus desejos?”

“Talvez não”, respondeu, ligeiramente na defensiva.

Ele sorriu.

“Mas você tem razão, deveria ter discutido o meu plano com você. Desculpa. De hoje em diante prometo-lhe consultar antes de fazer algo inesperado. Está bem assim?”

“Só se envolver armas, magia, reis, ou membros da família”, respondeu ela.

“Ou flores”.

“Ou flores”, anuiu Safira. “No entanto, se você decidir comer pão com queijo no meio da noite, não precisa me avisar”.

“A menos que apareça um homem com uma grande faca para me atacar, à saída da tenda”.

“Se não você não conseguisse derrotar um homem com uma grande faca, seria um fraco exemplo de Cavaleiro”.

“Para não dizer um Cavaleiro morto”.

“Bom...”

“Pelos seus argumentos, você deveria se consolar pelo fato de que, apesar de atrair mais problemas que maior parte das pessoas, sou perfeitamente capaz de escapar de situações que conduziram à morte da maioria”.

“Até os maiores guerreiros podem cair nas garras da má sorte”, disse ela. “Você se lembra de Kaga, o rei anão que foi morto por um espadachim iniciante – um anão – por ter tropeçado numa pedra. Deverá sempre que ser cauteloso, pois, por mais que você seja talentoso, você não conseguirá antecipar, nem prevenir todas as infelicidades que o destino colocar no seu caminho”.

“Está bem. Podemos agora acabar com esta conversa enfadonha? Fiquei completamente arrasado de tanto pensar em sorte, destino, justiça e outros assuntos igualmente sombrios, ao longo dos últimos dias. Na minha opinião, as questões filosóficas tanto podem melhorar a nossa situação, como deixar-nos confusos e deprimidos”, e virando a cabeça, Eragon examinou a planície e o céu, em busca do inconfundível brilho azul das escamas de Saphira. “Aonde você está? Sinto que você está perto, mas não consigo te ver”.

“Estou em cima de você!”

Com um urro de alegria, Saphira mergulhou do bojo de uma nuvem, alguns milhares de metros acima da sua cabeça, descrevendo uma espiral em direção ao solo, com as asas dobradas junto ao corpo. Abrindo os seus temíveis maxilares, exalou uma imensa

labareda, que lhe envolveu a cabeça e o pescoço como uma juba de fogo. Eragon riu e esticou os braços na sua direção. Os cavalos da patrulha, que galopavam em direção a ele e a Arya, recuaram assustados ao ver e ouvir Saphira. Aqueles fugiram a galope na direção oposta, enquanto os cavaleiros tentavam freneticamente refreá-los.

“Tinha esperança que conseguíssemos entrar no acampamento sem atrair muita atenção”, disse Arya. “Mas deveria calcular que não seria possível manter a discrição com Saphira por perto. Um dragão é difícil de ignorar”.

“Eu ouvi isso”, comentou Saphira, esticando as asas e aterrissando com um estrondo. As suas coxas e os ombros gigantescos ondularam, ao absorver a força do impacto. Uma explosão de ar fustigou o rosto de Eragon e a terra estremeceu debaixo dos seus pés, obrigando-o a flexionar os joelhos para manter o equilíbrio. Dobrando as asas sobre as costas, ela acrescentou:

“Se quiser posso ser furtiva”, depois inclinou a cabeça e piscou os olhos, agitando a ponta da cauda de um lado para o outro. “Mas hoje não me agrada ser furtiva! Hoje sou um dragão e não um pombo assustado evitando não ser visto por um falcão caçador”.

“Quando você não é um Dragão?”, perguntou Eragon, correndo na sua direção. Leve como uma pena, saltou-lhe da perna dianteira esquerda, para o ombro e, a seguir, para a concavidade junto à base do pescoço, o seu posto habitual. Acomodando-se no lugar, colocou uma mão de cada lado do pescoço quente, sentindo os movimentos ascendentes e descendentes dos músculos estriados, enquanto Saphira respirava. Sorriu de novo, com uma profunda sensação de satisfação. “O meu lugar é aqui contigo”. As suas pernas estremeeceram com o murmúrio de contentamento de Safira, um som profundo, como uma melodia estranha e sutil que ele não reconheceu.

“Saudações, Saphira”, disse Arya, curvando a mão sobre o peito, um gesto de deferência característico dos Elfos.

Baixando-se e curvando o pescoço, Safira tocou com a ponta do focinho na testa de Arya, tal como fizera ao abençoar Elva em Farthen Dûr, e disse:

“Saudações alfa-kona, bem-vinda, e que os ventos se elevem sob as tuas asas”, dirigindo-se a Arya no mesmo tom afetuosos que, até então, reservava em exclusivo para Eragon, como se, desde aquele momento, a considerasse parte da sua pequena família e digna do mesmo respeito e intimidade que compartilhava com o seu Cavaleiro. O gesto surpreendeu Eragon; ultrapassada a faísca de ciúme inicial, pareceu aprová-lo. Saphira continuou a falar:

“Estou grata por ter ajudado o Eragon a regressar ileso. Não sei o que faria se ele acabasse capturado!”

“A sua gratidão significa muito pra mim”, respondeu Arya, fazendo uma vênica. “Se Galbatorix tivesse apanhado Eragon, você teria ido salvá-lo e eu teria acompanhado você, nem que tivesse de ir até Urû’baen”.

“Sim, me agrada pensar que teria salvado você, Eragon”, afirmou Saphira, virando o pescoço para olhá-lo diretamente. “No entanto, me preocupa imaginar que teria me rendido ao Império para salvar você, independentemente das conseqüências que isso pudesse implicar para Alagaësia”. Em seguida, abanou a cabeça e arranhou o solo com as garras. “Mas isto são meras divagações inúteis. Está aqui são e salvo, a verdade é essa. Passar o dia pensando no que de mal poderia ter acontecido é envenenar a felicidade que temos...”

Nesse instante, uma patrulha galopou em direção a eles detendo-se a cerca de vinte metros, devido à inquietação dos cavalos. Entretanto, eles perguntaram se poderiam escoltar os três até Nasuada. Um dos homens desmontou e entregou o seu cavalo a Arya. Depois avançaram em grupo rumo ao mar de tendas localizadas a sudeste. Saphira marcou o ritmo: uma passada tranqüila, para que ela e Eragon pudessem

usufruir o prazer da companhia um do outro, antes de mergulharem no ruído e no caos que previam, logo que se aproximassem do acampamento.

Eragon perguntou por Roran e Katrina e, depois, acrescentou:

“Você tem comido erva de fogo suficiente? Está com um hálito mais intenso do que o habitual”.

“Claro que tenho. Você só notou porque estive fora por um tempo. Cheiro exatamente como um dragão deve cheirar e ficaria grata se não ficasse fazendo comentários depreciativos, a não ser que queira que eu deixe você cair de cabeça. Além disso, criaturas suadas, gordurosas e malcheirosas, como os humanos, não tem muito do que se gabar. As únicas criaturas tão fedorentas quantos os humanos são os bodes e os ursos em hibernação. Comparado com você, o odor de um dragão é um perfume tão mais agradável como um campo de flores na montanha”.

“Vamos lá, não exagere. Desde o Agaetí Blödhren que noto que os humanos são bastante malcheirosos”, disse ele franzindo o nariz. “Ainda assim, você não pode mais me meter no mesmo saco porque eu já não sou totalmente humano”.

”Talvez não, mas você continua precisando de um banho!”

À medida que atravessavam a planície, mais homens se reuniam em torno de Eragon e Saphira, proporcionando-lhes uma guarda de honra totalmente desnecessária; mas, ainda assim impressionante. Após tanto tempo passado nas regiões inexploradas de Alagaësia, a densa massa de corpos, a repetição de vozes altas e exaltadas, a tempestade de pensamentos desprotegidos e os movimentos confusos das armas a baterem umas nas outras, eram elementos devastadores para Eragon.

Recolheu-se em si mesmo, onde a dissonância do coro mental pouco mais era que um murmúrio, semelhante ao ruído distante de ondas a rebentar. No entanto, apesar de todas as camadas de proteções, ele sentiu a aproximação de doze elfos, que corriam em formação, do lado oposto do acampamento, rápidos e ágeis como gatos da montanha. A fim de causar boa impressão, Eragon arranjou o cabelo com os dedos e endireitou os ombros, fortalecendo a armadura em torno da mente, para que ninguém pudesse escutar os seus pensamentos a não ser Saphira.

Os elfos tinham vindo para o proteger, a ele e Saphira, todavia a sua lealdade era, primeiramente, para com a rainha Islanzadí. Embora grato pela presença e certo da cortesia que lhes era inerente, Eragon dificilmente permitiria que o espiassem. Na realidade, ele não queria dar à rainha dos elfos qualquer oportunidade de conhecer os segredos dos Varden, ou de ganhar controle sobre ele, consciente que se esta pudesse afastá-lo de Nasuada, assim o faria. De um modo geral, os elfos não confiavam nos humanos, muito menos após a traição de Galbatorix. Por essa e outras razões, Eragon sabia que Islanzadí preferiria ter ele e Saphira sob o seu comando direto. De todos os soberanos que conhecera, Islanzadí era em quem Eragon menos confiava. Revelava-se demasiado autoritária e instável.

Os doze elfos pararam diante de Saphira, fazendo uma vênia, curvando o peito assim como Arya fizera e apresentando-se a Eragon, um de cada vez com a frase inicial da saudação tradicional dos elfos, a qual ele respondeu com a fala apropriada. Então o elfo líder, um alto, atraente macho com um pêlo negro-azulado e brilhante, que lhe cobria o corpo inteiro, anunciou o propósito da missão a todos os que pudessem ouvir, perguntando formalmente a Eragon e a Saphira se os doze poderiam assumir os seus deveres.

“Podem”, disse Eragon.

“Podem”, confirmou Saphira.

Entretanto Eragon perguntou:

“Blödhgarm-vodhr, por acaso você esta no Agaetí Blödhren?”, Eragon lembrava-se de ter visto um elfo com um pêlo semelhante a saltar por entre as árvores, durante as festividades.

Blödhgarm sorriu, exibindo uns caninos de animal.

“Creio que você conheceu o meu primo Liotha. Partilhamos impressionantes semelhanças de família; embora o seu pêlo seja castanho manchado e o meu azul-escuro”.

“Poderia jurar que era você”.

“Infelizmente tinha outros compromissos àquela altura e não pude estar presente na celebração. Talvez possa assistir à próxima, daqui a cem anos”.

“Você não acha que ele tem um cheiro agradável?”, perguntou Saphira.

Eragon inalou o ar.

“Não cheira a nada. Acho que sentiria o odor, se houvesse algo para cheirar”.

“É estranho”. Saphira transmitiu-lhe a variedade de odores que detectara e o Cavaleiro percebeu de imediato ao que ela se referia.

O odor almiscarado de Blödhgarm rodeou-o como uma nuvem espessa e pesada.

Tratava-se de um aroma quente e fumarento, misturado com um vago odor a bagas de zimbro esmagadas; era isso que estava deixando as narinas de Saphira em polvorosa.

“Parece que todas as mulheres dos Varden se apaixonaram por ele”, informou ela. “O seguem para onde quer que ele vá, desesperadas para falar com ele, mas estão acanhadas demais para emitir mais que um gritinho, sempre que ele as olha”.

“Talvez só as fêmeas consigam cheirar”, respondeu ele, olhando preocupado para Arya.

“Ela não parece afetada”.

“Ela tem proteção contra influências mágicas”.

“Espero que sim... Não acha que devíamos conter Blödhgarm? O que ele está fazendo é uma forma maldosa e dissimulada de conquistar o coração de uma mulher”.

“Será que é mais dissimulado do que você se adornar com belas roupas, para chamar a atenção de sua amada? Blödhgarm não tirou partido das mulheres que se deixaram fascinar por ele e é pouco provável que tenha criado este aroma para agradar especificamente a mulheres humanas. Creio tratar-se de um resultado imprevisto e que o deve ter feito com um propósito bastante diferente. Acho que não é indicado interferir, a não ser que ultrapasse todos os limites da decência”.

“E Nasuada? Acha que ela é vulnerável aos seus encantos?”

“Nasuada é sábia e cautelosa. Pediu a Trianna que erguesse uma proteção em torno dela, para afastá-la da influência de Blödhgarm”.

”Ótimo”.

Quando chegaram às tendas, o volume da multidão foi aumentando e, pouco depois, era como se metade dos Varden se tivesse reunido em torno de Saphira. Eragon ergueu a mão em resposta ao povo que gritava:

“Argetlam! Matador de Espectros!”

Outros diziam:

“Onde você esteve, Matador de Espectros? Conte-nos as suas aventuras!”

Muitos se referiam a ele como a Maldição dos Ra'zac, o que agradou a Eragon de tal forma que o repetiu em surdina quatro vezes. Alguns desejavam saúde a ele e a Saphira. Havia quem o convidasse para jantar, quem lhe oferecesse ouro e jóias e quem lhe formulasse pedidos de ajuda lamuriosos: que lhe curasse um filho que nascera cego, removesse um inchaço que lhes estava a matar a esposa, curasse a perna partida de um cavalo, ou lhes reparasse uma espada torta.

“Era do meu avô!”, gritava um homem.

Por duas vezes, o Cavaleiro ouviu uma mulher gritar:

“Casa comigo, Matador de Espectros?”

Embora tivesse olhado, não conseguiu identificar a fonte.

Os doze elfos se mantiveram sempre por perto, enquanto a confusão durou. A idéia de que estavam atentos ao que ele não podia ver nem ouvir, reconfortou-o, permitindo-lhe interagir com os Varden com uma vontade que jamais tivera no passado.

Depois, os antigos aldeões de Carvahall começaram a aparecer por entre as filas curvas das tendas lanosas. Desmontando, Eragon caminhou por entre amigos e conhecidos de infância, distribuiu apertos de mãos, palmadas nos ombros e riu das piadas incompreensíveis para alguém que não tivesse crescido perto de Carvahall. Horst estava lá e Eragon agarrou no antebraço musculoso do ferreiro.

“Bem-vindo de novo, Eragon! Parabéns! Estamos em dívida com você por nos vingar dos monstros que nos despojaram das nossas casas. Fico satisfeito por ver que ainda está inteiro!”

“Os Ra'zac teriam de se mexer um pouco mais depressa para conseguirem me ferir!”, replicou Eragon. A seguir cumprimentou os filhos de Horst, Albriech e Baldor; Loring, o sapateiro e os seus três filhos; Tara e Morn, donos da taberna de Carvahall; Fisk, Felda, Calitha, Delwin e Lenna; e, finalmente, a feroz Birgit, que lhe disse:

“Obrigada, Eragon Filho de Ninguém, lhe agradeço por ter dado o castigo merecido às criaturas que devoraram o meu marido. O meu coração está contigo, agora e para sempre”.

Mas antes que Eragon pudesse responder a multidão distanciou-os. “Filho de Ninguém?”, pensou ele “Ora! Eu tenho um pai, e todos o odeiam”.

Depois, para sua alegria, viu Roran abrir caminho por entre a multidão, com Katrina a seu lado. Abraçaram-se e Roran rosnou:

“Que loucura a sua, ficar para trás! Devia te dar uma surra por nos abandonar daquela maneira. Da próxima vez, me avisa com antecedência, antes de decidir vadiar sozinho. Está se tornando um hábito. Devia ter visto a angústia de Saphira durante a viagem de regresso”.

Eragon pousou a mão na pata dianteira esquerda de Saphira e disse:

“Desculpa não ter dito com antecedência que eu planejava ficar. No entanto, só no último instante percebi que era realmente necessário”.

“E qual foi o verdadeiro motivo para que você ficasse naquelas cavernas fedorentas?”

“Porque tinha que investigar algo”.

Percebendo que Eragon não desenvolvia a resposta, o rosto aberto de Roran endureceu e, por instantes, o Cavaleiro receou que ele insistisse numa explicação mais satisfatória. Mas depois Roran disse:

“Que chance tem um homem como eu de entender as causas e os motivos de um Cavaleiro de Dragão, mesmo sendo ele meu primo? O que importa é que me ajudou a libertar Katrina e que está aqui são e salvo”. E esticou o pescoço como se quisesse ver o que mais havia sobre o dorso de Saphira e olhando em seguida para Arya, que estava a alguns metros atrás, disse, “Perdeu o meu bastão! Atravessei Alagaësia inteira com aquele bastão. Não podia agüentar mais uns dias com ele?”

“Entreguei a um homem que precisava mais do que eu”, disse Eragon.

“Pare de implicar com ele”, protestou Katrina com Roran e, após um momento de hesitação, abraçou Eragon. “Ele está muito contente por ver você, entende? No entanto, é difícil para ele encontrar as palavras adequadas para dizer isso”.

Roran encolheu os ombros com um sorriso de constrangimento:

“Ela tem razão sobre mim, como sempre”, e o casal trocou um olhar apaixonado.



Eragon estudou atentamente Katrina. O seu cabelo ruivo recuperara o brilho de sempre e as marcas da sua provação tinham praticamente desaparecido; embora estivesse ainda mais magra e pálida do que o normal.

Aproximando-se mais de Eragon, para que nenhum dos Varden ali reunidos a ouvisse, disse:

“Nunca pensei ficar devendo tanto a você; aliás, nós ficaríamos devendo tanto a você. Depois de Saphira ter nos trazido para cá, soube dos riscos que correu para me salvar e estou muito grata. Se permanecesse mais uma semana em Helgrind, eu teria me suicidado ou enlouquecido; o que é uma morte em vida. Agradeço a você do fundo do coração ter me salvado e por curar o ombro de Roran, e agradeço a você acima de tudo por ter-nos juntado novamente. Se não fosse você, jamais teríamos nos reunido”.

“Acredito que Roran teria arranjado uma forma de libertar você de Helgrind, mesmo sem mim”, comentou Eragon. “Ele é muito convincente sempre que é necessário. Teria encontrado um outro feiticeiro para ajudá-lo - talvez Angela, a herbolaria - que também teria conseguido ajudar você”.

“Ângela, a herbolaria?” caçoou Roran. “Aquela tagarela jamais poderia competir com os Ra'zac”.

“Você ficaria surpreso. Ela é mais do que parece... ou fala”. Depois Eragon fez algo que jamais se atreveria a fazer quando vivia no Vale de Palancar, mas que achou adequado ao seu papel de Cavaleiro: beijou Katrina e Roran na testa dizendo, “Roran, você é como um irmão para mim e Katrina, você é como uma irmã para mim. Se alguma vez estiverem em apuros, mandem me chamar e eu estarei à disposição, seja como camponês, seja como Cavaleiro”.

“Você também”, disse Roran. “Se você estiver em apuros, é só nos chamar e nós correremos em seu auxílio”.

Eragon acenou com a cabeça em sinal de reconhecimento, embora não lhes dissesse que achava pouco provável que qualquer um deles o pudesse auxiliar no tipo de problemas com que iria se deparar. Depois agarrou-os pelos ombros e disse:

“Que tenham ambos uma longa vida, que fiquem juntos para sempre e que tenham muitos filhos!”

O sorriso de Katrina desfaleceu por instantes e Eragon ficou intrigado.

Perante a insistência de Saphira, retomaram o caminho em direção ao pavilhão vermelho de Nasuada, no centro do acampamento. Pouco depois chegaram à entrada da tenda, acompanhados de uma horda esfuziante de Vardens. Nasuada os esperava, com o Rei Orrin a sua esquerda, grupos de nobres e de outros notáveis atrás e uma fila de guardas de cada lado.

Nasuada envergava um vestido de seda verde que brilhava ao sol como as penas do peito de um beija flor, em agudo contraste com o tom escuro da sua pele. As mangas do vestido terminavam nos cotovelos, em folhos de renda. O resto dos braços estava envolto em ligaduras de linho que lhe chegavam até aos pulsos estreitos. Dos homens e mulheres ali reunidos diante de si, ela se distinguia, como uma esmeralda num leito de folhas acastanhadas de outono. Apenas Saphira rivalizava com a sua esplendorosa aparência.

Eragon e Arya apresentaram-se a Nasuada e, em seguida, ao Rei Orrin. Nasuada saudou-os formalmente em nome dos Varden, enaltecendo-os pela sua bravura. Ao terminar, disse:

“Sim, Galbatorix pode ter um Cavaleiro e um dragão a lutar a seu lado, da mesma forma que Eragon e Saphira lutam do nosso; pode ter um exercito que de tão vasto escurece a terra; e pode ser adepto de estranhas e terríveis formas de magia - abominações da arte da feitiçaria. - Mas, apesar de todo o seu terrível poder maléfico, não conseguiu impedir

Eragon e Saphira de invadir os seus domínios e matar quatro dos seus servos favoritos; nem que Eragon atravessasse impunemente o Império. O braço do impostor só pode estar de fato enfraquecido, ao não conseguir proteger as suas fronteiras nem os seus agentes pestilentos, no interior das suas fortalezas escondidas”.

Por entre os aplausos entusiásticos dos Varden, Eragon não deixou de sorrir secretamente, pela forma admirável como Nasuada jogava com as emoções deles, inspirando-lhes confiança, lealdade e coragem, perante uma realidade muito menos favorável do que ela a retratava. Não mentia para ninguém - que ele soubesse, Nasuada nunca mentia, nem mesmo junto do Conselho dos Anciãos ou de qualquer outro dos seus rivais políticos -, relatava a eles as verdades que melhor contribuía para sustentar a sua posição bem como os argumentos. Nesse aspecto, pensou ele, ela era como os elfos.

Logo que os Varden, transbordantes de entusiasmo, se acalmaram, o Rei Orrin agradeceu Eragon e Arya, tal como Nasuada. O seu discurso foi moderado comparativamente com o de Nasuada e, embora a multidão o escutasse cortesmente, e o aplaudisse, tornou-se óbvio para Eragon que, por muito que o povo respeitasse Orrin, não o amava da mesma forma que a Nasuada, tão pouco este conseguia fazer disparar a sua imaginação como ela. O rei de rosto macio era dotado de um intelecto superior, mas a sua personalidade era demasiado refinada, excêntrica e branda para que os humanos que se opunham a Galbatorix depositassem nele as suas esperanças mais desesperadas.

“Se derrotarmos Galbatorix”, disse Eragon a Saphira. “Orrin deveria tomar o seu lugar em Uru’baen, pois não conseguiria unir o reino da mesma forma que Nasuada uniu os Varden”.

“Concordo”.

Depois de um longo discurso, Orrin terminou e Nasuada sussurrou a Eragon, “Agora é a sua vez de se dirigir aos que se reuniram aqui para conseguir ter um vislumbre do famoso Cavaleiro do Dragão”, e os seus olhos cintilaram de uma felicidade contida.

“Eu?”

“Todos o aguardam”.

Eragon virou-se e encarou a multidão, com a boca seca como areia. Sentia a mente em branco e, durante alguns segundos de pânico, julgou que a língua continuaria a trai-lo e que iria se embaraçar perante a comunidade dos Varden. Algures ouviu-se um cavalo relinchar, mas tirando isso o acampamento lhe parecia assustadoramente silencioso. Foi Saphira que conseguiu arrancá-lo daquela inércia, tocando-lhe no cotovelo com o focinho e dizendo:

“Diga-lhes que se sente muito honrado pelo apoio deles e que você está muito feliz por regressar para junto deles”.

Com o encorajamento de Saphira, Eragon conseguiu proferir algumas palavras hesitantes recuando um passo com uma vênia logo que lhe foi possível.

Forçando um sorriso enquanto os Varden o aplaudiam e o aclamavam, batendo com as espadas nos escudos, exclamou:

“Foi horrível! Preferia combater um espectro a ter de fazer isto novamente”.

“Com franqueza! Não foi assim tão difícil, Eragon”.

“Foi sim!”

Saphira roncou zombeteiramente, deixando escapar uma baforada de fumaça pelas narinas.

“Belo Cavaleiro do Dragão você me saiu, com medo de falar em público! Se Galbatorix soubesse, bastaria pedir que você falasse às suas tropas e ia ter você a mercê dele. Ha!”

“Não tem graça”, resmungou ele, mas o dragão continuou a rir.



## RESPOSTA AO REI

Depois de Eragon se dirigir aos Varden, Nasuada fez um gesto e Jörmundur saltou para o seu lado.

“Mande todos regressarem aos seus respectivos postos. Se nos atacassem agora, seríamos esmagados”.

“Sim, Senhora”.

Fazendo sinal a Eragon e a Arya, Nasuada pousou a mão esquerda no braço do Rei Orrin e entrou com ele no pavilhão.

*E você?* , perguntou Eragon a Saphira enquanto os seguia. Entrou no pavilhão e reparou que o painel ao fundo fora enrolado e preso a uma estrutura de madeira, no topo, para que Safira conseguisse meter a cabeça e participar dos acontecimentos. Instantes depois, a viu enfiar a cabeça e o pescoço na abertura, escurecendo o interior da tenda ao acomodar-se. As paredes ficaram decoradas por manchas de luz púrpura projetadas pelas escamas azuis ao refletirem no tecido vermelho.

Eragon examinou o resto da tenda. O espaço estava vazio em comparação com a última vez que o visitara, atendendo à destruição que Saphira provocara, ao engatinhar para o interior do pavilhão a fim de ver Eragon através do espelho de Nasuada. Restavam apenas quatro peças de mobiliário, o que transmitia uma aparência austera, mesmo em termos militares. Havia uma cadeira polida, de costas altas, onde Nasuada estava sentada, com o Rei Orrin em pé ao seu lado; o dito espelho, colocado à altura dos olhos num poste de latão gravado; uma cadeira desdobrável; e uma mesa baixa com mapas e outros documentos importantes espalhados. O chão estava coberto por um tapete com um intrincado padrão de nós, fabricado pelos anões. Um pouco além de Arya e ele, cerca de vinte pessoas estavam já reunidas junto de Nasuada. Todos o olhavam. Entre o grupo, reconheceu Narheim, o atual comandante das tropas dos anões, Trianna, dos feiticeiros dos Du Vrangr Gata, Sabrae, Umérth e os restantes membros do Conselho dos Anciãos, à exceção de Jörmundur; assim como uma série de nobres e funcionários da corte do Rei Orrin. Os que não conhecia deveriam igualmente ocupar posições importantes numa das diversas facções que compunham o exército dos Varden. Seis dos guardas de Nasuada também lá estavam - dois à entrada e quatro atrás dela. Eragon detectou o padrão confuso dos pensamentos obscuros e tortuosos de Elva, do local onde a criança feiticeira permanecia escondida, no extremo oposto do pavilhão.

“Eragon”, disse Nasuada , “você ainda não conhece, por isso deixe-me apresentar você à Sagabato-no Inapashunna Fadawar, chefe da tribo Inapashunna. Ele é um homem corajoso.”

Ao longo da hora seguinte, Eragon suportou o que parecia ser um interminável desfile de apresentações, cumprimentos e questões a que não podia responder abertamente, sem incorrer em revelações que seria preferível não fazer. Depois de todos os convidados terem falado com ele, Nasuada convidou-os a sair. Logo que abandonaram o pavilhão, ela bateu palmas e os guardas fizeram entrar um segundo grupo. Após o segundo grupo saborear os frutos duvidosos da visita, surgiu um terceiro. Mantendo-se sorridente, Eragon apertava mãos umas depois das outras, trocando gracinhas inconsequentes e esforçando-se por memorizar a variedade de nomes e títulos que o cercavam, desempenhando com absoluta civilidade o papel que lhe fora reservado. Ele sabia que eles estavam ali para homenageá-lo, não por amizade mas pelo fato dele encarnar a possibilidade de vitória dos povos livres de Alagaësia, graças ao seu poder e ao que esperavam ganhar através dele. No seu íntimo, Eragon gritava de frustração e desejava

ardentemente se libertar da sufocante opressão das boas maneira e da cortesia, montar em cima de Saphira e voar para um local sereno.

O único aspecto que causou prazer durante todo aquele processo foi ver como os suplicantes reagiam aos dois gigantescos Urgals que se mantinham atrás da cadeira de Nasuada. Uns fingiam ignorar os guerreiros de chifres, embora Eragon percebesse que as criaturas os exasperavam, pela rapidez dos movimentos e pela estridência das vozes; outros olhavam para eles com hostilidade, mantendo as mãos no punho das espadas ou das adagas. Havia outros que assumiam uma postura de falsa ousadia, fazendo pouco caso da força notória dos Urgals, vangloriando-se da sua. Somente meia dúzia de pessoas pareciam não ficar afetadas pela presença dos Urgals, a começar por Nasuada. Entre elas contava-se o Rei Orrin, Trianna e um conde que dizia ter visto Morzan e o seu dragão destruir uma cidade inteira quando ainda era um rapaz.

Numa altura em que Eragon já estava pelos cabelos, Saphira inchou o peito e soltou um rugido vibrante, tão profundo que fez estremecer o espelho na moldura. O pavilhão ficou mais silencioso que um túmulo. O som não fora abertamente ameaçador, mas de qualquer forma captou a atenção de todos, revelando que aquele procedimento estava deixando-a impaciente. Nenhum dos convidados teve a triste idéia de testar a sua tolerância. Com meia dúzia de desculpas improvisadas, reuniram os seus objetos e abandonaram de imediato o pavilhão, acelerando o passo ao verem Saphira tamborilar com a ponta das garras no chão.

Nasuada suspirou ao ver a lona da entrada balançar e fechar-se com a saída do último visitante. “Obrigada, Saphira. Lamento ter que sujeitar você à chatice das apresentações públicas, Eragon, mas como você sabe ocupa uma posição de grande destaque entre os Varden e eu não posso reservar você somente para mim. Agora você pertence ao povo. Eles exigem que os reconheça e que dispense a eles o tempo que consideram justo ser concedido. Nem você, nem Orrin, nem eu podemos recusar os desejos do povo. Até Galbatorix, sentado no seu trono obscuro de poder em Urû’baen, receia a multidão inquieta, embora o possa negar a todos, nomeadamente a si mesmo.”

Mal os convidados abandonaram o espaço, o Rei Orrin colocou de lado o decoro real e a sua expressão austera deu lugar a uma mais humana de alívio, irritação e curiosidade feroz. Rolando os ombros debaixo dos trajes austeros, olhou para Nasuada e disse, “Acho que podemos dispensar a companhia dos seus Falcões Noturnos”.

“Concordo”, disse Nasuada. Bateu palmas e solicitou aos seis guardas que abandonassem a tenda.

Arrastando uma cadeira vazia para junto de Nasuada, o Rei Orrin sentou-se, num emaranhado de braços, pernas e pregas ondulantes de tecido. “Veja bem”, iniciou ele, olhando simultaneamente para Eragon e Arya, “vamos ouvir o relato completo das suas aventuras, Eragon, Matador de Espectros. Ouvi apenas explicações simples sobre motivo que o fez decidir ficar em Helgrind, e tive minha cota de respostas evasivas e enganosas. Tenho todo o interesse em descobrir a verdade, por isso aviso para você: não tente esconder de mim o que realmente aconteceu enquanto esteve no Império. Ninguém sairá desta tenda, enquanto eu não sentir que você me contou tudo.”

Num tom de voz frio, Nasuada interrompeu, “Você faz muitas suposições... Majestade. O Senhor não tem autoridade para me confinar em lugar algum; nem a mim, nem a Eragon que é meu vassalo, nem a Arya que não deve obediência a algum soberano humano, mas a alguém mais poderoso que nós dois juntos. Tão pouco nenhum de nós pode confinar vossa majestade. É pouco provável que encontremos em Alagaësia alguém tão próximo da qualidade de nós cinco. Seria bom que não se esquecesse disso.”

A resposta do Rei Orrin foi igualmente dura. “Estou excedendo os limites da minha soberania? Talvez. Você tem razão: Não tenho autoridade sobre você. Porém, se somos

iguais, não vejo quaisquer evidências disso na forma como me trata. Eragon presta contas para você e apenas para você. Com o Teste das Facas Longas ganhou o domínio sobre as tribos nômades, muitas delas que se contavam há muito entre os meus súditos. Além disso, comanda como sabe muito bem, tanto os Varden, como os homens de Surda, que há muito servem a minha família com uma bravura e uma determinação fora do normal”.

“Foi você que me pediu para orquestrar esta campanha - argumentou Nasuada. “Eu não destitui você”.

“Sim, foi por um pedido meu que assumisse o comando de inúmeras e distintas forças. Não sinto vergonha em admitir que você tem mais experiência e tem revelado mais êxito na condução da guerra. As nossas esperanças são muito precárias para que você, eu, ou qualquer um de nós se permita sentir um falso orgulho. Porém, desde a sua investida que parece esquecer que ainda sou Rei de Surda e que a linhagem da família Langfeld remonta a Thanebrand, o Doador do Anel, que sucedeu ao velho e louco Palancar, o primeiro da nossa raça a sentar-se no trono no que hoje é Urû'baen.”

“Tendo em conta a nossa herança e o auxílio que a Casa de Langfeld tem prestado nesta causa, é um insulto da sua parte ignorar os direitos inerentes à minha posição. Age como se apenas o seu veredicto fosse relevante e as opiniões dos outros não tivessem qualquer importância, podendo ser atropeladas na concretização do objetivo que já tenha decidido ser o melhor para a porção de humanidade livre que teve a sorte de ter você como líder. Negócios, tratados e alianças, por sua própria iniciativa, assim como a aliança que fez com os Urgals, esperando que eu e os outros agíssemos de acordo com as suas decisões. É como se falasse em nome de todos. Organiza visitas de estado de caráter preventivo, tais como a de Blodhgarm-vodhr, sem sequer me prevenir da sua chegada, nem espera que eu me reúna com você para que possamos receber a sua delegação, juntos, como iguais. E quando revelo o temor de perguntar *por que motivo* Eragon - o homem cuja existência é a razão pela qual envolvi o meu país nesta aventura -, esta pessoa tão importante, decidiu pôr em perigo a vida dos Surdaneses e de todas as criaturas que se opõem a Galbatorix, permanecendo no seio dos nossos inimigos, como você reage? Me trata como se não passasse de um subordinado excessivamente zeloso e inquisidor, cujas preocupações infantis distraem você de assuntos mais urgentes. Bah! Não vou admitir isso, lhe garanto. Se não consegue respeitar a minha posição e aceitar uma partilha igualitária de responsabilidades, como é suposto acontecer entre dois aliados, na minha opinião não reúne condições para comandar uma coligação como a nossa e irei me opor a você como puder”.

*Que tipo mais enfadonho*, comentou Saphira.

Alarmado com o rumo que aquela conversa estava a tomar, Eragon disse, *O que faço? Não pretendia falar para ninguém de Sloan a não ser a Nasuada. Quanto menos gente souber que ele está vivo melhor.*

As pontas das escamas em forma de diamante, de ambos os lados do pescoço de Saphira, ergueram-se a alguns milímetros da pele, provocando-lhe uma cintilação trêmula azul-mar da nuca até a crista dos ombros. As camadas irregulares de escamas protetoras davam a ela uma aparência feroz e eriçada. *Não posso dizer para você o que é melhor, Eragon. Neste caso, terá que confiar no seu próprio julgamento. Escuta o seu coração com atenção e talvez se torne claro o que fazer para se livrar destes traiçoeiros poços de ar.*

Em resposta a explosão do Rei Orrin, Nasuada cerrou punhos sobre o regaço, com as juntas assustadoramente brancas destacando-se do verde do vestido e acrescentou num tom calmo e uniforme, “Se ofendi você, Senhor, foi por precipitação e descuido e não por desejo de humilhá-lo ou à sua casa. Por favor, perdoe as minhas faltas. Não voltarei

a cometê-las, prometo. Como você mesmo disse, há pouco ascendi a este posto; pelo visto ainda terei que aprender a dominar as sutilezas que lhe são inerentes.”

Orrin inclinou a cabeça num gesto frio, mas gracioso, demonstrando aceitar as suas palavras.

“Quanto a Eragon e as suas atividades no Império, não poderia contar-lhe detalhes mais específicos, pois nem eu tive acesso a mais informação. Não era uma situação que fosse do meu desejo espalhar por aí, como pode notar”.

“Não, claro que não”.

“Parece-me, portanto, que a cura mais rápida para a disputa com as quais nos debatemos, é permitir que Eragon nos conte objetivamente o que aconteceu durante a viagem, para que possamos perceber o episódio em toda a sua extensão e assim fazer um julgamento a respeito do assunto”.

“Somente isso não é a cura”, replicou o Rei Orrin. “Mas é o princípio, logo terei todo o prazer em ouvir”.

“Então deixemos de interrupções” disse Nasuada. “Começemos pelo início e vamos acabar com o suspense. Eragon, chegou o momento de relatar a sua história”.

Deparando-se com Nasuada e com os outros lhe encarando, revelando com uma expressão vaga, Eragon tomou a sua decisão. A seguir, ergueu o queixo e começou, “O que irei contar, faço a título de confidência. Sei que não posso esperar que nenhum de vocês, Rei Orrin ou Lady Nasuada, jurem manter este segredo em seus corações até o dia da sua morte; no entanto, torço muito para que ajam como tal. Na realidade, o conhecimento dos fatos, poderia ser motivo de grande dor se chegasse aos ouvidos errados.”

“Um rei que não saiba apreciar o valor do silêncio, não será rei por muito tempo,” reconheceu Orrin.

Sem mais rodeios, Eragon descreveu tudo o que lhe aconteceu em Helgrind, nos dias que se seguiram e, depois, Arya explicou como conseguira localizar Eragon, corroborando o relato das etapas da viagem, descrevendo alguns fatos e tecendo comentários sobre eles. Após ambos dizerem tudo, o pavilhão permaneceu em silêncio. Orrin e Nasuada ficaram imóveis nas suas cadeiras. Eragon sentiu-se como quando era criança, aguardando que Garrow lhe dissesse qual seria o castigo, na sequência de ter cometido alguma imprudência na fazenda.

Orrin e Nasuada mergulharam numa profunda reflexão durante alguns minutos. Em seguida, ela alisou a parte da frente do vestido e disse, “É possível que o Rei Orrin tenha outra opinião e, se assim for, terei todo o empenho em ouvir as suas razões. Pela minha parte, creio que fez o mais acertado, Eragon.”

“Eu também acho”, disse Orrin, surpreendendo todos.

“Acham?”, exclamou Eragon. Entretanto hesitou: “Não quero parecer impertinente, na medida em que me sinto satisfeito por sua aprovação; de qualquer modo não esperava que vissem com bons olhos a minha decisão de poupar a vida de Sloan. Se me permitem que eu pergunte o porquê vocês...”

Rei Orrin interrompeu-o. “Por que motivo aprovamos? A lei deve ser cumprida. Se você se nomeasse carrasco de Sloan, Eragon, estaria a tomar o poder que eu e Nasuada detemos. Pois aquele que tem a audácia de determinar quem morre ou quem vive, deixou de cumprir a lei e passou a ditá-la. Por muito benevolente que fosse, a nossa espécie teria a perder. Nasuada e eu, obedecemos ao único soberano, perante o qual os reis se tem de ajoelhar. Obedecemos a Angvard, em seu reino do crepúsculo eterno. Obedecemos ao Homem Cinzento montado no seu cavalo cinza. Morte. Mesmo sendo os piores tiranos da história, a seu tempo Angvard acabaria por nos subjugar... Mas

você, não. Os humanos são uma raça com uma vida curta; não podemos ser governados por um imortal. Não precisamos de outro Galbatorix.” Orrin deixou escapar uma estranha gargalhada e a sua boca contorceu-se num sorriso desprovido de qualquer humor. “Percebe, Eragon? É tão perigoso que somos forçados a admitir o risco perante você, na esperança de que seja um dos poucos capazes de resistir ao encanto do poder.” O Rei Orrin entrelaçou os dedos por baixo do queixo, fixando o olhar numa prega da túnica. “Já disse mais do que pretendia... Por todas estas razões e outras, concordo com Nasuada. Fez bem em conter a sua mão quando encontrou esse Sloan, em Helgrind. Por muito inconveniente que este episódio fosse, teria sido de longe muito pior, até para você, se o tivesse morto para sua satisfação e não em legítima defesa, ou mesmo para servir os outros”.

Nasuada anuiu. “Isso foi bem dito”.

Arya ouvia tudo com uma expressão impenetrável. Independentemente das suas idéias sobre o assunto, nunca as divulgou.

Orrin e Nasuada pressionaram Eragon com uma série de questões sobre as maldições que lançara sobre Sloan, inquirindo-o igualmente sobre o resto da viagem. O interrogatório prolongou-se de tal modo, que Nasuada ordenou que Ihe trouxessem para o pavilhão um tabuleiro de cidra fresca, fruta, tartes de carne e ainda o quarto traseiro de um vitelo para Saphira. Nasuada e Orrin tiveram boas oportunidades para comer entre cada questão colocada. No entanto, Eragon esteve sempre tão ocupado a relatar os acontecimentos, que ingeriu apenas dois pedaços de fruta e bebericou um pouco de cidra para umedecer a garganta.

Finalmente, o Rei Orrin despediu-se deles e saiu para passar revista a sua cavalaria. Arya saiu um minuto depois, explicando que tinha de preparar o relatório para a Rainha Islanzadí, tal como, de acordo com as suas palavras, “aquecer uma banheira de água, tirar a areia da pele e recuperar a aparência habitual. Não me sinto bem sem a ponta das minhas orelhas, com os olhos tão redondos e nivelados e os ossos do rosto no lugar errado.”

Logo que ficou sozinha com Eragon e Saphira, Nasuada suspirou e encostou a cabeça nas costas da cadeira. Eragon ficou perplexo, ao vê-la tão exausta. A sua vitalidade e presença tinham desaparecido. O fogo no olhar também. Eragon percebeu que ela fingiu estar mais forte para não tentar os seus inimigos e não desmoralizar os Varden, perante um cenário de fraqueza.

“Está doente?”, perguntou Eragon.

Ela acenou com a cabeça para os braços. “Não propriamente. Estou demorando a me recuperar mais do que imaginara... Há dias mais complicados do que outros”.

“Se quiser eu posso...”

“Não. Agradeço, mas não. Não me tente. Uma das regras do Teste das Facas Longas é deixar as feridas sararem ao seu ritmo e sem magia; caso contrário os participantes não terão sofrido em pleno a dor dos seus golpes”.

“Isso é barbárie!”

Um sorriso aflorou-lhe lentamente aos lábios. “Talvez, mas as coisas são como são e eu não me permitiria desistir numa fase tão avançada do teste, só por não conseguir suportar um pouco de dor.”

“E se as suas feridas infeccionarem?”

“Se infeccionarem, paciência. Pagarei o preço pelo meu erro. Mas duvido que isso aconteça enquanto Ângela tratar de mim. Ela tem imensos conhecimentos armazenados, no que toca ao uso de plantas medicinais. Quase que acredito que seria capaz de enunciar o verdadeiro nome de todas as espécies de ervas, oriundas das planícies a leste daqui, só apalpando as folhas”.

Saphira, que se mantivera tão quieta que parecia estar dormindo, bocejou, quase tocando no chão e no teto com a ponta dos maxilares abertos. Em seguida, abanou a cabeça e o pescoço projetando manchas de luz refletidas pelas escamas em redor da tenda, a uma velocidade estonteante.

Endireitando-se na cadeira, Nasuada disse, “Ah, desculpe-me. Sei que foi entediante. Ambos se revelaram muito pacientes. Obrigada”.

Eragon ajoelhou-se passou a mão direita sobre a mão dela. “Não precisa se preocupar comigo, Nasuada. Sei qual é o meu dever. Jamais desejei reinar; esse não é o meu destino. E se, alguma vez, me for dada a hipótese de me sentar num trono, recusarei e zelarei para que este seja ocupado por alguém mais apto do que eu para liderar a nossa raça.”

“É uma boa pessoa, Eragon”, murmurou Nasuada, apertando-lhe a mão entre as suas. Depois riu-se. “Por sua causa, Roran e de Murtagh, passo a vida preocupada com os membros da sua família”.

Eragon levantou o nariz, ao ouvir a sua observação. “Murtagh não é da minha família”.

“É claro, perdoe-me. Mesmo assim, tem que admitir que é assustador pensar nas preocupações que vocês três têm causado tanto ao Império como aos Varden.”

“É um talento nosso,” brincou Eragon.

*Isso corre no sangue deles,* acrescentou Saphira. *Aonde quer que vão, metem-se nos maiores perigos possíveis,* e tocou no braço de Eragon. *Especialmente este. Que mais se poderia esperar de gente do Vale Palancar? Descendem todos de um rei louco!*

“Mas eles não são loucos,” replicou Nasuada. “Creio. Às vezes é difícil de explicar”, e riu-se. “Se você, Roran e Murtagh estivessem fechados na mesma cela, não sei exatamente quem iria sobreviver”.

Eragon também riu também. “Roran. Esse nunca deixara que algo tão insignificante como a morte se interpusesse entre ele e Katrina.”

O sorriso de Nasuada tornou-se ligeiramente tenso. “Não, creio que não iria permitir tal”. Silenciou durante quase meio minuto e depois disse: “Santo Deus, que egoísta sou. O dia quase acabando e eu aqui retendo você só para usufruir de um ou dois minutos de conversa ociosa.”

“O prazer é meu.”

“Sim, mas há melhores locais para conversas entre amigos. Depois de tudo o que passou, deve querer se lavar, mudar de roupa e comer uma boa refeição, não? Imagino que esteja esfomeado!” Eragon olhou de relance para a maçã que ainda tinha na mão, mas concluiu que seria indelicado continuar a comê-la quando a sua audiência com Nasuada estava prestes a terminar. Nasuada percebeu e disse, “A sua expressão fala por você, Matador de Espectros. Está com cara de lobo esfomeado no pino do inverno. Não vou mais atormentar você. Vá, tome um banho e vista a sua melhor túnica. Quando estiver apresentável, teria muito gosto que se reunisse comigo e me acompanhasse na refeição da noite. Você não será o meu único convidado, como é óbvio, pois os assuntos dos Varden exigem minha atenção constante. De qualquer modo, alegraria consideravelmente todo o procedimento se aceitasse estar presente”.

Eragon controlou-se para não torcer o nariz ao pensar que teria de passar mais tempo a aparar os golpes verbais dos que ansiavam usá-lo em proveito próprio ou para satisfazer a curiosidade a respeito de Cavaleiros e dragões. Contudo, os convites de Nasuada não podiam ser recusados, por isso fez uma vênia e aceitou o seu pedido.





## UM BANQUETE ENTRE AMIGOS

Eragon e Saphira deixaram a barraca vermelha de Nasuada com o contingente de arqueiros elfos e caminharam para a pequena tenda que foi designada a eles quando se juntaram aos Varden na Campina Ardente. Lá ele encontrou cabeças de porco em água fervendo esperando por ele, a espiral de vapor opalecendo a luz oblíqua do abundante sol do fim de tarde. Ignorando isso por um momento, ele esquivou-se para dentro da tenda.

Após assegurar que nenhum de seus poucos pertences foram levados durante sua ausência, Eragon descarregou sua mochila e cuidadosamente removeu sua armadura, guardando-a ao pé da cama. Precisava ser limpa e untada em óleo, mas essa tarefa teria que esperar. Então ele estendeu-se embaixo da cama, seus dedos raspando o tecido da tenda, e bateu na escuridão até que sua mão entrasse em contato com um longo e duro objeto. Agarrando-o, ele colocou o pesado embrulho de lona sobre os joelhos. Ele desfez os nós do embrulho, e então, começando pela última dobra do embrulho, começou a desenrolar as grossas tiras de lona.

Polegada por polegada, o cabo revestido em couro da espada bastarda de Murtagh ficou a vista. Eragon parou quando expôs o cabo, a guarda transversal, e uma satisfatória extensão da lâmina brilhante, a qual era tão irregular como uma serra, onde Murtagh tinha bloqueado os golpes de Eragon com Zar'roc.

Eragon sentou-se e fitou sua arma, conflitante. Ele não sabia o que o tinha motivado, mas no dia após a batalha, ele retornou ao platô e recuperou a espada do monte de lama pisoteada onde Murtagh a tinha jogado. Então depois de uma simples noite exposto aos elementos, o aço adquiriu uma máscara de ferrugem. Com uma palavra ele retirou a camada de corrosão. Talvez fosse por que Murtagh tinha roubado sua espada que Eragon sentiu-se compelido a fazer uso da espada de Murtagh, como se a troca, embora fosse desigual e involuntária, minimizasse sua perda. Talvez fosse porque desejava reivindicar uma lembrança do conflito sangrento. E talvez fosse porque ele ainda abrigava um sentimento de profunda afeição por Murtagh, apesar das severas circunstâncias que existiam em torno de cada um. Não importa o quanto Eragon abominasse o que Murtagh tinha se tornado, e tivesse pena dele, ele não poderia desfazer a conexão que existia entre eles. Eles compartilhavam o mesmo destino. Se não fosse por um acidente do destino, ele teria sido criado em Urû'baen, e Murtagh no Vale Palancar, e então eles estariam em posições invertidas. Suas vidas foram implacavelmente interligadas.

Enquanto fitava o aço prateado, Eragon compôs um feitiço que removeria as imperfeições da lâmina, envolvendo as fissuras cuneiformes ao longo do corte, e restaurando a força da tempera. Ele queria saber, no entanto, se deveria fazê-lo. A cicatriz que Durza tinha lhe dado ele tinha mantida como uma recordação do encontro deles, pelo menos até os dragões removerem-na durante o Agaetí Blödhren. Ele deveria manter essa cicatriz também? Seria saudável para ele carregar tal lembrança dolorosa em sua cintura? E que espécie de mensagem transmitiria ao resto dos Varden se ele escolhesse manusear a espada de outro traidor? Zar'roc havia sido lhe dada por Brom; Eragon não poderia ter recusado a aceitá-la, nem era a ele educado fazê-lo. Mas ele não era obrigado a reivindicar como sua arma a espada sem nome que descansava sobre suas coxas.

Eu preciso de uma espada, ele pensou. Mas não esta.

Ele embrulhou a espada novamente em sua cobertura de lona e colocou-a embaixo da cama. Então, com uma camisa e uma túnica limpas sob o braço, ele deixou a tenda e foi banhar-se.

Quando ele estava limpo e vestido em uma fina camisa e uma túnica de lãmarae, ele saiu para encontrar Nasuada próxima as tendas dos curandeiros, como ela havia requerido. Saphira levantou voo, já que como ela disse:

“É muito apertado para mim em terra; Eu me mantereí acima das tendas. Além disso, se eu caminhar com você, uma multidão vai se reunir a nossa volta, nós dificilmente conseguiríamos nos mover.”

Nasuada estava esperando por eles numa fileira de três mastros, nos quais meia dúzia de flâmulas berrantes estavam suspensas vacilantes no ar refrescante. Ela havia se arrumado desde que a deixaram e agora vestia um leve vestido de verão, na cor de palha pálida. Seus densos cabelos sebosos foram amontoados em cima da cabeça em uma complexa massa de nós e tranças. Uma simples faixa branca sustentava o arranjo no lugar.

Ela sorriu para Eragon. Ele sorriu de volta e acelerou o passo. Como ele se aproximou, seus guardas misturaram-se aos dela com uma notável exibição de dúvida por parte dos Defensores Noturnos e ponderada indiferença por parte dos elfos.

Nasuada pegou seu braço e, enquanto falavam em voz suave, guiou seus passos como se eles furtivamente atravessassem o mar de tendas. Acima, Saphira circulava o campo, satisfeita em esperar até eles chegarem a seu destino antes que ela aterrissasse. Eragon e Nasuada falaram de muitas coisas. Pouco das consequências passou entre seus lábios, mas a inteligência, a alegria, e o cuidado em seus comentários encantaram-no. Era fácil para ele falar com ela e fácil ouvi-la, e aquela ocasião facilmente revelou-lhe o quanto ele se importava com ela. A proximidade dela com ele excedia em muito aquela que um soberano teria com seu vassalo. Era um novo sentimento para ele, ligando-os. Longe de sua tia Marian, de quem ele tinha apenas algumas lembranças, ele cresceu num mundo de homens e garotos, e ele nunca tinha tido a oportunidade de ser amigo de uma mulher. Sua inexperiência o fez indeciso e suas incertezas fizeram dele desajeitado, mas Nasuada não pareceu notar.

Ela parou-o diante de uma tenda que brilhava interiormente com a luz de algumas velas e que zumbia com uma multidão de vozes inteligíveis.

“Agora nos deveríamos penetrar novamente no pântano da política. Prepare-se.”

Ela arrastou a borda de entrada da tenda, e Eragon pulou como um anfitrião gritando:

“Surpresa!”

Uma grande mesa de cavaletes carregada de comida dominava o centro da tenda, e na mesa estavam sentados Roran e Katrina, vinte ou mais dos cidadãos de Carvahall – incluindo Horst e sua família – Angela a herbolária, Jeod e sua esposa, Helen, e algumas pessoas que Eragon não reconheceu, mas que tinham olhar de marinheiros. Meia dúzia de crianças estavam brincando no chão próximo a mesa; elas pararam suas brincadeiras e fitaram Nasuada e Eragon com bocas abertas, aparentemente incapazes de concluir que aquelas duas figuras estranhas mereciam mais atenção delas.

Eragon oprimido um sorriso. Antes que ele pudesse pensar no que dizer, Angela levantou sua jarra e disse,

“Bem, não fique aí boquiaberto! Venha, sente-se. Eu estou com fome!”

Como todo mundo riu, Nasuada puxou Eragon para os dois lugares vazios próximos a Roran. Eragon ajudou Nasuada a se sentar, e assim que ela sentou-se, ele perguntou

“Você arranjou isso?”

“Roran sugeriu que você poderia querer fazer isso, mas sim, a idéia original foi minha. E eu fiz uma pequena adição dos meus à mesa, como você pode ver.”

“Obrigado,” disse Eragon, encabulado. “Muito Obrigado.”

Ele viu Elva sentada com as pernas cruzadas no quanto esquerdo da tenda, um prato de comida em seu colo. As outras crianças evitando-a – Eragon não podia imaginar que tinham tanto em comum – e nenhum dos adultos, apenas Angela, parecia confortável com sua presença. A pequena garota levantou a cabeça e fitou-o por baixo de suas franjas negras com seus terríveis olhos violetas e murmurou no que ele entendeu como “Saudações, Matador de Espectros”.

“Saudações, Fraseer,” ele murmurou em retorno. Seus pequenos lábios rosados abriram-se no que teria sido um gracioso sorriso se não fosse pelos olhos cruéis excitados acima deles.

Eragon segurou os braços da cadeira sacudindo a mesa, os pratos agitaram-se, e as paredes da tenda sacudiram. Então o suporte da tenda tremeu e se partiu quando Saphira entrou com sua cabeça.

“Carne!” ela disse. “Senti o cheiro de carne!”

Nas próximas horas, Eragon se perdeu na confusão de comida, bebida, e alegria da boa companhia. Era como retornar para casa. O vinho descia como água, e depois deles esvaziarem seus copos uma ou duas vezes, os cidadãos esqueceram suas diferenças e trataram-no como um dos seus, o que foi o maior presente que eles poderiam dar. Eles estavam igualmente generosos com Nasuada, embora eles deixassem de fazer brincadeiras com ela, como às vezes faziam a Eragon. A fumaça pálida encheu a tenda enquanto as velas se consumiam. Perto dele, Eragon ouviu o aumento do timbre da risada de Roran repetidas vezes, e além da mesa o constante aumento das risadas de Horst. Murmurando um encanto, Angela pôs a dançar um pequeno homem que ela moldou em um pedaço de pão fermentado, divertindo muito a todos. As crianças gradualmente superaram o medo de Saphira e ousaram caminhar até ela e acariciar seu focinho. Logo eles estavam escalando seu pescoço, agarrando seus espinhos, e arrastando-se acima dos olhos dela. Eragon riu enquanto assistia. Jeod entretia o grupo com uma música que ele havia aprendido em um livro há muito tempo. Tara dançava um ‘gingado’. Os dentes de Nasuada brilhavam enquanto ela tocava a nuca. E Eragon, após um pedido geral, recontou muitas de suas aventuras, incluindo uma detalhada descrição de sua fuga de Carvahall com Brom, a qual era de especial interesse dos ouvintes.

“E pensar,” disse Gertrude, a conhecida curandeira arrancado seu xale, “nos tínhamos um dragão em nosso vale e nunca soubemos”. Com um par de agulhas de tricô retiradas de dentro de suas mangas, ela apontou para Eragon. “E pensar que curei-o quando suas pernas tinham sido esfoladas por voar em Saphira e nunca suspeitei disso.” Sacudindo a cabeça e demonstrando desaprovação em sua fala, ela pegou um novelo de lã marrom e começou a tricotar com uma rapidez adquirida com décadas de prática.

Elain foi a primeira a deixar a festa, alegando exaustão produzida por seu avançado estágio de gravidez; um de seus filhos, Baldor, foi com ela. Meia hora depois, Nasuada também se foi, explicando que as obrigações de sua posição impediam que ela ficasse até tarde mesmo que ela quisesse, mas que ela desejava-lhes saúde e felicidade e esperava que eles continuassem ajudando-a na luta contra o Império.

Enquanto deixava a mesa, Nasuada acenou para Eragon. Ele juntou-se a ela na entrada. Voltando-se de costas para o resto da tenda, ela disse, “Eragon, eu sei que você precisa de tempo para se recuperar de sua jornada e que você tem suas próprias obrigações as quais você deveria atender. Por isso, amanhã e depois faça o que desejar. Mas na manhã do terceiro dia, apresente-se em minha tenda e nos conversaremos sobre seu futuro. Eu tenho uma missão importantíssima para você.”

“Minha Senhora.” Ele então disse, “Você mantém Elva junto de si onde quer que você vá, não é?”

“Sim, ela é minha guarda-costas contra qualquer perigo que possa escapar aos Defensores Noturnos. Também, sua habilidade de adivinhar o que esta atormentando as pessoas tem sido de grandiosa ajuda. É muito fácil obter cooperação das pessoas quando você esta a par de todos os seus sofrimentos secretos.”

“Você concorda em acabar com isso?”

Ela estudou-o com um olhar intenso.

“Você pretende remover a maldição de Elva?”

“Eu pretendo tentar. Lembre-se, eu prometi a ela que faria.”

“Sim, eu estava lá.” O estrondo de uma cadeira caindo distraiu-a por um momento, então ela disse, “Sua promessa será nossa morte... Elva é insubstituível; ninguém mais tem a sua habilidade. E os serviços prestados por ela, como já afirmei, são mais valiosos do que uma montanha de ouro. Eu penso que, de todos nós, ela é a única que poderia derrotar Galbatorix. Ela poderia antecipar todos os seus ataques, e sua magia mostraria como contra-atacá-lo, e com logo contra-atacássemos não seria necessário sacrificar a vida dela, ela prevaleceria... Para o bem dos Varden, Eragon, para o bem de toda Alagaësia, você não poderia fingir sua tentativa de curar Elva?”

“Não,” ele disse, jogando fora a palavra como se o ofendesse. “Eu não faria se eu pudesse. Seria errado. Se forçarmos Elva a permanecer como está, ela se virará contra nós, e eu não a quero como inimiga.” Ele parou, então acrescentando a expressão de Nasuada, “No entanto, existe uma boa chance de eu não conseguir. Remover um feitiço falado incertamente é o mais difícil das melhores expectativas... Se eu pudesse fazer um sugestão?”

“Qual?”

“Seja honesta com Elva. Explique a ela o quanto ela é valiosa aos Varden, e pergunte a ela se ela continuaria carregando esse fardo para tornar todas as pessoas livres. Ela poderia recusar; ela teria todo o direito, mas se ela o fizer, seu caráter não é o um que deveríamos confiar de qualquer maneira. E se ela aceitar, então seria por sua própria vontade.”

Com um olhar de pouco caso, Nasuada concordou.

“Eu falarei com ela amanhã. Contudo, você deveria estar presente, para me ajudar a persuadi-la e retirar sua maldição se nós falarmos. Esteja em minha tenda três horas após o amanhecer.” E com isso, ela moveu-se para dentro da noite iluminada por tochas. Muito depois, com as velas derretidas em seu suporte e os aldeões começando a sair em dois ou três, Roran agarrou o braço de Eragon pelo cotovelo e puxou-o para a parte de trás da tenda ficando ao lado de Saphira, onde os outros não poderiam ouvir.

“O que você disse mais cedo sobre Helgrind, era tudo verdade?” perguntou Roran. Seu aperto era como um par de tenazes de aço apertando a carne de Eragon. Seus olhos estavam sérios e inquisitivos, e também anormalmente vulneráveis.

Eragon manteve seu olhar fixo.

“Se você confia em mim, Roran, nunca mais me faça essa pergunta. Não há nada que você precise saber.” Mesmo enquanto falava, Eragon sentiu um profundo desconforto em esconder a existência de Sloan de Roran e Katrina. Ele sabia que a decepção era necessária, mas mentir para sua família o deixou desconfortável. Por um momento, Eragon considerou contar a verdade a Roran, mas então ele se lembrou de todas as razões pelas quais ele decidiu não falar e segurou sua língua.

Roran hesitou, suas feições preocupadas, então se controlou e soltou Eragon.

“Eu confio em você. Antes de tudo, vem a família, certo? Confiança.”

“Isso e morte aos demais.”

Roran riu e esfregou seu nariz com o polegar.

“Isso mesmo.” Ele girou seus largos e redondos ombros e agarrou seu ombro direito massageando-o, um habito que pegou depois que os Ra’zac o morderam. “Eu tenho outra pergunta.”

“Hum?”

“É uma benção... um favor que eu peço a você.” Um estranho sorriso tocou seus lábios, e encolheu o ombro. “Eu nunca pensei que eu falaria disso com você. Você é mais jovem que eu, você apenas atingiu a maioridade, e você é meu primo além de tudo.”

“Fale o que é? Pare de rodeios.”

“Sobre o casamento,” disse Roran, e levantou a cabeça. “Você casaria Katrina e eu? Seria uma satisfação se você pudesse, embora eu não tenha mencionado nada a ela até ter sua resposta, eu sei que Katrina ficaria honrada e encantada se você consentisse em nos unir como marido e esposa.”

Surpreso, Eragon perdeu a fala. Finalmente ele controlou a gagueira, “Eu?” Então ele apressou-se a falar, “Eu ficaria feliz em fazê-lo, é claro, mas... eu? Isso é realmente o que você quer? Eu estou certo que Nasuada concordaria em casar vocês dois... Você poderia pedir ao Rei Orrin, um rei de verdade! Ele pularia diante da chance de presidir a cerimônia se o ajudasse a merecer minha gratidão.”

“Eu quero você, Eragon,” disse Roran, e bateu em seu ombro. “Você é um cavaleiro, e você é o único dentro os vivos que compartilha meu sangue; Murtagh não conta. Eu não consigo pensar em mais ninguém, do contrário eu preferiria fazer um nó em torno de meu pulso e o dela.”

“Então,” disse Eragon, “Eu devo.” O ar agitou-se ao redor dele assim que Roran abraçou e apertou-o com toda sua imensa força. Ele suspirou levemente quando Roran o soltou e então, após sua respiração retornar, disse, “Quando? Nasuada tem uma missão planejada para mim. Eu não sei o que é ainda, mas estou achando que ficarei ocupado por algum tempo. Então... talvez no próximo mês, se os eventos ajudarem?”

Os ombros de Roran elevaram-se. Ele agitou sua cabeça como um touro limpasse seus chifres de um punhado de grama.

“O que você acha de depois de amanhã?”

“Tão cedo? Não é um pouco apressado? Dificilmente existirá tempo para se preparar. As pessoas acharão inadequado.”

Os ombros de Roran ergueram-se, e as veias de suas mãos incharam quando ele abriu e fechou as mãos.

“Não pode esperar. Se não casarmos e rápido, as mulheres mais velhas terão coisas mais interessantes para cochichar do que minha impaciência. Você entende?” Eragon parou por um momento para compreender a pretensão de Roran, mas logo que o fez, Eragon não pode deter um amplo sorriso que se espalhou pelo seu rosto. “Roran está pronto para ser pai!” Ele pensou. Ainda sorrindo, ele disse:

“Eu acho que sim. Será no dia depois de amanhã.” Eragon resmungou enquanto Roran abraçava-o novamente, batendo em suas costas. Com alguma dificuldade, ele se libertou.

Sorrindo, Roran disse:

“Estou em dívida com você. Muito obrigado. Agora eu devo ir compartilhar as notícias com Katrina, e devemos fazer o que podemos para preparar uma festa de casamento. Eu irei informá-lo a hora exata assim que decidirmos.”

“Tudo bem.”

Roran começou a caminhar pela tenda, e então ele se virou e levantou os braços para o alto como se ele abraçasse o mundo inteiro em seus braços. “Eragon, estou me casando!”

Com um sorriso, Eragon brandiu os braços.

“Vá, seu tolo. Ela esta esperando por você.” Eragon subiu em Saphira enquanto as bordas da tenda fechavam-se atrás de Roran.

“Blödhgarm?” ele disse. Quieto como uma sombra, o elfo deslizou pela luz, seus olhos amarelos brilhando como brasas.

“Saphira e eu vamos voar um pouco. Encontraremos vocês em minha tenda.”

“Matador de espectros,” disse Blödhgarm, e acenou a cabeça.

Então Saphira ergueu suas grandes asas, deu três passos, e ergueu-se acima da fileira de barracas, golpeando-as no ar enquanto ela batia forte e rápido. Os movimentos do corpo dela sacudiram Eragon, e ele agarrou o espinho diante dele para se segurar. Saphira voou em espiral para o céu até que o brilho do acampamento fosse um insignificante pequeno ponto de luz na paisagem escura que os cercava. Lá ela existia, navegando entre os céus e a terra, e tudo era silencioso.

Eragon deitou sua cabeça no pescoço dela e fitou um grupo brilhante de poeira que se estendia pelo céu.

“Durma se você quiser pequenino,” disse Saphira. “Não deixarei que caia.”

E ele adormeceu, e visões de uma cidade de pedra circular que ficava no centro de uma planície infinita e uma pequena garota que viajava no meio de uma limitada ruela arejada e que cantava uma assombrosa melodia, envolveram-no.

E a noite se foi até amanhecer.



## SAGAS CRUZADAS

Foi logo depois da alvorada, Eragon estava sentado em sua cela, lubrificando sua cota de malha, quando um arqueiro dos Varden veio até ele e implorou para que curasse a sua mulher que sofria de um tumor maligno. Mesmo que tivesse de estar no pavilhão de Nasuada em menos de uma hora, Eragon concordou e acompanhou o homem à sua tenda. Eragon encontrou a esposa do homem muito enfraquecida graças ao crescimento do tumor, ele utilizou toda a sua habilidade para extrair o ardiloso de suas entranhas. O esforço o deixou cansado, mas estava satisfeito porque foi capaz de salvar a mulher de uma longa e dolorosa morte.

Depois, Eragon se juntou a Saphira do lado de fora da tenda do arqueiro e ficou com ela por alguns minutos, esfregando os músculos perto da base do pescoço dela. Sussurrante, Saphira moveu seu sinuoso rabo e torceu a cabeça e ombros de modo que ele tivesse um melhor acesso à parte macia inferior de seu pescoço. Ela disse, *Enquanto você estava ocupado por aí, outros peticionários chegaram procurando uma audiência com você, mas Blödhgarm e seu condizente os colocaram para fora, pois seus pedidos não eram urgentes.*

Sério? Ele colocou seus dedos sob a ponta de uma de suas grandes escamas do pescoço, arranhando com mais força. *Talvez eu deva fazer como Nasuada.*

*Como assim?*

*Ao sexto dia de cada semana, de manhã até ao meio-dia, ela concede uma audiência a todos os que queiram trazer os pedidos ou disputas ante ela. Eu poderia fazer o mesmo.*

*Eu gosto da idéia,* disse Saphira. *Você apenas terá que ter o cuidado de não gastar muito de sua energia em demandas do povo. Temos de estar prontos para lutar contra o Império de uma hora para outra.* Ele empurrou a mão contra o pescoço dela, o que a fez gemer ainda mais alto.

*Preciso de uma espada,* disse Eragon.

*Então consiga uma.*

*Hum...*

Eragon continuou a coçá-la até que ela se afastou do local onde estavam e disse, *Você vai se atrasar para o encontro com Nasuada a menos que se apresse.*

Juntos, eles foram em direção ao centro do campo e ao pavilhão de Nasuada. Era menos de um quarto de uma milha de distância, então Saphira e Eragon caminharam, em vez voar entre as nuvens, como sempre faziam.

A cerca de cem metros do pavilhão, eles cruzaram com a herbolária Angela. Ela estava ajoelhada entre as duas tendas, apontando para um quadrado de couro esticado sobre uma pedra plana. Sobre o couro esticado estava uma pilha de ossos de um dedo, havia neles um símbolo diferente marcado em cada uma de suas faces: ossos de um dragão, com o qual ela tinha lido o futuro de Eragon em Teirm.

Oposto a Angela estava sentada uma mulher com ombros largos, pele morena, castigada pelo tempo, o cabelo preto longo trançado, como uma espessa corda, e um rosto que ainda era bonito apesar das duras linhas que os anos tinham esculpido em torno de sua boca. Ela usava um vestido castanho-avermelhado que tinha sido feito para uma mulher de menor estatura, com a manga curta em relação ao tamanho de seus braços. Ela tinha amarrado um pedaço de pano escuro ao redor de cada pulso, mas a faixa da esquerda estava mais flexível na direção do cotovelo. Eragon viu espessas cicatrizes na pele dela. As cicatrizes eram de uma espécie que só poderiam ter sido feitas a partir de um constante atrito com algemas. Em algum momento, ele compreendeu, ela havia sido

capturada pelos seus inimigos, e tinha lutado, e lutaram até que ela acabou rasgando a carne de seus pulsos até mostrar o osso, suas cicatrizes não eram nada para se julgar. Ele se perguntou se ela havia sido uma criminosa ou uma escrava, e ele sentia o seu semblante escurecer quando considerou em pensamento como alguém pode ser tão cruel permitindo que algo tão horrível acontecesse a um prisioneiro sob seu controle, mesmo que fosse auto-infligido.

Ao lado da mulher estava uma menina adolescente com aparência séria já entrando na sua fase de beleza adulta. Os músculos dos braços dela eram invulgarmente grandes, como se ela tivesse sido um aprendiz de um ferreiro ou um espadachim, o que era altamente improvável para uma garota, não importa quão forte ela possa estar.

Angela tinha acabado de falar algo para a mulher e sua companheira quando Eragon e Saphira interromperam por trás do cabelo desgrenhado da bruxa. Com um único movimento, Angela recolheu os ossos de dragão no pedaço de couro e aninhou-os sob a faixa amarela na cintura dela. Parada, ela saudou Eragon e Saphira com um sorriso cintilante. “Vocês dois tem o mais impecável senso de tempo. Vocês parecem sempre aparecer quando a roda do destino começa a girar.”

“A roda do destino?” Eragon perguntou.

Ela riu. “O quê? Não podemos esperar brilhantismo a toda a hora, nem mesmo de mim.” Ela fez sinais aos dois estranhos, que também tinham rido e disse, “Eragon, você concorda que irá dar-lhes a sua bênção? Eles têm suportado muitos perigos, e um árduo caminho ainda está diante deles. Tenho a certeza que gostaria de receber qualquer que seja a bênção que a proteção de um Cavaleiro de Dragão possa transmitir.”

Eragon hesitou. Ele sabia que raramente Angela usava os ossos de dragão para as pessoas que procuraram seus serviços - normalmente, apenas para aqueles a quem Solembum estava disposto a falar - como um costume que de fato não era um falso ato de magia, mas sim uma verdadeira previsão que poderia revelar os mistérios do futuro. E Angela tinha escolhido fazer isto para a bonita mulher com as cicatrizes em seu punhos e a jovem menina com os braços de lutadora, disse-lhe que eram pessoas admiráveis, pessoas que tiveram, e ainda teriam, papéis importantes na formação da nova Alagaësia. De modo a confirmar suas suspeitas, ele viu Solembum na sua habitual forma de um gato com grandes e tufadas orelhas oculto por trás do canto de uma barraca vizinha, vendo o procedimento com seus enigmáticos olhos amarelos. E Eragon ainda hesitou, assombrado pela memória da primeira e da última bênção que ele tinha concedido, que, devido à sua falta de familiaridade com a língua antiga, ele havia dificultado a vida de uma inocente criança.

*Saphira?* Ele perguntou.

Sua cauda chicoteou o ar. *Não seja tão relutante. Você aprendeu com o seu erro, e você provavelmente não o cometerá novamente. Porquê, então, você deverá não dar sua bênção a todos aqueles que poderiam beneficiar-se dela? Abençoe-os, eu digo, e faça adequadamente desta vez.*

“Quais são os seus nomes?”, ele perguntou.

“Se você permite, Matador de Espectros,” disse a alta mulher de cabelo preto, com uma pitada de um sotaque que ele não pode identificar, “nomes têm poder, e nós preferimos que os nossos permaneçam desconhecidos.” Ela manteve seu olhar para baixo, porém seu tom foi firme e inabalável. A moça proferiu um pequeno suspiro, como se ficasse chocada com o desaforo da mulher.

Eragon fitou-a, nem chateado nem surpreso, embora a reticência da mulher havia aguçado ainda mais a sua curiosidade. Ele teria gostado de saber os nomes delas, mas eles não eram essenciais para o que ele estava prestes a fazer. Tirando a luva da sua mão direita, ele colocou a sua palma sobre o meio da quente testa da mulher. Ela se retraiu



ao contato, mas não se moveu. Ela deflagrou as narinas, os cantos da boca se aplainaram, um vinco apareceu entre as sobrancelhas, e ele a sentiu tremer, como se o seu toque a atormentasse e ela estivesse tentando não tirar-lhe a mão da sua testa. Em sua mente, Eragon tinha a vaga consciência de que Blödhgarm aproximava-se, pronto para atacar a mulher se por acaso ela revelasse ser hostil.

Desconcertado com a sua reação, Eragon limitou a barreira em sua mente, imerso no fluxo de magia, e, com o pleno poder do antigo idioma, disse, “Atra guliä un ilian tauthr ono un atra ono wäise sköliro fra rauthr.” Por pronunciar a frase com energia, tal como seria a expressão de um feitiço, ele garantiu que iria definir o curso dos acontecimentos e, assim, melhorar bastante a vida daquela mulher. Ele foi cuidadoso ao limitar a quantidade de energia que ele transferiu para a bênção, pois a não ser que ele colocasse controles sobre o mesmo, um feitiço desse tipo iria utilizar toda a energia disponível de seu corpo, deixando-lhe uma casca vazia. Apesar de sua cautela, a queda na sua força foi maior do que ele esperava, a sua visão esmaeceu e suas pernas estremeeceram, ameaçando entrar em queda debaixo dele.

Um momento depois, ele se sentiu recuperado.

Foi com um sentimento de alívio que retirou a mão da testa da mulher, um sentimento de que ela parecia partilhar, pois ela deu um passo para trás e endireitou seus braços. Ela olhou para ele como se tentasse limpar-se de alguma substância imunda. Continuando, Eragon repetiu o procedimento com a menina adolescente. Seu rosto se tornou calmo quando ele pronunciou o feitiço, como se ela pudesse sentir que estava se tornando parte do corpo de Eragon. Ela corou. “Obrigado, Matador de Espectros. Nós estamos em dívida. Espero que você consiga derrotar Galbatorix e o Império.” Ela virou-se para sair, mas parou quando Saphira suspirou e posicionou a cabeça dela sobre Angela e Eragon e, ficando assim no caminho das duas mulheres. Dobrando o pescoço, Saphira primeiro soprou sobre a face da mulher mais velha e, em seguida, sobre a face da jovem, e projetando o seu pensamento com tal força que dominou todas as defesas mentais, parando apenas nas mais resistentes, - pois Angela e Eragon haviam percebido que a mulher com o cabelo negro possuía uma mente protegida - ela disse, Boa caça, ó Selvagens. Que o vento aumente sobre suas asas, que o sol sempre esteja em sua retaguarda e que vocês capturem suas presas cochilando. E, Olhos de Lobo, eu espero que quando você encontrar aquele que deixou seus pulsos em armadilhas, você não o mate demasiadamente depressa.

Ambas as mulheres ficaram rígidas quando Saphira começou a falar. Depois, a mais velha bateu os punhos contra o próprio peito e disse, “Isso não irei, O Bela Caçadora.” Então ela curvou-se a Angela, dizendo, “Treine duro, Ataque primeiro, Vidente.” “Espada cantora.”

Com um girar de saias, ela e a adolescente saíram, e rapidamente se perderam de vista no labirinto das barracas cinza idênticas.

O que, não marcou a testa delas? Eragon perguntou a Saphira.

Elva foi única. Eu não devo marcar ninguém mais com marca parecida. O que aconteceu em Farthen Dûr... aconteceu. O instinto me guiou. Além disso, não posso explicar.

Como os três caminhavam em direção ao pavilhão de Nasuada, Eragon perguntou a Angela.

“Quem eram eles?”

Seus lábios se ligaram. “Peregrinos em sua própria missão.”

“Isso é quase uma resposta,” reclamou ele.

“Não é meu hábito entregar segredos como doces cristalizados no solstício de inverno. Especialmente quando eles pertencem a outros.”

Eragon ficou em silêncio durante alguns momentos. Então: “Quando alguém se recusa a me dizer alguma informação, isso só me faz muito mais determinado a descobrir a verdade. Odeio ser ignorante. Para mim, uma pergunta sem resposta é como um espinho no meu lado que me dói cada vez que eu me movo até eu arrancá-lo para fora.” “Você tem a minha solidariedade.”

“Porquê isso?”

“Porque se é assim, você deve gastar cada hora acordado do seu dia em mortal agonia, porque toda a vida é cheia de perguntas sem resposta.”

Há sessenta pés de distancia do pavilhão de Nasuada, um contingente de Piqueiros marchando através acampamento bloqueou seu caminho. Enquanto eles esperaram os guerreiros passarem, as mãos de Eragon tremiam de fome. “Eu queria que tivesse tempo para uma refeição.”

Rápida como nunca, Angela disse, “É a magia, não é? Ela tem te deixado cansado.” Ele deu de ombros. Enfiando a mão em uma das bolsas que pendia do seu cinturão, Angela tirou um caroço duro marrom manchado com sementes de linho brilhantes. “Aqui, isto vai te segurar até o almoço.”

“O que é isso?”

Ela empurrou para ele, insistente. “Coma. Você vai gostar. Confie em mim.” Como ele pegou o caroço oleoso entre os dedos, ela agarrou seu punho com a outra mão e a segurou em uma posição onde ela inspecionou os calos nas suas mãos. “Muito esperto de sua parte,” disse ela. “Eles estão tão feios como as verrugas em um sapo, mas quem se importa se eles ajudam a manter a sua pele intacta, certo? Eu gosto disto, gosto muito disto. Foram os anões Ascûdgamlín que lhe inspiraram?”

“Nada lhe escapa, não é?” Eragon perguntou.

“Deixa pra lá. Eu só me preocupo com coisas que existem.” Eragon piscou, jogando da mesma maneira que a astuta herbolária. Ela tocou um dos calos com a ponta de uma de suas unhas curtas. “Eu faria isso eu mesma, exceto que eu iria pegar a lã enquanto estou fiando ou fazendo tricô.”

“Você tricota com o seu próprio fio?” Disse ele, surpreso que ela se envolvesse em algo tão comum.

“Claro! É uma maravilhosa maneira de relaxar. Além disso, se eu não fizesse, como eu iria fazer para conseguir uma camisola com a ala Dvalar’s contra os coelhos-bravos em Liduen Kvaedhí, ou uma fita amarela, verde e brilhante?”

“Coelho-Bravo?”

Ela jogou seus espessos cachos. “Você ficaria espantado em saber quantos bruxos já morreram depois de serem mordidos por um coelho bravo. É muito mais comum do que possam pensar.”

Eragon encarou Angela. Você acha que ela está brincando? ele perguntou para Saphira. Pergunte a ela e descubra.

Ela só iria responder com outro enigma.

Os Piqueiros se foram e então Eragon, Saphira, e Angela continuaram em direção ao pavilhão, acompanhados de Solembum, que se juntou a eles sem Eragon perceber. Buscando seu caminho em torno de pilhas de estrume deixados pela cavalaria do rei Orrin, Angela disse, “Então me diga: além de sua luta com os Ra'zac, aconteceu alguma coisa terrivelmente interessante com você durante a sua viagem? Você sabe como eu gosto de ouvir sobre coisas interessantes.”

Eragon sorriu, pensando nos espíritos que haviam enfrentado, ele e Arya. No entanto, ele não quis discuti-las, portanto ele disse, “Já que você perguntou, algumas coisas interessantes aconteceram. Por exemplo, eu conheci um ermitão chamado Tenga que vivia nas ruínas de uma torre élfica. Ele possui uma biblioteca incrível. Nela haviam

sete...”

Angela o parou subitamente, Eragon caminhou outros três passos antes de virar-se para traz. A bruxa pareceu atordoada, como se ela tivesse levado uma pancada na cabeça. Caminhando lentamente em direção a ela, Solembum se inclinou contra as suas pernas e olhou para cima. Ângela molhou seus lábios, então disse, “Você...” Ela Tossiu uma vez. “Você tem a certeza que seu nome era Tenga?”

“Você já o conhece?”

Solembum assoviou, e os pelos que ficavam nas suas costas arrepiaram-se. Eragon afastou-se do menino-gato, visando escapar do alcance de suas garras. “Se o conheci?” Com um riso amargo, Angela plantou suas mãos sobre seu quadril. “Se o conheci? Porque, eu fiz mais do que isso! Eu fui o aprendiz dele por... por um infeliz numero de anos.”

Eragon nunca havia esperado que Angela revelasse algo sobre seu passado. Ansioso para aprender mais, ele perguntou, “Quando foi que você o conheceu? E onde?” “Há muito tempo e em um lugar distante. No entanto, nós nos separamos de maneira ruim, e eu não o vi por muitos e muitos anos.” Angela ficou de cara amarrada. “Na verdade, eu pensava que ele já estivesse morto.”

Saphira falou então, dizendo, Já que você foi aprendiz de Tenga, sabe que questão ele está tentando responder?

“Eu não tenho a mínima idéia. Tenga sempre tinha uma pergunta a qual ele estava tentando responder. Se ele conseguiu, ele imediatamente escolheu uma outra, e assim por diante. Ele pode ter respondido uma centena de perguntas desde a ultima vez que o vi, ou ele ainda pode estar remoendo os dentes sobre a mesma questão de quando eu o deixei.”

Qual foi?

“Se as fases da lua influenciam no número e a qualidade das opalas, que são formadas nas raízes das Montanhas Bëor, como é comumente dito entre os anões.”

“Mas como você pode provar isso?” Eragon opôs.

Angela o encarou. “Se alguém pode, essa pessoa seria Tenga. Ele pode ser desorganizado, mas o seu brilho é o bastante para realiza-lo.”

Ele é um homem que chuta os gatos, disse Solembum, como se isso resumisse a personalidade de Tenga.

Em seguida, Angela bateu as palmas das mãos, e disse, “Chega! Coma seu doce, Eragon, e deixe-nos seguir ao encontro de Nasuada.”



## REPARANDO ERROS

“Vocês estão atrasados” disse Nasuada para Eragon e Angela, eles encontraram assentos na primeira linha de cadeiras arranjadas em um semicírculo antes do alto trono de Nasuada. Também sentada no semicírculo estava Elva e sua zeladora, Greta, a senhora idosa que tinha suplicado a Eragon em Farthen Dûr para abençoar a criança. Como antes, Saphira colocou-se fora do pavilhão e colocou sua cabeça por uma abertura para que ela pudesse participar da reunião. Solembum tinha uma bola de lã ao lado de sua cabeça. Ele parecia estar adormecido, exceto pelas chicotadas ocasionais do seu rabo.

Junto com Angela, Eragon pediu desculpas por sua indolência, e logo ele escutou quando Nasuada explicava a Elva o valor das habilidades dela aos Varden, “como se ela já não soubesse”, Eragon comentou com Saphira, rogando a ela que liberta-se Eragon de sua promessa de tentar desfazer os efeitos da sua bênção. Ela disse que entendia o que ele perguntara, e que para Elva fora difícil, mas o destino da terra inteira estava em jogo, e ela não dava valor pelo sacrifício de alguém para ajudar a resgatar a Alagaësia das mãos demoníacas de Galbatorix? Foi um discurso magnífico: eloquente, fervoroso, e cheio de argumentos destinados a apelar para os sentimentos mais nobres de Elva.

Elva, que tinha estado descansando o seu pequeno queixo pontudo nos seus punhos, levantou a sua cabeça e disse, “Não”. O silêncio chocado penetrou no pavilhão. Transferindo o seu olhar fixo que não pestanejava de uma pessoa a outra, ela entrou em detalhes: “Eragon, Angela, ambos vocês sabem como que se faz para compartilhar pensamentos de alguém e emoções, e como eles morrem. Vocês sabem como é horrível, como ao arrancá-lo, sente-se como se uma parte de você tenha desaparecido para sempre. E é só da morte de uma pessoa. Nenhum de vocês tem de aturar a experiência a menos que você queira, ao passo que eu... não tenho nenhuma escolha, só compartilhar todos eles. Sinto cada morte em volta de mim. Mesmo agora posso sentir a vida que vaza fora de Sefton, um dos seus espadachins, Nasuada, que foi ferido nas Planícies Ardentes, e sei que palavras que poderia dizer-lhe que diminuiria o seu terror da obliteração. O seu medo é tão grande, oh, faz-me tremer!”

Com um grito incoerente, ela lançou seus braços em cima do seu rosto, como se repelisse um soco.

Então, “Ai, ele se foi. Mas há outros. Há sempre outros. A linha dos mortos nunca termina.” A quantidade de amargura em sua voz intensificou-se, uma caricatura do discurso normal de uma criança. “Faça-o realmente entender, Nasuada, Faladora Noturna... ela que seria rainha do mundo? Você entende realmente? Sou a parte interessada a toda essa agonia em volta de mim, ou físico ou mental. Sinto-o como se ele fosse a minha própria magia, e Eragon levou-me a aliviar o desconforto daqueles que sofrem, apesar do preço imposto a mim. E se resisto ao impulso, como estou fazendo neste mesmo momento, meu corpo se rebela contra mim, o meu estômago torna-se ácido, minha cabeça lateja como se um anão estivesse e a martelá-la, e julgo que ele impiedosamente se mova, e muito menos pense. É isto o que você deseja para mim, Nasuada?”

“Noite e dia não tenho folga da dor do mundo. Desde que Eragon abençoou-me, eu conheço apenas a dor e o medo, nunca felicidade ou prazer. O lado mais leve da vida, as coisas que fazem esta existência suportável, esses, são negados a mim, nunca posso senti-los, nunca posso partilhá-los, só escuridão, só a miséria combinada de todos os homens, mulheres, e crianças dentro de um quilômetro, que bate em mim como uma tempestade da meia-noite. Esta bênção privou-me da oportunidade de parecer-me como

outras crianças. Ele forçou o meu corpo a amadurecer mais rápido do que normal e a minha mente mais rápido ainda. Eragon pode ser capaz de retirar esta capacidade horrível de mim e a compulsão que o acompanha, mas ele não pode devolver-me ao que fui, nem quem devo ser, não sem destruir quem me tornei. Não sou entusiasta, nem uma criança, nem um adulto, para sempre destinado a distinguir-me. Não sou cega, você sabe. Vejo como você recua quando você me ouve falar.” Ela sacudiu a cabeça. “Não, isto é muito para exigir de mim. Não continuarei como isto por causa de você, Nasuada, nem pelos Varden, nem por todos da Alagaësia, nem até pela minha cara mãe, se ela estivesse viva ainda hoje, ela não mereceria, não algo tão importante. Posso ir viver sozinha, para que eu sinta as aflições de outra pessoa, mas não quero viver assim. Não, a única solução é Eragon tentar corrigir o seu erro.” Os seus lábios curvaram-se em um sorriso falso. “E se você discorda de mim, se você pensar que estou sendo estúpida e egoísta, por que, então, você faria bem em lembrar-se de que sou apenas um bebê e ainda tenho de celebrar o meu segundo aniversário. Só os tolos esperam que uma criança se martirize para o bem maior. Mas criança ou não, tomei a minha decisão, e nada que você diga me convencerá a fazer de outra maneira. Nisto, sou como ferro.”

Nasuada raciocinou de novo, mas como Elva tinha prometido, comprovou ser uma perspectiva fútil. Finalmente Nasuada pediu a Angela, Eragon, e Saphira para intervir. Angela recusou-se pelo motivo que ela não poderia melhorar as palavras de Nasuada e que a escolha de Elva foi pessoal e por isso a menina deveria ser capaz de escolher que ela não seria saqueada como uma águia por uma tropa de gaios. Eragon tinha uma opinião semelhante, mas ele consentiu em dizer: “Elva, não posso dizer-lhe o que você deveria ser e só você poder determinar quem você é, mas não rejeite o pedido que Nasuada colocou em sua mão. Ela está tentando salvar todos nós de Galbatorix, e ela precisa do nosso suporte se temos alguma possibilidade de êxito. O futuro se oculta para mim, mas acredito que a sua capacidade poderia ser a arma perfeita contra Galbatorix. Você pode predizer cada ataque seu. Você pode dizer-nos exatamente como atacar todas as suas proteções. E antes de qualquer coisa, você seria capaz de sentir onde Galbatorix é vulnerável, onde ele é o mais débil, e o que podemos fazer para prejudicá-lo.”

“Você terá de fazer melhor do que isto, Cavaleiro, se você quer mudar minha vontade.”

“Não quero mudar sua vontade,” disse Eragon. “Só quero assegurar-me que você deu a consideração devida às implicações da sua decisão e que você não está sendo precipitada de mais.”

A menina se moveu, mas não respondeu.

Então Saphira perguntou: “O que está no seu coração, Testa Brilhante?”

Elva respondeu em um tom suave, sem o traço de malícia habitual. “Eu disse o que está em meu coração, Saphira. Qualquer outra palavra seria redundante.”

Nasuada se sentiu frustrada pela teimosia de Elva, ela não se permitiu demonstrar a ela, embora a sua expressão fosse severa, como convinha a discussão. Ela disse, “não concordo com a sua escolha, Elva, mas a cumprimos, já que é óbvio que não podemos mandar em você. Suponho que não posso faltar a você, como não tenho nenhuma experiência com o sofrimento que você é exposta diariamente, e se estivesse na sua posição, seria possível que eu não atuasse diferentemente. Eragon, se você faz...”

No seu comando, Eragon ajoelhou-se em frente a Elva. Os seus olhos violetas lustrosos perfuraram-no quando ele colocou as pequenas mãos de Elva entre as suas maiores. A carne queimou contra a sua pele como se ela tivesse uma febre.

“Doerá, Matador de Espectros?” Greta perguntou, a voz da velha mulher tremia.

“Não deveria, mas não sei com certeza. A remoção de encantamentos é uma arte muito mais inexata do que o arremesso delas. Mágicos raramente, se alguma vez, tentaram por causa dos desafios de que possa existir.”

As dobras no seu rosto contorcido com a preocupação, Greta acariciou Elva na cabeça, dizendo: “Oh, será valente, a minha ameixa. Esteja valente.” Ela não pareceu notar o olhar de irritação que Elva dirigiu a ela.

Eragon ignorou a interrupção. “Elva, escute-me. Há dois métodos diferentes para quebrar um encantamento. Cada mágico que originalmente encantou deve abrir-se para a energia que possui como combustível para nossa magia”

“Isto é a parte com a que sempre tive a dificuldade,” disse Angela. “É por que confio mais em poções, plantas e objetos que são mágicos do que sobre encantamentos. Se você não se lembra...”

Em suas faces apareceram covinhas, e Angela disse: “desculpa, prossiga, direito,” Eragon rosnou. “Cada mágico que originalmente encantou deve abrir-se...”

“Ou ela,” interpôs Angela.

“Por favor, deixe-me terminar?”

“Desculpe.”

O Eragon viu Nasuada tentar reter um sorriso. “Ele abre-se ao fluxo da energia dentro do seu corpo e, falando na língua antiga, retrata não só as palavras do seu encantamento, mas também a intenção atrás dele. Isto pode ser bastante difícil, como você poderia imaginar. A menos que o mágico tenha a intenção direita, ele terminará de alterar o encantamento original em vez de eliminá-lo.

E logo ele não teria de dizer dois encantamentos entrelaçados.

“Outro método deve lançar um encantamento que diretamente contraria os efeitos do encantamento original. Ele não elimina o feitiço original, mas se feito propriamente, ele será inofensivo. Com a sua permissão, isto é o método que pretendo usar.”

“A solução mais elegante,” proclamou Angela, “mas quem, conta, provê a corrente contínua da energia para manter este contra-encantamento? E desde que alguém deva perguntar o que pode dar errado com este determinado método?”

Eragon conservou-se a olhar fixo e concentrou-se em Elva. “A energia terá de vir de você,” ele disse-lhe, apertando as pequenas mãos com a sua. “Não será muito, mas ele ainda reduzirá a sua resistência por certo período. Se eu fizer isto, você nunca será capaz de correr tão longe ou levantar tantas partes da lenha como alguém que não tenha um encantamento semelhante parasitando, como em você.”

“Por que você não pode fornecer a energia?” perguntou Elva, arqueando uma sobrancelha. “Você é aquele que é responsável pela minha situação desagradável, no fim de tudo.”

“Eu queria, mas quanto mais longe estiver de você, mais difícil será o envio da energia a você. E se eu estiver um quilômetro mais distante, digamos, ou talvez um bocado mais, o esforço me mataria. Quanto a isso poder dar errado, o único risco é que faço a palavra do contra-encantamento de modo inapropriado e ele não bloqueará toda da minha bênção. Se isto acontecer, lançarei simplesmente outro contra-encantamento.”

“E se isto ficar frustrado também?”

Ele fez uma pausa. “Então sempre posso usar ao primeiro método que expliquei. Eu preferiria evitar isto, de qualquer modo. Ele é o único caminho de matar completamente um encantamento, mas se a tentativa for feita defeituosamente, e ele muito bem poderia deixar você pior do que você é agora.”

Elva acenou com cabeça. “Entendo.”

“Tenho a permissão para fazer, logo?”

Quando ela mergulhou o seu queixo novamente, Eragon respirou profundamente, preparando-se. Os seus olhos fecharam-se pela metade com a força da sua concentração, ele começou a falar na língua antiga. Cada palavra caiu da sua língua como um peso de

um soco de martelo. Ele teve cuidado para enunciar cada sílaba, cada som que foi estrangeiro à sua própria língua, para evitar um infortúnio potencialmente trágico.

O contra-encantamento foi queimando na sua memória. Ele tinha passado muitas horas durante a sua viagem de Helgrind inventando ele, angustiando-se com ele, desafiando-se a inventar melhores alternativas, todos com a antecipação do dia ele tentaria extirpar o dano que ele tinha causado a Elva. Como ele falou, Saphira canalizou a sua força nele, e ele sentiu o seu apoio nele e a observação estreitamente, pronta para intervir se ela visse em sua mente que ele estava a ponto de vocalizar o encantamento. O contra-encantamento durou muito tempo e foi muito complicado, já que ele tinha procurado dirigir cada razoável interpretação da sua bênção. Por conseguinte, uns cinco minutos cheios passaram antes de Eragon proferir a última oração, palavra, e logo sílaba.

No silêncio que se seguiu, a cara de Elva coberta de nuvens com a decepção. “Ainda posso senti-los,” ela disse.

O Nasuada inclinou-se para frente no seu assento. “Quem?”

“Você, ele, ela, todo o mundo que está na dor. Eles não se foram!

O impulso de ajudá-los, isto se foi, mas esta agonia ainda percorre por mim.”

O Nasuada inclinou-se para frente no seu trono. “Eragon?”

Ele franziu a testa. “Deve ter faltado algo. Dê-me um curto espaço de tempo para pensar, e juntarei outro encantamento que pode acertar em cheio. Há algumas outras possibilidades que considere, mas...” Ele diminuiu incomodado pelo fato que o contra-encantamento não teve o resultado como o esperado. Além disso, formar um encantamento especificamente para bloquear a dor que Elva sentia seria muito mais difícil do que a tentativa de desfazer a bênção no conjunto. Uma palavra incorreta, uma frase pobremente construída, e ele poderia destruir o seu sentido de empatia, ou impedi-la de aprender como comunicar-se com a sua mente, ou inibir o seu próprio sentido da dor, portanto ela não notaria imediatamente o quanto ela foi prejudicada.

O Eragon estava no meio de uma consulta com Saphira quando Elva disse, “Não!”

Perplexo, ele a encarou.

Uma incandescência estática parecia emanar de Elva. O seu círculo, os dentes parecidos a uma pérola raiaram quando ela sorriu os seus olhos que brilhavam com a alegria triunfante. “Não, não tente novamente.”

“Mas, Elva, por que?”

“Porque não quero mais encantamentos se alimentando de mim. E porque somente percebi que não posso ignorá-los!” Ela agarrou os braços da sua cadeira, com tremenda excitação. “Sem o impulso de ajudar todo o mundo que está sofrendo, não posso ignorar as suas preocupações, e não me faz doente! Não posso ignorar o homem com a perna amputada, não posso ignorar a mulher que somente queimou a sua mão, não posso ignorar todos eles, e não me sinto pior por isso! É verdade que não posso bloquear eles perfeitamente, não ainda pelo menos, mas oh, que alívio! Silêncio. Silêncio abençoado! Não há mais cortes, raspagens, manchas pretas, ou ossos quebrados. Nenhuma preocupação mais insignificante de juventude paira sobre minha cabeça. Não mais dor de esposas abandonadas ou maridos chifrudos. Não mais o pânico de arrancar as tripas que precedem a escuridão final.” Com lágrimas que começam a rolar abaixo em suas faces, ela riu, um gorjeio áspero que marcou o couro cabeludo de Eragon.

“Que loucura é esta?” Saphira perguntou. “Mesmo se você pode pô-lo fora da sua mente, por que permanecer algemada à dor de outros quando Eragon ainda pode ser capaz de libertá-la dele?”

Os olhos de Elva incandesceram com a alegria sem gosto. “Nunca me parecerei com a gente ordinária. Se eu devo ser diferente, então me deixem guardar isto que me estabelece à parte. Enquanto posso controlar este poder, como pareço que agora posso,

eu não tenho nenhuma objeção ao transporte desta carga, já que será pela minha escolha e não conseguido sobre mim pela sua magia, Eragon. Então! De agora em diante, não responderei a ninguém e sobre nenhuma coisa. Se eu ajudar alguém, será porque o quero. Se eu servir aos Varden, será porque a minha consciência me diz que eu deveria e não porque você me pergunta, Nasuada, ou porque vomitarei se eu não fizer. Farei com agrado, e aflição para aqueles que me opõem, já que sei todos os seus medos e não hesitarei em jogar sobre eles para cumprir os meus desejos.”

“Elva!” exclamou Greta. “Não diga tais coisas terríveis! Você não pode pensá-los!”

A menina virou em direção a ela tão agudamente, o seu cabelo desdobrado em leque atrás dela. “Ai sim, eu tinha-me esquecido de você, a minha ama-seca. Alguma vez fiel. Sempre exagerou. Sou agradecida a você por adotar-me depois que minha mãe morreu, e pelo cuidado que você deu-me desde então em Farthen Dûr, mas não necessito da sua ajuda mais. Viverei sozinha, tenderei a mim, e não me sentirei em dívida de gratidão com ninguém.” Amedrontada, a velha mulher cobriu a sua boca com a bainha de uma manga e encolheu-se para trás.

O que Elva disse deixou Eragon assustado. Ele decidiu que ele não podia permitir que ela conservasse a sua capacidade se ela ia abusar dele. Com a ajuda de Saphira, já que ela concordou com ele, ele escolheu os mais prometedores dos novos contra-encantamentos que ele tinha estado contemplando antes e abriu a sua boca para entregar as linhas.

Rápido como uma cobra, Elva apertou uma mão por cima dos seus lábios, impedindo-o de falar. O pavilhão tremeu quando Saphira rosnou, e Eragon quase ensurdeceu, com a sua audição realçada.

Como todo o mundo vacilou, salvo Elva, que guardou a sua mão apertada contra a cara de Eragon, Saphira disse, “Deixe-o ir, donzela chocada!”

Alertados pelo rosnado de Saphira, seis guardas de Nasuada entraram no interior da sala, brandindo as suas armas, enquanto Blödhgarm e outros elfos vieram correndo para Saphira e colocaram-se de ambos os lados dos seus ombros, removendo a parede da tenda, portanto eles poderiam todos ver o que acontecia. Nasuada gesticulou, e os Bacuraus abaixaram as suas armas, mas os elfos permaneceram equilibrados com a ação. As suas lâminas raiaram como gelo.

Nem a comoção dela tinha mudado, nem espadas niveladas pareciam perturba-a. Ela levantou a cabeça e fitou Eragon como se ele fosse um besouro excepcional que ela tinha encontrado a rastejar ao longo da borda da sua cadeira, e logo ela sorriu com uma expressão tão doce, inocente, ele admirou-se por que ele não teve maior fé no seu caráter. Em uma voz como mel quente, ela disse, “Eragon, pare. Se você me encantar, você me prejudicará como você me prejudicou da última vez. Você não quer isto. Cada noite quando você se estabelece para dormir, você pensará em mim, e a memória do erro que você cometeu o atormentará. O que você esteve a ponto de fazer foi mau, Eragon. Você é o juiz do mundo? Você me condenará a ausência do mal simplesmente porque você não me aprova? Aquele caminho está o prazer depravado de controlar outros da sua própria satisfação. Galbatorix iria aprovar.”

Ela soltou-o então, mas Eragon foi demasiado incomodado para mover-se. Ela tinha pego especialmente o seu âmagô, e ele não teve nenhum contra-argumento com que defender-se, para as suas perguntas e a observação que foi dirigida a ele. A compreensão passou abaixo da sua espinha. “Sou agradecida para você também, Eragon, por vir aqui hoje para corrigir o seu erro. Não é todo o mundo que está disposto como você a reconhecer e confrontar as suas faltas. Contudo, você não ganhou nenhum favor comigo hoje. Você corrigiu as escalas como melhor você poderia, mas é só o que qualquer pessoa decente deveria ter feito. Você não me compensou para o que aturei,



nem pode. Assim quando cruzamos caminhos depois, Eragon Matador de Espectros, conte-me não como uma amiga ou inimiga. Sou ambivalente em direção a você, Cavaleiro; estou tão preparada para odiá-lo como para amá-lo. O resultado é decisão sua... Saphira, você deu-me a estrela sobre a minha testa, e você sempre foi gentil comigo. Sou e sempre permanecerei a sua empregada fiel.”

Elevando o seu queixo para maximizar a sua altura "três pé e meio", Elva inspecionou o interior do pavilhão. “Eragon, Saphira, Nasuada... Angela. Bom dia.” E sem mais, ela seguiu em direção à entrada. Os Bacuraus se dividiram em filas quando ela passou entre eles e foi embora.

Eragon estava sentindo-se oscilante. “Que tipo de monstro criei?” Dois Bacuraus Urgal tocaram a ponta de cada um dos seus chifres, que ele sabia, era como eles repeliam a maldade. “Nasuada”, ele disse, “Desculpe. Parece que só tenho feito coisas piores para você, para todos nós.”

Calma como um lago de montanha, Nasuada arranjou os seus mantos antes da resposta: “Não importa. O jogo tornou-se um pouco mais complicado, que é de todo. Devemos esperar chegar o mais perto de Urû’baen e Galbatorix.”

Um momento depois, Eragon ouviu o som de um objeto se apressando pelo ar em direção a ele.

Ele esquivou, o mas rápido que pode, mas foi demasiado lento para evitar uma tapa ardido que bateu na sua cabeça de um lado e ele caiu cambaleando contra uma cadeira. Ele rolou através do assento da cadeira e saltou direito, o seu braço esquerdo levantado para repelir um soco próximo, o seu braço direito moveu-se, pronto para apunhalar com a faca de caça, que ele tinha pegado em seu cinto durante a manobra. Para seu assombro, ele viu que foi Angela que o tinha batido. Os elfos aglomeraram-se reunidos atrás da adivinhadora, pronto para subjugar-la se ela tentasse atacá-lo novamente ou escoltá-la longe para não incomodar Eragon. Solembum estava com seus pés, dentes e garras desnudadas, e o seu cabelo que estava no fim.

Direito então, Eragon pode preocupar-se menos com o elfos. “Para que você fez isto?” exigiu. Ele estremeceu como a divisão do lábio inferior, rasgando a pele. O sangue quente, metálico gotejou abaixo de sua garganta.

Angela lançou a sua cabeça para trás. “Agora terei de passar os próximos dez anos ensinando a Elva como comportar-se! Isto não é o que tive em mente durante a próxima década!”

“Ensina-la?” exclamou Eragon. “Ela não o deixará. Ela a parará tão facilmente como me parou.”

“Humph. Provavelmente não. Ela não sabe o que me incomoda, nem o que poderia estar a ponto de prejudicar-me. Vi isto no primeiro dia que ela e eu nos encontramos.”

“Você compartilharia esta proteção conosco?” Nasuada perguntou. “Depois do resultado disto, parece prudente para nós ter um meio da proteção de contra a Elva.”

“Não, não posso fazer isso,” disse Angela. Então ela também marchou para fora do pavilhão, e Solembum atacado à espreita depois dela, abanando o seu rabo muito graciosamente.

Os elfos embainharam suas espadas e retiraram-se a uma distância discreta da tenda.

Nasuada esfregou as suas têmporas com um movimento de circular. “Magia”, ela xingou.

“Magia,” aceitou Eragon.

Os dois olharam para Greta que se lançara sobre a terra e começara a chorar e lamentar-se enquanto puxava seu cabelo fino, batendo-lhe na cara, e rasgando sua roupa.

“Oh, minha pobre querida! Perdi o meu cordeiro! Perdida! O que acontecerá a ela, sozinha? Oh, a aflição é minha, a minha própria pequena flor que me rejeita. Ela é uma

recompensa vergonhosa para o trabalho que fiz, curvando as minhas costas como uma escrava. Que mundo cruel, difícil, sempre roubando a felicidade de você.” Ela gemeu. “A minha ameixa. Minha rosa. A minha ervilha bastante doce. Foi-se! E ninguém para cuidar dela... Matador de Espextros! Você zelará por ela?”

Eragon agarrou-a pelo braço e ajudou-a colocar-se de pé, consolando-a com garantia de que ele e Saphira manteriam um olho em Elva. Se só, como Saphira disse a Eragon, “porque ela poderia tentar deslizar uma faca entre as nossas costelas”.



## PRESENTES DE OURO

Eragon estava ao lado de Saphira, a cinquenta e quatro quilômetros do pavilhão vermelho de Nasuada. Contente de estar livre de toda a comoção que rodeava Elva, ele olhou para o céu azul claro e girou seus ombros, já cansados dos eventos do dia. Saphira pretendia voar até o Rio Jiet e tomar um banho na água profunda e lenta, mas as suas próprias intenções foram menos definidas. Ele ainda tinha de terminar de lubrificar a sua armadura, preparar-se para o casamento de Roran e Katrina, e visitar Jeod, encontrar uma espada própria para ele, e também... Ele havia arranhado o seu queixo.

*Quanto tempo você demorará?* ele perguntou.

Saphira abriu suas asas na preparação para o voo. *Algumas horas. Estou com fome. Uma vez que estarei limpa, irei pegar dois ou três daqueles cervos rechonchudos que vi morder a grama no lado ocidental do rio. Os Varden dispersaram tantos deles, entretanto, eu deveria voar meia dúzia de léguas em direção à Espinha antes que eu encontre qualquer animal digno de caça.*

*Não vá demasiado longe,* ele acautelou, pois *você poderia encontrar o Império.*

*Não irei, mas se eu der com um grupo solitário de soldados...* Ela lambeu os seus lábios. *Eu gostaria de uma luta rápida. Além disso, os seres humanos servem tão bem como um cervo.*

*Saphira, você não pode!*

Os seus olhos faiscaram. *Talvez, talvez não. Depende se eles estão usando armadura. Odeio morder aquele metal, e comer a minha comida dentro de uma concha é muito desagradável.*

*Eu vejo.* Ele lançou os olhos no elfo mais próximo, uma mulher alta, grisalha. *Os elfos não querem que você vá sozinha. Você permitirá um par deles montados em você? De outra maneira, será impossível para eles acompanharem a pé.*

*Não hoje. Hoje, caço sozinha!* Com uma varredura das suas asas, ela decolou, voando alto. Como ela virou para Oeste, em direção ao Rio Jiet, a sua voz ficou sondada em sua mente, mais fraca do que antes por causa da distância entre eles. *Quando voltar, voaremos somente nós dois, não é, Eragon?*

*Sim, quando você voltar, voaremos juntos, somente nós dois.* O seu prazer nisto fez com que ele sorrisse quando ele olhou Saphira longe em direção ao Oeste.

Eragon abaixou o seu olhar fixo em Blödhgarm que veio correndo até ele, flexível como um gato da floresta. O elfo perguntou aonde Saphira ia e pareceu descontente com a explicação de Eragon, mas se ele teve objeção, guardou-a para ele.

“Tudo bem,” Eragon disse para ele e Blödhgarm foi se reunir aos seus companheiros. “As primeiras coisas primeiro.”

Ele andou com passos largos pelo campo até que ele encontrasse um grande quadrado do espaço aberto onde guerreiros dos Varden praticavam com um largo sortimento de armas. Para seu alívio, eles estavam demasiados ocupados com o treinamento para notar a sua presença. Agachando, ele colocou a palma de sua mão direita ascendente na terra pisada. Ele escolheu as palavras de que ele precisaria na língua antiga, e logo murmurou, “Kuldr, rīsa lam iet un malthinae unin böllr.”

O solo junto de sua mão pareceu inalterado, embora ele pudesse sentir o encantamento que examinava minuciosamente a sujeira de centenas de pés em cada direção. Não mais de cinco segundos depois, a superfície da terra começou a ferver como um pote de água deixado demasiadamente sobre uma alta chama, e ele adquiriu um resplendor amarelo brilhante. Eragon tinha aprendido com Oromis que onde quer que cada um fosse a terra

continha todas as partículas miúdas de quase cada elemento, e enquanto eles seriam demasiado pequenos e espalhados dele com métodos tradicionais, um mágico informado, com o grande esforço, poderia extraí-los.

Do centro do terreno amarelo, uma fonte de pó brilhante arqueado em cima de tudo, aterrisou no meio da palma da mão de Eragon. Lá cada partícula de pó brilhante se juntou ao seguinte, até formar três esferas de ouro puro, cada uma do tamanho de uma grande avelã, descansada à sua mão.

“Letta,” disse Eragon, e largou a magia. Ele acomodou-se nos seus calcanhares e fixou-se contra a terra e fez uma onda de cansaço lavado por cima dele. A sua cabeça inclinou-se para frente, e as suas pálpebras desceram a meio caminho e sua visão bruxuleou e escureceu. Respirando profundamente, ele admirou os orbes lisos como espelho na sua mão enquanto ele esperou que sua força voltasse. Tão bastante, ele pensou. *Poderia ter feito isto quando vivíamos no Vale Palancar... Seria tão fácil para mim o ouro. Entretanto, um encantamento não tomou tanto de minha energia desde que transporte Sloan abaixo do topo de Helgrind.*

Ele meteu o ouro no bolso e levantou-se novamente pelo campo. Ele encontrou uma tenda de cozinheiros e comeu um grande almoço, do qual ele precisou depois de lançar tantos encantamentos árduos, logo foi em direção à área onde os aldeões de Carvahall ficavam. Quando se aproximou, ele ouviu o batimento do anel metálico no metal. Curioso, ele virou naquela direção.

Eragon deu passos em volta de uma linha de três veículos puxados a cavalo estacionados através da boca da travessa e viu Horst numa fenda de trinta centímetros entre outras tendas, segurando o fim de uma barra de cinco centímetros de longitude de aço. Outro fim de barra brilhante cor de cereja vermelha estava descansando de cara numa bigorna maciça de duzentas libras que foi posta no topo de um toco baixo e largo. De ambos os lados da bigorna, os filhos fortes de Horst, Albriech e Baldor, alternaram o batimento do aço com marretas, que eles balançaram por cima das suas cabeças em enormes socos circulares. Uma forja temporária incandesceu vários centímetros atrás da bigorna.

A martelagem foi tão barulhenta, que Eragon aguardou à distância até Albriech e Baldor terem terminado de estender o aço e Horst ter devolvido a barra da forja. Tremulando o seu braço gratuito, Horst disse, “Oi, Eragon!” Então ele apoiou um dedo, prevenindo a resposta de Eragon, e tirou uma tomada de lã felpuda fora da sua orelha esquerda. “Ah, agora posso ouvir novamente. O que está fazendo, Eragon?” Enquanto ele falou seus filhos colocaram mais carvão vegetal na forja com um balde e começaram a arrumar a pinça, martelos, dado, e outros instrumentos que se põem na terra. Os três homens raiaram com o suor.

“Eu quis saber o que causava tal comoção,” disse Eragon. “Devo ter adivinhado que foi você. Ninguém mais pode criar um tumulto tão grande como alguém de Carvahall.”

Horst riu, com sua barba grossa, em forma de pá apontada em direção ao céu até que a sua alegria fosse esgotada. “Ai, isto faz cócegas no meu orgulho, como faz. E não é você a verdade viva disso, eim?”

“Somos,” respondeu Eragon. “Você, eu, Roran, todo mundo de Carvahall. A Alagaësia nunca será a mesma uma vez que nosso destino esteja feito.” Ele remexeu na forja e em outro equipamento. “Por que você está aqui? Pensei que todos os ferreiros estivessem...”

“Então, eles estão, Eragon. Eles estão. Contudo, convenci o capitão que nossa carga estava nesta parte do campo e para deixar-me trabalhar mais perto à nossa tenda.” Horst puxou o fim da sua barba. “É por causa de Elain, você sabe. Esta criança, ele vai muito com ela, e não é de se admirar, considerando o que atravessamos para chegarmos aqui.

Ela sempre foi delicada, e agora esta preocupação... bem..." Ele sacudiu-se como um urso que se liberta de moscas. "Talvez você pudesse olhá-la considerando que você consiga achar uma possibilidade e ver se você pode aliviar o seu desconforto."

"Farei isto," prometeu Eragon.

Com um grunhido satisfeito, Horst levantou a barra em parte fora do carvão para julgar melhor a cor do aço. Mergulhando a barra atrás no centro do fogo, ele empurrou a sua barba em direção a Albriech. "Aqui agora, dê-lhe algum ar. Está quase pronto." Como Albriech começou a bombear o fole de couro, Horst sorriu para Eragon.

"Quando eu disse aos Varden que fui ferreiro, eles ficaram tão felizes, você teria pensado que eu era outro Cavaleiro de Dragão. Eles não têm bastantes funcionários metálicos, você vê. E eles deram-me os instrumentos que faltavam para mim, inclusive aquela bigorna. Quando deixamos Carvahall, chorei na perspectiva que eu não teria a oportunidade de praticar o meu ofício novamente. Não sou nenhum ferreiro de espada, mas aqui, ah, aqui há bastante trabalho para ocupar Albriech, Baldor, e a mim durante os próximos cinquenta anos. Eles não pagam muito bem, mas pelo menos não estamos esticados sendo torturados em calabouços de Galbatorix."

"Ou os Ra'zacs estarem mordicando os nossos ossos," observou Baldor.

"Sim, isto também." Horst foi guiado por gestos por seus filhos para tomar em cima das marretas novamente e logo, mantendo a tomada sentida junto da sua orelha esquerda, disse, "Há algo a mais que você deseja de nós, Eragon? O aço está pronto, e não posso deixá-lo no fogo mais tempo sem enfraquecê-lo."

"Você sabe onde Gedric está?"

"Gedric?" O sulco entre as sobrancelhas de Horst tornou-se mais profundo. "Ele deve estar praticando a espada e a lança junto com o resto dos homens, daquele lado aproximadamente a um quarto de um quilômetro daqui."

Horst apontou com um polegar.

Eragon agradeceu-o e partiu na direção que Horst tinha indicado. O anel repetitivo do batimento metálico de metal prosseguiu claro com os repiques de um sino e tão agudo e como a agulha de vidro que apunhala o ar. Eragon cobriu as suas orelhas e sorriu. Ele consolou-se que Horst tinha conservado a sua força de objetivo e que, apesar da perda da sua prosperidade e de sua casa, ele era ainda a mesma pessoa que ele era em Carvahall. De qualquer maneira o ferreiro tinha renovado a consistência e a elasticidade com a fé de Eragon que se só eles podem derrubar Galbatorix, tudo era muito bom no fim, e a sua vida e a daqueles aldeões de Carvahall recuperariam uma semelhança do estado normal.

Eragon logo chegou ao campo onde os homens de Carvahall treinavam com as suas novas armas. Gedric estava lá, como Horst tinha sugerido que ele estivesse, mastreando com Fisk, Darmmen, e Morn. Uma palavra rápida da parte de Eragon com o veterano de um braço que conduzia as furadeiras foi suficiente para segurar o lançamento temporário de Gedric.

O curtidor atropelou Eragon que estava atrás dele, o seu olhar fixo abaixou. Ele era curto e escuro, com uma maxilar como de um mastim, sobrancelhas pesadas, e braços grossos e ásperos de mexer nos tonéis sujos, e cheirava onde ele tinha curado as suas peles. Embora ele fosse longe de ser bonito, Eragon sabia que ele era um homem gentil e honesto.

"O que posso fazer por você, Matador de Espectros?" Gedric resmungou.

"Você já fez. Eu vim aqui para agradecer-lo e reembolsá-lo."

"Eu? Como ajudei você, Matador de Espectros?" Ele falou lentamente, cautelosamente, como se Eragon estabelecesse uma armadilha para ele.

“Logo depois que fugi de Carvahall, você descobriu que alguém tinha roubado três peles de boi da cabana dos tonéis secos. Tenho razão?”

A cara de Gedric escureceu-se com o embaraço, e ele misturou os seus pés. “Ah, bem agora, não tranquei aquela cabana, você sabe. Alguém poderia ter andado furtivamente e ter roubado aquelas peles. Além disso, considerando o que aconteceu desde então, não posso ver como é muito importante. Destruí a maior parte do meu estoque antes que nós fugíssemos para a Espinha, deixando o Império e aqueles Ra’zac imundos colocassem as suas garras em algo de uso. Seja quem for que tomou aquelas peles salvou-me de necessidade de destruir mais três. Assim que passou, passou, digo.”

“Possivelmente,” disse Eragon, “mas ainda me sinto amarrado à honra em dizer-lhe que fui eu que roubei as suas peles.”

Gedric encontrou o seu olhar fixo, então o vendo como se ele fosse uma pessoa ordinária, sem medo, terror, ou respeito excessivo, como se o curtidor reavaliasse a sua opinião de Eragon.

“Roubei-os, e não estou orgulhoso disto, mas precisei das peles. Sem eles, duvido que eu tivesse sobrevivido por muito tempo para conseguir chegar aos elfos em Du Weldenvarden. Eu sempre preferia pensar que eu tinha emprestado as peles, mas a verdade é, roubei-as, já que não tive nenhuma intenção de devolvê-los. Por isso, você tem as minhas desculpas. E desde então estou guardando as peles, ou o que sobrou delas, parece direito pagar por elas.” De dentro do seu cinto, Eragon retirou uma das esferas de magnífico dourado, em redor, e quente do calor da sua carne e jogou para Gedric.

Gedric fitou a pérola metálica brilhante, e seu maxilar maciço apertou-se fechando, as linhas em volta da sua boca formaram lábios finos ásperos e inflexíveis. Ele não insultou Eragon pesando o ouro na sua mão, nem mordendo-o, mas quando ele falou, ele disse, “não posso aceitar isto, Eragon. Fui um bom curtidor, mas o couro que fiz não mereceu isto. A sua generosidade faz você creditar, mas me incomodaria guardar este ouro. Eu iria me sentir como se eu não o tivesse ganhado.”

Não surpreso, Eragon disse, “Você não negaria outro homem a oportunidade de pechinchar para um preço justo, não é?”

“Não.”

“Bom. Então você não pode negar-me isto. A maior parte das pessoas pechincha para baixo. Neste caso, decidi pechinchar para cima, mas ainda pechinharei com ferocidade como se eu tentasse salvar-me uma mão cheia de moedas. Para mim, as peles merecem cada valor daquele ouro, e eu não pagaria um centavo a menos, nem mesmo se você mantivesse uma faca à minha garganta.”

Os dedos grossos de Gedric fecharam em volta do orbe dourado. “Já que você insiste, não serei tão grosseiro para continuar recusando. Ninguém pode dizer que Gedric Ostvensson permitiu que a boa fortuna passasse por ele porque ele foi demasiado ocupado protestando pela sua própria indignidade. Os meus agradecimentos, Matador de Espectros.” Ele colocou o orbe em uma bolsa no seu cinto, enrolando o ouro em um remendo do tecido de lã para protegê-lo de arranhões. “Garrow fez tanto por você, Eragon. Ele fez diretamente tanto por você como por Roran. Ele pode ter sido agudo como vinagre e muito seco como um rutabaga de Inverno, mas ele levantou dois de vocês bem. Ele estaria orgulhoso de você, penso.”

A emoção inesperada encheu o peito de Eragon.

Como Gedric virou para reunir outros aldeões, ele fez uma pausa. “Se posso perguntar, Eragon, por que aquelas peles foram dignas tanto para você? Para que você os usou?”

Eragon riu muito. “Usei-as para que? Por que, com a ajuda de Brom, fiz uma sela para Saphira com elas. Ela não a usa muitas vezes como ela já usou-a, não desde que o elfos

nos deram a sela própria de um dragão, mas ele serviu a nós bem por muitas raspagens e luta, e até a Batalha de Farthen Dûr.”

O assombro levantou as sobrancelhas de Gedric, expondo a pele pálida o que normalmente fica ocultada em pregas profundas. Como uma divisão em granito cinza azul, uma larga extensão se arreganhou através do seu maxilar, transformando as suas características. “Uma sela!” ele respirou. “Imagine, meu curtimento de couro usado como uma sela de Cavaleiro! E sem uma insinuação do que eu fazia no momento, não menos! Não, não um Cavaleiro, O Cavaleiro. Ele que lançará finalmente abaixo o próprio tirano das trevas! Se o meu pai pudesse ver-me agora!” Levantando os calcanhares, Gedric dançou uma jiga improvisada. Como seu arreganho não diminuiu, ele se curvou a Eragon e trotou até o seu lugar entre os aldeões, onde ele começou a relacionar o seu conto a todo o mundo ao alcance da voz.

Ansioso para escapar antes que um lote deles pudesse descer sobre ele, Eragon escapuliu entre as linhas de tendas, agradecido com o que ele tinha realizado. *Eu poderia levar um tempo*, ele pensou, *mas sempre ajustaria as minhas dívidas*.

Logo, ele chegou à outra tenda, perto da borda leste do campo. Ele bateu no pólo entre duas abas dianteiras.

Com um som agudo, a entrada foi deixada à parte para revelar a esposa de Jeod, Helen, que estava na abertura. Ela considerou Eragon com uma expressão fria. “Você veio para falar com ele, suponho.”

“Se ele está aqui?” Que Eragon sabia perfeitamente bem que ele estava, já que ele pode sentir a mente de Jeod tão claramente como a de Helen.

Durante um momento, Eragon pensou que Helen poderia negar a presença de seu marido, mas então ela encolheu os ombros e moveu-se para o lado. “Você poderia entrar também, então.”

Eragon encontrou Jeod que estava sentado em um assento, que olhava atentamente um sortimento de rolos de papel, livros, e maços de papéis soltos que foram empilhados altos em um berço nu de mantas. Um choque fino do cabelo suspendeu através da testa de Jeod, imitando a curva da cicatriz que se estendeu do seu escalpo à sua têmpora esquerda.

“Eragon!” ele gritou quando o viu, as linhas de concentração na sua cara clarearam.

“Bem vindo, bem vindo!” Ele sacudiu a mão de Eragon e logo ofereceu-lhe o assento. “Aqui, vou me sentar no canto da cama. Não, por favor, você é o nosso hóspede. Você gostaria muito de alguma comida ou a bebida? Nasuada dá-nos uma ração extra, portanto não se contenha com medo que estejamos com fome na sua conta. Ela é a passagem pobre comparada com o que servimos a você em Teirm, mas então ninguém deve ir à guerra e esperar comer bem, nem mesmo um rei”.

“Uma xícara de chá seria bem-vinda,” disse Eragon.

“Chá e biscoitos, sim.” Jeod lançou os olhos a Helen.

Pegando a chaleira de barro, Helen fixou-a contra o seu quadril, encaixou na boca de um odre, no fim do bico, e espremeu. A chaleira reverberou com um rugido enfadonho quando uma corrente de água bateu no fundo. Os dedos de Helen apertaram-se em volta do pescoço do odre, restringindo o fluxo a um gotejamento lânguido. Ela permaneceu assim, com a olhada destacada de uma pessoa que executa uma tarefa desagradável, enquanto as gotinhas de água expulsada batiam enlouquecidas contra o interior da chaleira.

Um sorriso apologético bruxuleou através da cara de Jeod. Ele fitou uma sucata de papel junto do seu joelho enquanto ele esperou por Helen terminar. Eragon estudou uma dobra no lado da tenda.

O gotejamento bombástico continuado durante mais três minutos.

Quando a chaleira foi finalmente cheia, Helen retirou o odre vazio do gargalo, suspendeu-o em um gancho no pólo de centro da tenda, e saiu para fora.

Eragon levantou uma sobrancelha em Jeod.

Jeod estendeu as suas mãos. “A minha posição com os Varden não é tão proeminente como ela tinha esperado, e ela culpa-me do fato. Ela aceitou abandonar Teirm comigo, e esperava, portanto acredito eu, que Nasuada saltaria por cima de mim no círculo interior dos seus conselheiros, ou iria conceder-me terras e riquezas próprias para um senhor, ou alguma outra recompensa extravagante da minha ajuda pelo roubo do ovo de Saphira há muitos anos. Em que Helen não pechinchou foi a não fascinante vida de um espadachim comum: sono em uma tenda, fazendo a sua própria comida, lavando a sua própria roupa, e assim por diante. Não que a prosperidade e a posição sejam os seus únicos assuntos, mas você tem de entender, ela nasceu em uma das famílias de expedições mais ricas de Teirm, e para a maior parte do nosso matrimônio, fui bastante próspero nos meus próprios empreendimentos. Ela não é acostumada a tais privações como essas, e ela ainda tem de conciliar-lhes. A minha própria esperança foi que esta aventura, se ela merece tal termo romântico, estreitaria o rompimento que se abriu entre nós nos últimos anos, mas tão sempre, nada está tão simples como parece.”

“Você sente que os Varden deveriam mostrar-lhe maior consideração?” perguntou Eragon.

“Para mim, não. Para Helen...” Jeod hesitou. “Quero que ela seja feliz. A minha recompensa foi escapar de Gil’ead com a minha vida quando Brom e eu fomos atacados por Morzan, e o seu dragão, e os seus homens. Na satisfação de saberem que eu tinha ajudado no ataque contra Galbatorix, em ser capaz de voltar à minha vida prévia e ainda ajudar, além disso, a causa dos Varden e em ser capaz de casar-me com Helen. Aquelas foram as minhas recompensas, e sou mais do que grato com eles. Qualquer dúvida minha tinha desaparecido no instante que vi Saphira voar para fora da fumaça nas Planícies Ardentes. Não sei que fazer sobre Helen, entretanto. Mas esqueço-me. Esses não são as suas preocupações, e não devo pô-las sobre você.”

Eragon tocou um rolo de papel com a ponta do seu dedo indicador. “Então me diga, por que tantos papéis? Você tornou-se copista?”

A pergunta divertiu Jeod. “Difícilmente, embora o trabalho seja muitas vezes tedioso. Desde que eu descobri o corredor oculto no castelo de Galbatorix, em Urû’baen, e fui capaz de trazer comigo alguns livros raros da minha biblioteca em Teirm, Nasuada estabeleceu-me na procura de alguma fraqueza semelhante em outras cidades do Império. Se posso encontrar a menção de um túnel que conduziu embaixo das paredes de Dras-Leona, por exemplo, ele poderia salvar-nos de muitos derramamentos de sangue.”

“Onde você está olhando?”

“Por toda parte que eu posso.” Jeod escovou para trás o cabelo que suspendia por cima da sua testa. “Histórias, mitos, lendas, poemas, canções, tratados religiosos, as escritas dos Cavaleiros, mágicos, viajantes, loucos, potentados obscuros, vários generais, alguém que poderia ter conhecimento de uma porta oculta ou um mecanismo secreto ou algo disto que poderia virar do nosso interesse. O montante do material que tenho de examinar minuciosamente é imenso, para todas as cidades significaram centenas de anos, e alguns antedatam a chegada de seres humanos na Alagaësia.”

“É provável que você encontre algo de fato?”

“Não, provavelmente não. Não é muito provável que você terá sucesso em descobrir os segredos do passado. Mas ainda posso prevalecer, considerando bastante tempo. Não há dúvida que o que estou procurando existe em cada uma das cidades, eles são demasiado velhos para não conter caminhos sub-reptícios fora das suas paredes. Contudo, é outra



pergunta inteiramente se os registros daqueles caminhos existem e se possuímos aqueles registros. A gente que sabe sobre os alçapões ocultos e assim por diante normalmente querem guardar a informação a eles.” Jeod agarrou uma mão cheia dos papéis ao lado dele no berço e trouxe-lhes mais perto à sua cara, então inalando rejeitou os papéis. “Estou tentando resolver enigmas inventados pela gente que não quis que eles fossem resolvidos.”

Ele e Eragon continuaram falando sobre o assunto, matérias menos importantes até que Helen reapareceu, transportando três canecas de chá de trevo vermelho extremamente quente. Como Eragon aceitou a sua caneca, ele observou que a sua raiva mais adiantada pareceu ter afundado, e ele admirou-se se ela tinha estado escutando fora o que Jeod tinha dito sobre ela. Ela ajudou Jeod com a sua caneca e, de um algum lugar atrás de Eragon, pegou uma lata carregada de biscoitos chatos e um pequeno pote de barro de mel. Então ela retirou alguns pés e apoiou-se no mastro do centro da tenda, soprando na sua própria caneca.

Como foi educado, Jeod esperou até que Eragon tivesse pegado um biscoito da lata e tivesse dado uma mordida nele antes do provérbio, “ao que devo o prazer da sua companhia, Eragon? A menos que eu esteja confundido, isto não é nenhuma visita ociosa.”

Eragon bebeu o seu chá. “Depois da Batalha das Planícies Ardentes, prometi que eu lhe diria como Brom morreu. Por isso vim.”

Um palor cinza substituiu a cor das faces de Jeod. “Oh”.

“Não tenho que contar, se isto não for o que você quer”, Eragon rapidamente indicou.

Com um esforço, Jeod sacudiu a sua cabeça. “Não, diga. Você simplesmente pegou-me de surpresa.”

Quando Jeod não pediu a Helen para partir, Eragon foi incerto se ele deveria continuar, mas então ele decidiu que não importava se Helen ou alguém mais ouviria a sua história. Em uma voz lenta, deliberada, Eragon começou a recontar os eventos que tinham resultado desde que ele e Brom tinham deixado a casa de Jeod. Ele descreveu o seu encontro com o grupo de Urgals, a sua pesquisa do Ra'zac em Dras-Leona, como o Ra'zac tinha atacado de tocaia a eles fora da cidade, e como o Ra'zac tinha apunhalado Brom quando eles fugiram do ataque de Murtagh.

A garganta de Eragon ficou constringida quando ele falou das últimas horas de Brom, da caverna de arenito fresca onde ele tinha estado, das sensações do desamparo que tinha assaltado Eragon como ele olhou Brom escapulir, do cheiro da morte que tinha penetrado o ar seco, das palavras finais de Brom, do túmulo de arenito que Eragon tinha feito com a magia, e de como Saphira o tinha transformado no diamante puro.

“Se eu soubesse só o que sei agora,” disse Eragon, “então poderia tê-lo salvado. Em vez disso...” Incapaz de intimidar palavras para além da tensão na sua garganta, ele esfregou os seus olhos e tragou o seu chá. Ele lamentava que não fosse algo mais forte.

Jeod evitou um suspiro. “E assim morreu Brom. Ai, somos todos muito piores sem ele. Se ele pode ter escolhido os meios da sua morte, entretanto, penso que ele teria decidido morrer do mesmo jeito, a serviço dos Varden, defendendo gratuitamente o último Cavaleiro de Dragão.”

“Você tinha consciência de que ele próprio tinha sido um Cavaleiro?”

Jeod acenou com cabeça. “Os Varden dissera-me antes que eu o encontrasse.”

“Ele parece como se ele fosse um homem que revelou pouco sobre ele,” observou Helen.

Jeod e Eragon riram. “Que ele fosse,” disse Jeod. “Eu ainda não me recuperei do choque de ver ele e você, Eragon, que estavam na nossa porta. Brom sempre guardava o seu próprio conselho, mas ficamos amigos próximos quando viajávamos em conjunto, e não

posso entender por que ele me deixou acreditar que estava morto, para que, dezesseis, dezessete anos? Demasiado, muito tempo. O que é mais, desde que ele foi o Brom que entregou o ovo de Saphira aos Varden depois que ele matara Morzan em Gil'ead, os Varden não me disseram que eles estavam com o seu ovo sem revelar que Brom estava vivo ainda. Portanto passei a melhor parte de duas décadas convencido de que uma grande aventura da minha vida tinha terminado no fracasso e que, por conseguinte, tínhamos perdido a nossa única esperança de ter um Cavaleiro de Dragão para ajudar-nos a derrubar Galbatorix. O conhecimento não foi nenhuma carga fácil, posso assegurá-lo..."

Com uma mão, Jeod esfregou a sua testa. "Quando abri a nossa porta da frente e percebi quem eu via, pensei que os espíritos do meu passado tinham vindo para enfrentar-me. Brom disse que ele se guardou ocultado para assegurar que ele ainda estaria vivo para treinar o novo Cavaleiro quando ele ou ela aparecesse, mas a sua explicação nunca me satisfaz inteiramente. Por que foi necessário para ele ocultar-se de quase todo o mundo que ele sabia que se preocupou com ele? Que ele estava com medo de quê? O que ele protegia?"

Jeod tocou a alça da sua caneca. "Não posso comprová-lo, mas parece-me que Brom deve ter descoberto algo em Gil'ead quando ele lutava com Morzan e o seu dragão, algo tão momentoso, que moveu Brom a abandonar tudo o que foi a sua vida até então. Ele é uma conjectura fantástica, admito, mas não posso prestar contas de ações de Brom exceto postulando que houve uma parte da informação que ele nunca compartilhou comigo e nem com outra alma viva."

Novamente Jeod suspirou, e ele passou uma mão abaixo da sua cara longa. "Depois de tantos anos à parte, eu tinha esperado, Brom e eu poderíamos montar em conjunto mais uma vez, mas o fado teve outras idéias, parece. E logo perdê-lo segunda vez, mas algumas semanas depois de descobrir que ele estava vivo ainda foi um chiste cruel que o mundo me jogou." Helen passou correndo por Eragon e foi estar a postos ao lado de Jeod, tocando-o no ombro. Ele ofereceu-lhe um sorriso pálido e enrolou um braço em volta da sua cintura estreita. "Estou contente de que você e Saphira deram a Brom um túmulo de que até um rei anão poderia invejar. Ele mereceu isto e mais por tudo que ele fez para Alagaësia. Embora uma vez descubram a sua sepultura, tenho uma suspeita horrível de que eles não hesitarão em quebrá-lo a partes para pegar o diamante."

"Se eles fizerem, eles o lamentarão," murmurou Eragon. Ele resolveu voltar ao lugar na primeira oportunidade e lançar um encantamento em volta do túmulo de Brom para protegê-lo de ladrões. "Além disso, eles estarão demasiado ocupados caçando lírios dourados para incomodar Brom."

"Que?"

"Nada. Não é importante." Os três beberam o seu chá. Helen mordiscou um biscoito. Então Eragon perguntou, "Você encontrou Morzan, não é?"

"Ele não foi o amigos de ocasiões, mas sim, encontrei-o."

"Como ele foi?"

"Como uma pessoa? Realmente não posso dizer, embora eu conheça pessoalmente bem há contos das suas atrocidades. Cada vez que Brom e eu cruzamos os caminhos com ele, ele tentava matar-nos. Ou melhor, capturar, torturar, e logo matar-nos, nenhum dos quais é conducente de estabelecer uma relação fechada." Eragon estava demasiado atento para responder ao humor de Jeod. Jeod deslocou-se na cama. "Como um guerreiro, Morzan foi horripilante. Passamos muito tempo fugindo dele, pareço lembrar-me, que é ele e o seu dragão. Poucas coisas são tão assustadoras como ter um dragão enfurecido que o persegue."

"Como ele era?"

“Você parece irregularmente interessado nele.”

Eragon pestanejou uma vez. “Sou curioso. Ele foi o último dos Renegados a morrer, e Brom foi aquele que o matara. E agora o filho de Morzan é o meu inimigo mortal.”

“Deixe-me ver, então,” disse Jeod. “Ele era alto, tinha ombros largos, o seu cabelo era escuro como as penas de um corvo, e os seus olhos tinham cores diferentes. Um era azul e o outro era preto. O seu queixo era liso, e faltava à ponta de um dos seus dedos, esqueço-me qual. Bonito ele foi, de uma maneira cruel, arrogante, e quando ele falava, era o mais carismático. A sua armadura sempre era polida e brilhante, ou carregava um busto prateado, como se ele não tivesse nenhum medo de ser manchado pelos seus inimigos, que suponho que ele não tinha. Quando ria, parecia que ele estava com dor.”

“E a sua companheira, a mulher Selena? Você encontrou-a também?”

Jeod riu. “Se eu tivesse, eu não estaria aqui hoje. Morzan pode ter sido um espadachim espantoso, um mágico formidável, e um traidor assassino, mas foi sua mulher que inspirou a maior parte de terror na gente. Morzan só a usou para missões que foram tão repugnantes, difíceis, ou reservadas que ninguém mais aceitaria empreendê-los. Ela foi a sua Mão Negra, e a sua presença sempre transmitia a morte iminente, a tortura, a traição, ou um pouco de outro horror.” Eragon sentiu a audição doente ao ouvir a descrição de sua mãe. “Ela foi completamente cruel, destituída de solidariedade ou de compaixão. Se dizia que quando ela pediu a Morzan para introduzir o seu serviço, ele a testou ensinando-a palavras para cura-se na língua antiga, já que ela foi uma feiticeira bem como uma lutadora comum, e logo ela enterrou em uma cova doze dos seus espadachins mais perfeitos.”

“Como ela os derrotou?”

“Ela curou-os do seu medo e o seu ódio e todas as coisas que levam um homem a matar. E logo enquanto eles estiveram arreganhando um com os outros como ovelhas idiotas, ela aproximou-se dos homens e cortou as suas gargantas... Você está sentindo-se bem, Eragon? Você está tão pálido como um cadáver.”

“Estou bem. De que mais você se lembra?”

Jeod explorou o lado da sua caneca. “Pouco sei acerca de Selena. Ela sempre foi um enigma e tanto. E ninguém além de Morzan sabia o seu verdadeiro nome até alguns meses antes da morte de Morzan. Para o público, ela nunca foi nada mais do que a Mão Negra, a Mão Negra que temos agora, a coleção de espiões, assassinos, e mágicos que executam a desonestidade de Galbatorix, é a tentativa de Galbatorix de recriar a utilidade de Selena a Morzan. Mesmo entre os Varden, só uma mão cheia de gente foi a parte interessada ao seu nome, e a maior parte deles estão desfazendo-se em sepulturas agora. Como reforço, foi Brom quem descobriu a sua identidade verdadeira. Antes de que eu fosse aos Varden com a informação acerca do corredor secreto no Castelo Ilirea, que o elfos construíram a milênios e sobre o qual Galbatorix decidiu formar a fortaleza negra que agora denomina Urû'baen, antes de que eu lhes fosse, Brom tinha passado um tempo bastante significativo espiando a propriedade de Morzan na esperança de ele poderia desenterrar uma fraqueza até aqui não suspeitada de Morzan... Acredito que Brom conseguiu a admissão à sala de Morzan se disfarçando como um membro do pessoal de serviço. Foi então que ele descobriu o que ele fez sobre Selena. Entretanto, nunca aprendemos por que ela foi tão atada a Morzan. Possivelmente ela o amou. Em todo o caso, ela foi completamente leal para ele, até ao ponto da morte. Logo depois que Brom matou Morzan, chegou aos Varden que a doença a tinha tomado. É como se o falcão treinado gostasse demais do seu mestre, ela não pode viver sem ele.”

Ela não foi inteiramente leal, pensou Eragon. Ela desafiou Morzan quando ela me teve, embora ela perdesse a sua vida com isso. E só ela poderia ter resgatado Murtagh também. Quanto a contas de Jeod das suas ações más, Eragon decidiu acreditar que

Morzan tinha pervertido a sua natureza essencialmente boa. Por causa da sua própria sanidade mental, Eragon não pode aceitar que ambos os seus pais tinham sido maus. “Ela amou-o,” ele disse, fitando o sedimento escuro no fundo da sua caneca. “No começo, ela amou-o, talvez não tanto depois. Murtagh é seu filho.”

Jeod levantou uma sobrancelha. “De fato? Você tem Murtagh como amigo, suponho?” Eragon acenou com cabeça. “Bem, isto explica um número de perguntas que sempre tive. A mãe de Murtagh... Sou surpreso que Brom não descobriu aquele determinado segredo.”

“Morzan fez de tudo que ele poderia para esconder a existência de Murtagh, até de outros membros dos Renegados.”

“Sabendo dessa história, aqueles com fome de poder, renegados patifes, ele provavelmente salvou a vida de Murtagh. Mas é a compaixão também.”

O silêncio arrastou-se entre eles, como um animal tímido pronto para fugir no movimento mais leve.

Eragon continuou fitando a sua caneca. Um turbilhão de perguntas atormentou-o, mas ele sabia que Jeod não poderia responder-lhes e foi improvável que alguém mais pudesse também: Por que Brom ocultou-se em Carvahall? Vigiar Eragon, o filho do seu inimigo mais odiado? Ele tinha sido algum chiste cruel que dá Eragon Zar’roc, a lâmina do seu pai? E por que teve Brom não dito ele a verdade da sua ascendência? Ele apertou o seu aperto na caneca e, sem se conter, quebrou a caneca.

Os três começaram a se mexer por causa do barulho inesperado.

“Aqui, deixe-me ajudá-lo com isto,” disse Helen, apressando-se para frente e tocando levemente na sua túnica com um trapo. Embaraçado, Eragon pediu desculpa várias vezes, tanto a Jeod como para Helen, que respondeu assegurando-o que foi um pequeno infortúnio e que não precisava se importunar sobre ele.

Enquanto Helen buscou os élitros de barro endurecido por fogo, Jeod começou a cavar pelas camadas de livros, rolos de papel, e papéis soltos que cobriram a cama, dizendo, “Ai, ele teve quase deslizado a minha mente. Tenho algo para você, Eragon, que poderia resultar útil. E só posso encontrá-lo aqui...” Com uma exclamação contente, ele endireitou-se, florescendo um livro, que ele entregou a Eragon.

Ele foi Domia abr Wyrda, a Dominância do Fado, a história completa da Alagaësia escrito por Heslant o Monge. Eragon tinha-o visto primeiro na biblioteca de Jeod em Teirm. Ele não tinha esperado que ele adquirisse alguma vez uma possibilidade de examiná-lo novamente. Saboreando a sensação, ele dirigiu as suas mãos por cima do couro esculpido na cobertura dianteira, que foi brilhante com a idade, logo abriu o livro e admirou as linhas arrumadas de runas dentro dele, letrado na tinta vermelha brilhante.

Aterrorizado pelo tamanho do conhecimento acumulado que ele tinha, Eragon disse, “Você deseja que eu tenha isto?”

“Sim,” afirmou Jeod. Ele moveu-se para fora do caminho quando Helen recuperou um fragmento da caneca de baixo da cama. “Penso que você poderia lucrar com ele. Você é empregado em eventos históricos, Eragon, e as raízes das dificuldades você enfrenta a mentira em acontecimentos de décadas, séculos, e milênios. Eu no Seu lugar, eu estudaria em cada oportunidade o que a história tem lições para nos ensinar, já que eles podem ajudá-lo com os problemas de hoje. Na minha própria vida, lendo o registro do passado muitas vezes provia-me da coragem e o discernimento para escolher o caminho correto.”

Eragon desejou aceitar o presente, mas em todo o caso ele hesitou. “Brom disse que Domia abr Wyrda era a coisa mais valiosa na sua casa. E raro também... Além disso, e o seu trabalho? Você não precisa disto para a sua pesquisa?”

“O Domia abr Wyrda é valioso e é raro,” disse Jeod, “mas só no Império, onde Galbatorix queima cada cópia ele encontra e suspende os seus proprietários infelizes. Aqui no campo, já tive seis cópias impingidas sobre mim por membros do tribunal de Rei Orrin, e isto é apenas o que cada um chamaria um grande centro da aprendizagem. Contudo, não me separo dele ligeiramente, e só porque você pode pô-lo para usar melhor do que posso. Os livros devem ir onde eles serão mais apreciados, e não sentar o pó não lido, crescente em uma prateleira esquecida, você não concorda?”

“Concordo.” Eragon fechou Domia abr Wyrda e novamente traçou os modelos intrincados na frente com os seus dedos, fascinado pelos desenhos que tinham sido cinzelados no couro. “Obrigado. O estimarei por muito tempo, até ler o fim.” Jeod mergulhou a sua cabeça e apoiou-se atrás contra a parede da tenda, parecendo satisfeito. Virando o livro na sua borda, Eragon examinou o rótulo na espinha. “O que é monge de Heslant?”

“Uma seita pequena, reservada chamada de o Arcaena que se originou na área de Kuasta. A sua ordem, que durou durante pelo menos quinhentos anos, acredita que todo o conhecimento é sagrado.” Uma insinuação de um sorriso emprestou às características de Jeod uma forma misteriosa. “Eles dedicaram na reunião colecionar cada parte da informação no mundo e conservação delas contra um tempo quando eles acreditavam que uma catástrofe não especificada destruiria todas as civilizações em Alagaësia.”

“Parece-me uma religião estranha,” disse Eragon.

“Não são todas as religiões estranhas àqueles que estão fora delas?” contrariou Jeod.

Eragon disse, “tenho um presente para você também, ou melhor para você, Helen.” Ela inclinou a sua cabeça, uma carranca zombeteira na sua cara. “A sua família foi uma família mercante, sim?” Ela empurrou o seu queixo em um afirmativo. “Você está muito familiar com os negócios?”

O relâmpago reluziu nos olhos de Helen. “Se eu não tivesse me casado com ele” - ela acenou com um ombro, “eu teria assumido os assuntos de família quando o meu pai morreu. Fui sua única filha, e o meu pai ensinou-me tudo que ele sabia.”

O que Eragon tinha esperado ouvir. A Jeod, ele disse, “Você está contente com o seu lote aqui com os Varden.”

“E, portanto eu sou. Pela maior parte.”

“Entendo. Contudo, você arriscou muito para ajudar Brom e mim, e você arriscou até mais a ajudar Roran e todos os outros de Carvahall.”

“Os Piratas de Palancar.”

Eragon riu à socapa e continuou. “Sem a sua ajuda, o Império os teria capturado seguramente. E por causa do seu ato da rebelião, ambos vocês perderam todo que foi o querido para você em Teirm.”

“O teríamos perdido de qualquer maneira. Estava falido e os Gêmeos tinham-me traído ao Império. Foi só uma questão de tempo antes que o Lord Risthart me mandasse deter.”

“Talvez, mas você ainda ajudou Roran. Quem pode culpá-lo se você protegia os seus próprios pescoços ao mesmo tempo? O fato permanece e você abandonou as suas vidas em Teirm para roubar a Asa de Dragão junto com Roran e os aldeões. E para o seu sacrifício, sempre serei agradecido. Portanto isto é a parte dos meus agradecimentos...”

Deslizando um dedo embaixo do seu cinto, Eragon retirou o segundo dos três orbes dourados e apresentou-o a Helen. Ela o segurou suavemente como se ele fosse um pequeno bebê. Enquanto ela fitou-o maravilhada, e Jeod içou o seu pescoço para inspecionar a borda da sua mão, Eragon disse, “Ele não é uma fortuna, mas se você for inteligente, você deve ser capaz de fazê-lo crescer. O que Nasuada fez com o cadarço ensinou-me que há muita oportunidade de uma pessoa para prosperar na guerra. ”

“Oh sim,” respirou Helen. “A guerra é o prazer de um comerciante.”

“Para um, Nasuada mencionou-me na noite passada no jantar que os anões estão dirigindo baixo no prado, e como você poderia suspeitar, eles têm os meios de comprar tantos barris como eles querem, mesmo que o preço seja mais caro do que foi antes da guerra. Mas então, isto é somente uma sugestão. Você pode encontrar outros que estão mais desesperados para comerciar se você procurar.”

Eragon surpreendeu-se com um passo atrás quando Helen se apressou nele e o abraçou. O seu cabelo fez cócegas no seu queixo. Ela largou-o, repentinamente espantando-o, então o seu estouro de excitação adiante novamente e ela levantou o globo colorido de mel em frente do seu nariz e disse, “Obrigado, Eragon! Oh, agradeço-lhe!” Ela apontou o ouro. “Eu poderei usar isto. Sei que posso. Com ele, construirei um império maior do que o do meu pai.” O orbe brilhante desapareceu dentro do seu punho juntado firmemente. “Você acredita que a minha ambição excede as minhas capacidades? Será como eu disse. Não falharei!”

Eragon curvou-lhe. “Espero que você tenha sucesso e que os seus benefícios tragam êxito a todos nós.”

Eragon notou que as cordas difíceis se destacaram no pescoço de Helen como se arrebatassem e ela disse, “Você é muito generoso, Shadeslayer. Novamente agradeço-lhe.”

“Sim, obrigado,” disse Jeod, levantando da cama. “Não posso pensar que merecemos isto”, Helen disparou a ele uma olhada furiosa, que ele não ignorou, “mas é o mais bem-vindo sem embargo.”

Improvisando, Eragon acrescentou, “E para você, Jeod, o seu presente não é de mim, mas de Saphira. Ela aceitou deixá-lo voar nela quando ambos vocês tiverem uma hora ou duas de sobra.” Doeu para Eragon compartilhar Saphira, e ele sabia que ela teria ficado aborrecida por ele não a ter consultado antes de apresentar os seus serviços, mas depois de dar a Helen o ouro, ele iria ter-se sentido culpado se não tivesse dado a Jeod algo de igual valor.

Um filme de lágrimas envidraçou os olhos de Jeod. Ele agarrou a mão de Eragon e balançou-a, e ainda mantendo a mão segura, disse: “não posso imaginar uma maior honra. Obrigado. Você não sabe quanto você fez por nós.”

Desembaraçando-se do aperto de Jeod, Eragon saiu em direção à entrada à tenda desculpando-se tão graciosamente como ele poderia e criando as suas despedidas. Finalmente, depois ainda outro círculo de agradecimentos na sua parte e um humilde “não foi nada,” ele conseguiu escapar ao ar livre.

Eragon levantou Domia abr Wyrda e logo lançou os olhos ao sol. Não faltava muito até Saphira voltar, mas ele ainda teria tempo para ocupar-se de outra coisa. Primeiro, entretanto, ele teria de dar uma passada na sua tenda, ele não queria arriscar danificar Domia abr Wyrda transportando-o através do campo.

“*Possuo um livro*”, ele pensou encantado.

Ele partiu trotando, prendendo o livro contra o seu peito, com Blödhgarm e outro elfos seguindo de perto.



## PRECISO DE UMA ESPADA!

Uma vez que Domia abr o Wyrda foi seguramente escondido na sua tenda, Eragon foi à sala de armas dos Varden, um grande pavilhão aberto cheio de lanças, espadas, lúcios, arcos, e bestas. Os pequenos montes de escudos e armaduras de couro encheram prateleiras de madeira. As mais caras correias, as túnicas, coifas, e as perneiras estavam suspensas em estantes de madeira. Centenas de elmos cônicos raiaram como prata polida. Os fardos de flechas estavam alinhados ao pavilhão, e entre eles estava uma conta ou mais de arqueiros estavam restaurando flechas cujas penas tinham sido danificadas durante a Batalha das Campinas Ardentes. Uma corrente constante de homens apressou-se para fora do pavilhão: algumas armas de fornecimento e armadura a ser rejuntada, outros novos recrutas que precisavam ser equipados, e ainda outros que transportavam equipamentos a partes diferentes do campo. Todo o mundo pareceu estar gritando em cima dos seus pulmões. E no centro da comissão estava o homem que Eragon tinha esperado ver: Fredric, o mestre de arma dos Varden.

Blödhgarm acompanhou Eragon quando ele andou com passos largos no pavilhão em direção a Fredric. Logo que eles deram passos embaixo do telhado de tecido, os homens no interior calaram-se, os seus olhos concentraram-se nos dois. Então eles retornaram as suas atividades, embora com passos mais rápidos e vozes mais baixas.

Levantando um braço em boas-vindas, Fredric estava apressado para encontrá-los. Como sempre, ele usou a sua armadura polida e cabeluda — que cheirou quase tão ofensivo como um animal na sua forma original — como também sua espada de duas mãos maciça suspensa transversalmente por cima das suas costas, o cabo da espada se projetava acima do seu ombro direito. “Matador de Espectros” ele estrondeou. “Como posso ajudá-lo nesta tarde perfeita?”

“Preciso de uma espada.”

O sorriso de Fredric abriu passagem em sua barba. “Me admira que você esteja me visitando para isso. Quando você foi para Helgrind sem uma espada na mão, pensei, que talvez você estivesse além de tais armas agora. Talvez você pudesse lutar somente com a magia.”

“Não, não ainda.”

“Bem, não posso dizer como me sinto. Todo mundo precisa de uma boa espada, não importa que experiência eles possam ter com a magia. No fim, sempre é o aço contra o aço numa batalha. Somente você pode resolver essa batalha contra o Império trespassando com a ponta de uma espada o coração amaldiçoado de Galbatorix. Sim, eu apostaria meu salário de um ano que até Galbatorix tem uma espada para si próprio e que ele a usa também, apesar dele ser capaz de estripá-lo como um peixe com uma chicotada do seu dedo. Nada pode comparar-se com a sensação do aço de uma espada perfeita no seu punho.”

Enquanto ele falava, Fredric conduziu-os em direção a um armário de espadas que se diferenciava dos outros. “Que tipo de espada você está procurando?” ele perguntou. “Aquela Zar’roc que você teve foi uma espada muito boa, se me lembro justamente. Com uma lâmina de aproximadamente duas polegadas largas ou dois dos meus polegares, em algum caso — e de uma forma igualmente ajustada tanto para o corte como para o impulso?”

Eragon indicou que a espada era assim, e o mestre de arma resmungou e começou a puxar espadas do armário e balançá-las pelo ar, substituindo-as uma a uma com cara de descontentamento. “As lâminas dos elfos tendem a serem mais finas e leves do que as

nossas ou a dos anões, por causa dos encantamentos que eles forjam no aço. Se fizéssemos as nossas tão delicadas como as suas, as espadas não durariam mais de um minuto em uma batalha antes de dobrarem, quebrarem, ou lascarem, você mal pode cortar o queijo suave com elas. ”Os seus olhos lançaram-se em direção a Blödhgarm. “Não é assim, elfo?”

“Do mesmo modo como você diz, humano,” respondeu Blödhgarm em uma voz perfeitamente modulada.

Fredric acenou com cabeça e examinou a borda de outra espada, logo a deixou atrás no armário. “O que significa que qualquer espada que você escolha será provavelmente mais pesada do que você já tenha usado. Isto não deve ser uma grande dificuldade para você, Matador de Espectros, mas o peso extra ainda pode prejudicá-lo a calcular o tempo dos seus socos.”

“Agradeço o aviso,” disse Eragon.

“De modo algum,” disse Fredric. “É para isto que estou aqui: impedir que os soldados dos Varden sejam mortos e também ajudá-los a matar soldados de Galbatorix. É um bom emprego.” Deixando o armário, ele fez ruído ao abrir outro, que estava escondido atrás de uma pilha de escudos retangulares. “Achar a espada certa para alguém é uma arte. Uma espada deve ser como uma extensão do seu braço, como se tivesse crescido da mesma carne da pessoa. Você não deve pensar em como você quer que ela se mova; você deve movê-la tão instintivamente como o bico de uma garça-real ou um as garras de um dragão. A espada perfeita é aquela que se incorpora à você: o que você quer que ela faça, ela faz.”

“Você parece um poeta.”

Com uma expressão modesta, Fredric encolheu os ombros. “Estive escolhendo armas de homens que estão indo para a marcha do combate durante vinte e seis anos. Isso penetra nos seus ossos e depois de um tempo, vira a sua mente a pensamentos de pesar e destino como aquele colega jovem que despachei com um lúcio faturado será que ele ainda estaria vivo se eu tivesse lhe dado uma maçã em vez disso?” Fredric fez uma pausa com uma mão que paira por cima da espada no meio da tortura e viu Eragon.

“Você prefere lutar com ou sem um escudo?”

“Com,” Eragon disse. “Mas não posso transportar um comigo o tempo todo. E um nunca parece ser prático quando sou atacado.”

Fredric explorou o cabo da espada e roeu na borda da sua barba. “Humph. Então você precisa de uma espada que você pode usar por si mesmo, mas isto não pode ser demasiada longa para você poder usar com cada espécie do escudo, de um broquel a um escudo de parede. Isto significa que terá de ser uma espada de comprimento médio, fácil de manejar com um braço. Ela tem que ter uma lâmina que você pode usar em todas as ocasiões, muito elegante para uma coroação e bastante resistente para defender-se de um grupo de Kull.” Ele fez uma careta. “Não é natural, o ato que Nasuada fez, aliando os Vardens com esses monstros. Isso não durará. Nunca o nosso destino e o deles se misturaram...” Ele sacudiu-se. “Seria uma suposição minha ou você quer uma única espada?”

“Não. Saphira e eu viajamos demais para arrastarmos um grande número de lâminas.”

“Creio que você tenha razão. Além disso, não se espera que um guerreiro como você tenha mais de uma arma. O nome da sua espada é como uma maldição para quem a enfrentar.”

“O que quer dizer?”

“Cada grande guerreiro,” disse Fredric, “maneja uma arma — na maioria das vezes uma espada — que tem um nome. O próprio guerreiro dá o nome ou, uma vez que o guerreiro realiza um grande feito, os bardos darão nome para ela. Depois disso, ele tem



que usar sempre aquela espada. É obrigação dele. Se ele for até uma batalha sem ela, os seus colegas guerreiros perguntarão onde ela está, e eles vão admirar se ele se envergonhar do seu êxito ou se ele estiver rejeitando a aclamação que eles conferiram sobre ela, e até os seus inimigos podem insistir em lutar somente quando ele estiver empunhando tal arma. Veja você; quando você lutar com Murtagh ou quando fizer algo mais memorável com a sua nova espada, os Vardens insistirão em dar um título a ela. E a partir daí olharão para seu quadril para olhá-la.” Ele continuou falando enquanto ele chegou ao terceiro armário: “nunca pensei que eu seria o sortudo que ajudaria um Cavaleiro a escolher a sua arma. Que oportunidade! Sinto que isso é o auge do meu trabalho com os Varden.”

Arrancando uma espada da estante, Fredric ajudou Eragon. Eragon inclinou a ponta da espada de cima para baixo, logo sacudiu a sua cabeça; a forma do cabo estava errada para a sua mão.

O mestre de armas não pareceu desapontado. Ao contrário, a rejeição de Eragon pareceu fortalecê-lo, como se ele apreciasse o desafio que Eragon propôs. Ele apresentou outra espada a Eragon, e novamente Eragon sacudiu a sua cabeça; o equilíbrio foi demasiado distante espesso para o seu gosto.

“O que me incomoda,” disse Fredric, voltando à estante, “é que qualquer espada que eu pretenda lhe dar terá de resistir a impactos que destruiriam uma lâmina ordinária. O que você precisa é uma espada anã. Os ferreiros anões são os mais perfeitos além dos elfos, e às vezes eles até ultrapassam esses últimos.” Fredric investigou os movimentos de Eragon. “Mantenha agora, estive fazendo as perguntas incorretas! Como foi que lhe ensinaram à bloquear e se defender? Foi borda a borda? Pareço imaginar fazendo algo da espécie quando você duelou com Arya em Farthen Dûr.”

Eragon fez cara feia. “O que quer dizer?”

“O que quero dizer?” Fredric gargalhou. “Não quero ser desrespeitoso, Matador de Espectros, mas se você bater na borda de uma espada daquele jeito você causará danos graves a tanto a sua lâmina quanto a do seu adversário. Aquelas forças não foram um problema para uma lâmina encantada como a da Zar’roc, mas você não pode fazer isso com algumas das espadas que tenho aqui, não a não ser que você queira substituir a sua espada depois de cada batalha.”

Uma imagem brotou na mente de Eragon era das bordas lascadas da espada de Murtagh, e ele se sentiu irritado como ele poderia ter esquecido algo tão óbvio. Ele tinha se acostumado a Zar’roc, que nunca se desgastou em batalha, nunca mostrou sinais do uso, e, enquanto ele sabia, foi impervio à maior parte de períodos. Ele não sabe nem se foi possível destruir a espada de um Cavaleiro. “Você não tem que incomodar com isso; irei proteger a minha espada com a magia. Tenho que esperar o dia todo por uma arma?”

“Mais uma pergunta, Matador de Espectros. A sua magia durará para sempre?”

A cara feia de Eragon tornou-se mais profunda. “A resposta da sua pergunta é não. Só um elfo entende da criação da espada de um Cavaleiro, e ele não compartilhou os seus segredos comigo. O que eu posso fazer é a transferência de uma certa quantidade de energia para uma espada. A energia a impedirá de ser danificada até dos baques que teriam danificado a espada que não tem magia, mas terá uma hora que ela voltará ao seu estado original, e então ela se quebrará quando eu acertar meu inimigo.”

Fredric arranhou sua barba. “Segundo o que você acabou de falar, Matador de Espectros, se você lutar intensamente com soldados por muito tempo, você desgastará a sua magia, e quanto mais duramente você lutar, mais rápido a sua magia desaparecerá. Certo?”

“Exatamente.”

“Então você ainda deve evitar ir de borda a borda, pois isso irá desgastar a sua magia mais rápido do que a maior parte de qualquer outro movimento.”

“Não tenho tempo para isto,” reclamou Eragon, transbordando sua impaciência. “Não tenho tempo para aprender um modo completamente diferente de lutar. O Império poderia atacar a qualquer momento. Tenho que me concentrar na prática do que sei, não tentando dominar um novo jeito de lutar.”

Fredric bateu as suas mãos. “Sei de uma arma perfeita então!” Indo a um engradado cheio de braços, ele começou a cavar por ele, falando com ele mesmo. “Primeiro isso, veja se é boa aí veremos em que nível estamos.” Do fundo do engradado, ele arrancou uma grande maçã preta com uma cabeça de flange.

Fredric bateu um nó dos dedos contra a maçã. “Você pode quebrar espadas com isto. Você pode partir a correia e quebrar lemes de navios, e você não sentirá o mais leve dano nessa arma, não importa no que você bata.”

“É um bastão,” protestou Eragon. “Um bastão metálico.”

“O que? Com a sua força, você pode balançá-lo como se fosse leve como uma cana. Você será um terror no campo de batalha com isto, com certeza será.”

Eragon sacudiu a sua cabeça. “Não. A destruição de coisas não é como prefiro lutar. Além disso, eu nunca teria sido capaz de matar Durza apunhalando-o pelo coração se eu tivesse uma maçã em vez de uma espada.”

“Então tenho só mais uma sugestão, a menos que você insista em uma lâmina tradicional.” De outra parte do pavilhão, Fredric trouxe a Eragon uma arma que ele identificou como um sabre.

Ele pegou a espada, mas não era um tipo de espada à que Eragon estava acostumado, embora ele já a tivesse visto entre o Varden antes. Essa espada era polido na forma da pedra em que ela fora polida, brilhante como uma moeda de prata; um punho curto feito de madeira coberta com couro preto; uma guarda cruzada, curvada esculpida com uma linha de runas anãs; e uma lâmina de apenas um corte e tem uma camada mais grossas de ambos os lados, perto da lâmina. O sabre era reto até aproximadamente seis polegadas do fim onde as costas da lâmina se projetam para cima em uma pequena ponta antes dela se curvar suavemente para à ponta aguda de agulha. Este alargamento da lâmina reduziu a probabilidade que a ponta se curvasse ou se quebrasse quando direcionado para uma armadura e deu ao final da lâmina do sabre uma aparência parecida a um colmilho. Diferentemente de uma espada de dois gumes, o sabre foi feito para ser mantido como uma lâmina para ser usada reta na guarda durante a luta. O aspecto mais curioso do sabre, entretanto, foi à uma polegada do fundo da lâmina, inclusive a borda, que tinha uma cor cinzenta pilífera e substancialmente mais escura do que o aço liso de espelho em cima. O limite entre essas duas áreas foi ondulante, como um lenço de seda que se encrespa no vento.

Eragon apontou na banda cinza. “Nunca vi isso antes. O que é?”

“O Thriknzdal,” disse Fredric. “Os anões que inventaram. Eles temperam a borda e a lâmina separadamente. A borda eles fazem muito mais duras do que nós tentaríamos com todas as nossas lâminas. O meio da lâmina e a o meio dela eles recobrem para que as costas do sabre sejam mais suaves do que a borda, bastante suave para se curvar e dobrar e assim sobreviver ao stress da batalha sem quebrar como uma folha de papel.”

“Os anões tratam todas as suas lâminas dessa maneira?”

Fredric sacudiu a cabeça. “Só as espadas com único corte são mais perfeitas que as espadas de dois gumes por esse tratamento que recebem.” Ele hesitou, e a incerteza arrastou-se no seu olhar fixo. “Você entende por que escolhi isto para você, Matador de Espectros?”

Eragon entendeu. Com a lâmina do sabre em ângulos retos a terra, a menos que ele deliberadamente inclinasse o seu pulso qualquer golpe que ele recebesse de uma espada normal a mesma bateria o corte na lâmina, deixando a borda livre para ataques. E para manejar o sabre ele só precisaria de um pequeno ajuste no seu estilo de luta.

Andando com passos largos para fora do pavilhão, ele assumiu uma posição de alerta com o sabre. Balançou ele por cima da sua cabeça, abaixou o sabre sobre a cabeça de um inimigo imaginário, logo torcida e arremetida, bateu à parte de uma lança invisível, saltou seis jardas à sua esquerda, e, em mais um movimento era impraticável, girando a lâmina atrás das suas costas, passando-a de uma mão a outra, e assim ele decidiu. Acalmando sua respiração e a batida do coração, ele voltou a onde Fredric e Blödhgarm esperavam. A velocidade e o equilíbrio do sabre tinham impressionado Eragon. Não era igual à Zar'roc, mas ele foi ainda uma espada muito boa.

“Você escolheu bem,” ele disse.

Fredric o tinha achado no seu carregamento reserva, contudo, ele disse, “Mesmo assim ele não o agrada, Matador de Espectros.”

Eragon rodou o sabre em círculo, então fez uma careta. “Só lamento que ele pareça muito com uma grande faca de corte. Me sinto bastante ridículo com ele.”

“Não dê atenção se seus inimigos rirem de você. Eles não serão capazes de rir assim que você cortar as suas cabeças.”

Divertido, Eragon acenou com cabeça. “O pegarei para mim”.

“Um momento, então,” disse Fredric, e desapareceu no pavilhão, e voltou com uma bainha de couro preta decorada com prata trabalhada. Ele entregou a bainha a Eragon e perguntou, “Você aprendeu alguma vez como afiar uma espada, Matador de Espectros? Você não tinha essa necessidade com Zar'roc, não é?”

“Não,” Eragon admitiu, “mas sou uma mão justa com uma pedra de amolar. Posso afiar o sabre até que ele esteja do modo desejado, ele cortará um fio jogado por cima dele. Além disso, sempre posso ajustar a borda com a magia se eu tiver necessidade.”

Fredric gemeu e bateu em suas coxas, tendo soltado aproximadamente uma dúzia de cabelos das suas perneiras oxidadas. “Não, não, uma borda fina de navalha é somente o que você não quer em uma espada. O chanfro tem de ser grosso, grosso e forte. Um guerreiro tem de ser capaz de manter o seu equipamento da maneira correta, e isto inclui o conhecimento de como afiar a sua espada!”

Fredric insistiu, então, obtendo uma nova pedra de amolar para Eragon e mostrando-o exatamente como pôr uma borda pronta para batalha no sabre enquanto eles se sentaram juntos na sujeira do pavilhão. Uma vez que ele estava satisfeito que Eragon poderia transformar uma borda inteiramente nova em uma espada, ele disse, “Você pode lutar com uma armadura enferrujada. Você pode lutar com um elmo amassado. Mas se você quer ver o nascer do sol novamente, nunca lute com uma espada enfadonha. Se você tiver acabado de sobreviver a uma batalha e você está cansado como um homem que subiu uma das Montanhas Beor e a sua espada não é aguda como é agora, você não se importa como se sente, você se arremessa à primeira possibilidade e então arranca a sua pedra de amolar e afia sua espada. Tão como você checaria seu cavalo, ou a Saphira, antes de você se ocupar das suas próprias necessidades você deve gostar muito da sua espada antes de gostar de você mesmo. Sem ela, você é como a o predador mais incapaz para com os seus inimigos.”

Eles tinham estado sentados no sol da tarde durante mais de uma hora em que o mestre de arma finalmente terminou as suas instruções. Então uma sombra fresca deslizou por cima deles e Saphira pousou perto dele.

*Você esperou, disse Eragon. Você simplesmente esperou! Você poderia ter me resgatado a séculos, mas em vez disso você me abandonou aqui para escutar Fredric*

*continuar a falar sobre pedras de água, pedras de óleo, e se o óleo de linhaça é melhor do que a gordura dada para proteger o metal da água.*

*E ele é?*

*Não realmente. É somente de mau cheiro. Mas isto é inaplicável! Por que você me abandonou a esta sorte?*

Uma de suas pálpebras grossas inclinou e deu um preguiçoso piscar. *Não exagere. Sorte? Você e eu temos sortes muito piores para reclamarmos se não estivermos propriamente preparados. O que o homem com a roupa de mau cheiro dizia pareceu importante para você para saber.*

*Bem, possivelmente foi,* ele admitiu. Ela arqueou o seu pescoço e lambeu as garras na sua perna dianteira direita.

Depois de agradecer Fredric e dizer-lhe adeus, e combinar um lugar para se encontrar com Blödhgarm, Eragon fixou o sabre ao cinto de Beloth, o Sábio e escalou atrás de Saphira. Ele gritou e ela rugiu quando ela levantou as suas asas e foi para cima no céu.

Tonto, Eragon segurou nas rédeas que estavam na frente dele e olhou as pessoas e as tendas em baixo diminuírem ao longe, virarem versões em miniatura deles. De cima, o campo era uma grande massa de cor cinzenta, picos triangulares, as caras orientais dos quais foram profundos na sombra, dando a região inteira uma aparência axadrezada. As fortificações que cercaram o campo estiveram eriçadas como um ouriço, as dicas brancas dos pólos distantes brilhantes na luz solar tendenciosa. A cavalaria de rei Orrin era uma massa de pontos de moagem no quadrante do noroeste do campo. Ao Leste era o campo do Urgals, baixo e escuro na planície rolante.

Eles voaram mais alto.

O ar frio, puro picou as faces de Eragon e queimou nos seus pulmões. Ele tomou respirações somente superficiais. Junto deles flutuava uma coluna grossa de nuvens, parecendo tão sólidas como nata chicoteada. Saphira moveu-se em espiral em volta delas, a sua sombra irregular que corre através da pluma. Uma solitária remessa da umidade bateu em Eragon, cegando-o durante alguns segundos e enchendo o seu nariz e boca com gotinhas frígidas. Ele respirou e esfregou a sua cara.

Eles subiram acima das nuvens.

Uma águia vermelha gritou vendo eles e voou rapidamente.

A oscilação de Saphira ficou trabalhada, e Eragon começou a sentir-se frívolo. Com a destilação das suas asas, Saphira deslizou de um termal ao seguinte, mantendo a sua altitude, mas subindo não mais longe.

Eragon olhou para baixo. Eles foram tão altos, a altura tinha deixado de importar e as coisas na terra não pareceram mais verdadeiras. O campo dos Varden foi um conselho de jogo irregularmente formado coberto com retângulos cinzas e pretos muito pequenos. O Rio Jiet era uma corda de prata trabalhada com bordas verdes. Ao sul, as nuvens sulfurosas que aumentavam das Planícies Ardentes formaram uma variedade de montanhas cor de laranja incandescente, em casa de monstros sombrios que bruxulearam fora da existência. Eragon rapidamente evitou o seu olhar fixo.

Durante possivelmente meia hora, ele e Saphira foram à deriva com o vento, e descansa no conforto silencioso de cada companhia do outro. Um período inaudível servido para isolar Eragon do frio. Finalmente eles estavam sozinhos, sozinhos como eles tinham estado no Vale Palancar antes que o Império tivesse se intrometido sobre a sua vida.

Saphira foi a primeira a falar. *Somos os soberanos do céu.*

*Aqui no teto do mundo.* Eragon sentiu que lá em cima dela, de onde ele se sentou ele poderia escovar as estrelas.

Acumulando-se à esquerda, Saphira pegou uma rajada do ar quente de baixo, e logo nivelou novamente. *Você vai casar Roran e Katrina amanhã.*

*Que pensamento estranho é este. Era estranho Roran se casar, e estranho que deva ser eu aquele para executar a cerimônia... Roran casou-se. Pensar nisso faz-me sentir mais velho.*

*Mesmo que fomos meninos, mas há tão pouco tempo, não podemos evitar o progresso inexorável do tempo. Assim o passo de gerações, e logo ele será a nossa volta para distribuir as nossas crianças na terra para fazer o trabalho que tem de ser feito.*

*Mas não a menos que possamos sobreviver aos próximos meses.*

*Sim.*

Saphira cambaleou com a turbulência que os bateu. Então ela rememorou nele e perguntou, *Pronto?*

*Vá!*

Inclinando-se para frente, ela puxou as suas asas contra os seus lados e caiu verticalmente em direção a terra, mais rápido do que uma flecha que se apressa. Eragon sorriu como a sensação da imponderabilidade e encolheu. Ele apertou as suas pernas em volta de Saphira para impedir-se de ir à deriva longe dela, então, colhido por uma onda de descuido, lançou o seu aperto e manteve as suas mãos por cima da sua cabeça. O disco de terra em baixo girando como uma roda quando Saphira girou pelo ar. Reduzindo a velocidade e logo parando da sua rotação, ela rolou à direita até que ela caísse de pernas para o ar.

*Saphira!* gritou Eragon, e socou o seu ombro.

Uma faixa da fumaça correu das suas narinas, ela corrigiu-se e novamente apontou-se na terra próxima rápida. As orelhas de Eragon estouraram, e ele trabalhou o seu maxilar quando a pressão aumentou. Menos de mil pés acima do campo dos Varden, e só alguns segundos de bater nas tendas e escavar uma cratera grande e sangrenta, Saphira permitiu que o vento pegasse as suas asas. O solavanco subsequente lançou Eragon para frente, e o prego que ele estava mantendo quase o apunhalou no olho.

Com três abas poderosas, Saphira trouxe-lhes a uma parada completa. Trancando as suas asas esticadas, ela então começou a descer suavemente em círculos para baixo.

*Agora que foi divertido!* Eragon exclamou.

*Não há nenhum esporte mais excitante do que o vôo, já que se você perder, você morre.*

*Ah, mas tenho a confiança completa nas suas capacidades; você nunca nos dirigiria na terra.* O seu prazer no seu cumprimento irradiou dela.

Pescando em direção à sua tenda, ela sacudiu a sua cabeça, empurrando-o, e disse, *eu deveria ter-lhe acostumado por agora, mas cada vez que saio de um mergulho assim, minhas asas e peito doem, mas pela manhã posso mover-me abertamente.*

Ele acariciou-a. *Bem, você não deveria voar amanhã. O casamento é a nossa única obrigação, e você pode andar.* Ela grunhiu e aterrisou entre um vagalhão do pó, atropelando uma tenda vazia com o seu rabo para fora.

Desmontando, Eragon deixou o que carregava com seis dos elfos mais próximos, e com outros seis, ele trotou pelo campo até que ele localizasse a curandeira Gertrudes. Dela ele aprendeu os ritos de matrimônio dos que ele precisaria no dia seguinte, e ele praticou-os com ela para poder evitar uma asneira embaraçosa quando o momento chegasse.

Então Eragon voltou à sua tenda e lavou o rosto e trocou sua roupa antes de ir com Saphira jantar com o Rei Orrin e a sua companhia, como prometido.

Até o final daquela noite, quando a festa finalmente acabou, Eragon e Saphira andaram atrás à sua tenda, com fitas nas estrelas e falou sobre o que tinha sido e o que ainda poderia ser. E eles foram felizes. Quando eles chegaram ao seu destino, Eragon fez uma pausa e levantou os olhos para Saphira, e o seu coração foi tão cheio do amor, ele pensou que ele poderia deixar de bater.

Boa noite, Saphira.  
Boa noite, pequenino.



## CONVIDADOS INESPERADOS

Na manhã seguinte Eragon foi atrás da sua tenda, retirou a sua roupa pesada, e começou a deslizar pelas poses do segundo nível do Rimgar, a série de exercícios que o elfos tinha inventado. Logo o seu frio inicial desapareceu. Ele começou a arquejar do esforço, e o suor cobriu os seus membros, foi difícil para ele segurar os seus pés ou as suas mãos quando estava contorcido em uma posição que sentiu como se ele fosse rasgar os músculos dos seus ossos.

Uma hora depois, ele terminou o Rimgar. Secando as suas palmas no canto da sua tenda, ele desembainhou o sabre e praticou a sua arte de espadachim durante outros trinta minutos. Ele teria preferido continuar familiarizando-se com a espada o resto do dia — já que ele sabia que a sua vida poderia depender da sua habilidade com ela — mas o casamento de Roran aproximava-se rápido, e os aldeões tinham que ter toda a ajuda que eles conseguissem adquirir para concluir as preparações a tempo.

Eragon tomou banho na água fria e se vestiu, estava refrescado, logo ele e Saphira chegaram onde Elain vigiava a cozinha de Roran e a festa de casamento de Katrina.

Blödhgarm e os seus companheiros seguiram aproximadamente uma dúzia de jardas atrás, deslizando entre as tendas com a tranquilidade secreta.

“Ai, que bom, Eragon,” disse Elain. “Eu estava esperando que você viesse.” Ela esteve com ambas as mãos pressionando as suas pequenas costas para aliviar o peso da sua gravidez. Indicando com o seu queixo para além de uma linha de salivas e caldeirões suspendeu por cima de uma cama de carvão, para além de uma moita de homens que matam um cervo, três fornos temporários passados construídos de lama e pedra, e para além de uma pilha de barris em direção a uma linha do jogo de pranchas em tocos que seis mulheres usavam como balcão, ela disse, “há ainda vinte quilos de massa de pão que têm de ser amassados. Você dará disso conta, por favor?” Então ela olhou os calos com desagrado nos nós dos dedos. “E tente não conseguir mais desses na massa de pão, está bem?”

As seis mulheres que estavam nas pranchas, que incluíram Felda e Birgit, calaram-se quando Eragon tomou o seu lugar entre elas. Poucas tentativas suas de reiniciar a conversação falharam, mas depois de um tempo, quando ele tinha desistido de tentar ficar à vontade com elas e se concentrava no que amassava, elas retomaram a falar do seu próprio assunto. Eles falaram de Roran e Katrina e que os dois seriam felizes e da vida dos aldeões no campo e de a sua viagem dali, e logo sem preâmbulo, Felda deu uma olhada em Eragon e disse, “A sua massa de pão parece um pouco pegajosa. Você não deve acrescentar um pouco de farinha?”

Eragon verificou a coerência. “Você tem razão. Obrigado.” Felda sorriu, e depois que fez isto, as mulheres o incluíram na sua conversação. Enquanto Eragon trabalhou na massa de farinha quente, Saphira pode aquecer em um remendo próximo da grama. As crianças de Carvahall tinham tirado proveito dela; os guinchos risonhos acentuaram a franja mais profunda das vozes dos adultos. Quando um par de cães sujos começou a ladrar para Saphira, ela levantou a sua cabeça da terra e rosnou para eles. Eles fugiram chorando.

Todo mundo na clareira foi alguém que viu Eragon crescer. Horst e Fisk foram do outro lado das salivas, construindo mesas da festa. Kiselt esfregava o sangue do cervo dos seus antebraços. Albriech, Baldor, Mandel, e vários outros dos homens mais jovens transportavam a ferida de pólos com faixas em direção à colina onde Roran e Katrina desejaram estar casados. O taberneiro Morn fez a mistura da bebida de casamento, com

sua esposa, Tara, mantendo três frascos e um barril para ele. Alguma centena de pés longe, Roran gritava algo em um motorista de mula que tentava dirigir as suas cargas pela clareira. Loring, Delwin, e o menino Nolfavrell estiveram agrupados próximo, olhando. Com uma maldição barulhenta, Roran agarrou a couraça da mula principal e lutou para virar ao contrário os animais. A vista divertiu Eragon; ele nunca sabia que Roran era tão agitado, nem era tão irritável.

“O guerreiro poderoso está nervoso antes do seu casamento,” observou Isolda, uma das seis mulheres ao lado de Eragon. O grupo riu.

“Possivelmente,” Birgit disse “ele é importunado por sua espada curvar-se na batalha.” Os ventos fortes da alegria varreram as mulheres. As faces de Eragon coraram. Ele conservou o seu olhar fixo e concentrou-se na massa de farinha em frente dele e aumentou a velocidade do que amassava. Os chistes indecentes foram comuns em casamentos, e ele tinha gostado da sua ação antes, mas a audição deles dirigido no seu primo desconcertou-o.

A gente que não seria capaz de assistir ao casamento estava tanto na mente de Eragon como aqueles que poderiam. Ele pensou em Byrd, Quimby, Parr, Hida, Elmund jovem, Kelby, e os outros quem tinha morrido por causa do Império. Mas o pior de tudo, ele pensou em Garrow e lamentava que seu tio não estivesse ainda vivo para ver que seu único filho aclamado um herói pelos aldeões e os Varden igualmente e o ver tomar a mão de Katrina e finalmente ficar homem completamente. Fechando os seus olhos, Eragon virou a sua cara em direção ao sol de meio-dia e sorriu em cima do céu, conteúdo. O tempo foi agradável. O aroma de levedura, pão, carne assando, recentemente vazou o vinho, fervendo sopas, balas doces, fundiram-se e cobriram a clareira. Os seus amigos e a família foram reunidos sobre ele para a celebração e não para a lamentação. E por enquanto, ele estava seguro e Saphira estava segura. Isto é como a vida deveria ser.

Um chifre único tocou fora através da terra, desnaturalmente barulhenta.

Então novamente.

E novamente.

Todo o mundo congelou incerto do que as três notas significaram.

Para um breve intervalo, o campo inteiro foi silencioso, exceto os animais, então os tambores de guerra dos Varden começaram a bater. O caos saiu com ímpeto. As mães correram para as suas crianças e os cozinheiros umedeceram os seus fogos enquanto o resto dos homens e mulheres mistas pegavam as suas armas.

Eragon correu em direção a Saphira mesmo que ela aumentasse aos seus pés. Estendendo a mão para pegar com a sua mente, ele encontrou Blödhgarm e, uma vez que o elfo abaixou a sua defesa um tanto, disse, “Encontrar-nos na entrada norte.”

“Ouvimos e obedecemos, Matador de Espectros.”

Eragon arremessou-se para Saphira. Num instante ele colocou uma perna por cima do seu pescoço, ela pulou quatro linhas de tendas, pousadas, e logo pulou uma segunda vez, as suas asas pela metade ferradas, não voando, mas um tanto limitando pelo campo como um gato de montanha que cruza um rio fluente rápido. O impacto de cada aterrissagem fez Eragon bater os dentes e a espinha e ameaçado para batê-lo do seu poleiro. Como eles subiram e caíram, guerreiros assustados que se esquivam fora do seu caminho, Eragon contactou com Trianna e outros membros de Du Vrangr Gata, identificando a posição de cada feitiço lançado e organizando-os para a batalha.

Alguém que não era da Du Vrangr Gata tocou os seus pensamentos. Ele recuou, fechando paredes com barulho em volta da sua consciência, antes de que ele percebesse que foi Angela o herbolária e permitiu o contato. Ela disse, “estou com Nasuada e Elva. Nasuada quer que você e Saphira a encontre na entrada norte —



“Logo que pudermos. Sim, sim, estamos no nosso caminho. E Elva? Ela sente algo?”

“Dor. Muita dor. Sua. Dos Varden. Ou de outros. Sinto, ela não é muito coerente agora mesmo. É demasiado para ela enfrentar. Estou indo pô-la para dormir até que a violência esteja no fim.” Angela separou a conexão.

Como um carpinteiro que expõe e examina os seus instrumentos antes de começar um novo projeto, Eragon reviu as defesas que ele tinha colocado em volta dele, Saphira, Nasuada, Arya, e Roran. Todas elas pareciam estar fortes.

Saphira escorregou em uma parada antes da sua tenda, sulcou a terra empacotada com as suas garras. Ele pulou das suas costas, rolando quando ela bateu a terra. Saltando direito, ele arremessou-se no interior, desfazendo o seu cinto de espada como ele foi. Ele deixou o cinto e o sabre atado na sujeira e, arranhando embaixo da sua cama, recuperou a sua armadura. Os anéis frios, pesados da correia de sua armadura deslizaram, por cima da sua cabeça e ligados aos seus ombros com um som de moedas caem. Ele prendeu o seu gorro de armamento, colocou o elmo por cima dele, e logo apertou a sua cabeça no seu leme do navio.

Agarrando o cinto, ele o prendeu novamente em volta da sua cintura. Com os seus braços na sua mão esquerda, ele engançou o seu pequeno dedo pela tira de braço do seu escudo, agarrou a sela pesada de Saphira com a sua mão direita, e estourou fora da tenda.

Lançando a sua armadura em um ruído barulhento, ele lançou a sela para o montículo de ombros de Saphira e subiu depois. Com a sua pressa e excitação, e a sua apreensão, ele não teve a preocupação de afivelar as tiras.

Saphira deslocou a sua posição. “Apressa-se. Você está tomando muito tempo.”

“Sim! Estou movendo-me tão rápido quanto posso! Assim você não ajuda em nada!”

Ela rosnou.

O campo enxameou com atividade, homens e anões que correm em rios soam estridentemente em direção ao norte, apressando-se para responder a citação dos tambores de guerra.

Eragon reuniu a sua armadura abandonada da terra, montou Saphira, e instalou-se na sela. Com um relâmpago de asas abaixo varridas, um solavanco da aceleração, uma rajada do ar que gira, e a reclamação amarga de braços que roçam contra o escudo, Saphira subiu ao ar.

Enquanto eles iam em direção à borda do norte do campo, Eragon segurou o às suas canelas, mantendo-se em Saphira simplesmente com a força das suas pernas. Com os braços ele cunhou entre a sua barriga e a frente da sela. O escudo ele suspendeu de um prego de pescoço. Quando os **greaves** estavam seguros, ele deslizou suas pernas pela linha de laços de couro de ambos os lados da sela, logo apertaram o nó corrediço em cada laço.

A mão de Eragon escovou contra o cinto de Beloth, o Sábio. Ele gemeu, lembrando-se que ele tinha esvaziado o cinto curando Saphira em Helgrind. Argh! Devo ter fornecido um pouco de energia nele.

*Seremos perfeitos*, disse Saphira.

Ele ajustava-se somente nos braços quando Saphira arqueou as suas asas, cortando o ar com as membranas translúcidas, e criou, fazendo uma paralisação quando ela apeou sobre a crista de um dos diques isto soou pelo o campo. Nasuada já estava lá, sentando-se sobre o seu puro-sangue maciço, Tempestade de batalha. Junto dela estava Jörmundur, também montado; Arya, a pé; e o relógio atual dos Bacoraus, conduzidos por Khagra, um dos Urgals Eragon tinha-se encontrado com ele nas Planícies Ardentes. Blödhgarm e outro elfos emergiram da floresta e das tendas atrás deles e colocaram-se perto de Eragon e Saphira. De uma parte diferente do campo galopado Rei Orrin e o seu

acompanhamento, que governa nos seus cavalos empinaram como eles e se aproximaram de Nasuada. Perto sobre os seus saltos veio Narheim, o chefe dos anões, e três dos seus guerreiros, o grupo deles montando pôneis vestidos com armadura de correio e couro.

“Quem nos desafia?” rosnou Garzhvog, escalando o dique com quatro calças inumanamente longas. Os cavalos fugiram ao Urgal gigantesco.

“Olhe.” Nasuada apontou.

Eragon já estudava os seus inimigos. Rudemente duas milhas de distância, cinco barcos lisos, pretos como arremesso, tinham aterrissado sobre o perto do banco do Rio Jiet. Dos barcos lá emitiu um enxame de homens trajados com o uniforme do exército de Galbatorix. O anfitrião resplandeceu como água chicoteada por vento embaixo de um sol de Verão como espadas, lanças, escudos, elmos, e argolinhas de correio pegadas e refletiu a luz.

Arya sombreou os seus olhos com uma mão e piscou nos soldados. “O seu número está entre duzentos e setenta a trezentos.”

“Por que tão poucos?” admirou-se Jörmundur.

O rei Orrin fez carranca. “Galbatorix não pode ser bastante louco para acreditar que ele pode destruir-nos com uma força tão insignificante!” Orrin conseguiu o seu leme do navio, que foi em forma de uma coroa, e tocou levemente a sua testa com a esquina da sua túnica. “Podemos aniquilar aquele grupo inteiro e não perder um homem.”

“Talvez,” disse Nasuada. “Talvez não.”

Roendo nas palavras, Garzhvog acrescentou, “o Rei de Dragão é um traidor mentiroso, um carneiro de velhaco, mas a sua mente não é fraca. Ele é a astúcia como uma doninha com fome de sangue.”

Os soldados reuniram-se em filas em ordem e logo começaram a marchar em direção aos Varden.

Um menino de mensageiro veio correndo para Nasuada. Ela curvou-se na sua sela para escutá-lo, logo o despediu.

“Nar Garzhvog, a sua gente está segura dentro do nosso campo. Eles estão reunidos perto da porta do Leste, pronta para você conduzi-los.”

Garzhvog grunhiu, mas permaneceu onde ele estava.

Rememorando os soldados próximos, Nasuada disse, “não posso pensar em nenhuma razão para enfrentá-los no aberto. Podemos matá-los com um tiro de arqueiros uma vez que eles estiverem dentro do alcance. E quando eles conseguirem chegar as nossas barreiras de baixa proteção, eles vão se quebrar contra as trincheiras e as aduelas. Ninguém escapará vivo,” ela concluiu-se com a satisfação evidente.

“Quando eles chegarem mais perto,” disse Orrin, “os meus cavaleiros e eu podemos superá-los e atacá-los do reverso. Eles ficarão tão surpresos, que não terão uma possibilidade de se defender.”

“A maré da batalha pode—” Nasuada respondia quando o chifre de latão que tinha anunciado a chegada dos soldados sondou mais uma vez, tão em voz alta que Eragon, Arya, e o resto do elfos cobriram as suas orelhas. Eragon estremeceu com a dor da rajada.

*De onde isto está vindo?* perguntou Saphira.

*Uma pergunta importante, penso, é por que os soldados queriam nos avisar do seu ataque, se eles são de fato responsáveis por este uivo.*

*Talvez é uma diversão ou –*

Eragon esqueceu o que ele ia dizer quando ele viu um movimento no lado distante do Rio Jiet, atrás de um véu de árvores de salgueiro tristes. Vermelho como um rubi mergulhado no sangue, vermelho como ferro quente para forjar, vermelho como uma

brasa ardente de ódio e raiva, Thorn apareceu acima das árvores lamacentas. E sobre as costas do dragão brilhante, estava sentado Murtagh com sua armadura de aço brilhante, empunhando Zar'roc alto por cima da sua cabeça.

*Eles vieram por nós*, disse Saphira. As tripas de Eragon contorceram-se, e ele sentiu o próprio medo de Saphira como uma corrente de água biliosa que examina a sua mente.



## FOGO NO CÉU

Ao ver Thorn e Murtagh subirem bem alto, ao Norte, Eragon ouviu Narheim sussurrar, “Barzul,” e a seguir, amaldiçoar Murtagh por ter matado Hrothgar, o rei dos Anões.

Arya virou de costas para aquela visão. “Nasuada, Majestade,” disse ela olhando também para Orrin de parar os soldados antes que eles cheguem ao acampamento. “Não podem permitir que ataquem as nossas defesas. Se o fizerem, varrerão nossas barreiras como a onda de uma tempestade e espalharão um caos tremendo no seio das nossas tendas a ponto de não conseguirmos nos mover eficazmente”.

“Um caos tremendo?” desdenhou Orrin. “Tem assim tão pouca confiança na nossa bravura Embaixatriz? Os Humanos e os Anões podem não ser tão dotado como os Elfos, mas posso garantir-lhe que não teremos dificuldade em dar cabo desses miseráveis”.

A expressão de Arya endureceu.

“A sua bravura não tem igual, Majestade, não tenho qualquer dúvida disso. Mas ouça: isto é uma armadilha destinada a Eragon e a Saphira. Eles...” e esticou o braço em direção as silhuetas de Thorn e Murtagh, lá no alto. “... vieram para capturar Eragon e Saphira e fazê-los desaparecer em Uru’baen. Galbatorix jamais teria enviado tão poucos homens, se não tivesse a certeza que eles conseguiriam manter os Varden ocupados o tempo necessário para Murtagh dominar Eragon. Galbatorix deve ter lançado feitiços sobre aqueles homens, feitiços para os ajudar na sua missão. Que encantamentos são, não sei, mas uma coisa é certa: os soldados são mais do que parecem e nós temos de impedi-los de entrar no acampamento.”

Recuperado do choque inicial, Eragon disse, “Não permitam que Thorn sobrevoe o acampamento. Ele é bem capaz de incendiar metade das tendas de uma só vez.”

Nasuada cravou as mãos no arco da cela, aparentemente alheia a Murtagh, Thorn e aos soldados, que naquele momento estavam a menos de um quilometro e meio. “Porque não nos atacaram quando estávamos desprevenidos” perguntou ela. “Porque nos alertaram da sua presença.”

Foi Narheim que respondeu, “Porque não queriam que Eragon e Saphira se envolvessem na batalha em terra. Ou estou muito enganado, ou o plano dele é que Eragon e Saphira sigam ao encontro de Murtagh e Thorn no ar, enquanto os soldados nos atacam aqui em Terra.”

“Devemos então satisfazer os seus desejos e enviar-lhes, de bom grado, Eragon e Saphira para essa armadilha?” disse Nasuada erguendo a sobrancelha.

“Sim,” respondeu Arya “pois temos uma vantagem que eles não suspeitam.” E apontou para Blödhgarm. “Desta vez Eragon não enfrentara Murtagh sozinho. Terá o suporte da força combinada de treze Elfos. Murtagh não espera por isso. Detenham os soldados antes que eles cheguem ate nós e terão arruinado parte do plano de Galbatorix. Envie Saphira e Eragon lá para cima, com o apoio dos mais poderosos dos feiticeiros da minha rainha, e destruirão o resto do plano de Galbatorix”.

“Me convenceu,” disse Nasuada. “No entanto, os soldados estão muito perto para que os possamos interceptar a alguma distancia do acampamento, com homens a pé. Orrin...”

Antes que pudesse terminar, o rei voltou o cavalo e galopou em direção ao portão Norte do acampamento. Um dos elementos do seu séqüito soprou numa trombeta, para o resto da cavalaria de Orrin se reunir e atacar.

Nasuada disse, depois, a Garzhvog, “O Rei Orrin vai precisar de apoio. Manda as tuas

forças se reunirem a eles.”

“Senhora Caçadora Noturna,” lançando para trás uma enorme cabeça com chifres, Garzhvog, emitiu um longo grito. Eragon sentiu um formigamento nos braços e na nuca, ao ouvir aquele uivo selvagem do Urgal. Batendo com os maxilares, Garzhvog parou de gritar e resmungou: “Eles virão,” dito isto, o Kull largou numa corrida capaz de rachar a terra, dirigindo-se ao portão onde o Rei Orrin e os seus cavaleiros estavam reunidos.

Quatro dos Varden abriram o portão. O Rei Orrin ergueu a espada e galopou para o exterior do acampamento, conduzindo os seus homens em direção aos soldados de túnicas bordadas a ouro.

Uma nuvem de pó esbranquiçado ergueu-se dos cascos dos cavalos, dificultando a visão da formação em forma de seta.

“Jörmundur,” disse Nasuada.

“Senhora.”

“Manda duzentos espadachins e cem lanceiros atrás deles e posicione cinquenta arqueiros a cerca de sessenta ou setenta metros do combate. Quero aqueles soldados esmagados, Jörmundur, dizimados, exterminados. Os homens terão de estar conscientes que não é apropriado demonstrarem nem esperarem qualquer tipo de clemência.”

Jörmundur fez uma reverência.

“E diga a eles que embora eu não possa me juntar a eles nesta batalha por causa dos meus braços, o meu espírito marchara ao lado deles.”

“Senhora.”

Enquanto Jörmundur se afastava apressadamente, Narheim esporeou o pônei e se aproximou mais de Nasuada.

“E o meu povo, Nasuada. Que papel desempenhará?”

Nasuada franziu as sobrancelhas, devido a sufocante camada de pó que pairava sobre o prado.

“Ajudará a guardar o nosso perímetro. Se, de alguma forma os soldados conseguirem escapar dos...” teve de fazer uma pausa, pois cerca de quatrocentos Urgals - muitos dos quais tinham chegado depois da Batalha das Planícies Flamejantes - caminhavam pesadamente desde o centro do acampamento, atravessaram os portões e saíram para os campos, entoando gritos de guerra incompreensíveis. Ao desaparecerem em meio à nuvem de pó, Nasuada prosseguiu, “Se os soldados conseguirem escapar, a ajuda de vocês será bem-vinda nas nossas linhas.”

O vento soprou na direção deles, trazendo os gritos de homens e cavalos moribundos, o ruído arrepiante de metal se chocando com metal, o clamor das espadas a arrancar elmos, o som monótono das lanças chocando-se com os escudos e em meio a tudo isso soava uma gargalhada horrível destituída de qualquer humor, proveniente de várias gargantas, e que se prolongou ao longo de toda a carnificina. *Isso era*, pensou Eragon, *riso dos loucos*.

Narheim bateu com o punho na anca: “Por Morgothal, não temos feitiço para ficar parados sem fazer nada enquanto há uma luta para enfrentar! Deixa-nos ir, Nasuada, Permita que cortemos alguns pescoços por você.”

“Não!” exclamou Nasuada. “Não, não e não! Já dei minhas ordens e espero que as cumpram. Isto é uma batalha de cavalos, homens e Urgals e talvez até de dragões. Não é feito para Anões. Seriam atropelados como crianças.” Ao ver Narheim praguejar indignado, ergueu a mão. “Bem, sei que são guerreiros destemidos. Ninguém sabe isso melhor do que eu, que lutei ao vosso lado em Farthen Dûr. No entanto, sem querer insistir, vocês são pequenos demais segundo os nossos padrões, por isso que eu preferiria não por os seus guerreiros em risco num combate destes, na medida de que a

vossa estatura poderá ser a nossa ruína. E melhor esperarem aqui, em terreno elevado, onde estão acima de qualquer um que tente trepar neste fronte, deixando que os soldados venham ao encontro de vocês. Se alguns conseguirem chegar aqui, serão apenas os guerreiros tremendamente hábeis e eu quero que você e o seu povo os escorracem, pois sei que é mais fácil arrancar uma montanha pela raiz que derrotar um anão.”

Ainda contrariado, Narheim resmungou qualquer coisa mas o que quer que tenha dito, perdeu-se no mesmo instante em que os Varden que Nasuada mobilizara marcharam pelo terreno, através do portão. O ruído dos pés a bater no chão e o equipamento a chacoalhar, foi desvanecendo a medida que os homens se afastavam do acampamento. Depois o vento intensificou-se, convertendo-se numa brisa continua que voltou arrastar aquele riso sinistro, vindo da batalha.

Momentos depois, um grito mental extraordinariamente poderoso abalou as defesas de Eragon, arrasando a sua consciência e deixando-o numa angustia terrível ao ouvir um homem dizer: *Ah, não, ajudem-me! Eles não morrem. Angvard que os leve, eles não morrem!* Depois, a ligação entre as suas mentes quebrou. Eragon engoliu seco ao perceber que o homem morrera.

Nasuada remexeu-se na sela, com um ar tenso. “Quem era?”

“Também o escutou?”

“Parece que todos nós ouvimos,” acrescentou Arya.

“Acho que era Barden, um dos feiticeiros do séqüito do Rei Orrin, mas...”

“Eragon!”

Enquanto o Rei Orrin e os seus homens enfrentavam os soldados, Thorn descrevia círculos cada vez mais altos. Mas, agora? O dragão estava imóvel no ar, entre os soldados e o acampamento, entretanto, a voz de Murtagh, amplificada por magia, ecoava através dos campos.

“Eragon! Vejo você aí escondido atrás das saias de Nasuada. Venha me enfrentar, Eragon! É o nosso destino. Ou é um covarde, Matador de Espectros?”

Saphira respondeu por Eragon, erguendo a cabeça e rugindo ainda mais alto que a voz potente de Murtagh, descarregando a seguir um jato crepitante de fogo azul, numa extensão de seis metros. Os cavalos próximos de Saphira, incluindo o de Nasuada, escapuliram-se, deixando Saphira e Eragon sozinhos com os Elfos no aterro.

Aproximando-se de Saphira, Arya colocou a mão na perna esquerda de Eragon, fitou o com os seus olhos verdes oblíquos e disse:

“Aceite isso de mim Shur’tugal,” disse ela e, de imediato, ele sentiu uma onda de energia percorrer-lhe o corpo.

“Eka ekrun ono,” murmurou ele.

Ela respondeu-lhe também na língua antiga.

“Tenha cuidado Eragon, não gostaria que fosse derrotado por Murtagh. Eu...” e parecia querer dizer algo mais, mas hesitou, tirando a mão da perna dele e recuando para junto de Blödhgarm.

“Voa bem, Bjartskular!” entoaram os Elfos no instante em que Saphira se lançou do aterro.

Enquanto Saphira voa em direção a Thorn, Eragon ingressou sua mente com a dele, depois com de Arya, e através de Arya com Blödhgarm e os restantes onze elfos. Por ter Arya como ponto focal entre ele e os elfos, Eragon precisa apenas se concentrar nos pensamentos de Arya e de Saphira, que jamais o distrairiam durante a luta. Eragon segurou no escudo com a mão esquerda e desembainhou sua cimitarra, empunhando-a erguida, para não correr o risco de golpear acidentalmente as asas de Saphira, enquanto estas batiam golpeando-lhe os ombros ou o pescoço, em constante movimento.

“Ainda bem que perdi algum tempo ontem à noite a reforçando a cimitarra com magia,” disse ele a Saphira e a Arya.

“Esperemos que o seu feitiço resista,” respondeu Saphira.

“Lembra-se,” acrescentou Arya. “Mantenha-se o mais próximo possível de nós. Quanto mais distante estiver, mais difícil será mantermos um vínculo com você.”

Thorn não mergulhou em direção a Saphira, nem tentou atacá-la de qualquer outra forma, quando ela se aproximou. Em vez disso, desviou-se das asas rígidas, permitindo que ela ficasse no mesmo nível, sem lhe tocar. Os dois dragões equilibraram-se sobre as correntes de ar quente, virando-se um para o outro, preservando entre si um espaço de quarenta e cinco metros, com a ponta espinhosa das caudas a oscilar, ambos rugindo ferozmente de focinhos arreganhados.

*Ele esta maior,* comentou Saphira. *Passaram-se menos de duas semanas desde que lutamos pela última vez e ele já cresceu pelo menos um metro.*

Ela tinha razão. Thorn crescera e tinha o peito mais fundo do que da primeira vez que se tinham confrontado nas Planícies Flamejantes. Era pouco mais velho que uma cria, mas estava quase tão corpulento como Saphira. Eragon desviou relutantemente o olhar do Dragão para o Cavaleiro.

Murtagh apresentava-se de cabeça descoberta e os seus longos cabelos negros flutuavam atrás como uma juba lisa. Exibia uma expressão dura, mais do que Eragon jamais vira nele. Este sabia que, naquele momento que Murtagh não iria nem poderia mostrar qualquer compaixão. Com o volume de voz substancialmente reduzido, mas ainda mais elevado que o normal, Murtagh diz: “Você e Saphira nos causaram muita dor, Eragon. Galbatorix ficou furioso conosco por nós deixarmos vocês partirem. Depois que vocês mataram os Ra'zac, a sua ira foi tal que matou cinco criados e, em seguida, descarregou a sua fúria em Thorn e em mim. Ambos sofremos terrivelmente por sua causa. Não voltaremos a fazer o mesmo,” e ergueu o braço para trás, como se Thorn estivesse prestes a atirar-se e ele a investir contra Eragon e Saphira.

“Espere!” gritou Eragon. “Eu sei uma forma de ambos se libertarem dos juramentos que fizeram a Galbatorix.”

Uma expressão de ânsia desesperada transfigurou as feições de Murtagh, que baixou Zar'roc alguns centímetros. A seguir, esboçou uma expressão desagradável e cuspiu em direção ao chão e gritou: “Não acredito em você! Isso não é possível!”

“Hei! Deixa-me apenas explicar.”

Murtagh parecia lutar consigo mesmo e, por instantes, Eragon pensou que ele recusaria. Virando a cabeça para trás, Thorn fitou Murtagh e algo se passou entre os dois.

“Maldito seja, Eragon,” disse Murtagh, pousando Zar'roc na parte frontal da sela.

“Maldito seja por nos aliciar com isso. Já tínhamos nos harmonizado com a nossa condição, mas você tem de nos atormentar com o fantasma de uma esperança, que abandonamos. Se essa esperança se vier a revelar falsa, irmão, juro que corto a sua mão direita antes de te levar a presença de Galbatorix. Não precisara dela para o que vai fazer em Uru'baen.”

Eragon pensou em fazer-lhe também uma ameaça; depois conteve-se, baixou a cimitarra e disse.

“Galbatorix não deve ter contado, mas quando eu estive entre os Elfos...”

“Eragon, não diga mais nada sobre nós,” exclamou Arya.

“... soube que se a sua personalidade mudar, também o seu nome na língua antiga se altera. O que você é não está gravado em ferro, Murtagh! Se você e Thorn conseguirem modificar algo em vocês, os juramentos que fizeram deixarão de comprometer vocês e Galbatorix perderá o domínio sobre os dois.”

Thorn aproximou de Saphira alguns metros.

“Porque não falaram isso antes,” exigiu Murtagh.

“Eu estava muito confuso no momento.”

Thorn e Saphira mantinham-se quinze metros um do outro. O rugido do dragão vermelho amortecera, convertendo-se numa ligeira curva de aviso visível no lábio superior e os seus olhos cintilantes cor de rubi deixaram transparecer tristeza e confusão. Era como se esperasse que Saphira ou Eragon lhe dissessem que viera ao mundo apenas para que Galbatorix o pudesse escravizá-lo, brutalizá-lo e forçá-lo a destruir outros seres. A ponta do nariz de Thorn estremeceu ao cheirar Saphira. Ela cheirou-o também e pôs a língua pra fora para testar o seu cheiro. Um sentimento de compaixão por Thorn cresceu simultaneamente em Eragon e Saphira, desejando poder falar com ele diretamente. Mas, não se atreviam a abrir-lhe as suas mentes.

Agora que se mantinham a escassa distancia um do outro, Eragon reparou no emaranhado de tendões que sulcavam o pescoço de Murthag e a veia bifurcada que lhe pulsava no centro da testa.

“Eu não sou mau!” disse Murtagh. “Fiz o melhor que pude, atendendo as circunstâncias. Duvido que conseguisse sobreviver como eu, se a nossa mãe tivesse decidido deixar-te em Uru'baen e me esconder em Carvalhal.”

“Talvez não.”

Murtagh bateu no peito de seu escudo com o punho.

“Aha! Então como eu posso seguir o seu conselho? Se já sou um homem bom, se já fiz o que de melhor se podia esperar de mim, como é possível que eu mude? Terei de me tornar pior do que sou? Terei que abraçar as trevas de Galbatorix para me libertar delas? Não me parece uma solução razoável. Se conseguisse alterar a minha identidade dessa forma, não iria gostar daquilo em que eu me iria transformar e me amaldiçoaria com todas as forças, como amaldição Galbatorix.”

Frustrado, Eragon respondeu: “Não tem de se tornar melhor ou pior do que é agora, apenas diferente. Há diferentes tipos de pessoas no mundo e diversas formas de nos comportarmos honradamente. Olhe para alguém a quem você admira, mas que optou por outros caminhos do que sua própria vida e através de suas ações sobre o seu modelo. Pode demorar um bocado, mas se você pode mudar a sua personalidade o suficiente, você pode deixar Galbatorix, e pode deixar o Império, e você e Thorn poderiam se juntar aos Varden, onde você estaria livre para fazer o que quisesse.”

“E os seus juramentos para vingar a morte de Hrothgar?” perguntou Saphira, mas Eragon ignorou-a.

Murtagh olhou-o com desprezo. “Está me pedindo que eu seja aquilo que não sou. Se Thorn e eu quisermos nos salvar, teríamos de destruir a nossa atual identidade. A sua cura é ainda pior que o nosso sofrimento.”

“Estou pedindo que de a você mesmo a oportunidade de se converter em algo diferente do que é. É difícil, eu sei, mas as pessoas mudam constantemente. Abra mão da sua raiva, por exemplo, e conseguirá virar as costas a Galbatorix de uma vez por todas.”

“Abrir mão da minha raiva?” Murtagh riu. “Abrirei mão da minha raiva, quanto você abrir mão da raiva que alimenta contra o Império pela morte do seu tio e pela destruição de sua fazenda. E a raiva que nos move, Eragon, sem ela você e eu seremos um banquete para os vermes. Ainda assim...” Murtagh semicerrou os olhos, tocando em Zar'roc, com os tendões do pescoço visivelmente menos salientes, embora na testa a veia bifurcada continuasse inchada como sempre. “O conceito é intrigante, admito. Talvez possamos debruçarmos sobre ele, quando estivermos os dois em Uru'baen. Quer dizer, isto se o rei permitir que fiquemos a sós. É claro que poderá decidir manter-nos



separados permanentemente. Era o que eu faria, se estivesse na sua posição.”

Eragon apertou os dedos em torno do punho da cimitarra.

“Parece convencido que o acompanharemos a capital.”

“Ah, mas claro que vão me acompanhar, irmão.” Um sorriso torto surgiu na boca de Murtagh. “Mesmo que quisesse, Thorn e eu não podemos, de um momento para o outro, mudar quem somos. Logo, até o dia em que essa oportunidade surgir, continuaremos a dever obediência a Galbatorix e ele ordenou-nos, em termos muito claros, para levarmos a ambos a sua presença. Nenhum de nós faz menções de voltar a enfrentar o descontentamento do rei. Já os derrotamos uma vez, por isso, não será grande proeza consegui-lo de novo.”

Um fiapo da chama escapou de entre os dentes de Saphira, Eragon teve de sufocar uma similar resposta em palavras. Se ele perde-se o controle do seu temperamento agora, a carnificina seria inevitável.

“Por favor, Murtagh e Thorn, não querem pelo menos tentar o que eu sugeri? Não sentem desejo de resistir a Galbatorix? Jamais se livrarão dele, a não ser que estejam dispostos a desafiá-lo.”

“Você subestima Galbatorix, Eragon,” rugiu Murtagh. “Desde que recrutou o nosso pai, há mais de cem anos, que ele cria escravos de nome. Acha mesmo que Galbatorix desconhece que o verdadeiro nome das pessoas pode mudar ao longo da sua vida? Certamente, ele tomou precauções contra essa eventualidade. Se o meu verdadeiro nome, ou o de Thorn mudassem neste instante, muito provavelmente desencadearia um feitiço alertando Galbatorix para a mudança. Depois, nos forçaria a regressar até ele em Uru'baen, para que pudesse submeter-me novamente a ele.

“Mas apenas se adivinhasse os seus novos nomes.”

“É um grande especialista na matéria,” disse Murtagh, erguendo Zar'roc da sela. “Talvez usemos a sua sugestão no futuro, mas só depois de a estudarmos e nos prepararmos cautelosamente, para que eu e Thorn não reconquistemos a nossa liberdade e Galbatorix volte a tirá-las de nós no instante seguinte.” E ergueu Zar'roc em peso, cuja lâmina incandescente da espada cintilou. “Portanto não temos outra alternativa senão levarmos vocês para Uru'baen. Irão por bem?”

Incapaz de se conter por mais tempo, Eragon replicou: “Seria mais fácil arrancar o meu próprio coração!”

“Então é melhor arrancar o meu,” replicou Murtagh, erguendo Zar'roc bem alto e emitindo um grito de guerra selvagem, rugindo em uníssono, Thorn bateu as asas duas vezes e rapidamente subiu acima de Saphira. Ao elevar-se torceu o corpo em semicírculo, para que a cabeça ficasse sobre o pescoço de Saphira, com o intuito de a imobilizar numa só dentada na base do crânio.

Saphira não esperou por ele. Inclino-se pra frente, girando as asas nas articulações dos membros e, por uma fração de segundo, ficou voltada para baixo, com as asas paralelas com o solo manchado de pó, apoiando toda sua massa instável. Em seguida, recolhendo a asa direita, balançou a cabeça para esquerda e a cauda para a direita, movendo-se no sentido horário. A cauda musculosa apanhou Thorn no flanco esquerdo, no instante em que este voava na sua direção, fraturando-lhe a asa em cinco pontos diferentes. As extremidades fraturas dos ossos ocos de vôo de Thorn rasgaram-lhe a pele, irrompendo por entre as escamas brilhantes. Gotas de sangue de dragão choveram em abundância sobre Eragon e Saphira. Uma pingou sobre a parte de trás da touca de Eragon, escorrendo-lhe para a pele através da cota de malha. Queimava como óleo fervido. Ele mexeu o pescoço na tentativa de limpar o sangue. O rugido de Thorn era agora um gemido de dor, perdendo altitude em relação a Saphira, ao mostrar-se incapaz de se sustentar acima dela.

“Bom trabalho!” gritou Eragon para Saphira enquanto esta se endireitava.

De um plano mais elevado, Eragon viu Murtagh tirar um pequeno objeto circular do cinto e encostá-lo ao ombro de Thorn. Embora não sentisse qualquer fluxo de magia em Murtagh, o objeto que segurava na sua mão brilhou e a asa partida de Thorn deu um solavanco, no momento em que os ossos voltavam ao lugar, os músculos e os tendões ondulavam e os rasgões desapareciam. Finalmente os ferimentos na pele de Thorn desapareceram.

“Como ele fez aquilo?” exclamou Eragon.

Arya respondeu:

“Anteriormente deve ter embutido o objeto num feitiço de cura.”

“Também devíamos ter pensado nisso.”

Já com os ferimentos sarados, Thorn interrompeu a queda, subindo em direção a Saphira a uma velocidade prodigiosa, ao cauterizar o ar como uma lança incandescente de fogo vermelho e espesso. Saphira mergulhou na direção dele, espirrando uma torrente de chamas e atingindo Thorn no pescoço, fazendo com que este se afastasse assustado, arranhando-lhe os ombros e o peito com as garras da frente e a ponta da asa direita apunhalou Murtagh, batendo-os na sela. O Cavaleiro recuperou-se rapidamente e golpeou a asa de Saphira, abrindo-lhe um rasgão de um metro na membrana da asa.

Sibilando, Saphira chutou Thorn para longe, com as patas traseiras, largando um jato de fogo que se dividiu, passando inofensivamente rente aos dois lados de Thorn.

Eragon sentiu o ferimento de Saphira latejar e analisou corte ensangüentado, refletindo a uma velocidade vertiginosa. Se estivesse lutando com outro mágico que não fosse Murtagh, não se atreveria a lançar um feitiço no decurso das hostilidades, pois seria mais provável que o mágico pensasse que estava prestes a morrer respondesse com um ataque mágico sem precedentes.

Mas com Murtagh era diferente. Eragon sabia que Galbatorix ordenara a Murtagh que os capturasse e não que os matasse. *Não importa o que eu fizer*, pensou Eragon, *ele não vai tentar me matar*. Seria seguro curar Saphira, concluiu. Foi então que ele percebeu, ainda que tardiamente, que poderia atacar Murtagh com os feitiços que quisesse, pois este não poderia responder de uma forma letal. Mesmo assim, intrigava-o o fato de Murtagh ter utilizado um objeto encantado para curar os ferimentos de Thorn, em vez de ele próprio lançar um feitiço.

Saphira disse. *Talvez queira preservar a sua força. Ou talvez para não te assustar. Galbatorix não ficaria nada satisfeito se, ao usar magia, Murtagh te fizesse entrar em pânico e conseqüentemente matasse Thorn e Murtagh, ou mesmo a você próprio. Lembre-se, a grande ambição do rei é ter nós quatro sob o seu comando e não mortos, pois dessa forma ficaríamos longe do seu alcance.*

“Deve ser isso,” concordou Eragon.

Quando se preparava para sarar a asa de Saphira, Arya disse: “Espera. Não faça isso.”

“O que? Porque? Não sente que Saphira está sofrendo?”

“Deixa que os meus irmãos e eu cuidemos dela. Isso vai confundir Murtagh e, desta forma, o esforço não te enfraqueceria.”

“Não está longe demais para proferir tal encanto?”

“Não quando todos reunirmos os nossos recursos. Mais uma coisa, recomendamos que evite atacar Murtagh com magia, até que ele te ataque com a mente ou através de magia. Ele ainda parece ser mais forte do que você, mesmo com treze de nós dando nossa força de empréstimo. É melhor não tentar sua magia contra ele até que não haja outra alternativa.”

“E se eu não conseguir ganhar?”

“Toda a Alagaësia cairá nas mãos de Galbatorix.”

Eragon sentiu Arya concentrar-se. Em seguida, as gotas de sangue no corte da asa de Saphira cessaram e os extremos ensangüentados da delicada membrana azul celeste uniram-se, sem deixar quaisquer vestígios de crosta ou cicatriz. O alívio de Saphira era quase palpável. Entretanto Arya disse, com um tom de cansaço evidente na voz:

“Proteja-se melhor se conseguir. Isto não foi fácil.”

Depois de Saphira o afastar com chutes, Thorn debatera-se e perdera altitude. Certamente teria imaginado que Saphira o queria empurrar para baixo, onde seria mais difícil escapar aos ataques, pois, entretanto ele afastara-se cerca meio quilometro para oeste. Quando percebeu que Saphira não o estava perseguindo, descreveu um círculo ascendente ate atingir uns bons trezentos metros acima dela. Recolhendo as asas, Thorn avançou em direção a Saphira, com chamas brilhando na boca aberta e as garras cor-de-marfim em traste. Sentado no seu dorso, Murtagh brandia Zar'roc.

Eragon por pouco não largou a cimitarra, no momento em que Saphira encolheu uma asa e se virou de cabeça para baixo, executando um movimento de torção estonteante e voltando a esticar a asa para abrandar a descida. Se virasse a cabeça para trás, Eragon poderia ver o chão abaixo deles, ou seria por cima? Rangeu os dentes e concentrou-se para se manter bem firme a sela.

Thorn e Saphira colidiram. Para Eragon, foi como se Saphira chocasse contra a encosta de uma montanha. A forma do impacto lançou-o para frente e Eragon bateu com elmo no espigão, a sua frente, amolgando o aço. Atordoados, ele ficou pendurado na sela vendo os discos de céu e de terra misturarem-se e girarem sem qualquer padrão definido. Sentiu Saphira estremecer quando Thorn a golpeou no ventre exposto. Quem lhe dera ter tido tempo para vestir em Saphira à armadura criada pelos anões. Um rubi brilhante apareceu em torno das pernas de Saphira, atingindo-a com garras sangrentas. Sem pensar, Eragon atacou a estilha quebrando uma linha de escamas e cortando uma série de tendões. Três dedos da pata ficaram inertes e que Eragon voltou a quebrar. Rugindo, de dentes arreganhados, Thorn largou Saphira. Arqueou o pescoço e Eragon aproveitou o refluxo do ar, enquanto o corpulento Dragão enchia os pulmões. Aquele se aninhou, enterrando o rosto num dos ombros. Um inferno de chamas devoradoras engoliu Saphira. O calor do fogo não os afetava, as proteções de Eragon impediam - mas a torrente de chamas incandescente era ofuscante. Saphira desviou-se para a esquerda, afastando-se da turbulência do fogo. Entretanto, Murtagh já reparara os danos na pata de Thorn, que voltou a atacar Saphira engalfinhando-se, mergulhando os dois, as cambalhotas, na direção das tendas cinzentas dos Varden. Saphira conseguiu morder a crista óssea e saliente na zona traseira da cabeça de Thorn, apesar das pontas de osso lhe picarem a língua. Thorn rugiu e debateu-se, como um peixe preso no anzol, tentando escapar, no entanto, sem conseguir vencer os músculos de aço das mandíbulas de Saphira, os dois dragões continuaram a cair juntos como um par de folhas entrelaçadas. Eragon inclinou-se e desferiu um golpe transversal no ombro direito de Murtagh, não com intenção de o matar, mas para lhe infligir um ferimento suficientemente grave que terminasse com a luta. Ao contrário do que sucedera no confronto da Campina Ardente, Eragon estava tranqüilo, com movimentos rápidos como os de um Elfo e convicto que Murtagh ficaria indefeso. Murtagh ergueu o escudo e aparou a cimitarra. Aquela reação foi tão inesperada que Eragon hesitou. Mal teve tempo para recuar e se defender quando Murtagh retaliou, brandindo Zar'roc em sua direção e fazendo-a zunir no ar a uma velocidade desordenada. O golpe abateu-se sobre o ombro de Eragon. Reforçando a investida, Murtagh atacou o pulso de Eragon e no momento em que este aparou o golpe de Zar'roc, enfiou-a por baixo do escudo transpassando a extremidade da armadura de escamas, cortando sua túnica da sua cintura e bermudas em seu quadril esquerdo. A ponta do osso havia embutido Zar'roc em si mesmo.

A dor assolou Eragon como um salpico de água gelada, no entanto restituiu seus pensamentos com uma clareza sobrenatural, transmitindo aos seus membros um fluxo de energia fora do comum.

Quando Murtagh recolheu Zar'roc, Eragon gritou e atacou Murtagh, que imobilizou a cimitarra por baixo de Zar'roc num movimento rápido de pulso. Murtagh arreganhou os dentes, esboçando um sorriso sinistro. Sem se deter, Eragon libertou a cimitarra, fintou Murtagh para a direita e golpeou-o no queixo.

“Devia ter trazido um elmo,” disse Eragon.

Nessa altura estavam a pouco mais de cem metros do solo, o que obrigou Saphira a largar Thorn. Os dois dragões separaram-se, impossibilitando Eragon e Murtagh de trocar mais golpes.

Enquanto Saphira e Thorn subiam em espiral, competindo em direção a uma nuvem cor de pérola que se formara por cima das tendas dos Varden, Eragon ergueu a armadura de escamas, tal como a túnica e examinou o ferimento. Uma extensão de pele do tamanho de um punho apresentava-se descolorada no local onde Zar'roc esmagara a cota de malha contra a carne. Ao centro era visível uma linha vermelha, com cinco centímetros de comprimento, sinalizando o local onde Zar'roc o traspassara. A ferida sangrava abundantemente, ensopando-lhe a parte de cima das calças.

Ser ferido por Zar'roc - uma espada que nunca o deixara ficar mal em momentos de perigo e que ainda considerava sua por direito - perturbou Eragon. Ver a sua própria arma virar-se contra ele era errado. Tratava-se de uma aberração e todos os seus instintos se insurgiam.

Saphira estremeceu ao voar através de um redemoinho de ar e Eragon vacilou, sentindo novamente a dor a massacrar-lhe o ferimento. *Ainda bem que não lutamos no chão*, pensou, pois ele não acreditava que suportasse o seu peso com esse ferimento.

Arya, chamou Eragon. *Quer curar-me, ou faço eu próprio e Murtagh que me detenha se puder?*

*Nós tratamos disso*, respondeu Arya. *Talvez consiga apanhar Murtagh de surpresa, se ele pensar que ainda está ferido.*

*Ah, espera.*

*Por que?*

*Tenho que lhe dar permissão, com minhas palavras bloquearam feitiço.* Inicialmente não se recordava da frase, mas decorridos uns instantes, lembrou-se da construção da proteção murmurando na língua antiga:

*“Concordo em deixar Arya, filha de Islanzadí, lançar-me um feitiço.”*

*“Temos de falar nas suas proteções quando não estiver distraído. E se estivesse inconsciente, como poderíamos cuidar de você?”*

*“Pareceu-me uma boa idéia depois do que se passou na Campina Ardente. Murtagh imobilizou-nos com magia. Não quero que ele nem ninguém possa lançar feitiços contra nós sem a nossa permissão.”*

*“Nem devem, mas a soluções mais elegantes.”*

Eragon contorceu-se na sela, enquanto a magia dos Elfos fazia efeito. Entretanto começou a sentir picadas e coceiras no local do ferimento como se a área estivesse coberta de ferrões de abelha. Quando a coceira passou, Eragon enfiou a mão debaixo da túnica e ficou fascinado ao sentir a pele macia.

*Muito bem*, disse ele, rolando os ombros. *Vamos ensiná-los a temer os nossos nomes.*

Deparando-se com a nuvem cor de pérola crescendo a sua frente, Saphira curvou-se para a esquerda e, enquanto Thorn tentava virar, mergulhou no coração da nuvem, onde tudo se tornou frio, úmido e branco. Depois saiu disparada pelo lado oposto, a retaguarda de Thorn e escassos metros acima.

Num rugido triunfal, Saphira lançou-se sobre Thorn e agarrando-o pelos flancos enterrou-lhe as garras nas coxas e ao longo da coluna. Depois, esticando a cabeça para frente, abocanhoun-lhe a asa esquerda e trincou-a, infligindo-lhe pequenas incisões com os dentes afiados como lâminas.

Thorn contorceu-se e gritou, ecoando um som horrível que Eragon jamais supôs que os dragões emitissem.

*Tenho ele preso, disse Saphira. Posso rasgar-lhe a asa, mas preferia não o fazer. O que quer que faça a seguir, aja rápido para que a queda não se torne demasiadamente longa.*

De rosto pálido e manchado de sangue seco, Murtagh apontou a Zar'roc para Eragon. A espada estremeceu no ar e a consciência Eragon era invada por um raio colossal. Aquela estranha presença na mente em busca de pensamentos, afim de os aprisionarem e submeter-se a aprovação de Murtagh. Como na Campina Ardente, Eragon percebeu que a mente de Murtagh parecia abrigar uma multidão, como se um coro confuso de vozes murmurasse sob os pensamentos tumultuosos de Murtagh.

Eragon interrogou-se se Murtagh não teria um grupo de mágicos apoiando-o, como os Elfos o estavam a fazer.

Com grande dificuldade, Eragon esvaziou a mente de tudo, exceto a imagem de Zar'roc, concentrou todo o seu poder mental na espada e serenou a sua consciência, até atingir a calma da meditação, para que Murtagh não conseguisse encontrar nada onde firmar os pés dentro dele. Depois Thorn resistiu debaixo deles e, por instantes, a atenção de Murtagh dispersou-se, pelo que Eragon lhe lançou um violento contra-ataque, agarrando-se com toda a força a consciência de Murtagh.

Enquanto caíam, lutavam em silêncio, avançando e recuando nos confins da mente um do outro. Algumas vezes Eragon parecia estar em supremacia, outras seria Murtagh, mas nenhum conseguia derrotar o outro. Em seguida, Eragon olhou para o chão que se aproximava deles velozmente e percebeu que aquela luta teria de ser decidida recorrendo a outros meios.

Baixando a cimitarra, de forma alinhada com Murtagh, Eragon gritou:

“Letta!” o mesmo feitiço que Murtagh usara contra ele no confronto anterior. Era um pedaço de magia simples, que unicamente prenderia os braços e o torso de Murtagh, permitindo que competissem diretamente e descobrissem qual teria mais energia disponível.

Murtagh murmurou um contra-feitiço, cujas palavras se perderam sob os rugidos de Thorn e os uivos do vento.

A pulsação de Eragon acelerava a medida que a força nos seus membros diminuía. Após esgotar praticamente todas as suas reservas e se sentir enfraquecido pelo esforço, Saphira e os Elfos transferiram energia dos seus corpos, permitindo que o feitiço se mantivesse. Murtagh que se mostrava presumido e confiante, agora estava cheio de raiva. Eragon continuava restringir-lhe os seus movimentos. Durante aquela disputa, Eragon e Murtagh mantiveram o cerco na mente de ambos.

Eragon sentiu que a energia que Arya lhe canalizava declinava-se uma vez e depois outra, deduzindo que dois dos feiticeiros sob seu comando de Blödhgarm teriam desmaiado. *Murtagh não agüentará muito mais tempo*, pensou ele, mas de imediato teve que lutar para recuperar o controlo da mente, pois aquela quebra de concentração permitira que Murtagh entrasse.

A força de Arya e dos outros Elfos estava reduzida a metade e mesmo Saphira tremia de exaustão. Todavia, no instante em que Eragon se convenceu que Murtagh iria ganhar, este lançou um grito angustiado, fazendo com que Eragon se libertasse de um peso enorme e coincidindo com o fato de Murtagh ter deixado de oferecer resistência. Este

parecia perplexo perante o sucesso de Eragon.

*E agora?* perguntou Eragon a Arya e a Saphira. *Levamos eles como reféns? Podemos fazer isso?*

Agora, disse Saphira, *tenho de voar*. Largou Thorn e afastou-se dele debatendo vigorosamente as asas, na tentativa de se manter no ar. Eragon olhou por cima do ombro dela e teve a ligeira impressão de que cavalos e erva manchada pelo sol vinham ao seu encontro. A seguir foi como se um gigante lhe batesse por baixo e tudo escureceu.

A primeira coisa que Eragon viu foi uma faixa de escamas do pescoço de Saphira a três ou quatro centímetros do seu nariz. As escamas brilhavam como gelo azul-cobalto. O Cavaleiro teve uma vaga sensação de que alguém tentava alcançar a sua mente a uma grande distância e de ambas as consciências produzirem um intenso sentimento de urgência. A medida que recuperava as faculdades, Eragon percebeu que era Arya.

Ela disse, *Quebre o feitiço, Eragon! Matará as a todos se continuar. Quebre-o. Murtagh está longe demais! Acorda, Eragon, ou irá para o vazio*.

Eragon deu um salto e endureceu em sua sela, sem reparar que Saphira estava agachada no meio de um círculo de cavaleiros do rei Orrin. Arya não estava a vista. De novo alerta, Eragon percebeu que o feitiço que lançara sobre Murtagh continuava a sugar-lhe energia em quantidades enormes. Se não fosse a ajuda de Saphira, de Arya dos outros Elfos, ele já teria morrido.

Eragon quebrou o fluxo de magia e, de imediato, procurou Murtagh e Thorn no solo.

*Ali*, disse Saphira, apontando com o focinho. Voou a baixa altitude, rumo a Nordeste, e Eragon distinguiu a forma cintilante de Thorn. O dragão deslocava-se em direção ao Rio Jiet, fugindo para junto do exército de Galbatorix, que estava a alguns quilômetros.

*Como é possível?*

*Murtagh tornou a curar Thorn, que teve a sorte de aterrissar na encosta de uma colina. Correu através dela abaixo e levantou vôo, antes de você recuperar a consciência.*

A voz amplificada de Murtagh ecoou pela paisagem ondulante.

“Não pensem que ganharam, Eragon e Saphira. Voltaremos a encontrar-nos, prometo. Eu e Thorn derrotaremos vocês ao regressarmos ainda mais fortes do que estamos agora!”

Eragon apertou com tanta força o escudo e a cimitarra que ficou com as unhas sangrando.

*Acha que consegue derrotá-lo?*

*Talvez, mas os Elfos, não poderiam ajudá-la a uma distância tão grande e duvido que conseguíssemos ganhar sem o seu apoio.*

*Talvez consigamos.* Eragon silenciou, batendo na perna ao sentir-se frustrado. *Raios! Sou um idiota! Esqueci-me de Aren. Podíamos ter usado a energia armazenada no anel de Brom, para nos ajudar a derrotá-los.*

*Tinhas outras coisas em mente. Qualquer pessoa poderia ter cometido o mesmo erro.*

*Talvez, mesmo assim gostaria de me ter lembrado de Aren mais cedo. Podíamos ainda usá-lo para apanhar Thorn e Murtagh.*

*E depois?* perguntou Saphira. *Como íamos mantê-los prisioneiros? Iria drogá-los, como Durza te drogou em Gil'ead? Ou quer simplesmente matá-los?*

*Não sei! Poderíamos ajudá-los a mudar os seus verdadeiros nomes, para quebrarem o juramento que fizeram a Galbatorix. Por outro lado, é demasiado arriscado deixá-los andando por aí a vontade.*

Arya disse, *Em teoria você está certo, Eragon. Mas você está cansado e Saphira também, por isso é preferível que Thorn e Murtagh escapem a perder vocês aos dois, por não se encontrarem no seu melhor. Mas nós não temos capacidade para manter um Dragão e um Cavaleiro presos em segurança, por um período extenso e não acho que*

*matar Thorn e Murtagh fosse assim tão fácil como pensa, Eragon. Temos de ficar felizes por termos conseguido repeli-lo e descanse agora, pois voltaremos a fazer o mesmo da próxima vez que se atreverem a nos confrontar.* Dito isto Arya retirou-se da sua mente. Eragon ficou a olhando até Thorn e Murtagh desaparecerem no horizonte. Entretanto suspirou e esfregou o pescoço de Saphira.

*Devia se sentir orgulhosa, foi quase sempre mais rápida que Thorn.*

*Fui, não fui? envaideceu-se. Mas não foi uma luta leal. Thorn não tem a minha experiência.*

*Nem o seu talento, devo dizer.*

Virando o pescoço, Saphira lambeu-lhe a parte superior do braço, fazendo retinir a armadura de escamas e, em seguida, fitou-o com um olhar cintilante.

Eragon esboçou a sombra de um sorriso.

*Suponho que deveria contar com isso, mas surpreendeu-me que Murtagh fosse tão rápido como está. Mais magia de Galbatorix, não tenho qualquer dúvida.*

*Porque será que as suas proteções não conseguiram desviar Zar'roc? Salvaram você de golpes muito piores, ao combatermos os Ra'zac.*

*Não tenho a certeza. Talvez Murtagh ou Galbatorix inventaram um feitiço contra o qual eu não me protegi. Ou talvez apenas pelo fato de Zar'roc ser a espada de um Cavaleiro, como Glerdr disse -*

*- as espadas forjadas por Rhunon distinguem-se por -*

*- penetrar encantamentos de qualquer tipo e -*

*- só raramente são -*

*- afetadas pela magia. Exatamente.* Eragon olhou as manchas de sangue de dragão na lâmina da cimitarra. *Quando conseguiremos sozinhos derrotar os nossos inimigos? Eu jamais teria conseguido matar Durza, se Arya não tivesse quebrado a estrela de safira. E só conseguimos vencer Murtagh e Thorn com ajuda de Arya e dos outros doze elfos.*

*Temos de nos tornar mais poderosos.*

*Sim, mas como? De que maneira Galbatorix vem acumulando o seu poder? Será que ele descobriu uma forma de se alimentar dos corpos dos seus escravos, mesmo estando a centenas de quilômetros de distância? Grrr! Não sei.*

Um fio de suor correu da testa de Eragon até ao canto do olho direito. Limpando-o com a palma da mão, piscou os olhos e voltou a observar os cavaleiros que permaneciam em torno dele e de Saphira.

*O que eles estão fazendo aqui?* e, olhando para trás, Eragon percebeu que Saphira aterrara perto do local onde o Rei Orrin interceptara os soldados dos barcos. Não muito longe, do lado esquerdo, centenas de homens, Urgals e cavalos corriam de um lado para o outro, em sinal de pânico e de confusão. De vez em quando, o ruído de espadas ou o grito de um ferido destacava-se entre aquele alvoroço, acompanhado por farrapos de gargalhadas insanas.

*Acho que estão aqui para nos proteger.* disse Saphira.

*Nós? Proteger de que? Porque ainda não mataram os soldados? Onde...* e Eragon afastou a questão ao ver Arya, Blödhgarm e quatro Elfos de aspecto fatigado correndo na direção de Saphira, vindos do acampamento. Erguendo a mão para a saudar, Eragon chamou-a: “Arya! O que aconteceu? Ninguém parece estar no comando.”

Desencadeando o pânico em Eragon, Arya estava tão ofegante que não conseguiu falar durante uns instantes. A Seguir, ela respondeu:

“Os soldados são mais perigosos do que prevíamos. Não sabemos em que aspecto. Os Du Vrangr Gata ouviram apenas disparates da boca dos feiticeiros do Rei Orrin.” E enquanto recuperava o fôlego, Arya começou a examinar os cortes de Saphira.

Antes que Eragon continuasse perguntando mais algumas coisas, uma série de gritos de

entusiasmo de dentro do turbilhão de guerreiros. Abafando o tumulto ele ouviu Rei Orrin gritar: “Para trás, todos para trás! Arqueiros mantenham atrás das linhas! Raios! Que ninguém se mexa, já o apanhamos!”

Saphira teve o mesmo pensamento que Eragon. Apoiando se nas patas, saltou por cima do anel de cavaleiros - assustando cavalos que se empinaram e rugiram - e atravessou o campo de batalha coberto de cadáveres, em direção a voz do Rei Orrin, varrendo homens e Urgals, como talos de erva. Os Elfos corriam para o acompanhar, de espadas e arcos em punho.

Saphira encontrou Orrin, montado no seu cavalo de carga, na dianteira dos soldados espremidos uns contra os outros, olhando para um homem sozinho, a cerca de doze metros. O rei estava assustado e de olhos arregalados, com a armadura coberta de sujeira da própria da batalha. Fora ferido debaixo do braço esquerdo e tinha vários centímetros da haste de uma flecha saindo da coxa direita. Logo que percebeu da aproximação de Saphira, a expressão no seu rosto foi a de um súbito alívio.

“Ainda bem, ainda bem que está aqui,” murmurou ele, logo que Saphira rastejou para o lado do seu cavalo.

“Nós precisávamos de você Saphira e de você também, Matador de Espectros - um dos arqueiros aproximou-se a escassos centímetros. Orrin, de imediato, brandiu a espada na direção dele e gritou: Para trás! Corto a cabeça de quem não ficar onde está, juro pela coroa de Angvard!” depois voltou a olhar para o homem solitário.

Eragon seguiu seu olhar. O indivíduo era um soldado de estatura média, exibindo uma marca de nascença vermelha no pescoço e cabelo castanho achatado pelo elmo que usara. Tinha o escudo despedaçado. A espada estava rachada, dobrada e partida, faltavam-lhe quinze centímetros. Um rio de lama empapava-lhe as pernas da cota de malha. Estava coberto de sangue, devido a um golpe profundo ao longo das costelas. Uma flecha com penas brancas atravessava-lhe o pé direito, prendendo-o ao chão. Três quartos da flecha estavam enterrados na terra batida. Uma assustadora gargalhada gorgolejante emanava da sua garganta. O som subia e descia numa cadência bêbada saltando de nota em nota como se o homem estivesse prestes a gritar de pavor.

“Quem é você?” gritou o Rei Orrin. Como o soldado não respondera de imediato, o rei praguejou e ordenou-lhe: “Responde-me ou mando os meus feiticeiros tratarem de você. É um homem, um animal ou um demônio deformado? De que buraco imundo Galbatorix desenterrou você, assim como aos seus irmãos? É da família dos Ra'zac?”

A última pergunta do rei funcionou como uma agulhada para Eragon, que logo se endireitou, com todos os sentidos em alerta.

As gargalhadas pararam por instantes.

“Homem. Sou um homem.”

“Nunca vi nenhum homem como você.”

“Queria garantir o futuro da minha família. Isso é assim tão estranho para você, Surdan?”

“Não fale com charadas, seu despojo humano de língua bifurcada! Me explique como se tornou o que é e trate de falar honestamente, ou vai beber chumbo fervido pela garganta abaixo para ver se isso dói.”

As gargalhadas dementes intensificaram se e, a seguir, o soldado acrescentou: “Não pode me magoar, Surdan, ninguém pode. Foi o próprio rei que nos tornou imunes a dor. Em compensação, as nossas famílias viverão o resto das vidas confortavelmente. Podem esconder-se de nós, mas nós continuaremos a persegui-los, mesmo quando qualquer outro homem cairia morto de exaustão. Podem combater-nos, mas nós continuaremos a matá-los enquanto tivermos uma arma nas mãos. Nem sequer podem se render, pois não aceitamos prisioneiros. Nada mais nos resta senão morrer e devolver a paz a esta terra.”



Fazendo um esgar terrível, o soldado agarrou na flecha com a mão onde tinha o escudo destroncado e arrancou a respectiva flecha do pé, emitindo o ruído de carne rasgando. Ao sair, a flecha exibia pedaços de carne vermelha agarrados. O soldado abanou a flecha na direção deles, atirando-a como um míssil a um dos arqueiros e ferindo-lhe a mão. Rindo mais alto que nunca, o soldado avançou, arrastando o pé ferido. Depois ergueu a espada como se fosse atacar.

“Matem-no!” gritou Orrin.

As cordas dos arcos tangeram, acertando dezenas de flechas na direção do soldado, que pouco a pouco o atingiram no torso. Duas das flechas ricochetearam na almofadada e as restantes trespassaram-lhe a caixa torácica. As gargalhadas converteram-se num riso misterioso a medida que o sangue lhe invadia os pulmões. Mas o soldado continuou avançando, tingindo a terra de vermelho vivo. Os arqueiros voltaram a disparar e as flechas cravaram-se nos ombros e nos braços do homem, no entanto, ele não parou. Seguiu-se uma nova saraivada de flechas. O soldado cambaleou, caindo quando uma das flechas atingiu na rótula, outras na parte superior das pernas e uma lhe trespassou o pescoço - abrindo-lhe um buraco na marca de nascença. E continuou a zunir ao longo do campo, deixando atrás de si um rasto de sangue. Mesmo assim, o soldado recusava-se a morrer. Começou a rastejar, deslizando para frente com a ajuda dos braços, de boca escancarada, rindo, como se o mundo inteiro não passasse de uma brincadeira obscena que apenas ele conseguia apreciar.

Eragon sentiu um arrepio gelado na espinha ao observá-lo. O Rei Orrin praguejou violentamente e o Cavaleiro distinguiu um tanto de histeria na sua voz. Saltando do cavalo, Orrin atirou a espada e o escudo para o chão, apontando para o Urgal mais próximo:

“Dê-me seu machado!”

Surpreendido, o Urgal de pele cinzenta hesitou, entregando-lhe em seguida a sua arma. O Rei Orrin coxeou até ao soldado, ergueu o pesado machado com ambas as mãos e cortou-lhe a cabeça com um único golpe. As gargalhadas cessaram. Os olhos do soldado reviraram-se, a boca mexeu-se durante alguns instantes e, finalmente, ficou imóvel. Orrin agarrou na cabeça e ergueu-a, para que todos a vissem.

“Eles podem ser mortos!” declarou. “Passem a palavra, a única maneira de deter estas aberrações é decapitando-as. Isso ou esmagar-lhes o crânio com um bastão, ou atingi-los num olho a uma distância segura... Dentes Cinzentos, onde você está?”

Um robusto cavaleiro de meia-idade incitou a sua montada a avançar. Orrin afagou-lhe a cabeça, que ele de imediato abaixou.

“Ponha isso num poste, junto do portão Norte do acampamento. Aliás, ponham todas as cabeças, para que eles transmitam a Galbatorix que não receamos os seus truques baixos e que, mesmo assim, sairemos vencedores.” Regressando para junto do seu cavalo, Orrin devolveu o machado ao Urgal e apanhou as suas armas.

Eragon avistou Nar Garzhvog rodeado por um grupo de Kulls, a alguns metros de distância. O Cavaleiro disse algumas palavras a Saphira e esta se aproximou sorrateiramente dos Urgals. Depois de se cumprimentarem com um aceno de cabeça, Eragon perguntou a Garzhvog.

“Todos os soldados eram assim?” e apontou para o cadáver coberto de flechas.

“Nenhum dos homens sentia dor. Atingíamos, pensamos que estavam mortos, viramos costas e eles a seguir cortavam nossos tendões.” Garzhvog fez uma expressão carrancuda. “Perdi muitos homens. Já lutamos com uma imensidão de homens, Espada de Fogo, mas nunca com estes demônios risonhos. Não é natural. Receamos que estejam possuídos por espíritos sem chifres ou que talvez os próprios deuses estejam contra nós.”

“Que disparate,” desdenhou Eragon. “É apenas um feitiço de Galbatorix e, em breve,

descobriremos uma forma de nos protegermos dele.”

Apesar da confiança demonstrada, a idéia de lutar contra inimigos que não sentiam dor inquietava-o tanto como aos Urgals. Além disso, depois de ouvir Garzhvog, Eragon percebeu que seria mais difícil para Nasuada manter a moral dos Varden elevada, logo que soubessem dos soldados.

Enquanto os Varden e os Urgals recolhiam os companheiros tombados, despojando os mortos do equipamento útil, decapitando soldados e reunindo os corpos mutilados numa pilha para os queimar, Eragon, Saphira e o Rei Orrin regressaram ao acampamento, acompanhados por Arya e os outros Elfos.

Durante o caminho, Eragon ofereceu-se para sarar a perna de Orrin, mas o rei recusou dizendo:

“Tenho os meus próprios médicos, Matador de Espectros.”

Nasuada e Jörmundur aguardavam a sua chegada no portão Norte. Nasuada pergunta: “O que deu errado?”

Eragon fechou os olhos, enquanto Orrin lhe explicava que, de início, o ataque aos soldados ocorreu bem, os cavaleiros tinham varrido as fileiras, distribuindo o que julgavam ser golpes letais, a esquerda e a direita, e que sofreram apenas uma baixa durante esse ataque. No entanto, ao mobilizarem os restantes soldados, muitos dos que tinham já sido atingidos, voltaram a erguer-se e a reunir-se a luta. Orrin estremeceu. “Foi então que perdemos a coragem. Qualquer homem a teria perdido. Não sabíamos se os soldados eram invencíveis, se eram Humanos. Dificilmente alguém consegue manter a sua posição, ao ver um inimigo com um osso saindo da barriga da perna, uma flecha espetada na barriga e metade da cara desfeita avançando na sua direção rindo. Os meus guerreiros entraram em pânico e quebraram a formação. Foi uma confusão total. Uma chacina. Quando os Urgals e os seus guerreiros nos alcançaram, acabaram por ser absorvidos por toda aquela loucura.” E abanou a cabeça. “Nunca vi nada assim, nem mesmo na Campina Ardente.”

O rosto de Nasuada empalideceu, mesmo sendo ela de pele escura. Olhou para Eragon e depois para Arya.

“Como conseguiu Galbatorix fazer isto?”

Foi Arya que respondeu: “Bloqueando-lhes praticamente toda a capacidade de sentir dor, deixando lhes apenas a sensibilidade necessária para saberem onde estão e o que estão fazendo, sem que a dor os incapacite. Esse feitiço exige apenas uma pequena quantidade de energia.”

Nasuada umedeceu os lábios e, dirigindo-se novamente a Orrin, acrescentou: “Sabe quantos homens perdemos?”

O rei foi assolado por um tremor, dobrou-se, apertou a perna com uma mão, rangeu os dentes e gemeu: “Trezentos soldados contra... quantos homens você mandou?”

“Duzentos espadachins, cem lanceiros e cinqüenta arqueiros.”

“Mais os Urgals, mais a minha cavalaria... uns mil bravos, contra trezentos soldados de infantaria em campo aberto. Matamos todos os soldados, mas o preço foi elevado...” o rei abanou a cabeça.

“Não saberemos ao certo enquanto não contarmos os mortos, mas, por aquilo que vi, creio que perdemos três quartos dos seus espadachins, praticamente todos os lanceiros e alguns arqueiros. E poucos restam da minha cavalaria, uns cinqüenta, setenta homens no máximo. Muitos deles eram meus amigos. Uns cem ou cento e cinqüenta Urgals mortos. No total? Quinhentos ou seiscentos corpos para enterrar e a maior parte dos sobreviventes feridos. Não sei... não sei. Não...” e deixando cair o queixo, Orrin tombou para o lado e teria caído do cavalo, se Arya não desse um salto para frente, amparando-o.

Nasuada estalou os dedos, mobilizando dois dos Varden que estavam entre as tendas, e ordenou-lhes que levassem Orrin para o seu pavilhão e que depois fossem buscar os curandeiros do rei.

“Mesmo tendo exterminado todos os soldados, sofreremos uma dolorosa derrota” - murmurou Nasuada e cerrou os lábios exibindo uma expressão de tristeza e desespero. Lágrimas brilharam em seus olhos. Endireitando as costas, dirigiu um olhar duro a Eragon e a Saphira:

“Como correram as coisas com vocês?” e escutou sem se mover, enquanto Eragon lhe descrevia o seu encontro com Murtagh e Thorn. Depois acenou com a cabeça.

“Tudo o que pedíamos era que conseguissem escapar as suas garras, mas vocês fizeram mais do que isso. Provaram que Galbatorix não tornou Murtagh poderoso a ponto de perdermos as esperanças de o derrotar. Com mais alguns feiticeiros os ajudando, Murtagh teria ficado sobre seus pés. Depois disso, creio que não se atrevera a defrontar sozinho o exército da Rainha Islanzadí. Se conseguirmos reunir feiticeiros suficientes em seu redor, Eragon, creio que poderemos matar Murtagh e Thorn da próxima vez que aparecerem para tentar raptá-los.”

“Não quer capturá-lo?” perguntou Eragon.

“Eu quero muitas coisas, mas duvido que consiga concretizar a maior parte. Talvez Murtagh e Thorn não pretendam matar você. Mas se a oportunidade surgir, deveremos neutralizá-los sem hesitar. Ou vê as coisas de outra forma?”

“.. Não.”

Desviando a sua atenção para Arya, Nasuada perguntou: “Algum dos seus feiticeiros morreram durante a disputa?”

“Alguns desmaiaram, mas todos já se recuperarão, obrigada, Nasuada,” respirou fundo e olhou para Norte, concentrando-se no infinito.

“Eragon, por favor, informe Trianna que eu quero que os Du Vrangr Gata descubram como replicar o feitiço de Galbatorix. Por mais desprezível que seja, temos de seguir os passos de Galbatorix. Não podemos deixar de fazê-lo. Nem para nós será prático não conseguir sentir dor, pois poderemos magoar-nos facilmente. De qualquer forma, devíamos arranjar uns cem espadachins voluntários, imunes ao sofrimento físico.

“Senhora.”

“Tantos mortos,” disse Nasuada, torcendo as rédeas nas mãos. “Estamos a demasiado tempo no mesmo lugar. É altura de forçarmos o Império a assumir a posição defensiva mais uma vez.” Esporeou Tempestade de Guerra, a fim de se distanciar da carnificina do campo de batalha e o garanhão agitou a cabeça, mordendo o freio. “O seu primo implorou-me que o deixasse tomar parte na batalha de hoje e eu recusei, devido ao seu casamento, o que não lhe agradou, embora eu suspeite que a sua noiva não pense da mesma forma. Importasse de me informar se ainda hoje vão prosseguir com a cerimônia? Depois de tanto sangue derramado, seria encorajador para os Varden assistir a um casamento.”

“Informarei logo que souber.”

“Obrigada. Pode se retirar agora, Eragon.”

A primeira coisa que Eragon e Saphira fizeram depois de abandonar Nasuada foi visitar os Elfos que tinham desmaiado durante a sua batalha contra Murtagh e Thorn, agradecendo-lhes todo o apoio prestado. Depois Eragon, Arya e Blodhgarm trataram das feridas que Thorn infligira a Saphira, sarando-lhe cortes, arranhões e algumas escoriações. Quando terminaram, Eragon localizou Trianna através da mente e transmitiu-lhe as instruções de Nasuada. Só depois ele e Saphira foram a procura de Roran. Blodhgarm e os Elfos acompanharam quando Arya partiu para tratar de outros assuntos.

Roran e Katrina discutiam baixinho, mas intensamente, quando Eragon os viu num canto da tenda de Horst. Ambos se silenciaram quando Eragon e Saphira se aproximaram. Katrina cruzou os braços e desviou o olhar de Roran, enquanto este apertava o topo do martelo enfiado no cinto, raspando o salto da bota numa rocha.

Parando a frente deles, Eragon aguardou uns instantes na esperança de que lhe explicassem o motivo da discussão, mas, em vez disso, Katrina disse: “Algun de vocês está ferido?” O olhar dela saltou de Eragon para Saphira e novamente para Eragon.

“Estávamos, mas agora não.”

“Isso é tão... estranho. Sempre ouvi histórias de magia em Carvalhal, mas nunca acreditei muito nelas. Pareciam tão impossíveis. Mas aqui a mágicos por todo lado... Feriram Murtagh e Thorn com gravidade. E por isso que eles fugiram?”

“Vencemos, mas não lhes causamos danos permanentes.” Eragon fez uma pausa e como nem Roran nem Katrina falaram, perguntou-lhes se ainda pretendiam casar naquele dia. Nasuada sugeriu que prosseguissem, mas talvez seja melhor esperar. “Temos ainda de enterrar os mortos e a muita coisa para fazer. Amanhã seria mais conveniente... e decente.”

“Não,” disse Roran, batendo com a ponta da bota na pedra. “O Império pode atacar a qualquer momento. Amanhã pode ser tarde demais. Se... eu morresse antes de nos casarmos, o que iria ser de Katrina ou do nosso...” a voz morreu e ele se calou. Com uma expressão serena, Katrina virou se para Roran, pegou em sua mão e disse: “Além disso, a comida foi cozinhada, as decorações penduradas e os nossos amigos reuniram-se para o casamento. Seria lamentável se todos esses preparativos fossem inúteis”. Erguendo a mão, acariciou a barba de Roran. Este lhe sorriu e pôs o braço em volta dela.

*Não percebo metade do que se passa entre eles,* queixou-se Eragon a Saphira.

“Afiml quando será a cerimônia?”

“Dentro de uma hora,” respondeu Roran.



## MARIDO E MULHER

Quatro horas mais tarde, Eragon estava no alto de uma colina baixa, salpicada de flores silvestres amarelas.

Ao redor da colina havia um campo exuberante que confrontava com o rio Jiet, que corria cerca de trinta metros a direita de Eragon. O céu estava claro e limpo e o sol cobria a terra com um brilho suave. O ar era fresco e calmo e sentia-se o cheiro de terra fresca, como se acabasse de chover.

Reunidos em frente a colina estavam os aldeões de Carvahall, nenhum deles havia sido ferido durante o combate e, aparentemente, o equivalente a metade dos homens dos Vardem. Muitos dos guerreiros seguravam em longas lanças, com pingentes bordados de todas as cores. Vários cavalos, incluindo Fogo na Neve, permaneciam amarrados a estacas, no lado oposto do campo. Apesar dos esforços de Nasuada, organizar a assembléia levava mais tempo que pretendia.

O vento despenteou Eragon, de cabelo ainda molhado do banho, no momento em que Saphira voou sobre a multidão e pousou junto a ele, batendo suas asas. O cavaleiro sorriu e tocou seu ombro.

*“Pequenino”.*

Em circunstâncias normais, Eragon estaria nervoso por falar perante tanta gente e celebrar uma cerimônia tão solene e importante. No entanto, após as lutas anteriores, tudo assumira um aspecto irreal, como se não passasse de um sonho particularmente vivido.

No alto da colina estavam Nasuada, Arya, Narheim, Jörmundur, Ângela, Elva e outras figuras importantes. O Rei Orrin não estava presente, na medida em que os seus ferimentos se revelaram mais graves do que pareciam a primeira vista e os curandeiros continuavam a tratá-lo no seu pavilhão. Era Irwin, o primeiro-ministro do Rei, que assistia montado em seu cavalo.

Os únicos Urgals que participavam da cerimônia eram os da guarda particular de Nasuada. Eragon estava presente no momento em que Nasuada convidou Nar Garzhgov para o evento, tendo ficado bastante tranquilo quando ele teve o bom senso de não aceitar o convite. Os aldeões jamais tolerariam a presença de um grande número de Urgals no casamento. Mesmo nas atuais circunstâncias Nasuada teve grande trabalho em permitir que seus guardas assistissem.

Fazendo barulho pelo ruído dos trajes, os aldeões e os Vardem dividiram-se, abrindo um grande corredor entre a colina e a multidão. Depois uniram suas vozes, os aldeões começaram a entoar as velhas canções de casamento do Vale Palencar. Os versos entoavam o ciclo das estações, a terra morna que gerava novas colhetas todos os anos, o nascimento dos bezerros na primavera, as ninhadas de pintarroxos, a desova dos peixes e como era o destino dos jovens que tomavam o lugar dos mais velhos. Uma feiticeira de Blödhgarm, uma mulher elfo de cabelos prateados, tirou uma pequena harpa de ouro de uma caixa de veludo e acompanhou os aldeões com notas de sua autoria, embelezando os temas simples das melodias e emprestando uma aura de melancolia a música que todos já conheciam.

Caminhando lentamente numa passada constante, Roran e Katrina surgiram de ambos os lados da multidão, ao fundo do corredor, viraram-se para a colina e, sem se tocar, avançaram em direção a Eragon. Roran usava uma túnica que pedira emprestada aos Vardem. Tinha o cabelo escovado, a barba aparada e as botas limpas. Uma alegria extraordinária lhe iluminava o rosto. Eragon achou que ele se apresentava muito

atraente e distinto. Mas foi Katrina que realmente lhe despertou atenção. Estava vestida com um vestido azul claro – como era hábito uma noiva usá-lo em seu primeiro casamento – com um corte simples e uma calda de renda, com seis metros de comprimento, seguida por duas donzelas. Madeixas de cabelo solto brilhavam como cobre polido sobre o pálido tecido. Nas mãos trazia um ramalhete de flores silvestres. Estava orgulhosa, serena e linda.

Eragon viu algumas mulheres conterem a respiração, surpreendidas ao verem a cauda do vestido de Katrina. Entretanto, decidiu agradecer a Nasuada por solicitar aos Du Vrangr Gata que fizessem o vestido de Katrina, deduzindo que o presente fosse de sua responsabilidade.

A três passos de Roran vinha Horst e, a mesma distancia de Katrina, surgia Brigit com todo o cuidado para não pisar a cauda do vestido. Quando Roran e Katrina estavam a meio caminho da colina, duas pombas brancas, voaram dos salgueiros que ladeavam o Rio Jiet. As pombas traziam uma coroa de narcisos amarelos presa nas patas. Katrina parou ao se aproximarem dela. As aves descreveram três círculos em torno de Katrina, de Norte para Leste, descendo e colocando a coroa sobre a sua cabeça antes de regressarem ao rio.

“Foi você que fez aquilo?” murmurou Eragon para Ayra.

Ela sorriu.

Roran e Katrina ficaram imóveis perante Eragon, ao topo da colina, aguardando que os aldeões terminassem os cânticos. Após o ultimo refrão, Eragon ergueu as mãos e disse:

“Sejam todos bem vindos! Estamos aqui hoje reunidos para celebrar a união entre as famílias de Roran, filho de Garrow, e Katrina, filha de Ismira, ambas pessoas de boa reputação e cuja mão mais ninguém reclama para si, tanto quanto sei. Se assim não for ou se houver qualquer outra razão que impeça que eles se tornem marido e mulher, queiram expor suas objeções diante destas testemunhas, para que possamos avaliar o mérito de seus argumentos.” Eragon fez uma pausa para contemplar o intervalo. Em seguida prosseguiu:

“Quem aqui fala em nome de Roran, filho de Garrow?”

Horst deu um passo a frente:

“Como Roran não tem pai nem tio, eu Horst, filho de Ostrec, falo por ele como se fosse do meu sangue.”

“E quem fala aqui em nome de Katrina, filha de Ismira?”

Birgit deu um passo a frente:

“Como Katrina não tem mãe, nem tia, eu Birgit, filha de Mardras, falo por ela como se fosse do meu sangue.” Apesar da vingança planejada contra Roran, segundo a tradição, Birgit tinha o direito e a responsabilidade de representar sua mãe, já que tinha sido sua amiga mais próxima.

“Assim dita a lei social e moral. O que oferece então Roran, filho de Garrow a este casamento, que permita a ambos prosperar?”

“Oferece seu nome,” respondeu Hosrt. “Oferece o seu machado, a força de suas mãos e a promessa de uma fazenda em Carvahall, quando ambos puderem viver em paz.”

A surpresa tomou a multidão, ao perceber o que Roran estava fazendo. Declarar de forma mais publica e vinculativa possível que o império não o impediria de regressar para casa com Katrina e proporcionar-lhe a vida que teriam não fosse a interferência sanguinária de Galbatorix. Roran apostava a sua honra na queda do império, como homem e marido.

“Aceita esta oferta, Birgit, filha de Mardras?” perguntou Eragon.

Birgit anuiu.

“Aceito.”

“E o que oferece Katrina, filha de Ismira, a este casamento, que permita a ambos prosperar?”

“Oferece amor e devoção para servir Roran, filho de Garow. Oferece suas aptidões para o cuidado da casa e oferece um dote.”

Surpreendido, Eragon viu Birgit desviar-se e dois homens que permaneciam ao lado de Nasuada avançarem com um baú de metal. Birgit destravou o baú, abriu a tampa e exibiu o conteúdo a Eragon, que de boca aberta viu um amontoado de jóias no seu interior. “Oferece um colar de ouro com diamantes, um broche decorado com corais do Mar do Sul e uma rede de pérolas para segurar os cabelos. Traz cinco anéis de ouro e electrum. O primeiro anel...” e descrevendo cada objeto, Birgit erguia-o do baú, par que todos vissem que dizia a verdade.

Surpreso, Eragon olhou de relance para Nasuada, distinguindo um sorriso satisfeito.

Depois de Birgit terminar a sua ladainha, fechar o baú e voltar a trancar a fechadura, Eragon perguntou: “Aceita esta oferta Horst, filho de Ostrec?”

“Aceito.”

“Uno então suas famílias numa só, de acordo com a lei da terra.” A seguir, dirigindo-se pela primeira vez a Katrina e Roran diretamente, acrescentou:

“Os que falaram em seu nome, acordaram os termos do vosso casamento. Roran, você esta satisfeito com a forma como Horst, filho de Ostrec, negociou em seu nome?”

“Estou.”

“Katrina, você esta satisfeita com a forma como Birgit, filha de Mardras, negociou em seu nome?”

“Estou.”

“Roran Martelo forte, filho de Garrow, jura então pelo seu nome e pela sua linhagem proteger e cuidar de katrina, filha de Ismira, enquanto ambos viverem?”

“Eu Roran Martelo Forte, filho de Garrow, juro pelo meu nome e pela minha linhagem proteger e cuidar de Katrina, filha de Ismira enquanto ambos vivermos.”

“Jura defender sua honra, ser leal e fiel nos anos vindouros e tratá-la com o devido respeito, dignidade e atenção?”

“Juro defender sua honra, ser leal e fiel nos anos vindouros e tratá-la com o devido respeito, dignidade e atenção.”

“E jura confiar a ela as chaves das suas propriedades e da caixa forte onde guarda o seu dinheiro, até amanhã ao pôr-do-sol, para que ela possa cuidar dos seus negócios como é o seu dever de esposa?”

Roran jurou.

“Katrina, filha de Ismira, juras então pelo seu nome e pela sua linhagem proteger e cuidar de Roran, filho de Garrow, enquanto ambos viverem?”

“Eu Katrina, filha de Ismira, juro pelo meu nome e pela minha linhagem proteger e cuidar de Roran, filho de Garrow enquanto ambos vivermos.”

“Jura defender sua honra, ser leal e fiel nos anos vindouros, dar-lhe filhos enquanto você puder, e ser uma mãe zelosa?”

“Juro defender sua honra, ser leal e fiel nos anos vindouros, dar-lhe filhos enquanto puder, e ser uma mãe zelosa.”

“E jura cuidar de sua fortuna e de seus bens, provendo-os de forma responsável, para que ele possa concentrar-se nos deveres que apenas a ele dizem respeito?”

Katrina jurou.

Sorrindo, Eragon tirou uma fita vermelha da manga e disse:

“Cruzem os pulsos.”

Roran e Katrina esticaram o braço esquerdo e direito, respectivamente, seguindo as suas instruções. Pousando a parte central da fita sobre ambos os pulsos, Eragon enrolou a

faixa de cetim três vezes, em torno deles, atando as pontas com, uma das honras da cavalaria, uma roseta.

“Como Cavaleiro de Dragão e por ser meu direto, eu vos declaro agora marido e mulher!”

A multidão irrompeu em aplausos. Inclinando-se, Roran e Katrina beijaram-se, os aplausos dobraram.

Saphira baixou a cabeça em direção ao radiante casal e quando Roran e Katrina se separaram, tocou na testa de cada um com a ponta do focinho.

“Longa vida para ambos e que o seu amor aumente com o passar do tempo.”

Roran e Katrina viraram-se para a multidão, erguendo os braços unidos na direção do céu.

“Que o banquete comece!” Anunciou Roran.

Eragon seguiu o casal, que desceu a colina e caminharam por entre a multidão entusiasmada, em direção as duas cadeiras instaladas num primeiro plano, integradas numa fila de mesas, onde Roran e Katrina sentaram-se como Rei e Rainha do seu casamento.

Depois os convidados alinharam-se a fim de desejar-lhes os parabéns e lhes oferecerem os presentes. Eragon foi o primeiro. Com um sorriso tão largo quanto os deles, apertou a mão livre de Roran e inclinou a cabeça em direção a Katrina.

“Obrigado Eragon.” agradeceu Katrina.

“Sim, obrigado.” Acrescentou Roran.

“A honra foi minha.” olhou para ambos e desatou a rir.

“O que foi?” protestou Roran.

“Vocês! Parecem dois tontos de tão felizes...”

De olhar cintilante, Katrina riu e abraçou Roran.

“Lá isto é verdade!”

Recuperando a seriedade, Eragon disse: “Devem saber a sorte que tem de estar aqui hoje, juntos. Se não tivestes conseguido reunir todos, e viajar ate as Planícies Flamejantes, Roran, se os Ra’zac tivessem a levado ate Uru’baen, Katrina, nenhum de vocês teria...”

“Sim, mas eu consegui e eles não a levaram” interrompeu Roran. “Não vamos escurecer este dia com lembranças desagradáveis do que poderia ter nos acontecido.”

“Não foi com esta intenção que falei neste assunto.” Eragon olhou para fila atrás de si, para certificar-se de que ninguém o ouvia. “Somos os três inimigos do Império e como se viu hoje, não estamos a salvo, nem mesmo aqui entre os Vardem. Se Galbatorix puder, atacará qualquer um de nos, incluindo você Katrina, para poder magoar os outros. Por isto fiz isso para vocês.” Eragon mostrou dois anéis simples em ouro, polidos como espelhos. Ele os moldou na noite anterior, a partir da ultima esfera de ouro que extraíra da terra. Eragon entregou o maior a Roran e o menor a Katrina.

Roran virou o anel, examinou, e em seguida, depois o ergueu contra a luz e franziu os olhos, tentando ler os hieróglifos na língua antiga que estavam gravados no interior.

“É muito bonito, mas como poderá ajudar na nossa proteção?”

“Os encantei para fazerem três coisas.” Explicou Eragon. “Se alguma vez precisarem da minha ajuda, ou de Saphira, gire o anel no dedo uma vez e diga: “Me ajude Matador de Espectros, me ajude escamas brilhantes.Nós ouviremos e iremos ao seu encontro tão depressa quanto possível. Se algum de vocês correrem risco de vida, o anel irá avisar a mim e a Saphira e a um de vocês, a você Roran ou a você Katrina, conforme quem estiver em perigo. Além disso, saberão sempre como encontrar um ao outro, por mais distantes que estejam desde que mantenham o anel em contato com a pele.” hesitou e acrescentou. “Espero que aceitem usa-los.”



“É claro que sim!” disse Katrina.

Roran inchou o peito e sua voz enrouqueceu.

“Obrigado.” disse ele. “Obrigado. Quem dera se eu tivesse isto quando me separaram dela em Carvahall!”

Como ambos tinham apenas uma mão livre, Katrina fez deslizar o anel no terceiro dedo da mão direita de Roran e este o colocou o de Katrina no terceiro dedo de sua mão esquerda.

“Tenho ainda outro presente.” continuou Eragon virando-se, assobiou e acenou. Abrindo caminho entre a multidão, um dos tratadores de cavalos aproximou-se rapidamente, trazendo Fogo na Neve preso pelas rédeas. O tratador passou as rédeas do garanhão a Eragon, fez uma medida e retirou-se. Eragon disse:

“Roran vais precisar de um bom cavalo. Este é Fogo na Neve. Começou por ser de Brom, depois passou para mim e agora quero que seja teu.”

Roran observou Fogo na Neve.

“É um animal magnífico.”

“O melhor que há. Você aceita?”

“Com o maior prazer.”

Eragon chamou novamente o tratador e devolveu Fogo na Neve aos seus cuidados, informando que Roran era seu novo proprietário. Quando o homem e o cavalo se afastaram, Eragon olhou para as pessoas na fila, que traziam presentes para Roran e Katrina, riu e disse:

“Talvez esta manha fossem ambos pobres, mas logo a noite serão ricos. Se Saphira e eu alguma vez conseguirmos sossego e paz, iremos viver com vocês no casarão gigante que vocês construíram para seus filhos.”

“Seja o que for que construirmos, nunca será grande o bastante para abrigar Saphira, acredito.”

“Mas serão sempre bem-vindos em nossa casa.” acrescentou Katrina. “Os dois.”

Depois de dar os parabéns mais uma vez, Eragon refugiou-se num canto da mesa, entretendo-se a dar pedaços de galinha a Saphira e vê-la apanha-los no ar. Ali permaneceu até Nasuada falar com Roran e Katrina, entregando-lhes um objeto pequeno que não conseguiu ver. Quando Nasuada se preparava para abandonar a festa Eragon interceptou-a.

“O que é Eragon? Não posso ficar.”

“Foi você que ofereceu o vestido e o dote a Katrina?”

“Sim, por quê? Não concorda?”

“Estou grato por você ter sido amável e generosa com minha família, mas...”

“Sim?”

“Os Vardem não estão realmente necessitados de ouro?”

“Estamos, mas não tão desesperados como antes. Depois do meu negócio com a renda, depois do Teste das Facas Longas e as tribos nômades me juraram absoluta lealdade, garantindo o meu acesso as suas riquezas, é menos provável morrermos de fome e mais provável por não termos um escudo ou lança.” e um sorriso estremeceu os lábios. “O que dei a Katrina é insignificante, comparado com as largas somas de que este exército necessita para funcionar. Não acredito que tenha desperdiçado o meu ouro, pelo contrário, acho que fiz uma valiosa aquisição. Comprei o prestígio e a auto-estima de Katrina e por acréscimo a boa vontade de Roran. É possível que eu esteja muito otimista, mas desconfio que sua lealdade se revele de longe mais valiosa do que cem escudos e lanças.”

“Você esta sempre a melhorar as possibilidades dos Vardem, não é mesmo?”

“Sempre, assim como você deveria estar também.” Nasuada começou a virar-se mais voltou e disse:

“Um pouco antes do pôr-do-sol, vá até o meu pavilhão e visitaremos os homens que hoje foram feridos. Há muitos que não podemos curar, sabe? Fará-lhes bem sentir que nos preocupamos com o seu bem estar e que damos valor aos seus sacrifícios.”

Eragon anuiu.

“Estarei lá.”

“Ótimo.”

Eragon passou horas rindo, comendo, bebendo e trocando histórias com seus velhos amigos. O hidromel fluía como água e o banquete de casamento tornou-se cada vez mais barulhento. Abrindo espaço por entre as mesas, os homens testavam a sua bravura uns com os outros, em combates corpo-a-corpo, competições de tiro ao arco e lutas de bastões. Dois elfos, um homem e uma mulher, demonstraram a sua perícia no manejo da espada, assombrando os presentes com a velocidade e a graciosidade das suas espadas bailarinas. Até Arya cedeu e cantar uma canção, o que provocou arrepios na espinha de Eragon.

Durante este tempo, Roran e Katrina pouco disseram, preferindo ficar sentados a olhar um para o outro, alheios a tudo que se passava em seu redor.

Contudo, logo que o sol alaranjado tocou o brilhante horizonte, Eragon desculpou-se relutante e abandonou o local. Deixando para trás os ruídos da festa, com Saphira a seu lado, caminhou em direção ao pavilhão de Nasuada, respirando fundo o ar fresco da noite para clarear a mente. Nasuada estava a sua espera, em frente a tenda vermelha de comando, rodeada pelos Falcões Noturnos. Sem trocarem nenhuma palavra, Nasuada, Eragon e Saphira atravessaram o acampamento até as tendas dos curandeiros, onde estavam os guerreiros feridos.

Durante mais de uma hora, Nasuada e Eragon visitaram homens que haviam perdido membros, olhos, ou que tinham contraído infecções incuráveis nas lutas contra o império. Alguns dos guerreiros tinham sido feridos nessa manhã. Outros, como Eragon descobriu, tinham sofrido aqueles ferimentos nas Planícies Flamejantes e ainda não haviam se recuperado, apesar de todas as ervas e feitiços empregados. Antes de caminharem por entre as filas de homens tampados por cobertores, Nasuada alertou Eragon para não se cansar mais, ao tentar curar todas as pessoas que encontrava; mas ele não resistiu em murmurar um feitiço aqui e outro lá, para aliviar as dores, drenar um abscesso, curar um osso partido ou remover alguma cicatriz feia.

Um dos homens que Eragon encontrou, havia perdido a perna esquerda, abaixo do joelho, e dois dedos da mão direita. Tinha a barba curta e grisalha e os olhos cobertos por uma venda negra de pano. Quando Eragon o cumprimentou e perguntou como ele estava, o homem esticou o braço, agarrou Eragon pelo cotovelo, com os três dedos da mão direita, e disse num tom rouco:

“Oh, Matador de Espectros, eu sabia que viria. Estou a sua espera desde o dia em que vi a luz.”

“Sobre o que está falando?”

“A luz que iluminou a vida do mundo. Num instante vi todas as criaturas vivas ao meu redor, da maior a menor. Vi meus ossos brilharem através dos braços. Vi os vermes da terra, os corvos no céu e os ácaros nas asas dos corvos. Os Deuses me tocaram Matador de espectros. Por alguma razão me deram esta visão. Vi você no campo de batalha com o teu dragão e ambos pareciam um sol ofuscante, numa floresta de velas fracas. E vi o seu irmão com o seu dragão e também eles pareciam um sol.

Eragon sentiu um formigamento na nuca enquanto ouvia:

“Eu não tenho irmão.” respondeu ele.

O soldado mutilado balbuciou: “Não consegue me enganar, Matador de Espectros. Eu sei que tem. O mundo arde ao meu redor, ouço os murmúrios das mentes e sei as coisas através destes murmúrios. Você está tentando esconder de mim agora, mas eu continuo a ver você: é um homem de fogo dourado, com doze estrelas a flutuar em torno da cintura e uma mais brilhante que as outras na mão direita.”

Eragon comprimiu a palma da mão direita contra o cinturão de Beloth o sábio, certificando-se que os doze diamantes, contidos no seu interior, ainda estavam escondidos. E estavam.

“Escuta Matador de Espectros.” sussurrou o homem, aproximando Eragon de seu rosto vincado pelas rugas. “Eu vi o teu irmão e ele ardia, mas não como você. Oh não, a luz da alma dele brilhava através dele, como se viesse de outro lugar. Ele, ele é um vazio, com a forma de homem. E a chama brilhante, passava através desta forma. Percebeu? Eram outros que o iluminavam.”

“Onde estavam esses outros? Também os viu?”

O guerreiro hesitou.

“Consegui senti-los muito perto, enfurecidos com o mundo, como se odiassem tudo que nele existe, no entanto, os seus corpos não estavam ao alcance da minha visão. Estavam lá e não estavam. Não consigo explicar... Eu não me aproximaria mais daquelas criaturas, Matador de Espectros. Não são humanas, disso eu tenho certeza, e o seu ódio era como a maior tempestade de relâmpagos jamais vista, comprimida numa pequena garrafa de vidro.”

“E quando a garrafa se parte...” murmurou Eragon.

“Exatamente, Matador de Espectros. Por vezes pergunto a mim mesmo se Galbatorix não terá conseguido aprisionar os próprios Deuses, fazendo deles seus escravos. Mas depois rio de mim mesmo e acho que não passo de um tolo.”

“Mas que Deuses! Os Deuses dos Anões? Os Deuses das tribos nômades?”

“Que importa isso, Matador de Espectros? Um Deus é um Deus, venha de onde vier.”

Eragon acrescentou:

“Talvez tenhas razão.”

Ao abandonar o colchão de homem, uma das curandeiras puxou-o e disse:

“Perdoe-lhe, senhor. O choque provocado pelos ferimentos o enlouqueceu. Esta sempre a falar de sóis, de estrelas e de luzes brilhantes que diz ver. Por vezes parece saber coisas que não devia, mas não se deixe enganar, são coisas que ouve de outros pacientes. Passam a vida a bisbilhotar, sabe como é. Não tem mais nada a fazer, os pobres coitados.”

“Não sou senhor” disse Eragon “e ele não está louco. Não tenho bem a certeza o que ele é, mas tem um dom fora do comum. Se melhorar ou piorar, por favor informe a um dos Du Vrangr Gata.”

A curandeira lhe fez uma referencia.

“Como queira, Matador de Espectros. Perdoa o meu erro, Matador de Espectros.”

“Como ele foi ferido?”

“Um soldado cortou-lhe os dedos, ao tentar desviar uma espada com a mão. Mais tarde um dos mísseis das catapultas do império acertou-lhe a perna, esmagando-a de modo irreparável. Tivemos que amputar. Os homens que estavam junto dele disseram que, quando o míssil o atingiu, ele começou imediatamente a gritar sobre a luz e quando o levantaram do chão, repararam que seus olhos estavam totalmente brancos. Até as pupilas desapareceram.”

“Me deu uma grande ajuda. Obrigado.”

Já tinha escurecido quando Eragon e Nasuada abandonaram as tendas dos curandeiros. Nasuada suspirou e disse:

“Agora quero uma caneca de hidromel.”

Eragon assentiu de olhos postos no chão e regressaram ao pavilhão dela. Passado algum tempo Nasuada perguntou:

“Em que pensa Eragon?”

“Que vivemos num mundo estranho e que poderei dar-me por satisfeito se algum dia vier a compreender uma pequena parte.”

Depois lhe contou à conversa que tivera com o homem, que ela achou igualmente interessante.

“Devia falar disso com Ayra” – aconselhou Nasuada. “Talvez ela saiba quem são esses ‘outros’.”

Separaram-se junto do pavilhão dela; Nasuada entrou para acabar de ler um relatório, Eragon e Saphira regressaram a tenda dele.

Saphira enroscou-se no chão e preparou-se para dormir. Eragon ficou sentado junto a ela a observar as estrelas, visualizando uma parada de feridos que desfilavam a sua frente.

O que muitos lhe disseram, continuava a ecoar-lhe na sua mente:

“Foi por você que lutamos Matador de Espectros.”



## SUSSURROS NA NOITE

Roran abriu seus olhos e olhou para a lona caída à frente.

Uma fina luz cinza permeava a tenda, tirando as cores dos objetos, fornecendo a tudo uma pálida sombra de sua cor diária. Ele tremeu. Os cobertores haviam escorregado até sua cintura, expondo seu torso ao ar frio da noite. Conforme ele os puxava para cima, ele notou que Katrina não estava mais ao seu lado.

Ele a viu sentada na entrada da tenda, olhando para o céu. Ela tinha uma capa envolvendo-a deslocadamente. Seu cabelo caía sobre suas costas, um negro espinheiro emaranhado.

Um caroço se formou na garganta de Roran conforme ele a estudou.

Levando os cobertores com ele, ele sentou ao lado dela. Ele colocou um braço em volta dos ombros dela, e ela se encostou nele, sua cabeça e pescoço quentes contra o seu peito.

Ele a beijou na testa. Por um longo tempo, ele contemplou o brilho fraco das estrelas com ela e ouviu o ritmo regular de sua respiração, o único som além do dele no mundo adormecido.

Então ela sussurrou, “As constelações são moldadas diferentes aqui. Você notou?”

“Sim.” Ele deslocou seu braço, colocando-o contra a curva da cintura dela e sentindo a leve protuberância da sua barriga crescente. “O que te acordou?”

Ela tremeu. “Eu estava pensando.”

“Oh.”

A luz das estrelas refletiu nos olhos dela conforme ela se mexeu nos braços dele e o olhou. “Eu estava pensando sobre você e nós...e nosso futuro junto.”

“Esses são pensamentos pesados pra tão tarde da noite.”

“Agora que estamos casados, como você planeja cuidar de mim e da nossa criança?”

“É isso que está te preocupando?” Ele sorriu. “Você não vai passar fome; nós temos ouro suficiente para garantir isso. Além do que, os Varden sempre garantiram que o primo de Eragon tenha comida e abrigo. Mesmo se algo acontecer comigo, eles continuaram a prover você e o bebê.”

“Sim, mas o que você pretende fazer?”

Perplexo, ele procurou na face dela a fonte de sua agitação. “Eu irei ajudar Eragon a terminar esta guerra para que possamos retornar pro Vale Palancar e sossegar sem temor de soldados nos arrastarem para Urû’baen. O que mais eu poderia fazer?”

“Você vai lutar com os Varden, então?”

“Você sabe que irei.”

“Como você teria lutado hoje se Nasuada tivesse permitido?”

“Sim.”

“E o nosso bebê, então? Um exército em marcha não é lugar para criar uma criança.”

“Nós não podemos fugir e nos esconder do Império, Katrina. A não ser que os Varden ganhem, Galbatorix nos achará e nos matará, ou ele encontrará e matará nossas crianças, ou as crianças das nossas crianças. E eu não acho que os Varden vão alcançar a vitória a não ser que todos fazem seu máximo para ajudá-los.”

Ela colocou um dedo em seus lábios. “Você é meu único amor. Nenhum outro homem jamais capturará meu coração. Eu farei tudo que puder para amenizar seu fardo. Eu irei cozinhar suas refeições, costurar suas roupas, e limpar sua armadura... Mas assim que eu der a luz, eu deixarei este exército.”

“Deixar!” Ele ficou rígido. “Isso é loucura! Para onde você iria?”

“Dauth, talvez. Lembre-se, Lady Alarice nos ofereceu santuário, e parte do nosso povo ainda está lá. Eu não estaria sozinha.”

“Se você acha que eu vou deixar você e a nossa criança recém-nascida irem andando pela Alagaësia sozinhos, então -”

“Você não precisa gritar.”

“Eu não estou -”

“Sim, você está.” Encaixando a mão dele entre as dela e pressionando-a contra seu coração, ela disse, “Não é seguro aqui. Se fôssemos só nós dois, eu poderia aceitar o perigo, mas não quando é o nosso bebê que pode morrer. Eu amo você, Roran, eu te amo tanto, mas a nossa criança deve vir antes de qualquer coisa que queremos pra nós mesmos. Se não for assim, nós não merecemos ser chamados de pais.” Lágrimas brilharam nos olhos dela, e ele sentiu os seus próprios umidecerem. “Foi você, no fim das contas, quem me convenceu a deixar Carvahal e me esconder na Espinha quando os soldados atacaram. Isto não é diferente.”

As estrelas nadaram em frente a Roran conforme sua visão embaçou. “Eu preferiria perder um braço a me separar de você de novo.”

Katrina começou a chorar, seus soluços silenciosos chacoalhando seu corpo. “Eu não quero te deixar também.”

Ele apertou seu abraço e balançou para frente e para trás com ela. Quando seu pranto acalmou, ele sussurrou em sua orelha, “Eu preferiria perder um braço a me separar de você, mas eu prefiro morrer a permitir que alguém machuque você...ou nossa criança. Se você vai partir, você deve ir agora, enquanto ainda é fácil para você viajar.”

Ela balançou a cabeça. “Não. Eu quero Gertrude como minha parteira. Ela é a única em que confio. Além disso, se eu tiver qualquer dificuldade, eu prefiro estar aqui, onde há mágicos treinados em curar.”

“Nada vai dar errado,” ele disse. “Assim que nossa criança nascer, você irá para Aberon, não para Dauth; é menos provável que seja atacada. E se Aberon se tornar muito perigosa, então você irá para as montanhas Beor e ficará com os anões. E se Galbatorix atacar os anões, então você irá para os elfos em Du Weldenvarden.”

“E se Galbatorix atacar Du Weldenvarden, eu voarei para a lua e criarei nossa criança entre os espíritos que habitam os céus.”

“E eles se ajoelharam diante de você e a farão rainha, como você merece.”

Ela se aconchegou mais perto dele.

Juntos, eles se sentaram e assistiram como, uma por uma, as estrelas sumiram do céu, obscurecidas pela luminescência que se espalhava no leste. Quando somente a estrela da manhã remanesceu, Roran disse, “Você sabe o que isso significa, não sabe?”

“O quê?”

“Eu terei apenas que assegurar que nós iremos matar até o último soldado de Galbatorix, tomar todas as cidades do Império, derrotar Murtagh e Thorn, e decapitar Galbatorix e seu dragão vira-casaca antes que o seu tempo chegue. Assim, não haverá necessidade de você partir.”

Ela ficou em silêncio por um momento, então disse. “Se você puder, eu ficarei muito feliz.”

Eles estavam a ponto de retornar para sua cama quando, fora do brilho fraco do céu, ali navegou um navio em miniatura, tecido das secas tiras de grama. O navio pairou na frente da tenda deles, balançando mediante ondas invisíveis de ar, e quase parecia estar olhando para eles com sua proa em formato de cabeça de dragão.

Roran paralisou, assim como Katrina.

Como uma criatura viva, o navio disparou através do caminho a frente da tenda deles, então ele se movimentou para cima e em volta, perseguindo uma mariposa errante.

Quando a mariposa escapou, o navio se virou lentamente de volta para a tenda, parando há apenas polegadas da face de Katrina.

Antes que Roran pudesse decidir se devia espantar o navio para fora do ar, ele se virou e voou na direção da estrela da manhã, sumindo mais uma vez no oceano sem fim do céu, deixando o casal olhando para ele maravilhados.



## ORDENS

Até o final daquela noite, as visões de morte e violência reuniram-se ao longo das bordas de sonhos de Eragon, ameaçando esmagá-lo com o pânico. Ele misturou-se com a preocupação, querendo soltar-se, mas incapaz de fazer assim. Imagens breves, deslocadas de espadas penetrantes e homens gritando e a cara zangada de Murtagh acesa diante dos seus olhos.

Então Eragon sentiu que Saphira introduziu a sua mente. Ela varreu pelos seus sonhos como um grande vento, afastando o seu pesadelo que aparece. No silêncio que seguiu, ela sussurrou, “Tudo esta bem, pequenino. O resto é fácil; você está seguro, e estou com você... O resto é fácil.”

Um sentido da paz profunda arrastou-se por cima de Eragon. Ele deu uma volta e foi à deriva de memórias mais felizes, consoladas pela sua consciência da presença de Saphira.

Quando Eragon abriu os seus olhos, uma hora antes do sol levantar, ele encontrou-se que está embaixo de uma de asas palmadas de veia de Saphira. Ela teve o seu rabo enrolado em volta dele, e o seu lado foi quente contra a sua cabeça. Ele sorriu e rastejou fora de embaixo da sua asa mesmo que ela levantasse a sua cabeça e bocejasse.

*Boa manhã*, ele disse.

Ela bocejou novamente e estendeu-se como um gato.

Eragon banhou, barbeando-se com a magia, limpou a bacia da cimitarra do sangue seco do dia anterior, e logo se vestiu com uma das suas túnicas de elfo.

Uma vez que ele foi satisfeito com sua apresentação, e Saphira tinha terminado o seu banho de língua, eles andaram ao pavilhão de Nasuada. Todos os seis do turno atual de Bacuraus estavam fora, o seu jogo de caras costuradas nas suas expressões severas habituais. Eragon esperou enquanto um anão os anunciou. Então ele introduziu a tenda, e Saphira rastejou em volta ao painel aberto onde ela pode inserir a sua cabeça e participar na discussão.

Eragon curvou a Nasuada onde ela se sentou na sua cadeira alta-apoiada esculpida com cardos fluorescentes. “A minha Senhora, você pediu-me para vir aqui para falar sobre o meu futuro; você disse que você teve a missão mais importante para mim.”

“Fiz, e faço,” disse Nasuada. “Por favor, sente-se.” Ela indicou uma cadeira flexível ao lado de Eragon. Inclinando a espada na sua cintura, portanto ele não pegaria, ele instalou-se na cadeira. “Como você sabe, Galbatorix enviou batalhões às cidades de Aroughs, Feinster, e Belatona em uma tentativa de impedir-nos de tomá-los pelo cerco ou, reprovando isto, reduzir a velocidade do nosso progresso e forçar-nos a dividir as nossas próprias tropas, portanto seríamos mais vulneráveis a as depredações dos soldados que foram acampados ao norte de nós. Depois da batalha de ontem, os nossos observadores informaram que os últimos homens de Galbatorix se retiraram para partes desconhecidas. Eu ia para bater em a aqueles dias de soldados, mas tive de abster-me desde que você foi ausente. Sem você, Murtagh e o Espinho podem ter matado os nossos guerreiros sem castigo, e tivemos nenhum modo de descobrir se dois deles estiveram entre os soldados. Agora que você esta conosco novamente, a nossa posição é um tanto melhorada, embora não tanto como eu tivesse esperado, dado que também devemos contender agora com o último estratagema de Galbatorix, esses homens sem dor. O nosso único encorajamento consiste em que dois de vocês, junto com Islanzadí é o feitiço, comprovaram que você pode defender-se de Murtagh e o Espinho. Sobre aquela esperança depende o nosso plano da vitória.”



“Aquela pessoa raquítica vermelha não é nenhum fósforo para mim,” disse Saphira. “Se ele não tivesse a proteção de Murtagh, eu o apanharia em armadilha contra a terra e o sacudiria pelo pescoço até que ele se submetesse a mim e me reconhecesse como o líder da caça.”

“Estou segura que faria,” disse Nasuada, sorrindo.

Eragon perguntou, “Que curso você decidiu sobre a ação, então?”

“Decidi sobre vários cursos, e devemos empreender todos eles simultaneamente se algum deve ser próspero. Primeiro, não podemos empurrar mais longe no Império, deixando cidades atrás de nós que Galbatorix ainda controla. Fazer o que deveria expor-nos a ataques tanto da frente como do reverso e convidar Galbatorix a invadir e agarrar Surda enquanto fomos ausentes. Portanto já ordenei que os Varden marche ao norte, a o mais perto onde podemos cruzar seguramente o Rio Jiet. Uma vez que estaremos do outro lado do rio, enviarei a guerreiros ao sul para capturar Aroughs enquanto o Rei Orrin e eu continuamos com o resto das nossas forças a Feinster, que, com a sua ajuda e Saphira, não deve cair antes de nós sem demasiada preocupação.”

“Enquanto somos empregados no negócio tedioso da marcha através da zona rural, tenho outras responsabilidades para você, Eragon.” Ela inclinou-se para frente no seu assento. “Precisamos da sua ajuda aos anões. Os elfos estão lutando por nós ao norte de Alagaësia, os Surdos juntaram conosco o corpo e a mente, e até os Urgals aliaram-se eles mesmos conosco. Mas precisamos dos anões. Não podemos ter sucesso sem eles. Especialmente agora que devemos lutar com soldados que não podem sentir a dor.”

“Os anões escolheram um novo rei ou a rainha ainda?”

Nasuada fez uma careta. “Narheim assegura-me que o processo se está movendo rapidamente, mas como o elfos, os anões tomam uma visão mais longa do tempo do que nós. Rapidamente para eles poderia significar meses de deliberações.”

“Eles não sabem da urgência da situação?”

“Alguns sabem, mas muitos opõem a ajuda de nós nesta guerra, e eles procuram atrasar o procedimento o mais longo possível e instalar um dos seus próprios sobre o trono de mármore em Tronjheim. Os anões viveram em fuga para tão muito tempo, eles ficaram perigosamente suspeito para intrusos. Se alguém hostil aos nossos objetivos ganhar o trono, perderemos os anões. Não podemos permitir que isto aconteça. Nem podemos esperar pelos anões para resolver as suas diferenças no seu passo habitual. Mas” - ela levantou um dedo — “de por enquanto longe, não posso intervir efetivamente na sua política. Mesmo se estive em Tronjheim, não posso assegurar um resultado favorável; os anões não tomam amavelmente a ninguém que não é do seu clãs que se intrometem no seu governo. Portanto quero você, Eragon, viajar a Tronjheim no meu lugar e fazer o que você pode para assegurar que os anões escolhem um novo monarca em uma maneira rápida — e que eles escolhem um monarca que é compreensivo à nossa causa.”

“Eu! Mas—”

“O rei Hrothgar adotou-o em Dûrgrimst Ingeitum. Segundo as suas leis e alfândega, você é anão, Eragon. Você tem um direito legal de participar no corredor do Ingeitum, e como Orik é estabelecido para ficar o seu chefe, e como ele é seu irmão adotivo e um amigo dos Varden, sou seguro ele aceitará deixá-lo acompanhá-lo nos conselhos secretos dos treze clãs onde eles elegem os seus soberanos.”

A sua proposta pareceu irracional a Eragon. “E Murtagh e Espinho? Quando eles voltarem, como eles seguramente irão fazer, Saphira e eu somos os únicos quem pode manter contra eles, embora com um pouco de ajuda. Se não estivermos aqui, ninguém será capaz de pará-los de matar você ou Arya ou Orrin ou o resto dos Varden.”

A fenda entre as sobranceiras de Nasuada estreitaram-se. “Você teve negócios com Murtagh e uma derrota picante ontem. Mais provavelmente, ele e o Espinho estão

ganhando o seu caminho atrás a Urû'baen mesmo que falemos assim Galbatorix pode interrogá-los sobre a batalha e puni-los pelo seu fracasso. Ele não lhes enviará para atacar-nos novamente até que ele tenha certeza de que eles podem esmagá-lo. Murtagh é seguramente incerto sobre os limites verdadeiros da sua força agora, para que o evento infeliz ainda possa ser alguns. Entre de vez em quando, acredito-o terá bastante tempo para viajar para frente e para trás entre Farthen Dûr.”

“Você pode estar errado,” discutiu Eragon. “Além disso, como você guardaria Galbatorix de aprender sobre a nossa ausência e atacar enquanto somos fora? Duvido que você tenha encontrado todos dos espiões que ele semeou entre nós.”

Nasuada explorou os seus dedos nos braços da sua cadeira. “Eu disse que eu quis que você fosse a Farthen Dûr, Eragon. Eu não disse que eu quis que Saphira fosse também.” Virando a sua cabeça, Saphira lançou um pequeno sopro da fumaça que foi à deriva em direção ao pico da tenda.

“Não estou sobre a—”

“Deixe-me terminar, por favor, Eragon.”

Ele apertou fechou o maxilar e deslumbraram nela, a sua mão esquerda apertada em volta da cimitarra.

“Você não se sente em dívida de gratidão comigo, Saphira, mas a minha esperança é que você aceitará ficar aqui enquanto as viagens Eragon aos anões para que possamos enganar o Império e o Varden quanto ao paradeiro de Eragon. Se podemos ocultar a sua partida” - ela gesticulou a Eragon - “das massas, ninguém terá qualquer razão para suspeitar que você não está ainda aqui. Só teremos de inventar uma desculpa conveniente, então, prestar contas do seu desejo súbito de permanecer na sua tenda durante o dia possivelmente que você e Saphira estão voando surtidas no território inimigo à noite e assim devem descansar enquanto o sol está no fim.”

“Para o ardil para trabalhar, contudo, Blödhgarm e os seus companheiros terão de ficar aqui também, para evitar despertar a suspeita como para razões da defesa. Se Murtagh e o Espinho reaparecerem enquanto você esta fora, Arya pode tomar o seu lugar em Saphira. Entre ela, Blödhgarm e os mágicos de Du Vrangr Gata, devemos ter uma possibilidade justa de frustrar Murtagh.”

Em uma voz áspera, Eragon disse, “Se Saphira não voa comigo para Farthen Dûr, então como se supõe que eu viaje lá em uma moda oportuna?”

“Correndo. Você disse-me que você dirigiu a maior parte da distância de Helgrind. Espero que sem necessidade de ocultar contra soldados ou camponeses você pode atravessar muito mais ligas cada dia a caminho de Farthen Dûr do que você foi capaz a no Império.” Novamente o Nasuada rufou a madeira polida da sua cadeira. “Naturalmente, seria louco ir sozinho. Mesmo um mágico poderoso pode morrer de um acidente simples nos alcances distantes da selva se ele não tiver ninguém para o ajudar. O pastejo pelas Montanhas Beor seriam uns resíduos de talentos de Arya, e gente notaria se um de Blödhgarm e os elfos desaparecem sem explicação. Por isso, decidi que um Kull deve acompanhá-lo, como eles são as únicas outras criações capazes de combinar com o seu passo.”

“Um Kull!” exclamou Eragon, incapaz de conter-se mais tempo. “Você me enviaria entre os anões com um Kull ao meu lado? Não posso pensar em nenhuma corrida que os anões odeiam mais do que o Urgals. Eles fazem arcos fora dos seus chifres! Se eu andasse em Farthen Dûr com um Urgal, os anões não dariam atenção a nada que tiver de dizer.”

“Sou bem consciente disto,” disse Nasuada. “Que é por que você não irá diretamente a Farthen Dûr. Em vez disso, você parará primeiro em Bregan Agarram o Monte Thardûr,

que é a casa ancestral do Ingeitum. Lá você encontrará Orik, e lá você pode deixar o Kull enquanto você continua a Farthen Dûr na companhia de Orik.”

Fitando um tanto além de Nasuada, Eragon disse, “E se eu não concorde com o caminho que você escolheu? E se eu acreditar lá outro, os caminhos mais seguros são realizar o que você deseja?”

“Que caminhos aqueles seriam, rezar contam?” perguntou Nasuada, os seus dedos que fazem uma pausa no ar.

“Eu teria de pensar nele, mas sou seguro que eles existem.”

“Pensei nele, Eragon, e no grande comprimento. Tendo-o ato como o meu emissário é a nossa única esperança de influir na sucessão dos anões. Fui levantado entre anões, lembre-se, e tenho uma melhor compreensão deles do que a maior parte de seres humanos.”

“Ainda acredito que é um erro,” ele rosnou. “Envie Jörmundur em vez disso, ou um de outros comandantes seus. Não irei, não enquanto—”

“Você não faz?” disse Nasuada, a sua insurreição de voz. “Um vassalo que desobedece ao seu senhor não é melhor do que um guerreiro que não ignora o seu capitão no campo da batalha e pode ser punido de mesmo modo. Como o seu vassalo, então, Eragon, ordeno que você corra a Farthen Dûr, se você quer ou não, e vigiar a escolha do seguinte soberano dos anões.”

Furioso, Eragon respirou pesadamente pelo seu nariz, agarrando e reagarrando a sua cimitarra.

Em um mais suave, embora ainda guardado, tom, Nasuada disse, “O que você fará, Eragon? Você fará como pergunto, ou você me desapossará e conduzirá o Varden você mesmo? Aquelas são as suas únicas opções.”

Chocado, ele disse, “Não posso raciocinar com você. Posso convencê-lo de outra maneira.”

“Você não pode, porque você não pode prover-me de uma alternativa que provavelmente terá sucesso como.”

Ele encontrou o seu olhar fixo. “Posso recusar a sua ordem e deixá-lo punir-me, contudo você considera próprio.”

A sua sugestão assustou-a. Então ela disse, “ver que você açoitou a um correio que chicoteia faria o dano irreparável aos Varden. E ele destruiria a minha autoridade, já que a gente saberia que você pode desafiar-me sempre que você quisesse, com a única consequência que é uma mão cheia de faixas que você pode curar um instante depois, já que não podemos executá-lo, como qualquer outro guerreiro que desobedeceu um superior. Prefiro abdicar o meu posto e conceder que você ordene os Varden e permita tal coisa a ocorrer. Se você o acreditar são melhor ajustados para a tarefa, então tomam a minha posição, tomam a minha cadeira, e declaram-se o mestre deste exército! Mas contanto que eu fale para os Varden, tenho o direito de tomar essas decisões. Se eles ser errados, então é a minha responsabilidade também.”

“Você não escutará nenhum conselho?” Eragon perguntou, incomodado. “Você ditará o curso dos Varden apesar do que aqueles em volta de você aconselham?”

Nasuada cravou uma unha contra a madeira polida da sua cadeira. “Realmente escuto o conselho. Escuto uma corrente contínua do conselho cada hora acordada da minha vida, mas às vezes as minhas conclusões não combinam com aqueles dos meus subordinados. Agora, você deve decidir se você sustentará o seu juramento de fidelidade e cumprirá a minha decisão, embora você não possa concordar com ele, ou se você se fundará como uma imagem de espelho de Galbatorix.”

“Só quero o que é o melhor para os Varden,” ele disse.

“Como eu quero.”

“Você não me deixa nenhuma escolha, mas um eu gosto.”

“Às vezes é mais difícil seguir do que deve conduzir.”

“Posso ter um momento para pensar?”

“Você pode.”

“Saphira?” ele perguntou.

As pintas da luz purpúrea dançaram em volta do interior do pavilhão como ela torceu o seu pescoço e fixou os seus olhos sobre Eragon. “Pequenino?”

“Devo ir?”

“Penso que você deve.”

Ele apertou os seus lábios em conjunto em uma linha rígida. “E o que você acha?”

Você sabe que odeio ser separado de você, mas os argumentos de Nasuada são bem raciocinados. Pode-se ajudar a guardar Murtagh e o Espinho longe permanecendo com o Varden, então possivelmente eu acho.

As suas emoções lavaram-se entre as suas mentes, ondas da maré em um consórcio compartilhado de raiva, antecipação, relutância, e brandura. Dele fluíu a raiva e a relutância; dela outro, sentimentos como mais doces ricos em alcance como o seu próprio — isto moderado a sua paixão colérica e emprestado perspectivas ele não teria de outra maneira.

Sem embargo, ele apegou-se com a insistência teimosa à sua oposição ao esquema de Nasuada. “Se você voasse em mim a Farthen Dûr, eu não seria ido para como muito tempo, pensando que Galbatorix teria menos de uma oportunidade de montar um novo assalto.”

“Mas os seus espiões lhe diriam que os Varden foram vulneráveis o momento que deixamos.”

“Não quero separar-me em você novamente tão logo depois de Helgrind.”

“Os nossos próprios desejos não podem ter prioridade sobre as necessidades do Varden, mas não, não quero separar-me em você também. Entretanto, lembre-se do que Oromis disse, que a coragem de um dragão e um Cavaleiro é a medida não só por como bem eles colaboram mas também por como bem eles podem funcionar quando à parte. Somos ambos bastante maduros para funcionar um independentemente de outro, Eragon, por mais que nós gostássemos não da perspectiva. Você comprovou isto você mesmo durante a sua viagem de Helgrind.”

“Incomodaria-te lutar com Arya nas suas costas, como Nasuada mencionou?”

“Ela eu iria me lembrar ainda menos. Lutamos em conjunto antes, e foi ela que me transportou através de Alagaësia para perto em vinte anos quando estive no meu ovo. Você sabe isto, Pequenino. Por que faz esta pergunta? Você é ciumento?”

“E se sou?”

Uma cintilação divertida iluminou os seus olhos de Saphira. Ela chicoteou a sua língua nele. “Então é muito doce de você... Devo ficar ou ir?”

“É a sua escolha para fazer, não a minha.”

“Mas ele afeta ambos nós.”

Eragon cavou na terra com a ponta da sua bota. Então ele disse, “Se devermos participar neste esquema louco, devemos fazer tudo que podemos para ajudar a ter sucesso. A estadia, e vê se você pode impedir Nasuada de perder a sua cabeça por cima deste plano três-vezes-arruinado.”

“Esteja de bem aplaudir, Pequenino. Dirigindo rápido, e seremos reunidos na o mais rápido possível.”

Eragon levantou os olhos para Nasuada. “Muito bem,” ele disse, “irei.”

A postura de Nasuada descansou um pouco. “Obrigado. E você, Saphira? Você ficará ou irá?”

Projetando os seus pensamentos para incluir Nasuada bem como Eragon, Saphira disse, *ficarei, Caçadora Noturna*.

Nasuada inclinou a sua cabeça. “Obrigado, Saphira. Sou a mais agradecida pelo seu suporte.”

“Você falou a Blödhgarm sobre isto?” perguntou Eragon. “Ele combinou?”

“Não, assumi que você o informaria sobre os detalhes.”

Eragon duvidou que o elfos ficassem agradados pela perspectiva dele viajando a Farthen Dûr com só um Urgal de companhia. Ele disse, “Eu poderia fazer uma sugestão?”

“Você sabe que dou as boas-vindas às suas sugestões.”

Parou durante um momento. “Uma sugestão e um pedido, então.” Nasuada levantou um dedo, que acenou para ele para continuar.

“Quando os anões escolheram o seu novo rei ou a rainha, Saphira deve juntar-se a mim em Farthen Dûr, tanto para honrar o novo soberano dos anões como cumprir a promessa à que ela fez ao Rei Hrothgar depois da batalha por Tronjheim.”

A expressão de Nasuada ficou afiada como de um gato selvagem que caça. “Que promessa foi esta?” ela perguntou. “Você não me disse disto antes.”

“Que Saphira repararia a estrela de safira, Isidar Mithrim, como recompensa de Arya ter quebrado ela.”

Os seus olhos largos transbordaram assombro, Nasuada viu Saphira e disse, “Você é capaz de tal feito?”

“Sou, mas não sei se serei capaz de intimidar a magia que precisarei quando estiver deixando a Isidar Mithrim como antes. A minha capacidade de encantar não é sujeita aos meus próprios desejos. De vez em quando, é como se eu tivesse ganhado um novo sentido e pudesse sentir o pulso da energia dentro da minha própria carne, e dirigindo-o com a minha vontade, posso reformar o mundo como desejo. O resto da minha vida, contudo, não posso mais encantar do que um peixe pode voar. Se posso reparar Isidar Mithrim, entretanto, ele iria um caminho longo em direção ao provento de nós a boa vontade de todos os anões, não somente selecionar poucos quem têm a largura do conhecimento para apreciar a importância da sua cooperação conosco.”

“Você faria mais do que você imagina,” disse Nasuada. “A estrela de safira mantém um lugar especial nos corações de anões. Cada anão tem um amor por pedras preciosas, mas Isidar Mithrim eles amam e estimam antes de mais nada, por causa da sua beleza, e o mais de tudo por causa do seu tamanho imenso. Restaure-o à sua honra prévia e você restaurará o orgulho da sua corrida.”

Eragon disse, “mesmo se Saphira falhar no reparo da Isidar Mithrim, ela deve estar presente para a coroação do novo soberano dos anões. Você pode esconder a sua ausência durante alguns dias deixando-o ser conhecido entre o Varden que ela e eu deixamos em uma breve viagem a Aberon, ou algum outro lugar. Em que os espiões de Galbatorix realizaram que você os tinha enganado, seria demasiado tarde para o Império para organizar um ataque antes de voltássemos.”

Nasuada acenou com cabeça. “É uma boa idéia. Contate comigo logo que os anões estabeleçam uma data da coroação.”

“Concordo.”

“Você fez a sua sugestão, agora faça o seu pedido. O que é que você deseja de mim?”

“Desde que você insiste que devo fazer esta viagem, com a sua permissão, eu gostaria de voar com Saphira de Tronjheim a Ellesméra, depois da coroação.”

“Para que objetivo?”

“Para consultar-me com aqueles que nos ensinou durante a nossa última visita a Du Weldenvarden. Prometemos-lhes que logo que os eventos permitissem, voltaríamos a Ellesméra para concluir o nosso treinamento.”

A linha entre sobrancelhas de Nasuada tornou-se mais profunda. “Não há o tempo para você para passar semanas ou meses em Ellesméra que continua a sua educação.”

“Não, mas possivelmente temos o tempo de uma breve visita.”

Nasuada apoiou a sua cabeça contra as costas da sua cadeira esculpida e fitou Eragon de baixo de tampas pesadas. “E quem exatamente são os seus professores? Notei que você sempre evade perguntas diretas sobre eles. Quem foi ele que ensinou dois de vocês em Ellesméra, Eragon?”

Tocando o seu anel, Aren, Eragon disse, “fizemos um juramento a Islanzadí que não revelaríamos a sua identidade sem permissão dela, Arya, ou seja quem for que pode substituir Islanzadí ao seu trono.”

“Por todos os demônios em cima e em baixo, quantos juramentos você e Saphira juraram?” Nasuada exigido. “Você parece atar-se a todo o mundo que você encontrou.”

Sentindo-se um tanto embaraçado, Eragon se encolheu e tinha aberto a sua boca para falar quando Saphira disse a Nasuada, “não os procuramos, mas como podemos evitar prometer-nos quando não podemos tombar Galbatorix e o Império sem o suporte de cada corrida em Alagaësia? Os juramentos são o preço que pagamos para ganhar a ajuda daqueles no poder.”

“Mmh,” disse Nasuada. “Portanto devo pedir a Arya a verdade da matéria?”

“Sim, mas duvido que ela lhe diga; os elfos consideram a identidade dos nossos professores como um dos seus segredos mais preciosos. Eles não arriscarão a compartilhá-lo a menos quês seja absolutamente necessário, impedir a palavra dele de conseguir Galbatorix.” Eragon fitou o jogo da pedra preciosa azul real no seu anel, admirando-se quanto mais informação que o seu juramento e a sua honra permitiriam que ele divulgasse, logo disse, “Saiba isto, embora: não somos tão sozinhos como nós uma vez assumido.”

A expressão de Nasuada afiou. “Vejo. Está bem para saber, Eragon... Só lamento que os elfos não fossem mais próximos comigo.” Depois de enrugar os seus lábios durante um breve momento, Nasuada continuou. “Por que você deve viajar durante todo o tempo a Ellesméra? Não o tenha nenhum meio de comunicar-se com os seus professores diretamente?”

Eragon estendem as suas mãos em um gesto do desamparo. “Se só poderíamos. Ai, o período ainda tem de ser inventado que pode perfurar as alas que cercam Du Weldenvarden.”

“Os elfos até não deixaram uma abertura que eles mesmos podem explorar?”

“Se eles tivessem, Arya teria contatado com a Rainha Islanzadí logo que ela fosse reanimada em Farthen Dûr, antes que ir fisicamente a Du Weldenvarden.”

“Suponho que você tem razão. Mas então como foi ele você foi capaz de consultar Islanzadí com o fato de Sloan? Você conteve que quando você falou com ela, o exército dos elfos ainda estava situado dentro de Du Weldenvarden.”

“Eles estavam” ele disse, “mas só no fim, além das medidas das alas protetoras.”

O silêncio entre eles foi palpável como Nasuada considerou o seu pedido. Fora da tenda, Eragon ouviu os Bacuraus que discutem entre eles sobre se uma conta ou uma alabarda foram melhores ajustadas para lutar com grandes números de homens a pé e, além deles, o rangido de um carro de boi passando, soar estridentemente da armadura em homens que trotam no sentido contrário, e centenas de outros sons indistintos que foram à deriva pelo campo.

Quando Nasuada falou, ela disse, “O que exatamente você espera ganhar com tal visita?”

“Não sei!” rosnou Eragon. Ele bateu esmurrando a cimitarra com o seu punho.

“E isto é o coração do problema: não sabemos bastante. Ele não poderia realizar nada, mas de outro lado, poderíamos aprender algo que pode ajudar-nos a vencer Murtagh e Galbatorix definitivamente. Abertamente ganhamos ontem, Nasuada. Abertamente! E temo que quando novamente enfrentemos o Espinho e Murtagh, Murtagh será mesmo mais forte do que antes, e geará casacos nos meus ossos quando considero o fato que as capacidades de Galbatorix longe excedem Murtagh, apesar do montante vasto do poder que ele já conferiu sobre meu irmão. O elfo que me ensinou, ele...” Eragon hesitou, considerando a sabedoria do que ele estava a ponto de dizer, logo forjou para frente: “ele insinuou que ele sabe como é à força de Galbatorix e que estava aumentando cada ano, mas ele recusou revelar mais no tempo porque não fomos promovidos bastante no nosso treinamento. Agora, depois dos nossos encontros com o Espinho e Murtagh, penso que ele compartilhará o seu conhecimento conosco. Além disso, há ramos inteiros da magia que ainda temos de explorar, e alguém deles poderia fornecer os meios de derrotar Galbatorix. Se estivermos indo jogar sobre esta viagem, Nasuada, então nos deixam não jogar para manter a nossa posição atual; vai jogar para aumentar a nossa duração e assim vitória este jogo da possibilidade.”

Nasuada sentou-se imóvel durante mais de um minuto. “Não posso tomar esta decisão até que os anões mantenham a sua coroação. Se você vai a Du Weldenvarden dependerá dos movimentos do Império então e no que os nossos espiões informam sobre atividades de Espinho e Murtagh.”

Por cima do curso de duas horas seguintes, Nasuada instruiu Eragon sobre treze clãs anãos. A sua educação, a sua história e a sua política; nos produtos nos quais cada clã baseou a maioria do seu comércio; nos nomes, famílias, e personalidades dos chefes de clã; na lista de túneis importantes escavados e controlados por cada clã; e no que ela sentiu seria o melhor modo de conseguir os anões adulando para eleger um rei ou a rainha amistosa aos goles do Varden.

“De maneira ideal, Orik seria aquele para tomar o trono,” ela disse. “O rei Hrothgar foi altamente considerado pela maior parte dos seus sujeitos, e Dûrgrimst Ingeitum permanece um dos mais ricos e o mais influente de clãs, todo do qual é ao benefício de Orik. Orik é dedicado à nossa causa. Ele serviu de um dos Varden, você e eu tanto conta-o como um amigo, como ele é seu irmão adotivo. Acredito que ele tem as habilidades de ficar rei excelente dos anões.” Divertimento acendido na sua expressão. “Pequena matéria, isto. Contudo, ele é jovem pelos padrões dos anões, e a sua associação conosco pode comprovar ser uma insuperável barreira de outros chefes de clã. Outro obstáculo é que outros grandes clãs – Dûrgrimst Feldûnost e Dûrgrimst Knurlcarathn, para denominar, mas dois — são ansiosos, depois que mais de cem anos da regra pelo Ingeitum, para ver a coroa vá para um clã diferente. Por todos os meios, apoie Orik se ele puder ajudá-lo para o trono, mas se ficar óbvio que a sua tentativa é destinada e o seu apoio pode garantir o êxito de outro chefe de clã que favorece o Varden, logo transferir o seu suporte, mesmo se a realização assim ofenderá Orik. Você não pode permitir que a amizade mexa na política, não agora.”

Quando Nasuada terminou a sua conferência nos clãs anãos, ela, Eragon, e Saphira passaram vários minutos compreendendo como Eragon poderia sair do campo sem ser notado. Depois que eles tinham elaborado finalmente os detalhes do plano, Eragon e Saphira devolvido à sua tenda e disseram a Blödhgarm o que eles tinham decidido.

À surpresa de Eragon, o elfo coberto por pele não objetou. Curioso, Eragon perguntou, “você aprova?”

“Ele não é o meu lugar para dizer se me aprovo ou não,” Blödhgarm respondeu, a sua voz com um ronronar baixo. “Mas desde que o estratagema de Nasuada não parece pôr qualquer de vocês no perigo desarrazoado, e por meio disto você pode ter a

oportunidade além de a sua aprendizagem em Ellesméra, nem eu nem os meus irmãos objetaremos.” Ele inclinou a sua cabeça. “Se você desculpará a mim, Bjartskular, Argetlam.” Contornando Saphira, o elfo saiu à tenda, permitindo um relâmpago brilhante de a luz furar a escuridão no interior como ele afastou a aba de entrada com a mão.

Por muitos minutos, Eragon e Saphira ficaram sentados no silêncio, então Eragon põem a sua mão no topo da sua cabeça. “Diga o que você faz, eu farei falta a você.”

“E eu você, pequenino.”

“Tenha cuidado. Se algo lhe aconteceu...”

“E você também.”

Ele suspirou. “Estivemos em conjunto só alguns dias, e já devemos separar-nos novamente. “Percebo que seja culpa de Nasuada por isto.”

“Não a condene para fazer o que ela deve.”

“Não, mas ela deixa um gosto amargo na minha boca.”

“O movimento prontamente então, portanto posso ficar logo com você em Farthen Dûr.”

“Eu não me lembraria de estar por enquanto longe de você se só ainda posso tocar a sua mente. Isto é a pior parte dele: o sentido horrível de vacuidade. Não ousamos até falar um a outro pelo espelho na tenda de Nasuada, já que a gente se admiraria por que você continuou visitando-a sem mim.”

Saphira pestanejou e chicoteou a sua língua para fora, e ele sentiu um turno estranho nas suas emoções.

“Quê?” ele perguntou.

“Eu...” Ela pestanejou novamente. “Combino. Lamento que não possamos permanecer no contato mental quando fomos em grandes distâncias um de outro. Ele reduziria a nossa preocupação e incomodaria e permitiria que nós confundíssemos o Império mais facilmente.” Ela zombou com a satisfação quando ele se sentou ao lado dela e começou a arranhar as pequenas escalas atrás do seu maxilar.





## PEGADAS NA SOMBRA

Com uma série de pulos tontos, Saphira transportou Eragon pelo campo à tenda de Katrina e Roran. Fora da tenda, Katrina lavava um turno em um balde de água ensaboada, esfregando o tecido branco contra um conselho de madeira sulcada. Ela levantou uma mão para proteger os seus olhos quando uma nuvem do pó da aterrissagem de Saphira foi à deriva por cima dela.

Roran foi para fora da tenda, se dobrando sobre o seu cinto. Ele tossiu e piscou no pó.

“O que lhe traz aqui?” ele perguntou quando Eragon desmontou.

Falando rapidamente, Eragon disse-lhes da sua partida iminente e frisou a eles a importância de guardar a sua ausência em segredo do resto dos aldeões. “Não importa quanto remotamente que eles sentem porque supostamente recuso a vê-los, você não pode revelar-lhes a verdade, nem até Horst ou Elain. Deixe-os pensar que não fiquei uma pessoa grosseira e ingrata antes que saibam uma palavra sobre o esquema de Nasuada. Isto que pergunto de você, por causa de todo o mundo que se enterrou em uma cova contra o Império. Você o fará?”

“Nunca trairíamos você, Eragon,” disse Katrina. “Disto, você não tenha nenhuma dúvida.”

Então Roran disse que ele também partia.

“Para onde?” exclamou Eragon.

“Somente recebi a minha nomeação há alguns minutos. Estamos indo invadir os trens de provisão do Império, em algum lugar bem ao norte, atrás de linhas inimigas.”

Eragon fitou os três presentes antes de enxergar a si mesmo. Primeiro Roran, sério e determinado, já com o tempo da antecipação de batalha; então Katrina, importunada e tentando escondê-la; e logo Saphira, cujas narinas bruxulearam com pequenas línguas da chama, que estalou quando ela respirou. “Portanto estamos seguindo todos os nossos caminhos separados.” O que ele não disse, mas que suspendeu por cima deles como uma mortalha foi que eles nunca poderiam ver novamente um a outro vivo.

Segurando Eragon pelo antebraço, Roran puxou-o perto e apertou-o durante um momento.

Ele largou Eragon e fitou profundamente nos seus olhos. “Guarde as suas costas, o irmão. Galbatorix não é o único que gostaria de deslizar uma faca entre as suas costelas quando você não está olhando.”

“Faça o mesmo você mesmo. E se você se encontrar ou enfrentar um feiticeiro corra no sentido contrário. As proteções que coloquei em volta de você não durarão para sempre.”

Katrina apertou Eragon e sussurrou, “não demorem muito para voltar.”

“Não demorarei.”

Em conjunto, Roran e Katrina foram a Saphira e tocaram as suas testas ao seu focinho longo, e ósseo. O seu peito vibrou quando ela produziu uma nota profundamente pura e baixa dentro da sua garganta.

“Lembre-se, Roran,” ela disse, “não faça o erro de abandonar os seus inimigos vivos. E, Katrina? Não se demore nas coisas que você não pode modificar. Só piorará a sua aflição.” Com um sussurro de pele e escalas, Saphira abriu as suas asas e envolveu Roran, Katrina, e Eragon em um abraço quente, isolando-os do mundo.

Quando Saphira levantou as suas asas, Roran e Katrina deram passos para longe enquanto Eragon subiu para as suas costas. Ele olhou no par de recém-casados, um pedaço na sua garganta, e continuou tremulando mesmo que Saphira tomasse o ar.

Pestanejando para compensar os seus olhos, Eragon apoiado contra o espinho atrás dele e fitou em cima de no céu que se inclinava.

“Às tendas dos cozinheiros agora?” Saphira perguntou.

“Sim.”

Saphira subiu algumas centenas de pés antes que ela se apontasse no quadrante ao sudoeste do campo, onde os pilares da fumaça foram à deriva em cima de linhas de fornos e grandes, largos fogos de cova. Uma corrente fina do vento deslizou para além dela e Eragon quando ela deslizou para baixo em direção a um remendo claro da terra entre duas tendas muradas abertas, cada uma de cinquenta pés de longitude.

O café da manhã havia acabado, portanto as tendas estavam vazias de homens quando Saphira aterrisou com um baque barulhento.

Eragon apressou-se em direção aos fogos além das mesas de prancha, Saphira junto dele. Muitas centenas de homens que foram ocupados tendendo os fogos, esculpindo carne, quebrando ovos, amassando massa de farinha, mexendo caldeiras de ferro fundido cheias de líquidos misteriosos, esfregando enormes potes sujos e panelas, e que foram de outras maneiras empregados na tarefa enorme e interminável de preparar a comida para os Varden não fizeram uma pausa para olhar estupidamente Eragon e Saphira. Para que importância um dragão e o Cavaleiro foram comparados com as exigências impiedosas e vorazes - criação falada da fome e das bocas que eles se esforçavam por saciar?

Um homem forte com uma barba tosquiada de cabelos brancos e pretos, que era quase tão baixo para passar por um anão trotou até Eragon e Saphira e deu um sorriso curto. “Sou Quoth Merrinsson. Como posso ajudá-lo? Se você quiser, Matador de Espectros, temos um pouco de pão que terminou de ser assado.” Ele gesticulou em direção a uma linha dupla de pães de fermento que descansam em uma travessa em uma mesa próxima.

“Eu poderia ter meio pão, se você puder dispensá-lo,” disse Eragon. “Contudo, a minha fome não é a razão da nossa visita. Saphira gostaria de comer algo, e não temos o tempo para ela ir caçar como ela normalmente faz.”

Quoth olhou para além dele e olhou o volume de Saphira, e a sua cara tornou-se pálida. “Quanto ela come normalmente... Ai, isto é, quanto você come normalmente, Saphira? Posso ter seis lados da vaca assada trazida imediatamente, e outros seis estarão prontos em aproximadamente quinze minutos. Faz isto bastante, ou...?” O puxador na sua garganta pulou quando ele engoliu.

Saphira emitiu um rosnado suave, que se encrespava que fez com que Quoth chiasse e pulasse para trás.

“Ela preferiria um animal vivo, se isto é conveniente,” disse Eragon.

Em uma voz alta, Quoth disse, “Conveniente? Oh sim, é conveniente.” Ele balançou a sua cabeça, e torceu o avental com as suas mãos manchadas de banha. “O mais conveniente de fato, Matador de Espectros, Dragão Saphira. A mesa de rei Orrin não estará faltando esta tarde, então, oh não.”

“E um barril do prado,” Saphira disse a Eragon.

Os círculos brancos apareceram em volta da íris de Quoth quando Eragon repetiu o seu pedido. “Eu temo que os anões tenham comprado a maior parte dos nossos estoques de prado. Temos só alguns barris deixados, e aqueles são reservados para o Rei —” Quoth estremeceu quando uma chama de quatro pés de longitude pulou fora das narinas de Saphira e chamuscou a grama em frente dele. As linhas rosnadas da fumaça foram à deriva em cima de dos talos enegrecidos. “Eu, eu lhe mandarei trazer um barril agora mesmo. Se você faz questão, tomarei o seu gado, onde você pode ter qualquer besta que você gosta.”

Contornando os fogos, mesas e grupos de homens cozinhando, o cozinheiro conduziu-os a uma coleção de grandes cercas de madeira, que mantinham porcos, gado, gansos, cabras, ovelhas, coelhos, e um número de cervos selvagens que os caçadores dos Varden tinham capturado durante as suas correrias na selva circundante. Perto das cercas estavam gaiolas cheias de frangos, patos, pombos, codornizes, galos silvestres, e outros pássaros. O seu brado, o chilreio, o arrulho, e corvos formaram uma cacofonia tão áspera, que fez entrar areia nos dentes de Eragon com o aborrecimento. Para evitar ser esmagado pelos pensamentos e as sensações das tantas criações, ele teve cuidado guardar a sua mente fechada a todos exceto Saphira.

Três deles pararam com pés das cercas por causa da presença de Saphira e não apavoraria os animais presos. “Há lá algum que a sua imaginação deseja?” Quoth perguntou, fitando em cima dela e esfregando as suas mãos com a destreza nervosa.

Quando ela inspecionou as cercas, Saphira fungou e disse a Eragon, “Esta rapina é lamentável... Não estou realmente com fome, você sabe. Fui caçar só anteontem, e ainda estou digerindo os ossos do cervo que comi.”

“Você ainda está crescendo rapidamente. A comida a fará bem.”

“Não se não puder engoli-lo.”

“Escolha algo pequeno, então. Um porco, talvez.”

“Isto lhe estaria a serviço apenas. N... Tomarei aquele.” Disse Saphira, Eragon recebeu a imagem de uma vaca da estatura média com salpicar de manchas brancas no seu flanco esquerdo.

Depois que Eragon indicou a vaca, Quoth gritou para uma linha de homens que não perderam tempo pelas cercas. Dois deles separaram a vaca do resto do rebanho, deslizaram uma corda por cima da sua cabeça, e puxaram o animal relutante em direção a trinta pés de Saphira, a vaca impedida e desanimada com o terror e tremia com a corda e tentava fugir. Antes que o animal pudesse escapar, Saphira agarrou, pulando através da distância que os separava. Os dois homens que seguravam a corda lançaram-se para o lado quando Saphira se apressou em direção a eles, com os seus maxilares abertos.

Saphira bateu nas costas da vaca quando ela virou para correr, atropelando o animal e mantendo ele no lugar com os seus pés alargados. Ele proferiu um berro único, terrificado antes dos maxilares de Saphira fecharem por cima do seu pescoço. Com uma sacudidela feroz da sua cabeça, ela quebrou a sua espinha. Ela fez uma pausa então, agachou-se baixo por cima dela para matar, e olhou esperançosamente para Eragon.

Fechando os seus olhos, Eragon estendeu a mão para pegar com a sua mente em direção à vaca. A consciência do animal já se tinha desbotado na escuridão, mas o seu corpo estava ainda vivo, a sua carne franjava com a energia de motivo, que foi tanto mais intensa que o medo que havia percorrido por ele momentos antes. Repugnância para o que ele estava a ponto de fazer, mas Eragon não o ignorou e, colocando uma mão por cima do cinto de Beloth o Sábio, transferiu a energia do corpo da vaca nos doze diamantes ocultos em volta da sua cintura. O processo tomou só alguns segundos.

Ele acenou com cabeça a Saphira. “Está feito.”

Eragon agradeceu os homens pela sua ajuda, e logo dois deles abandonaram-no e Saphira sozinhos.

Enquanto Saphira devorava a vaca, Eragon sentou em um barril do prado e olhou os cozinheiros ir continuar seus afazeres. Toda hora os cozinheiros ou um dos assistentes decapitavam um frango ou cortavam a garganta de um porco ou uma cabra ou qualquer outro animal, ele transferiu a energia do animal que morria no cinto de Beloth o Sábio. Foi um trabalho severo, para a maior parte dos animais foram ainda conscientes quando ele tocou a sua consciência e a tempestade uivante do seu medo e confusão e dor batida

nele até o seu coração ficar socado e suor enfeitado com contas parecerem na sua testa e ele não desejou nada mais do que curar as criações que sofrem.

Contudo, ele sabia que era sorte os Varden não morrerem de fome. Ele tinha esvaziado a sua reserva da energia durante as poucas batalhas passadas, e Eragon quis enchê-lo novamente antes de estabelecer em uma viagem longa e potencialmente arriscada. Se Nasuada tinha permitido que ele permanecesse com os Varden durante outra semana, ele poderia estocar os diamantes com a energia do seu próprio corpo e ainda teria tempo para recuperar-se antes de se dirigir a Farthen Dûr, mas ele não poderia nas poucas horas que ele teve. E mesmo se ele tivesse feito apenas a mentira na cama e vazou o fogo dos seus membros nas jóias, ele não teria sido capaz de armazenar tanta força como ele fez com a multidão de animais.

Os diamantes no cinto de Beloth o Sábio pareciam ser capazes de absorver um montante quase ilimitado da energia, portanto ele parou quando ele foi incapaz de carregar a perspectiva da imersão nas dores fortes de morte de outro animal. Sacudidela e gotejamento com suor da cabeça tocou os dedos do pé, ele inclinou-se para frente, as suas mãos nos seus joelhos, e fitou na terra entre os seus pés, lutando para não estar doente. Memórias que não eram suas próprias intrometeram-se sobre os seus pensamentos, memórias de Saphira voando por cima do Lago Leona com ele nas suas costas, deles mergulhando na água clara, fresca, uma nuvem de bolhas brancas que enxameiam para além deles, do seu compartilhado e deleitoso vôo e natação e jogar em conjunto.

A sua respiração acalmou, e ele viu Saphira onde ela se sentou entre as sobras que ela acabara de matar, ruminando a caveira da vaca. Ele sorriu e enviou-lhe a sua gratidão da sua ajuda.

“Podemos ir agora,” ele disse.

“Engolir,” ela respondeu, “Toma a minha força também. Você pode precisar dela.”

“Não.”

“Isto é um argumento que você não ganhará. Insisto.”

“E insisto de outra maneira. Não partirei com você enfraquecida e imprópria para a batalha. E se Murtagh e o Espinho atacarem hoje? Ambos nós necessitaremos de estar prontos para lutar em qualquer momento.”

“Você estará em mais perigo do que eu porque Galbatorix e todo o Império ainda acreditará que estou com você.”

“Sim, mas você estará a sós com um Kull no meio da selva.”

“Sou tão acostumado à selva quanto você. Estar longe da civilização não me assusta. Quanto a um Kull, pois, não sei se posso bater nele em uma luta, mas os meus feitiços me protegerão de qualquer infidelidade... Tenho bastante energia, Saphira. Você não tem de dar-me mais.”

Ela olhou-o, considerando as suas palavras, logo levantou uma pata e começou a lambê-la para limpar o sangue. “Muito bem, vou me manter... a mim?” As esquinas da sua boca pareceram levantar com o divertimento. Abaixando a sua pata, ela disse, “você seria tão gentil para derrubar-me aquele barril?” Com um grunhido, ele tornou-se aos seus pés e fez como ela pediu. Ela estendeu uma garra única e socou dois buracos no topo do barril, que lançou o doce cheiro de prado de mel de maçã. A arquação do seu pescoço e da a sua cabeça estava diretamente acima do barril, ela agarrou-o entre os seus maxilares maciços, logo levantou-o em direção ao céu e vazou os conteúdos gorgolejante abaixo a sua garganta. O barril vazio quebrou-se contra a terra quando ela o deixou, e um dos arcos do barril de ferro rolou várias jardas de distância. O seu lábio superior enrugado, Saphira sacudiu a sua cabeça, então a sua respiração puxada e ela

espirrou tão forte que o seu nariz bateu na terra e uma gota do fogo saiu de ímpeto tanto da sua boca como das suas narinas.

Eragon grunhiu com a surpresa e pulou para um lado, rebatendo na bainha que fumaça da sua túnica. O lado direito da sua cara sentiu a ferida murchada pelo calor do fogo.

“Saphira, tenha mais cuidado!” ele exclamou.

“Ôpa.” Ela abaixou a sua cabeça e esfregou o seu focinho endurecido de pó contra a borda de uma perna dianteira, que coça nas suas narinas. “O prado faz cócegas.”

“Realmente, você deveria saber melhor do que ninguém a conter o seu fogo,” ele rosnou quando subiu em suas costas.

Depois de esfregar o seu focinho contra a sua perna dianteira mais uma vez, Saphira pulou alto no ar e, deslizou por cima do campo dos Varden, devolveu Eragon à sua tenda. Ele se despediu dela, logo estava levantando os olhos para Saphira. Durante algum tempo, eles não disseram nada, permitindo as suas emoções compartilhadas falar por eles.

Saphira pestanejou, e ele pensou que os seus olhos brilharam mais do que o normal. “Isto é um teste,” ela disse. “Se o passarmos, seremos o mais fortes, como dragão e Cavaleiro.”

“Devemos ser capazes de funcionar por nós se necessário, mais estaremos para sempre em uma desvantagem comparada com outros.”

“Sim.” Ela goivou a terra com as suas garras. “O conhecimento que não faz nada para aliviar a minha dor, de qualquer modo.” Um tremor dirigiu o comprimento do seu corpo sinuoso. Ela abriu as suas asas.

“Passou uma rajada de vento embaixo das suas asas e o sol sempre estará nas suas costas. Viagem bem e viagem rápido, pequenino.”

“Adeus,” ele disse.

Eragon sentiu que se ele permanecesse mais tempo com ela, ele nunca partiria, portanto ele girou em volta e, sem olhar de relance para trás, mergulhou no interior escuro da sua tenda. A conexão entre eles — que lhe tinha ficado tão integrante como a estrutura da sua própria carne — se separou completamente. Eles deveriam sentir logo demasiadamente longe a mente de cada um de qualquer maneira, e ele não teve nenhum desejo de prolongar a agonia da sua separação. Ele ficou onde ele estava durante um momento, agarrando o cabo da cimitarra; e balançando como se ele fosse vertiginoso. Já a dor enfadonha da solidão o cobriu, e ele sentiu-se pequeno e isolado sem a presença consoladora da consciência de Saphira. Fiz isto antes, e posso fazer isto novamente, ele pensou, e forçou-se ao quadrado dos seus ombros e elevou o seu queixo.

De baixo da sua cama, ele retirou o pacote que ele tinha feito durante a sua viagem de Helgrind. Nele ele colocou o tubo de madeira esculpido enrolado no tecido que continha o rolo de papel do poema que ele tinha escrito para o Agaetí Blödhren, que Oromis tinha copiado para ele na sua caligrafia mais perfeita; o frasco de faelnirv encantado e a pequena caixa de esteatita de nalgask que foram também presentes de Oromis; o livro grosso, Domia abr Wyrda, que foi o presente de Jeod; a sua pedra de amolar e o seu para afiar; e, depois de um pouco de hesitação, muitas partes da sua armadura, já que ele raciocinou. Se a ocasião surgir onde preciso dela, serei mais feliz tê-la do que seria por transportar a miserável durante todo o tempo a Farthen Dûr. Ou portanto ele esperou. O livro e o rolo de papel que ele tomou porque — depois ter feito tanta viagem — ele tinha concluído que o melhor modo de evitar perder os objetos que ele se preocupou em conservar com ele onde quer que ele fosse.

A única roupa extra que ele decidiu trazer foi um par de luvas, que ele encheu dentro do seu elmo, e o seu capote lanoso pesado, em caso de que estivesse frio quando eles parassem a noite. Todo o resto, ele partiu enrolado em alforjes de Saphira. Se realmente

sou membro de Dûrgrimst Ingeitum, ele pensou, eles me vestirão propriamente quando chegar a Bregan Hold.

Cilhando o pacote, ele pôs o seu arco não esticado e a aljava através das costas e açoitou eles à armação. Ele estava a ponto de fazer o mesmo com a cimitarra quando ele percebeu que se ele se inclinasse para o lado, a espada poderia escorregar para fora da bainha. Por isso, ele atou a espada contra o reverso do pacote, pesca ele assim o cabo montaria entre o seu pescoço e o seu ombro direito, onde ele ainda pode desenhá-lo se necessário.

Eragon fechou o pacote e logo apunhalou pela barreira na sua mente, sentindo a energia que aumentava no seu corpo e nos doze diamantes montados no cinto de Beloth o Sábio. Explorando aquele fluxo da força, ele murmurou o feitiço que ele tinha lançado uma vez antes: isto que curvou raios da luz em volta dele e o seu eu invisível. Uma mortalha leve da fadiga enfraqueceu os seus membros como ele lançou o feitiço.

Ele lançou os olhos para baixo e teve a experiência de desconcerto de examinar onde ele sabia que o seu tronco e pernas era e vista do carimbo das suas botas na sujeira em baixo. Agora para a parte difícil, ele pensou.

Indo ao reverso da tenda, ele fendeu o tecido esticado com a sua faca de caça e deslizou pela abertura. Liso como um gato bem alimentado, Blödhgarm esperava por ele lá fora. Ele inclinou a sua cabeça na direção geral de Eragon e murmurou, “Matador de Espectros,” logo dedicou a sua atenção ao remendo do buraco, que ele fez com meia dúzia de palavras curtas na língua antiga.

Eragon foi à deriva abaixo do caminho entre duas linhas de tendas, usando o seu conhecimento do artesanato em madeira para fazer tão pouco barulho enquanto possível. Sempre que alguém se aproximava, Eragon saía do caminho e ficava imóvel, esperando que eles não notassem as pegadas de sombra na sujeira ou na grama. Ele falou mal do fato que a terra estava tão seca; as suas botas tenderam a levantar pequenos sopros do pó não importava o quanto suavemente ele andava. À sua surpresa, sendo invisível degradou o seu sentido do equilíbrio; sem a capacidade de ver onde as suas mãos ou os seus pés foi ele continuou julgando mal as distâncias e chocar-se com coisas, quase como se ele tivesse consumido demasiada cerveja.

Apesar do seu progresso incerto, ele conseguiu chegar à borda do campo no tempo regularmente bom e sem despertar qualquer suspeita. Ele fez uma pausa atrás de um barril de chuva, ocultando as suas pegadas na sua sombra grossa, e estudou o empacotado - terraplenos terrestres e fossos alinhados com estacas afiadas que protegiam o flanco oriental do Varden. Se ele tivesse estado tentando introduzir o campo, teria sido extremamente difícil evitar a detenção por um dos muitos sentinelas que patrulharam os terraplenos, até enquanto invisível. Mas desde que as trincheiras e os terraplenos tinham sido projetados para repelir atacantes e não prender os defensores, cruzando-os da direção oposta foi uma tarefa muito mais fácil.

Eragon esperou até que as duas sentinelas mais fechados mandassem virar o seu dorso em direção a ele, e logo ele correu para frente, bombeando os seus braços com toda a sua força. Dentro de segundos, ele atravessou aproximadamente centena de pés que separou o barril de chuva da encosta do terraplano e quebrou em cima do dique tão rápido, ele sentiu-se como se ele fosse uma pedra omitir através da água. Na crista do dique, ele dirigiu as suas pernas na terra e, braços flutuando, pulou fora por cima das linhas da defesa do Varden. Para três batidas do coração silenciosas, ele voou, logo pousado com um impacto dissonante de osso.

Logo que ele recuperasse o seu equilíbrio, Eragon apertou-se contra a terra e manteve a sua respiração. Uma das sentinelas fez uma pausa nos seus círculos, mas ele não pareceu notar algo fora do ordinário, e depois de um momento ele retomou o seu

patrulhamento. Eragon lançou a sua respiração e sussurrou, “Du deloi lunaea,” e se sentiu como o período alisou as impressões as suas botas tinham partido no dique.

Ainda invisível, ele trotou longe do campo, cuidadoso para dar passos só em moitas da grama, portanto ele não levantaria mais pó. Mais longe ele se tornou das sentinelas, mais rápido ele não correu, até que ele ganhou mais velocidade por cima da terra do que um cavalo galopante.

Quase uma hora depois, ele dançou abaixo o lado íngreme de um sorteio estreito que o vento e a chuva tinham gravado com água-forte na superfície dos pastos. No fundo foi um gotejamento de água alinhada com ímpetos e cattails. Ele continuou rio abaixo, ficando bem longe da terra suave ao lado da água — em uma tentativa de evitar deixar traços da sua passagem — até o córrego alargado em um pequeno tanque, e lá pela borda, ele viu a maior parte de um grande Kull sentado em um seixo rolado.

Como Eragon empurrou o seu caminho por uma estante de cattails, o som de folhas sussurram e talos alertou o Kull da sua presença. A criação virou a sua cabeça cornuda maciça em direção a Eragon, ignorando o ar. Foi Nar Garzhvog, o líder do Urgals que estava aliado com o Varden.

“Você!” exclamou Eragon, ficando visível mais uma vez.

“Cumprimentos, Firesword,” estrondeou Garzhvog. Levantando em cima dos seus membros grossos e tronco gigantescos, o Urgal aumentou aos seus oito pés e meio cheios, os seus músculos de pele cinzas que se encrespam na luz do sol de meio-dia.

“Cumprimentos, Nar Garzhvog,” disse Eragon. Confuso, ele perguntou, “O que será da sua tropa? Quem os conduzirá se você for comigo?”

“O meu irmão de sangue, Skgahgrezh, conduzirá. Ele não é Kull, mas ele tem chifres longos e um pescoço grosso. Ele é um chefe de guerra perfeito.”

“Vejo... Por que você quis vir, embora?”

O Urgal levantou o seu queixo quadrado, proibindo a sua garganta. “Você é Firesword. Você não deve morrer, ou Urgralgra Urgals, como você nos denomina — não terá a nossa vingança contra Galbatorix, e a nossa corrida morrerá nesta terra. Por isso, correrei com você. Sou o melhor dos nossos lutadores. Derrotei quarenta e dois homens no combate único.”

Eragon acenou com cabeça, não desprazido pela volta de eventos. De todo o Urgals, ele confiou Garzhvog o mais, já que ele tinha tentado a consciência do Kull antes da Batalha das Planícies Ardentes e tinha descoberto que, pelos padrões da sua corrida, Garzhvog foi honesto e fiável. Enquanto ele não decide que a sua honra necessita que ele me desafie a um duelo, não devemos ter nenhuma causa do conflito.

“Muito bem, Nar Garzhvog,” ele disse, apertando a tira do pacote em volta da sua cintura, “nos deixam dirigido em conjunto, você e eu, como não aconteceu em toda história registrada.”

Garzhvog riu à socapa profundamente no seu peito. “Vai dirigido, Firesword.”

Em conjunto eles enfrentaram o Leste, e em conjunto eles estabelecem adiante para as Montanhas Beor, Eragon que dirige luz e rapidamente, e Garzhvog que poda junto dele, tomando um passo largo de cada dois de Eragon, a terra que treme abaixo da carga do seu peso. Acima deles, inchado cabeça de trovão reunido ao longo do horizonte, prognosticando uma tempestade torrencial, e rodeando falcões proferiu gritos solitários como eles caçaram a sua rapina.



## **SOBRE COLINA E MONTANHA**

Eragon e Nar Garzhvog correram o resto do dia, pela noite, e pelo dia seguinte, parando somente para beber e aliviar-se.

No fim do segundo dia, Garzhvog disse, “Espada de fogo, eu devo comer, e devo dormir.”

Eragon apoiou-se contra um toco próximo, arquejando, e acenou com cabeça. Ele não queria falar primeiro, mas ele estava com tanta fome e tão exausto quanto o Kull. Logo depois de deixar os Varden, ele tinha descoberto que enquanto ele foi mais rápido do que Garzhvog em distâncias de até cinco milhas, além disso, a resistência de Garzhvog foi igual ou até maior do que a sua própria.

“Te ajudarei a caçar,” ele disse.

“Não é necessário. Faça-nos um grande fogo, e nos trarei a comida.”

“Perfeito.”

Como Garzhvog andou com passos largos de em direção a uma moita de árvores de faia ao norte deles, Eragon desamarrou a tira em volta da sua cintura e, com um suspiro do alívio, deixou o seu pacote ao lado do toco.

“Armadura arruinada,” ele murmurou. Mesmo no Império, ele não tinha corrido enquanto transportava tal carga. Ele não tinha antecipado o quão árduo seria. Os seus pés doíam, suas pernas doíam, suas costas doíam, e quando ele tentou agachar-se, os seus joelhos recusaram a se curvar propriamente.

Tentando ignorar o seu desconforto, ele começou a reunir grama e ramos mortos para fogo, que ele empilhou um remendo da terra seca, rochosa.

Ele e Garzhvog foram a algum lugar somente ao leste da ponta do Sul do Lago Tüdosten. A terra estava molhada e viçosa, com campos da grama que chegavam a seis pés de altura, pelo qual vagavam rebanhos de cervos, gazelas, e bois selvagens com peles pretas e largos, largos chifres. As riquezas da área eram devidas, Eragon sabia, às Montanhas Beor, que causaram a formação de enormes bancos de nuvens que foram à deriva para muitas léguas por cima das planícies além, trazendo chuva a lugares que teriam sido de outra maneira tão secos como o Deserto de Hadarac.

Embora os dois já tivessem corrido um número enorme de léguas, Eragon ficou desapontado pelo seu progresso. Entre o Rio Jiet e Lago Tüdosten, eles tinham perdido várias horas se escondendo e tomando desvios para evitar serem vistos. Agora que o Lago Tüdosten estava atrás deles, ele esperou que o seu passo aumentasse. Nasuada não previu este atraso, previu? Oh não. Ela pensou que pudesse correr direto de lá a Farthen Dûr. Ai! Dando pontapés em um ramo que estava em seu caminho, ele continuou reunindo a madeira, reclamando a si mesmo o tempo inteiro.

Quando Garzhvog voltou uma hora depois, Eragon tinha construído um fogo de uma jarda de longitude e dois pés de largura e sentava-se em frente dele, fitando as chamas e lutando contra o impulso de deslizar nos sonhos acordados que foram o seu descanso. O seu pescoço estalou quando ele levantou os olhos.

Garzhvog andou com passos largos em direção a ele, mantendo a carcaça de uma corça rechonchuda embaixo do seu braço esquerdo. Como se ele pesasse não mais do que um saco de trapos, ele levantou a corça e cunhou a sua cabeça no garfo de uma árvore a vinte jardas do fogo. Então ele tirou uma faca e começou a limpar a carcaça.

Eragon estava sentindo-se como se as suas juntas tivessem virado pedra, e tropeçassem em direção a Garzhvog.

“Como você o matou?” ele perguntou.



“Com a minha funda,” estrondeou Garzhvog.

“Você pretende cozinhá-lo em um espeto? Ou Urgals comem a sua carne crua?”

Garzhvog virou a sua cabeça e fitou pelo rolo do seu chifre esquerdo em Eragon, um olho amarelo profundo que brilhava com um pouco de emoção enigmática. “Não somos bestas, Espada de fogo.”

“Eu não disse que você era.”

Com um grunhido, o Urgal voltou ao seu trabalho.

“Ele demorará muito tempo para cozinhar em um espeto,” disse Eragon.

“Pensei num guisado, e podemos fritar o que sobrar em uma rocha.”

“Guisado? Como? Não temos um pote.”

Conseguindo abaixo, Garzhvog esfregou a sua mão direita limpa na terra, logo retirou um quadrado do material dobrado da bolsa no seu cinto e lançou-o em Eragon.

Eragon tentou pegá-lo, mas estava tão cansado que ele falhou, e o objeto bateu na terra. Ele pareceu a uma parte excepcionalmente grande do velino. Como ele buscou-o, o quadrado caiu aberto, e ele viu que ele tinha a forma de uma bolsa, possivelmente um pé e meio largo e três pés de profundidade.

A borda foi reforçada com uma tira grossa de couro, sobre o qual foram incrustados anéis metálicos.

Ele virou a vasilha, assombrado pela sua maciez e o fato que ele não teve nenhuma costura.

“O que é isto?” ele perguntou.

“O estômago de um urso da caverna que matei no primeiro ano que adquiri os meus chifres. Suspenda-o de uma armação ou ponha-o em um buraco, logo encha-o da água e deixe pedras quentes nele. As pedras aquecem a água, e o guisado prova bem.”

“As pedras não queimarão o estômago?”

“Eles não o fizeram ainda.”

“É encantado?”

“Sem magia. Estômago forte.” A respiração de Garzhvog irritou fora quando ele agarrou os quadris do cervo de ambos os lados e, com um movimento único, quebrou a sua pelve em dois. O esterno ele partiu com a utilização da sua faca.

“Deve ter sido um grande urso,” disse Eragon.

Garzhvog fez um ruk-ruk soar profundo na sua garganta. “Era maior do que eu sou agora Matador de Espectros “

Você matou-o com a sua funda também?”

“Abafei-o à morte com as minhas mãos. Nenhuma arma é permitida quando você vem da idade e deve comprovar a sua coragem.” Garzhvog fez uma pausa durante um momento, a sua faca enterrada ao cabo na carcaça. A maioria não mata ursos da caverna. A maior parte de lobos de caça ou bodes da montanha. Por isso sou o chefe de guerra e os outros não.”

Eragon deixou-o preparando a carne e voltou ao fogo. Perto dele, ele cavou um buraco, que ele alinhou com o estômago de urso, empurrando estacas pelos anéis metálicos para manter o estômago no lugar. Ele reuniu uma dúzia de rochas do tamanho de maçãs do campo circundante e as lançou ao centro do fogo. Enquanto ele esperou pelas rochas se aquecerem, ele usou magia para encher dois terços do estômago de urso de água, e logo ele formou um par de pinças de um salgueiro de broto e uma pedaço de couro cru nodoso.

Quando as rochas estavam vermelhas cerejas, ele gritou, “Elas estão prontas!”

“Coloque-as dentro,” respondeu Garzhvog.

Usando a pinça, Eragon extraiu a pedra mais próxima do fogo e abaixou-a na vasilha. A superfície da água explodiu em vapor assim que a pedra tocou-a. Ele depositou mais duas pedras no estômago de urso, que trouxe a água a uma fervura rolante.

Garzhvog fez um ruído e despejou dois punhados de carne na água, então temperou o guisado com grandes beliscões de sal da bolsa no seu cinto e vários galhos de alecrim, tomilho, e outras verduras selvagens que ele tinha encontrado por acaso caçando. Então ele colocou uma parte chata de xisto através de um lado do fogo. Quando a pedra estava quente, ele fritou fileiras de carne nela.

Enquanto a comida cozinhava, Eragon e Garzhvog esculpiram para si mesmos colheres do toco onde Eragon tinha deixado o seu pacote.

A fome fez parecer mais longa a Eragon, mas isso não foi muito mais minutos antes que o guisado ficasse pronto, e ele e Garzhvog comeram, vorazes como lobos. Eragon devorou duas vezes mais do que ele pensou já ter comido alguma vez antes, e o que ele não consumiu, Garzhvog fez, comendo bastante para seis grandes homens.

Posteriormente, Eragon colocou-se para trás, sustentando-se nos seus cotovelos, e fitando os pirilampos brilhantes que tinham aparecido ao longo da borda das árvores de faia, que giram em modelos abstratos quando eles perseguiaam um a outro. Em algum lugar uma coruja piou, suave e gutural. As primeiras e poucas estrelas começavam a aparecer no seu rosado.

Eragon fitou sem ver e pensou em Saphira e logo em Arya e logo de Arya em Saphira, e logo ele fechou os seus olhos, um batimento enfadonho que ia se formando atrás dos seus templos. Ele ouviu um som de algo se quebrando e, abrindo os seus olhos mais uma vez, viu que de outro lado do estômago de urso vazio, Garzhvog limpava os seus dentes com o fim pontudo de um fêmur quebrado. Eragon deixou o seu olhar fixo ao fundo dos pés nus do Urgal Garzhvog que retirara as suas sandálias antes que eles comessem a sua refeição — e à sua surpresa notou que Urgal tinha sete dedos do pé de cada pé.

“Os anões têm o mesmo número de dedos do pé como você tem,” ele disse.

Garzhvog cuspiu uma parte de carne no carvão do fogo. “Eu não sabia isto. Eu nunca quis ver os pés de um anão.”

“Você não acha curioso que Urgals e os anões tenham catorze dedos do pé, enquanto elfos e os seres humanos têm dez?”

Os lábios grossos de Garzhvog levantados em uma rosnadura. “Não compartilhamos nenhum sangue com aqueles ratos de montanha sem cornos, Espada de fogo”. Eles têm catorze dedos do pé, e temos catorze dedos do pé. É graças aos deuses que nos formaram quando criaram o mundo. Não há outra explicação.

Eragon grunhiu em resposta e voltou à observação dos pirilampos. Então: “Conte-me uma história que agrade à sua raça, Nar Garzhvog.”

O Kull ponderou durante um momento, logo retirou o osso da sua boca. Ele disse, “Há muito, lá viveu uma Urgralgra jovem, e o seu nome foi Maghara. Ela teve chifres que brilhavam como pedra polida, cabelo que passava para além da sua cintura, e um riso que pode encantar os pássaros para fora das árvores. Mas ela não foi bonita. Ela foi feia. Agora, na sua aldeia, também viveu um Urgal que foi muito forte. Ele tinha matado quatro Urgals na luta corpo a corpo e derrotou outros vinte e três outros além disso. Mas embora os seus feitos o tivessem ganhado largo renome, ele ainda tinha de escolher uma companheira de ninhada. Maghara desejou ser a sua companheira de ninhada, mas ele não a veria, já que ela foi feia, e por causa da sua feiura, ele não viu os seus chifres brilhantes, nem o seu cabelo longo, e ele não ouviu o seu riso agradável. Doente no fundo do coração por saber que ele não a veria, Maghara subiu a montanha mais alta na Espinha, e chamou a Rahna para ajudá-la.

Rahna é a mãe de todos nós, e foi ela que inventou a tecelagem e agricultura e ela foi quem levantou as Montanhas Beor enquanto ela libertava o grande dragão. Rahna, aquela dos Chifres Dourados, ela respondeu a Maghara, e ela perguntou por Maghara a tinha evocado. ‘Faça-me linda, ó Mãe Honorável, então posso atrair o companheiro que eu quero,’ disse Maghara. E Rahna respondeu, ‘Você não tem de ser bonita, Maghara. Você tem chifres brilhantes e cabelo longo e um riso agradável. Com eles, você pode pegar um companheiro que não seja tão tolo para ver apenas o rosto de uma Fêmea’. E Maghara, lançou-se abaixo sobre a terra e disse, ‘não serei feliz a menos que eu possa ter este macho, ó Mãe Honorável. Por favor, faça-me bonita.’ ‘Rahna, ela sorriu então e disse, ‘Se faço isto, criança, como você me reembolsará por este favor?’ E Maghara disse, ‘Dar-lhe-ei qualquer coisa que queira.’

Rahna foi bem agradada com a sua oferta, e, então ela fez Maghara bonita, e Maghara voltou à sua aldeia, e todos se admiraram com a sua beleza. Com a sua nova cara, Maghara se tornou a companheira de ninhada do companheiro que ela quis, e eles tiveram muitas crianças, e eles viveram felizes durante sete anos. Então Rahna veio a Maghara, e disse, ‘Você teve sete anos com o Urgal que você quis. Você gostou deles?’ E Maghara disse, ‘Sim’, E Rahna disse, ‘Então vim para o meu pagamento.’ E ela olhou em torno a sua casa da pedra, e ela manteve agarrado o filho mais velho de Maghara e disse, ‘Eu o terei.’ Maghara pediu Àquela dos Chifres Dourados para não tomar seu filho mais velho, mas Rahna não se abrandaria. Finalmente, Maghara tomou a clava do seu companheiro de ninhada, e bateu em Rahna, mas a clava foi quebrada em suas mãos. Como punição, Rahna destituiu a beleza de Maghara dela, e logo Rahna partiu com o filho de Maghara para a sua sala onde os quatro ventos vivem, e ela denominou o menino Hegraz e treinou-o para ser um dos guerreiros mais poderosos que alguma vez já andou sobre esta terra. E cada um tem de aprender de Maghara a nunca lutar contra um fato, pois perderá aquilo que você mais ama.

Eragon olhou a borda incandescente da lua crescente aparecer acima do horizonte oriental.

“Diga-me algo sobre as suas aldeias.”

“Que?”

“Algo. Experimentei centenas de memórias quando estive na sua mente e em Khagra e em Otvek, mas me lembro apenas de um punhado delas, e ainda assim imperfeitamente. Estou tentando fazer sentido do que vi.”

“Há muito que posso dizer-lhe,” estrondeou Garzhvog. Os seus olhos pesados pensativos, ele trabalhou o seu palito de dentes temporário em volta de um dos seus colmilhos e logo disse, “pegamos troncos, e esculpimo-nos com caras dos animais das montanhas, e então incrustamos eles verticalmente em nossas casas e então eles espantarão os espíritos selvagens. Às vezes os postes quase parecem estar vivos. Quando você anda em uma das nossas aldeias, você pode sentir os olhos de todos os animais esculpidos olhando-o....” O osso fez uma pausa nos dedos do Urgal, logo retomou o seu movimento para frente e pra trás. “Pela entrada de cada cabana, penduramos o namna. Ele é uma tira do tecido tão largo como a minha mão esticada. Os namna são brilhantemente coloridos, e os modelos neles representam a história da família que vive naquela cabana. Só os mais velhos e experientes tecelões são permitidos à fazer um namna ou a ‘consertar’ um namna que foi danificado....” O osso desapareceu dentro do punho de Garzhvog. “Durante os meses do Inverno, aqueles que têm companheiros trabalham com eles no seu tapete de piso da lareira. Ele toma pelo menos cinco anos para ser feito, portanto quando é terminado, você sabe se você fez uma boa escolha de companheiro.”

“Nunca vi uma das suas aldeias,” disse Eragon. “Eles devem ser muito bem ocultas.”

“Bem ocultadas e bem defendidas. Poucos quem vêm as nossas casas vivem para contar a história.”

Concentrando-se no Kull e permitindo-se uma estranheza na sua voz, Eragon disse, “Como você aprendeu esta língua, Garzhvog?”

“Houve um ser humano que viveu entre você? Você guardou algum de nós como escravos?”

Garzhvog devolveu o olhar fixo de Eragon sem estremecimento. “Não temos nenhum escravo, Espada de fogo. Rasguei o conhecimento das mentes dos homens com quem lutei, e compartilhei-o com o resto da minha tribo.”

“Você matou muitos seres humanos, não é?”

“Você matou muitos Urgals, Espada de fogo. É por isso que devemos ser aliados, ou a minha raça não sobreviverá.”

Eragon cruzou os seus braços. “Quando Brom e eu seguíamos a pista do Ra'zac, passamos por Yazuac, uma aldeia cerca do Rio Ninor. Encontramos toda a gente empilhada no centro da aldeia, morta, com um bebê fincado em uma lança em cima da pilha. Essa foi a pior coisa que já vi. E foram Urgals que os mataram.”

“Antes que eu adquirisse os meus chifres,” disse Garzhvog, “o meu pai tomou-me para visitar uma das nossas aldeias ao longo das margens ocidentais da Espinha”. Encontramos a nossa gente torturada, queimada, e morta. Os homens de Narda tinham sabido da nossa presença, e eles tinham surpreendido a aldeia com muitos soldados. Ninguém da nossa tribo escapou... É verdade que amamos a guerra mais do que outras raças, Espada de fogo, e foi a razão da nossa queda muitas vezes antes. As nossas mulheres não considerarão um macho como um companheiro a menos que ele se tenha provado na batalha e tenha matado pelo menos três inimigos em batalha. E há uma alegria na batalha diferentemente de qualquer outra alegria. Mas embora amemos feitos braçais, isso não significa que não somos conscientes das nossas faltas.

Se a nossa raça não puder modificar-se, Galbatorix matará todos nós se ele derrotar os Varden, e você e Nasuada matarão todos nós se você derrubar aquele traidor língua de cobra. Não tenho razão, Espada de fogo?”

Eragon empurrou o seu queixo em um aceno de cabeça. “Sim”.

“Então não é bom insistirmos em erros passados”. “Se não pudermos ultrapassar o que cada uma de nossas raças fez, nunca haverá paz entre humanos e Urgals.

“Como devemos tratá-lo, entretanto, se derrotarmos Galbatorix e Nasuada der a terra que a sua raça pediu e, vinte anos depois, as suas crianças começam a matar para ganharem companheiros? Se você souber a sua própria história, Garzhvog, então você sabe que sempre é assim quando Urgals assinam acordos de paz.”

Com um suspiro grosso, Garzhvog disse, “Então esperamos que ainda hajam Urgals através do mar e que eles são mais sábios do que nós, já que não estaremos mais nesta terra.”

Nenhum deles falou novamente naquela noite. Garzhvog fristou-se no seu lado e dormiu com a sua cabeça maciça descansando na terra, enquanto Eragon se enrolou na sua capa e se sentou contra o toco e fitou nas estrelas lentamente vendo que vão à deriva dentro e fora dos seus sonhos acordados.

Até ao fim do dia seguinte, eles tinham chegado à vista das Montanhas Beor. No início das montanhas não foram nada mais do que formas espectrais no horizonte, vidros angulares de branco e purpúreo, mas como a tarde tirou perto, a extensão distante adquiriu substância, e Eragon foi capaz de decifrar a banda escura de árvores ao longo da base e, acima disto, a banda mesmo mais larga de neve vislumbrante e gelo e, ainda mais alto ainda, os próprios picos, que foram a pedra cinza, nua, já que eles foram tão altos, nenhuma planta cresceu sobre eles e nenhuma neve caiu neles. Como quando ele

os tinha visto primeiro, o tamanho absoluto das Montanhas Beor esmagou Eragon. Cada instinto seu insistiu que nada que grande podia existir, e ainda sim ele sabia que os seus olhos não o estavam enganando. As montanhas tinham em média dez milhas de altura, e muitas eram mais altas.

Eragon e Garzhvog não pararam naquela noite, mas continuaram correndo durante as horas de escuridão e pelo dia depois disso. Quando a manhã chegou, o céu tornou-se brilhante, mas por causa das Montanhas Beor, ele foi quase o meio-dia antes do estouro de sol adiante entre dois picos e raios da luz tão larga como as próprias montanhas derramadas fora por cima da terra que ainda era pegada no crepúsculo estranho da sombra. Eragon fez uma pausa então, no banco de um arroio, e contemplou a vista na maravilha silenciosa durante vários minutos.

Como eles contornaram a grande cordilheira de montanhas, a sua viagem começou a parecer a Eragon com desconforto semelhante ao seu vôo de Gil'ead a Farthen Dûr com Murtagh, Saphira, e Arya. Ele até pensou que ele reconheceu o lugar onde eles tinham acampado depois do cruzamento o Deserto de Hadarac.

Os dias longos e as noites mais longas deslizaram por tanto com a lentidão excruciante como com a velocidade surpreendente, já que cada hora era idêntica à última, que fez Eragon sentir-se não só como se a sua provação nunca terminasse mas também como se as grandes porções dela nunca tivessem tomado lugar.

Quando ele e Garzhvog chegaram à boca da grande greta que partem a cordilheira de montanhas por muitas léguas do norte ao sul, eles viraram à sua direita e passaram entre os picos frios e indiferentes. Chegando ao Rio Beartooth — que escorreu do vale estreito que levou a Farthen Dûr — eles passaram as águas frígidas e continuaram para o sul.

Naquela noite, antes que eles aventurassem o Leste nas montanhas próprias, eles acamparam perto de uma lagoa e descansaram os seus membros. Garzhvog matou outro cervo com a sua funda, desta vez um macho, e ambos eles estiveram fartos.

Com sua fome saciada, Eragon curvou-se, reparando um buraco no lado da sua bota, quando ele ouviu um uivo misterioso que deixou seu pulso acelerado. Ele lançou os olhos em volta da paisagem escurecida, e para seu alarme, ele viu a silhueta de uma enorme fera em volta a costa alinhada da lagoa.

“Garzhvog,” disse Eragon em uma voz baixa, e chegou ao seu pacote e tirou a sua falchion.

Pegando uma rocha do tamanho de um punho do chão, o Kull colocou-o no bolso de couro da sua funda, e logo aumentando à toda a sua altura, ele abriu a sua boca e berrou na noite até que a terra tocasse com ecos do seu desafio insolente.

A besta fez uma pausa, logo procedeu em um passo mais lento, cheirando a terra aqui e ali.

Assim que ele entrou no círculo da luz do fogo, a respiração de Eragon foi retida na sua garganta. Atrás deles estava um lobo cinzento tão grande como um cavalo, com presas como sabres e olhos amarelos brilhantes que seguiam cada movimento seu. Os pés do lobo eram do tamanho de broquéis.

“Um Shrrg!” pensou Eragon.

Como o lobo gigantesco rodeou o seu campo, movendo-se quase silenciosamente apesar do seu grande volume, Eragon pensou nos elfos e como eles conversariam com um animal selvagem, e na língua antiga, ele disse, “Irmão Lobo, não lhe faremos mal, essa noite coma o resto do nosso pacote e não cace, você é bem-vindo para compartilhar de nossa comida e do calor de nossa tenda até a manhã.” O Shrrg fez uma pausa, e as suas orelhas giradas para a frente enquanto Eragon falava na língua antiga.

“Espada de fogo, o que você está fazendo?” rosnou Garzhvog.

“Não ataque a menos que ele o faça.”

A besta pesado-arcada lentamente entrou no acampamento, a ponta do seu enorme nariz molhado se contraindo enquanto isso. O lobo empurrou a sua cabeça desgrenhada em direção ao fogo, aparentemente curioso a torção das chamas, logo movidas às sucatas de carne e vísceras espalhadas por cima da terra onde Garzhvog tinha matado o cervo. Agachando-se, o lobo apanhou um grande pedaço de carne crua, logo correu e, sem um relance para trás, empalhado pelas profundidades da noite.

Eragon relaxou e embainhou a cimitarra. Garzhvog, contudo, continuou onde estava, os seus lábios mudados em um rosnado, olhando e escutando qualquer coisa de extraordinário na escuridão circundante.

Na primeira luz de alvorada, Eragon e Garzhvog deixaram o seu acampamento, e correram em direção ao leste, entrando no vale que os levaria ao Monte Thardûr.

Como eles passaram embaixo dos ramos da floresta densa que guardou o interior da cordilheira de montanhas, o ar ficou visivelmente mais fresco e a cama suave de folhas na terra amorteceu as suas pegadas. As árvores altas, escuras, severas que apareceram por cima deles pareceram estar olhando como eles fizeram o seu caminho entre os troncos grossos e em volta das raízes torcidas que pareciam nós dos dedos em cima de fora da terra úmida, suportando dois, três, e muitas vezes quatro pés de altura. Os grandes esquilos pretos correram entre os ramos, tagarelando ruidosamente. Uma camada grossa do musgo cobriu com manta os cadáveres de árvores que tinham caído. Samambaias, capins e outras plantas folhosas floresceram ao lado de cogumelos de todas as formas, tamanhos, e cores.

O mundo foi estreitado uma vez Eragon e Garzhvog entraram totalmente dentro do vale longo. As montanhas gigantes apertadas perto de ambos os lados, opressivas com o seu volume, e o céu estava distante, inalcançável do mar azul, o céu mais alto que Eragon já havia visto. Algumas nuvens finas esfolaram os ombros das montanhas.

Aproximadamente uma hora depois do meio-dia, Eragon e Garzhvog reduziram a velocidade quando uma série de rugidos terríveis repercutiu entre as árvores. Eragon puxou a sua espada da sua bainha, e Garzhvog arrancou uma rocha de rio lisa da terra e colocou no bolso da sua funda.

“É um urso de caverna,” disse Garzhvog. Um grito furioso, alto, semelhante à raspagem metálica por cima do metal, acentuou a sua afirmação. “E Nagra. Devemos ter cuidado, Espada de fogo.”

Eles procederam em um passo lento e logo perceberam os animais várias centenas de pés em cima do lado de uma montanha. Um rebanho de porcos-do-mato com presas grossas e lascas moídas na confusão que estrondaram antes de uma enorme massa de pele marrom-prata, garras enganchadas, e dentes se quebrando que se moveram com a velocidade mortal. No início a distância enganou Eragon, mas então ele comparou os animais às árvores ao lado deles e percebeu que cada porco teria a oito um Shrrg parecer menor e que o urso era quase tão grande como a sua casa no Vale Palancar. Os porcos sangraram o flanco do urso da caverna, mas isto parecia apenas ter enfurecido a fera.

Empinando-se nas suas pernas traseiras, o urso berrou e esmagou um dos porcos-do-mato com uma pata maciça, batendo-o ao lado e rasgando a sua pele. Mais três vezes os porcos tentaram enfrentar o urso, e mais três vezes o urso de caverna bateu neles, até finalmente o último porco ser derrotado. Como o urso empenhava-se para se alimentar, o resto dos porcos saíram gritando e se escondendo atrás das árvores, subindo mais alto monte acima e longe do urso.

Aterrorizado pela força do urso, Eragon seguiu Garzhvog assim que o Urgal lentamente andou através do campo de visão do urso. Levantando o seu focinho carmesim da

barriga da sua caça, o urso olhou-os com olhos pequenos, em forma de contas, então ao que parece decidiu que eles não eram nenhuma ameaça a ele e retornou a sua comida.

“Penso que nem mesmo Saphira poderia ser capaz de superar tal monstro,” murmurou Eragon.

Garzhvog proferiu um pequeno grunhido. “Ela pode soltar fogo. Um urso não pode.”

Nenhum deles olhou longe do urso até que as árvores o ocultassem contra a visão, e até que eles deixassem as suas armas na prontidão, não sabendo que outros perigos eles poderiam encontrar.

O dia tinha passado até o fim de tarde quando eles se tornaram conscientes de outro som: risada. Eragon e Garzhvog pararam, e logo Garzhvog levantou um dedo e, com uma destreza surpreendente, roçou o dedo em direção à risada. Colocando os seus pés com cuidado, Eragon foi com o Kull, mantendo a sua respiração com medo de que a sua respiração revelaria a sua presença.

Perscrutando por um grupo de folhas de corniso, Eragon viu que houve agora um caminho gasto pelo uso no fundo do vale, e ao lado do caminho, três crianças anãs jogavam gravetos uns aos outros e gritando com risadas. Nenhum adulto estava visível. O Eragon retirou-se para uma distância segura, exalou, e estudou o céu, onde ele viu várias plumas da fumaça branca possivelmente uma milha mais longe em cima do vale.

Um ramo estalou assim que Garzhvog agachou-se ao lado dele, para que eles fossem sobre o nível.

Garzhvog disse, “Espada de fogo, aqui separamo-nos.”

“Você não virá a Bregan Hold comigo?”

“Não. A minha tarefa era mantê-lo seguro. Se eu for com você, os anões não confiarão em você como eles deveriam. A montanha de Thardûr está próxima à mão, e tenho certeza que ninguém ousará machucar você entre aqui e lá.”

Eragon esfregou as costas do seu pescoço e olhou para frente e para trás entre Garzhvog e a fumaça ao Leste deles. “Você irá correr diretamente daqui aos Varden?”

Com uma risada baixa, Garzhvog disse, “Sim, mas talvez não tão rápido como fizemos para chegar aqui.”

Inseguro de que dizer, Eragon empurrou o fim apodrecido de um tronco com a ponta da sua bota, expondo um aperto de larvas brancas que torcem nos túneis que eles tinham escavado. “Não deixe um Shrrg ou um urso come-lo, ok? Então eu teria de ir ao encalço da besta e matá-la, e não tenho o tempo para isto.”

Garzhvog apertou ambos os seus punhos contra a sua testa ossuda. “Deixe seus inimigos retrocederem antes de você, Espada de fogo.” Ficando de pé e virando, Garzhvog correu pra longe de Eragon. A floresta logo ocultou a forma grande do Kull.

Eragon encheu os seus pulmões do ar de montanha fresco, logo empurrou o seu caminho pela parede roçada. Como ele emergiu da moita de freixos e cornisos, as pequenas crinaças anãs congelaram-se, as expressões cuidadosas nos seus rostos com bochechas arredondadas. segurando as suas mãos aos seus lados, Eragon disse, “sou Eragon matador de espectros, Filho de Ninguém. Busco Orik, o filho de Thrifk, em Bregan Mantêm. Você vocês podem me levar a ele?”

Quando as crianças não responderam, ele realizou que eles não entenderam nada da sua própria língua. “Sou um Cavaleiro de Dragão,” ele disse, falando lentamente e dando ênfase as palavras.

Eka eddyr aí Shur’tugal... Shur’tugal... Argetlam.”

Nisto, os olhos de crianças clarearam, e as suas bocas as formas redondas formadas da estupefação. “Argetlam!” eles exclamaram. “Argetlam!” E eles atropelaram-se e lançaram-se nele, enrolando os seus braços curtos em volta das suas pernas e puxando a sua roupa, gritando com a alegria o tempo inteiro. Eragon fixou o olhar neles, sentindo

uma expressão de riso forçado através da sua cara. As crianças agarraram as suas mãos, e ele permitiu que eles o puxassem abaixo pelo caminho. Mesmo embora ele não possa entender, as crianças mantiveram uma corrente contínua de dar festas, dizendo-o do que ele não sabia, mas ele gostou de escutar a sua conversa.

Quando uma das crianças - uma menina – segurou seus braços em direção a ele, ele a pegou e a colocou nos seus ombros, estremeando assim que ela agarrou punhados do seu cabelo. Ela riu, alta e doce, o que o fez sorrir novamente. Assim preparado e acompanhado, Eragon fez o seu caminho em direção ao Monte Thardûr e de lá à Bregan Hold e à seu irmão adotivo, Orik.





## PARA MEU AMOR

Roran fitou o círculo, de pedra chata que ele manteve em forma de xícara em suas mãos. As suas sobranceiras encontraram-se em uma carranca da frustração.

“Stenr rīsa!” ele rosnou embaixo da sua respiração.

A pedra recusou a mover-se.

“O que é você está tentando, Martelo Forte?” perguntou Carn, que caiu para longe onde Roran se sentou.

Deslizando a pedra no seu cinto, Roran aceitou o pão e o queijo que Carn lhe tinha trazido e não tinha dito, “Nada. Somente me distraíndo um pouco.”

Carn acenou com cabeça. “O melhor que faz antes de uma missão.”

Quando ele comeu, Roran permitiu que o seu olhar fixo fosse à deriva por cima dos homens com os que ele se encontrou. O seu grupo era de trinta homens fortes, com ele mesmo incluído. Eles eram todos endurecidos guerreiros. Todo o mundo transportava um arco, e também usava uma espada, embora alguns decidissem lutar com uma lança, ou com uma maça ou um martelo. Dos trinta homens, ele adivinhou que sete ou oito estiveram perto da sua própria idade, enquanto o restante era vários anos mais velhos. O mais velho entre eles foi o seu capitão, Martland Redbeard, o conde deposto de Thun, que tinha visto bastantes Invernos que a sua barba afamada tinha ficado geada com cabelos de prata.

Quando Roran tinha juntado primeiro a ordem de Martland, ele tinha-se apresentado a Martland na sua tenda. O conde foi um homem curto, com membros poderosos de uma vida de cavalos montam e espadas de manejo. A sua barba titular foi grossa e bem tratado e suspenso ao meio do seu esterno. Depois de olhar de Roran, o conde tinha dito, “a Senhora Nasuada disse-me grandes coisas de você, o meu menino, e ouvi muito mais das histórias que os meus homens dizem, rumores, bisbilhotice, boato, e assim por diante. Você sabe como é. Não há dúvida, você realizou feitos notáveis; o Ra'zac na sua própria toca, por exemplo, agora houve uma parte enganadora do trabalho. Naturalmente, você teve o seu primo para ajudá-lo, não fez você, hm?... Você pode ser acostumado a ter o seu caminho com a gente da sua aldeia, mas você é a parte do Varden agora, o meu menino. Mais especificamente, você é um dos meus guerreiros. Não somos a sua família. Não somos os seus vizinhos. Não somos até necessariamente os seus amigos.

O nosso dever é executar ordens de Nasuada, e executá-los fazemos, não importa como alguém de nós poderia sentir-se sobre ele. Enquanto você serve embaixo de mim, você fará o que lhe digo, quando lhe digo, e como lhe digo, ou juro sobre os ossos do meu Maio de mãe abençoado ela descansa na paz-I chicoteará pessoalmente a pele das suas costas, não importa a quem você pode estar relacionado. Você entende?”

“Sim, Senhor!”

“Muito bom. Se você se comportar você mesmo e mostrar que você tem algum sentido comum, e se você puder conseguir sobreviver, é possível para um homem da determinação de avançar rapidamente entre o Varden. Se você faz ou não, contudo, depende inteiramente de se eu o considerar próprio de ordenar homens do seu próprio. Mas não faça você acredita, não durante um momento, não um momento arruinado, que você pode lisonjear-me em uma boa opinião de você. Não me preocupo se você gosta ou me odeia. O meu único assunto é se você pode fazer que necessidades ser feito.”

“Entendo perfeitamente, Senhor!”

“Sim, pois, talvez você faz nisto, Martelo Forte. Saberemos bastante logo. Licença e relatório a Ulhart, o meu direito homem.”

Roran engoliu o último do seu pão e lavou-o abaixo com um trago de vinho da pele que ele transportou. Ele lamentava que eles não possam ter tido um jantar quente naquela noite, mas eles foram profundos no território do Império, e os soldados poderiam ter manchado um fogo. Com um suspiro, ele esticou as suas pernas. Os seus joelhos foram doloridos de montar Fogo na Neve do crepúsculo até a alvorada durante três últimos dias.

De trás da sua mente, Roran sentiu uma pressão fraca, mas constante, uma coceira mental que, noite ou dia, o apontou na mesma direção: a direção de Katrina. A fonte da sensação foi o Eragon de toque tinha-lhe dado, e ele foi um conforto a Roran que sabe que, por causa dele, ele e Katrina podem encontrar um a outro em qualquer lugar em Alagaësia, mesmo se eles foram tanto cegos como surdo.

Junto dele, ele ouviu Carn frases murmuram na língua antiga, e ele sorriu.

Carn foi o seu feiticeiro, enviado para assegurar que um mágico inimigo não pode matar todos eles com uma onda da sua mão. De alguns outros homens, Roran tinha reunido que Carn não foi um mágico especialmente forte — ele lutou para encantar — mas que ele compensado para a sua fraqueza inventando períodos extraordinariamente inteligentes e sobressaindo uma larva no caminho das mentes dos seus oponentes. Carn foi fino da cara e fino do corpo, com olhos se inclinam e um ar nervoso, excitável. Roran tinha-lhe tomado um gosto imediato.

Através de Roran, dois dos homens, Halmar e Ferth, sentavam-se em frente da sua tenda, e Halmar dizia Ferth, “... assim quando os soldados vieram para ele, ele puxou todos os seus homens dentro da sua propriedade e botou fogo nos consórcios de óleo que os seus empregados tinham vazado antes, o material de acampamento dos soldados e criação dele aparecer àqueles que vieram depois como se o lote inteiro deles se tivesse queimado à morte. Você pode acreditá-lo? Quinhentos soldados nos que ele matou cada um vai, sem desenhar até uma lâmina!”

“Como ele escapou?” Ferth perguntou.

“O avô de Redbeard foi um bastardo esperto, ele foi. Ele mandou cavar um túnel durante todo o tempo da sala de família ao rio mais próximo. Com ele, Redbeard foi capaz de tirar a sua família e todos os seus empregados vivos. Ele tomou-os a Surda então, onde o Rei Larkin os protegeu. Ele foi bastante um número de anos antes que Galbatorix aprendesse que eles estiveram ainda vivos. Temos sorte de ser embaixo de Redbeard, ser seguros. Ele perdeu só duas batalhas, e aqueles por causa da magia.”

Halmar calou-se como Ulhart deu passos no meio da linha de dezesseis tendas. O veterano com aparência repugnante esteve com a sua extensão de pernas, imóvel como uma árvore de carvalho enraizada, e inspecionou as tendas, verificando que todo o mundo esteve presente. Ele disse, “Sol abaixo, torne-se o sono. Superamos duas horas antes primeiro leve. A escolta deve ser noroeste de sete milhas de nós. Faça o bom tempo, batemos tão como eles começam a mover-se. Mate todo o mundo, queime tudo, um voltamos. Você sabe como ele vai. Stronghammer, você monta comigo. Estrague, um o estriparei com um anzol enfadonho.” Os homens riram à socapa. “Direito, torne-se para dormir.”

O vento chicoteou a cara de Roran. O trovão do sangue que pulsa encheu as suas orelhas, afogando fora cada outro som. O Snowfire aumentou entre as suas pernas, galopantes. A visão de Roran tinha-se estreitado; ele viu apenas os dois soldados que se sentam em éguas marrons ao lado do secundo - veículo puxado a cavalo último do trem de provisão.

Levantando o seu martelo em cima, Roran uivou com toda a sua força.

Os dois soldados começaram e tentaram com as suas armas e escudos. Um deles deixou a sua lança e curvou-se para recuperá-lo.

Pondo as rédeas de Snowfire para reduzir a velocidade dele, Roran esteve direito nos seus estribos e, desenhando lado a lado com o primeiro soldado, bateu-o no ombro, partindo o seu correio hauberk. O homem gritou, o seu braço que vai coxeadura. Roran terminou-o com um soco de golpe dado com as costas da mão.

Outro soldado tinha recuperado a sua lança, e ele picou em Roran, que aponta para o seu pescoço.

Roran mergulhou-se atrás do seu escudo redondo, a lança dissonante ele cada vez quanto ele enterrou-se na madeira. Ele apertou as suas pernas contra lados de Snowfire, e o garanhão crioudo, rinchando e manuseando desajeitadamente no ar com cascos calçados de ferro. Um casco pegou o soldado no peito, rasgando a sua túnica vermelha. Como Snowfire caiu a todo novamente, Roran balançou o seu martelo para um lado e esmagou a garganta do homem.

Abandonando o soldado que espanca na terra, Roran esporeou Snowfire em direção ao seguinte veículo puxado a cavalo na escolta, onde Ulhart combatia três soldados do seu próprio. Quatro bois puxaram cada veículo puxado a cavalo, e como Snowfire passou o veículo puxado a cavalo Roran acabava de capturar, o boi principal lançou a sua cabeça, e a ponta do seu chifre esquerdo pegou Roran na parte mais baixa da sua perna direita. O Roran respirou. Ele sentiu-se como se um ferro incandescente tivesse sido posto contra a sua canela. Ele lançou os olhos abaixo e viu uma aba da sua bota que suspende solto, junto com uma camada da sua pele e músculo.

Com outro grito de batalha, Roran montou até os mais fechados dos três soldados Ulhart lutava-o e derrubou com um single batem do seu martelo. O seguinte homem evadiu o ataque subsequente de Roran, logo virou o seu cavalo e galopou longe.

“Adquira-se-o!” Ulhart gritou, mas Roran esteve já na perseguição.

O soldado que foge cavou as suas esporas na barriga do seu cavalo até que o animal sangrasse, mas apesar da sua crueldade desesperada, o seu cavalo não pode ultrapassar Snowfire. O Roran curvou-se baixo por cima do pescoço de Snowfire como o garanhão se estendeu, voando por cima da terra com a velocidade incrível. A realização de vôo foi desesperada, o soldado governou no seu monte, com rodas sobre, e lascou em Roran com um sabre. O Roran levantou o seu martelo e abertamente conseguiu desviar a lâmina afiada. Ele imediatamente retaliou com um ataque de cima que faz um laço, mas o soldado parou e logo lascou em braços de Roran e pernas duas vezes mais. Na sua mente, Roran xingou. O soldado foi obviamente mais treinado em esgrima do que ele; se ele não pode ganhar o compromisso nos poucos próximos segundos, o soldado o mataria.

O soldado deve ter sentido a sua vantagem, já que ele apertou o ataque, forçando Snowfire a empinar para trás. Em três ocasiões, Roran foi seguro o soldado esteve a ponto de feri-lo, mas o sabre do homem torcido no último momento e Roran faltado, divertido por uma força não vista. O Roran foi agradecido por alas de Eragon então.

Não tendo nenhum outro recurso, Roran ordenado ao inesperado: ele ressaltou a sua cabeça e o pescoço e gritou, “Bah!” tão como ele se ele tentava assustar alguém em um corredor escuro. O soldado estremeceu, e como ele estremeceu, Roran debruçou-se e abaixou o seu martelo no joelho esquerdo do homem. A cara do homem foi branca com a dor. Antes de que ele possa recuperar-se, Roran bateu-o nas pequenas das suas costas, e logo como o soldado gritou e arqueado a sua espinha, Roran terminou a sua miséria em um soco rápido à cabeça.

Roran sentou arquejar durante um momento, logo puxou em rédeas de Snowfire e esporeou-o em um meio-galope como eles voltaram à escolta. Os seus olhos que se

lançam de um lugar a outro, desenhado por qualquer bruxuleio do movimento, Roran fez um balanço a batalha. A maior parte dos soldados estiveram já mortos, como foram os homens que tinham estado dirigindo os veículos puxados a cavalo. Pelo veículo puxado a cavalo principal, Carn esteve enfrentando um alto homem em mantos, dois deles rígido exceto convulsões ocasionais, o único sinal do seu duelo invisível. Mesmo como Roran olhou, o oponente de Carn caiu para frente e pôr-se imóvel na terra.

Ao meio da escolta, contudo, cinco soldados empreendedores tinham cortado os bois soltos de três veículos puxados a cavalo e tinham puxado os veículos puxados a cavalo em um triângulo, de dentro do qual eles foram capazes de afastar Martland Redbeard e dez outros Varden. Quatro dos soldados empurraram lanças entre os veículos puxados a cavalo, enquanto as quintas flechas disparadas no Varden, forçando-os a retirar-se atrás do veículo puxado a cavalo mais próximo da cobertura. O arqueiro já tinha ferido vários dos Varden, alguns dos quais tinham caído os seus cavalos, os outros dos quais tinham guardado as suas selas bastante muito tempo para encontrar a cobertura.

Roran carranqueou. Eles não podem permitir demorar-se fora no aberto em uma das estradas principais do Império enquanto eles lentamente mataram os soldados entrincheirados de um tiro. O tempo esteve contra eles.

Todos os soldados enfrentavam o Oeste, a direção da qual o Varden tinha atacado.

Além de Roran, nenhum dos Varden tinha atravessado a outro lado da escolta. Assim, os soldados foram ignorantes que ele abatia neles do Leste.

Um plano ocorreu a Roran. Em qualquer outra circunstância, ele o teria despedido tão burlesco e impraticável, mas como foi, ele aceitou o plano como o único curso da ação que pode resolver a reserva sem demora. Ele não incomodou em considerar o perigo dele; ele tinha abandonado todo o medo de morte e dano o momento que a sua carga tinha começado.

Roran incitou Snowfire em um galope cheio. Ele colocou o seu esquerdo passar a frente da sua sela, edged as suas botas quase fora dos etribos, e reunido os seus músculos na preparação. Quando Snowfire foi cinquenta pés de distância do triângulo de veículos puxados a cavalo, ele pressionou para baixo com a sua mão e, levantando-se, colocou os seus pés na sela e esteve agachou-se em Snowfire. Ele tomou toda a sua habilidade e a concentração para manter o seu equilíbrio. Como Roran tinha esperado, Snowfire diminuiu a sua velocidade e começou para virar ao lado como o grupo de veículos puxados a cavalo não apareceu grande antes deles.

Roran lançou as rédeas tal como Snowfire virado, e pulou do cavalo traseiro, pulando alto por cima do veículo puxado a cavalo que enfrenta Leste do triângulo. O seu estômago balançou. Ele vislumbrou a cara virada para cima do arqueiro, os olhos do soldado em redor e edged com branco, logo fechado com barulho no homem, e ambos eles caíram à terra. Roran aterrisou no topo, o corpo do soldado que almofada a sua queda. Empurrando-se para os seus joelhos, Roran levantou o seu escudo e dirigiu a sua borda pela fenda entre o leme do navio do soldado e a sua túnica, quebrando o seu pescoço. Então Roran empurrou-se direito.

Outros quatro soldados foram lentos para reagir. Aquele à esquerda de Roran fez o erro da tentativa de puxar a sua lança dentro do triângulo de veículos puxados a cavalo, mas com a sua pressa, ele cunhou a lança entre o reverso de um veículo puxado a cavalo e a roda dianteira do outro, e o cabo lascado nas suas mãos. Roran arremeteu em direção a ele. O soldado tentou retirar-se, mas os veículos puxados a cavalo bloquearam o seu caminho. Balançando o martelo em um soco insincero, Roran pegou o soldado abaixo do seu queixo.

O segundo soldado foi mais inteligente. Ele deixou vãos da sua lança e conseguiu para a espada no seu cinto mas só conseguiu no desenho da lâmina a meio caminho fora da bainha antes de que Roran quebrasse o seu peito.

Os terceiros e quartos soldados estiveram prontos para Roran até lá. Eles convergiram nele, lâminas nuas esticadas, rosnaduras nas suas caras. O Roran tentou evitá-los, mas a sua perna rasgada reprovou-o, e ele tropeçou e caiu a um joelho. O soldado mais fechado lascou para baixo. Com o seu escudo, Roran bloqueou o soco, logo mergulhou-se para a frente e esmagou o pé do soldado com o fim chato do seu martelo. Xingando, o soldado tombou à terra.

Roran prontamente quebrou a cara do soldado, logo sacudida para as suas costas, sabendo que o soldado último esteve diretamente atrás dele.

O soldado esteve por cima dele, considerando que a sua espada se estendeu, a ponta da lâmina de menos de uma polegada de distância vislumbrante da garganta de Roran.

Portanto isto é como ele termina, pensou Roran.

Então um braço grosso apareceu em volta do pescoço do soldado, yanking ele para trás, e o soldado proferiu um grito abafado como uma lâmina de espada cresceu do meio do seu peito, junto com um borrito do sangue. O soldado caiu em uma pilha frouxa, e no seu lugar, lá esteve Martland Redbeard. O conde respirava pesadamente, e a sua barba e o peito foram salpicados com escornam.

Martland picou a sua espada na sujeira, apoiada em esmurrar, e inspecionou a carnagem dentro do triângulo de veículos puxados a cavalo. Ele acenou com cabeça. “Você fará, penso.”

Roran sentou-se no fim de um veículo puxado a cavalo, mordendo a sua língua como Carn corta o resto da sua bota.

Tentando não ignorar os golpes da agonia da sua perna, Roran fitou em cima de nos abutres que dão voltas em cima e concentrou-se em memórias da sua casa no Vale Palancar.

Ele grunhiu como Carn tentado especialmente profundamente na ferida profunda.

“Arrepentido,” disse Carn. “Tenho de inspecionar a ferida.”

O Roran continuou fitando os abutres e não respondeu. Depois de um minuto, Carn proferiu um número de palavras na língua antiga, e alguns segundos depois, a dor na perna de Roran afundou a uma dor enfadonha. Olhando abaixo, Roran viu que a sua perna foi inteira mais uma vez.

O esforço de curar Roran e dois outros homens antes dele tinha deixado Carn enfrentado por cor cinzento e a sacudidela. O mágico caiu contra o veículo puxado a cavalo, enrolando os seus braços em volta do seu meio, a sua expressão enjoada.

“São você muito bem?” Roran perguntou.

Carn levantou os seus ombros em um encolhimento minúsculo. “Somente preciso de um momento para recuperar-me... O boi arranhou o osso exterior da sua perna mais baixa. Rejuntei o arranhão, mas não tive a força para curar completamente o resto do seu dano. Costurei em conjunto a sua pele e o músculo, portanto ele não o sangrará ou doerá demais, mas só ligeiramente. A carne lá não manterá muito mais do que o seu peso, não antes que ele se restabelece sozinho, é.”

“Quanto tempo isto tomará?”

“Uma semana, possivelmente dois.”

Roran pôs permanecer da sua bota. “Os Eragon lançam alas em volta de mim para proteger-me do dano. Eles salvaram a minha vida várias vezes hoje. Por que eles não me protegeram do chifre do boi, embora?”

“Não sei, Roran,” disse Carn, suspirando. “Ninguém pode preparar-se para cada eventualidade.

Isto é uma magia de razão é tão perigoso. Se você contemplar do alto uma faceta única de um período, ele pode fazer apenas enfraquecer-no, ou pior, ele pode fazer alguma coisa horrível que você nunca destinou. Acontece a até os melhores mágicos. Deve haver uma falha na palavra extraviada de alas-a do seu primo ou uma afirmação pobremente raciocinada — que permitiu que o boi o escornasse. ”

Aliviando-se do veículo puxado a cavalo, Roran mancou em direção à cabeça da escolta, avaliando o resultado da batalha. Cinco dos Varden tinham sido feridos durante a luta, inclusive ele, e dois outros tinham morrido: um homem Roran tinha-se encontrado abertamente, outro Ferth, com quem ele tinha falado várias vezes. Dos soldados e os homens que dirigiram os veículos puxados a cavalo, ninguém permaneceu vivo.

Roran fez uma pausa por dois primeiros soldados ele tinha matado e tinha estudado os seus cadáveres. A sua saliva virou amarga, e a sua tripa rolou com a revulsão. Agora matei... Não sei quantos. Ele realizou que durante a loucura da Batalha das Planícies Ardentes, ele tinha perdido a conta do número de homens que ele tinha matado. Que ele tivesse enviado tantos às suas mortes das que ele não pode lembrar-se o número cheio perturbou-o. Devo matar campos inteiros de homens para recuperar o que o Império roubou de mim? Até mais pensamento desconcertante ocorreu-lhe: E se faço, como posso voltar ao Vale Palancar e viver na paz quando a minha alma foi sujada preta com o sangue de centenas?

Fechando os seus olhos, Roran conscientemente relaxou todos os músculos no seu corpo, buscando à própria calma. Mato para o meu amor. Mato para o meu amor de Katrina, e para o meu amor de Eragon e todo o mundo de Carvahall, e também para o meu amor do Varden, e o meu amor desta terra nossa. Para o meu amor, passarei com dificuldade por um oceano do sangue, mesmo se ele me destruir.

“Nunca visto gostar o’ que antes, Stronghammer,” disse Ulhart. O Roran abriu os seus olhos para encontrar o guerreiro grisalho que está em frente dele, mantendo Snowfire pelas rédeas. “Ninguém mais bastante maluco para tentar um truque assim, pulando por cima dos veículos puxados a cavalo, ninguém que viveu para dizer o conto, de modo algum. Bom emprego, isto. Olhe-se, entretanto. Não pode andar em volta de pular de cavalos um ' empreendendo de cinco homens você mesmo um ' esperam ver outro Verão, eh? Bit de acautele se você é sábio.”

“Guardarei isto em mente,” disse Roran como ele aceitou rédeas de Snowfire de Ulhart. Nos minutos desde que Roran tinha expedido os últimos dos soldados, os guerreiros incólumes tinham estado indo a cada um dos veículos puxados a cavalo na escolta, cortando aberto os seus pacotes da carga, e informando os conteúdos a Martland, quem registrou o que eles encontraram portanto Nasuada pode estudar a informação e possivelmente reunir dele alguma indicação de planos de Galbatorix.

Roran olhou como os homens examinaram os poucos veículos puxados a cavalo últimos, que contiveram bolsas de trigo e pilhas de uniformes. Isto terminado, os homens fende as gargantas dos bois restantes, embebendo o caminho com o sangue. Matança das bestas incomodou Roran, mas ele entendeu a importância de negá-los ao Império e teria manejado a própria faca se perguntado. Eles teriam tomado os bois atrás ao Varden, mas os animais foram demasiado lentos e embaraçosos. Os cavalos dos soldados, contudo, podem acompanhar o passo como eles abandonaram o território inimigo, portanto eles capturaram tanto como eles poderiam e os ataram atrás dos seus próprios cavalos.

Então um dos homens tomou uma tocha embebida por resina dos seus alforjes e, depois de alguns segundos do trabalho com o seu sílex e aço, iluminou-o. Montando de cima

para baixo da escolta, ele apertou a tocha contra cada veículo puxado a cavalo até que ele pegasse fogo e logo lançou a tocha nas costas do veículo puxado a cavalo último.

“Aumente em cima de!” gritou Martland.

A perna de Roran pulsou como ele se puxou para Snowfire. Ele esporeou o garanhão ao lado de Carn como os homens sobrevivem reunidos nos seus cavalos em uma linha dupla atrás de Martland. Os cavalos bufaram e manusearam desajeitadamente na terra, impaciente de pôr a distância entre eles e o fogo.

Os Martland começaram a ir para frente em um rápido trotar, e o resto do grupo seguido, deixando-os para trás a linha de veículos puxados a cavalo ardentes, como tantas contas incandescentes esticadas sobre o caminho solitário.



## A FLORESTA DE PEDRA

Um aplauso ecoou por entre a multidão.

Eragon estava sentado nos estrados de madeira, que os anões tinham construído ao longo da base das defesas exteriores do Forte de Bregan. Este se erguia sobre uma colina arredondada da montanha de Thardûr, a mais de mil e quinhentos metros de altitude do leito do vale, carregado de névoa. Dali era possível ver a léguas de distância, em todas as direções, ou até onde as montanhas, sulcadas de cordilheiras, nos deixavam ao obstruírem o campo de visão. Tal como Tronjheim e as outras cidades dos Anões que Eragon visitara, o Forte de Bregan era inteiramente feito de pedra escavada – neste caso, um granito avermelhado que emprestava uma sensação de calor às salas e aos corredores no seu interior. Tratava-se de um sólido e robusto edifício de cinco andares, no topo do qual se erguia uma torre aberta com um sino, coroado por uma língua de vidro, com a largura de dois anões e fixa por quatro nervuras de granito convergentes, que formavam um terminal pontiagudo. Segundo Orik explicara a Eragon, a lágrima era uma versão ampliada das lanternas sem chama dos anões e podia ser utilizada em ocasiões especiais ou em emergências, iluminando o vale com uma luz dourada. Os anões lhe chamavam de Az Sindiznarrvel, a Jóia de Sindri. Agrupados em torno dos flancos do forte, havia numerosos edifícios: os alojamentos dos criados e dos guerreiros do Dûrgrimst Ingeitum; e outras estruturas, tais como: estábulos, lojas de ferreiros e uma igreja devotada a Morgothal, o deus do Fogo dos anões e o padroeiro dos ferreiros. Por baixo dos muros lisos e altos do Forte de Bregan viam-se dúzias de pequenos povoados espalhados pelas clareiras da floresta, onde as casas de pedra faziam elevar suaves anéis de fumaça.

Orik lhe mostrara isso e muito mais, após as três crianças anãs escoltarem Eragon até o pátio do Forte de Bregan, gritando “Argetlam!” a todos os que as quisessem ouvir. Orik recebeu-o como um irmão. E logo o conduziu a um lugar onde pudesse se banhar e após Eragon se refrescar, Orik ordenou que o vestissem com uma túnica de cor púrpura e um diadema de ouro.

Em seguida Orik Surpreendeu Eragon ao lhe apresentar Hvedra, uma anã de olhos claros e rosto em forma de maçã, anunciando-lhe, com orgulho, que tinha se casado há apenas dois dias. Enquanto Eragon revelava a sua surpresa dando-lhe os parabéns, Orik balançou-se nos pés e disse:

“Fiquei triste que você não pudesse assistir à cerimônia. Mande um dos nossos feitiçeiros contatar Nasuada e perguntei a ela se poderia fazer com que meu convite chegasse a você e Saphira. Porém, ela se recusou a falar do assunto com você, pois ficou com medo que a oferta te distraísse da tarefa que tinha em mãos. Não posso criticá-la, mas gostaria que esta guerra não tivesse te impedido de estar presente no nosso casamento; nem a nós de ir ao casamento de teu primo, já que agora somos todos parentes, senão de sangue pelo menos aos olhos da lei.”

Com um sotaque acentuado, Hvedra disse:

“Por favor, me considere parte da tua família, Matador de Espectros. Enquanto estiver ao meu alcance, você será sempre tratado como família aqui no Forte de Bregan e poderá nos solicitar abrigo sempre que precisar – nem que o próprio Galbatoriz esteja lhe perseguindo.”

Sensibilizado com a oferta, Eragon fez-lhe uma reverência: “É muito amável de sua parte.” E depois perguntou, “Se não te importares em satisfazer a minha curiosidade, me diga: Porque decidiram se casar agora?”



“Tínhamos planejado juntar nossas mãos esta primavera, mas...”

“Mas,” prosseguiu Orik com o seu tom brusco, “os Urgals atacaram Farthen Dûr e Hrothgar mandou-me acompanhar você até Elesméra. Quando regressei e as famílias do clã me aceitaram como seu novo grimstborith, achamos que seria o momento ideal para consumarmos o nosso noivado, nos tornando marido e mulher. Talvez nenhum de nós sobreviva mais um ano. Então, para que adiar?”

“Sendo assim, você se tornou um chefe de clã,” afirmou Eragon.

“Sim. A escolha do líder do Dûrgrimst Ingeitum foi um assunto controverso – tivemos que nos manter firmes durante quase uma semana – mas, por fim, a maioria das famílias concordou que deveríamos seguir os passos de Hrothgar, ocupando eu a sua posição, visto ser o único herdeiro nomeado.”

Eragon se sentara junto de Orik e de Hvedra, e devorava o pão e a carne de carneiro que os anões lhe tinham trazido e assistia o torneio que acontecia em frente aos estrados. Orik lhe explicara que era normal as famílias anãs organizarem torneios para diversão dos convidados do casamento, caso tivesse ouro suficiente para isto. A família de Hrothgar era tão rica que os jogos decorriam já há três dias e estava previsto que prosseguissem durante mais quatro. Os torneios consistiam em várias atividades: lutas corpo-a-corpo, tiro ao arco, lutas com espada, demonstrações de força e a competição que acontecia naquele momento, o Ghastgar.

Dois anões atiravam-se um contra o outro, posicionados nos extremos de um gramado, montados numa Feldûnost branca. Estas cabras monteses com chifres, pulavam ao longo do gramado, dando saltos de mais de vinte metros de comprimento. O anão da direita exibia um pequeno escudo redondo, preso ao braço esquerdo, mas não tinha armas. O anão da esquerda não tinha escudo, mas segurava uma azagaia, em posição de lançamento.

Eragon conteve a respiração, à medida que a distância entre as Feldûnost diminuía. Quando se posicionaram a menos de nove metros uma da outra, o anão com a lança ergueu o braço e atirou o projétil ao seu adversário. O outro anão não se protegeu com o escudo; em vez disso esticou o braço e agarrou a lança pelo cabo, com uma destreza assombrosa, agitando-a sobre a cabeça. A multidão reunida perto da arena, aclamou-o com um vibrante aplauso e Eragon juntou-se a eles, batendo palmas energicamente.

“Aquilo foi muito hábil,” exclamou Orik, rindo e esvaziando a caneca de hidromel, com a jaqueta de cota de malha brilhando a luz do fim da tarde. Usava um elmo adornado em ouro, prata e rubis e cinco grandes anéis nos dedos. Na cintura trazia o machado de sempre. Hvedra trazia roupas ainda mais ricas, com tiras de tecido bordado sobre um suntuoso vestido, fiadas de pérolas, jóias de ouro ao pescoço e um conjunto de broches de marfim, com uma esmeralda do tamanho do polegar de Eragon, no cabelo.

Uma fila de anões tocava trombetas curvas, cujas notas estridentes ecoavam pelas montanhas. Em seguida, um anão, com um peito semelhante a um barril, avançou e anunciou na língua dos Anões quem era o vencedor do torneio, bem como os nomes da dupla que competiria a seguir no Ghastgar.

Quando o mestre de cerimônias acabou de falar, Eragon abaixou-se e perguntou: “Você nos acompanhará até Farthen Dûr, Hvedra?”

Ela abanou a cabeça e esboçou um largo sorriso. “Não posso. Tenho que ficar cuidando dos negócios do Ingeitum enquanto Orik estiver fora, para que não encontre os nossos guerreiros morrendo de fome e o nosso ouro gasto, quando voltar.”

Sorrindo, Orik ergueu a caneca em direção a um dos criados que estava a alguns metros de distância. O anão aproximou-se prontamente e, enquanto lhe enchia novamente a caneca com o hidromel disponível num jarro, Orik disse a Eragon, visivelmente orgulhoso: “Hvedra não se gaba. Ela não é somente minha mulher. É a... Ah, vocês não

têm uma palavra para isto. É a grimstcarvlorss do Dûrgrimst Ingeitum. Grimstcarvlorss significa... A ‘guardiã da casa’, a ‘governanta da casa’. O seu dever é zelar para que as famílias do clã paguem o dízimo já acordado ao Forte Bregan, que os nossos rebanhos sejam conduzidos às pastagens adequadas e à hora certa, que as nossas provisões de rações e cereais não diminuam muito, que as mulheres do Ingeitum produzam tecidos suficientes, que os nossos guerreiros estejam bem equipados, que os nossos ferreiros tenham sempre minério para fabricar ferro; enfim, verificar que o nosso clã é bem administrado e, assim, prospere e se desenvolva. Há um ditado entre o nosso povo que diz: uma boa grimstcarvlorss faz um clã.”

“E uma má grimstcarvlorss pode destruir um clã,” acrescentou Hvedra.

Orik sorriu e entrelaçou a sua mão a dela.

“E Hvedra é a melhor das grimstcarvlorss. Não se trata de um título hereditário. É necessário provar que o merece para mantê-lo. Também é raro a mulher de um grimsborith ser uma grimstcarvlorss. Tenho muita sorte nesse aspecto.” Ambos juntaram as cabeças e esfregaram os narizes um no outro. Eragon desviou o olhar, sentindo-se só e abandonado. Orik recostou-se e bebeu um trago de hidromel; em seguida disse: “Houve muitas grimstcarvlorss famosas na nossa História. É frequente ouvir que nós, chefes de clãs, servimos apenas para declarar guerra e que as grimstcarvlorss preferem que passemos o tempo brigando uns com os outros, ficando sem qualquer disponibilidade para interferir nos trabalhos do clã.”

“Vá lá, Skilfz Delva,” disse Hvedra, com um ar reprovador. “Você sabe bem que isso não é verdade. Pelo menos, no nosso caso, não irá ser.”

“Hum,” respondeu Orik e encostou a sua testa à de Hvedra. Depois voltaram a roçar os narizes.

Eragon concentrou-se na multidão que permanecia logo abaixo dele, ao ouvi-la irromper num frenesi de assobios. Um dos anões que competia do Ghistgar perdera a coragem e desviara a Feldûnost para o lado, no último instante, tentando fugir de seu adversário. O anão com a azagaia perseguiu-o duas vezes em torno da arena e, quando já estavam suficientemente perto um do outro, empoleirou-se nos estribos, ergueu a lança, atingindo o anão covarde na parte de trás do ombro esquerdo. O anão deu um grito, caiu da montaria e ficou deitado de lado, agarrado à lança enterrada na carne. Um curandeiro correu em sua direção. Instantes depois, todos viraram as costas ao espetáculo.

O lábio superior de Orik curvou-se em uma expressão de desdém:

“Bah! A família dele vai levar muitos anos para atenuar a desonra do filho. Lamento que você tenha testemunhado um ato tão desprezível, Eragon.”

“Nunca é agradável ver alguém passando vergonha.”

E permaneceram os três sentados em silêncio durante as duas competições seguintes.

Entretanto Orik sobressaltou Eragon, ao agarrá-lo pelo ombro e lhe perguntar:

“Você gostaria de ver uma floresta de pedra?”

“Isso não existe... A não ser que a exculpam.”

Orik balançou a cabeça com os olhos brilhando.

“Não é esculpida e existe. Por isso vou perguntar de novo: você gostaria de ver uma floresta de pedra?”

“Se você não estiver brincando... Sim, gostaria.”

“Fico muito contente por você aceitar o convite. Eu nunca brinco. Amanhã, você e eu caminharemos entre árvores de granito, prometo. É uma das maravilhas das Montanhas Beor. Qualquer convidado do Dûrgrimst Ingeitum deve visitá-la.

Na manhã seguinte, Eragon levantou-se da cama minúscula, no seu quarto de pedra de teto baixo e mobília com cerca de metade das dimensões normais, lavou a cara numa bacia de água fria e, por uma questão de hábito, projetou sua mente para Saphira. No

entanto, a única coisa que sentiu foram os pensamentos dos anões e dos animais que estavam no interior e ao redor do forte. Ele vacilou e inclinou-se para frente, apoiando-se na borda da bacia ao sentir-se esmagado pela sensação de isolamento. E manteve-se naquela posição, incapaz de se mover ao pensar, até que a visão se tingiu de vermelho e começou a distinguir pontos brilhantes que flutuavam diante de si. Suspirou e voltou a encher os pulmões de ar.

*Senti a falta dela durante a viagem de Helgrind, pensou Eragon, mas pelo menos sabia que regressaria para junto dela, tão depressa quanto possível. Agora viajei para me afastar e nem sequer sei quando voltaremos a nos juntar.*

Depois se recompôs, vestiu-se e percorreu os corredores sinuosos do Forte Bregan, saudando com uma reverência os anões que cruzavam com ele e que em sua maioria o saudavam, repetindo energicamente:

“Argetlam!”

Encontrou Orik na companhia de doze anões no pátio do Forte selando uma fileira de pôneis corpulentos, cujo bafo lançava pequenas nuvens brancas de vapor no ar frio. Eragon sentiu-se um gigante no meio daqueles homens pequenos e robustos, que se moviam ao seu redor.

Orik o saudou.

“Temos um burro nos estábulos, se você quiser montar.”

“Não, prosseguirei a pé. Se não fizer diferença para você.”

Orik encolheu os ombros.

“Como preferir.”

Quando estavam prontos para partir, Hvedra desceu a larga escadaria de pedra, que ligava a entrada do salão principal do forte de Bregan, com o vestido arrastando pelo chão, e entregou a Orik uma trombeta de marfim, ornamentada com um fio de ouro junto ao bocal e ao cone, dizendo: “Isto era de meu pai, enquanto viajou com Grimstborith Aldhrim. Ofereço-a para você para que te lembres de mim nos próximos dias.” E acrescentou algo mais na língua dos Anões, mas falou tão baixo que Eragon não conseguiu ouvir. Em seguida, ela e Orik encostaram a testa um ao outro. Endireitando-se na sela, Orik levou a trombeta aos lábios e soprou. Ouviu-se uma nota alta e profunda, que foi aumentando de volume até o ar do pátio vibrar como uma corda solta ao vento. Um par de corvos levantou vôo da Torre, a grasnar. Eragon sentiu o sangue vibrar com o ruído da trombeta. E mexeu-se, ansioso por ir embora.

Erguendo a trombeta acima da cabeça e olhando uma última vez para Hvedra, Orik esporeou o pônei e saiu pelos portões principais do Forte de Bregan, Virou para Leste em direção ao topo do vale, seguido de perto por Eragon e os doze anões.

Durante três horas, seguiram por um trilho de terra batida, ao longo da encosta da montanha de Thardûr, distanciando-se cada vez mais do leito do vale. Os anões conduziam os pôneis o mais rapidamente possível, tentando não magoar os animais. No entanto, o seu ritmo era insignificante em comparação com a velocidade de Eragon, sempre que corria a vontade. Apesar de frustrado, Eragon tentou não se queixar, pois percebeu que só com os Elfos ou os Kull poderia viajar mais depressa.

Tremeu de frio e embrulhou-se na capa. O sol ainda não aparecera por cima das Montanhas Beor e o vale estava impregnado de um frio úmido, embora faltassem poucas horas para o meio dia.

Depois de chegarem a uma extensão plana de granito, com cerca de trinta metros de largura, delimitada à direita, por um rochedo inclinado, com pilares naturais octogonais. Cortinas de névoa, em movimento, obscureciam o lado oposto do campo de pedra.

Orik ergueu a mão e disse:

“Observe, Az Knurldrâthn.”

Eragon franziu a testa. Por mais que observasse, não via nada de interessante naquele local árido.

“Não vejo nenhuma floresta de pedra.”

Descendo do pônei, Orik entregou as rédeas ao guerreiro que estava às suas costas e disse: “Vem comigo, se não se importar, Eragon.”

Juntos caminharam em direção ao banco de nevoeiro serpenteante. Eragon dava passos curtos para acompanhar Orik. A névoa gelada e úmida beijava-lhe o rosto. O vapor tornou-se tão denso que obscureceu o resto do vale, envolvendo-os numa paisagem cinzenta e desprovida de formas, onde subir ou descer parecia algo arriscado. Orik prosseguiu destemidamente, com um andar confiante. Eragon, contudo, sentia-se desorientado e ligeiramente desequilibrado, caminhando de braço esticado à frente, com receio de se chocar contra alguma coisa escondida pelo nevoeiro.

Orik parou junto a uma estreita fenda, que desfigurava a superfície de granito sobre a qual caminhavam e perguntou: “O que você vê agora?”

Forçando os olhos, Eragon olhou para trás e para adiante, mas o nevoeiro parecia-lhe tão igual quanto antes. Ia abrir a boca para revelar isto, quando reparou em uma ligeira irregularidade na névoa a sua direita: era um vago padrão de luz e sombra que mantinha a sua forma, mesmo quando a névoa lhe passava à frente. Então, começou a perceber que havia outras áreas estáticas: estranhos retalhos de contraste cujas formas eram irreconhecíveis.

“Não sei...” o Cavaleiro ia dizer, no momento em que sentiu uma brisa despentear-lhe o cabelo. Encorajado pelo toque suave do vento recém chegado, o nevoeiro diminuiu e os padrões de sombras desconexas converteram-se em enormes raízes de árvores cinza, com ramos nus e quebrados. Em torno dele e de Orik viam-se dezenas de árvores, tal como pálidos esqueletos de uma floresta antiga. Eragon encostou a palma da mão em um tronco. A casca era tão fria como um rochedo. A superfície da árvore estava coberta de manchas de líquens esbranquiçados. Eragon sentiu um arrepio na nuca. Embora não se achasse muito supersticioso, aquela névoa fantasmagórica e a estranha penumbra aliada à aparência das próprias árvores – tristes, agourentas e misteriosas – produziram nele uma centelha de medo.

Umedeceu os lábios e perguntou:

“Como elas surgiram?”

Orik encolheu os ombros:

“Alguns dizem que foi Gûntera que as colocou aqui, ao criar Alagaësia do nada. Outros dizem que foi Helzvog que as fez, pois a pedra é o seu elemento preferido e um deus da Pedra tem forçosamente de possuir árvores de pedra no seu jardim. Outros ainda afirmar que não, que estas foram outrora árvores como as outras, soterradas há muitas eras atrás por uma grande catástrofe, que converteu a madeira em pó e o pó em pedra.”

“Isso é possível?”

“Só os deuses podem saber o certo. Quem além deles poderá entender as causas e a razão de ser do mundo?” Orik mudou de posição. “Os nossos antepassados descobriram a primeira árvore ao tentarem extrair granito daqui, há mais de mil anos atrás. O Grimstborith dos Dûrgrimst Ingeitum, que era então Hvalmar Lackhand, mandou parar a exploração e ordenou aos seus pedreiros que esculpissem as árvores, libertando-as da pedra que as aprisionava. Após escavarem perto de cinquenta árvores, Hvalmar percebeu que deveria haver centenas ou até mesmo milhares de árvores de pedra sepultadas na encosta do Monte de Thardûr. Por isso, ordenou aos seus homens que abandonassem o projeto. Contudo, o local despertou a imaginação da nossa raça e, desde então, knurlan de todos os clãs têm vindo até aqui, na tentativa e libertar mais árvores das garras do granito. Alguns dedicaram mesmo suas vidas a essa tarefa.

Tornou-se também uma tradição enviar filhos problemáticos até aqui, para esculpir uma árvore ou duas, sob a supervisão de um mestre pedreiro.”

“Deve ser mesmo entediante...”

“Assim têm tempo para se arrependerem dos maus hábitos,” acrescentou Orik, cofiando a barba com a mão. “Eu próprio passei alguns meses aqui, quando era um rapazola exuberante de trinta e quatro anos.”

“E te arrependeste dos teus maus hábitos?”

“Não. Era uma tarefa muito... Entediante. Depois dessas semanas, só tinha conseguido libertar um galho do granito. Então fugi e me juntei a um grupo de Vrenshrrgn...”

“Anões do clã de Vrenshrrgn?”

“Sim, knurlan do clã de Vrenshrrgn, os Lobos Guerreiros, Lobos de Guerra, ou seja lá como se diz nesta língua. Juntei-me a eles, me embebedei com cerveja preta e como na altura andavam caçando Nagra decidi que também iria matar um javali e levá-lo a Hrothgar com o intuito de amenizar a sua fúria em relação a mim. Não foi uma idéia muito sensata. Até os guerreiros mais experientes receiam caçar Nagra e eu era mais um rapaz do que propriamente um homem. Logo que fiquei sóbrio amaldiçoei-me por ter sido tão estúpido. Mas como havia jurado fazê-lo, não tinha outro remédio senão cumprir.”

Orik fez uma pausa e Eragon perguntou: “O que aconteceu?”

“Matei um Nagra, com a ajuda dos Vrenshrrgn, mas o javali me feriu o ombro e me tirou contra os ramos de uma árvore próxima. Então os Vrenshrrgn tiveram que nos carregar, a mim e ao Nagra, de volta ao Forte de Bregan. O javali agradou a Hrothgar e eu... Apesar dos cuidados dos nossos melhores curandeiros, tive de passar o mês seguinte de cama, o que Hrothgar considerou ser um castigo de sobra por ter desafiado as suas ordens.”

Eragon observou o anão durante algum tempo.

“Você sente a falta dele.”

Orik por alguns instantes enfiou o queixo no peito robusto. Em seguida, ergueu o machado e bateu no granito com a ponta do cabo, produzindo um ruído agudo que ecoou por entre as árvores.

“Há quase dois séculos que uma dûrgrimstvren – uma guerra de clãs – não arrasa a nossa nação, Eragon. Mas, pelas barbas negras de Morgothal, estamos na eminência de uma, agora.”

“Justamente agora?” exclamou Eragon, horrorizado. “As coisas estão tão más assim?”

Orik exibiu uma expressão carrancuda.

“Pior que más. Não há memória de tensões tão fortes entre os clãs. A morte de Hrothgar e a invasão do Império por parte de Nasuada inflamaram paixões, agravaram antigas rivalidades e deram força aos que acreditam que é uma loucura reunir o nosso povo aos Varden.”

“Como podem defender isso quando Galbatorix já atacou Tronjheim como o apoio dos Urgals?”

“Porque estão convencidos que é impossível derrotar Galbatorix e esse argumento tem muita influencia sobre o nosso povo. Honestamente, Eragon, se Galbatorix enfrentasse a você e Saphira, agora, você acha que conseguiria derrotá-lo?”

Eragon sentiu a garganta contraída.

“Não.”

“Também acho que não. Aqueles que se opõem aos Varden cegaram com a ameaça de Galbatorix. Dizem que se tivéssemos recusado dar abrigo aos Varden e se não tivéssemos permitido que você e Saphira entrassem em Tronjheim, Galbatorix não teria quaisquer motivos para entrar em guerra conosco. Defendem que, se ficarmos no nosso

canto e continuarmos escondidos nas nossas cavernas e nos nossos túneis, não teremos nada a recear de Galbatorix. Não compreendem que a sede de poder dele é insaciável e que ele não vai descansar enquanto não tiver toda a Alagaësia a seus pés.” Orik abanou a cabeça e os músculos dos seus antebraços contraíram-se em saliências nodosas ao segurar a lâmina do machado entre os dedos grossos. “Não permitirei que a nossa raça se encolha em túneis, como coelhos assustados até que o lobo, lá fora, consiga entrar e nos coma a todos. Temos de continuar a lutar, na esperança de que arranijemos uma forma de matar Galbatorix. E também não permitirei que a nossa nação se desintegre numa guerra de clãs. Tal como as coisas estão, outra dûrgrimstvren destruiria a nossa civilização e, possivelmente, acabaria por também condenar os Varden.” Orik cerrou os maxilares e virou-se para Eragon. “Para o bem de meu povo, eu próprio me candidatarei ao trono. O Dûrgrimst Gedthrall, os Ledwonnû e os Nagra já me prometeram o seu apoio. Mas há muita gente obstruindo o meu caminho. Não vai ser fácil reunir votos suficientes para me tornar rei. Preciso saber Eragon, posso contar com o teu apoio?” Depois de cruzar os braços, Eragon caminhou, para trás e para frente, entre duas árvores.

“Se eu fizer isso, o meu apoio pode virar os outros clãs contra você, pois estará pedindo ao teu povo não só que se alie aos Varden, mas também que aceite um Cavaleiro de Dragão como se fosse um deles; algo que nunca fizeram, nem acredito que queiram fazer agora.”

“Sim, isso poderá virar alguns contra mim,” concordou Orik, “mas poderá também me fazer ganhar os votos de outros. Me deixe julgar isto sozinho. A única coisa que quero saber é se você me apóia ou não... Porque essa hesitação Eragon?”

Eragon fixou-se numa raiz retorcida que irrompia do granito a seus pés, evitando o olhar de Orik.

“Você está preocupado com o bem-estar do teu povo e faz muito bem. Mas as minhas preocupações são mais abrangentes: incluem o bem estar dos Varden, dos Elfos e de toda a gente que se opõe a Galbatorix. Se... Tiveres poucas hipóteses de conquistar a coroa e houver outro chefe de clã que esteja em melhores condições de consegui-lo, não se opondo à causa dos Varden...”

“Ninguém seria um grimstnzborth mais solidário que eu!”

“Não estou questionando a tua amizade,” protestou Eragon. “Mas se for verificado o que eu disse e o meu apoio contribuir para que esse chefe de clã conquiste o trono, para o bem do teu povo e do resto da Alagaësia, não deveria eu apoiar o anão que tem melhores possibilidades de sair vitorioso?”

Em um tom de voz absolutamente calmo, Orik replicou:

“Fizeste um juramento de sangue no Knurlnien, Eragon. Pelas leis do nosso reino, és um membro do Dûrgrimst Ingeitum, por muito que alguns o desaprovem. O que Hrothgar fez ao adotar-te não tem precedentes em toda a nossa história e não pode ser desfeito, a não ser que eu te expulse do clã enquanto grimstborith. Se te virares contra mim, Eragon irá me envergonhar diante de toda a nossa raça e nunca mais ninguém voltará a confiar na minha liderança. Além disso, provarás aos teus detratores que não podem confiar em um Cavaleiro de Dragões. Os membros dos clãs não se traem uns aos outros em benefício de outros clãs, Eragon. Isso não se faz, a não ser que queiras acordar em uma adaga enterrada no coração.”

“Você está me ameaçando?” interpelou Eragon, em um tom igualmente sereno.

Orik praguejou, batendo de novo com o machado contra o granito.

“Não! Jamais levantaria um dedo contra ti, Eragon! Você é meu irmão adotivo, é o único Cavaleiro livre da influencia de Galbatorix e raios me partam se não me afeiçoei a ti durante as nossas viagens. Mas, apesar de não ser minha intenção te fazer mal, isso

não significa que o resto do Ingeitum seja assim tão contido. Não o digo como ameaça, mas como a constatação de um fato. Você tem que entender isso, Eragon. Se o clã souber que desde o teu apoio a outro, talvez não me seja possível conte-los. Apesar de você ser nosso hospede e as regras da hospitalidade te protegerem, se te pronunciasses contra o Ingeitum, o clã achará que traíste e não é nosso costume permitir que os traidores permaneçam entre nós. Compreendes Eragon?”

“O que você espera de mim?” gritou Eragon, abrindo os braços e caminhando para trás e para frente, junto a Orik. “Também prestei um juramento a Nasuada e essas foram as ordens que ela me deu.”

“Mas também te comprometeste com o Dûrgrimst Ingeitum!” rugiu Orik.

Eragon parou e fitou o anão.

“Quer que eu condene toda a Alagaësia só para que você possa manter a tua posição junto aos clãs?”

“Não me insulte!”

“Então não exija de mim o impossível! Eu te apoiarei se tiver a certeza que assumirá o trono. Se não, não te apoio. Você se preocupa com os Dûrgrimst Ingeitum e a tua raça, enquanto eu tenho que me preocupar com eles e com toda a Alagaësia.” Eragon deixou-se cair contra o tronco frio de uma árvore. “E não posso me dar ao luxo de te ofender, nem ao teu – ou melhor, ao nosso clã – nem ao resto da comunidade dos Anões.”

Em um tom mais delicado, Orik acrescentou:

“Há outra solução Eragon. Seria mais difícil para você, mas resolveria o seu dilema.”

“Ah sim? E que solução maravilhosa seria essa?”

Prendendo de novo o machado ao cinto, Orik aproximou-se de Eragon, agarrou-o pelos antebraços e olhou-o por entre as fartas sobrancelhas.

“Acredite que saberei agir corretamente, Eragon Matador de Espectros. Garanta-me a mesma lealdade que me garantiria se de fato tivesse nascido do Dûrgrimst Ingeitum. Os meus subordinados jamais se permitiriam falar contra o seu próprio grimstborith em benefício de outro clã. Se um grimstborith cometer um erro, a responsabilidade será exclusivamente sua; mas isso não significa que eu seja indiferente às suas preocupações.” Por instantes olhou para baixo e a seguir, continuou, “Se eu não puder ser rei acredita que não me deixarei cegar pela ânsia de poder, a ponto de não reconhecer que a minha aposta falhou. Se isso acontecer – embora acredite que pode não acontecer – serei eu próprio a dar o meu apoio a um dos outros candidatos, de livre vontade, pois, tal como você, não é meu desejo ver eleito um grimstborith que seja hostil aos Varden. E se eu ajudar a promover a ascensão ao trono de outro candidato, o estatuto e o prestígio que colocarei ao serviço desse chefe de outro clã incluirá naturalmente o teu, uma vez que é um Ingeitum. Você confia em mim Eragon? Aceita-me como teu grimstborith, tal como todos os súditos que me juraram lealdade?”

Eragon gemeu e encostou a cabeça a árvore rugosa, olhando para os ramos torcidos, brancos como ossos, mergulhados na névoa. *Confiança*. Entre todos os pedidos de Orik, aquele era sem dúvida o mais difícil de satisfazer. Embora Eragon gostasse de Orik, submeter-se à autoridade do anão, com tanto em jogo, seria renunciar ainda mais a sua liberdade, idéia que ele abominava. Além disso, estaria renunciando a uma parte das suas responsabilidades para com o destino da Alagaësia. Era como se ele estivesse suspenso em um precipício e Orik o convencesse de que havia uma saliência apenas alguns metros abaixo; mas Eragon não conseguia largar as mãos, com receio de se atirar para a morte.

Em seguida, Eragon afirmou:

“Jamais seria um servo sem vontade própria a quem você pudesse dar ordens. Acataria as tuas ordens em assuntos relacionados com o Dûrgrimst Ingeitum, mas não você não teria poder sobre mim em relação ao resto.”

Orik concordou com uma expressão grave.

“Não estou preocupado com as missões de que Nasuada te incumba, nem quem possa matar enquanto lutares contra o império. O que me faz passar as noites em claro, quando deveria estar dormindo tão profundamente como Arghen na sua caverna, é imaginar você influenciando a votação na reunião dos clãs. As tuas intenções são nobres, eu sei, mas sejam elas nobres ou não, tu não estás familiarizado com a nossa política, por mais que Nasuada tenha te ensinado. Essa é a minha especialidade Eragon. Deixe-me conduzir os assuntos da forma que achar mais conveniente. Foi para isto que Hrothgar me educou toda a minha vida.”

Eragon suspirou e respondeu com uma sensação de vertigem:

“Muito bem. Farei o que achares melhor, no que diz respeito à sucessão, Grimstborith Orik.”

O rosto de Orik abriu-se em um largo sorriso. Apertou os antebraços de Eragon e em seguida largou-o dizendo:

“Obrigado Eragon. Não sabe o que significa para mim. Isso foi bom, foi magnífico da tua parte e nunca o esquecerei, nem que viva até os duzentos anos e a minha barba cresça tanto que se arraste pelo chão.”

Eragon não conseguiu conter a gargalhada.

“Bom, espero eu não cresça tanto assim, pois você passaria a vida tropeçando nela.”

“Talvez tenha razão,” disse Orik rindo. “Além disso, acho que Hvedra a cortaria mal ela chegasse aos joelhos. Tem opiniões muito definidas em relação ao tamanho adequado da barba.”

Orik seguiu à frente, ao abandonarem a floresta de árvores de pedra, caminhando por entre a névoa incolor, que rodopiava em torno dos troncos calcificados. Em seguida, voltaram a reunir-se aos doze guerreiros de Orik e começaram a descer a encosta do Monte Thardûr. Ao chegarem ao fundo do vale, prosseguiram em linha reta até o lado oposto e os anões conduziram Eragon a um túnel, cuja entrada estava tão habilmente camuflada na face da rocha, que ele jamais a teria descoberto.

Foi com algum pesar que Eragon deixou para trás a luz do sol e o ar fresco da montanha, ao entrar na escuridão do túnel. A passagem tinha dois metros de largura por um metro e oitenta de altura, o que a tornava bastante baixa para Eragon. Além de que, como todos os outros túneis dos Anões que visitara, este era reto como uma flecha, a te onde a sua vista podia alcançar. Olhou por cima do ombro ainda a tempo de ver o anão Farr fechar a pesada pedra de granito, com dobradiças, que servia como porta, mergulhando o grupo na escuridão. Momentos depois, os anões retiraram algumas lanternas sem chama dos alforjes, produzindo catorze esferas brilhantes de luz com diferentes tonalidades. Orik entregou uma a Eragon.

Depois começaram a avançar por baixo das entranhas da montanha. O ruído dos cascos dos pôneis batendo no chão produzia ecos por todo o túnel, que pareciam gritar-lhes como espectros enfurecidos. Eragon fez uma careta ao pensar no que teriam de suportar até Farthen Dûr, pois somente lá o túnel terminava, muitos quilômetros adiante. Arqueou os ombros e apertou as correias do saco, desejando voar com Saphira a vários metros do solo.





## O RISO DA MORTE

Roran agachou-se e fitou através do emaranhado de ramos de salgueiro.

Cento e oitenta metros à frente, cinquenta e três soldados e ‘carroceiros’ estavam sentados em torno de três braseiros separados, comendo seus jantares enquanto rapidamente o crepúsculo caía sobre a terra. Os homens tinham parado pela noite numa vasta margem coberta por grama próxima a um rio desconhecido. As carroças cheias de suprimentos para as tropas de Galbatorix estavam paradas em um grosseiro meio círculo ao redor das fogueiras. Grupos de bois incômodos pastavam além do acampamento, mugindo ocasionalmente entre eles. A dezoito metros ou logo a jusante, contudo, uma saliência de terra fofa elevava-se do chão, o que prevenia qualquer ataque ou fuga daquela região.

O que eles estavam pensando? Roran quis saber. Somente era prudente, quando em território hostil, acampar em um local defensível, o que normalmente significava encontrar uma formação natural que protegesse sua retaguarda. No entanto, você tinha que ser cauteloso para escolher um local de descanso que você pudesse fugir se emboscado. Como estava, seria infantilmente fácil para Roran e os outros guerreiros sob o comando de Martland expulsarem da região onde estavam escondidos e prender os homens do Império no declive em V formado pela saliência terrosa e o rio, onde matariam os soldados e carroceiros que descansavam. Confundi Roran o fato de soldados treinados cometerem um erro tão óbvio. Talvez eles sejam de uma cidade, ele pensou. Ou talvez sejam meramente inexperientes. Ele franziu as sobrancelhas. Então porque lhes confiariam uma missão tão crucial?

“Vocês detectaram alguma armadilha?” ele perguntou. Não teve que virar a cabeça para saber que Carn estava parado ao lado dele, assim como Halmar e dois outros homens. Exceto os quatro guerreiros que tinham se unido ao grupo de Martland para repor aqueles mortos ou irreparavelmente feridos durante o último combate deles, Roran tinha lutado ao lado de todos os homens em seu grupo. Enquanto ele não gostava de nenhum, ele confiava a eles sua vida, assim como ele sabia que eles confiavam as deles. Era uma ligação que transcendia idade ou criação. Depois de sua primeira batalha, Roran surpreendeu-se quão próximo ele se sentia de seus companheiros, assim como quão calorosos eles eram.

“Nenhuma que eu possa dizer,” murmurou Carn. “Mas em todo caso – “

“Eles poderiam ter inventado magias novas que você não pode detectar, sim, sim. No entanto, existe um mago com eles?”

“Eu não posso dizer com certeza, mas não, eu acho que não.”

Roran afastou um punhado de folhas de salgueiro para ver melhor o formato dos vagões. “Eu não gosto disso,” ele murmurou. “Um mago acompanhou os outros comboios. Porque não neste?”

“Há poucos dos nossos que poderiam imaginar.”

“Mmh.” Roran coçou sua barba, ainda incomodado pelos soldados evidentemente negligenciarem o senso comum. Eles poderiam estar tentando provocar um ataque? Eles não pareciam preparados para um, mas aparência dificilmente é tudo. Que tipo de armadilha eles poderiam ter preparado para nós? Não há mais ninguém num raio de 36km, e Murtagh e Thorn foram vistos voando ao norte de Feinster. “Mande o sinal,” ele disse. “Mas diga a Martland que me incomoda eles estarem acampados aqui. Ou eles são idiotas ou eles tem algum tipo de defesa invisível para nós: magia ou outro truque do rei.”

Silêncio, então: “Eu enviei. Martland disse que ele compartilha sua preocupação, mas a menos que queira retornar a Nasuada com o rabo entre as pernas, tentaremos nossa sorte.”

Roran resmungou e voltou-se para os soldados. Ele gesticulou com o queixo, e os outros homens correram com ele usando as mãos e joelhos para onde tinham deixado os cavalos.

Levantando-se, Roran montou ‘Fogo na Neve’.

“Whoa, firme, garoto,” ele murmurou, acariciando ‘Fogo na Neve’ quando o garanhão agitou a cabeça. Na luz ofuscante, a crina e a pele de ‘Fogo na Neve’ cintilavam como prata. Não foi a primeira vez, Roran desejou que seu cavalo fosse uma sombra menos visível, um baio agradável ou castanho talvez.

Tirando seu escudo de onde estava pendurando na sela, Roran ajustou seu braço esquerdo através da alça, então puxou seu martelo do cinto.

Ele engoliu em seco, uma familiar tensão entre seus ombros, e reajustou seu aperto sob o martelo.

Quando os cinco homens estavam prontos, Carn ergueu um dedo e cerrou os olhos e seus lábios moveram-se rapidamente, como se ele estivesse falando consigo mesmo. Um grito soou próximo.

As pálpebras de Carn abriram-se rapidamente. “Lembre-se, mantenha seu olhar direto rio abaixo até sua visão ajustar, e mesmo assim, não olhe para o céu.” Então ele começou entoar na língua antiga, palavras incompreensíveis que tiritavam com o poder. Roran protegeu-se com seu escudo e se inclinou em sua sela assim que uma luz branca e pura, brilhante como o sol do meio-dia, iluminou a paisagem. O brilho originou-se completamente de um ponto em algum lugar além do acampamento; Roran resistiu à tentação de ver exatamente onde.

Gritando, ele ‘chutou’ Fogo da neve em seu quadril e curvou-se acima do pescoço do cavalo assim que o garanhão arrancou. Ao seu lado, Carn e os outros guerreiros fizeram o mesmo, brandindo suas armas. Ramos de árvores feriram a cabeça e os ombros de Roran, e então Fogo na Neve livrou-se delas e correu para o acampamento a pleno galope.

Dois outros grupos de cavaleiros também impeliram-se para o acampamento, um liderado por Martland, e outro por Ulhart.

Os soldados e ‘carroceiros’ soaram o alarme e cobriram os olhos. Cambaleando como cegos, eles se arrastaram até suas armas enquanto tentavam se posicionar para repelir o ataque.

Roran não tentou parar Fogo na Neve. Estimulando o garanhão mais uma vez, ele ergueu-se nos estribos e agarrou com todas as suas forças assim que Fogo na Neve saltou através de um pequeno espaço entre duas carroças. Seus dentes chocaram-se quando ele pousou. Fogo na Neve jogou cascalho em uma das fogueiras, provocando um estouro de faíscas.

O resto do grupo de Roran também saltou as carroças. Sabendo que eles cuidariam dos soldados atrás dele, Roran concentrou-se naqueles a frente. Apontando Fogo na Neve a cada um dos homens, ele apunhalou os soldados até o fim com seu martelo, quebrando narizes, espirrando sangue em sua face. Roran despachou um homem com um segundo golpe na cabeça, então bloqueou uma espada de outro soldado.

Mais abaixo a linha curvada de carroças, Martland, Ulhart, e seus homens pularam dentro do acampamento, deparando-se com um clamor de cascos e um ruído de armas e armaduras. Um cavalo relinchou e caiu quando um soldado o feriu com uma lança.

Roran bloqueou a espada do soldado pela segunda vez, então golpeou a mão da espada do soldado, quebrando ossos e forçando o homem a soltar sua arma. Sem pausa, Roran

golpeou o homem no centro de sua túnica vermelha, rachando seu esterno e interrompendo sua respiração, ferindo mortalmente o soldado.

Roran ajeitou-se na sela, procurando no acampamento seu próximo oponente. Seus músculos vibrando com uma excitação frenética; todos os detalhes a volta dele eram tão nítidos e limpos como se gravados em vidro. Ele sentiu-se invencível, invulnerável. O próprio tempo pareceu longo e lento, de modo que uma confusa mariposa que passou voando por ele aparentou estar voando através do mel ao invés do ar.

Então um par de mãos apertou a parte de trás de sua cota de malha e puxou-o de cima de Fogo na Neve e atirou-o ao chão duro, interrompendo sua respiração. A visão de Roran vacilou e ficou preta por um momento. Quando ele a recuperou, ele viu que o primeiro soldado que ele tinha atacado estava sentado em seu peito, sufocando-o. O soldado apagou a fonte de luz que Carn tinha criado no céu. Uma aura branca rodeava sua cabeça e ombros, lançando suas feições em tal profunda sombra, Roran podia compreender nada de sua face, mas o lampejo revelou os dentes.

O soldado apertou seus dedos em torno da garganta de Roran o que fez Roran sentir falta de ar. Roran tentou encontrar seu martelo, que tinha perdido, mas não encontrou nada ao seu alcance. Esticando seu pescoço para impedir que o soldado retirasse sua vida, ele puxou sua adaga do cinto e golpeou através da cota de malha do soldado, através de sua cota de couro, e entre as costelas do lado esquerdo do soldado.

O soldado não recuou, nem relaxou seu aperto.

Uma continua torrente de gargalhadas emanou do soldado. Encurralado, uma risada de parar o coração, medonha ao extremo, fez o estomago de Roran se contorcer de medo. Ele se lembrou do som de antes; ele tinha ouvido enquanto assistia os Varden lutar contra os homens que não sentiam dor no campo gramado perto do Rio Jiet. Em um lampejo, ele entendeu porque os soldados tinham escolhido um acampamento tão desprotegido: Eles não estão preocupados se estão numa armadilha ou não, já que não podemos machucá-los.

A visão de Roran tornou-se vermelha, e estrelas amarelas dançaram diante de seus olhos. Quase ficando inconsciente, ele livrou a adaga e golpeou acima, na axila do soldado, torcendo a faca na ferida. Sangue quente esguichou em sua mão, mas o soldado não pareceu notar. O mundo explodiu em manchas de cores pulsantes quando o soldado bateu a cabeça de Roran novamente no chão. Uma. Duas. Três vezes. Roran avançou seu quadril, tentando sem sucesso livrar-se do homem. Cego e desesperado, ele golpeou onde achou que a face do homem estaria e sentiu a adaga pegar em carne macia. Ele puxou a adaga levemente para baixo, então impulsionou naquela direção, sentindo o impacto da ponta da adaga batendo em osso.

A pressão ao redor do pescoço de Roran desapareceu.

Roran deitou onde estava, seu peito ofegando, então rolou e vomitou, a garganta ardendo. Ainda ofegando e tossindo, ele cambaleou em pé e viu o soldado deitado inerte próximo a ele, a adaga enfiada na narina esquerda do homem.

“Ataquem a cabeça!” gritou Roran, apesar de sua garganta ferida. “A Cabeça!”

Ele retirou a adaga enterrada na narina do soldado e recuperou seu martelo no chão pisoteado onde tinha caído, parando o suficiente pra também pegar uma lança abandonada, que ele segurou com sua mão do escudo. Saltando o soldado caído, ele correu até Halmar, que estava em pé e duelava com três soldados. Antes que os soldados o notassem, Roran golpeou fortemente os dois mais próximos na cabeça, ele rachou o elmo deles. O terceiro ele deixou para Halmar, ao invés disso foi atrás do soldado cujo esterno ele tinha quebrado e que ele tinha deixado para morrer. Ele encontrou o homem sentado sob a roda de uma carroça, cuspiendo sangue coagulado e esforçando-se para esticar um arco.

Roran espetou-o através do olho com uma lança. Pedacos de carne cinza grudaram na lâmina da lança enquanto ele a retirava.

Então, uma idéia ocorreu a Roran. Ele arremessou a lança num homem de túnica vermelha no outro lado da fogueira mais próxima – perfurando-o através do dorso – então deslizou o cabo do martelo em seu cinto e armou o arco do soldado. Colocando de costa para uma carroça, Roran começou a atirar nos soldados apressados no acampamento, tentando matá-los com um tiro certo na face, na garganta, ou no coração, ou incapacitá-los para que seus companheiros os derrotassem mais facilmente. Senão, ele pensou que um soldado ferido poderia sangrar até a morte antes da luta terminar.

A confiança inicial do ataque tinha enfraquecido diante a confusão. Os Varden dispersos e desanimados, alguns a cavalo, alguns a pé, e muitos feridos. No mínimo cinco, tão logo Roran pode contar, tinham morrido quando soldados que eles pensavam ter matado retornaram para assaltá-los. Muitos soldados tinham caído, era impossível dizer na multidão de corpos chocando-se, mas Roran podia ver que eles ainda excediam os vinte e cinco ou pelo menos os Varden remanescentes. Eles poderiam fazer-nos em pedacos com as mãos vazias enquanto tentarmos atacá-los separados, ele percebeu. Ele procurou com seus olhos no meio do frenesi por Fogo na Neve e viu que o cavalo branco tinha corrido mais abaixo no rio, onde ele agora estava parado perto de um salgueiro, narinas dilatadas e orelhas niveladas com seu crânio.

Com o arco, Roran matou mais quatro soldados e feriu inúmeros. Quando ele tinha apenas duas flechas restando, ele percebeu que Carn estava do outro lado do acampamento, duelando com um soldado ao lado de uma tenda em chamas. Puxando o arco até a plumagem da flecha coçar sua orelha, Roran acertou o soldado no peito. O soldado cambaleou, e Carn decapitou-o.

Roran jogou o arco de lado e, martelo em mão, passou correndo por Carn e gritou, “Você não pode matá-los usando magia?”

Por um momento, Carn pode apenas ofegar, então ele agitou a cabeça e disse, “Todo feitiço que pude lançar foi bloqueado.” A luz vinda da tenda em chamas iluminou o lado de sua face.

Roran amaldiçoou. “Juntos então!” ele lamentou, e levantou seu escudo.

Ombro a ombro, os dois avançaram para cima do grupo de soldado mais próximo: um grupo de oito soldados que cercava três dos Varden. Os próximos minutos foram um espasmo de armas brilhando, carne cortada, e súbitas dores para Roran. Os soldados cansavam mais lentamente que os homens comuns, e eles nunca fugiam de um ataque, nem diminuía seus esforços quando sofriam dos mais terríveis ferimentos. A aplicação da luz foi tão grande, que retornou a náusea de Roran, e depois de derrubar o oitavo soldado, ele inclinou-se e vomitou novamente. Ele cuspiu para limpar sua boca da bile.

Um dos Varden que eles tinham tentado salvar tinha morrido na luta, morto por uma facada no rim, mas os dois que ainda estavam vivos juntaram forças com Roran e Carn, e com eles, dirigiram-se para o próximo grupo de soldados.

“Conduza os para o rio!” Roran gritou. A água e a lama limitariam o movimento dos soldados e talvez permitiria aos Varden ganhar vantagem.

Não muito longe, Martland foi bem-sucedido em reunir dose dos Varden que ainda estavam em seus cavalos, e eles estavam terminando de fazer o que Roran sugerira: conduzir os soldados para as claras águas.

Os soldados e carroceiros que ainda estavam vivos resistiram. Eles empurravam os escudos contra os homens que estavam em pé. Eles espetavam lanças nos cavalos. Mas em resposta a oposição violenta deles, os Varden os forçaram a recuar passo a passo até

os homens em túnicas vermelhas ficaram até os joelhos na rápida corrente de água, meio cegos pela estranha luz que emanava deles.

“Mantenham a linha!” gritou Martland, desmontando e fixando-se com as pernas estendidas na borda do barranco. “Não permitam que eles recuperem terreno!”

Roran baixou-se num meio agachamento, a sola de seus pés entraram em terra fofa até que ele ficou confortável em sua posição, e esperou pelo gigante soldado que estava na fria água a alguns metros a sua frente para atacá-lo. Com um rugido, o soldado avançou pelo raso espirando água, agitando sua espada contra Roran, que aparou o golpe em seu escudo. Roran retaliou com um golpe de seu martelo, mas o soldado o bloqueou com seu escudo e então cortou a perna de Roran. Por alguns segundos, eles trocaram golpes, mas não se feriram. Então Roran quebrou o antebraço esquerdo do homem, quebrando-o em vários pedaços. O soldado meramente sorriu e emitiu uma triste, e gélida risada.

Roran queria saber se ele e seus companheiros sobreviveriam a noite. Eles são mais difíceis de matar que cobras. Podemos cortá-los em tiras, e eles ainda continuaram vindo a nos a menos que nos acertemos algum lugar vital. Seu próximo pensamento sumiu assim que o soldado atacou-o novamente, o entalhe de sua espada tremeluzindo na pálida luz como uma língua de fogo.

Depois disso, a batalha assumiu uma apavorante condição para Roran. A estranha, maligna luz dava a água e aos soldados aspecto sobrenatural, libertando-os das cores e projetando-se longe, então a sombra de uma afiada navalha atravessou a correnteza, enquanto do outro lado e a toda volta, a plenitude da noite prevalecia. De novo e de novo, ele repeliu os soldados que pisavam para fora da água para matá-lo, martelando-os até eles estarem irreconhecíveis como humanos, e ainda eles não morriam. A cada golpe, medalhões de sangue negro tingiam a superfície do rio, como borrões de tinta derramados e flutuavam junto da correnteza. A identidade mortal de cada conflito entorpeceu e horrorizou Roran. Não importa o quanto ele se esforçasse, existia sempre outro soldado mutilado para goleá-lo e apunhalá-lo. E sempre os loucos riam dos homens que pensavam que eles estavam mortos e ainda continuavam mantendo um semblante de vida enquanto os Varden destruíam seus corpos.

E então silêncio.

Roran permaneceu agachado atrás de seu escudo com seu martelo meio levantado, ofegando e ensopado com suor e sangue. Um minuto se passou antes dele perceber que ninguém estava na água além dele. Ele olhou a esquerda e a direita três vezes, incapaz de compreender que os soldados estavam mortos, definitivamente, irrevogavelmente mortos. Um corpo flutuando passou por ele na brilhante água.

Um inarticulado berro escapou dele quando uma mão segurou seu braço direito. Ele virou-se, rosnando e afastou-se, simplesmente para ver Carn próximo a ele. O pálido, mago coberto de sangue estava falando. “Nos vencemos, Roran! Eh? Eles se foram! Nos aniquilamos eles!”

Roran permitiu que seus braços caíssem e inclinou sua cabeça para trás, muito cansado até par a sentar. Ele sentiu... ele sentiu como se seus sentidos estivessem anormalmente aguçados, e ainda suas emoções estavam insensíveis, silenciando as coisas, fechadas em algum lugar profundo dentro dele. Ele estava satisfeito e só; por outro lado, ele pensou que iria ficar louco.

“Organizem-se e inspecionem as carroças!” gritou Martland. “Quanto antes vocês se apressarem, antes poderemos sair desse lugar amaldiçoado! Carn, cuide de Welmar. Eu não gosto de olhar para esse corte profundo.”

Com uma enorme força de vontade, Roran virou-se e caminhou para o grupo de carroças mais próximo. Limpando o suor que escorria por sua testa, ele viu que de suas

forças originais, somente nove estavam qualificados para ficar. Ele retirou a observação da mente. Lamentações depois, não agora.

Enquanto Martland Barba Vermelha caminhava pelos corpos espalhados pelo acampamento, um soldado que Roran tinha dado como morto moveu-se e, do chão, cortou a mão direita do conde. Com um movimento tão gracioso executado, Martland chutou a espada que o soldado segurava, então ajoelhou-se na garganta do soldado, usando sua mão esquerda, puxou uma adaga do cinto e golpeou o homem através de uma das orelhas, matando-o. Sua face corou e contorceu, Martland apertou o coto do seu pulso embaixo de sua axila esquerda e acenou para todos que tinham corrido até ele. “deixe-me sozinho! Esse é um mau ferimento para qualquer um. Peguem as carroças! A menos que vocês se apressem, ficaremos aqui por muito tempo, minha barba tornara-se branca como neve. Vão!” No entanto, quando Carn recusou-se a mover-se, Martland zangou-se e gritou, “Caia fora, ou terei que açoitá-lo por insubordinação, fui claro!”

Carn pegou cuidadosamente a mão de Martland. “Eu poderia reuni-la, mas precisaria de alguns minutos.”

“Ah, desfazer isso, dê-me isso aqui!” exclamou Martland, e pegou a mão de Carn. Ele enfiou-a em sua túnica. “Pare de preocupar-se comigo e salve Welmar e Lindel se você puder. Você pode tentar reuni-la quando nos tivermos colocado alguns quilômetros entre nos e aqueles monstros.”

“Então, poderia se muito tarde,” disse Carn.

“Isso foi uma ordem, mago, não um pedido!” esbravejou Martland. Quando Carn retirou-se, o conde usou seus dentes para amarrar a manga de sua túnica no toco de seu braço, que ele novamente prendeu em sua axila esquerda. Suor escorria por sua face. “Certo, então! Que itens os bastardos escondiam naquelas malditas carroças?”

“Corda!” alguns gritaram.

“Uísque!” gritaram outros.

Martland grunhiu. “Ulhart, você anota as quantidades para mim.”

Roran ajudou os outros enquanto eles saqueavam cada uma das carroças, gritando o conteúdo para Ulhart. Mais tarde eles mataram os grupos de bois e atearam fogo nas carroças, antes de prosseguirem. Então eles reuniram seus cavalos e montaram-nos, colocando os feridos em suas selas.

Quando eles estavam prontos para partir, Carn gesticulou a chama de luz no céu e murmurou por um tempo, uma confusão de palavras. A noite envolveu o mundo. De relance, Roran percebeu uma palpitação depois de imaginar a face de Carn sobrepondo a fraca luz das estrelas, e então perceber que tinha acostumado com a escuridão, ele percebeu as formas cinza claras de milhares de mariposas espalhando-se pelo céu como as formas das almas dos homens.

Seu coração pesou, Roran tocou seu calcanhar no flanco de Fogo na Neve e partiu com o restante do grupo.



## SANGUE NAS ROCHAS

Frustrado, Eragon precipitou-se para o exterior da câmara circular, vários metros abaixo do centro de Tronjheim. A porta de carvalho bateu atrás de si produzindo um ruído pesado.

Eragon ficou parado à porta da sala, no meio do corredor abobadado, de mãos na cintura, observando o chão ladrilhado com retângulos de ágata e jade. Desde que ele e Orík tinham chegado a Tronjheim, há três dias, que os treze chefes dos clãs não faziam mais nada senão discutir assuntos que Eragon considerava irrelevantes, como por exemplo: os clãs que tinham o direito de alimentar os rebanhos em determinados pastos bastante disputados. Ao ouvi-los debater pontos obscuros do seu código legal, por diversas vezes Eragon teve vontade de gritar com eles, alertando-os para o fato de estarem sendo uns idiotas obsessivos e que iriam condenar toda a Alagaesia ao domínio de Galbatorix se não pusessem a parte as suas preocupações triviais e escolhessem um novo soberano, sem mais demoras.

Ainda perdido nos seus pensamentos, Eragon caminhou lentamente através do corredor, mal reparando nos quatro guardas que o seguiam - para onde quer que fosse - nem nos Anões que com ele se cruzavam e que o saudavam com variações de Argetlam. *A pior é Íorûnn*, concluiu Eragon. A mulher anã era grimstborith do Dûrgrimst Vrenshrrgn, um poderoso e aguerrido clã, e desde o início das deliberações tornara claro o fato de tencionar conquistar o trono. Apenas um outro clã, o Urzhad, se comprometera abertamente a apoiar a sua causa. No entanto, ela era esperta e engenhosa, o que aliás demonstrara em diversas ocasiões no decurso das reuniões entre os chefes de clãs, e conseguia manipular qualquer situação em proveito próprio. *Possivelmente dará uma excelente rainha*, admitiu Eragon para si mesmo, *mas é tão evasiva que se torna impossível saber se apoiaria os Varden depois de estar no trono*. E sorriu ironicamente. Falar com Íorûnn era sempre difícil para Eragon. Os anões a consideravam uma grande beldade e mesmo segundo os padrões humanos apresentava uma figura impressionante. Além disso, parecia ter desenvolvido um fascínio por Eragon, que ele não conseguia realmente compreender. Em toda as conversas que tinham, ela insistia em aludir à História e a Mitologia dos anões, que Eragon não conhecia, o que parecia divertir imensamente Orík e os outros anões.

Para além de Íorûnn, dois outros chefes assumiram-se como candidatos rivais ao trono: Gannel, chefe do Dûrgrimst Quan, e Nado, chefe do Dûrgrimst Knurlcarathn. Enquanto guardiões da; religião dos anões, os Quan tinham imensa influência entre a sua raça mas, até então, Gannel conseguira apenas o apoio de dois outros clãs, o Drûgrimst Ragni Hefthyn e o Dûrgrimst Ebardac um clã especialmente dedicado a pesquisa académica. Nado, pelo contrario, reunira uma coligação maior, que incluía os clãs Feldûnost, Fanghur e Az Sweldn rak Anhûin.

Enquanto Íorûnn aspirava ao trono apenas pelo poder que ganharia e Gannel não parecia intrinsecamente hostil aos Varden - embora também não demonstrasse ser a favor deles -, Nado opunha-se aberta e veementemente a qualquer envolvimento com Eragon, Nasuada, o Imperio, Galbatorix, a Rainha Islanzadi, ou qualquer outra criatura viva que se encontrasse fora da Montanhas Beor, pelo que lhe fora dado a entender O Knurl carathn era o clã dos pedreiros e nenhum outro se lhe comparava em termos de homens e bens materiais, na medida em que os outros dependiam da sua perícia para a abertura de túneis, a construção das suas residências; e até mesmo o Ingeitum recorria a eles para a extração do minério necessário aos seu ferreiros. Se a aposta de Nado na conquista da

coroa falhasse Eragon sabia que muitos dos chefes de clãs mais pequenos, que compartilhavam dos mesmos pontos de vista, tentariam tomar o seu lugar. O Az Sweldn rak Anhûin, por exemplo - que Galbatorix e os Renegados tinham destruído quase por completo durante sua ascensão – declarara-se inimigo visceral de Eragon durante sua visita a cidade de Tarnag e todas as ações no decurso da reunião demonstravam o ódio implacável que nutriam por Eragon, Saphira e tudo o que se relacionasse com dragões e aqueles que os montavam. Chegaram mesmo a se opor à presença de Eragon nas reuniões dos chefes dos clãs - embora fosse perfeitamente legal de acordo com a lei dos anões -, forçando a assembléia a votar sobre o assunto e prolongando desnecessariamente os trabalhos por mais seis horas.

*Um dia, pensou Eragon, vou arranjar uma forma de fazer as pazes com eles. Caso contrário terei de acabar o que Galbatorix começou. Recuso-me a viver o resto da vida com receio de Az Sweldn rak Anhûin.* Mais uma vez, como tantas vezes sucedera nos últimos dias, Eragon se pegou esperando a resposta de Saphira e quando não a obteve, voltou a sentir aquela pontada de infelicidade no coração que tão bem conhecia.

Se as alianças entre os clãs eram coesas ou não, tratava-se de uma questão de difícil resposta, pois nem Orik, nem Íorûnn, Gannel ou Nado reuniam o apoio suficiente para ganhar as eleições e, por isso, todos se mostravam ativamente empenhados em manter a lealdade dos clãs que já tinham prometido ajudá-los, na tentativa simultânea de caçar os apoiadores dos seus adversários. Apesar da importância do processo, Eragon achava o sumamente entediante e frustrante.

De acordo com a explicação de Orikm, Eragon percebeu que, antes de os chefes dos clãs poderem eleger um soberano, era necessário decidir por votação se estavam preparados para escolher um rei ou uma rainha e a eleição preliminar teria de reunir no mínimo nove votos a favor para ser considerada válida. Mas, até o momento, nenhum dos chefes dos clãs, nem mesmo Orik, se sentia numa posição realmente segura para chegar a vias de fato e avançar para a eleição final. Segundo Orik, essa era a parte mais delicada do processo e constava que, em alguns casos, se prolongava frustantemente.

Enquanto ponderava sobre a situação, Eragon vagueou sem destino pelo aglomerado de câmaras, que se encontravam por baixo de Tronjheim. Apercebendo-se que estava numa sala seca e poeirenta ladeada de um lado por cinco arcos negros e, do outro, por uma escultura de um urso de dentes arreganhados, com seis metros de altura, entalhada em baixo relevo o urso tinha dentes de ouro e os olhos eram rubis facetados.

“Onde nós estamos Kvîstor?” perguntou Eragon, olhando para os guardas. A sua voz ecoou na sala vazia. Eragon conseguia sentir as mentes de muitos dos anões, nos níveis superiores, na entanto não sabia como chegar até eles.

O chefe dos guardas, um anão relativamente jovem, com aproximadamente sessenta anos, avançou: “Estas salas foram desativadas há um milênio pelo Grimsnzborith Korgan, quando Tronjheim estava em construção. Não as usamos muito desde então, salvo quando toda a nossa raça se reúne em Farthen Dur.”

Eragon acenou com a cabeça.

“Podem me conduzir novamente a superfície?”

“Claro, Argetlam.”

Após uma enérgica caminhada de sete minutos, chegaram a uma larga escadaria, com degraus baixos, próprios para anões, que se elevava do solo até uma passagem, acesso no quadrante Sudoeste da base de Tronjheim. Daí, Kvîstor encaminhou Eragon para o ramal Sul dos corredores de seis quilômetros, que dividiam Tronjheim segundo os pontos cardeais.

Era o mesmo corredor por onde Eragon e Saphira tinham entrado em Tronjheim, alguns meses antes. O Cavaleiro percorreu-o, em direção ao centro da cidade montanha, com



uma estranha sensação de nostalgia. Era como, se entretanto, ele tivesse envelhecido vários anos.

A avenida com quatro andares de altura estava repleta de anões de todos os clãs. Todos repararam em Eragon, disso ele não tinha qualquer dúvida, mas nem todos se dignaram a cumprimentá-lo, o que fora positivo, ao poupar-lhe o esforço de ter de retribuir mais saudações.

O Cavaleiro ficou tenso ao avistar uma coluna de Az Sweldn rak Anhuin a atravessar o corredor. Os anões viraram a cabeça e olharam-no, como se fossem apenas um, exibindo um rosto obscurecido sob os véus púrpura que os membros do clã usavam sempre em público. O último anão da coluna cuspiu para o chão, na direção de Eragon, antes de atravessar um arco e abandonar o corredor na companhia dos seus irmãos.

*Se Saphira estivesse aqui, não se atreveriam a ser tão indelicados*, pensou Eragon.

Meia hora mais tarde, Eragon chegou ao fim do majestoso corredor e, embora lá tivesse estado muitas vezes, foi tomado por uma sensação de assombro e de deslumbramento ao passar entre os pilares de ônix, encimados por zircônio, que tinham três vezes o tamanho de um homem, e depois entrou na câmara circular no coração de Tronjheim.

A câmara tinha uma área de trezentos metros, com um soalho de coralina polida, entalhada a martelo, ladeada por doze pentágonos, a insígnia de Dûrgrimst Ingeitum, e do primeiro rei dos anões, Korgan, que descobrira Farthen Dur, ao escavar minas em busca de ouro. No lado oposto a Eragon, ficavam as aberturas para os outros túneis que irradiavam através da cidade montanha. A câmara não tinha teto, subindo até ao topo de Tronjheim com mil e quinhentos metros de altitude. Aí abria-se para os domínios do dragão, onde Eragon e Saphira viveram antes de Arya partir a estrela de safira e depois, na direção do céu, havia um disco de um azul intenso que parecia incrivelmente distante. Este era circundado pela boca de Farthen Dur, a montanha oca de dezesseis mil metros de altura, que abrigava Tronjheim do resto do mundo.

Apenas uma pequena quantidade de luz do dia era filtrada até a base de Tronjheim, a Cidade do Crepúsculo Eterno, tal como lhe chamavam os elfos. Como a radiação do sol praticamente não entrava na cidade montanha - a não ser durante uma ofusca meia hora antes e depois do meio dia, no pino do verão - os anões iluminavam o interior com um número incontável de lanternas sem chama. A câmara exibia milhares, num maravilhoso espetáculo de luz. Todos os pilares da arcada curva, que ladeava cada nível da cidade-montanha, tinham uma lanterna brilhante pendurada no exterior e mesmo no interior das próprias arcadas havia lanternas para sinalizar a entrada de salas estranhas e desconhecidas; bem como o caminho para Vol Turin, e a Escadaria Interminável, que, descia em espiral, em torno da câmara, desde o topo até a base. O efeito era sombrio e espetacular. As lanternas projetavam cores diferentes de tal forma que o interior da câmara parecia salpicado de jóias brilhantes.

Mas a sua beleza empalidecia perante o esplendor da verdadeira jóia, a maior de todas: Isidar Mithrim. No chão, ao centro da câmara, os anões tinham construído um palanque de madeira, com dezoito metros de diâmetro. E no interior dessa estrutura de ripas de carvalho estavam a reconstruir, peça a peça, com toda a cautela e delicadeza, a Estrela de Safira estilhaçada. Os cacos que ainda era necessário repor estavam armazenados em caixas abertas, acolchoadas com ninhos de lã crua e rotuladas com frases de runas, semelhantes a aranhas. As caixas ocupavam uma grande extensão, na ala Oeste do vasto salão. Sentados e dobrados sobre elas viam-se cerca de trezentos anões, concentrados na difícil tarefa de unir os cacos e construírem uma forma coesa. Outro grupo movia-se apressadamente sobre o palanque, para tratar da pedra fragmentada e erguer estruturas adicionais.

Eragon observou o trabalho durante alguns minutos e, a seguir, dirigiu-se a seção do andar que Durza destruíra ao entrar em Tronjheim com os Urgals, através dos túneis subjacentes. Bateu suavemente com a ponta da bota na pedra polida a sua frente. Não havia quaisquer vestígios dos estragos que Durza causara. Embora os anões tivessem feito um trabalho magnífico ao eliminarem as marcas da Batalha de Farthen Dur, Eragon esperava que talvez houvesse um memorial comemorativo da batalha, ao considerar importante que as gerações futuras não esquecessem o sangue derramado pelos anões e pelos Varden na sua luta contra Galbatorix.

Eragon caminhou em direção ao palanque, acenou com a cabeça a Skeg, que se encontrava numa plataforma suspensa sobre a estrela de safira. Ele já conhecia o anão magro de dedos ágeis. Skeg era do Durgrimst Gedthrall e fora a ele que o Rei Hrothgar confiara o restauro do tesouro mais valioso para os anões.

Skeg fez sinal a Eragon para subir a plataforma. Ao colocar-se na tosca plataforma de ripas de madeira, Eragon foi confrontado com um panorama cintilante de espirais inclinadas e aguçadas, arestas reluzentes e finas como papel, e ainda superfícies onduladas. O topo da Estrela de Safira lembrava-lhe o gelo do Rio Anora, no Vale de Palancar, já no final do Inverno - altura em que se derretia e voltava a congelar por diversas vezes, sendo traiçoeiro caminhar sobre ele por causa das saliências e dos sulcos que as oscilações de temperatura geravam – só que em vez de ser azul, branco, ou transparente tinha um tom rosado, raiado de laranja escuro.

“Como vai isso?” perguntou Eragon.

Skeg encolheu os ombros e agitou as mãos no ar como um par de borboletas.

“Vai andando, Argetlam. Não se pode apressar a perfeição.”

“Parece-me que está fazendo grandes progressos.”

Skeg bateu levemente na asa do nariz largo e achatado.

“Arya fragmentou em grandes segmentos o topo de Isidar Mithrim, que agora é a parte de baixo e esses são facéis de unir; mas a parte de baixo, que passou a ser o topo...”

Skeg abanou a cabeça exibindo uma expressão de pesar num rosto marcado pelas rugas.

“A força do impacto projetou estilhaços da face da jóia para longe de Arya e do dragão Saphira, fazendo-os voar na sua direção e daquele Espectro de coração negro - quebrando as pétalas da rosa em fragmentos muito pequenos. E a rosa, Argetlam é a chave da jóia. É a parte mais complexa e mais bonita de Isidar Mithrim e é a que esta mais fragmentada. Se não a conseguirmos reconstruir até ao ultimo fragmento, será melhor entregar a jóia aos nossos joalheiros e pedir-lhes que entalhem anéis para as nossas mães.” As palavras vertiam de Skeg tal como a água de um copo a transbordar. Dirigindo-se a um operário que carregava uma caixa ao longo da sala, na língua dos anões, Skeg cofiou a barba branca e disse:

“Alguma vez te contaram como Isidar Mithrim foi esculpida na Era de Herran?”

Eragon hesitou, ao tentar recordar as suas lições de História, em Ellesméra.

“Sei que foi Durok que a esculpiu...”

“Sim,” disse Skeg. “Durok Ornthron, Olhos de águia, como se diz na vossa língua. Não foi ele que descobriu Isidar Mithrim mas foi quem a extraiu sozinho da rocha, que a esculpiu e que a poliu. Trabalhou na Estrela da Rosa durante cinquenta e sete anos. Nada o fascinava mais do que aquela jóia. Todas as noites trabalhava dobrado sobre Isidar Mithrim até as primeiras horas da manhã. Estava decidido de fazer da Estrela Rosa, não só uma obra de arte, mas algo que tocassem o coração daqueles que a admirassem, garantindo-lhe um lugar de honra à mesa dos deuses. A sua devoção era tal que, no trigésimo segundo ano do seu trabalho, quando a sua mulher lhe disse que se não partilhasse o fardo do projeto com os aprendizes ela abandonaria a sua casa, Durok

não disse uma só palavra, virou-lhe as costas e continuou a esculpir os contornos da pétala que começara a talhar no início desse ano.”

“Durok trabalhou em Isidar Mithrim ate se sentir satisfeito com todas as suas curvas e linhas. Depois, largou o seu pano de polir, recuou um passo da Estrela da Rosa e disse, ‘Que Guntera me proteja, esta feito!’ E caiu morto no chão.” Skeg bateu no peito produzindo um som oco. “O coração não agüentou. Afinal, que outro motivo tinha ele para viver?... E isso que estamos a tentar reconstruir, Argetlam: cinqüenta e sete anos de incessante concentração de um dos maiores artistas que a nossa raça conheceu até agora. Se não conseguirmos recuperar Isidar Mithrim, tal como era, desvalorizaremos a obra de Durok junto de todos os que ainda não viram a Estrela da Rosa.” Cerrando o punho direito, Skeg bateu na coxa enfatizando as suas palavras.

Eragon encostou-se a um corrimão diante de si, que lhe tocava nas ancas, e viu cinco anões descerem um cesto, preso por umas cordas, do lado oposto da jóia, ate ficar suspenso a centímetros das arestas agudas da safira quebrada. Enfiando a mão na túnica, o anão suspenso tirou uma lasca da Isidar Mithrim de uma bolsa de pele e, agarrando-a com um minúsculo par de pinças, encaixou-a num pequeno intervalo na jóia.

“Se a coroação tivesse lugar daqui a três dias,” interpelou Eragon, “conseguirias ter a Isidar Mithrim pronta?”

Skeg tamborilou no corrimão com os dez dedos, marcando o ritmo de uma melodia que Eragon não reconheceu e retorquiu.

“Se não fosse a promessa do teu dragão, jamais nos apressaríamos assim com a Isidar Mithrim. Esta pressa nos é estranha, Argetlam. Ao contrário dos Humanos, correr como formigas agitadas, não é característico da nossa natureza. Mesmo assim, faremos o possível para ter Isidar Mithrim pronta a tempo da coroação. Se for daqui a três dias, não teria grandes esperanças. Mas se decorrer no final da semana, talvez consigamos terminar o nosso trabalho.”

Eragon agradeceu-lhe a sua previsão e abandonou o local. Seguido de perto pelos guardas, entrou numa das muitas salas de jantar da cidade-montanha. Era uma divisão comprida, de tetos baixos, com mesas de pedra dispostas em filas de um lado e, do outro, anões atarefados em redor dos fornos de pedra-sabão.

Eragon comeu pão de fermento, peixe de carne branca que os anões apanhavam nos lagos subterrâneos, cogumelos e um gênero de purê de tubérculos, que já tinha experimentado em Tronjheim, mas cuja proveniência ainda desconhecia. Apesar de tudo, antes de começar a comer, teve o cuidado de verificar os alimentos, verificando se continham veneno, através dos feitiços que Oromis lhe ensinara.

Ao empurrar o último pedaço de pao com um gole da cerveja aguada que serviam ao café-da-manhã, Orik e o seu contingente de dez guerreiros entraram na sala. Os guerreiros sentaram-se a mesa, posicionando-se de forma a vigiarem as duas portas, enquanto Orik se juntava a Eragon, ocupando o banco de pedra, a sua frente, com um suspiro de fadiga. Colocou os cotovelos em cima da mesa e esfregou o rosto com as mãos.

Eragon lançou vários feitiços para impedir bisbilhotices e a seguir perguntou:

“Sofremos mais algum contratempo?”

“Não, não houveram contratempos, só que estas deliberações são irritantes ao máximo.”

“Já reparei...”

“E todos se aperceberam da tua frustração,” confirmou Orik. “A partir deste momento terás de te controlar melhor, Eragon. Revelar qualquer tipo de fraqueza aos nossos opositores, apenas servira para os beneficiar. Eu...” e Orik calou-se ao ver um anão gordo a aproximar-se, balançando-se como um pato, e a pousar-lhe o prato de comida fumegante em frente.

Eragon fitou-o carrancudo do outro lado da mesa.

“Mas estás mais próximo do trono? Conseguimos ganhar algum terreno, depois de toda aquela tagarelice enfadonha?”

Orik ergueu o dedo enquanto mastigava um enorme pedaço de pão.

“Ganhamos bastante, e não fique com essa cara! Depois de saíres, Havard concordou em baixar o importo do sal que o Dûrgrimst Fanghur vende ao Ingeitum, se lhe dermos acesso ao nosso túnel para Nalsvrid-mérna durante o verão, a fim de pudermos caçar os veados vermelhos que se juntam em redor do lago, ao longe dos meses mais quentes do ano. Só queria que tivesses visto Nado a ranger os dentes quando Havard aceitou a nossa proposta!”

“Bah!” desdenhou Eragon. “Impostos, veados... o que tem isso a ver com a sucessão ao trono de Hrothgar? Seja honesto comigo, Orik. Qual é a tua posição em relação aos outros chefes de clã? Durante quanto tempo isto vai se arrastar? A cada dia que passa aumentam as probabilidades do Império descobrir o nosso estratagema e de Galbatorix atacar os Varden, tomando conhecimento que não estou lá para os proteger de Murtagh e de Thorn.”

Orik limpou a boca a um canto da toalha da mesa.

“A minha posição esta suficientemente consolidada. Nenhum dos grimstborith reúne apoio suficiente para pedir uma votação; no entanto, eu e Nado somos os que temos mais apoiantes. Se um de nós ganhar, vamos lá, mais dois ou três clãs, os pratos da balança vão pender de imediato para o lado dessa pessoa. Havard mostrou-se hesitante. Não será preciso muito mais para o convencer a saltar para o nosso lado. Esta noite comeremos com ele e verei o que posso fazer no sentido de o encorajar a fazê-lo.” Orik devorou um pedaço de cogumelo grelhado e, entretanto, disse:

“Quanto a duração da reunião dos clãs, talvez se arraste por mais uma semana, se tivermos sorte, ou duas se não tivermos.”

Eragon praguejou em voz baixa. Estava tão tenso que senti o estômago dar voltas e a fazer ruídos, como se estivesse prestes vomitar a refeição que acabara de ingerir.

Esticando o braço, Orik agarrou-o pelo pulso.

“Nenhum de nós pode fazer nada para acelerar a decisão dos clãs, por isso não te deixes afetar demais. Preocupa-se com o que podes modificar e deixa que o resto se resolva por si.” Dito isto, largou o pulso de Eragon.

O Cavaleiro suspirou profundamente, apoiando os antebraços em cima da mesa.

“Eu sei. O problema é que temos pouco tempo e se falharmos...”

“O que tiver que ser será!” Continuou Orik. Sorriu, mas o seu olhar era triste e vazio.

“Ninguém pode escapar dos desígnios do destino.”

“Não poderias tomar o trono através da força? Sei que não tens muitas tropas em Tronjheim. Mas como o meu apoio, quem se oporia a ti?”

Orik fez uma pausa e imobilizou a faca entre o prato e a boca. Depois abanou a cabeça e continuou a comer, dizendo entre duas garfadas:

“Um plano desses seria desastroso.”

“Porque?”

“É preciso explicar? A nossa raça virar-se-ia contra nós e, em vez de ganhar o controle da nação, herdaria um título vazio. Se tal acontecesse, não apostaria sequer uma espada quebrada nas nossas vidas.”

“Ora!”

Orik não disse mais nada ate a comida lhe desaparecer do prato. A seguir bebeu uma golada de cerveja, arrotou e regressou à conversa:

“Estamos equilibrados num trilho ventoso de uma montanha com um precipício de mil e tal metros de altura. Muitos da minha raça odeiam e temem os Cavaleiros do Dragão

pelos crimes que Galbatorix, os Renegados e agora Murtagh cometeram contra nós e muitos ainda temem o mundo para lá das montanhas, dos túneis e das cavernas onde nos escondemos.” Deu meia volta a caneca que estava em cima da mesa. “Nado e o Az Sweldn rak Anhuin só estão a piorar tudo. Jogam com os medos das pessoas e envenenam as suas mentes contra ti, contra os Varden e contra o Rei Orrin... O Az Sweldn rak Anhuin é a sùmula do que será necessário ultrapassar se eu me tornar rei. Temos de arranjar uma forma de os apaziguar e aos outros como eles, porque se vier a ser rei terei de os julgar condignamente, caso pretenda manter o apoio dos clãs. Um rei ou uma rainha esta sempre a mercê dos clãs, por muito forte que seja enquanto soberano; da mesma forma que os grimstborithn estão a mercê das famílias do seu clã.” E inclinando a cabeça para trás, Orik verteu a última gota de cerveja da caneca, pousando-a ruidosamente.

“Há algo que eu possa fazer, qualquer prática ou cerimônia que possa conduzir, para acalmar Vermûnd e os seus seguidores?” perguntou Eragon, nomeando o atual grimstborithn do Az Sweldn rak Anhuin. “Tem de existir alguma coisa que eu possa fazer no sentido de apaziguar as suas suspeitas e acabar com esta desconfiança.

Orik riu-se e levantou-se da mesa.

“Podes morrer.”

Na manhã seguinte, Eragon sentou-se e encostou se na parede curva da sala circular, muito abaixo do centro de Tronjheim, na companhia de um grupo restrito de guerreiros, conselheiros, criados e familiares dos chefes dos clãs, a quem fora garantido o privilégio de assistir as reuniões dos clãs. Os chefes dos clãs estavam sentados em pesadas cadeiras esculpidas, dispostas em torno de uma mesa circular que, tal como a maioria dos objetos em destaque nos pisos inferiores da cidade-montanha, tinham a insígnia de Korgan e do Ingeitum.

Quem falava naquele momento era Galdhiem, grimstborith do Durmgrimst Feldunost. Com pouco mais de sessenta centímetros de altura, Galdhiem tinha dimensões reduzidas mesmo para um anão. Usava uma túnica com um padrão dourado, castanho-avermelhado e azul-escuro. Ao contrário dos anões do Ingeitum, não aparava nem entrançava a barba que lhe caia sobre o peito como um arbusto emaranhado. Em pé sobre o assento da cadeira, deu um murro na mesa com o punho enluvado e rugiu:

“Eta! Narho ûdim etal os isû vond! Narho ûdim etal os formvn mendûnost brakn, az Varden, hrestvog dûr grimstnzhadn! Az Jur-genvren qathrid né domar oen etal...”

“Não...” o tradutor de Eragon, um anão chamado Hûndfast, sussurrou lhe ao ouvido. “Não vou deixar que isso aconteça, não vou deixar que estes imbecis sem barba, os Varden destruam o nosso país. A Guerra do Dragão enfraqueceu-nos e não...”

Eragon reprimiu um bocejo, enfadado, deixando o olhar vaguear livremente em torno da mesa de granito, de Galdhiem a Nado, um anão de cara redonda e cabelo cor-de-areia, que acenava aprovando o discurso intempestivo de Galdhiem, passando por Havard que limpava com uma adaga as unhas dos dois dedos que lhe restavam na mão direita; Vermûnd, com uma testa pesada, mas impenetrável debaixo do seu véu púrpura; Gannel e Ūdin, inclinados na direção um do outro a sussurrar, enquanto Hadfala, uma velha anã, chefe do Durgrimst Ebardac e terceiro membro da aliança de Gannel, franzia o sobrolho para o pergaminho coberto de runas que trazia consigo para todas as reuniões; Manndrâth, chefe do Durgrimst Ledwonnu, de perfil para Eragon, exibia um longo nariz descaído, dando efetivamente nas vistas; Thordris, grimstborith do Dûrgrimst Nagra, da qual pouco conseguia ver, a exceção do cabelo ondulado, castanho-avermelhado, que lhe caia sobre os ombros e jazia enrolado no chão, em tranças do tamanho dela; a nuca de Orik ao inclinar-se para um dos lados da cadeira; Freowin, grimstborith do Durgrimst Gedthrall, um anão imensamente corpulento, sempre de olhos postos no

bloco de madeira que esculpia com a forma de um corvo recurvado; Hreidamar, grimstborith do Durgrimst Urzhad que, ao contrário de Freowin, estava em boa forma e tinha uma aparência sólida, com os antebraços musculosos, e aparecia em todas as reuniões de armadura de escamas e elmo; e, finalmente, Íorûnn, a mulher de pele cor-de-amêndoa, desfigurada apenas por uma fina cicatriz em forma de quarto crescente na face esquerda, cabelo claro e acetinado, preso sob um elmo de prata com a forma de um lobo de dentes arreganhados, ou seja, a mulher do vestido escarlate e do colar de esmeraldas brilhantes, embutidas em quadrados de ouro com frases de runas secretas entalhadas.

Ao aperceber-se que Eragon estava a olhar para ela, Íorûnn sorriu indolentemente e piscou-lhe o olho com uma fluidez voluptuosa, escondendo um dos olhos amendoados por alguns segundos.

Eragon sentiu o sangue afluir-lhe ao rosto e ficou com as orelhas a arder. Desviando o olhar, voltou a concentrar-se em Galdhiem, ainda embrenhado no seu discurso, e de peito inchado como um pombo empertigado.

Tal como Orík lhe pedira, Eragon manteve-se impassível durante toda a reunião, escondendo as suas reações de todos os presentes. Quando a reunião do clã foi interrompida para a refeição do meio dia. Aproximou-se rapidamente de Orík e, curvando-se para que ninguém o pudesse ouvir, disse:

“Não espere por mim à tua mesa. Já estou farto de chá de banco e conversas. Vou explorar os túneis um pouco.”

Orík anuiu, aparentemente distraído, e murmurou em resposta:

“Faz como entenderes, mas vê se estás aqui quando recomeçarmos, não seria conveniente fazeres figura de irresponsável, por muito entediante que sejam estas conversas.”

“Entendido.”

Eragon esgueirou-se da sala de conferências, juntando-se a uma multidão de anões ansiosos pelo almoço, e voltou a reunir-se aos quatro guardas no corredor, que jogavam dados com guerreiros de outros clãs, também desocupados. Depois de escolher uma direção aleatória, Eragon partiu com os guardas a reboque, deixando que os seus pés o conduzissem para onde muito bem entendessem, enquanto arquitetava métodos de reunir as facções beligerantes de anões contra Galbatorix. Para seu desespero, os únicos métodos que lhe ocorreram eram tão rebuscados, que lhe pareceu absurdo sequer imaginar que pudessem ter sucesso.

Eragon não prestou muita atenção aos anões que encontrou nos túneis – limitando-se a balbuciar cumprimentos sempre que a cortesia o exigia -, nem mesmo a sua localização, confiante que Kvîstor o conduziria de regresso à sala de conferências. Mas, apesar de não estudar visualmente as imediações, em todo o seu detalhe, ele manteve contato com as mentes de todas as criaturas vivas que conseguia sentir num raio de mais de uma centena de metros, até a mais pequena aranha, aninhada atrás da teia, a um canto de uma sala, visto que evitava ser apanhado de surpresa por alguém que andasse a sua procura.

Quando parou, ficou surpreendido ao verificar que estava na mesma sala poeirenta que descobrira nas perambulações do dia anterior. A sua esquerda viu novamente os cinco arcos negros que conduziam as cavernas desconhecidas e a direita a mesma escultura, em baixo relevo, da cabeça e dos ombros do urso de dentes arreganhados. Confuso perante tal coincidência, Eragon aproximou-se da estatua de bronze e observou os caninos cintilantes do urso, refletindo sobre o que o teria atraído até ali.

Instante depois se aproximou das cinco passagens em arco e olhou através delas. O estreito corredor não tinha lanternas e, pouco depois mergulhava na penumbra suave das sombras. Projetando a sua consciência, Eragon sondou o comprimento do túnel e

algumas das câmaras abandonadas a que ele dava acesso. Os únicos habitantes eram meia dúzia de aranhas, uma série de traças, miriápodes e alguns grilos cegos.

“Tem alguém aí - gritou Eragon, ouvindo a voz ecoar no corredor num volume crescente.”

“Kvîstor,” disse Eragon, olhando-o, “não vive mesmo ninguém nestas alas antigas?”

O anão de rosto fresco respondeu:

“Algumas pessoas. Uns estranhos Knurlan para quem a solidão é mais agradável do que o toque da sua mulher ou as vozes de amigos. Foi um deles que nos avisou da aproximação do exercito de Urgals, se estás recordado, Argetlam. Apesar de não falarmos muito nisso, há ainda os que quebraram as leis da nossa terra e foram expulsos pelos chefes dos clãs, sob pena de morte, por um determinado número de anos, ou para o resto da vida, conforme a gravidade do crime. Para nós são como mortos-vivos. Se os encontrarmos fora das nossas terras os evitamos; e se os apanharmos no interior das nossas fronteiras, os enforcamos.”

Depois de Kvîstor acabar de falar, Eragon informou que estava pronto a regressar. Kvîstor tomou a dianteira e Eragon acompanhou -o através da passagem por onde tinham entrado, seguido de perto pelos outros três anões. Não tinham percorrido mais do que sei metros, quando Eragon ouviu um tênue ruído de fricção, vindo de trás. Tão tênue que Kvîstor não pareceu ouvi-lo.

Eragon olhou para trás. A luz âmbar das lanternas sem chama que ladeavam a passagem distinguiu sete anões totalmente vestidos de preto, de rosto tapado com panos escuros e pes embrulhados em farrapos, a correrem em direção ao seu grupo, a um velocidade que ele julgava ser apenas um atributo dos Elfos, dc Espectros e outras criaturas em cujo sangue a magia circulava. Na mão direita, os anões traziam longas e aguçadas adagas de laminas claras que refletiam as cores primárias e, na esquerda, um escudo redondo com um espigão aguçado na zona mais saliente. As suas mentes, tal como as dos Ra'zac, não estavam ao alcance de Eragon.

*Saphira!* foi o primeiro pensamento de Eragon; mas de imediato teve consciência de estar sozinho.

Virando-se para enfrentar os anões de negro, Eragon alcançou o punho da cimitarra, abrindo a boca para gritar um aviso.

Tarde demais.

Ao articular a primeira palavra, três dos estranhos anões agarraram o ultimo guarda de Eragon, erguendo as adagas cintilantes para o apunhalar. Antecipando a palavra ou o pensamento consciente, Eragon mergulhou todo o seu ser no fluxo da magia e, sem recorrer a língua antiga para estruturar o feitiço, reconstruiu o tecido do mundo num padrão mais aprazível para ele, e os três guardas que estavam entre ele e os atacantes voaram na sua direção como se fossem puxados por fios invisíveis, aterrizando a seus pés, ilesos e desorientados.

Eragon vacilou com a brusca quebra de energia.

Dois dos anões de negro correram na sua direção, tentando golpeá-lo na barriga com as adagas sedentas de sangue. De espada em punho, Eragon aparou ambos os golpes, impressionado com a velocidade e a ferocidade dos anões. Um dos seus guardas saltou para a frente, gritando e brandindo o machado aos pretensos assassinos. Mas, antes que Eragon conseguisse agarrá-lo pela armadura de escamas e puxá-lo de novo para uma posição segura, uma lamina brilhante e ondulante como uma chama espectral atingiu-lhe o pescoço de tendões salientes. Quando o anão caiu, Eragon olhou para o seu rosto desfigurado e ficou chocado ao ver que era Kîvstor e que a sua garganta brilhava em tons de vermelho como ferro fundido, a medida que a adaga a despedaçava.

*Não posso deixar que me façam um único arranhão,* pensou Eragon.

Enfurecido pela morte de Kvîstor, Eragon golpeou o assassino com uma velocidade tal que o anão de negro não teve qualquer hipótese de evitar o golpe, caindo morto a seus pés.

E o Cavaleiro gritou com todas as suas forças:

“Fiquem atrás de mim!”

Finas rachaduras surgiram no chão e nas paredes, enquanto flocos de pedra se desprendiam do teto, a medida que a sua voz ecoava pelo corredor. Os anões vacilaram perante o poder incutido na sua voz, mas, depois, retomaram a ofensiva.

Eragon recuou alguns metros para aumentar o espaço de manobra e se desembaraçar dos corpos, agachando-se ligeiramente e brandindo a cimitarra para trás e para frente, como uma cobra prestes atacar. O coração batia o dobro da velocidade normal e embora a luta se tivesse iniciado há pouco, já se sentia ofegante. O corredor tinha dois metros e meio de largura, o suficiente para que três dos seus inimigos o atacassem em simultaneamente. Os anões espalharam-se: enquanto dois o tentavam flanquear, a direita e a esquerda, o terceiro atacava-o de frente, com o objetivo de o golpeá-lo nos braços e nas pernas a uma velocidade louca.

Receoso de lutar com os anões, como se eles empunhasse armas normais, Eragon tomou balanço, saltou para a frente, deu meia volta, tocou no teto com os pés, projetou-se de novo para frente, deu outra meia volta e caiu sobre as mãos e os pés, cerca de um metro atrás dos anões. No instante em que estes se viraram, ele avançou e decapitou-os a todos com um único golpe, da esquerda para a direita.

As adagas caíram ruidosamente ao chão pouco antes das cabeças.

Saltando por cima dos corpos mutilados, Eragon torceu-se no ar e aterrou no mesmo local onde iniciara a luta, mas nem por isso cedo demais.

Sentindo uma corrente de ar no pescoço, ele distinguiu a ponta de uma adaga passar-lhe rente a garganta. Depois viu uma outra lâmina golpear-lhe o fundo das pernas, rasgando-as. Retraiu-se e brandiu a cimitarra, na tentativa de recuperar espaço para lutar. *As minhas proteções deviam ter desviado as facas!* refletiu surpreendido.

E deixou escapar um grito involuntário ao pisar numa poça de sangue escorregadio, perder o equilíbrio e cair para trás. A cabeça; bateu no chão de pedra, emitindo um ruído horrível. Viu luzes azuis brilhar a frente dos olhos. Ofegou.

Os três guardas que tinham escapado saltaram por cima dele brandindo os machados em unísono e desimpedindo o espaço em frente a Eragon, o que o salvou da investida das adagas cintilantes.

Era tudo o que ele precisava para se recuperar. Levantou-se, zangado consigo mesmo por não ter lembrado disso mais cedo, lançou um feitiço que continha nove das doze palavras de morte que Oromis lhe ensinara. Todavia abandonou-o, instantes depois de libertar a magia na medida em que os anões de negro estavam protegidos com inúmeras defesas. Se tivesse alguns minutos, teria conseguido esquivar-se ou quebrar as proteções. No entanto, naquela batalha minutos seriam como dias e cada segundo parecia uma hora. Ao ver que a magia falhara, Eragon endureceu a mente como uma lança de ferro, projetando-a para o local onde a consciência de um dos anões de negro deveria estar. No entanto, a lança escorregou numa armadura mental como Eragon jamais encontrara: lisa e sem qualquer brecha, aparentemente incólume as preocupações próprias de criaturas mortais envolvidas num combate letal.

*Há alguém que os está protegendo,* concluiu Eragon. *Há outros seres por detrás deste ataque, para além destes sete anões.*

Girando sobre um pé, Eragon lançou-se para a frente, trespassando o joelho do atacante, que estava mais a esquerda, fazendo-o sangrar. O anão cambaleou e os guardas de



Eragon convergiram sobre ele, agarrando-o nos braços, para que não pudesse manejar a sua medonha adaga e atacando-o com os machados curvos.

Os dois atacantes mais próximos ergueram os escudos, antecipando o golpe que Eragon estava prestes a dirigir contra eles. Reunindo todas as forças, Eragon golpeou o escudo com a intenção de o cortar ao meio, com o braço por baixo, como tantas vezes fizera com Zar'roc. Mas, na febre da batalha, esqueceu-se de ter em conta a inexplicável velocidade dos anões. Quando a cimitarra se aproximava do alvo, o anão inclinou o escudo para desviar o golpe para o lado.

Duas faíscas irromperam a superfície do escudo, no instante em que a cimitarra tocou na parte de cima do escudo e no espigão de aço central. O impulso arremessou a cimitarra para mais longe do que Eragon queria; pelo que esta continuou a cortar o ar até bater com o gume contra uma parede, fazendo estremecer o braço de Eragon. Com um ruído cristalino, a lamina da cimitarra estilhaçou-se numa dezena de cacos, deixando-o com um espigão irregular de metal de quinze centímetros a sair do cabo.

Apavorado, Eragon largou a espada partida e agarrou as bordas do escudo redondo do anão, avançando e recuando enquanto lutavam, na tentativa de manter o escudo entre ele e a adaga adornada; com uma aureola transparente de cores. O anão era incrivelmente forte e igualava os esforços de Eragon, fazendo-o até recuar um pouco. Soltando a mão direita do escudo, mas ainda agarrando com a esquerda, Eragon puxou o braço para trás e bateu-lhe com toda a força, rompendo o aço temperado como se fosse de madeira podre. Graças as calosidades que tinha nos nós dos dedos, ele não sentiu qualquer dor no impacto.

A força do embate projetou o anão contra a parede oposta. Este caiu no chão, com a cabeça a balançar no pescoço mole, semelhante a uma marionete a qual tivessem cortado os fios.

Eragon tirou a mão do buraco recortado no escudo, arranhando-se no metal retorcido, e desembainhou a faca de mato.

Foi então que o último dos anões de negro o atacou. Eragon aparou a adaga duas... e três vezes. Depois cortou a manga almofadada do anão, abrindo-lhe o braço que segurava a arma desde o cotovelo ao pulso. Gritando de dor, o anão fitou-o através da máscara de tecido, com uns olhos azuis furiosos. Em seguida, iniciou uma série de golpes, fazendo silvar a adaga no ar a uma tal velocidade, que ela se tornava praticamente invisível a olho nu, o que forçou Eragon a saltar para se desviar do gume letal. O anão voltou à carga. Eragon conseguiu esquivar-se ao longo de alguns metros até bater com o calcanhar num corpo. Ao tentar contorná-lo tropeçou e foi contra uma parede, machucando o ombro.

Soltando uma gargalhada cruel, o anão prosseguiu, desferindo um golpe descendente em direção ao peito de Eragon. Após erguer o braço numa tentativa inútil de se proteger, Eragon se arrastou pelo corredor, apercebendo-se que, daquela vez, a sorte o tinha abandonado e não conseguiria escapar.

Depois de uma volta completa e voltando a ficar momentaneamente com o rosto virado para o anão, Eragon viu de relance a adaga a descer em direção a si, como um relâmpago caído do céu. Entretanto, para sua surpresa, a ponta da adaga tocou numa das lanternas sem chama, colocada na parede, e Eragon arrastou-se para longe, sem conseguir ver mais nada. Passados alguns instantes foi como se uma mão escaldante o atacasse por trás, atirando-o a uns bons seis metros ao longo da parede, até bater em no canto de uma entrada em arco, daí resultando instantaneamente mais uma série de arranhões e escoriações. Ouviu uma explosão ensurdecadora, tapando os ouvidos, e enrolou-se em forma de novelo a gritar. Era como se alguém lhe introduzisse estilhaços nos tímpanos.

Quando o ruído e a dor abrandaram, Eragon baixou as mãos ergueu-se cambaleante, cerrando os dentes logo que os ferimentos se denunciaram, através de uma miríade de sensações desagradáveis. Estonteado e confuso, olhou para o local da explosão.

Três metros do corredor estavam cobertos de fuligem negra por causa da explosão. Suaves flocos de cinza fluíam numa atmosfera tão quente como a de uma forja aquecida. O anão que estivera a ponto de o atacar permanecia caído no chão, a estremecer, coberto de queimaduras. Depois de mais algumas convulsões ficou imóvel. Os três guardas sobreviventes estavam caídos no limiar da fuligem, para onde a explosão os projetara. No momento em que os olhou, levantaram-se cambaleantes, com sangue a escorrer-lhes dos ouvidos, de boca aberta e barba chamuscada, num perfeito torvelinho. As uniões ao longo dos rebordos da armadura de escamas brilhavam numa tonalidade vermelha, mas a armadura de couro, parecia tê-los protegido dos efeitos nocivos do calor.

Eragon deu um passo em frente e, de imediato, parou e gemeu ao sentir uma dor crescente entre as omoplatas. Ainda tentou torcer o braço para apalpar a extensão do ferimento, mas ao esticar a pele, a dor tornou-se demasiado intensa. Prestes a perder a consciência, apoiou-se numa parede. Voltou a olhar para o anão queimado. *Devo ter sofrido ferimentos semelhantes nas costas.*

Fazendo um esforço para se concentrar, recitou dois dos feitiços destinados a curar queimaduras que Brom lhe ensinara durante as suas viagens. Mal produziram efeito, foi como se tivesse água fresca a correr-lhe pelas costas. Suspirou de alívio e endireitou-se.

“Estão feridos?” perguntou, enquanto os guardas caminhavam pesadamente.

O anão da frente franziu o sobrolho, tocou de leve na orelha direita e abanou a cabeça. Eragon praguejou em voz baixa e, nesse momento, percebeu que não conseguia ouvir a sua voz. Recorrendo, mais uma vez, às reservas de energia do corpo lançou um feitiço para restabelecer o mecanismo interno dos seus ouvidos e dos anões. Quando o encantamento terminou, sentiu uma comichão irritante nos ouvidos, que foi desaparecendo com o feitiço.

“Estão feridos?”

O anão da direita, musculoso e com a barba bifurcada, tossiu e cuspiu uma pasta de sangue coagulado, dizendo:

“Nada que o tempo não cure. E você, Matador de Espectros?”

“Não morro desta.”

Testando o chão a cada passo, Eragon penetrou na área escurecida pela fuligem e ajoelhou-se junto de Kîvstor, na esperança de ainda conseguir salvar o anão das garras da morte. Todavia, assim que voltou a ver o ferimento, percebeu que não seria possível. Eragon baixou a cabeça, atormentado com a memória de todo o sangue derramado. A seguir, levantou-se.

“Porque explodiu a lanterna?”

“Estão cheias de calor e de luz, Argetlam,” respondeu um dos guardas. “Quando se partem, todo o conteúdo se escapa de uma só vez; pelo que é melhor não estar por perto.”

Apontando para os corpos destroçados dos atacantes, Eragon perguntou:

“Sabes de que clã são eles?”

O anão com a barba bifurcada revistou as roupas de vários dos Anões de negro e respondeu:

“Barzul! Não tem marcas que os permitam reconhecer, Argetlam, mas trazem isto,” e ergueu uma pulseira de crina de cavalo entrançada, com ametistas polidas.

“O que significa isso?”

“Esta ametista ,” explicou o anão, segurando uma com a unha coberta de fuligem, “aliás esta variedade de ametistas existe apenas em quatro zonas das Montanhas Beor e três delas pertencem ao Az Sweldn rak Anhuin.

Eragon franziu a sombrancelha.

“Foi o Grimstborith Vermund que ordenou este ataque?”

“Não posso afirmá-lo com certeza, Argetlan. Talvez um outro clã tenha deixado a pulseira para que encontrássemos. Podem querer que pensemos que foi o Az Sweldn rak Anhuin, dessa forma não saberemos quem são realmente nossos inimigos. Contudo... se tivesse de fazer uma aposta, arriscava um carrinho de mão com ouro em como a responsabilidade é de Az Sweldn rak Anhuin.”

“Malditos sejam!” murmurou Eragon. “Quem quer que fossem, malditos sejam!” E cerrou os punhos para impedir que tremessem. Tocou numa das adagas prismáticas dos assassinos, com o lado da bota. “Os feitiços nestas armas e nós... Homens,” disse, apontando com o queixo. “Homens, anões, ou seja lá o que eram, devem ter exigido uma enorme quantidade de energia. Não consigo sequer imaginar a complexidade. Deve ter sido muito difícil e perigoso lançá-los...” Eragon olhou para cada um dos guardas e acrescentou: “São minhas testemunhas juro-vos que não deixarei impune este ataque, nem a morte de Kîvstor. Seja qual for o clã, ou os clãs que tenham enviado estes assassinos pestilentos, logo que conheça os seus nomes, arrepender-se-ão de planejar atacar-me, ou ao Durgrimst Ingeitum através de mim. Juro-vos enquanto Cavaleiro do Dragão e membro do Durgrimst Ingeitum. E se alguém vos fizer alguma pergunta sobre o assunto, repitam-lhes a minha promessa, exatamente nos termos em que a estou a fazer neste momento.”

Os anões fizeram-lhe uma confirmação e o da barba bifurcada replicou:

“Faremos o que ordenares, Argetlam. As tuas palavras honram a memória de Hrothgar.”

Em seguida, outro dos anões disse:

“Fosse qual fosse o clã, violaram a lei da hospitalidade, atacando um convidado. São piores que ratazanas, são menknurlan,” e cuspiu no chão; outros anões cuspiram também.

Eragon caminhou até ao local onde estavam os restos da sua cimitarra. Ajoelhou-se na fuligem e tocou num dos fragmentos de metal com a ponta do dedo, percorrendo as arestas irregulares. *Devo ter atingido o escudo e a parede com tanta força, que quebrei os feitiços que usei para reforçar o aço,* pensou ele.

E, de imediato, refletindo:

*Preciso de uma espada.*

*Preciso de uma espada de Cavaleiro.*



## UMA QUESTÃO DE PERSPECTIVA

A brisa cálida da manhã sobre a planície, totalmente diferente da brisa cálida da manhã sobre as colinas, mudou de direção.

Saphira ajustou o ângulo das asas para compensar as alterações de velocidade e pressão do ar que suportavam o seu peso, a milhares de metros da terra banhada pelo sol. Fechou por instantes as pálpebras duplas, usufruindo da cama macia de vento e do calor dos raios de sol da manhã, que se derramavam sobre o seu corpo vigoroso. Imaginou quão intensamente a luz a faria cintilar as suas escamas e quão maravilhados ficariam os que a viam descrever círculos no céu, gemendo de prazer, satisfeita por saber que era a criatura mais maravilhosa da Alagaësia. Quem poderia igualar a beleza das suas escamas. Da usa cauda longa e afiada; das suas asas tão delicadas e elegantes; das suas garras curvas; dos seus caninos brancos, capazes de cortar de uma vez só o pescoço de um touro selvagem? Nem Glaedr-das-escamas-douradas, que perdera uma pata durante a Queda dos Cavaleiros, nem Thorn ou Shruikan, pois ambos eram escravos de Galbatorix e a sua submissão forçada distorcera-lhes a mente. Dragão que não fosse livre não era um verdadeiro dragão. Além disso, eles eram machos e embora parecessem majestosos, não conseguiam incorporar a mesma beleza que ela. Ela era a criatura mais impressionante da Alagaësia, tal como deveria ser.

Saphira meneava de satisfação desde a nuca até a ponta da cauda. Aquele era um dia perfeito. O calor do sol fazia-a sentir como se permanecesse deitada sobre o leito de brasas. Tinha a barriga cheia, o céu estava limpo e não havia nada para fazer com a exceção de vigiar uma possível aproximação dos inimigos com a intenção de lutar, algo que, aliás, fazia por hábito.

Havia apenas um senão na sua felicidade, um profundo senão e quanto mais pensava nele, mais triste ficava, até sentir que já não estava satisfeita. Gostaria que Eragon estivesse ali para partilhar a sua companhia. Gemeu e libertou um suave jato de chamas azuis por entre as maxilas, queimando o ar à sua frente. Depois, contraiu a garganta, cortando o fluxo de fogo líquido. Sentiu um formigamento na língua das chamas que passaram sobre si. Quando Eragon, companheiro da sua mente e coração, iria contactar Nasuada de Tronjheim e pedir que ela, Saphira, se reunisse a ele? Encorajara Eragon a obedecer a Nasuada e a viajar para as montanhas mais altas que os seus vãos, mas passara muito tempo e Saphira sentia-se fria e vazia no seu mais profundo íntimo.

*Há uma sombra no mundo, pensou ela. É isso que me tem preocupado. Passa-se algo de errado com Eragon. Ou está em perigo ou esteve recentemente e eu não posso ajudá-lo.* Ela não era um dragão selvagem. Partilhara toda a sua vida com Eragon desde que nascera e sem ele, tornava-se apenas uma parte de si. Se ele morresse por ela lá não estar para o proteger, não teria qualquer razão para viver, a não ser vingar a sua morte. Sabia que destruiria os assassinos. Depois voaria para a cidade negra do traidor destruidor de ovos, que a mantivera prisioneira durante tantas décadas e faria tudo para o matar, mesmo que isso significasse a sua morte certa.

Saphira gemeu de novo e tentou abocanhar um pequeno pardal que teve a triste idéia de voar ao alcance dos seus dentes. Falhou e o pardal esquivou-se dela, seguindo ileso o seu caminho, o que só serviu para agravar o seu péssimo estado de espírito. Por instantes pensou em perseguir o pardal; mas concluiu que não valia a pena incomodar-se com tão insignificante monte de ossos e penas. Nem para merenda servia. Inclinando-se para o vento e balançando a cauda na direção oposta com o intuito de facilitar a rotação, virou-se ao contrário, estudando o solo longínquo e todas as coisas pequenas e

fugidias que se tentavam esconder do seu olhar de caçadora. Mesmo a milhares de metros de altitude, conseguia contar o número de penas existentes no dorso de um falcão de galinhas, que planava sobre os campos de trigo, a Oeste do Rio Jiet; distinguia a mancha de pêlo castanho de um coelho que corria para a segurança da toca; distinguia uma pequena manada de veados, encolhidos debaixo dos ramos de arbustos, ao longo de um afluente do rio Jiet; e ouvia os guinchos agudos dos animais assustados a avisarem os irmãos da sua presença. Aqueles sons agitados agradavam-lhe. Fazia todo o sentido que a sua comida a temesse. Se alguma vez fosse ela a temê-la, sabia ter chegado a sua hora.

Uma légua mais acima, os Varden acumulavam-se junto ao Rio Jiet, como um rebanho de veados vermelhos próximo de um penhasco. Tinham chegado ao ponto de travessia no dia anterior e, desde então, um terço dos homens que eram amigos, Urgals que eram amigos e cavalos que não podia comer atravessara o rio através dos baixios. O exercito movia-se tão lentamente que, por vezes, ela se interrogava como teriam os Humanos tempo para fazer mais do que viajar, com vidas tão curtas. *Seria muito melhor se pudesse voar*, pensou ela, perguntando-se porque não teriam optado por essa aptidão. Voar era tão fácil, que ela não encontrava quaisquer motivos para alguma criatura ficar presa ao solo. Mesmo Eragon que continuava unido ao chão macio e duro, quando sabia que se poderia reunir a ela no céu a qualquer momento, bastando-se meia dúzia de palavras na língua antiga. Na verdade, nem sempre entendia as atitudes dos que se arrastavam pela terra em cima de duas pernas, tivessem orelhas redondas, bicudas, chifres ou estaturas tão pequenas que os conseguisse esmagar com uma pata.

Um ligeiro movimento a Nordeste chamou-lhe a atenção e, curiosa, virou naquela direção. Viu uma linha de quarenta e cinco cavalos exaustos, que a custo avançavam na direção dos Varden. A maioria dos animais não tinha cavaleiro; por isso, só meia hora depois, ao distinguir o rosto dos homens sentados nas selas ocorreu-lhe que o grupo de Roran poderia estar a regressar do ataque surpresa. Pensou no que poderia ter acontecido para estarem em número tão reduzido e momentaneamente sentiu uma pontada de desconforto. Não era muito próxima de Roran, mas Eragon o estimava e isso era razão suficiente para se preocupar com o seu bem-estar.

Projetando a consciência na direção dos desorganizados Varden, procurou até encontrar a musicalidade da mente de Arya e, logo que o elfo a reconheceu e lhe permitiu acesse aos seus pensamentos, Saphira disse:

*Roran regressará ao fim da tarde, mas a sua companhia está em mau estado e muito enfraquecida. Algo de muito ruim aconteceu nesta viagem.*

*Obrigada, Saphira*, disse Arya. *Vou informar Nasuada.*

Ao retirar-se da mente de Arya, Saphira sentiu o toque indagador de Blödhgarm do pêlo azul escuro de lobo.

*Não sou nenhum filhote*, protestou ela. *Não precisa verificar como estou de dois em dois minutos.*

*As minhas mais humildes desculpas, Bjartskular. Já estava ausente há bastante tempo e se alguém estiver atento, vão indagar porque motivo tu e...*

*Sim, eu sei*, rugiu ela. Diminuindo a amplitude das asas, inclinou-se para baixo e foi deixando de sentir o peso, à medida que girava em lentas espirais, mergulhando na direção do rio túrgido. *Estarei aí daqui a pouco.*

A cerca de trezentos metros acima da água, Saphira abriu as asas e sentiu a imensa pressão do vento contra as membranas de vôo. Abrandou até quase parar, e depois, agitou o ar com as asas e acelerou mais uma vez, deslizando a menos de trinta metros da água castanha que não era boa para beber. Ocasionalmente movimentava as asas para manter a altitude e voou rio acima, atenta às súbitas oscilações de pressão que

infestavam o ar fresco sobre águas em movimento, que a poderiam empurrar em direções inesperadas, ou pior do que isso, na direção de árvores aguçadas e bicudas, ou do solo quebra ossos.

Planou a uma razoável altitude dos Varden, reunidos junto do rio. Alto o suficiente para que a sua chegada não assustasse, desnecessariamente, os palermas dos cavalos. Depois, pairando em sentindo descendente, de asas imobilizadas, aterrou numa clareira entre tendas – uma clareira que Nasuada ordenara que reservassem só para ela –, atravessando o acampamento até à tenda vazia de Eragon onde Blödhgarm e os outros onze Elfos sob o seu comando a aguardavam. Piscou os olhos, agitou a língua para os saudar e enroscou-se em frente à tenda de Eragon, resignando-se a dormir e a esperar pelo anoitecer – tal como faria se Eragon estivesse mesmo na tenda e andassem em missões de vôo noturno. Era um trabalho monótono e entediante, permanecer ali deitada, dia após dia.

Todavia era necessário manter a farsa de que Eragon ainda estava com os Varden. Por isso, Saphira não reclamava, mesmo que depois de doze horas, ou mais, passadas no chão áspero e duro a sujar as escamas, sentisse vontade de lutar contra mil soldados, arrasar uma floresta com dentes, as garras e o fogo, dar um salto e voar até não poder mais, ou chegar ao fim do mundo, da água e do ar.

Gemendo interiormente, raspou o chão com as garras para o alisar, pousando a cabeça sobre as patas dianteiras e fechando as pálpebras interiores, no sentido de descansar e, ao mesmo tempo, ver quem passava. Uma Dragonfly zumbiu por cima da sua cabeça e ela interrogou-se – como de resto, já o tinha feito por diversas vezes – porque teria um mentecapto qualquer batizado o inseto com o nome da sua raça. “Não se parece nada com um dragão”, resmungou ela, mergulhando logo num sono leve.

A grande bola de fogo no céu estava próxima do horizonte quando Saphira ouviu berros e gritos de boas-vindas, o que significava que Roran e os seus camaradas de armas tinham chegado ao acampamento. Por isso, levantou-se.

Tal como já o fizera, Blödhgarm lançou um feitiço meio cantado, meio suspirado, que gerava uma presença etérea semelhante à Eragon. O elfo fazia-a sair da tenda e subir para o dorso de Saphira, onde permanecia sentada a olhar ao redor. Uma perfeita imitação de vida independente. Visualmente, a aparição era perfeita, mas não tinha mente e se algum dos agentes de Galbatorix tentasse esquadriñar os pensamentos de Eragon, descobriria de imediato toda aquela estratégia. Portanto, o sucesso do plano dependia de Saphira, que tinha de transportá-la através do acampamento e, a seguir, para fora do alcance da visão, o mais rapidamente possível; na esperança que a reputação de Eragon fosse tão formidável, ao ponto de desencorajar os observadores clandestinos a sondarem a sua consciência, na tentativa de recolherem informações sobre os Varden, perante o receio da vingança.

Saphira andou pelo acampamento, com os doze Elfos a correrem em formação junto dela. Os homens desviavam-se do caminho, gritando:

“Salve, Matador de Espectros! Salve, Saphira!”, o que lhe provocava uma espécie de calor na barriga.

Logo que chegou à crisálida de borboleta vermelha de asas dobradas de Nasuada, Saphira agachou-se e enfiou a cabeça no intervalo escuro ao longo de uma das paredes, onde os guardas de Nasuada tinham puxado para o lado um painel de tecido, dando-lhe, assim, acesso ao interior. Blödhgarm entoou novamente o seu canto suave e a aparição de Eragon desmontou de Saphira, entrou na tenda carmesim e dissolveu-se mal ficou fora do alcance dos observadores apatetados, que se encontravam no exterior.

“Acha que a nossa estratégia foi descoberta?” perguntou Nasuada, da sua cadeira de costas altas.

Blödhgarm curvou-se num gesto elegante:

“Volto a dizer, Lady Nasuada, não sei ao certo. Teremos de esperar e verificar se o Império atua tirando todo o partido da ausência de Eragon, antes de respondermos a essa questão.”

“Obrigada, Blödhgarm. Por agora, é tudo”, fazendo outra vênia, o elfo retirou-se da tenda e ficou a vários metros de Saphira, guardando-lhe o flanco.

Saphira retirou-se sobre o ventre e começou a lamber as escamas, em torno da terceira garra da pata dianteira esquerda, onde se tinha acumulado barro branco que se recordava de ter pisado ao matar a última presa.

Menos de um minuto depois, Martland Barba Ruiva, Roran e um homem de orelhas redondas, que ela não reconheceu, entraram na tenda vermelha e saudaram Nasuada com uma vênia. Saphira fez uma pausa na higiene no sentido de desgastar o ar com a língua, distinguindo o fedor a sangue seco, o odor almiscarado do suor, o cheiro a cavalo e a couro e, misturado com tudo isso, vago mas ainda assim inconfundível, o odor provocante do medo humano. Voltou a examinar os três homens e verificou que o homem de longas barbas ruivas perdera a mão direita. A seguir, voltou a esgravatar o barro em torno das escamas.

Saphira continuou a lamber a pata, devolvendo a cada escama o seu brilho imaculado. Enquanto isso, Martland, o homem de orelhas redondas que era Ulhart e Roran por último, descreveram uma história de sangue, fogo, homens que riam e se recusavam a morrer mesmo quando chegava a sua hora, continuando a lutar, muito depois de Angvard os ter chamado. Como habitualmente, Saphira permaneceu em silêncio, enquanto os outros – sobretudo Nasuada e o seu conselheiro, Jörmundur, o homem alto de rosto delgado – interrogavam os guerreiros sobre os detalhes da fatídica missão. Saphira sabia que Eragon por vezes ficava intrigado por ela não participar mais nas conversas. O motivo do seu silêncio era simples: à exceção de Arya e Glaedr, ela preferia se comunicar apenas com Eragon. Na sua opinião, a maioria das conversas não passavam de ruído inútil. Os duas-pernas eram viciados nesse estardalhaço, tivessem eles orelhas redondas ou pontudas, fossem eles chifrudos ou baixotes. Brom não fazia espalhafato e isso era algo que Saphira apreciava nele. Para ela as escolhas eram simples: ou podia fazer algo para melhorar a situação e, nesse caso, interviria, ou não podia e tudo o que se dissesse sobre o assunto seria mero barulho sem qualquer sentido. Fosse como fosse, não se preocupava com o futuro, exceto quando Eragon estava envolvido. Com ele preocupava-se sempre.

Quando as questões terminaram, Nasuada apresentou as condolências a Martland, pela perda da mão, dispensou-o assim como a Ulhart, mas deixou Roran ficar e disse-lhe:

“Voltou a demonstrar a sua bravura, Martelo Forte. Estou muito satisfeita com as tuas proezas.”

“Obrigado, Senhora.”

“Os nossos melhores curandeiros cuidará de Martland, mas ele precisará de algum tempo para recuperar do ferimento. Mesmo depois, não poderá comandar ataques surpresa como este, apenas com uma mão. De hoje em diante, passará a servir os Varden à retaguarda e não na frente de batalha. Talvez o promova e faça dele um dos meus conselheiros de guerra. Jörmundur, o que acha desta idéia?”

“Me parece uma excelente idéia, Senhora.”

Nasuada anuiu, mostrando-se satisfeita.

“Mas, isso significa que terei de arranjar um outro capitão às ordens de quem possa servir, Roran.”

E ele respondeu:

“E se fosse eu a comandar, Senhora? Não constituem estes dois assaltos juntamente com os meus feitos passados, provas suficientes?”

“Se continuar a se distinguir como o fez até agora, Martelo Forte, ganhará o seu comando muito em breve. Contudo, terá de ser paciente e aguardar um pouco mais. Duas missões, por muito impressionantes que sejam, podem não revelar o caráter de um homem em toda a sua extensão. Sou uma pessoa cautelosa quando se trata de confiar o meu povo, Martelo Forte. Nisto terá de me fazer a vontade.”

Roran apertou a cabeça do martelo enfiado no cinto, até ficar com as veias e os tendões da mão salientes; no entanto, conservou um tom educado.

“Claro, Lady Nasuada.”

“Muito bem. Um soldado de infantaria, ainda hoje, te informará a sua nova missão. E trate de comer uma boa refeição, depois de você e Katrina celebrarem o reencontro. É uma ordem, Martelo Forte. Está com ar de quem vai cair para o lado a qualquer momento.”

“Senhora.”

Quando Roran se preparava para sair, Nasuada ergueu a mão e disse:

“Roran”, ele parou. “Agora que já lutou com esses homens que não sentem dor, acha que seria mais fácil vencê-los se arranjássemos o mesmo tipo de proteção contra as agonias da carne?”

Ele hesitou e, em seguida, balançou a cabeça.

“A sua força é a sua fraqueza. Não se protegem como o fariam se temessem o golpe de uma espada ou a agulhada de uma flecha, por isso são descuidados com as suas vidas. É verdade que conseguem lutar, muito depois de um homem vulgar ter caído morto e essa é uma vantagem importante numa batalha. No entanto, também morrem em maior número, ao não protegerem o corpo como deviam. Perante aquela confiança entorpecida, caem em armadilhas e correm riscos que qualquer um de nós faria de tudo para evitar. Desde que a moral dos Varden se mantenham elevada, creio que recorrendo às táticas mais adequadas, conseguiremos vencer estes monstros das gargalhadas. Se fôssemos como eles, matávamos-nos uns aos outros e nenhum se importaria, pois não haveria qualquer instinto de preservação. É o que penso.”

“Obrigada, Roran.”

Quando ele saiu, Saphira indagou, *Não há notícias de Eragon?*

Nasuada balançou a cabeça.

“Não, não há notícias dele, ainda, e o silêncio começa a me preocupar. Se depois de amanhã não nos tiver contatado, peço a Arya que envie uma mensagem a um dos feiticeiros de Orík, exigindo um relatório. Se Eragon não conseguir apressar o desfecho da reunião dos clãs dos Anões, receio que não possamos continuar a ter os Anões como aliados em batalhas futuras. A única vantagem de um resultado tão desastroso seria Eragon poder regressar, sem mais demoras.”

Quando Saphira se preparava para abandonar a crisálida vermelha, Blödhgarm invocou mais uma vez a aparição de Eragon, colocando-a no dorso de Saphira. Em seguida, Saphira retirou a cabeça dos confins da tenda e, tal como fizera, atravessou o acampamento, com os ágeis Elfos a acompanharem-lhe o passo, ao longo de todo o percurso.

Logo que chegou à tenda de Eragon e o espectro colorido dele desapareceu no interior dos aposentos, Saphira deitou-se no chão, resignando-se a esperar o resto do dia e a suportar uma infundável monotonia. Contudo, antes de retomar a sesta relutante, projetou a sua mente até à tenda de Roran e Katrina pressionando a mente de Roran até este baixar as barreiras em torno da sua consciência.



*Saphira?* perguntou ele.

*Conhece mais alguma?*

*Claro que não. Me pegou de surpresa. Estou... Mais ou menos ocupado neste momento.*

Saphira estudou as cores das emoções dele, bem como as de Katrina, ficando muito divertida com o que descobrira.

*Queria apenas te dar as boas-vindas. Fico contente por não ter ficado ferido.*

Os pensamentos de Roran relampejavam em flashes rápidos, quentes, desorganizados e frios. Ele parecia ter dificuldade em articular uma resposta coerente, até que finalmente disse:

*É muito amável da tua parte, Saphira.*

*Se puder, me visita amanhã, para podermos falar com mais calma. Estou impaciente, aqui, sentada dia após dia. Talvez possa me contar como Eragon era antes de eu nascer para ele.*

*Será... uma honra para mim.*

Satisfeita por ter cumprido as exigências de cortesia das duas pernas de orelhas redondas, dando as boas-vindas a Roran e reconfortada com a idéia de que o dia seguinte não seria tão aborrecido – já que era impensável alguém recusar um pedido de audiência seu -, Saphira instalou-se o mais confortavelmente possível sobre a terra, desejando como tantas vezes lhe acontecia, o ninho fofo que possuía na casa da árvore açoitada pelo vento de Eragon, em Ellesméra. A seguir, suspirou, deixando escapar uma baforada de fumo. Adormeceu e sonhou que voava mais alto que nunca.

Batia as asas, sem parar até ultrapassar os picos inacessíveis das Montanhas Beor. Aí voou em círculos durante algum tempo, contemplando Alagaësia que se estendia à sua frente. Depois, invadida por um desejo incontrollável de voar ainda mais alto e sentir até onde poderia ir, voltou a bater as asas e, numa fração de segundos, planou rente à lua brilhante, até o firmamento negro só a exibir juntamente com as estrelas prateadas. Pairou pelos céus por um período indeterminado, como se fosse a rainha daquele mundo cintilante, semelhante a uma pedra preciosa, lá em baixo. Depois a inquietação invadiu-lhe a alma e ela gritou em pensamento:

*Onde você está, Eragon?*



## BEIJE-ME DOCEMENTE

Acordando, Roran se livrou dos braços suaves de Katrina e sentou-se, sem camisa, na beirada da cama que estavam dividindo. Ele bocejou e esfregou os olhos, então, contemplou a luz que o fogo na entrada providenciava, se sentindo chateado e tonto com uma exaustão acumulada. Um calafrio percorreu seu corpo, mas ele continuou onde estava, imóvel.

“Roran?” Katrina o chamou com uma voz de sono. Ela se apoiou num braço e o alcançou com o outro. Ele não reagiu quando ela o tocou, deslizando suas mãos pela sua costa, e, massageando-lhe o pescoço, aconselhou:

“Durma, você precisa descansar. Você não demorará a ir embora novamente.”

Ele balançou a cabeça, sem olhar para ela.

“O que foi?” ela perguntou. Sentada eretamente, ela puxou o cobertor sobre seus ombros, e então se inclinou na direção dele, apoiou sua bochecha quente contra seu braço.

“Você está preocupado sobre seu novo capitão ou onde Nasuada poderá te mandar em seguida?”

“Não.”

Katrina ficou em silêncio por um tempo.

“Toda vez que você sai, eu sinto como que menos de você voltasse para mim. Você está se tornando tão sério e quieto... Se você quiser me contar o que está lhe causando problemas, você pode, você sabe. Não importa o quão terrível isso pode ser. Sou filha de um açougueiro, e eu já vi muitos homens caírem na batalha para não se levantar nunca mais.”

“Querer!” Roran exclamou, engasgando-se na palavra. “Eu nunca mais quero pensar sobre isso.” Ele cerrou seus punhos, sua respiração incerta:

“Um verdadeiro guerreiro não se sentiria como eu.”

“Um verdadeiro guerreiro...” ela disse “...não luta porque quer, e sim porque precisa. Um homem que anseia pela guerra, um homem que gosta da sua matança, é um selvagem, um monstro. Não importa quanta glória ele consiga na batalha não pode apagar o fato que ele não é melhor que um lobo raivoso, que irá se voltar contra seus amigos e sua família tão cedo como contra seus inimigos.” Ela tirou o cabelo que estava sobre a testa dele, passou a mão em sua cabeça, leve e vagarosamente.

“Você uma vez me contou, que ‘A Canção de Gerand’ era sua favorita dentre as histórias de Brom. É por isso que luta com um martelo, no lugar de uma lâmina. Lembre-se como ele não gostava de matar. Lembre-se o quão relutante ele estava para pegar em armas novamente. Você se lembra?”

“Hmm hum.”

“E, ainda assim, ele era considerado o melhor guerreiro de sua época.” Katrina pegou em seu rosto e o virou na direção dela, de modo que Roran fosse forçado a olhar diretamente para seus olhos solenes.

“E você, Roran, é o melhor guerreiro que eu já vi, aqui ou em qualquer lugar.”

Com uma boca seca, ele disse, “E sobre Eragon ou -”

“Eles não tem metade da valentia que você possui. Eragon, Murtagh, Galbatorix, os elfos... Todos eles vão para a batalha com magias, muito superiores a nós. Mas você,” ela o beijou no nariz. “Você não é mais que um homem. Você enfrenta seus inimigos à pé, sem ajuda de magia nenhuma. Você não é um mago, e, mesmo assim, você matou os

Irmãos. Você somente é tão rápido e tão forte como um ser humano pode ser, e, ainda assim você não fugiu de atacar os Ra'zac em seu covil e libertar-me da masmorra."

Ele engoliu o discurso.

"Eu tive proteção de Eragon."

"Mas não mais. De qualquer jeito, você não teve nenhuma magia para te proteger em Carvahall, e, você fugiu dos Ra'zac?"

Ele estava quieto. Então Katrina continuou:

"Você não é mais do que um homem, mas fez coisas que nem o Eragon nem o Murtagh fizeram. Para mim, isso o faz o melhor guerreiro de toda Alagaësia. ...eu não consigo pensar em ninguém em Carvahall que poderia ter ido metade da distância que você foi para me salvar."

"Seu pai poderia ter ido..." Roran disse.

Ela estremeceu

"Sim, ele poderia," ela sussurrou. "Mas ele nunca conseguiria convencer Carvahall inteira para segui-lo, como você fez." Ela o abraçou. "O que quer que você tenha visto ou feito, você sempre terá a mim."

"Isso é tudo que eu preciso."

Ele a abraçou por um tempo. Então suspirou.

"Queria que essa guerra estivesse no fim. Queria ter uma fazenda. Queria semear, cuidar e colher quando amadurecer. Ser um fazendeiro é um trabalho duro, mas pelo menos, um trabalho honesto. Essa matança não é honesta, é um roubo... um roubo das vidas dos homens, e ninguém com a cabeça no lugar iria querer fazer isso."

"Como eu disse."

"Como você disse," Difícil como foi, tentou sorrir.

"Eu esqueci de mim. Eu, incomodando você com meus problemas enquanto você tem preocupações próprias." E ele pôs a mão sobre sua barriga.

"Seus problemas sempre serão meus problemas," Katrina murmurou.

"Alguns problemas, ninguém deve suportar, principalmente quem você ama."

Ela se distanciou um pouco dele, pensando no tempo que ficou aprisionada em Hellgrind.

"Não. Alguns problemas ninguém deve agüentar." – Murmurou para Roran.

"Ah, não fique triste," Roran aconselhou-a, desejando que Eragon nunca tivesse achado o ovo de Saphira na Espinha. Por um instante, Katrina ficou mole em suas mãos, e, mesmo ele não se sentiu tenso. Acariciando seu pescoço, Roran murmurou:

"Venha, beije-me docemente, e depois vamos voltar para cama, estou cansado, e irei dormir."

Ela riu dele, o beijou docemente, e então deitaram-se. Do lado de fora da barraca estava quito, exceto pelo Rio Jiet, que deslizava no campo, nunca parando, fluindo sobre os sonhos de Roran, onde ele se imaginou em pé, na proa de um navio, com Katrina ao seu lado. Olhou fixamente o redemoinho gigante, o Olho do Javali e pensou: *Como nós iremos escapar?*



# GLÛMRA

Centenas de metros abaixo de Tronjheim, a rocha abria-se em numa caverna com milhares de metros de comprimento; de um lado um lago estagnado e negro, de profundidade desconhecida; do outro, uma margem em mármore. Estalactites castanhas e cor de marfim pingavam do teto e estalagmites irrompiam do chão, unindo-se em determinados pontos formando pilares mais largos que as maiores árvores de Du Weldenvarden. Por entre os pilares, havia amontoados de estrume espalhados, salpicados de cogumelos, e vinte e três cabanas baixas de pedra. Uma lanterna sem chama, da cor do ferro incandescente, brilhava junto a cada porta. Para lá das lanternas, imperavam as sombras.

Eragon estava no interior de uma das cabanas, sentado em uma cadeira pequena de mais, junto a uma mesa de granito que chegava aos seus joelhos. O ar estava impregnado de um aroma de queijo de cabra macio, cogumelos fatiados, fermento, guisado, ovos de pombo e pó de carvão. À sua frente, Glûmra, uma anã da Família de Mord e mãe de Kvîstor, o guarda de Eragon que fora assassinado. Chorava, puxava os cabelos e batia no peito com os punhos. Rastros brilhantes marcavam o trajeto das lágrimas no seu rosto roliço.

Estavam os dois sozinhos na cabana. Os quatro guardas de Eragon – cujo numero fora repostado por Thrand, um guerreiro do séquito de Orík – aguardavam lá fora, juntamente com Hûndfast, o interprete de Eragon, que ele mandara sair da cabana assim que soube que Glûmra falava sua língua.

Após o atentado à sua vida, Eragon contatara mentalmente Orík e este insistira para que ele corresse, o mais depressa possível, para os aposentos do Ingeitum, onde estaria a salvo de outros possíveis assassinos. Eragon obedeceu e lá permaneceu, enquanto Orík forçava o adiamento da reunião de clãs até a manhã seguinte, argumentando que surgiria uma emergência no interior do seu clã que exigia a tua atenção imediata. Depois marchou até o local da emboscada, juntamente com os seus melhores guerreiros e os feiticeiros mais experientes, que o estudaram e documentaram, recorrendo à magia e aos métodos tradicionais. Logo que Orík considerou que todo o necessário havia sido apurado, imediatamente retornou aos seus aposentos e disse a Eragon:

“Temos muito que fazer e muito pouco tempo. Antes da reunião dos clãs recomeçar, amanhã, à terceira hora da manhã, teremos que descobrir, sem deixar dúvidas, quem ordenou este ataque. Se conseguirmos isto teremos argumentos para usar contra eles; e, se não conseguirmos ficaremos às apalpadelas, sem sabe com certeza quais são nossos verdadeiros inimigos. Podemos guardar segredo do ataque até a reunião d clãs; mas mais do que isso não. Os Knurlan, que circulavam nos túneis abaixo de Tronjheim devem ter ouvido ecos da sua luta e, neste momento, certamente estão tentando descobrir a fonte de podo aquele barulho, com medo de que tenha havido um desmoronamento ou alguma catástrofe do gênero, capaz de minar os alicerces da cidade.”

Orík bateu os pés no chão, amaldiçoando os antepassados de quem enviara os assassinos. Depois, colocando as mãos na cintura disse: “Se a guerra entre os clãs já estava eminente, agora está à nossa porta. Temos que agir rapidamente se quisermos evitar este terrível destino. Há que se localizar os knurlan, colocar questões, fazer ameaças, oferecer subornos, roubar pergaminhos, e tudo isto até amanhã de manhã.”

“E eu?”

“Você deve ficar aqui até sabermos se o Az Sweldn rek Anhûin ao algum outro clã tem uma força maior reunida em outro local, preparada para matar. Além disso, quanto mais tempo conseguirmos esconder dos atacantes o fato de vocês estar vivo, morto, ou ferido, durante mais tempo será possível mantê-los na dúvida sobre a firmeza da rocha que pisam.”

Inicialmente, Eragon concordou com a proposta de Orik; mas, ao ver o anão de um lado para o outro, dando ordens, começou a se sentir desconfortável e abandonado. Por fim, agarrou Orik pelo braço e disse:

“Se eu ficar aqui olhando para as paredes enquanto você procura os responsáveis por isto, vou ficar sem os dentes de tanto rangê-los. Deve haver algo que eu possa fazer para ajudar... O Kvîstor... Algum dos seus familiares vive em Tronjheim? Alguém os informou da sua morte? Se não, eu deveria levar a eles a notícia, afinal ele estava me defendendo quando morreu.”

Orik perguntou aos guardas e soube, através deles, que Kvîstor tinha família em Tronjheim, ou melhor, em baixo de Tronjheim. Ao ouvir esta informação, Orik franziu a sobancelha, e murmurou uma palavra estranha na língua dos anões.

“São habitantes das profundezas,” disse ele. “Knurlan que trocaram a superfície da terra pelo mundo subterrâneo, exceto nas incursões que, por vezes, fazem à superfície. Muitos preferem viver aqui, por baixo de Tronjheim e de Farthen Dûr sem sentir que estão realmente no exterior, algo insuportável para a maioria, que já estão tão habituados a espaços fechados. Não sabia que Kvîstor era deste povo.”

“Você se importa que eu vá visitar a família dele?” perguntou Eragon. “Nestas salas há escadas que conduzam até lá, certo? Poderíamos ir sem que ninguém soubesse disso.”

Orik pensou por instantes e, depois, concordou.

“Você tem razão. O caminho é seguro e ninguém se lembraria de te procurar entre os habitantes das profundezas. Viriam aqui primeiro e te encontrariam se não fosse... Vá e não volte até que te envie um mensageiro. Nem que a Família de Mord te mande embora e tenha que ficar sentado numa estalagmite até amanhã de manhã. Mas tenha cuidado Eragon! Os habitantes das profundezas, por regra, são muito fechados, extremamente zelosos com sua honra e têm hábitos estranhos. Veja onde põe os pés; caminhe como se andasse sobre xisto podre.”

E assim, depois de Thrand se juntar à sua guarda e de Hûnfast ter sido mobilizado para acompanhá-los, Eragon – com uma pequena espada de anão presa a cintura – dirigiu-se à escadaria mais próxima de acesso aos subterrâneos, descendo mais fundo do que jamais fizera antes; até às entranhas da Terra. No seu tempo encontrou Glûmra e informou a ela da morte de Kvîstor. Agora permanecia sentado a ouvi-la lamentar o filho morto, ora gemendo sem palavras, ora deixando escapar pedaços desafinados de frases na língua dos anões.

Desarmado perante a intensidade da sua dor, Eragon desviou os olhos do rosto dela. Olhou o fogão verde de pedra-sabão que estava encostado em uma parede, com desenhos geométricos esculpido nas extremidades; examinou o tapete verde e castanho, colocado em frente à lareira; a bateadeira a um canto; as provisões penduradas nas vigas do teto; e o pesado tear de madeira, por baixo de uma janela redonda com vidraças cor de lavanda.

No auge dos seus lamentos, Glûmra viu Eragon olhá-la, ao levantar-se da mesa, dirigir-se ao balcão e colocar a mão esquerda sobre a tábua de picar.

Antes que Eragon conseguisse detê-la, ela pegou uma faca de carne e cortou a primeira articulação do dedo mindinho, gritando e dobrando-se sobre si.

Eragon ergue-se, com uma exclamação involuntária, perguntando-se que tipo de loucura acometera a anã e se deveria segurá-la para que não se ferisse mais. Abriu a boca para

lhe perguntar se queria que lhe curasse a ferida, mas depois refletiu melhor, recordando os avisos de Orik sobre os estranhos hábitos dos habitantes das profundezas e da sua forte noção de honra. *Ela pode considerar a minha oferta um insulto*, concluiu ele, fechando a boca e voltando a afundar-se na cadeira minúscula.

Um minuto depois, Glûmra endireitou-se, respirou fundo, lavou calma e silenciosamente o pedaço do dedo com conhaque, em seguida esfregou-o com um bálsamo amarelo e, finalmente, fechou a ferida. O seu rosto de lua cheia estava ainda pálido do choque e sentou-se na cadeira do lado oposto a Eragon.

“Agradeço por ter trazido pessoalmente a notícia sobre o destino de meu filho, Matador de Espectros. Fico contente por saber que ele morreu honrosamente, tal como um guerreiro deve morrer.”

“Foi muito corajoso,” disse Eragon. “Mesmo sabendo que os nossos inimigos eram mais rápidos que Elfos, ele avançou para me defender. E o seu sacrifício me deu tempo para escapar às armas, revelando-me também os perigosos encantamentos que tinham colocado nelas. Se não fosse a sua intervenção, duvido que estivesse aqui agora.”

Glûmra acenou com a cabeça devagar, de olhar abatido, e alisou a frente do vestido.

“Sabe quem foi o responsável por este ataque ao nosso clã, Matador de Espectros?”

“Temos apenas suspeitos. Grimstborith Orik está tentando descobrir a verdade, neste momento em que conversamos.”

“Terá sido o Az Sweldn rak Anhûin?” perguntou Glûmra, surpreendendo Eragon com a astúcia de sua dedução. Ele fez o possível para esconder a sua reação. Ao perceber que o Cavaleiro permanecia em silêncio, ela acrescentou: “Todos sabem do conflito racial que eles têm com você, Argetlam; todos os knurlan nestas montanhas sabem disso. Alguns de nós encaramos com bons olhos o fato de eles se oporem a você. Mas se chegaram ao ponto de pensar em te matar, avaliaram mal a natureza da questão e condenaram-se a si próprios por isso.”

Eragon ergueu a sobrancelha, interessado: “Condenados, como?”

“Foste tu que mataste Durza, Matador de Espectros, permitindo-nos assim salvar Tronjheim e as habitações subterrâneas das garras de Galbatorix. A nossa raça jamais esquecerá isto, enquanto Tronjheim se mantiver de pé. Além de que, corre pelos túneis o rumos de que o teu dragão poderá reparar a Isidar Mithrim, é verdade?”

Eragon concordou.

“Isto é bom, Matador de Espectros. Você fez muito pela nossa raça e, seja qual for o clã que te atacou, nós nos viraremos contra eles e exigiremos vingança.”

“Jurei perante testemunhas,” disse Eragon. “E juro também perante você que punirei quem enviou aqueles assassinos traiçoeiros, fazendo com que se arrependam amargamente de ter pensado em cometer tal maldade. No entanto...”

“Obrigada, Matador de Espectros.”

Eragon hesitou e depois inclinou a cabeça.

“No entanto, não devemos fazer nada que possa desencadear uma guerra de clãs. Agora não. Se for necessário usar a força, deverá ser Grimstgorith Orik a decidir quando e onde será necessário desembainhar as nossas espadas, não acha?”

“Pensarei nas suas palavras, Matador de Espectros,” replicou Glûmra. “Orik é...” o que iria dizer a seguir, ficou-lhe preso na garganta. Seus grossos cílios fecharam-se e, por instantes, ela cambaleou para frente, apertando o abdômen com a mão mutilada. Mal o ataque lhe passou, endireitou-se, encostou as costas da mão à face oposta, torcendo-se e gemendo: “Oh, meu filho... O meu lindo filho...”

A seguir levantou-se e contornou a mesa, encaminhou-se para uma pequena coleção de espadas e machados, pendurados na parede atrás de Eragon, junto um nicho coberto por uma cortina de seda vermelha. Receando que ela fosse se ferir de novo, Eragon

levantou-se rapidamente, atirando a cadeira de carvalho ao chão, com a pressa. Ao tentar alcançá-la, Eragon percebeu que ela se dirigia ao nicho e não às armas, recolhendo o braço, antes que aquele gesto a ofendesse.

Os anéis de latão cozidos no topo da cortina de seda retiniram uns contra os outros, quando Glûmra a abriu, expondo uma prateleira mergulhada em sombras profundas. Era esculpida com runas e formas com detalhes tão fantásticos que Eragon pensou em ficar olhando-a durante horas, sem conseguir absorver os minúsculos detalhes por completo. Na prateleira de baixo estavam as estátuas dos seis deuses maiores dos Anões e nove outras entidades que ele não conhecia, todas esculpidas com feições e posturas exageradas, para melhor transmitir o caráter do ser que retratavam.

Glûmra tirou um amuleto de ouro e de prata de dentro do seu corpete, beijou-o e encostou-o ao peito, ajoelhando-se em frente ao nicho. Subindo e descendo o tom da voz, nas estranhas seqüências de notas musicais dos Anões, ela começou a entoar um cântico na sua língua nativa. A melodia comoveu Eragon e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Glûmra cantou durante alguns minutos e, a seguir, ficou em silêncio, continuando a olhar para as estatuetas. À medida que o tempo passava, as marcas de dor estampadas em seu rosto suavizavam e onde Eragon anteriormente vira raiva, angústia e desamparo, distinguia agora uma expressão de calma, aceitação, tranquilidade e sublime transcendência. As suas feições pareciam emanar um brilho suave. A transformação de Glûmra tinha sido tão absoluta que Eragon quase não a reconhecia.

A seguir, ela disse: “Hoje a noite Kvîstor janta no palácio de Morgothal. Isto, eu sei,” e voltou a beijar o amuleto. “Quem me dera poder comer na companhia dele e do meu marido, Bauden; mas ainda não chegou a minha hora de dormir nas catacumbas de Tronjheim e Morgothal, que recusam a entrada de todos aqueles que apressam a sua chegada. A seu tempo, a nossa família acabará se reunindo, incluindo todos os nossos antepassados, desde o dia em que Gûntera criou o Mundo. Disso estou certa.

Eragon ajoelhou-se junto de Glûmra e perguntou com uma voz rouca:

“Como sabes isso?”

“Porque é assim que as coisas são.” E com movimentos lentos e cerimoniais, Glûmra tocou com a ponta dos dedos nos pés acinzentados de cada um dos seus deuses. “Como poderia ser de outra forma? Tal como uma espada ou um elmo, o mundo não pode ter sido criado por si mesmo e como os únicos seres que dispõem de recursos para forjar a Terra e os céus são os que detêm o poder divino, é junto deles que devemos procurar as nossas respostas. Confio nos deuses para assegurarem a Justiça ao mundo, e ao depositar a minha confiança, liberto-me do fardo da carne.”

Falava com uma convecção, que por instantes Eragon desejou partilhar daquela sua crença. Quem lhe dera poder livrar-se das suas dúvidas e medos e acreditar que, por muito horrível que o mundo às vezes pudesse parecer, a vida não era uma mera confusão. Quem lhe dera ter a certeza de que aquilo não acabaria no momento em que uma espada lhe cortasse a cabeça e que um dia se voltaria a unir a Brom, Garrow e todos os outros que estimava e tinha perdido. Eragon sentiu-se invadido por um anseio desesperado de esperança e de consolo, que o estava deixando confuso e vacilante à face da terra.

E, no entanto...

Uma parte de si resistia, impedindo-o de se consagrar aos deuses dos Anões, vinculando a sua identidade a noção de bem-estar a algo que não entendia. Tinha também dificuldade em aceitar que, se os deuses existissem, os deuses dos Anões fossem únicos. Eragon tinha certeza que se perguntasse a Nar Gharzhvog ou a outro membro das tribos nômades, ou até mesmo aos sacerdotes negros de Helgrind se os seus deuses eram reais, todos sustentariam a supremacia das suas divindades de um modo tão enérgico como

glûmra defendia a supremacia dos seus. *Como posso saber qual das religiões é a verdadeira?*, pensou. *O fato de alguém seguir determinada fé não significa necessariamente que aquele seja o caminho certo... Talvez nenhuma religião possua toda a verdade do mundo. Talvez cada uma contenha fragmentos da verdade e seja da nossa responsabilidade identificar estes fragmentos e junta-los. Ou talvez os Elfos estejam certos e não haja deuses. Mas como poderei saber?*

Com um longo suspiro, Glûmra murmurou uma frase na língua dos anões, levantou-se e fechou a cortina de seda sobre o nicho. Eragon levantou-se também, vacilando ao esticar os músculos doloridos da batalha e seguiu-a até a mesa, voltando a sentar-se na mesma cadeira. A mulher anã tirou duas canecas de pele de um armário de pedra, preso à parede; depois pegou uma bexiga cheia de vinho, pendurada no teto, e serviu a bebida aos dois. Ergueu a caneca, fez um brinde na língua dos Anões, que Eragon se esforçou por traduzir, e beberam.

“É bom saber que Kvîstor ainda vive e que neste instante está no banquete de Morgothar, vestido com roupas dignas de um rei. Que conquiste grande honra ao serviço dos deuses!” e bebeu de novo.

Logo que terminou o conteúdo da caneca, Eragon começou a despedir-se de Glûmra; no entanto, ela interrompeu-o com um gesto.

“Tem algum lugar onde ficar a salvo dos que te querem morto, Matador de Espectros?” Foi então que Eragon lhe explicou que teria de ficar escondido embaixo de Tronjheim, até que Orik lhe enviasse um mensageiro. Glûmra concordou com uma cursa e incisiva sacudidela do queixo e acrescentou:

“Então você e os seus companheiros deverão aguardar aqui até que o mensageiro chegue Matador de Espectros. Faço questão.” Eragon protestou, mas ela abanou a cabeça. “Enquanto a vida habitar os meus ossos, jamais permitirei que os homens que lutaram ombro a ombro com meu filho fiquem penando na umidade e na escuridão das grutas. Reúna os seus companheiros. Vamos comer e nos divertir, nesta noite sombria.”

Eragon percebeu que se partisse aborreceria Glûmra; por isso chamou os guardas e o intérprete. Juntos ajudaram Glûmra a prepararam um jantar de pão, carne e torta e, logo que ficou pronto, todos comeram, beberam e falaram pela noite afora. Glûmra estava particularmente animada, bebendo e rindo mais alto que todos e, sempre pronta a tecer um comentário inteligente. No início, Eragon ficou chocado com o seu comportamento, mas depois reparou que o sorriso jamais lhe atingia os olhos e que a alegria de dissolvia no rosto ao converter-se em uma quietude sombria, sempre que achava que ninguém estava olhando. *Diverti-los era a sua forma de homenagear a memória do filho e de se defender da dor provocada pela morte de Kvîstor*, concluiu ele.

*Nunca conheci ninguém como você*, pensou ele, enquanto a observava.

Muito depois da meia noite, alguém bateu à porta da cabana. Hûndfast mandou entrar um anão com uma armadura completa, que parecia nervoso e pouco à vontade, não parando de olhar para as janelas e para os recantos mais sombrios. Após uma série de frases da língua antiga, acabou por convencer Eragon de que era o mensageiro de Orik; em seguida, disse:

“Sou Farn, Filho de Flosi... Argetlam. Orik pede que você regresse o mais depressa possível, pois tem notícias muito importantes a respeito dos acontecimentos de hoje.”

A saída, Glûmra agarrou o antebraço de Eragon com os dedos rijos como aço e quando ele a fitou, disse com uma expressão dura estampada no olhar:

“Lembra-te do teu juramento, Matador de Espectros, e não deixe que os assassinos do meu filho escapem impunes!”

“Não deixarei!” prometeu ele.





## REUNIÃO DOS CLÃS

O anão que assistia de pé ao lado de fora das Câmaras de Orik, lançou-se para as portas duplas abertas conduzindo Eragon para dentro.

O caminho de entrada era longo e ornamentado fornecido com três assentos circulares atapetados com tecido vermelho começando em uma linha abaixo do meio do quarto. Os enforcamentos eram bordados decorando as paredes. Junto com os anões lanternas com chamas de fogo onipresente, enquanto o teto tinha sido esculpido para descrever uma batalha famosa da história dos anões.

Orik estava em consulta com um grupo dos guerreiros dele e vários anões cinza-barbudo de Dûrgrimst Ingeitum. Como Eragon se aproximou, Orik se dirigiu em direção a ele, a face dele estava horrenda.

“Bom, você não demorou! Hûndfast, você pode se retirar agora a seus aposentos. Nós temos necessidade de conversar em particular.”

O tradutor de Eragon se curvou e desapareceu à esquerda por uma arcada, os passos dele, ecoavam no chão de ágata polido. Uma vez que ele estava fora de audição, Eragon disse, “Você não confia nele?”

Orik encolheu os ombros. “Eu não sei em quem confiar no momento; Há mais algumas pessoas que conhecem o que nós descobrimos, ou melhor, nós não podemos arriscar que as notícias escapem a outro clã antes de amanhã. Se acontecer, significará uma guerra de clã certamente.” Os anões atrás dele murmuram entre eles aparentemente desconcertados.

“O que são suas notícias, entretanto?” perguntou Eragon, preocupado.

Os guerreiros reuniram atrás de Orik, movendo de lado, com sinais para ele, mostrando amarrados e sangrando três anões no fundo empilhados um em cima do outro. O anão do fundo chutou gemendo seus pés no ar, mas não foi capaz de desprender a si próprio ao abrigo de seus companheiros presos.

“Quem são eles?” perguntou Eragon.

Orik respondeu, “eu estive com alguns de nossos forjadores para examinar os punhais que seus atacantes levavam”.

Eles identificaram a habilidade como sendo do Longo-nariz de Kiefna, um forjador de espada de nosso clã que alcançou grande renome entre nossas pessoas.”

“E ele pode nos falar quem comprou os punhais e assim quem são nossos inimigos?”

Um riso rude tremeu o tórax de Orik. “Quase não, mas nós pudemos localizar os punhais de Kiefna com um armador em Dalgon, junto com muitas ligas daqui, que os vendeu a um knurlaf”.

“Um knurlaf?” Eragon perguntou.

Orik fez carranca. “Uma mulher. Uma mulher com sete dedos em cada mão compraram os punhais dois meses atrás.”

“E você a achou? Não pode haver muitas mulheres com esse número de dedos.”

“De fato, a condição é bastante comum entre nossas pessoas,” disse Orik. “Seja como isto possa, depois de bastante de dificuldade, nós conseguimos localizar a mulher em Dalgon. Meus guerreiros procuraram lá de perto. Ela é de Dûrgrimst Nagra, mas tão longe como nós podemos determinar, ela estava agindo por vontade própria, e não debaixo das ordens dos líderes do clã dela. Dela, aprendemos tudo que um anão tinha pagado para comprar os punhais e então os entregar a um comerciante de vinho que os levaria com ele de Dalgon”.

O empregador da mulher não lhe falou onde os punhais foram destinados, mas perguntando entre os comerciantes da cidade, descobrimos que ele viajou diretamente de Dalgon para uma das cidades dominadas por Dûrgrimst Az rak de Sweldn Anhûin.”

“Então foram eles!” Eragon exclamou.

“Sim, ou poderia ter sido alguém que desejava que pensássemos que eram eles. Nós precisamos de mais provas antes que nós pudéssemos estabelecer com certeza Az rak de Sweldn a culpa de Anhûin.” Uma centelha apareceu nos olhos de Orik, e ele elevou um dedo. “Assim, por meio de um feitiço muito inteligente, nós repassamos o caminho dos assassinos através dos túneis e cavernas e até uma área abandonada no décimo segundo nível de Tronjheim, fora o subadjunto corredor auxiliar do raio meridional no quadrante ocidental, ao longo do, ah, bem, não importa. Mas algum dia eu terei que ensinar como os quartos são organizados em Tronjheim, de forma que sempre que você precisa achar um lugar dentro da cidade sozinho, você pode. Em todo caso, o rastro nos conduziu para uma despensa abandonada onde esses três,” — ele gesticulou para os anões — “estavam ficando. Eles não estavam nos esperando, e assim nós pudemos capturar eles vivos, embora eles tentassem se matar. Não foi fácil, mas nós quebramos as mentes de dois deles — deixamos o terceiro para o outro grimstborithn para interrogar ele com prazer — E que nós retiramos deles tudo que eles soubessem sobre este assunto.” Orik apontou aos prisioneiros novamente. “Eram eles que equipavam os assassinos para o ataque, deram os punhais e a veste preta, e alimentou e os abrigou ontem à noite.”

“Quem são eles?” perguntou para Eragon.

“Ora!” exclamou Orik, olhando no chão. “Eles são Vargrimstn, guerreiros que têm, se desgraçado e agora é um Clã. Ninguém se trata pra tal sujeira a menos que ele esteja se ocupando da vilania deles e não desejo que os outros conheçam isto. E assim era com esses três. Eles levaram as ordens dele diretamente de Grimstborith Vermûnd de Az Sweldn rak Anhûin.”

“Não há nenhuma dúvida?”

Orik tremeu a cabeça dele. “Não há nenhuma dúvida; é Az rak de Sweldn Anhûin que tentou matar você, Eragon. Nós provavelmente nunca saberemos se qualquer outro clã se unisse na tentativa, mas se nós expomos para Az rak de Sweldn a deslealdade de Anhûin, forçará todo mundo acreditar que outro poderia ter sido envolvido no enredo para desacreditar os confederados anteriores dele; abandonar, ou pelo menos atrasar, ataques adicionais em Dûrgrimst Ingeitum; e, se isto é dirigido corretamente, me darão o voto dele para rei.”

Uma imagem flamejou na mente de Eragon, da lâmina prismática que emerge da parte de trás do pescoço de Kvîstor e da expressão agonizada do anão, como ele tinha caído ao chão, morrendo. “Como nós castigaremos Az rak de Sweldn Anhûin por este crime? Se nós deveríamos matar Vermûnd?”

“Ah, deixe isso para mim,” disse Orik, e bateu no lado do nariz dele. “Eu tenho um plano. Mas nós temos que andar cuidadosamente, porque isto é uma situação de delicadeza extrema. Tal traição não tem acontecido em muitos longos anos. Como um estranho, não pode conhecer você como nós, achamos isto detestável aquele de nosso próprio não deveria atacar um convidado. Você que é o único Cavaleiro livre para se opor.”

Galbatorix só piora a ofensa. Mais adiante mortes ainda podem ser necessárias, mas no momento, só provocaria outra guerra de clã.”

“Uma guerra de clã poderia ser o único modo para lidar com Az rak de Sweldn Anhûin,” Eragon apontou para fora.

“Eu penso que não, mas se eu estou enganado a guerra é inevitável, nós temos que assegurar é uma guerra entre o resto dos clãs e Az rak de Sweldn Anhûin. Isso não seria tão ruim. Juntos, nós poderíamos os esmagar dentro de uma semana. Uma guerra com os clãs divididos em dois ou três facções destruiria nosso país. É crucial, então, que antes que nós puxemos nossas espadas, nós convenceremos os outros clãs disso que Az rak de Sweldn Anhûin fez. Para este fim, você permitiria que os mágicos de clãs diferentes examinassem suas recordações do ataque, assim eles poderiam ver o que aconteceu e nós diremos quem fez e que nós não fizemos isto para nosso próprio benefício?”

Eragon vacilou, relutante em abrir a mente dele para estranhos, então olhando para os três, anões empilhados um em cima do outro. “Isso não é sobre eles? Não acha que as recordações deles sejam o bastante para convencer os clãs da culpabilidade de Az rak de Sweldn Anhûin?”

Orik fez careta. “Eles devem ser, mas para estar completo, os chefes de clã insistirão ao verificar as recordações deles contra as suas, e se você recusa, Az rak de Sweldn Anhûin reivindicará que nós estamos escondendo algo do Conselho de Clãs e que nossas acusações são ficção e difamadoras.”

“Muito bem,” disse Eragon. “Se eu devo, eu devo. Mas se quaisquer dos mágicos entrem onde eles não são permitidos, até mesmo se através por acidente, eu não terei nenhuma escolha a não ser queimar o que eles tiverem visto fora das mentes deles. Há algumas coisas que eu não posso permitir todos tenham conhecimento.”

Cabeceando, Orik disse, “Sim, eu posso pensar em pelo menos um pedaço de informação isso nos causaria um pouco de consternação se fosse trombeteado ao longo da terra, neh? Eu estou seguro que os chefes de clã aceitarão sua condição — para eles tudo têm segredos que eles próprio não querem saber — só como eu seguramente sou o que eles ordenarão como os mágicos irão proceder, embora seja perigoso. Este ataque tem como objetivo incitar um tumulto entre nossa raça, o grimstborithn sentirão compelido para determinar a verdade entretanto sobre isto, pode os valer o mágico mais qualificado deles.”

O puxou verticalmente então, para a extensão da altura limitada dele, Orik ordenou que os prisioneiros saíssem do caminho de entrada ornado e dispensou todos os vassalos dele, juntou para Eragon um contingente de vinte e seis dos melhores guerreiros dele. Com um adorno gracioso, Orik pegou o cotovelo esquerdo de Eragon e o conduziu para os quartos internos de suas câmaras. “Hoje à noite você tem que permanecer aqui, comigo, onde Az rak de Sweldn que Anhûin não ouse te golpear.”

“Se você pretende dormir,” disse Eragon, “eu o tenho que advertir, eu não posso descansar, não hoje à noite. Meu sangue ainda está agitado do tumulto da briga, e meus pensamentos estão igualmente intranquilos.”

Orik respondeu, “Você eu não sei como fará; você não perturbará meu sono, porque eu puxarei uma capa espessa de sono em cima de meus olhos. Eu urjo tentar e se acalmar para você, porém talvez com algumas das técnicas que os elfos te ensinaram você possa recuperar a força que você quer. O dia novo já está em nós, e mas algumas horas permanecem até o encontro de clãs tenha sido avisado. Nós dois deveríamos estar tão frescos quanto possível para o que virá. O que nós faremos hoje determinará o último destino de muitas pessoas, meu país, e o resto de Alagaësia... Ah, não parece tão horrendo sobre a boca! Pense ao invés disto: se o sucesso ou fracasso nos espera, e eu seguramente espero que nós prevaleçemos, e nossos nomes serão lembrados até o fim do tempo para como nós comportamos nós mesmos a este encontro de clãs. Que pelo menos é uma realização para encher sua barriga de orgulho! Os deuses são inconstantes, e a única imortalidade com a que nós podemos contar é que nós ganhamos por nossas

ações. Fama ou infâmia, qualquer um dos dois é esquecido quando você passa deste reino.”

Aquela noite, nas horas mortas antes do amanhecer, os pensamentos de Eragon vagaram depois ele se deitou afundando dentro do abraço dos braços acolchoados de um sofá anão, e a armação de sua consciência dissolveu na fantasia desordenada dos sonhos despertando-o. Ainda consciente do mosaico de pedras coloridas montado defronte na parede ele, viu também ele, como se um escultor ardendo desenhara em cima do mosaico, cenas da vida dele no Vale de Palancar antes do destino momentoso e sangrento tinha intervindo na existência dele. As cenas divergiram do fato estabelecido e o submergiu em situações imaginárias construídas peça por peça de fragmentos do que tinha sido de fato. Nos últimos momentos antes de ele se despertar do estupor dele, a visão dele chamejou e as imagens adquiriram uma sensação de realidade exaltada.

Ele estava no ferraria de Horst, as portas penduradas abertas, soltas nas dobradiças, com o sorriso relaxado de um idiota. Do lado de fora era uma noite sem estrelas, todos consumindos na escuridão que parecia apertar contra as extremidades da luz vermelha estúpida lançada pelas brasas, como se ansioso devorar tudo dentro do âmbito daquela esfera corada. Próximo à forja, Horst assomado como um gigante, as sombras inconstantes na face dele e a barba medroso ver. Sua pele rosa e braço forte caíram, e um sino-como um tinido tiritasse no ar como o martelo que ele esgrimiu golpeando o fim de uma barra amarelo-ardente de aço. Um estouro de faísca se extinguiu no solo. Quatro vezes mais o forjador golpeou o metal; então ele ergueu a barra da sua bigorna e mergulhou isto em um barril de óleo. Um branco ardente, azul e leve, chamejou pela superfície do óleo e então desapareceu com gritos agudos pequenos de fúria. Removendo do barril, Horst dirigiu em direção a Eragon e franziu as sobrancelhas a ele. Ele disse, “Por que você veio aqui, Eragon?”

“Eu preciso de uma espada para Cavaleiros de Dragão.”

“Vá se embora. Eu não tenho nenhum tempo para forjar a espada de um Cavaleiro. Você não vê que estou trabalhando em um pothook para Elain? Ela tem que ter isto para a batalha. Você está só?”

“Eu não sei.”

“Onde está seu pai? Onde sua mãe está?”

“Eu não sei.”

Então uma voz nova soou, uma voz bem-polida de força e poder, e disse, “O bom forjador, ele não está só. Ele veio comigo.”

“E quem poderia ser você?” exigiu Horst.

“Eu sou o pai dele.”

Entre as portas entreabertas, uma figura enorme se levantou no umbral da ferraria. Uma capa vermelha ondulou nos ombros mais largos que um Kull. Na mão esquerda do homem cintilou Zar'roc, afiado como a dor. Pelas fendas do luminoso capacete polido, os olhos azuis dele fixaram em Eragon e fixou ele no lugar, como uma seta na direção de um coelho. Ele ergueu a mão livre dele e ofereceu isto para Eragon. “Meu filho, venha comigo. Junto, nós podemos destruir os Varden, matar Galbatorix, e conquistar tudo da Alagaësia. Me dê seu coração, e nós seremos invencíveis.

“Me dê seu coração, meu filho.”

Com uma exclamação estrangulada, Eragon saltou fora do sofá que estava e fitou o ladrilho, os punhos dele apertaram, o tórax levantado dele. Os guardas de Orík o olharam com olhares inquisitivos, mas ele os ignorou, muito transtornado para explicar a explosão dele. A hora ainda era cedo, assim depois de um tempo, Eragon sentou no

sofá, mas depois disso, ele permaneceu alerta e não se permitiu afundar na terra de sonhos, com medo de que as manifestações poderiam atormentá-lo.

Eragon esteve com a parte de trás dele à parede, a mão dele no cabo da espada anã dele, ele assitiu os vários chefes de clã arquivados no redondo quarto de conferência enterrado abaixo de Tronjheim. Ele manteve um olho especialmente íntimo em Vermûnd, o tradutor de Az rak Sweldn Anhûin, mas se o anão purpúreo-ocultado fosse surpreendido para ver Eragon vivo e bem, ele não mostrou isso.

Eragon sentia a bota de Orik cutucar o pé dele. Sem olhar longe de Vermûnd, Eragon se inclinou para Orik e lhe ouviu sussurrar, “Se lembre, à esquerda e três entradas abaixo,” se referindo ao lugar onde Orik tinha colocado cem guerreiros seus sem que os chefes de outros clã soubessem.

Sussurrando confirmando, Eragon disse, “Se sangue for derramado, eu deveria prender a oportunidade de matar aquela serpente, Vermûnd?”

“A menos que ele esteja tentando o mesmo com você ou mim, por favor não faça.” Um riso baixo emanou de Orik. “O encareceria quase não para o outro grimstborithn... Ah, eu, tenho que ir agora. Reze a Sindri para termos sorte, você irá? Nós estamos a ponto de se arriscar em uma campo onde nenhum outro ousou estar antes.”

E Eragon rezou.

Quando todos os chefes de clã foram assentados ao redor da mesa no centro do quarto, esses, assistindo de fora, inclusive Eragon, levaram os próprios assentos deles para dentro circulo do jogo de cadeiras contra a parede encurvando. Eragon não relaxou em seu, porém, como muitos dos anões fizeram, mas se sentou na extremidade, pronto para lutar à sugestão mais leve de perigo.

Como Gannel, o Olho-Negro o guerreiro-pai de Dûrgrimst Quan, ponta da mesa e começando a falar na língua dos anões, Hûndfast se moveu para o lado mais próximo ao direito de Eragon apoiado e murmurou uma tradução contínua. O anão disse, “Saudações novamente, meus chefes de clã da mesma categoria. Mas não sei se encontro bem ou não, eu estou indeciso e perturbado com certeza de rumores, se o que contam é verdade e tem alcançado minhas orelhas. Eu não tenho nenhuma informação além destes murmúrios vagos e inquietantes, nem provas em qual fundar uma acusação errada. Porém, como hoje é meu dia para presidir em cima disto, nossa congregação, eu proponho que nós demorem os nossos debates mais sérios para o momento, e se você é agradável, me permite fazer algumas perguntas para nos encontrar.”

Os chefes de clã murmuraram entre eles, e então Íorûnn, luminoso, dimpling Íorûnn, disse, “eu não tenho nenhuma objeção, Grimstborith Gannel. Você despertou minha curiosidade com estas insinuações secretas. Nos deixe ouvir que perguntas tem você”.

“Sim, deixe-nos ouvi-lo,” disse Nado.

“Deixem-no ouvi-las,” Manndrâth de acordo e todo o resto dos chefes de clã, incluindo, Vermûnd.

Tendo recebido a permissão ele buscou, Gannel descansou as juntas dele na mesa e estava calado para um palmo e atraindo a atenção de todo o mundo no quarto. Então ele falou.

“Ontem, enquanto nós estávamos almoçando em nossos lugares escolhidos de refeição, knurlan ao longo dos túneis debaixo do quadrante meridional de Tronjheim ouviram um ruído. Relatórios de seu loudness diferem, mas tantos notaram isto em cima de tão grande área provaram que era nenhuma perturbação pequena. Como você, eu recebi as advertências habituais de uma possível caverna. Isso você pode não estar atento dela, porém, é aquela há poucas duas horas passadas —”

Hûndfast vacilou, e depressa sussurrou, “A palavra é difícil de fazer nesta língua.

Corredor-de-o-túneis, eu penso.” E então ele retomou traduzindo como antes: “batadores-de-túneis descobriram evidências de uma briga poderosa dentro de um dos antigos túneis que nosso antepassado afamado, Korgan Longbeard, escavou. O chão foi pintado

com sangue, as paredes eram escuras com fuligem de uma lanterna que guerreiro de lâmina descuidada fez quebrar, rachaduras dividiram a pedra circunvizinha, e espreguiçou ao longo da era carbonizada e mutilou corpos, com sinais que outros podem ter sido removidos. Nem era esta a sobra de alguma escaramuça obscura da Batalha de Farthen Dûr. Não! Para o sangue ainda tido que secar, a fuligem eram suaves, as rachaduras eram obviamente frescas quebradas, e, eu encontrei, o resíduo de magias poderosas ainda poderia ser descoberto dentro da área. Até mesmo agora, algum de nosso mágicos mais capacitados estão tentando reconstruir um pictórico fac-símile do que aconteceu, mas eles têm pouca esperança de sucesso, como esses envolvidos eram guardados aproximados com tais encantos desviados. Assim minha primeira pergunta para se encontrar é esta: Quaisquer de vocês possuem conhecimento adicional destas ações misteriosa?”

Como Gannel concluiu a fala dele, Eragon enrijeceu as pernas dele, pronto para pular para cima se o anão purpúreo de Az rak de Sweldn Anhûin deveria alcançar para as lâminas dele.

Orik clareou a garganta dele e disse, “eu acredito que eu posso satisfazer alguma de sua curiosidade naquele ponto, Gannel. Porém, desde que minha resposta deve de necessidade seja longa, eu, sugiro que você faça suas outras perguntas antes que eu comece.”

Uma carranca escureceu a sobrancelha de Gannel. Batendo as juntas dele contra a mesa, ele disse, “Muito bem... Em o que é relacionado indubitavelmente ao estrondo de braços nos túneis de Korgan, eu tenho relatórios tidos de numeroso knurlan que move por Tronjheim e, com intento furtivo, juntando aqui e lá em faixas grandes de homens armados. Meus agentes estavam impossibilitados para averiguar o clã dos guerreiros, mas isso para o que qualquer um deste conselho deveria tentar concorrer com as ordens das forças deles ainda somos comprometidos em um encontro para decidir quem deve ser o sucessor do Rei Hrothgar isso sugestiona motivos do tipo mais escuro. Assim minha segunda pergunta para encontro é esta: quem é responsável por isto doente de pensamento para conduzir?? E se nenhum o admitirá o substituto deles moverá fortemente que nós ordenamos todos os guerreiros, embora o clã deles, expeliu de Tronjheim para a duração do encontro e que nós imediatamente designemos um leitor-de-lei para investigar estas ações e determinar quem nós devemos censurar.”

A revelação de Gannel, questionou, e a proposta subsequente despertou uma agitação acalorada de conversação entre os chefes de clã, com o anão que lança acusações, negações, e contra-acusações um ao outro com raiva crescente, até, afinal, quando um enfurecido Thordris estava gritando a um Gáldhiem vermelho-enfrentado, Orik clareou a garganta dele novamente o que causou todo o mundo para parar e o encarar.

Em um tom moderado, disse Orik, “Isto também eu acredito que eu posso explicar a você, Gannel, pelo menos em parte. Eu não posso falar às atividades dos outros clãs, mas mais de cem dos guerreiros que tem se apressado pelos criados corredores em Tronjheim foi de Dûrgrimst Ingeitum. Isto eu admito livremente.”

Todos estavam calados até Íorûnn disse, “E que explicação o tem para este agressivo comportamento, Orik, o filho de Thrifk?”

“Como eu disse antes, Íorûnn justo, minha resposta necessita que seja muito longa, assim se você, Gannel, tenha qualquer outra pergunta para perguntar, eu sugiro que você proceda em seguida.”

A carranca de Gannel quase afundou até as sobrelanceiras projetando uma na outra. Ele disse, “eu vou reter minhas outras perguntas por enquanto, porque todas elas pertencem a essas que eu tenho já dito no encontro, e parece que nós temos que esperar a sua vontade para aprender qualquer coisa a mais sobre esses assuntos. Porém, desde que você é punho envolvido e caminha com esta duvidosa atividade, uma pergunta nova aconteceu a mim que eu especificamente perguntarei para você, Grimstborith Orík. Por que razão você abandonou ontem o encontro? E me deixou advertir você, eu tolero nenhuma evasão. Você já contou que tem conhecimento destes negócios. Bem, é tempo para você prover uma contabilidade cheia sua, Grimstborith Orík.”

Orík esteve até sentado mesmo quando Gannel se sentou, e ele disse, “será meu prazer.”

Abaixando o queixo barbudo dele até que descansou no tórax dele, Orík pausou por um tempo breve e então começou a falar em uma voz sonora, mas ele não começou como Eragon tinha esperado, nem, Eragon imaginou, como o resto da congregação tinha esperado. Em vez de descrever a tentativa na vida de Eragon, e explicando assim por que ele tinha terminado o prévio encontro de clãs prematuramente, Orík começou recontando como, ao amanhecer de história, a raça de anões tinham migrado dos campos uma vez-verde do Deserto de Hadarac para as Montanhas Beor onde eles tinham escavado as milhas não contadas delas de túneis, construiu cidades magníficas ambos sobre e debaixo do solo, e empreendeu guerra vigorosa entre as várias facções, como também com os dragões quem, para milhares de anos, os anões tinham considerado como uma combinação de ódio, tema, e temor relutante.

Então Orík falou dos duendes chegada de ' em Alagaësia e de como os duendes tinham lutado com os dragões até que eles quase destruíram um ao outro e de como, como resultado, as duas raças tinha concordado em criar os Cavaleiros de Dragão para manter a paz depois disso.

“E o que era nossa resposta quando nós aprendemos das intenções deles?” exigiu Orík, disse, sua voz que soava alto na câmara. “Nós pedimos ser incluídos no pacto deles? Feito isso nós aspiramos compartilhar do poder que seriam os Cavaleiros de Dragão? Não! Nós se pegamos a nossos velhos modos, nossos velhos ódios, e nós rejeitamos o mesmo pensamento de se unir com os dragões ou permitir qualquer um fora de nosso reino nos policiar. Para preservar nossa autoridade, nós sacrificamos nosso futuro, porque me convenceram que se alguns dos Cavaleiros de Dragão tivessem sido anões, Galbatorix nunca poderia ter subido para ter poder. Até mesmo se eu sou capaz o que eu não quero dizer deprecia Eragon que se provou um cavaleiro de dragão e o ovo de Saphira poderia ter

chocado para um de nossa raça e não um humano. E então que glória poderia ter sido nossa? “Ao invés, nossa importância com Alagaësia diminuiu, Rainha Tarmunora desde então e o homônimo de Eragon fez paz com os dragões. No princípio nosso estado se diminuiu não era assim amargo e puxado para tragar, e freqüentemente era mais fácil negar que aceitar. Entretanto veio os Urgals, e então os humanos, e os duendes emendaram os feitiços deles assim os humanos poderiam ser Cavaleiros do bem. E então nos fez buscamos ser incluídos no acordo deles, como poço podemos nós temos... qual era nosso direito?” Orík tremeu a cabeça dele. “Nosso orgulho não permitiria isto. Por que se nós, a raça mais velha na terra, deveríamos implorar aos duendes por favor da magia deles? Sim não precisávamos encadear nosso destino com os dragões para salvar nossa raça da destruição, como fizeram os elfos e humanos. Nós ignoramos, as batalhas que nós empreendemos entre nós mesmos. Esses, nós argumentamos, era negócios privados e de nenhuma preocupação para qualquer um outro.”

Os chefes de clã escutavam sem se mexerem. Muitos deles mostraram expressões de descontentamento as críticas de Orik, considerando que o resto parecia mais receptivo aos comentários dele e era pensativo o semblante.

Orik continuou: “Enquanto os Cavaleiros assistiram em cima de Alagaësia, nós desfrutamos o maior período de prosperidade que sempre registrou nos anais de nosso reino. Nós florescemos como nunca antes de, e ainda nós não tivemos nenhuma parte na causa disto: os Cavaleiros de Dragão. Quando os Cavaleiros caíram, nossas fortunas hesitaram, mas novamente nós não tivemos nenhuma parte na causa disto: os Cavaleiros. Nem estando de negócios é, eu julgo e ajusto para uma raça de nossa estatura. Nós não somos um país de vassalos sujeito aos caprichos de mestres estrangeiros. Nem deve esses de que não são os descendentes Odgar e Hlordis ditam nosso destino.”

Esta linha pensamento era mais à preferência dos chefes de clã; eles cabecearam e sorriram,

e Havard igualando aplaudiram algumas vezes à frase final.

“Considere nossa era presente agora,” disse Orik. “Galbatorix é ascendente, e toda raça de brigas para permanecer livre da regra dele. Ele cresceu tão poderoso, a única razão que nós não somos, já os escravos dele são que, tão longe, ele não escolheu voar fora no dragão preto dele e nos ataque diretamente. Se ele fizesse, nós cairíamos antes dele como rebento antes de um avalanche. Afortunadamente, ele parece contente para esperar por nós sacrificar nosso modo para os portões de sua fortaleza em Urû'baen. Agora, eu o recorde que antes de Eragon e Saphira veio para cima molhando e salpicando lama em nosso porta passo dianteiro, com cem yammering Kull duro nos saltos de sapatos deles, nossa única esperança de derrotar Galbatorix era em algum dia isso, em algum lugar, que Saphira iria chocar para o Cavaleiro escolhido dela e que esta pessoa desconhecida iria, talvez, por acaso, se nós tivemos sorte que todo jogador que alguma vez ganhou um lance de dados, seja capaz para subverter Galbatorix. Esperança? Ha! Nós fizemos nem mesmo tenha esperança; nós tivemos uma esperança de uma esperança. Quando Eragon se apresentou primeiro, muitos de nós fomos espantados pelo aparecimento dele, eu incluí. ‘Ele é mas um menino, que nós dissemos. ‘teria sido melhor se ele tivesse sido um elfo, que nós dissemos. Mas logo, ele mostrou ser a incorporação de toda nossa esperança! Ele matou Durza, e assim nos permitiu salvar nossa cidade mais amada, Tronjheim. O dragão dele, Saphira, prometeu restabelecer a Estrela Subiu a sua glória anterior. Durante a Batalha das Planícies ardentes, ele partiu de carro Murtagh e Espinho, e assim nos permitiu ganhar o dia. E olhe! Ele iguala agora usa a semelhança de um duende, e pelas magias estranhas deles, ele adquiriu a velocidade deles e a força deles.”

Orik elevou um dedo para dar ênfase. “Além disso, Rei Hrothgar, na sabedoria dele, fez isso que nenhum outro rei ou grimstborith alguma vez fez; ele ofereceu adotar Eragon em Dûrgrimst Ingeitum e lhe fazer um sócio da própria família dele. Eragon estava abaixo de nenhuma obrigação aceitar esta oferta. Realmente, ele estava atento que muitas das famílias do Ingeitum negaram a isto e que, em geral, muitos knurlan não considerariam isto com favor. Ainda em despeito daquele desânimo, e apesar de que ele já era encadernado em destemido para Nasuada, Eragon aceitou o presente de Hrothgar e soube do poço cheio que faria só sua vida mais dura. Como ele me falou me, Eragon jurou o corredor-juramento no Coração de pedra por causa da sensação de obrigação que ele sente para todas as raças de Alagaësia, e especialmente para nós, desde que nós, pelas ações de Hrothgar, mostramos a ele e a Saphira tal generosidade. Por causa do gênio de Hrothgar, o último Cavaleiro livre de Alagaësia, e nosso um só espera contra Galbatorix, livremente escolheu se tornar um knurla em tudo menos sangue. Desde



então , Eragon cumpriu nossas leis e tradições ao melhor do conhecimento dele, e ele buscou sempre aprender mais sobre nossa cultura de forma que ele pode honrar o verdadeiro significado do juramento dele. Quando Hrothgar caiu, golpeou abaixo pelo traidor Murtagh, Eragon jurou a mim em toda pedra em Alagaësia, e também como um sócio de Dûrgrimst Ingeitum que ele se esforçaria para vingar a morte de Hrothgar. Ele me deu o respeito e obediência que eu sou devido como grimstborith, e eu estou orgulhoso a considerar como meu irmão adotivo.”

Olhou para Eragon docemente, as bochechas dele e as gorjetas do orelhas queimaram dele. Ele pensou em Orik e viu que não era tão livre com o elogio dele; faria só sua posição mais difícil de manter no futuro.

Varrendo os braços dele para incluir os outros chefes de clã, Orik exclamou, “Tudo que nós alguma vez poderíamos ter desejado para um Cavaleiro de Dragão nós recebemos em Eragon! Ele existe! Ele é poderoso! E ele alguma vez abraçou nossas pessoas como nenhum outro Cavaleiro de Dragão tem!” Então Orik abaixou os braços dele e, com eles, o volume da voz dele, até que Eragon teve que abaixar ouvir as palavras dele. “Como nós respondemos à amizade dele, entretanto? No principal, com zombarias e desprezos e ressentimento de surly. Nós somos uma raça ingrata, eu digo, e nossas recordações são muito longas para nosso próprio bem... Há esses que se tornaram até mesmo cheios de se inflamar ódio, eles viraram a violência a cobra a sede da raiva deles.

Talvez eles ainda acreditem que eles estão fazendo o que é melhor para nossas pessoas, mas nesse caso, então as mentes deles estão mofando igual um pedaço de queijo a muitos anos velho. Caso contrário, por que iriam eles tentar matar Eragon?” Os chefes de clã escutaram perfeitamente em silencio, os olhos deles fixados à face de Orik. Tão intensa era sua concentração , que o grimstborith corpulento, Freowin, tinha posto de lado o que estava esculpindo de um corvo e dobrou as mãos dele em cima de sua ampla barriga e aparece para todo mundo que um anão gosta de estátuas.

Como eles olharam para ele com olhos de unblinking? Orik narrou ao encontro de clã como os setes anãos de vestes-pretas tinham atacado Eragon e os guardas dele enquanto eles estavam vagando entre os túneis debaixo de Tronjheim. Então Orik lhes contou da crina trançada na pulseira que fixou o cabochão de ametista que os guardas de Eragon tinham achado em um dos corpos do exército.

“Não pensa culpar este ataque em meu clã fundamentado em tal evidência vil!”

Vermûnd exclamava, fugindo ereto. “A pessoa pode comprar de volta quinquilharias semelhantes mais em todo mercado de nosso reino!”

“Isso mesmo,” disse Orik, e movendo a cabeça dele para Vermûnd. Em uma voz imparcial, e com um passo rápido, Orik continuou a contar a audiência dele, como ele tinha contado para Eragon na noite anterior, como seu assunto em Dalgon tinham confirmado para ele que estranho punhal dos assassinos tinham detido tinha sido forjado pelo forjador Kiefna, e também como os assuntos dele tinham descoberto que o anão que tinha comprado as armas tinha organizado para elas serem transportadas de Dalgon para uma das cidades dominadas por Az Sweldn rak Anhûin.

Articulando um baixo grunhindo de praga, Vermûnd saltou novamente aos pés dele. “Esses punhais podem nunca ter chegado a nossa cidade, e até mesmo se eles chegassem, você não pode tirar nenhuma conclusão desse fato! Knurlan de muitos clãs ficam dentro de nossas paredes, como eles fazem dentro das paredes de Bregan Secure, por exemplo. Não significa nada. Tenha cuidado o que você diz logo, Grimstborith Orik, porque você não tem solo no qual nivelar acusações contra meu clã.” “Eu era da mesma opinião como você, Grimstborith Vermûnd,” Orik respondeu. “Então, na última noite, meu magico e eu repassamos o caminho dos assassinos para o lugar deles de

origem, e no décimo segundo nível de Tronjheim, nós capturamos três knurlan em que estavam escondendo um pardo despenca. Nós quebramos as mentes de dois deles e, deles, aprendemos quem alimentou os assassinos para o ataque deles. E,” disse Orik, a voz dele crescendo severa e terrível, “deles nós aprendemos a identidade do mestre deles. Eu o, Grimstborith, nomeio Vermûnd! Eu o nomeio o Assassino e quebrador de juramentos. Eu o nomeio um inimigo de Dûrgrimst Ingeitum, e eu o nomeio um traidor para seu tipo, porque era você e seu clã que tentaram matar Eragon!”

O encontro de clã explodiu em caos cada chefe de clã exceto Orik e Vermûnd suplicavam aos gritos e agitos de vários modos tentando dominar a conversação. Eragon soltou sua espada emprestada da bainha e planejou pular no meio deles. Assim ele poderia responder com toda velocidade possível se Vermûnd ou um dos anões preferisse atacar naquele momento. Vermûnd não se moveu, todavia, nem Orik; eles se encaravam ao mesmo tempo como lobos rivais sem prestarem atenção na comoção ao redor deles.

No momento em que Gannel conseguiu restaurar a ordem, ele disse, “Grimstborith Vermûnd, você pode rebater estes ataques?”

Com uma voz funda e sem emoção, Vermûnd replicou: Eu nego eles com todos os meus ossos e minha pele, e eu desafio qualquer um deles a provar para satisfazer o leitor-de-leis.”

Gannel voltou-se favoravelmente para Orik. “Apresente suas evidencias, se existem, Grimstborith Orik, para nós, se possível, podermos julgar qual dos dois é valido ou não. Aí serão cinco leitores-de leis aqui hoje, e eu não sou enganado.” Ele fez sinal para a parede onde cinco anões de barbas brancas oscilaram e curvaram-se. Eles vão garantir que não saiamos para muito além das fronteiras da lei e manterão a nossa investigação. Todos aceitam?”

“Eu aceito!” disse Ûndin

“Eu aceito!” disse Hadfala e todo o restos dos chefes de clã concordaram em seguida, exceto Vermûnd.

Primeiro, Orik colocou o bracelete de ametista sobre a mesa. Cada clã tinha um chefe e seus mágicos para examiná-la, e todos concordaram que como uma prova ela foi inconclusiva.

Orik então tinha um assessor, trazendo consigo um espelho montado sobre um tripé de bronze. Um dos mágicos dentro de seu conhecimento lançou um feitiço, na superfície brilhante do espelho, e lá apareceu a imagem de uma pequena estande de livros de uma sala cheia. Um momento se passou, e um anão apressado parou e se curvou em direção ao encontro de clã a partir de dentro do espelho. Com um sussurro de voz, ele apresentou-se como Rimmar, e praguejou um juramento na língua antiga garantindo sua honestidade. Ele disse ao encontro de clãs como ele e seus assistentes fizeram e apresentaram as suas descobertas relativas à adagas dos atacantes de Eragon haviam manejado.

Quando os chefes de clã acabaram de questionar Rimmar, Orik mando seus guerreiros Ingeitum trazerem os três anões capturados. Gannel ordenou que falassem os juramentos de na Língua Antiga, mas os malditos cuspiram no chão e recusarão. Depois os mágicos de cada clã juntaram seus poderes e invadiram as mentes dos prisioneiros e pegaram as informações que o encontro de clã desejava. Sem exceção os mágicos confirmaram o que Orik tinha dito.

Por ultimo Orik e Eragon foram chamados a depor. Eragon sentiu-se nervoso quando ele caminhou em volta para mesa dos treze chefes de clã com olhos fixos e crispados para ele. Ele olhou em toda a sala, uma pequena espiral de mármore cor de pilar e tentou ignorar o seu desconforto. Ele repetiu o juramento de veracidade como um dos anões

mágicos lhes deu a ele e, em seguida, sem falar mais do que era necessário, Eragon disse aos chefes clã como ele e seus guardas tinham sido atacados. Depois, ele responde aos anões inevitáveis questões e permitiu, em seguida, dois dos bruxos - Gannel quem escolheu aleatoriamente de entre aqueles presentes- para examinar suas memórias sobre o evento. Eragon abaixou as barreiras em torno de sua mente, ele notou que os dois mágicos pareciam apreensivos, e ele deu algum conforto a partir da observação. Bom, ele pensou. Eles serão menos propensos a vaguear onde eles não devem se eles têm medo de mim.

Para alívio de Eragon, a inspeção correu sem incidentes, e os magos confirmaram seu relato para o chefes de clã.

Gannel levantou de sua cadeira e abordou os leitores-de-lei, pedindo-lhes: "Estão satisfeitos com a qualidade das provas Grimstborith Orik e Eragon Matador de Espectros nos mostrou?"

Os cinco anões barbas-brancas curvaram-se, e o anão do meio disse: "Nós estamos, Grimstborith Gannel."

Gannel grunhiu, parecendo cansado. "Grimstborith Vermûnd, você é responsável pela morte de Kvîstor, filho de Bauden, e vocês tentaram matar um hóspede. Ao fazê-lo, trouxeram vergonha à nossa raça inteira. O que você diz a isto?"

O chefe do clã Az Sweldn rak Anhûin pressionou as mãos contra a mesa plana, veias aumentaram sob sua pele curtida. "Se aquilo é um Cavaleiro de Dragão Anão exceto no sangue, como todos, então ele não é convidado e mais nós vamos tratá-lo como faria com qualquer dos nossos inimigos diferentes vindos de um clã."

"Porque, isso é absurdo!" Exclamou Orik, quase pulverizando com violência e indignação. "Você não pode dizer isso dele."

"Acalme sua língua, por favor, Orik," disse Gannel. "Gritar não vai resolver esta questão. Orik, Nado, Íorûnn, vocês virão comigo."

Eragon começou a se preocupar em como os quatro anões foram consultados e com a rápida compreensão dos leitores-de-lei durante vários minutos. Certamente eles não vão deixar Vermûnd escapar de uma punição justa por causa de alguns estratégias verbais! - ele pensou.

Voltando à tabela, Íorûnn disse: "Os leitores-da-lei são unânimes. Apesar de Eragon ser um membro e jurar Dûrgrimst Ingeitum, ele também detém posições de importância para além do nosso reino, ou seja, a de Dragon Rider, mas também o de um funcionário do emissário Varden, enviado por Nasuada para testemunhar a coroação do nosso próximo rei, e também o de um amigo da Rainha com elevada influência Islanzadí e dele disputado por todos. Por essas razões, a Eragon é devida a mesma hospitalidade que iria desfrutar qualquer visitante embaixador, príncipe, monarca, ou outra pessoa de grande significado." A mulher anã lançou um olhar indireto em Eragon, ela lateralmente, piscou os olhos sobre os seus membros negros. "Em suma, ele é nosso hóspede honrado, e nós devemos tratá-lo como tal... que todos os knurla que não são cavernas-raivosas deveriam saber."

"Sim, ele é nosso convidado," concordaram Nado. Seus lábios ficaram apertados e brancos e sua face retraiu, como se ele tivesse mordido na maçã apenas para descobrir que estava ainda prematura. "O que você diz agora, Vermûnd?" Exigiu Gannel.

Levantando-se do seu acento, o anão de véu - púrpura olhou ao redor da mesa, contemplando cada um dos chefes de clã a sua volta. "Eu digo isto, e me escutem bem, chefes de clãs : seja qual for o clã que levantar o machado contra Az Sweldn rak Anhûin por causa dessas falsas acusações, vamos considerar um ato de guerra, e vamos responder apropriadamente. Se me prenderem aqui, considerarei um ato de guerra e também vamos responder apropriadamente." Eragon viu o véu Vermûnd se contorcer, e

ele poderia ter jurado que o anão sorriu por debaixo. “Se nos atacarem, de qualquer maneira possível, mesmo com aço ou com palavras, não importa quão leve seja sua reprimenda, nós devemos considerá-la um ato de guerra, e vamos responder apropriadamente. A menos que você esteja ansioso para rasgar o nosso país em uma sangrenta batalha, sugiro que você deixe o vento soprar fora a discussão desta manhã e, em seu lugar, encha a sua mente com pensamentos sobre quem deverá ser o próximo a reger o trono de granito.”

O chefes de clã ficaram em silêncio por um longo tempo.

Eragon teve que morder a língua antes de saltar sobre a mesa e avançar injuriado contra Vermûnd até os anões acordarem para concordar com seus crimes. Ele lembrou que o próprio Orik tinha lhe dito que ele deveria deixar Orik' conduzir quando se lida com o encontro de clãs. Orik é o meu chefe clã, e devo deixá-lo responder a esta questão.

Freowin desdobradas suas mãos e bateu a mesa com a palma da mão. Com seu rouco barítono, que enchia toda a sala, embora ele não parecia mais alto do que um sussurrar, o obeso anão disse: “Você tem vergonha nossa descendência, Vermûnd. Não podemos manter a nossa honra como knurlan e ignorar a sua traspassa.”

O anão mulher idosa, Hadfala, embaralhou seu feixe de runa cobertas de páginas e disse: “O que você ganharia, além da nossa desgraça, matando Eragon? Mesmo que os Varden poderiam depor Galbatorix sem ele, o seu dragão Saphira, cairia para baixo sobre nós, se você matasse seu cavaleiro! Ela iria encher Farthen Dur com um mar do nosso próprio sangue.”

Nem uma palavra veio do Vermûnd.

Risos romperam a calma. O som era tão inesperado, de primeira Eragon não acreditou que era proveniente de Orik.

Seu contentamento súbito, Orik disse: “Se nos movermos contra você ou Az Sweldn rak Anhûin, você vai considerar isso um ato de guerra, Vermûnd? Muito bem, então nós não devemos mover contra você, não todos.”

Vermûnd da sobancelha em pé. “Como é que isto pode lhe fornecer uma fonte de diversão?”

Orik riu novamente. “Porque eu tenho pensado em algo que você não tem, Vermûnd.”

“Você deseja deixar você e seu clã sozinho? Então eu proponho ao encontro de clãs que nós fazemos o que o Vermûnd deseja. Se Vermûnd tinha entendido para o seu próprio bem ou não como um grimstborith, ele seria banido por ofensas à dor da sua morte. Portanto, deixemo-nos tratar o clã como tratar iríamos a pessoa; vamos banir Az Sweldn rak Anhûin de nossos corações e mentes até que eles escolham alguém para substituir Vermûnd como um grimstborith de uma forma mais moderada e temperamento e até eles reconhecerem sua vilania e arrepender-se do mesmo para o Conselho de Clãs, mesmo que seja preciso esperar um milhar de anos.”

A pele enrugada ao redor dos olhos Vermûnd ficou pálida. “Você não se atreveria.”

Orik sorriu. “Ah, mas não tocaríamos um dedo sobre você ou seu tipo. Vamos simplesmente ignorá-lo e recusar-se a trocar com Az Sweldn rak Anhûin”. Vai declarar guerra a uma porta por não te fazer nada, Vermûnd? Para se cumprir concorde comigo, isso é exatamente o que deve fazer: nada. Vai-nos obrigar com espadas a comprar seu mel e seu pano e suas jóias de ametista? Você não tem guerreiros para obrigar-nos.” Quanto ao resto do mesa, Orik perguntou: “O que dizer do resto de vocês?”

O Conselho de Clãs não teve tempo para decidir. Um a um, os chefes de clãs votaram por banir Az Sweldn rak Anhûin. Mesmo Nado, Gáldhiem, e Havard-Vermûnd's outrora aliados apoiaram a proposta de Orik Com o voto de afirmação de todos, a pele ficou

visivelmente branca no rosto de Vermûnd e cresceu cada vez mais, até que ele pareceu um fantasma vestido com as roupas de sua antiga vida.

Quando a votação foi concluída, Gannel apontou em direção a porta e disse: “Vá embora Vargrimstn Vermûnd. Saia hoje mesmo de Tronjheim e nenhum dos demais Az Sweldn rak Anhûin serão problemas para o Conselho de Clãs até se cumprirem as condições que temos estabelecido. Até ao momento em que isso acontecer, vamos fugir de todos os membros do Az Sweldn rak Anhûin. Saiba isto, no entanto: enquanto o seu clã maio exime-se da sua desonra, você, Vermûnd, deve permanecer Vargrimstn, mesmo morrendo no seu tempo. Essa é a vontade dos clãs e deverá cumprir.” Gannel concluiu sua declaração..

Vermûnd permaneceram onde ele estava, ombros tremendo e uma emoção que Eragon não soube identificar. “É você quem tem vergonha e traiu nossa raça,” ele grunhiu.

“Um Cavaleiro de Dragão matou todos os nossos clãs Anhûin salvou e guardou. Você espera-nos esquecer isto? Você espera-nos a perdoar isto? Bah! Eu cuspo sobre os túmulos de seus antepassados. Estamos em novos ainda não perdi a minha barba. Nós não seremos pinoteados como fantoches dos elfos enquanto os nossos familiares mortos ainda clamam por vingança. “A indignação apoderou Eragon quando nenhum dos outros chefes de clã respondeu, e ele estava prestes a responder a declamação de Vermûnd com palavras duras de sua própria vontade quando Orik olhou para ele e balançou sua cabeça negativamente. Como era difícil, Eragon manteve sua raiva em xeque, Orik embora ele se perguntava por que razão tal Insultos ditos permitiria passar sem contestar. É quase como se... Ah.

Movendo-se longe da mesa, Vermûnd se situava, suas mãos e punhos e seu gingado e ombros curvados. Ele retomava falando, advertindo e desacreditando os chefes de clãs com o aumento da cólera até que ele estava gritando com toda força de seus pulmões.

Não importa quão vil foram as implicações de Vermûnd, no entanto, os chefes de clã não responderam. Eles olharam para ele a distância, como se estivesse pensando complexos dilemas, e seus olhos deslizaram ao longo sem para em Vermûnd. Quando, em sua fúria, Vermûnd agarrou Hreidamar pela frente da sua cota de malha de ferro, três dos guardas Hreidamar's saltaram para frente e puxaram Vermûnd fora, mas o modo que eles fizeram, Eragon reparou sua manifestação, mantiveram brandos e imutáveis, como se estivessem apenas ajudando Hreidamar endireitar a sua cota de malha. Uma vez Vermûnd libertado, os guardas não olharam para ele outra vez.

Um calafrio da coluna vertebral penetrou até Eragon. Os anões de Vermûnd agiram como se tivessem deixado de existir. Isto é o que significa ser banido entre os anões. Eragon achava que ele preferia ser morto do que sofrer tal sorte, e por um momento, ele sentiu um sentimento de pena por Vermûnd, mas sua pena desapareceu um instante mais tarde, quando ele se lembrava da expressão de Kvîstor morrendo. Com um juramento final, Vermûnd saiu da sala, seguido por aqueles que haviam do seu clã, e o acompanhavam por conhecer.

Os climas entre as restantes dos chefes de clã relaxou com fechar das portas colocando Vermûnd para trás. Mais uma vez os anões olharam em volta, sem restrições, e eles retomaram falando em voz alta, discutindo o que mais eles seriam obrigados a fazer em relação aos Az Sweldn rak Anhûin.

Então Orik bateu o cabo da sua adaga contra a mesa, e todos voltaram-se para ouvir o que ele tinha a dizer. “Agora que temos tratado de Vermûnd, existe uma outra questão que gostaria de cumprir e considerar. Nosso objetivo aqui é na montagem de eleger o sucessor de Hrothgar. Nós todos temos tido muito a dizer sobre o assunto, mas agora creio que é chegado o momento de colocar as palavras atrás de nós e permitir que as nossas ações falem por nós. Portanto, exorto a reunir-mos para decidir se estamos

prontos- e estamos mais do que prontos, na minha opinião, para proceder à votação final de três dias, conseqüentemente, como é nosso direito. O meu voto, como eu elenco dele, é sim.”

Freowin olhou Hadfala, que olhou para Gannel, que olhou para Manndrâth, que tocou o lado de seu nariz e olhou para Nado, afundado em sua cadeira e baixo mordendo o interior de sua bochecha.

“Sim,” disse Íorûnn.

“Sim,” disse Ûndin.

“... Aye,” disse o Nado, e o mesmo fez outros oito chefes de clã.

Horas depois, quando o Conselho de clãs partiu para o almoço, Orik e Eragon e regressaram para as Câmaras de Orik para comer. Nenhum deles falou, até que entrou seus quartos, que eram resistentes contra curiosos. Lá Eragon permitiu-se a sorrir. “Você planejou tudo, sobre bani Az Sweldn rak Anhûin, não foi?”

Com uma expressão satisfeita em seu rosto, Orik sorriu e bateu seu estômago. “Isso que fiz. foi a única ação que eu podia tomar, que não conduzia inevitavelmente a um guerra de clãs. Nós ainda podemos ter uma guerra de clãs, mas isso não deve ser da nossa decisão nossa.

Duvido que tal uma calamidade vai acontecer, no entanto. Tanto quanto te odeio, a maior parte do Az Sweldn rak Anhûin ficará revoltada com o que Vermûnd tem feito em seu nome. Ele não irá permanecer para grimstborith por muito tempo, eu acho.”

“E agora você assegurou a votação para o novo rei.”

“Ou rainha.”

“Ou rainha será.” Eragon hesitou, relutante em perguntar a Orik sobre o fracasso de seu triunfo, mas então ele perguntou: “Você realmente tem o apoio de que necessita para vencer o trono?”

Orik disse. “Antes, desta manhã, ninguém tinha o apoio que precisava. Agora, o equilíbrio alterou-se e, no momento, simpatias enganam a gente. Mais vale a malha no ferro enquanto está quente; nunca iremos ter uma oportunidade melhor que esta. Em qualquer caso, não podemos permitir que o Conselho de Clãs se arraste por mais tempo. Se você não retornar aos Varden em breve, todos poderão estar perdidos.”

“O que devemos fazer enquanto esperamos para a votação?”

“Primeiro, vamos comemorar nosso sucesso com uma festa,” declarou Orik. “Então, quando estivermos fartos, vamos continuar como antes: na tentativa de reunir mais votos, enquanto defendemos aqueles que já ganhamos.” Dentes de Orik brilharam brancos por baixo da franja da sua barba quando ele sorriu novamente. “Mas antes de nós consumirmos tanto com um único gole de hidromel, existe algo que você esqueceu e que não assistirá.”

“O quê?” Perguntou Eragon, intrigado com o que parecia ser um óbvio deleite de Orik.

“Por que, você deve convocar Saphira para Tronjheim, claro! Se eu me tornar rei, ou não, vamos coroar um novo monarca em três dias. Se estiver para assistir a cerimônia, Saphira terá de voar rapidamente, a fim de chegar aqui antes.”

Com uma exclamação muda, Eragon correu para encontrar um espelho.



# INSUBORDINAÇÃO

Roran sentia a frescura do solo negro e rico debaixo da sua mão.

Agarrou num torrão solto e desfê-lo entre os dedos, observando com agrado que estava amido e cheio de folhas em decomposição, caules, musgo e outros tipos de matéria orgânica, tratando-se de excelentes nutrientes para as safras. Levou-o aos lábios e à língua. O solo sabia a vida, reunindo centenas de sabores: desde fragmentos pulverizados de montanhas, insetos, madeira apodrecida e raízes tenras de erva.

*É uma boa terra de cultivo, pensou Roran. E voltou atrás no campo, até ao Vale de Palancar, onde viu de novo o sol de Outono a brilhar sobre o campo de cevada próximo da casa da sua família - Fiadas apumadas de talos dourados oscilavam ao sabor da brisa, com o Rio Anora a Oeste e as montanhas com os picos cobertos de neve a agigantarem-se de ambos os lados do vale. Era aí que eu deveria estar lavrando a terra e criando uma família com Katrina e não aqui a regar o solo com a seiva de membros humanos.*

“Você aí!” gritou o capitão Edric, apontando para Roran de cima do cavalo. “Vê se acabas com a vadiagem, Martelo Forte não vá me faça mudar de idéia a teu respeito e por te a montar guarda com os arqueiros!”

Limpando as mãos e as perneiras, Roran ergueu-se: “Sim meu, capitão! As suas ordens, meu capitão!” disse engolindo a antipatia que sentia por ele. Desde que se juntara a companhia de Edric, Roran tentara saber o máximo possível acerca do homem e, pelo que ouvira contar, concluíra que Edric era um comandante competente. Nasuada jamais o teria encarregado de uma missão tão importante, se assim não fosse. Mas tinha uma personalidade abrasiva e castigava os guerreiros ao mínimo desvio da prática estabelecida, tal como Roran aprendera, para seu desgosto, em três ocasiões distintas, no seu primeiro dia com a companhia de Edric. Na visão de Roran, aquele era o estilo de comando capaz de destruir a moral de um homem, desencorajando a criatividade e a capacidade inventiva dos subalternos. *Talvez Nasuada me juntasse a ele precisamente por esse motivo, pensou Roran. Ou talvez este seja mais um dos seus testes e ela pretenda certificar-se de que consigo engolir o orgulho o tempo suficiente para funcionar com um homem como Edric.*

Voltando a montar Fogo na Neve, Roran cavalgou para a dianteira da coluna de duzentos e cinquenta homens. A missão deles era simples como Nasuada e o Rei Orrin tinham retirado a maioria das suas tropas de Surda, aparentemente Galbatorix decidira tirar partido daquela ausência ao semear o caos pelo país indefeso, saqueando cidades e aldeias e incendiando colheitas necessárias ao sustento, durante a invasão do Império. A forma mais fácil de eliminar os soldados seria sido Saphira voar sobre eles e fazê-los em pedaços. No entanto, todos concordaram que seria demasiado perigoso para os Varden ficarem sem Saphira por tanto tempo, a menos que voasse ao encontro de Eragon. Assim sendo, Nasuada enviara a companhia de Edric para repelir os soldados, cujo número inicialmente estimado pelos seus espiões era de cerca de trezentos homens. Porém, dois dias antes, Roran e o resto dos guerreiros tinham ficado apavorados ao encontrarem rastros que indicavam que as tropas de Galbatorix reuniam cerca de setecentos homens.

Roran freou Snowfire junto de Carn, montado na sua égua mosqueada, coçando o queixo enquanto estudava o tratado do terreno. A sua frente estendia-se um vasto campo de erva ondulante, salpicado aqui e ali de grupos de salgueiros e choupos. Enquanto os falcões caçavam nos céus, no solo a erva fervilhava de ruidosos ratos, coelhos, toupeiras

e outros animais selvagens. O único sinal da presença humana naquele local, era a faixa de vegetação pisada rumo ao horizonte, na direção Oeste, assinalando a passagem dos soldados.

Carn olhou para o sol do meio-dia, esticando a pele em torno dos olhos descaídos ao franzi-los.

Deveríamos alcançá-lo antes que as nossas sombras se tornem maiores do que nós.

“Por essa altura saberemos se dispomos de homens suficientes para os afastar,” murmurou Roran. “Ou se seremos pura e simplesmente massacrados. Uma vez na vida, gostava que fôssemos em maior número que o inimigo.”

Um sorriso melancólico rasgou o rosto de Carn.

“Com os Varden, é sempre assim.”

“Formar!” gritou Edric, esporeando o cavalo ao longo do trilho aberto na erva. Roran crispou o maxilar, cravando os calcanhares nos flancos de Fogo na Neve enquanto a companhia seguia o capitão.

Seis horas depois, Roran continuava montado em Fogo na Neve, escondido por entre um aglomerado de faias que cresciam ao longo da margem de um riacho pouco profundo, atulhado de juncos e farrapos flutuantes de algas. Por entre o emaranhado de ramos pendurados a sua frente, conseguia observar uma aldeia decrépita, com muros cinzentos e vinte casas no máximo. Testemunhara com uma fúria crescente o momento em que, ao avistarem os soldados a avançar de Oeste, os aldeões tinham reunido meia dúzia de trouxas com as suas posses, fugindo para Sul, em direção ao coração de Surda. Se dependesse dele, teria revelado a sua presença aos aldeões assegurando-lhes que não perderiam as suas casas, pelo menos se ele e os seus companheiros o pudessem evitar. Ele lembrava-se bem da dor, do desespero e do desamparo que sentira ao abandonar Carvahall e tê-los-ia poupado disso se estivesse ao seu alcance. Poderia também ter sugerido aos homens da aldeia que lutassem com eles. Mais umas boas dezenas de armas seriam capazes de fazer a diferença entre a vitória e a derrota e Roran conhecia, melhor que muitos, o fervor com que as pessoas lutavam para defender as suas casas. Porém Edric rejeitara a idéia e insistira para que os Varden permanecessem escondidos nas colinas a Sudeste da aldeia.

“Temos sorte de estarem a pé,” murmurou Carn, apontando para a coluna vermelha de soldados, que marchavam em direção a aldeia. “Caso contrário, jamais teríamos conseguido chegar aqui primeiro.”

Roran olhou para os homens reunidos atrás dele. Edric passara-lhe o comando temporário de oitenta e um dos guerreiros espadachins, lanceiros e meia dúzia de arqueiros. Um dos familiares de Edric, Sand, comandava outros oitenta e um homens da companhia, enquanto Edric ficara a cargo dos restantes. Os três grupos comprimiam-se uns contra os outros por entre as faias, o que Roran considerava um erro, pois o tempo que demorariam a reorganizar-se, logo que saíssem do seu esconderijo, significaria tempo extra para os soldados estruturarem as suas defesas.

Inclinando-se para Carn, Roran disse: “Não vejo nenhum deles com mãos ou pernas decepadas, nem outros ferimentos com relevância. No entanto, isso não quer dizer nada. Consegues distinguir se entre eles há homens que não sentem dor?”

Carn suspirou: “Quem me dera conseguir. O teu primo talvez fosse capaz, na medida em que Murtagh e Galbatorix são os únicos feiticeiros que tem a recear; agora eu sou um pobre mágico e não me atrevo a pôr os soldados a prova. Se houver mágicos disfarçados entre os soldados, perceber-se iam da minha intromissão e seria pouco provável que conseguisse penetrar nas suas mentes antes deles alertarem os companheiros da nossa presença.



“Tenho a sensação de que esta discussão se repete sempre que combatemos.” Comentou Roran enquanto observava o armamento dos soldados, tentando decidir qual a melhor forma de posicionar os seus homens.

Carn deu uma gargalhada e disse: “Não faz mal Só espero que a possamos continuar a ter, caso contrário...”

“Um de nós teria sido morto... ou ambos.”

“Ou Nasuada terá decidido reagrupar-nos às ordens de capitães diferentes...”

“Nessa altura mais vale morrer, pois também não teremos ninguém que nos proteja as costas,” concluiu Roran. Um sorriso aflorou-lhe aos lábios. Era já uma velha piada entre eles. Tirou o martelo do cinto e retraiu-se, ao sentir uma dor aguda na perna, no local onde o boi lhe rasgara a carne com o chifre. Fez uma careta e esticou o braço, massageando a zona do ferimento.

Carn reparou e perguntou-lhe: “Estás bem?”

“Não morro disto,” disse Roran, reconsiderando depois as suas palavras. “E daí talvez. . mas diabos me levem se ficarei aqui parado enquanto vocês cortam aquele bando de trôpegos às fatias.”

Quando os soldados alcançaram a aldeia, marcharam a direita através dela, parando apenas para arrombar as portas de cada casa e passar revista as salas,- certificando-se se haveria alguém escondido no interior. Um cão saiu detrás de um barril de água da chuva, de pêlo eriçado, e começou a ladrar aos soldados. Um dos homens avançou e atirou-lhe uma lança, matando-o.

Quando o primeiro soldado atingiu o lado oposto da aldeia, Roran apertou a mão em torno do cabo do machado, preparando-se para o ataque. No entanto, ouviu uma série de guinchos agudos e o pavor apoderou-se dele. Um grupo de soldados saiu da penúltima casa, arrastando três pessoas que se debatiam. Um homem magro de cabelo branco, uma jovem com a blusa rasgada e um rapaz que não aparentava ter mais de onze anos.

Com a testa alagada em suor, num tom cavo, lento e monocórdio, Roran amaldiçoou os três prisioneiros por não terem fugido juntamente com os vizinhos; os soldados pelo que estavam a fazer e, provavelmente, ainda iriam fazer; Galbatorix e todos os caprichos do destino que tinham conduzido aquele cenário. Atrás de si, percebeu a agitação dos homens, que mastigavam raiva, ansiosos por punir os soldados pela brutalidade.

Depois de revistarem todas as casas a multidão de soldados regressou ao centro da aldeia, formando um semicírculo irregular em torno dos prisioneiros.

“Sim!” exclamou ele para si, ao ver os soldados virar costas aos Varden. O plano de Eddic era esperar até que eles fizessem isso mesmo. Na expectativa de ouvir a ordem para atacar, Roran ergueu-se alguns centímetros na sela, com o corpo tenso. Tentou engolir, mas tinha a garganta demasiado seca.

O oficial que comandava os soldados, e era o único homem a cavalo entre eles, desmontou e trocou algumas palavras inaudíveis com o aldeão de cabelos brancos. Depois, sem qualquer aviso, desembainhou o sabre e decapitou o homem, saltando para trás para evitar ser atingido pelo jato de sangue. A jovem gritou ainda mais alto.

“Atacar!” disse Eddic.

Só passando meio segundo que a palavra que Eddic proferira tão calmamente era a ordem pela qual ele tanto ansiava.

“Atacar!” gritou Sand do outro lado de Eddic, galopando com os seus homens, para o exterior do aglomerado de faixas.

“Atacar!” gritou Roran. Enterrou os calcanhares nos flancos de Snowfire e agachou-se atrás do escudo, enquanto Fogo na Neve o conduzia através do emaranhado de ramos, voltando a abaixá-lo logo que saíram para campo aberto e desceram através da encosta da colina, rodeados pelo estrondar do som dos cascos dos cavalos. Desesperado para

salvar a mulher e o rapaz, Roran incitou Snowfire até ao limite da sua capacidade. Olhando para trás, sentiu-se encorajado ao ver que o seu contingente se separara do resto dos Varden sem grande dificuldade e que, a exceção de alguns homens dispersos, a maioria se reunira num grupo uníssono a menos de nove metros dele.

Roran viu de relance Carn a cavalgar na dianteira dos homens de Edric, com a capa cinzenta a tremular ao vento, desejando mais uma vez que Edric tivesse permitido que ficassem no mesmo grupo.

De acordo com as suas ordens, Roran não entrou a direito na aldeia, desviando-se para a esquerda e contornando os edifícios, de forma a flanquear os soldados e a atacá-los por outra direção. Sand fez o mesmo à direita, enquanto Edric e os seus homens entraram direito na aldeia.

Uma fileira de casas, impediu Roran de ver o confronto inicial; depois ouviu um coro de gritos frenéticos, seguido de uma série de estranhos ruídos metálicos e, finalmente, guinchos de homens e cavalos.

Roran sentiu o estomago apertado de inquietação. *Que barulho foi este? Serão arcos de metal? Será que existem?* Fosse qual fosse a causa, Roran sabia que não era normal ouvirem-se tantos cavalos a gritar em agonia. Os seus membros gelaram ao concluir com uma certeza inabalável que o ataque correria mal e que a batalha poderia já estar perdida. Ao passarem pela última casa, ele puxou com toda a força as rédeas de Snowfire, virando-o em direção ao centro da aldeia. Atrás dele, os seus homens fizeram o mesmo. A cento e oitenta metros, Roran viu uma linha tripla de soldados, entre duas casas, que lhes bloqueava a passagem. Os soldados não pareciam temer os cavalos que galopavam na sua direção.

Roran hesitou. As ordens que tinha eram claras ele e os seus homens deviam atacar o flanco Oeste e atravessar as tropas de Galbatorix até se reunirem a Sand e Edric. Contudo, Edric não dissera a Roran exatamente como proceder, no caso de galopar em direção aos soldados deixar de parecer uma boa idéia, logo que ele e os seus homens alcançassem as respectivas posições. E Roran sabia que se desobedecesse as suas ordens, mesmo que para impedir que os seus homens fossem massacrados, seria acusado de insubordinação e Edric o puniria.

Depois os soldados afastaram as suas volumosas capas e ergueram arcos de flechas, prontos a disparar, a altura dos ombros.

Nesse instante, Roran decidiu que faria o que fosse preciso para garantir que os Varden ganhassem a batalha. Não estava disposto a deixar que os soldados destruíssem a sua força com uma única saraivada de flechas, apenas para evitar conseqüências desagradáveis ao desafiar as ordens do seu capitão.

“Abriguem-se,” gritou Roran, torcendo a cabeça de Fogo na Neve para a direita e forçando o animal a desviar-se para trás de uma casa. Segundos depois, uma dúzia de flechas, enterraram-se na parte lateral do edifício. Virando-se, Roran verificou que todos os guerreiros, a exceção de um, tinham conseguido agachar-se atrás das casas mais próximas, antes dos soldados dispararem. O homem que fora lento demais estava caído no chão sangrando, com duas flechas saindo do peito. As flechas tinham-lhe furado a armadura de escamas, como se fosse de tecido fino. Assustado com o cheiro de sangue, o cavalo desatara aos coices e fugira da aldeia, deixando um rasto de pó para trás.

Roran esticou o braço e agarrou-se a uma trave lateral da casa, segurando Snowfire enquanto tentava desesperadamente pensar no que fazer. Os soldados tinham-no encurralado a ele e aos seus homens. Se recuassem para campo aberto, seriam atingidos por tantas flechas que ficariam parecendo ouriços.

Um grupo de guerreiros de Roran, cavalgou até junto dele e vinham de uma casa parcialmente protegida do campo de visão dos soldados graças ao edifício onde ele estava.

“O que fazemos, Martelo Forte?” perguntaram eles. Não pareciam incomodados pelo fato de ele ter desobedecido as ordens; pelo contrario, olhavam-no com uma expressão de renovada confiança.

Pensando o mais rapidamente possível, Roran olhou em redor, reparando por acaso no arco e na aljava presos nas traseiras da sela de um dos homens. Sorriu. Apenas alguns dos guerreiros lutavam com arcos, mas todos traziam arcos e flechas para caçarem e ajudarem a alimentar a companhia. Permaneciam sozinhos no mato, sem o apoio do resto dos Varden.

Apontando para a casa onde se mantinha encostado, Roran disse: “Levem os vossos arcos e trepem no telhado, ate não caber mais ninguém. Mas se dão valor as vossas vidas, mantenham-se fora de alcance, até eu dizer. Logo que eu ordenar, comecem a disparar e não parem ate ficarem sem flechas, ou até todos os soldados estarem mortos, entendido?”

“Sim, senhor!”

“Vamos embora, então. Os restantes terão de encontrar outros edifícios, de onde possam atingir os soldados. Harald, passa a ordem a toda a gente. Reúne os dez melhores lanceiros e os dez melhores espadachins; a seguir, traga-os aqui o mais depressa que pudes.”

“Sim, senhor!”

Num alvoroço os soldados apressaram-se a cumprir as suas ordens. Os que estavam mais próximos de Roran tiraram os arcos e as aljavas das selas, puseram-se de pé em cima do dorso do cavalo e içaram-se para o telhado de colmo da casa. Quatro minutos depois, a maioria dos homens de Roran estava em posição, em cima dos telhados de sete casas - cerca de oito homens em cada um - e Harald regressava com os espadachins e os lanceiros que Roran lhe pedira.

Roran disse aos guerreiros reunidos em seu redor:

“Muito bem. Agora ouçam: quando eu lhes der a ordem, os homens ali em cima começarão a disparar. Logo que a primeira saraivada de setas atingir os soldados, nós saímos e tentamos salvar o capitão Edric. Se não conseguirmos teremos de nos contentar em provar o gelo do aço dos túnicas-vermelhas. Os arqueiros deverão armar confusão suficiente para nós nos aproximarmos dos soldados antes que eles consigam usar os arcos, entendido?”

“Sim, senhor!”

“Então, fogo!” gritou Roran.

Gritando a plenos pulmões, os homens que estavam em cima das casas ergueram-se sobre a crista dos telhados e dispararam os arcos em direção aos soldados situados em baixo, como se fossem um só. O enxame de flechas silvou pelo ar como um bando de mosquitos sedentos de sangue a mergulhar em direção a presa.

Instantes depois, quando os soldados começaram a uivar de agonia em consequência dos ferimentos, Roran disse:

“A galope, agora!” enterrando os calcanhares em Fogo na Neve.

Juntos, ele e os seus homens, contornaram a casa e conduziram os cavalos numa curva tão apertada que quase caíram. Confiante na velocidade e na perícia dos arqueiros para o proteger, Roran esquivou-se dos soldados que se debatiam numa confusão total, ate chegar ao local do ataque desastroso de Edric. Ali o solo estava coberto de sangue, escorregadio, e os corpos de bons soldados e de magníficos cavalos preenchiam o espaço entre as casas. Aqueles que restavam das forças de Edric estavam envolvidos em

combates corpo a corpo com os soldados. Para surpresa de Roran, Edric estava vivo, lutando costas com costas com cinco dos seus homens.

“Fiquem comigo!” gritou Roran aos seus companheiros, enquanto estes corriam para a batalha.

Agredindo dois soldados com os cascos, Fogo na Neve atirou-os ao chão, partindo-lhes os braços com que empunhavam as espadas e arrombando-lhes a caixa torácica. Satisfeito com seu garanhão, Roran desferia golpes de machado, arreganhando os dentes com uma expressão de regozijo feroz, e derrubava soldado atrás de soldado, sem que nenhum conseguisse resistir a ferocidade dos seus ataques.

“Venham para junto de mim!” gritou ele ao ficar lado a lado com Edric e com os outros sobreviventes. “Venham para junto de mim!” À sua frente continuavam a chover flechas sobre a massa de soldados, forçando-os a cobrir-se com os escudos, ao mesmo tempo que tentavam defender-se das espadas e das lanças dos Varden.

Logo que ele e os seus soldados conseguiram rodear os Varden que estavam a pé, Roran gritou: “Para trás! Para trás! Para as casas!” passo a passo, todos eles recuaram, até ficarem longe do alcance das espadas dos soldados, correndo depois até a casa mais próxima. No caminho, os soldados atingiram e mataram três dos Varden, mas os restantes conseguiram alcançar o edifício ilesos.

Edric encostou-se na parte lateral da casa, tentando recuperar o fôlego. Quando voltou a conseguir falar, apontou para os homens de Roran e disse:

“A sua intervenção foi muito oportuna e bem-vinda, Martelo Forte. Mas porque estás aqui e não a sair do meio dos soldados, tal como eu esperava?”

Depois Roran explicou-lhe o que fizera e apontou para os arqueiros nos telhados.

Uma expressão sombria de desagrado surgiu no rosto de Edric enquanto ouvia as explicações de Roran; contudo, não o criticou pela desobediência, dizendo apenas:

“Manda aqueles homens descer imediatamente. Conseguiram quebrar a disciplina dos soldados. Agora temos de recorrer ao honesto manejo da espada, para nos livrarmos deles.”

“Não temos homens que chega para atacar os soldados diretamente!” protestou Roran.

“Superá-nos em número, a razão de três para um, no mínimo.”

“Então teremos de compensar com coragem o que nos falta em números!” vociferou Edric. “Disseram-me que tinhas coragem, Martelo Forte, mas é obvio que o rumor era falso pois estas mais acanhado que um coelho assustado. Agora, faz o que te mandam e não voltes a questionar-me!” Em seguida, o capitão apontou para um dos guerreiros de Roran.

“Você aí, empresta-me o teu cavalo.” Depois do homem desmontar, Edric trepou para a sela e disse: “Metade dos que estão a cavalo, sigam-me! Vou dar apoio a Sand. Os restantes ficam com Roran,” e esporeando o cavalo nos flancos, Edric partiu a galope com os homens que decidiram segui-lo, correndo de edifício em edifício, e circundando os soldados plantados no centro da aldeia.

que tentavam defender-se das espadas e das lancas dos Varden.

Roran estremeceu de raiva ao vê-los partir. Jamais permitira que alguém questionasse a sua coragem, sem responder à crítica com palavras ou atos; porém, enquanto a batalha durasse, seria impróprio confrontar com Edric. *Muito bem, pensou Roran, demonstrarei a Edric a coragem que ele pensa que me falta. Mas será tudo o que consegue de mim. Não mandarei os arqueiros defrontar os soldados, cara a cara, quando estão mais seguros e são mais eficazes no lugar em que se encontram.*

Roran virou-se e inspecionou os homens que Edric lhe deixara. Ficou encantado ao ver que Carn se encontrava entre os que salvara, arranhado e ensangüentado, mas de resto ileso. Acenaram com a cabeça um ao outro e, a seguir, Roran dirigiu-se ao grupo:

“Ouviram o que Edric disse. Eu discordo. Se fizermos o que ele quer acabaremos todos enterrados debaixo de um molho de pedras antes do pôr-do-sol. Ainda podemos ganhar esta batalha, mas não a marchar para a própria morte! O que nos falta em número, poderemos compensar com astúcia. Vocês sabem como eu vim parar nos Varden, sabem que já lutei e derrotei o Império antes, justamente numa aldeia assim! Isso eu sei fazer, juro-vos. Mas não o conseguirei sozinho. Aceitam seguir-me? Ponderem bem. Eu assumirei a responsabilidade por ignorar as ordens de Edric. No entanto, ele e Nasuada podem decidir castigar todos os envolvidos.”

“Seriam loucos se o fizessem,” rugiu Carn. “Prefeririam que morrêssemos todos aqui? Não, eu acho que não. Podes contar comigo, Roran.”

Depois da declaração de Carn, Roran viu os outros homens endireitarem os ombros e cerrarem os maxilares, viu os seus olhos faiscar com uma renovada determinação e percebeu que tinham decidido confiar-lhe as suas vidas, quanto mais não fosse por não quererem ficar separados do único mágico da companhia. Muitos dos guerreiros dos Varden deviam a sua vida a um membro dos Du Vrangr Gata e os soldados que Roran conhecera, mais depressa espetariam uma faca num pé, do que partiriam para uma batalha sem um feiticeiro por perto.

“Sim,” disse Harald. “Também podes contar conosco, Martelo Forte.”

“Então sigam-me!” Disse Roran. Esticando um braço, içou Carn para cima de Fogo na Neve, apressando-se em contornar a aldeia com o grupo, de regresso ao local onde os arqueiros que estavam em cima dos telhados continuavam a disparar as flechas sobre os soldados. Enquanto Roran e os seus homens corriam de casa em casa, as flechas zuniam ao passar por eles, como gigantescos insetos furiosos e uma delas chegou a enterrar-se a meio do escudo de Harald.

Logo que conseguiram abrigar-se em segurança, Roran ordenou aos homens que ainda estavam a cavalo, para entregarem os arcos e as flechas aos que estavam a pé, mandando-os por sua vez trepar nas casas e reunir-se aos outros arqueiros. Enquanto estes cumpriam as suas ordens atarantados, Roran fez sinal a Carn, que saltara de cima de Snowfire no momento em que pararam, e disse: “Preciso de um feitiço teu. Consegues escudar-me destas flechas a mim e a mais dez?”

Carn hesitou.

“Por quanto tempo?”

“Um minuto, uma hora? Sabe-se lá...”

“Escudar tanta gente de mais do que meia dúzia de flechas, logo ultrapassaria os limites da minha energia... Se não te importares que eu pare as flechas no percurso, poderei desviá-las de vós, o que...”

“Isso seria o suficiente.”

“Quem queres que eu proteja exatamente?”

Roran apontou para os homens que escolhera para se juntarem a ele e Carn perguntou o nome a cada um deles. Arqueando os ombros para dentro, Carn começou a murmurar na língua antiga, com o rosto pálido e tenso. Por três vezes tentou lançar o feitiço e falhou.

“Desculpem,” disse ele, suspirando tremulamente. “Não consigo me concentrar.”

“Não peças desculpas, ora!” rugiu Roran. “Faça-o apenas!” saltando de Fogo na Neve, agarrou a cabeça de Carn de ambos os lados, segurando-a firmemente. “Olha para mim! Olha para o centro dos meus olhos. Isso mesmo. Continua a olhar para mim... Ótimo. Agora ergua o feitiço em torno de nós.”

As feições de Carn clarearam, os ombros descontraíram e ele recitou o encantamento num tom de voz confiante. Ao proferir a última palavra, Roran sentiu-o cambalear ligeiramente, mas entretanto recuperou-se.

“Está feito,” disse ele.

Roran deu-lhe uma palmadinha no seu ombro e voltou a montar Snowfire. Depois, passando os olhos pelos dez cavaleiros, disse:

“Protejam-me os flancos e as costas, mas permaneçam atrás de mim enquanto eu conseguir brandir o martelo.”

“Sim, senhor!”

“Lembrem-se: agora as flechas não nos podem ferir. Carn, você fica aqui. Não te mexas muito; poupa as tuas forças. Se sentires que não consegues manter o feitiço por mais tempo, faz-nos sinal antes de acabares com ele, combinado?”

Sentado no degrau da frente da casa, Carn acenou com a cabeça. “Sim.”

Ajustando o escudo e o martelo, Roran respirou fundo tentando acalmar-se.

“Preparem-se,” disse ele estalando a língua a Fogo na Neve.

Cavalgando para o centro da rua em terra batida, por entre as casas, seguido dos dez cavaleiros, Roran voltou a enfrentar os soldados. Cerca de quinhentos homens das tropas de Galbatorix mantinham-se no centro da aldeia, a maioria agachados ou ajoelhados atrás dos escudos, tentando recarregar os arcos. De vez em quando, um dos soldados erguia-se e disparava uma flecha a um dos arqueiros dos telhados, voltando a baixar-se atrás do escudo, enquanto uma saraivada de setas cortava o ar. Ao longo da clareira salpicada de cadáveres, viam-se aglomerados de setas espetadas no chão, como juncos a irromper do solo sangrento. A uma centena de metros, do lado oposto dos soldados, Roran viu um turbilhão de corpos em luta, deduzindo tratar-se de Sand, Edric e o que restava das suas forças a lutarem contra os soldados. Se a jovem e o rapaz estavam ainda na clareira, ele não via quaisquer sinais deles.

Uma flecha zuniu em direção a Roran. Quando estava a menos de um metro do seu peito repentinamente mudou de direção, desviando dele e dos seus homens. Roran retraiu-se, mas o projétil já tinha passado. Sentiu a garganta apertada e o coração bater duas vezes mais rápido que o normal.

Olhando em redor, Roran avistou uma carroça destruída encostada a uma casa, à sua esquerda. Apontou naquela direção e disse:

“Puxem a carroça para cá e virem-na ao contrário. Bloqueiem tanto quanto possível a rua.” Em seguida, gritou aos arqueiros: “Não deixem os soldados aproximarem-se e ataquem-nos pelos flancos! Quando vierem na nossa direção desbastem-lhes as fileiras o mais possível e logo que fiquem sem flechas, juntem-se a nós.”

“Sim, senhor!”

“Tenham cuidado para não nos atingirem por acidente, ou juro que assombrarei as vossas casas para o resto das vossas vidas!”

“Sim, senhor!”

Mais flechas voaram em direção a Roran e aos outros cavaleiros, mas acabavam sempre ricocheteando na proteção de Carn, desviando-se para uma parede, para o chão, ou voando em direção ao céu.

Roran viu os seus homens arrastarem a carroça para o meio da rua. Quando estavam quase a terminar, ergueu o queixo, encheu os pulmões e projetando a voz na direção dos soldados, rugiu:

“Ei cães corruptos e covardes! Vejam como apenas onze de nós vos barram o caminho! Tentem passar e conquistarão a liberdade! Tentem a vossa sorte, se tiverem coragem. O que? Estão hesitantes? Onde está a vossa virilidade, suas lesmas deformadas, seus assassinos biliosos com cara de porco. Os vossos pais eram débeis mentais a escorrer baba e deveriam ter sido afogados a nascença; as vossas mães eram prostitutas reles e consortes de Urgals!” Roran sorriu satisfeito ao ver vários soldados a gritar indignados e a começarem a insultá-lo. Um deles, porém, parecia ter perdido a vontade de lutar, ao levantar-se e correr para Nordeste, cobrindo-se com o escudo; aos ziguezagues, numa

tentativa desesperada de escapar aos arqueiros. Apesar dos esforços, os Varden atingiram-no mortalmente ainda ele não tinha percorrido trinta metros.

“Seus ratos de rio repugnantes! São todos uns covardes,” exclamou Roran, “Se isto vos der coragem, então é bom que saibam: o meu nome é Roran, Martelo Forte, e Eragon, Matador de Espectros, é meu primo! Se me matarem, esse vosso rei imundo os recompensará com um condado ou mais. Mas terão de me matar com uma espada, pois os vossos arcos nada podem contra mim. Venham suas lesmas, sanguessugas, suas carcaças esfomeadas de barriga branca! Venham e vençam-me se puderem!”

Num alvoroço de gritos aguerridos, um grupo de trinta soldados largou os arcos, desembainhou as espadas, ergueu os escudos bem alto e avançou em direção a Roran e aos seus homens.

Por cima do ombro direito, Roran ouviu Harald dizer:

“Senhor, eles são muitos mais do que nós.”

“Sim,” disse Roran, de olhos fixos nos soldados que se aproximavam. Quatro deles cambalearam e caíram no chão onde ficaram imóveis, trespassados por inúmeras flechas.

“Se atacarem todos ao mesmo tempo, não teremos qualquer hipótese.”

“Mas não o farão. Repara, estão confusos e desorganizados. Devem ter ficado sem comandante. Enquanto mantivermos a disciplina, não nos conseguirão dominar.”

“Mas, Martelo Forte, nós não conseguiremos matar tantos homens!”

Roran olhou para Harald.

“E claro que conseguimos! Lutamos para proteger as nossas famílias, para recuperar as nossas casas e as nossas terras. Eles lutam porque Galbatorix os obriga a isso. Eles não trazem alma para esta batalha. Por isso, pensem nas vossas famílias, nas vossas casas e lembrem-se que é isso que estão defendendo. Um homem que luta por algo maior que si próprio consegue facilmente matar cem inimigos!” Enquanto falava, a sua mente projetou-lhe a imagem de Katrina com o seu vestido azul de casamento e ele sentiu o aroma da sua pele e ouviu os tons mudos da sua voz, quando discutiam a noite. *Katrina*. Depois os soldados os alcançaram. Durante um lapso de tempo, tudo o que Roran conseguia ouvir era o som das espadas batendo no escudo, o ruído metálico do martelo a bater nos elmos dos soldados e os gritos dos homens que sucumbiam aos seus golpes. Os soldados atiravam-se a ele com uma fúria desesperada, mas não conseguiam igualá-lo, nem a ele nem aos seus homens. Ao vencer o último dos soldados atacantes, Roran desatou a rir de felicidade. Que alegria esmagar aqueles que poderiam fazer mal a mulher e ao seu filho que estava por nascer!

Ficou satisfeito ao ver que nenhum dos seus guerreiros fora ferido com gravidade. Reparou também que, durante o combate, vários dos arqueiros tinham descido dos telhados, para lutar a cavalo juntamente com eles. Roran sorriu aos recém chegados e disse: “Bem-vindos à batalha!”

“E que boas-vindas calorosas!” respondeu um deles.

Apontando para o lado direito da rua com o martelo ensangüentado, Roran disse:

“Você, você e você, empilhem os corpos ali façam um funil com eles e com a carroça, para que apenas dois ou três soldados nos possam alcançar de cada vez.”

“Sim, senhor,” responderam os guerreiros descendo dos cavalos.

Uma discussão zuniu-lhe nos ouvidos. Roran ignorou-a e concentrou-se no corpo principal de soldados, onde um grupo de cerca de cem homens se preparava para um segundo ataque furioso.

“Depressa!” gritou ele para os homens que mudavam os corpos de lugar. “Estão quase em cima de nós. Harald, vá ajudar!”

Roran umedeceu os lábios, nervoso, ao ver os seus homens trabalhar enquanto os soldados avançavam. Para seu alívio, os quatro Varden arrastaram o último corpo e voltaram a montar os cavalos, momentos antes da horda de soldados os atacar.

As casas de ambos os lados da rua, a carroça virada ao contrário e a pavorosa barricada de despojos humanos atrasavam e comprimiam o fluxo de homens, até os paralisar quase por completo ao chegarem junto de Roran. Os soldados estavam tão espremidos uns contra os outros que não conseguiam escapar as flechas que se precipitavam sobre eles, vindas de cima. As duas primeiras linhas de soldados traziam lanças, ameaçando Roran e os outros Varden com elas. Roran aparou três investidas em diferentes ocasiões, praguejando o tempo todo ao ver que não conseguia alcançar nada que estivesse para além delas com o martelo. Depois um soldado golpeou Fogo na Neve no ombro e Roran indinhou-se para frente para não ser projetado, ao sentir o cavalo guinchar e recuar.

Quando Fogo na Neve voltou aterrorizar nas quatro patas, Roran deslizou da sela, mantendo o garanhão entre ele e a barreira de lanceiros. Fogo na Neve espinoteou no momento em que outra lança lhe picou o pêlo. Mas antes que os soldados o pudessem ferir de novo, Roran puxou as rédeas de Fogo na Neve, forçando-o a empinar-se para trás, até haver espaço suficiente entre os outros cavalos para o garanhão conseguir virar-se para trás.

“Ya!” gritou ele, batendo nos quartos traseiros de Fogo na Neve fazendo-o galopar para fora da aldeia.

“Abram alas!” vociferou Roran, acenando aos Varden. Eles abriram um espaço para ele entre os cavalos e Roran voltou a tomar a dianteira na luta, enfiando o martelo no cinto enquanto avançava.

Um soldado tentou golpear o peito de Roran com uma lança. Ele bloqueou-a com um punho, machucando a mão no cabo rijo de madeira. Depois arrancou a lança das mãos do soldado e o homem caiu de cara no chão. Fazendo rodar a arma, Roran golpeou-o e depois saltou para a frente, trespassando outros dois soldados com a lança. Roran abriu as pernas, assentando firmemente os pés no solo rico, onde outrora poderia ter pensado em plantar as suas safras. Agitou a lança ao inimigo, gritando: “Venham seus bastardos! Matem-me se puderem! Sou Roran Martelo Forte e não temo nenhum homem vivo!”

Os soldados atropelavam-se uns aos outros, três deles pisaram os corpos dos antigos companheiros, para tentar lutar com Roran. Desviando-se, Roran espetou a lança no maxilar do soldado da direita, estilhaçando-lhe os dentes. Um pingente de sangue escorria da lâmina quando a retirou e se baixou sobre um joelho, espetando o soldado do meio através da axila.

Um impacto fez estremecer o ombro esquerdo de Roran. O escudo parecia pesar o dobro. Levantando-se viu uma lança enterrada nas pranchas de carvalho do escudo e o único soldado que restava do trio a correr na sua direção com a espada em riste. Roran ergueu a sua lança por cima da cabeça como se a fosse arremessar e quando o soldado hesitou, deu um ponta-pé entre suas pernas, despachando o homem com um único golpe. Numa momentânea trégua que se seguiu, Roran libertou o braço do escudo inútil e atirou-o juntamente com a lança para os pés dos inimigos, esperando fazê-los tropeçar. Outros soldados avançavam desanimados perante o riso ferroz e a lança penetrante de Roran. Um amontoado de corpos crescia a sua frente. Quando lhe chegou à cintura, Roran saltou para o topo da plataforma ensangüentada e aí permaneceu, apesar do piso traiçoeiro; no entanto a altura dava-lhe vantagem. Como os soldados tinham de subir uma rampa de cadáveres para o alcançar, conseguia matar muitos ao tropeçarem num braço, ou numa perna, ou quando pisavam o pescoço macio de um dos seus companheiros, ou ao escorregarem num escudo inclinado.



Naquela posição elevada Roran verificou que os restantes soldados tinham decidido reunir-se ao assalto, a exceção de um grupo que continuava a lutar com os guerreiros de Sand e Edric. Percebeu que não teria mais descanso até a batalha terminar.

A medida que o dia avançava, Roran foi sofrendo dezenas de ferimentos. A maioria não era muito grave - um corte no interior de um braço, um dedo partido, um arranhão ao longo das costelas, no lugar onde uma adaga lhe penetrara a cota de malha - mas alguns eram. No lugar onde estava, sobre a pilha de corpos, um soldado esfaqueara Roran na barriga da perna, deixando-o mancando. Pouco depois, um homem corpulento, a cheirar a cebola e a queijo, caiu sobre ele, espetando-lhe uma flecha no ombro antes de morrer, impedindo-o a partir daí de erguer o braço acima da cabeça. Roran deixou a flecha cravada na carne, pois sabia que poderia esvair-se em sangue se a arrancasse. A dor converteu-se na sensação dominante em Roran e cada movimento provocava-lhe renovado sofrimento, no entanto ficar parado era morrer, por isso continuou a distribuir golpes mortais, independentemente dos ferimentos e do cansaço.

Por vezes, ele percebia a presença dos Varden atrás dele, ou a seu lado, quando alguém atirava uma lança em frente, ou quando a lamina de uma espada se precipitava por cima do seu ombro e se abatia sobre um soldado prestes a esmagar-lhe o crânio. Todavia, a maior parte das vezes, Roran enfrentava os soldados sozinho, por se manter em cima da pilha de corpos e devido ao espaço restrito entre a carroça virada ao contrario e as casas. Lá em cima, os arqueiros que ainda tinham flechas mantinham a barreira letal, furando ossos e tendões com as suas flechas de penas de ganso cinzento.

Mais tarde, Roran tentou golpear um soldado com a lança. Mas no instante em que a ponta da lança tocou na armadura do homem, o cabo rachou-se e abriu-se a todo o comprimento. O fato de ele estar ainda vivo, pareceu apanhar o soldado de surpresa, pois este hesitou antes de brandir a espada para retaliar. A sua imprudente demora permitiu que Roran se agachasse por baixo da espada sibilante e agarrasse outra lança do chão, matando o soldado. Para horror e indignação de Roran, a segunda lança durou menos que um minuto, antes de se despedaçar igualmente na sua mão. Atirando com os restos da lança aos soldados, Roran pegou num escudo de um cadáver e tirou o martelo do cinto. Pelo menos o seu martelo nunca o deixava ficar mal.

A exaustão veio se revelar o maior adversário de Roran. A medida que os últimos soldados se aproximavam, aguardando a sua vez para lutar com ele. Sentia os membros pesados e sem vida, a visão tremula e parecia não conseguir respirar bem. Mesmo assim, reunia sempre energia para derrotar o oponente seguinte. Quando os seus reflexos se tornaram mais lentos, os soldados infligiram-lhe inúmeros cortes e escoriações que teria conseguido evitar facilmente algum tempo antes.

Quando começaram a aparecer intervalos entre os soldados e Roran conseguiu ver algum espaço aberto entre eles, percebeu que a sua provação estava prestes a terminar. Não demonstrou qualquer misericórdia com os últimos doze homens, tão pouco estes lhe pediram, apesar de saberem que não conseguiriam passar por ele, nem pelos Varden atrás de si. Também não tentaram fugir. Em vez disso, corriam para ele, a rugir e a praguejar, desejando apenas matar o homem que chacinara tantos dos seus camaradas, antes de eles passarem para o vazio.

De certa forma, Roran admirou a sua coragem.

Algumas flechas atingiram quatro dos homens no peito, atirando-os ao chão. Uma lança vinda detrás de Roran apanhou um quinto homem por baixo da clavícula e fê-lo cair sobre o leito de corpos. Mais duas lanças reclamaram as suas vítimas e os outros homens alcançaram Roran. O soldado da frente desferiu-lhe um golpe com um machado de pontas aguçadas. Apesar de sentir a ponta da flecha a arranhar-lhe o osso, Roran ergueu o braço esquerdo bloqueando o machado com o escudo. Uivando de dor e de

fúria e desejando ardentemente que batalha terminasse, Roran fez girar o martelo e matou o soldado ao atingi-lo na cabeça. Sem se deter, saltou para a frente com a perna sã, golpeou o soldado seguinte duas vezes no peito, partindo-lhe as costelas, antes que este se pudesse defender. O terceiro homem aparou dois dos ataques de Roran, a seguir este o enfrentou e acabou por o matar também. Os últimos dois soldados convergiram em direção a ele, tentando atingi-lo nos tornozelos, enquanto trepavam para o cimo da pilha de corpos. Quase sem forças, Roran lutou com eles durante um longo e cansativo período, infligindo e recebendo alguns ferimentos; até que, por fim, os matou amassando o elmo de um e partindo o pescoço ao outro com um golpe certo.

Depois vacilou e caiu.

Ao sentir alguém a erguê-lo, abriu os olhos e viu Harald, a levar-lhe um odre de vinho aos lábios.

“Bebe isto,” disse Harald. “Vais sentir-te melhor.”

Ofegante, Roran bebeu vários goles de vinho, arfando entre cada uma delas. O vinho aquecido pelo sol ardia-lhe na boca ferida. Sentiu as pernas ganharem firmeza e disse:

“Já estou bem, podem largar-me.”

Roran apoiou-se no martelo e examinou o campo de batalha. Pela primeira vez notou como a pilha de corpos tinha crescido. Ele e os seus companheiros estavam no mínimo a seis metros do chão, praticamente ao nível do telhado das casas, de ambos os lados. Roran viu que a maioria dos soldados tinham sido mortos por flechas, mas também sabia que sozinho tinha matado um vasto número de homens.

“Quantos... quantos matamos?” perguntou a Harald.

O guerreiro salpicado de sangue abanou a cabeça.

“Perdi a conta depois do trigésimo segundo. Talvez outra pessoa te consiga dizer. O que tu fizeste, Martelo Forte... Nunca vira ninguém cometer uma proeza assim, pelo menos um homem com aptidões humanas. O dragão Saphira escolheu bem; os homens da tua família são guerreiros sem igual. Nenhum Humano consegue igualar a tua bravura, Martelo Forte. Seja lá qual for o número de homens que matastes eu ...”

“Cento e noventa e três!” Gritou Carn, trepando para junto deles na retaguarda.

“Tem certeza?” perguntou Roran incrédulo.

Carn acenou com cabeça ao alcançá-los.

“Sim! Eu estava observando e tive o cuidado de contar. Cento e noventa e três - cento e noventa e quatro, se contarmos com homem que apunhalaste na barriga, antes dos arqueiros acabarem com ele.”

A contagem impressionou Roran. Nunca suspeitara que o número fosse tão elevado. E deixou escapar uma gargalhada áspera.

“Que pena não haver mais sete e chegava aos duzentos.”

Os outros homens riram também.

Com o rosto franzido de preocupação, Carn tocou na flecha enterrada no ombro esquerdo de Roran dizendo.

“Venha aqui, deixa-me ver as tuas feridas.”

“Não!” disse Roran, afastando-o. “Pode haver outros ferimentos mais graves. Trate deles primeiro.”

“Roran, alguns dos teus golpes podem ser fatais, se eu não estancar a hemorragia. Não demoro um...”

“Estou bem!” rosnou ele. “Deixa-me em paz!”

“Olha bem para você, Roran!”

Ele observou e logo desviou o olhar.

“Faça isso logo, então.” Roran ficou de olhos postos no céu limpo, sem pensar em nada, enquanto Carn lhe tirava a flecha do ombro e murmurava vários feitiços. Em todos os

locais onde a magia produzia efeito, Roran sentia um ardor e um formigueiro na pele, seguidos do abençoado alívio da dor. Quando Carn terminou Roran ainda sentia dores, embora não tão agudas, e a sua mente parecia estar mais clara.

A sessão de cura deixou Carn trêmulo e de tez acinzentada apoiou-se nos joelhos até os tremores cessarem.

“Vou...” fez uma pausa para recuperar o fôlego. “Ajudar resto dos feridos.” Endireitou-se e caminhou em direção a pilha de corpos, cambaleando para um lado e para outro, como se estivesse bêbado.

Roran ficou observado ele, preocupado. Depois lembrou-se do resto da expedição, perguntando-se o que lhes teria acontecido.

Olhou para o lado oposto da aldeia, mas tudo o que viu foram corpos espalhados, uns com a túnica vermelha do Império, outros com o uniforme castanho de lã dos Varden.

“O que aconteceu com Edric e Sand?” perguntou ele a Harald.

“Desculpe, Martelo Forte mas não vi nada para além do alcance da minha espada.”

Gritando aos homens que ainda estavam nos telhados das casas, Roran perguntou:

“O que é feito do Edric e do Sand?”

“Não sabemos, Martelo Forte!” responderam eles.

Equilibrando-se com a ajuda do martelo, Roran desceu pela rampa desmoronada de corpos e atravessou a clareira ao centro da aldeia, na companhia de Harald e de outros três homens, executando os soldados que ainda se encontravam vivos. Ao chegarem ao fundo da clareira, onde o número de Varden mortos ultrapassava o número de soldados, Harald bateu com a espada no escudo e gritou:

“Ainda há alguém vivo?”

Um instante depois, ouviram uma voz entre as casas.

“Diz o teu nome!”

“Harald, Martelo Forte e outros dos Varden, se serves o Império, rende-te, pois os teus camaradas estão mortos e não podes derrotar-nos!”

Então por entre as casas ouviu-se o ruído de metal a cair e os guerreiros dos Varden começaram a emergir do seu esconderijo, sozinhos ou em grupos de dois, arrastando-se até a clareira, muitos deles apoiando os camaradas feridos. Pareciam confusos e alguns estavam tão ensangüentados que, inicialmente Roran julgou tratar-se de soldados capturados. Contou vinte e quatro homens. No último grupo de tresmalhados vinha Edric, a ajudar um homem que tinha perdido o braço durante o combate.

Roran fez um gesto e dois dos seus homens correram para aliviar Edric do seu fardo. Depois de lhe aliviarem o peso, o capitão endireitou-se. Caminhou lentamente em direção a Roran e olhou-o nos olhos, com uma expressão impenetrável. Nenhum se moveu e Roran percebeu que a clareira ficara anormalmente silenciosa.

Edric foi o primeiro a falar.

“Quantos dos teus homens sobreviveram?”

“A maioria, não todos, mas a maioria.”

Edric acenou com a cabeça.

“E Carn?”

“Esta vivo...e Sand?”

“Um soldado matou-o durante um ataque. Morreu ha minutos atrás.” Eric olhou para trás de Roran e, em seguida, para pilha de corpos.

“Desafiaste as minhas ordens, Martelo Forte.”

“Desafiei sim.”

Edric ergueu uma mão aberta na direção dele.

“Capitão, nao!” interpelou Harald, dando um passo em frente. “Se não fosse Roran, nenhum de nós estaria aqui. Devia ter visto o que ele fez. Matou quase duzentos homens sozinho!”

As alegações de Harald nao impressionaram Edric, que continuou de mão erguida. Roran estava igualmente impassível.

Virando-se em seguida para ele, Harald disse:

“Roran sabes que os homens estão contigo. Basta uma palavra tua e nós...”

Roran silenciou-o com um olhar furioso.

“Nao sejas tolo!”

Edric disse entre dentes:

“Pelo menos não és completamente destituído de bom senso. Harald cala a boca, se não queres conduzir os cavalos de carga na viagem de regresso.”

Erguendo o martelo, Roran entregou-o a Edric. Depois desapertou o cinto, onde tinha pendurada a espada e a adaga e entregou-o também.

“Nao tenho mais armas,” disse ele.

Edric acenou com a cabeça, exibindo uma expressão severa, pendurou o cinto da espada ao ombro.

“Roran, Martelo Forte, destituo-te do comando. Das-me a tua palavra de honra que nao tentarás fugir?”

“Dou.”

“Então, faz o que puderes para ajudar, de resto comporta-te como um prisioneiro.” Edric olhou em redor e apontou para outro guerreiro.

“Fuller, assumirás o posto de Roran até regressarmos ao corpo principal dos Varden e Nasuada decidirá o que fazer sobre este assunto.”

“Sim, meu capitão,” disse Fuller.

Durante várias horas, Roran dobrou as costas, lado a lado com os outros guerreiros, recolhendo os seus mortos e enterrando-os nas imediações da aldeia. Durante a operação, soube que apenas nove dos seu oitenta e um homens tinham morrido durante a batalha; ao passo que Eric e Sand tinham perdido quase cento e cinquenta homens no total e Edric teria perdido ainda mais se aquela meia dúzia de guerreiros não tivesse permanecido com Roran depois de ele os salvar.

Quando acabaram de enterrar as baixas, os Varden recolheram as flechas, ergueram uma fogueira ao centro da aldeia, despojaram os soldados do seu equipamento, arrastaram nos até a pilha de madeira e atearam lhe fogo. Uma coluna de fumo negro e gorduroso desprendia se dos corpos em direção ao céu, subindo aparentemente a milhares de metros de altitude. Vlista através dela, o sol parecia um disco completamente plano.

Nao havia sinais da jovem e do rapaz que os soldados tinham capturado, mas como os seus corpos não estavam entre os mortos, Roran deduziu que os dois tivessem conseguido fugir da aldeia quando a luta começou; o que, na sua opinião, era o melhor que poderiam ter feito. Desejou-lhes sorte, para onde quer que tivessem ido.

Para deleite de Roran, Snowfire trotou de regresso a aldeia, minutos antes dos Varden partirem. No início, o garanhão estava nervoso e esquivo, não permitindo a ninguém que se aproximasse; mas Roran falou-lhe em voz baixa e acabou por conseguir acalmá-lo o suficiente para lhe limpar e ligar os ferimentos no ombro. Como seria insensato montar Snowfire enquanto não estivesse totalmente curado, Roran atou-o a frente dos cavalos de carga, o que nao pareceu agradar nada ao garanhão, que baixou imediatamente as orelhas, agitando a cauda de um lado para o outro arqueando os beiços de dentes a mostra.

“Comporte-se,” disse Roran, batendo-lhe no pescoço. Fogo na Neve fitou-o e relinchou, baixando ligeiramente as orelhas.

Depois Roran montou um capão que pertencera a um dos Varden mortos e tomou o seu lugar atrás dos homens alinhados entre as casas, ignorando os vários olhares que lhe dirigiram, embora se sentisse encorajado ao ouvir vários dos guerreiros murmurarem: “Bom trabalho!”

Sentado na sela, enquanto esperava que Edric lhes desse ordens para avançar, Roran pensou em Nasuada, Katrina e Eragon e sentiu uma nuvem de pavor tomá-lhe a mente, ao imaginar as suas reações, logo que soubessem da sua rebelião. Segundos depois, afastou de si essas preocupações. *Fiz o que estava certo e era necessário fazer*, disse ele para si mesmo. *Não o lamento. Sejam lá quais forem as consequências.*

“Vamos embora!” gritou Edric da frente da procissão. Roran esporeou o cavalo, que arrancou num trote rápido, e todos rumaram para Oeste, afastando-se da aldeia e da pilha de soldados a arder em direção ao esquecimento.



## MENSAGEM NO ESPELHO

O dia caiu sobre Safira, inundando-a com uma agradável sensação de calor . Ela estava deitada em uma saliência de pedra de superfície lisa metros acima da concha de pano vazia de Eragon. As atividades noturnas, -voar para sondar a localização do Império- o que ela vinha feito todas as noites desde que Nasuada mandou Eragon para a Farthen Dûr, a grande montanha oca, tinham deixado-a sonolenta. Os vôos eram necessários para esconder a ausência de Eragon, mas a rotina cansava-a. Embora a noite não representasse nenhum tipo de temor, Safira não era por hábito noturno e ela não gostou nada de ter que fazer algo assim com tanta regularidade. Também, desde que levava tanto tempo para os Varden se moverem de um lugar para outro, obrigava ela a passar a maior parte do tempo planando sobre a mesma paisagem noite após noite. O único recente acontecimento excitante, foi quando ela avistou Thorn - o atrofiado das escamas vermelhas - que voava a baixa altitude no horizonte, a Nordeste, na manhã anterior. Ele não tinha voltado para confrontar ela, ele continuava em seu caminho, descendo de volta ao Império. Quando Safira reportou o que ela havia visto, Nasuada, Arya e os elfos que guardavam Safira , reagiram como um bando de pessoas aterrorizadas , gritando e resmungando com cada um. Eles insistiram que o Blodhgarm-do pêlo azul-escuro de lobo voasse com ela disfarçado de Eragon em seu percurso , o que ela recuso é claro. Permitir que o elfo colocasse um espectro de água de Eragon em suas costas cada vez que levantava vôo ou aterissava entre os Varden, mas ela não estava disposta a deixar outro além de Eragon montar nela a não ser que estivesse acontecendo uma batalha, e talvez nem isso.

Safira bocejou e se espreguiçou com sua pata direita, estendendo suas garras. Relaxando novamente, ela envolveu seu rabo em torno de seu corpo e ajustou a posição de sua cabeça em suas patas, visões de veados e outras presas percorriam sua mente à fora.

Não muito distante, ela ouviu o som de passos como se alguém estivesse correndo através do acampamento, dirigindo-se em direção a crisálida de borboleta vermelha de asas dobradas de Nasuada. Safira não prestou muita atenção; mensageiros estavam sempre correndo pra lá e pra cá.

Apenas quando ela estava prestes a dormir, Safira ouviu outro deslizar de alguém correndo, e depois de um breve intervalo, mais dois. Sem abrir os olhos, ela estendeu a ponta de sua língua e provou o ar. Mas não detectou nenhum odor fora do comum. Decidindo que o distúrbio não valia a pena investigar, ela foi levada de volta para seu sonho em que mergulhava nas águas frescas e verde de um lago para caçar peixes.

Gritos raivosos acordaram Safira.

Ela não se moveu enquanto ouvia um grande número de duas pernas de orelhas redondas discutiam um contra o outro. Eles estavam muito longe para ela distinguir as palavras, mas pelo tom das vozes ela podia dizer que eles estavam com raiva o bastante para matar. Discussões as vezes estouravam entre os Varden, como em qualquer outro grande rebanho, mas ela nunca havia escutado antes tantas duas-pernas discutindo por muito tempo e com tanta paixão.

Um grande batimento formou-se na base da cabeça de Saphira enquanto os duas-pernas gritavam intensamente. Ela apertou suas garras contra a pedra debaixo dela e com um nítido estalar, pequenas tiras de pedra caíram como pequenos flocos em volta de sua garras.

*Eu já contei até trinta e três, ela pensou, e se eles não pararam até lá , é melhor que o que os irritou seja muito importante para perturbar o repouso de uma filha-do-vento!*

Quando Safira chegou ao vinte e sete, os duas-pernas fizeram silêncio. *Finalmente!* Mudando para uma posição mais confortável, ela se preparou para recomeçar sua muito-preciosa-soneca.

Um tinido metálico, o restolhar de peles, de tecido, de plantas, o ruído de proteções de pele para as patas a baterem no chão, e a inconfundível fragrância da guerreira-de-pele-escura-Nasuada pairavam sobre Safira. *O que agora?* Ela imaginou, e por algum momento considerou rugir para todos, até que eles entrassem em pânico e deixassem ela em paz.

Safira abriu um único olho e viu Nasuada e seus seis guardas passando em direção onde ela se dispôs. Ao alcançar o extremo inferior da saliência de pedra, Nasuada ordenou a seus guardas que permanecessem atrás com Blodhgarm e os outros elfos- que estavam em uma pequena extensão de gramado- e então ela subiu sozinha até a saliência.

“Meus cumprimentos, Safira,” Nasuada disse. Ela usava um vestido vermelho, e a cor parecia berrante em contraste com as folhas verdes das macieiras atrás dela. Tinha o rosto pintado de reflexos de luz das escamas de Safira.

Safira piscou uma vez, não sentindo nenhuma inclinação de responder com palavras.

Depois de olhar ao redor, Nasuada deu um passo próximo da cabeça de Safira e sussurrou: “Safira, eu devo falar com você em particular. Você pode penetrar na minha mente, mas eu não posso na sua. Você pode permanecer dentro de mim pra que eu possa pensar o que preciso dizer?”

Projetando-se em direção a consciência tensa, dura e cansada da mulher, Safira deixou que sua irritação de ter sido tirada de seu sono inundasse Nasuada, e então disse *Eu posso se assim eu escolher, mas eu nunca faria sem a sua permissão.*

*É claro*, Nasuada respondeu. *Eu entendo*. No início Safira recebeu apenas imagens deslocadas e emoções desconexas da mulher: uma força com um nó vazio, sangue no chão, faces rosando, medo, cansaço e uma subcorrente severa de determinação. *Me perdoe*, disse Nasuada. *Eu tenho tido uma vasta manhã. Se meus pensamentos vagarem muito, porfavor tenha paciência comigo.*

Safira piscou de novo. *O que tem mexido tanto assim com os Varden? Um grupo de homens me despertou do meu sono com uma briga mal-humorada, e antes disso, eu ouvi um incomum número de mensageiros atravessando o acampamento.*

Pressionando os lábios, Nasuada se virou para o outro lado de Safira e cruzou seus braços. A coloração de sua mente ficou preta como uma nuvem da meia-noite, cheia de intimações de morte e violência. Depois de uma longa pausa, ela disse, *Um dos Varden, um homem de nome Othmund, entrou no acampamento dos Urgals noite passada e matou três deles enquanto eles adormeciam em volta de sua fogueira. Os Urgals falharam em capturar Othmund na hora, mas essa manhã, ele reclamou créditos por seu feito e estava gabando-se por todo o exército.*

*Por que ele fez isso?* Safira perguntou. *Os Urgals mataram a família dele?*

Nasuada balançou a cabeça. *Eu quase desejei que tivessem, porque então os Urgals poderiam não estar tão chateados; vingança, pelo menos, eles entendem. Não, essa é a parte estranha dos acontecimentos; Othmund odeia os Urgals por nenhuma outra razão que não seja que eles são Urgals. Eles nunca foram injustos com ele ou sua família, mas ainda assim ele detesta os Urgals com cada fibra do seu corpo. Ou então eu vou deduzir isso depois de ter falado com ele.*

*Como você vai lidar com ele?*

Nasuada olhou para Safira denovo, com uma profunda tristeza em seus olhos. *Ela vai pagar pelos seus crimes. Quando eu aceitei os Urgals nos Varden, eu declarei que*

*qualquer um que atacasse um Urgal seria punido como se tivesse atacado um humano. Eu não posso voltar atrás na minha palavra agora.*

*Você se arrepende de sua promessa?*

*Não. Os homens tinham que saber que eu não perdoaria tais atos. Por outro lado, eles devem ter se virado contra os Urgals no dia que Nar Garzhvog e eu fizemos nosso pacto. Agora, no entanto, eu devo mostrar que estou falando sério. Se não, vai haver mais assassinatos e então os Urgals resolverão os problemas com suas próprias mãos, e uma vez denovo, nossas duas raças estarão tentando morder as gargantas um do outro. É apenas certo Othmund morrer por matar os Urgals e por desobedecer minhas ordens, mas oh, Safira, os Varden não vão gostar nada disso. Eu tenho sacrificado minha própria carne para ganhar a lealdade deles, mas agora eles vão me odiar por enforcar Othmund.... Eles vão me odiar por trocar a vida dos Urgals por a vida dos humanos. Baixando seus braços, Nasuada puxou os punhos da manga de seu vestido. E eu não posso dizer que eu gosto menos disso do que eles gostam. Por todas as minhas tentativas para tratar os Urgals como igual, como meu pai teria feito, eu não posso ajudar mas lembre-se de como eles mataram ele. Eu não posso ajudar, mas lembre-se da visão dos Urgals massacrando os Varden durante a batalha de Farthen Dûr. Eu não posso ajudar mas lembre-se de tantas as histórias que eu ouvi quando eu era uma criança, história de Urgals varrendo as montanhas e assassinando pessoas inocentes nas suas camas. Sempre Urgals eram os monstros para se ter medo, e aqui eu tenho apreciado nosso destino com eles. Eu não posso ajudar mas lembre-se de tudo isso, Safira, e eu me pego imaginando se eu fiz a decisão certa.*

*Você é apenas humana* disse Safira, na tentativa de confortar Nasuada. *Por mais que você não tenha que estar vinculado por aquilo que os que estão a sua volta acreditam. Você pode crescer através dos limites de sua raça se você tiver a vontade de crescer. Se os eventos do passado podem te ensinar tudo isso é porque reis, rainhas e outros líderes tem colocado as raças juntas uma das outras são os que tem realizado a melhor coisa em Alagaesia. É a contenda e raiva que devemos guardar contra, sem relações próximas com aqueles que já se foram. Lembre-se das desconfianças dos Urgals para os que tem bem ganhado isso mas também lembre-se que uma vez anões e dragões amaram um ao outro não mais que seres humanos e Urgals. Uma vez que dragões lutaram contra os elfos, e teriam levado a sua raça a extinção se quisessem. Uma vez essas coisas foram verdade, mas não mais, porque as pessoas gostam que você tenha a coragem para anular ódios do passado e forjar laços de amizade, onde, anteriormente, não existia.*

*Nasuada pressionou sua testa contra o lado da mandíbula de Safira, e então disse, Você é muito sábia, Safira.*

*Divertida, Safira levantou a cabeça com as suas patas e tocou Nasuada na testa com a ponta do nariz. Eu falo a verdade como eu vejo, nada mais. Se isso é sabedoria, então que seja bem vida .. No entanto, eu acredito que você possui toda a sabedoria que precisa. Executar Othmund pode não agradar os Varden, mas você vai precisar mais do que isso para quebrar a devoção deles por você. Além do mais, eu tenho certeza que você pode encontrar um caminho para acalmar eles.*

*Sim,* disse Nasuada, limpando o canto do olho dela com seus dedos. *Eu terei que fazer, Eu acho.* Então ela sorriu, e sua face estava transformada. *Mas Othmund não foi o porque de eu ter vindo ver você. Eragon acaba de me contatar e me perguntou em relação a você ir ao encontro dele em Farthen Dûr. Os anões-*

*Arqueando o pescoço, Safira rugiu em direção ao céu, saindo do seu ventre fogo através de sua boca, num piscar de chammas. Nasuada se afastou um pouco enquanto todos*



olhavam cautelosamente Safira. Indo para os pés dela, Safira estava abalada da cabeça aos pés, seu cansaço esquecido, e ela coloca suas asas em posição para voar.

Os guardas de Nasuada começaram a andar em direção a ela, mas ela acenou para voltarem, e ela coloca sua parte de baixo de sua manga cobrindo o nariz, tossindo.

*Seu entusiasmo é adorável, Safira, mas-*

*Eragon está ferido ou magoado?* Safira perguntou. Um alarme passou por ela quando Nasuada hesitou.

*Ele está saudável como sempre,* Nasuada respondeu. *No entanto, houve um... acidente... ontem.*

*Que tipo de acidente?*

*Ele e seus guardas foram atacados.*

Safira segurou seus movimentos enquanto Nasuada chamava ela de novo, por tudo que Eragon tinha dito durante a conversa. Depois disso, Safira mostrou seus dentes. Os *Durgrimst Az Sweldn rak Anhûin* devem ser agradecidos de eu não estar com Eragon, eu não teria deixado ele escapar tão fácil ao tentarem mata-lo.

Com um pequeno sorriso, Nasuada disse, *Por esta razão foi provavelmente melhor você estar aqui.*

*Talvez,* Safira admitiu, e depois deixou escapar um pouco de fumaça quente, e amarrando seu rabo de um lado para o outro. *Isso não me surpreende, afinal. Isso sempre acontece; sempre que eu e Eragon nos separamos, alguém o ataca.*

*Ele é mais do que capaz de se defender sozinho.*

*Verdade, mas nossos inimigos não tem qualquer habilidade.* Impaciente, Safira mudou sua posição, levantando suas asas mais alto. *Nasuada, Eu estou ansiosa pra ir. Tem mais alguma coisa que eu deva saber?*

*Não,* disse Nasuada. *Voe rápido e voe séria, Safira, mas não fique demore quando chegar em Farthen Dûr. Quanto mais cedo você deixar nosso acampamento teremos só a graça de alguns dias antes que o Império perceba. Eu não enviei você e Eragon numa breve jornada de observação. Galbatorix pode ou não ter decidido bater um pouco enquanto você está longe, mas cada hora da sua ausência aumentará a possibilidade. Também, eu preferiria ter vocês dois aqui conosco quando atacarmos Feinster. Não podemos tirar a cidade sem vocês, mas vai custar muito mais vidas para nós. Resumindo, o destino dos Varden depende da sua velocidade..*

*Seremos tão rápido quanto um vento-levado-pela-tempestade,* Safira a assegurou.

Então Nasuada se despediu e se retirou da laje de pedra, sobre a qual estava Blodhgarm e o outro elfo e encheram a bolsa da sela de comida e equipamentos que normalmente ela levaria numa viagem com Eragon. Ela não precisava de provisões-ela não podia pegar eles ela mesma- mas tinha que manter as aparências, ela tinha que cuidar deles. Uma vez que estava pronta, Blodhgarm girou sua mão em frente de seu peito como um gesto de respeito dos elfos, e disse na antiga língua, “Adeus, Safira Escamas Brilhantes. Que você e Eragon retornem para nos ilesos.”

*Adeus, Blödhgarm*

Safira esperou até que o elfo do pêlo azul escuro de lobo criasse um espectro de água de Eragon, e o espectro saísse da tenda e subisse suas costas. Ela não sentiu nada enquanto o espectro subia pela sua pata dianteira esquerda para a parte superior da sua perna e então até seu ombro. Quando Blodhgarm acenou com a cabeça para ela, indicando que o não-Eragon estava no lugar, ela levantou suas asas até que elas tocassem por cima da sua cabeça, e então lançou-se da saliência de pedra.

Ao cair em direção as tendas cinzentas puxou as asas para baixo, proporcionando-a um grande impulso para distanciar-se do solo quebra-osso. Ela virou na direção de Farthen

Dûr e começou subindo até a camada de ar mais fina e fria acima, onde ela esperou encontrar um vento constante que a ajudasse em sua viagem.

Descreveu um círculo sobre a margem arborizado do rio, onde os Varden haviam escolhido para parar a passar a noite, e passou por eles com uma alegria feroz. Não teria de continuar a espera enquanto Eragon se aventurava por aí sem ela, nem passar as noites voando sobre o mesmo campo! E os que queriam fazer mal ao seu companheiro de mente e coração, não iriam mais escapar a sua ira. Abrindo sua mandíbula, Safira rugiu com alegria e confiança para o mundo, desafiando quaisquer deuses a defrontá-la. Ela filha de Iormûngr e Vervada, dois dos maiores dragões de sua era.

Quando ela estava a mais de mil e quinhentos metros acima dos Varden, sentindo um vento forte do sudoeste pressionar contra ela. Safira alinhou-se com a corrente do ar, permitindo que ela avançasse, voando por cima da terra banhada pelo sol abaixo.

Colocando para fora seus pensamentos antes mesmo dela, ela disse, *Eu estou a caminho, pequenino!!!*



## QUATRO TOQUES DE TAMBOR

Eragon inclinou-se para frente, cada músculo do seu corpo tenso, quando Hadfala, a anã de cabelos brancos chefe do Dûrgrimst Edarbac, se levantou da mesa onde o conselho dos clãs estava reunido e proferiu uma curta frase no seu idioma nativo.

Murmurando no ouvido esquerdo de Eragon, Hûndfast traduziu: “Em nome do meu clã, eu voto em Grimstborith Orik para nosso novo rei.”

Eragon suspirou. Um. Para se tornar o comandante dos anões, um chefe de clã devia receber a maioria dos votos dos outros chefes. Se nenhum deles conseguisse, então, de acordo com a Lei dos Anões, o chefe de clã com menos votos deveria ser eliminado da competição e o conselho poderia adiar a votação por até três dias antes de votar novamente.

O processo deveria continuar se necessário até um chefe de clã alcançar a maioria de votos necessária, e então o conselho deveria jurar fidelidade a ele ou ela como seu novo monarca.

Considerando o quão pressionados pelo tempo os Varden estavam, Eragon esperava ardentemente que a votação não precisasse de mais de um turno, e se precisasse, que os anões não insistissem em fazer um recesso de mais do que umas poucas horas. Se isso acontecesse, ele achava que poderia quebrar a mesa de pedra no centro da sala de tanta frustração.

Foi um bom sinal que Hadfala, a primeira chefe de clã a votar, tenha lançado a sorte sobre Orik. Hadfala, como Eragon sabia, estava apoiando Gannel, do Dûrgrimst Quan, antes do atentado à vida de Eragon. Se a fidelidade de Hadfala havia mudado, então também era possível que os outros membros da corte de Gannel – isto é, o Grimstborith Ündin – poderia também dar seu voto para Orik.

O próximo, Gáldhiem, do Dûrgrimst Feldûnost, levantou da mesa, embora fosse tão baixo que ele parecia mais alto quando sentado. “Em nome do meu clã,” ele declarou, “Eu voto em Grimstborith Nado para nosso novo rei.”

Virando a cabeça para um lado, Orik olhou para Eragon e lhe disse em voz baixa, “Bem, foi como nós esperávamos”.

Eragon acenou com a cabeça e olhou de relance para Nado. O anão de rosto redondo estava acariciando sua barba amarela, aparentemente satisfeito consigo mesmo.

Então Manndrâth, do Dûrgrimst Ledwonnû, disse: “Em nome do meu clã, eu voto em Grimstborith Orik para nosso novo rei.” Orik acenou com a cabeça para ele em agradecimento, e Manndrâth acenou devolta, a ponta do seu nariz longo subindo e descendo.

Assim que Manndrâth se sentou, Eragon e todos ou outros olharam para Gannel, e o quarto ficou tão quieto que Eragon não podia nem ouvir as respirações dos anões. Como chefe do clã religioso, o Quan, e alto sacerdote de Gûntera, rei dos deuses dos anões, Gannel carregava uma enorme influência entre os da sua raça; no entanto ele escolheu, portanto, para quem a coroa provavelmente iria.

“Em nome do meu clã,” Gannel disse, “Eu voto em Grimstborith Nado para nosso novo rei.”

Uma onda de exclamações em voz baixa irrompeu através dos anões que observavam em volta da sala circular, e a sorriso de satisfação de Nado se alargou. Apertando suas mãos entrelaçadas, Eragon amaldiçoou silenciosamente.

“Não se desespere ainda, rapaz,” Orik murmurou. “Nós ainda podemos sair dessa. Isto aconteceu antes quando o grimstborith do Quan perdeu a votação.”

“Com que frequência isso acontece?” sussurrou Eragon.

“Frequentemente o bastante.”

“Quando aconteceu pela última vez?”

Orik mudou e seu olhar se perdeu. “Oitocentos e vinte e quatro anos atrás, quando a Rainha —”

Ele ficou em silêncio quando Ündin, do Dûrgrimst Ragni Hefthyn proclamou: “Em nome do meu clã, eu voto em Grimstborith Nado para nosso novo rei.”

Orik cruzou os braços. Eragon só podia ver seu rosto de lado, mas era óbvio que Orik estava franzindo o cenho.

Mordendo a parte interna das suas bochechas, Eragon encarou o chão moldado, contando os votos que foram lançados, bom como os que restavam, tentando determinar se Orik ainda poderia vencer a eleição. Mesmo na melhor das circunstâncias, seria por pouco. Eragon cerrou os punhos, suas unhas cavando a parte de trás das suas mãos.

Thordis, do Dûrgrimst Nagra ficou de pé e deixou cair sua trança longa e mais grossa que um braço. “Em nome do meu clã, eu voto em Grimstborith Orik para nosso novo rei.”

“Com isso fica três a três,” disse Eragon em voz baixa. Orik concordou com a cabeça.

Era a vez de Nado de falar. Alisando sua barba com a parte plana de uma mão, o chefe do Dûrgrimst Knurlcarathn sorriu para a assembléia, um vislumbre predador em seus olhos. “Em nome do meu clã, eu voto em mim mesmo para nosso novo rei. Se assim for, eu prometo libertar nossas terras dos forasteiros que a poluíram, e eu prometo dedicar nosso ouro e nossos guerreiros para proteger nosso próprio povo, e não os pescoços de elfos, humanos e Urgals. Isso eu juro pela honra da minha família.”

“Quatro a três,” Eragon notou.

“É,” disse Orik. “Eu supus que seria demais pedir a Nado que votasse em outro que não fosse ele mesmo.”

Deixando de lado sua faca e madeira, Freowin, do Dûrgrimst Gedthrall elevou metade do seu tamanho para fora da sua cadeira e, mantendo o olhar no chão, disse em seu barítono sussurado.

:“Em nome do meu clã, eu voto em Grimstborith Nado para nosso novo rei.” Então ele se afundou novamente no seu assento e continuou a entalhar seu corvo, ignorando o rebuliço atônito que percorreu o local.

A expressão de Nado mudou de satisfeita para presunçosa.

“Barzûl,” rosou Orik, sua carranca afundando, Sua cadeira rangeu quando ele pressionou os antebraços contra os apoios, os tendões em suas mãos rígidos de tensão.

“Aquele traidor falso. Ele me prometeu o voto dele!”

O estômago de Eragon afundou. “Por que ele trairia você?”

“Ele visita o templo de Sindri duas vezes por dia. Eu deveria saber que ele não iria contra os desejos de Gannel. Gannel brincou comigo esse tempo todo. Eu —”

Nesse momento, a atenção do conselho de clãs se dirigiu a Orik. Escondendo sua raiva, ele ficou de pé e olhou em volta da mesa para cada um dos outros chefes de clãs, e na sua própria linguagem, ele disse, “Em nome do meu clã, eu voto em mim mesmo para nosso novo rei. Se assim for, eu prometo trazer para nosso povo ouro e glória e a liberdade de viver acima do chão sem medo de Galbatorix destruir nossos lares. Isso eu juro em nome da honra da minha família.”

“Cinco a quatro,” disse Eragon a Orik quando ele retornou ao seu assento. “E não ao seu favor.” Orik grunhiu. “Eu sei contar, Eragon.”

Eragon descansou seus cotovelos em seus joelhos, seus olhos fitando rapidamente de um anão para outro. O desejo de agir o roendo-lhe. Como, ele não soube, mas com tanto em jogo, ele achou que deveria achar uma maneira de assegurar que Orik se tornasse rei

e, desse modo, que os anões continuassem a auxiliar os Varden em sua luta contra o Império. Entretanto, por mais que tentasse, ele não conseguia pensar em nada além de sentar e esperar.

O próximo anão a se levantar foi Havard, do Dûrgrimst Fanghur. Com o queixo comprimindo o esterno, Havard empurrou seus lábios pra fora e bateu na mesa com os dois dedos que ainda restavam em sua mão direita, parecendo pensativo. Eragon avançou para frente lentamente em seu assento, seu coração batendo forte.

Ele manterá seu acordo com Orik? Eragon imaginava.

Havard bateu na mesa mais uma vez. Então esbofeteou a pedra com a parte plana da sua mão. Levantando o queixo, ele disse, “Em nome do meu clã, eu voto em Grimstborith Orik para nosso novo rei.”

Eragon teve uma imensa satisfação de ver como os olhos de Nado se arregalaram, e como o anão rangeu os dentes, os músculos das bochechas se contraindo. “Há!” sussurrou Orik. “Essa pôs um carrapicho na sua barba.”

Os dois únicos chefes de clã que ainda não haviam votado eram Hreidamar e Íorûnn. Hreidamar, o compacto e musculoso grimstborith do Urzhad, pareceu incômodo com a situação, enquanto Íorûnn – ela, do Dûrgrimst Vrenshrrgn, os Lobos de Guerra – traçou a cicatriz em forma de crescente na maçã esquerda esquerdo do seu rosto com a ponta uma unha pontiaguda e sorriu como uma gata satisfeita consigo mesma.

Eragon prendeu a respiração enquanto esperava para ouvir o que os dois deveriam dizer. Se Íorûnn votasse nela mesma, ele pensava, e se Hreidamar ainda fosse leal a ela, então a eleição iria prosseguir para um segundo turno. Não havia para ela fazer isso, entretanto, além de atrasar os eventos, e pelo que sei, ela não iria ganhar com uma demora. Ela não poderia esperar se tornar rainha nesse ponto; seu nome seria eliminado da consideração antes do início do segundo turno, e eu duvido que ela seria tola o suficiente para desperdiçar o poder que ela tem agora meramente, então ela poderá dizer para os seus netos que uma vez foi candidata ao trono. Mas se Hreidamar decidir separar seu caminho do dela, então a votação seguirá amarrada e nós iremos inexoravelmente para um segundo turno... Arhg! Se eu ao menos pudesse ver o futuro por meio de magia! E se orik perder? Poderia eu então tomar o controle do conselho de clãs? Eu poderia selar a câmara e ninguém poderia entrar ou sair, e então... Mas não, isso seria —

Íorûnn interrompeu os pensamentos de Eragon ao acenar para Hreidamar e então dirigir seu olhar pesado para Eragon, o que o fez sentir com se ele fosse um touro premiado que ela estivesse examinando. Os anéis da sua cota tilitando, Hreidamar ficou de pé e disse, “Em nome do meu clã, eu voto em Grimstborith Orik para nosso novo rei.”

A garganta de Eragon se apertou.

Com seus lábios vermelhos se curvando de diversão, Íorûnn levantou-se da cadeira sinuosamente e, numa voz baixa e rouca disse, “Parece que é minha a tarefa de decidir o resultado da reunião de hoje. Eu ouvi com mais cuidado seus argumentos, Nado, e seus argumentos, Orik. Como vocês dois fizeram observações as quais eu concordo em uma vasta gama de assuntos, o assunto mais importante a decidir é se comprometer ou não com a campanha dos Varden contra o Império. Se fosse somente uma guerra entre clãs rivais, não importaria que lado vencesse, e eu certamente não iria considerar sacrificar nossos guerreiros para benefício dos forasteiros. No entanto, isto não é o caso. Longe disso. Se Galbatorix sair triunfante dessa guerra, nada, nem as Montanhas Beor vão nos proteger de sua ira. Se nosso reino for sobreviver, nos devemos ver Galbatorix subvertido. Além do mais isso me aflige. Ficar se escondendo em cavernas e túneis enquanto outros decidem o futuro de Alagaësia é impróprio para uma raça tão velha e tão poderosa como a nossa. Quando as crônicas dessa era forem escritas, deverão eles dizer que lutamos ao lado de humanos e elfos, como os heróis da antiguidade, ou que

nos sentamos covardes em nossos salões como camponeses amedrontados enquanto a batalha se enfurecia do lado de fora de nossas portas? Eu, pelo menos, sei minha resposta.” Iorûnn lançou para trás seus cabelos e disse, “Em nome do meu clã, eu voto em Grimstborith Orik para nosso novo rei.”

O primogênito dos cinco leitores de direito que estavam de pé contra a parede circular deu um caminhar para frente e golpeou com a ponta do seu cajado polido o piso de pedra e proclamou, “Todos saúdem o Rei Orik, o quadragésimo terceiro rei de Tronjhein, Farthen Dûr, e todo knurla acima e abaixo das Montanhas Beor!”

“Todos saúdem o Rei Orik!” o conselho de clãs rugiu, se levantando com um ruidoso tilitar de roupas e armaduras. Sua cabeça girando, Eragon fez como eles, atento ao fato de que agora ele estava na presença da realeza. Ele olhou de relance para Nado, mas o rosto do anão era uma máscara com olhos mortos.

O leitor de direito de barba branca golpeou o chão com seu cajado novamente. “Que os escribas registrem imediatamente a decisão do conselho, e que as notícias sejam espalhadas para cada um através do reino afora. Arautos! Informem os magos com seus espelhos mágicos sobre o que transcorreu aqui hoje, e então procurem os guardas das montanhas e digam a eles, ‘Quatro batidas no tabor. Quatro batidas, e balancem seus bastões como nunca balançaram antes em suas vidas, pois nós temos um novo rei. Quatro batidas com tamanha força que o próprio Farthen Dûr irá vibrar com as notícias.’ Digam isso a eles, eu os encarrego. Vão!”

Depois dos arautos saírem, Orik pulou da sua cadeira e ficou de pé olhando os anões ao seu redor. Sua expressão, para Eragon, pareceu um tanto ofuscada, como se ele não esperasse receber a coroa. “Por esta grande responsabilidade,” ele disse, “I vos agradeço.” Ele fez uma pausa, então continuou, “Meu único pensamento agora é o melhor para nossa nação, e eu perseguirei esse objetivo sem hesitar até o dia em que eu retornar para a pedra.”

Então os chefes de clãs vieram a frente, um por um, e se ajoelharam em frente a Orik e juraram fidelidade a ele e aos seus súditos leais. Quando chegou a vez de Nado oferecer seus préstimos, o anão não demonstrou nenhum de seus sentimentos, mas meramente recitou as frases do juramento sem infleções; as palavras caíam de sua boca como barras de chumbo. Um palpável senso de alívio ondulou através do conselho quando ele terminou

À conclusão do juramento, Orik decretou que sua coroação teria lugar na manhã seguinte, e então ele e seus atendentes se retiraram para uma câmara adjacente. Lá, Eragon olhou para Orik, e Orik olhou para Eragon, e nenhum deles proferiu som algum até que um largo sorriso aparecesse no rosto de Orik e ele começasse a dar sonoras gargalhadas, suas bochechas ficando vermelhas. Rindo com ele, Eragon o agarrou pelo antebraço e o abraçou. Os guardas de Orik e seus conselheiros se juntaram em volta deles, dando tapinhas nos ombros de Orik e parabenizando-o com exclamações amáveis.

Eragon soltou Orik, dizendo, “Eu não pensei que Iorûnn ficaria do nosso lado.”

“E. Estou contente que ela tenha ficado, mas que isso complicou as coisas, isso foi.”

Orik fez uma careta. “Eu suponho que terei de recompensá-la por sua assistência com um lugar no meu conselho, no mínimo.”

“Isso será até melhor!” disse Eragon, alteando a voz para se fazer ouvir por sobre a comoção. “Se o Vrenshrrgn for igual ao seu nome, nós teremos grande necessidade deles antes de chegarmos aos portões de Urû’baen.”

Orik começou a responder, mas então uma longa e grave nota de volume agourento reverberou através do chão e do teto e do ar da sala, fazendo com que os ossos de

Eragon vibrassem com sua força. “Escutem!” chorou Orik, e levantou uma mão. O gupo caiu em silêncio.

Quatro vezes no total a nota grave soou, sacudindo o cômodo com cada repetição, como se um gigante estivesse batendo contra a lateral de Tronjheim. Logo após, Orik disse, “Eu nunca pensei que iria ouvir os Tambores de Derva anunciando que sou eu o rei.”

“De que largura são os tambores?” perguntou Eragon, temeroso.

“Perto de 15 metros de uma ponta à outra, se não me falha a memória.”

Ocorreu a Eragon que embora os anões fossem a raça de menor estatura, eles construíam as amiores estruturas da Alagaësia, o que pareceu estranho a ele. Talvez, ele pensou, fazendo objetos de tal tamanho, eles não se sintam tão pequenos eles mesmos. Ele quase mencionou esta teoria a Orik, mas no último momento decidiu que isto poderia ofendê-lo, então segurou sua língua.

Fechando cerco em volta dele, os atendentes de Orik começaram a consultar-se com ele na Língua dos Anões, um freqüentemente alteando a voz sobre outro numa confusão barulhenta de vozes, e Eragon, que estava para perguntá-lo sobre outra questão, descobriu-se jogado num canto. Ele tentou esperar pacientemente por uma calmaria na conversa, mas depois de alguns minutos, ficou claro que os anões não parariam de importunar Orik com perguntas e conselhos, tal era, ele assumiu, a natureza de seu discurso.

Então, Eragon disse, “Orik Könungr,” e ele imbuíu a palavra para rei na língua antiga com energia, o que capturara a atenção de todos os presentes. A sala caiu em silêncio, e Orik olhou para Eragon e levantou a sobrancelha. “Majestade, poderia eu ter permissão para me retirar? Há um certo... assunto que eu gostaria de resolver, se não já for muito tarde.”

A compreensão brilhou nos olhos castanhos de Orik. “Por todos os meios, se apresse! Mas você não precisa me chamar de majestade, Eragon, não senhor, nem por nenhum outro título. Nós somos amigos e irmãos de criação, ora.”

“Nós somos, Majestade,” replicou Eragon, “mas por enquanto, eu só creio que seria próprio observar as mesmas cortesias que são dadas aos outros reis. Você é o rei do sei Ingeitum, e isso não é uma coisa que se possa ignorar.”

Orik o estudou por um momento, como se estivesse de uma longa distância, então meneou a cabeça e disse, “como desejar, Matador de Espectros.”

Eragon se curvou e deixou a sala. Acompanhado de seus quatro guardas, ele rumou pelos túneis e subiu a escadaria que levava ao andar térreo de Tronjheim. Uma vez que eles chegaram no braço sul dos quatro corredores principais que dividiam a cidade-montanha, Eragon virou-se para Thrand, o capitão dos seus guardas e disse: “Eu percorrerei correndo o resto do caminho. Como vocês não poderão acompanhar meu passo, eu sugiro a vocês que parem quando vocês chegarem no portão sul de Tronjheim e esperem lá pelo meu retorno.”

Thrand disse, “Argetlam, por favor, você não deveria ir sozinho. Não posso convencê-lo a diminuir o passo de sua corrida para podermos acompanhá-lo? Nós talvez não sejamos tão ágeis como os elfos, mas nós podemos correr do amanhecer até o crepúsculo, e vestindo armaduras completas.”

“Eu aprecio sua preocupação,” disse Eragon, “mas eu não poderia demorar nem mais um minuto, nem que eu soubesse que houvesse assassinos se escondendo atrás de cada pillar. Adeus!”

E dizendo isso, ele disparou pelo largo corredor, desviando dos anões que bloqueavam seu caminho.



# REUNIÃO

Já havia quase uma milha entre o lugar onde Eragon começou e o portão sul de Tronjheim. Ele percorreu a distância em apenas alguns minutos, seus passos barulhentos em cima do chão de pedra. Enquanto ele corria, observava as ricas tapeçarias que pendiam sobre as entradas arqueadas para os corredores dos dois lados e as grotescas estátuas de bestas e monstros que espreitavam os pilares de jaspe vermelho-sangue que contornavam a abóbada avenida. O depósito de altos quatro andares era tão grande que Eragon teve uma pequena dificuldade em evitar os anões que a habitavam, embora em um ponto, uma fila de Knurlcarathn parou na frente dele, e ele não teve escolha a não ser pular por cima dos anões, que abaixaram, soltando assombrosas exclamações. Eragon saboreou suas caras de assombro enquanto partia por cima deles.

Com facilidade, cortando caminho, Eragon correu embaixo do enorme portão de madeira que protegia a entrada sul para a cidade-montanha, ouvindo os guardas clamar "Hail, Argetlam!" enquanto ele passava. Vinte jardas além, para o portão escondido dentro da base de Tronjheim, ele correu por entre o par de grifos gigantes e dourados que olharam com olhos inexistentes em direção ao horizonte e emergiram na entrada.

O ar estava calmo e úmido, e cheirava a chuva recém-caída. Rapidamente era manhã, o crepúsculo cinza embrulhava o disco de terra que envolvia Tronjiheim, terra onde não crescia grama, apenas musgo e líquen e ocasionais conjuntos de cogumelos. Acima, Farthen Dûr aparecia a mais de dez milhas por entre uma entrada estreita, por onde uma luz indireta e pálida entrava na imensa cratera. Eragon teve dificuldade em escalar a montanha quando ele olhou pra cima.

Enquanto corria, ele ouvia o monótono padrão de sua respiração e de sua luz, passos rápidos. Ele estava sozinho, salvo por um morcego curioso que se arremeteu sobre ele, emitindo gemidos estridentes. O clima tranquilo que permeava a montanha oca o confortou, o libertou de suas preocupações de costume.

Ele seguiu a trajetória de pedra que estendia do portão sul de Tronjiheim para as duas portas de trintas pés de altura na base sulista de Farthen Dûr. Quando ele provocou um alto, um par de anões surgiu de compartimentos escondidos e correram para a porta, revelando o túnel além aparentemente sem fim.

Eragon continuou para frente. Pilares de mármore encravados com rubis e ametistas alinharam os primeiros cinquenta pés do túnel. Após eles o túnel era mínimo e desolado, as paredes suaves quebradas por somente uma lanterna sem chamas a cada vinte jardas e em intervalos distintos por uma porta ou portão fechado.

*Imagino pra onde eles levam.* pensou Eragon. Então ele imaginou as milhas de pedra o pressionando pra baixo vindas de cima, e por um momento, o túnel pareceu insuportavelmente sufocante. Ele rapidamente removeu a imagem da cabeça. Na metade do túnel, Eragon a sentiu.

*Saphira!* ele berrou, com ambos, voz e mente, o nome ecoando pelas paredes de pedra com a força de uma dúzia de gritos.

*"Eragon!"* Um instante depois, um trovão adormecido de um rugido distante veio em sua direção vindo do final do túnel.

Redobrando sua velocidade, Eragon abriu sua mente para Saphira, removendo todas as barreiras de onde ele estava, então eles poderiam se juntar sem reservas. Como uma enchente de água quente, sua presença se apressou à ele, assim como a dele correu à dela. Eragon sufocou, tropeçou e quase caiu. Eles se envolveram com o cruzamento de seus pensamentos, segurando um ao outro numa intimidade que nada podia replicar



permitindo suas identidades se unirem mais uma vez. Seus melhores confortos eram simples: eles não estavam mais sozinhos. Saber que você estava com alguém que se preocupava com você, e que entendia cada fibra do seu ser, e que não o abandonaria nem na pior das circunstâncias, *aquela* era a mais preciosa relação que uma pessoa podia ter, e ambos Eragon e Saphira a sentiam.

Não muito antes Eragon avistara Saphira apressando-se contra ele o tão rápido quanto ela pôde sem bater com sua cabeça no teto ou bater suas asas nas paredes. Suas garras arranharam o chão de pedra enquanto ela desviava o olhar para Eragon de frente, intenso, cintilante, glorioso.

Chorando de felicidade, Eragon pulou ascendente e, ignorando suas escamas afiadas, envolveu seus braços envolta do pescoço dela e a abraçou com a maior força possível, seus pés balançando sérias polegadas no ar. *Pequeno*, disse Saphira, seu tom quente. Ela o abaixou ao chão, abafou uma risada e disse, *Pequeno, a não ser que você queira me sufocar, você devia afrouxar os braços.*

*Desculpe.* Sorrindo de orelha a orelha, ele deu passo para trás, então riu e pressionou sua testa contra o focinho dela e começou a coçar atrás de sua mandíbula.

A discreta animação de Saphira preencheu o túnel.

*Você está cansada*, ele disse.

*Eu nunca voei para tão longe tão rápido. Eu parei somente uma vez depois que deixei Varden, e eu não teria parado mais a não ser por ter ficado com muita sede para continuar.*

*Quer dizer que não comeu nem dormiu durante três dias?*

Ela piscou pra ele, ocultando seus brilhantes olhos de safira por um instante.

*Você deve estar faminta*, Eragon exclamou preocupado. Ele olhou pra ela em busca de machucados. Para seu alívio, não achou nenhum.

*Estou cansada*, admitiu, *mas não com fome. Não ainda. Quando eu descansar, aí sim precisarei comer. Agora, não acho que poderia comer mais que um coelho... A terra é incerta pra mim, eu me sinto como se estivesse voando.*

Se eles não estivessem separados há tanto tempo, Eragon teria a repreendido por estar sem abrigo, mas ao mesmo tempo, ele estava tocado e agradecido por ela ter se arriscado. *Obrigado*, ele disse. *Eu teria odiado esperar outro dia para que nós ficássemos juntos de novo.*

*Assim como eu.* Ela fechou os olhos e pressionou sua cabeça contra as mãos dele enquanto ele continuou coçando sua mandíbula. *Além disso, eu poderia dificilmente chegar atrasado à coroação, certo? Quem realizou a reunião do...*

Antes de ela terminar a pergunta, Eragon a mostrou a imagem de Orik.

*Ah*, ela suspirou, sua satisfação fluindo sobre ele. *Ele vai dar um bom rei.*

*Espero que sim.*

*A estrela safira está pronta para ser consertada?*

*Se os anões não tiverem a acabado, tenho certeza que a terão amanhã.*

*Isso é bom.* Abrindo uma pálpebra, ela o fixou com o olhar. *Nasuada me falou sobre o que Az Sweldn rak Anhûin tentou fazer. Você sempre se mete em encrenca quando não estou por perto.*

Seu sorriso aumentou. *E quando está?*

*Eu acabo com a encrenca antes que ela acabe com você.*

*Assim você diz. O que me fala sobre quando os Urgals nos emboscaram em Gil'ead e me levaram prisioneiro?*

Uma pluma de fumaça escapou das narinas de Saphira. *Aquilo não conta. Eu era menor naquela época, e não tinha experiência. Não aconteceria agora. E você não é mais tão inútil quanto era.*

*Eu nunca fui inútil, ele protestou. Eu só tenho inimigos poderosos.*

Por alguma razão, Saphira achou sua última afirmação divertida; ela começou a rir de modo que seu peito tremia, e logo Eragon estava rindo também. Nenhum deles conseguiu parar até Eragon estar deitado de costas, pedindo por ar, e Saphira esforçando-se para conter as labaredas que não paravam de sair de suas narinas. Então Saphira emitiu um som que Eragon nunca havia ouvido antes, um estranho rosnado soluçado, e ele sentiu o mais estranho sentimento entre a ligação deles.

Saphira fez o som de novo, então chacoalhou a cabeça como se estivesse se protegendo de uma praga de moscas. *Ah querido, ela disse. Acho que tenho soluços.*

O queixo de Eragon caiu. Ele segurou essa pose por um momento, então se dobrou, rindo demais, lágrimas escorriam de sua face. Ele podia lembrar toda hora, Saphira soluçaria, balançando a cabeça pra frente como uma cegonha, e ele se reviraria em convulsões de novo. No final, ele colou suas mãos em seus ouvidos e contemplou o teto, recitando os nomes de cada metal e pedra que conseguia se lembrar.

Quando ele terminou, respirou fundo e acalmou.

*Melhor?* Saphira perguntou. Seus ombros chacoalharam como um outro soluço.

Eragon mordeu sua língua. *Melhor... Venha, vamos para Tronjheim. Você precisa de água. Isso deve ajudar. E então você deveria dormir.*

*Não pode curar soluços com um feitiço?*

*Talvez. Provavelmente. Mas nem Brom nem Oromis me ensinaram.* Saphira grunhiu seus pensamentos, e um soluço seguiu no instante seguinte. Mordendo sua língua cada vez mais, Eragon encarou a ponta das botas *Devemos?*

Saphira estendeu sua pata dianteira direita, em convite. Eragon ansioso subiu em suas costas e pousou na sela na base do pescoço dela.

Juntos, eles continuaram pelo túnel em direção à Tronjheim, ambos felizes, e ambos compartilhando felicidade.



# ASCENÇÃO

Os tambores de Derva ressoavam, convocando os Anões de Tronjheim para assistir à coroação do novo rei.

“Normalmente”, disse Orik à Eragon na noite anterior “quando a reunião dos clãs elege um rei ou uma rainha, o Knurla, deve iniciar de imediato o seu reinado; no entanto, só realizamos a cerimônia da coroação depois de três meses, no mínimo, para que todos os que queiram assistir à cerimônia tenham tempo de colocar todos os seus assuntos em ordem e viajarem para Farthen Dûr, mesmo das zonas mais distantes do reino. Não é muito freqüente coroarmos um monarca, por isso, quando o fazemos, é costume dar grande destaque ao evento, com semanas de banquetes, canções, torneios de inteligência e força, competições de forja e escultura, assim como outras formas de arte... Mas os tempos que correm não são normais.”

Eragon estava junto de Saphira, na entrada da sala central de Tronjheim, ouvindo o estrondear dos tambores gigantes. De ambos os lados da sala de mil e quinhentos metros, centenas de Anões preenchiam as arcadas de cada nível, observando Eragon e Saphira com olhos escuros e brilhantes.

A língua espinhosa de Saphira roçava nas escamas, enquanto lambia as mandíbulas. Não fazia outra coisa desde que devorara cinco ovelhas adultas durante àquela manhã. Depois, ergueu a pata dianteira esquerda e esfregou o focinho. Sentia o cheiro de lã queimada impregnado nela.

“Quieta, Saphira!” disse Eragon. “Todo mundo está olhando para nós.”

Saphira resmungou baixinho:

“Não consigo. Tenho lã presa entre os dentes. Agora me lembrei porque detesto ovelhas. Criaturas felpudas, horríveis. Me dão bolas de pêlo e indigestão.”

“Eu vou te ajudar a limpar os dentes quando sairmos daqui. Por enquanto, fique quieta.”

“Hum.”

“Blödhgarm colocou brincos de princesa nos alforjes? Isso iria acalmar o seu estomago.”

“Não sei.”

“Hum.” Eragon refletiu por alguns instantes. “Posso perguntar a Orik se os Anões têm alguns armazenados aqui em Tronjheim. Devíamos...”

Calou-se quando ouviu as últimas notas dos tambores sumirem. A multidão agitou-se. Ouvia-se o suave restolhar das roupas e, ocasionalmente, um murmúrio ou outro na língua dos Anões.

Uma fanfarra com uma dúzia de trombetas encheu a cidade-montanha com o seu fervoroso clamor e um coro de anões, em algum lugar, começou a cantar. A música arrepiou o couro cabeludo de Eragon e a circulação de sangue em suas veias acelerou, como se estivesse prestes a partir em uma caçada. Saphira sacudia a cauda de um lado para o outro, dando a entender que sentia o mesmo.

“Lá vamos nós”, pensou ele.

Eragon e Saphira avançaram como um só, rumo à sala central da cidade-montanha, tomando o seu lugar no círculo dos chefes dos clãs, chefes de mercadores e outros notáveis que rodeavam o vasto e imponente espaço. Ao centro, estava a estrela de safira, reconstruída e encaixada numa estrutura de madeira. Uma hora antes da coroação, Skeg enviara uma mensagem a Eragon e Saphira, informando que ele e a sua equipe de artesões tinham acabado de reunir os últimos fragmentos da jóia e que Isidar Mithrim estava pronta para Saphira restaurá-la.

O trono negro de granito dos Anões fora carregado do local onde, normalmente, permanecia, embaixo de Tronjheim, e colocado sobre um pavimento móvel elevado, junto da estrela de safira e de frente para o ramo Leste dos quatro corredores principais que dividiam Tronjheim. O posicionamento estava relacionado com o fato de Leste ser a direção do sol nascente, simbolizando o despertar de uma nova era. Milhares de guerreiros anões, envergando cotas de malha lustrosas, estavam formados em sentido, divididos em dois grandes blocos, diante do trono e em filas duplas, de ambos os lados do corredor leste até ao portão, que ficava a um quilômetro e meio dali. Muitos dos guerreiros empunhavam lanças com estandartes, com curiosos desenhos. Hvedra, esposa de Orik, estava no centro da congregação. Depois da reunião dos clãs ter banido Grimstborith Vermûnd, antecipando a hipótese de vir a ser rei, Orik a mandou chamar. Havia chegado a Tronjheim àquela manhã.

Durante meia hora, as trombetas soaram e o coro invisível cantou, enquanto Orik caminhava do portão Leste até o centro de Tronjheim, dando passos cadenciados. Tinha a barba escovada e encaracolada, usava botas de couro fino e polido, com esporas de prata nos calcanhares, perneiras de lã cinzenta, uma camisa púrpura de seda, que brilhava a luz das lanternas e, por cima da camisa, uma armadura de escamas, cujas cadeias eram forjadas em ouro branco puro. Uma longa capa, bordada com a insígnia do Dûrgrimst Ingeitum e ornada a arminho cobria-lhe os ombros e arrastava pelo chão atrás de si. Pendurado num cinturão largo, adornado de rubis, Orik trazia Volund, o martelo de guerra forjado por Korgan, o primeiro rei dos Anões. Devido aos seus luxuosos trajes e à magnífica armadura, Orik parecia brilhar no seu âmagô. Eragon ficou ofuscado só de olhar.

Doze crianças anãs seguiam Orik, seis garotos e seis garotas, pelo menos foi o que Eragon presumiu, pelos cortes de cabelo. As crianças vestiam túnicas vermelhas, castanhas e douradas, e cada uma trazia nas mãos uma esfera polida de quinze centímetros de diâmetro. Todas levavam diferentes tipos de pedras.

Ao entrar no centro da cidade-montanha, a sala escureceu e um padrão de sombras matizadas refletiu-se em todo o espaço interior. Confuso, Eragon olhou para cima e ficou atônito ao ver pétalas de rosa que caíam do topo de Tronjheim. Como flocos de neve, leves e espessos, as pétalas aveludadas pousavam sobre as cabeças e os ombros de todos aqueles que assistiam, cobrindo também o chão e impregnando o ar da sua fragrância doce.

As trombetas e o coro silenciaram, enquanto Orik se curvava sobre um joelho, diante do trono negro, curvando a cabeça. As crianças atrás dele pararam e permaneceram imóveis.

Eragon pousou a mão sobre o flanco quente de Saphira, compartilhando com ela o interesse e o entusiasmo. Não fazia idéia do que iria acontecer, pois Orik havia se recusado a descrever a cerimônia a partir daquele momento.

Depois, Gannel, chefe do Dûrgrimst Quan, deu um passo em frente, quebrando o círculo de pessoas que rodeavam a sala e caminhou até o lado direito do trono. O anão de ombros pesados vestia um suntuoso traje vermelho, ornado de Runas bordadas em fios metálicos. Numa mão, Gannel segurava um bastão alto, com um cristal transparente e pontiagudo no topo.

Erguendo o bastão acima da cabeça, segurando-o com ambas as mãos, Gannel o fez bater ruidosamente na pedra.

“Hwatum Il skilz gerdûmn!” exclamou ele. E continuou a falar na língua dos Anões por mais alguns minutos e Eragon o escutou sem entender uma palavra, pois o interprete não estava ali. Entretanto a entoação da voz de Gannel mudou e Eragon reconheceu a língua antiga nas suas palavras, percebendo que Gannel estava lançando um feitiço,

nenhum que Eragon conhecia. Em vez de dirigir o encantamento a um objeto ou a um elemento do mundo ao seu redor, o sacerdote disse na língua de mistério e de poder:

“Gûntera, criador dos céus, da terra e do oceano sem fronteiras, ouve o grito do teu fiel servidor! Agradecemos a tua magnanimidade. A nossa raça prospera. Este ano, tal como em todos os outros, te oferecemos os melhores reprodutores do nosso rebanho, garrações de hidromel aromatizado e parte das nossas colheitas de frutos, vegetais e cereais. Os teus templos serão os mais ricos da terra e ninguém poderá igualar a tua glória. Oh, poderoso Gûntera, rei dos Deuses, ouve a minha prece e satisfaz este desejo: chegou a hora de nomearmos um soberano mortal para os nossos assuntos terrenos. Irá te dignar a conceder a tua bênção à Orík, filho de Thrífk, e coroá-lo segundo a tradição dos seus predecessores?”

No início, Eragon pensou que o pedido de Gannel não seria satisfeito, na medida em que não sentiu qualquer magia irradiar do anão quando este acabou de falar. No entanto, depois, Saphira deu-lhe uma cotovelada e disse:

“Olha!”

Eragon seguiu o seu olhar e identificou uma perturbação entre as pétalas flutuantes, nove metros acima do solo: um vazio, um intervalo onde as pétalas não caíam, como se um objeto invisível ocupasse aquele espaço. A perturbação alargou, se prolongando até o chão e o vazio assinalado pelas pétalas adquiriu a forma de uma criatura, com braços e pernas, semelhante a um Anão, um Homem, um Elfo ou um Urgal, mas com proporções distintas de todas as raças que Eragon conhecia. A cabeça tinha quase a largura dos ombros, os braços gigantesco chegavam-lhe abaixo dos joelhos, e embora tivesse um torso volumoso, as pernas eram curtas e tortas.

Raios de luz aguada, finos como agulhas, irradiaram da figura e os contornos das pétalas revelaram a imagem nebulosa de um gigantesco macho de cabelo desgrenhado. O deus, se é que se tratava de um Deus, usava apenas uma tanga presa com nós. O seu rosto era escuro e pesado, revelando proporções iguais de bondade e de crueldade, como se oscilasse entre os extremos, sem qualquer aviso.

Percebendo esses detalhes, Eragon percebeu também a presença de uma estranha e abrangente consciência no interior da sala. Tratava-se de uma consciência de pensamentos indecifráveis, de uma profundidade incomensurável, que brilhava, gemia, gritava e crescia em direções inesperadas, como uma tempestade de trovão no verão. Eragon afastou, de imediato a sua mente da outra. Sentiu um formigamento na pele e um arrepio gelado percorreu-lhe o corpo. Não percebeu exatamente o que sentia, mas o medo apoderou-se de Eragon, ele olhou para Saphira em busca de aconchego. Ela olhava para a figura e os seus olhos azuis de gato brilhavam com uma intensidade pouco habitual.

Num só movimento, os anões caíram de joelhos.

O deus falou, a sua voz era semelhante ao triturar de rochedos, ao vento a varrer picos estéréis de montanhas e às ondas a fustigarem a costa rochosa. Falou na língua dos Anões e embora Eragon não entendesse nada do que dizia, o poder do discurso do deus o fez sentir-se pequeno. O deus questionou Orík três vezes e Orík respondeu-lhe três vezes num tom de voz débil, em comparação com o dele. Mostrando-se satisfeito com as respostas de Orík, a aparição estendeu os braços cintilantes, colocando os dedos indicadores de ambos os lados da cabeça de Orík.

O ar em torno dos dedos do deus agitou-se e o elmo de ouro embutido de pedras preciosas que Hrothgar usara materializou-se sobre a testa de Orík. O deus bateu na barriga, soltou uma ruidosa gargalhada e desapareceu. As pétalas de rosa começaram a cair naquele espaço.

“Ûn qroth Gûntera!” proclamou Gannel e o som metálico das trombetas voltou a se fazer ouvir.

Levantando-se, Orik subiu à plataforma e virou-se de frente para a assembléia e afundou-se no duro trono negro.

“Nal, Grimstnzborith Orik!”, gritaram os Anões, dando pancadas nos escudos com os machados e com as lanças e batendo com os pés no chão. “Nal, Grimstnzborith Orik! Nal, Grimstnzborith Orik!”

“Salve Rei Orik!”, gritou Eragon. Arqueando o pescoço, Saphira rugiu o seu tributo e soltou um jato de chamas por cima da cabeça dos anões, incinerando uma faixa de pétalas de rosa. Eragon sentiu seus olhos lacrimejarem ao ser fustigar pela explosão de calor.

Em seguida, Gannel ajoelhou-se diante de Orik e durante mais algum tempo, discursou na língua dos Anões. Logo que terminou, Orik tocou no topo da sua cabeça e Gannel regressou ao seu lugar, no extremo da sala. Nado aproximou-se do trono e proferiu um discurso semelhante, seguido de Manndrâth, Hadfala e todos os outros chefes dos clãs, a exceção de Grimstborith Vermûnd que fora banido da coroação.

“Devem estar jurando lealdade à Orik”, disse Eragon à Saphira.

“Já não lhe deram a sua palavra?”

“Mas, não em publico”, Eragon viu Thordis caminhar em direção ao trono e disse: “Saphira, o que acha que acabamos de ver? Seria mesmo Gûntera, ou uma ilusão? A sua mente parecia real, nem sei como se pode simular isso, mas...”.

“Pode ter sido uma ilusão”, respondeu ela. “Os deuses dos Anões jamais os ajudaram no campo de batalha, nem em qualquer outra tarefa que eu tenha conhecimento. Tão pouco acredito que um verdadeiro deus viesse correndo, como um cão adestrado, mal Gannel o invocasse. Eu não o faria. Não será um deus mais importante que um dragão? Por outro lado, há muitas coisas inexplicáveis em Alagaësia, tornando possível que tenhamos visto um espectro de uma era a muito esquecida – um pálido resquício dos tempos passados – e que continue a assombrar a terra, ansioso para recuperar o seu poder. Vai saber?”

Logo que o último chefe de clã se apresentou à Orik, os chefes mercadores fizeram o mesmo e, por fim, Orik acenou para Eragon, que avançou por entre as linhas de guerreiros anões, num passo lento e estudado até chegar à base do trono, onde se ajoelhou e reconheceu Orik como rei, enquanto membro do Dûrgrimst Ingeitum, jurando servi-lo e protegê-lo. Em seguida, agindo como um emissário de Nasuada, Eragon parabenizou Orik em nome de Nasuada e dos Varden, prometendo a amizade destes.

Outros foram falar com Orik depois de Eragon se retirar, num desfile aparentemente interminável de anões, ansiosos por demonstrar a sua lealdade ao novo rei.

A cerimônia de reconhecimento do novo rei prosseguiu durante horas e, a seguir, deu-se início à distribuição de presentes. Cada um dos anões levou a Orik uma oferenda do seu clã ou do seu grupo de mercadores: um cálice de ouro transbordando de rubis e de diamantes; camisa de cota de malha encantada que nenhuma espada poderia ultrapassar; uma tapeçaria de seis metros de comprimento, tecida na lã macia que os anões extraíam das barbas das cabras Feldûnost; uma placa de ágata inscrita com os nomes de todos os antepassados de Orik; uma adaga curva, esculpida de um dente de dragão. E muitos outros tesouros. Como retribuição, Orik presenteou os anões com anéis, como símbolo de sua gratidão.

Eragon e Saphira foram os últimos a apresentar-se diante de Orik. Ajoelhando-se mais uma vez junto ao pavimento móvel, Eragon tirou da túnica a abraçadeira dourada que

implorara aos Anões que lhe desse, na noite anterior. Erguendo-a em direção a Orik, disse:

“Aqui está o meu presente, Rei Orik. Não fiz a abraçadeira, mas lancei-lhe encantamentos para te proteger. Enquanto a usar não precisará se preocupar com venenos. Se um assassino tentar te golpear, esfaquear ou atirar em ti com qualquer objeto, a arma falhará o alvo. A abraçadeira te protegerá de quase toda magia hostil, além de que tem outras propriedades que podem ser úteis, caso a tua vida esteja em perigo.”

Curvando a cabeça, Orik aceitou a abraçadeira e disse:

“Fico muito grato pelo presente, Eragon, Matador de Espectros.” E colocou a abraçadeira no braço esquerdo, à vista de todos.

Saphira falou a seguir, projetando os seus pensamentos para todos os outros Anões:

“O meu presente é este, Orik” passando diante do trono, com as garras estalando no chão, recuou e colocou a pata dianteira junto da estrutura que estava em torno da estrela de safira. As sólidas traves de madeira rangeram sob o seu peso, mas agüentaram. Minutos passaram sem que nada acontecesse, mas Saphira permaneceu onde estava fitando a jóia gigante.

Os Anões a observavam, sem pestanejar e quase sem respirar.

“Tem certeza que consegue fazer isso?” perguntou Eragon, receoso de quebrar a sua concentração.

“Não sei. Das poucas vezes que usei magia, não parei para pensar que estava lançando um feitiço. Desejei apenas que o mundo mudasse e aconteceu. Não se tratava de algo intencional... Acho que terei que esperar até sentir que chegou o momento certo para reparar Isidar Mithrim.”

“Deixe-me ajudar. Lançarei um feitiço através de você.”

“Não, pequenino. Esse é o meu dever, não o seu.”

Uma única voz, grave e clara, ecoou pela sala, entoando uma melodia lenta e melancólica. Um por um, os restantes membros do coro ocultos se juntaram à melodia, inundando Tronjheim com a beleza chorosa da sua música. Eragon se adiantou para pedir que parassem, mas Saphira disse:

“Não faz mal. Deixa-os em paz.”

Embora não entendesse o que o coro cantava, pelo tom da melodia, Eragon percebeu que se tratava de uma lamentação acerca de coisas que em tempos atrás existiram e que, entretanto se perderam, tal como a estrela de safira. Quando a canção se aproximou do fim, Eragon deu-se conta de que estava pensando sobre a vida perdida no Vale de Palancar e as lágrimas rolaram dos seus olhos.

Para sua surpresa, ele sentiu o mesmo tipo de melancolia meditativa em Saphira. Normalmente, a tristeza e o arrependimento não faziam parte da personalidade do dragão, por isso ficou pensando no assunto e o questionado. No entanto, percebeu também que algo se agitava no interior dela, como o despertar de uma parte antiga do seu ser.

A canção terminou numa longa nota suspensa e no instante em que estava prestes a sumir, uma onda de energia percorreu Saphira. Era uma energia tão poderosa que Eragon conteve a respiração ao tomar consciência da sua magnitude. Depois, Saphira curvou-se e tocou a estrela de safira com a ponta do focinho. As rachas ramificadas da jóia gigante brilharam como relâmpagos e o suporte estilhaçou, caindo no chão, e Isidar Mithrim se revelou intacta.

Mas não ficara exatamente igual. A cor da jóia tornara-se mais profunda, com reflexos de vermelhos mais intensos do que anteriormente e as pétalas interiores da rosa estavam injetadas de uma poeira dourada.

Os Anões olhavam assombrados para Isidar Mithrim. Depois levantaram-se, aclamando e aplaudindo Saphira com um entusiasmo tal que a aclamação se assemelhava ao som de uma queda d'água. Ela baixou a cabeça à multidão e regressou para junto de Eragon, esmagando pétalas de rosa debaixo das patas.

“Obrigada”, agradeceu ela.

“Pelo o quê?”

“Por me ajudar. As suas emoções que me mostraram o caminho. Sem elas, talvez eu tivesse ficado ali por semanas, até conseguir sentir inspiração para reparar Isidar Mithrim.”

Erguendo os braços, Orik acalmou a multidão e disse:

“Agradeço o presente, em nome de toda a nossa raça, Saphira. Hoje, você devolveu o orgulho do nosso reino e nós jamais esqueceremos a sua ação. Para que não se diga que os Knurlan são uma raça ingrata, de hoje em diante e até o fim dos tempos, o teu nome será recitado nos festivais de Inverno, em conjunto com as listas dos Mestres Criadores e quando Isidar Mithrim voltar para o seu lugar, no pico de Tronjheim, o seu nome será gravado no anel em torno da Estrela Rosa, junto com o de Dûrok Ornthron.

Dirigindo-se em seguida a Eragon e à Saphira, Orik disse:

“Mais uma vez demonstraram a sua amizade para com o meu povo. Agrada-me sentir que as suas ações justificam a decisão de meu pai em acolhê-los no seio de Dûrgrimst Ingeitum.”

Depois de concluídos os inúmeros rituais que se seguiam à coroação e depois de Eragon ajudar a tirar a lâ presa nos dentes de Saphira – uma tarefa delicada, nojenta e malcheirosa que fez ele precisar de um banho – ambos assistiram ao banquete organizado em honra de Orik. O banquete foi ruidoso e turbulento, e durou até altas horas da noite. O entretenimento dos convidados ficou a cargo de malabaristas, acrobatas e de uma trupe de atores, que apresentou uma peça chamada “Az Sartosvrenht rak Balmung, Grimstnzborith rak Kvisagûr”, que Hûndfat disse para Eragon que significava “A Saga do Rei Balmung de Kvisagûr”.

Quando a festa começou a esmorecer e a maioria dos Anões estava de cabeça enfiada nos copos, Eragon se inclinou para Orik, sentado à cabeceira da mesa de pedra e disse:

“Majestade.”

Orik fez um gesto com a mão.

“Não quero que me chame de Majestade a toda hora, Eragon. Use o meu nome como sempre usou, a não ser que a ocasião o justifique. É uma ordem.” E esticou o braço em direção à taça, mas ao falhar o alvo quase derrubou o jarro, depois riu.

Sorrindo, Eragon disse:

“Orik, queria perguntar algo. Foi realmente Gûntera que te coroou?”

Orik afundou o queixo no peito e mexeu no pé da taça, exibindo uma expressão séria:

“É pouco provável que voltemos a ver algo tão próximo de Gûntera na face da terra.

Isso responde a sua pergunta, Eragon?”

“Acho... Acho que sim. Ele responde sempre que o invocam? Nunca se recusou a coroar nenhum dos reis anteriores?”

O espaço entre as sobrancelhas de Orik se estreitou.

“Já ouviu falar nos Reis e Rainhas Hereges?”

Eragon negou com a cabeça.

“São Knurlan que não conseguiram obter a bênção de Gûntera como monarcas e que mesmo assim insistiram em ocupar o trono.” – Orik fez um trejeito com a boca. – “Todos, sem exceção, tiveram reinados curtos e infelizes.”

Eragon sentiu uma pressão no peito, como se uma faixa estivesse o oprimindo.



“Então, quer dizer que, mesmo que a reunião dos clãs tivesse te escolhido como monarca, se Gûntera não te coroasse, agora não seria rei?”

“Ou isso, ou rei de uma nação em guerra consigo mesma” Orik encolheu os ombros.

“Não estava muito preocupado com isso. Com os Varden a ponto de invadir o Império, só um louco arriscaria destruir o nosso país só para me negar o trono; E, embora, Gûntera seja muitas coisas, não é louco.”

“Mas, não tinha certeza...”, Eragon insistiu.

Orik concordou com a cabeça.

“Só quando colocou o elmo sobre a minha cabeça.”



## PALAVRAS SÁBIAS

“Desculpa,” disse Eragon enquanto colidia a bacia.

Nasuada olhou-o franzindo as sobrancelhas, sua cara se estendia e encolhia conforme uma fileira de ondinhas formou-se na água da bacia. “Para que?” Perguntou ela. “Eu acho que suas obrigações estão em ordem. Você fez tudo que eu pedi e mais um pouco.” “Não, eu...” Eragon parou quando percebeu não poderia ver devido ao distúrbio na água. O encanto foi feito tal que o espelho de Nasuada desse a ela uma vista desobstruída dele e de Saphira, e não dos objetos que eles estavam vendo.. “Eu golpeei a bacia com minha mão, isso é tudo.”

“Oh. Nesse caso, deixe-me parabeniza-lo formalmente, Eragon. Asseguro que Orik se tornará rei.”

“Mesmo se eu fui ameaçado?”

Nasuada sorriu. “Sim, mesmo sendo ameaçado, você preservou nossa aliança com os anões, o que pode significar a diferença entre a vitória e a derrota. Agora a questão é em quanto tempo o resto do exercito dos anões estará pronto para se juntar a nós?”

“Orik já esta preparando os guerreiros para a partida,” disse Eragon. “Demorara alguns dias provavelmente para os clãs agruparem suas forças, mas uma vez que o fizerem marcharão imediatamente.”

“Isso é muito bom. Nós poderemos usar seu auxilio o mais cedo possível.”

“Gostaria de saber, quando poderemos esperar por seu retorno? Três dias? Quatro dias?”

Saphira bateu suas asas, e colocou sua respiração quente na nuca de Eragon. Ele a olhou de relance, e então, escolhendo suas palavras com cuidado, disse, “Isso depende. Você se recorda o que nós discutimos antes da minha partida?”

Nasuada franziu os lábios. “É claro que eu lembro, Eragon.” Ela olhou para fora da imagem e escutou o que um homem falava a ela, sua voz era um murmúrio incompreensível a Eragon e Safira. Retornando sua atenção a eles, Nasuada disse, “A companhia do Capitão Edric’s retornou. Parecem ter sofrido grandes perdas, mas guardas disseram que Roran parece ter sobrevivido.”

“Ele se feriu?” Perguntou Eragon.

“Eu irei informá-lo assim que eu o encontrar. Porem eu não me preocuparia muito. Roran tem a sorte de—” Outra vez, a voz distraiu Nasuada e ela saiu fora de vista.

Eragon se remexia enquanto esperava.

“Minhas desculpas,” disse Nasuada reaparecendo na bacia “Nos estamos cercados em Feinster, e estamos tendo que lutar contra grupos de soldados saqueadores que Lady Lorena envia da cidade para molestar-nos. ...Eragon, Safira, nós precisamos de vocês para a batalha. Se o povo de Feinster ver somente homens, anões e Urgals agrupados fora de seus muros, acharão que ainda tem chances de manter a cidade, e eles lutarão com muito mais ímpeto por causa disso. É claro que eles não podem manter Feinster, mas eles tentarão realizá-lo. Se virem um cavaleiro e um dragão, os termos mudarão e perderão então a vontade de lutar.”

“Mas —“

Nasuada levantou as mãos o cortando. “Existem outras razões também para que você retorne. Devido as minhas feridas das experiências com as Facas Longas, eu não posso montar com os Varden, como eu fazia antes. Eu preciso de você para tomar o meu lugar, Eragon, afim de ver que meus comandos estão sendo realizados como eu idealizei e sustentar a moral de nossos guerreiros. E mais, os boatos de sua ausência já estão

correndo através do acampamento, apesar de nos esforçarmos para o contrario. Se por consequência Murtagh e Thorn nos atacarem diretamente, ou Galbatorix os enviar para reforçar Feinster... mesmo com os elfos do nosso lado, eu duvido que poderíamos resistir a eles. Me desculpe Eragon, mas eu não posso permitir que você retorne a Ellesméra agora. É demasiadamente perigoso.”

Pressionando suas mãos na borda da fria tábua de pedra, onde a bacia repousava, Eragon disse, “Nasuada por favor. Se não for agora, quando será?”

“Logo, você precisa ser paciente.”

“Logo.” Eragon respirou profundamente, apertando mais a tabua. “Quão logo exatamente?”

Nasuada olhou-o de sobrelhas franzidas. “Você não pode esperar que eu saiba isso. Primeiramente devemos tomar Feinster, e então devemos proteger a região, e depois...”

“E depois você pretende marchar por Belatona ou Dras-Leona, e depois por Urû’baen,” disse Eragon.

Nasuada tentou responder, mas ele não lhe deu esta oportunidade. “E logo você terá Galbatorix, é mais provável que Murtagh e Thorn lhe ataquem, ou até mesmo o próprio rei, e você será cada vez mais relutante em deixar-nos ir... Nasuada Safira e eu não temos a habilidade, o conhecimento nem a força para matar Galbatorix. Você sabe disso! Galbatorix pode terminar esta guerra a qualquer momento se estiver disposto a deixar seu castelo e confrontar os Varden diretamente. Nós temos que conversar de novo com nossos professores. Eles podem ensinar-nos de onde vem o poder de Galbatorix, e poderão nos ensinar um ou dois truques que poderemos usar para derrotá-lo.”

Nasuada olhou para baixo estudando suas mãos. “Thorn e Murtagh podem nos destruir em quanto você estiver fora.”

“E se nós não formos, Galbatorix ira nos destruir quando chegarmos a Urû’baen... Você poderia esperar alguns dias antes de atacar Feinster?”

“Nós poderíamos, mas todo dia que acampamos fora da cidade nos custara nossas vidas.” Nasuada friccionou as temporas com a palma das mãos. “Você esta perguntando muito por uma recompensa incerta, Eragon.”

“A recompensa pode ser incerta,” disse “mas nossa desgraça é inevitável a menos que tentemos.”

“É isso? Eu não estou tão certa. Ainda...” Por um tempo incomodante-mente longo, Nasuada ficou quieta olhando para a borda da imagem. Então inclinou-se outra vez, como se confirma-se algo a ela mesma, e disse, “Eu posso adiar nossa chegada a Feinster por dois ou três dias. A diversas cidades na região que podemos tomar primeiramente. Uma vez que chegarmos a cidade, posso passar mais dois ou três dias construindo armas de cerco e fortificações para os Varden. Ninguém estranhara isso. Embora depois disso eu seja obrigada a marchar sobre Feinster, por não ter nenhuma outra justificativa e por precisaremos de seus suprimentos. Um exercito que se situa em território inimigo é um exercito que morre de fome. No máximo posso dar-lhes seis dias, talvez somente quatro.”

Enquanto ela falava, Eragon fez uma serie de cálculos rápidos. “Quatro dias não serão o suficiente,” disse, “tão pouco seis. Isso tomou de Safira três dias de vôo de Fathen Dúr, isso sem parar para dormir ou carregar meu peso. Se meus mapas estiverem corretos, a distancia daqui a Ellesméra é mais ou menos idêntica a de Ellesméra a Feinster. E comigo nela, Safira não conseguira cobrir essa distancia em tão pouco tempo.”

*Não, não posso,* Safira disse a ele.

Eragon continuou: “Mesmo nas melhores circunstancias, isso tomará de nós uma semana para alcançá-los em Feinster, e seria sem permanecer nem um minuto a mais em Ellesméra.”

Uma expressão de profunda exaustão cruzou a cara de Nasuada. “Você deve voar de qualquer maneira a Ellesméra? Não seria suficiente usar cristalomancia para ver seus mentores uma vez que já tenha passado as barreiras ao longo da borda de Du Weldenwarden? O tempo que você ganharia seria crucial.”

“Eu não sei, podemos tentar.”

Nasuada fechou os olhos por um momento e com uma voz rouca disse: “Eu posso adiar nossa chegada a Feinster por quatro dias, ... Ir ou não a Ellesméra é uma decisão sua. Se você for, fique o tempo que precisar. Você está certo; a menos que você encontre uma maneira de derrotar Galbatorix, não temos nenhuma maneira de vencê-lo. Contudo mantenha em mente o risco tremendo de que estamos falando, serão sacrificadas as vidas de vários Vardens para ganhar mais tempo, e quantos mais Vardens morrerão no cerco a Feinster sem você?”

Sombrio, Eragon inclinou-se “Eu não esquecerei.”

“Eu espero que não, vá agora! Não se demore muito mais. Voe. Voe! Voe mais rápido do que um falcão em mergulho, Safira, e não deixe nada atrasar você.” Nasuada tocou seus lábios com a ponta dos dedos e os pressionou de encontro a superfície invisível do espelho, onde contemplou a semelhança comovente entre ele e Safira. “Sorte em sua jornada, Eragon, Safira. Se nós nos encontrarmos, eu temo que seja no campo de batalha.”

E então ela apressou-se com sua visão, e Eragon desfez sua magia, fazendo a água da bacia voltar ao normal.



## O PELOURINHO

Roran sentou ereto e olhou atrás de Nasuada, seus olhos fixados numa rachadura, no canto do pavilhão.

Ele podia sentir Nasuada o estudando, mas ele se recusou a encontrar seus olhos, durante o estranho silêncio que os envolveram, ele pensou em muitas possibilidades desesperadas, suas têmporas pulsaram com uma grande intensidade. Ele desejou sair do pavilhão e respirar o ar puro de fora.

Então Nasuada disse, “O que eu irei fazer com você, Roran?”

Ele endireitou sua coluna ainda mais. “O que você dizer, minha senhora.”

“Uma resposta admirável, Martelo forte mas não irá resolver o meu problema.”

Nasuada bebeu o vinho de uma taça. “Você desafiou uma ordem direta do Capitão Edric duas vezes, e mesmo assim, se não o fizesse, nem você, nem ele, nem o resto da sua companhia teria sobrevivido para contar a história. No entanto, seu sucesso não nega a realidade da sua desobediência. Por vontade própria, você cometeu Insubordinação conscientemente e eu deverei puni-lo se você mantiver esse tipo de comportamento entre os Varden.”

“Sim, minha senhora.”

Seu semblante escureceu. “Maldito seja, Martelo forte. Se você não fosse primo de Eragon, e sua conduta um pouco menos efetiva, eu teria lhe enforcado por má conduta.

Roran engoliu em seco ao imaginar uma corda apertada em volta do seu pescoço.

“Sim, minha senhora.”

Com o dedo indicador da sua mão direita ela começou a bater no braço de sua cadeira com uma incrível velocidade até dizer, “Você deseja continuar lutando pelos Varden, Roran?”

“Sim, minha senhora,” ele respondeu sem hesitação

“O que você faria para continuar no meu exército?”

Roran nem ponderou sobre as implicações da questão.

“O que tiver que ser feito, minha senhora!”

Sua expressão suavizou e Nasuada anuiu parecendo satisfeita. “Suspeitava que você dissesse isso. A tradição estabelecida me deixa com três opções. Uma, eu posso enforcá-lo, mas não devo... por múltiplas razões. Dois, eu posso lhe dar trinta chibatadas e expulsá-lo dos Varden. Ou eu posso lhe ordenar levar cinquenta chibatadas e deixá-lo sobre o meu comando.

Cinquenta chibatadas não é uma grande diferença em relação as trinta, Roran pensou, tentando aumentar a sua coragem.

Ele molhou seus lábios. “Eu serei açoitado onde todos poderão ver?”

As sobrancelhas de Nasuada levantaram um centímetro. “Seu orgulho não está em questão, Martelo Forte. A punição deve ser severa para que outros não fiquem tentados em seguir seus passos, e deve ser em público para que todos os Varden possam ver. Se você tiver metade da inteligência que aparenta ter, saberia, quando desobedeceu Edric, que a sua decisão teria uma consequência e que ela provavelmente seria desagradável.

A escolha que você deve fazer agora é simples: Você ficará com os Varden ou vai abandonar família e amigos e vai seguir seu próprio caminho?”

Roran levantou seu queixo, chateado por ela duvidar da sua palavra. “Eu não iria sair, Lady Nasuada. Não importa quantas chibatadas você me ordenar. Elas não podem ser mais dolorosas que perder minha casa e meu pai.”

“Não,” disse Nasuada, suavemente “Não poderiam... um dos feiticeiros do Du Vrangr Gata vera verá o açoitamento e irá atendê-lo depois para assegurar que o chicote não cause nenhum dano permanente. No entanto, ele não irá curar suas feridas totalmente, você também não deve procurar um feiticeiro por conta própria.

“Entendido.”

“Sua punição será realizada quando Jörmundur puder marchar com as tropas, até lá você ficará sobre guarda numa tenda perto do pelourinho.”

O fato de não ter que esperar muito aliviou Roran; ele não queria ficar pensando sobre o que o aguardava numa tenda escura. “Minha senhora.” Ele disse e ela o dispensou com um movimento do dedo.

Se virando, Roran marchou para fora do pavilhão. Dois guardas ficaram em posição assim que ele saiu. Sem olhar ou falar com ele, escoltaram-no através do acampamento até chegar numa pequena tenda vazia, não tão longe do pelourinho, que ficava na ponta do acampamento.

O pelourinho tinha certa de um metro e meio e amarras perto do topo, onde os pulsos dos prisioneiros eram amarrados. Inúmeros arranhões cobriam as amarras. Roran desviou o olhar e entrou na tenda.

O único móvel dentro da tenda era uma privada de madeira. Ele sentou-se e se concentrou na sua respiração, determinado a ficar calmo.

Com o passar dos minutos, Roran começou a escutar o baralho das botas enquanto os Varden chegavam ao Pelourinho. Roran imaginou os milhares de pessoas olhando para ele, inclusive os moradores de Carvahall. Seu pulso acelerou, e suor brotou de sua testa. Depois de meia hora, a feiticeira Trianna entrou na tenda e fez ele despir suas roupas, o que deixou Roran envergonhado, no entanto a mulher não se alterou.

Trianna o examinou por inteiro e até conjurou um feitiço de cura no seu ombro esquerdo, onde o soldado havia acertado-o com o dardo da besta. Quando terminou Trianna lhe deu uma camisa e lhe disse para pôr no lugar da sua.

Roran colocou a camisa quando Katrina entrava na tenda.

Quando ele a viu, uma mistura de felicidade e contentação o preencheu.

Katrina olhou para ele e fazendo uma reverência à Trianna disse:

“Posso falar com o meu marido a sós?”

“É claro, eu vou esperar lá fora.”

Assim que Trianna saiu, Katrina correu e jogou seus braços em volta dele. Ele a abraçou tão forte quanto ela, ele não a havia visto desde que havia retornado aos Varden.

“Oh, como eu senti a sua falta,” Katrina sussurrou em seu ouvido direito.

“E eu a sua,” ele murmurou.

Eles separaram-se só o bastante para poder um olhar nos olhos do outro. Então Katrina disse “Isso é injusto! Eu fui até Nasuada e implorei para que ela o perdoasse, ou pelo menos reduzisse o número de chibatadas, mas ela se recusou.”

Passando suas mãos pelas costas de Katrina, Roran disse, “Queria que não o tivesse feito.”

“Por que não?”

“Porque eu disse que ficaria com os Varden e que não retornaria com a minha palavra.”

“Mas isso é errado!” Katrina disse, segurando os ombros de Roran. “Corn me disse o que você fez Roran você salvou cerca de duzentos homens sozinho. Se não fosse o seu heroísmo nenhum deles teria sobrevivido. Nasuada devia estar lhe dando presentes e agradecimentos, não lhe punindo como um criminoso.”

“Não importa se é certo ou errado,” ele disse a ela. “É necessário. Se eu estivesse na posição de Nasuada, teria feito o mesmo.”

Katrina choramingou “cinquenta chibatadas... Por que tem que ser tantas? Homens morreram depois de receberem tantas açoitadas.”

“Só os fracos. Não se preocupe; teria que ser muito mais para me matar.”

Um falso sorriso surgiu nos lábios de Katrina que logo depois pressionou seu rosto no peito dele.

Ele a abraçou apertado, consolando-a o melhor que podia. Depois de alguns minutos, Roran escutou uma corneta sendo tocada do lado de fora, e ele sabia que o tempo junto dela estava acabando.

Soltando Katrina, ele disse: “tem uma coisa que eu quero que você faça por mim.”

“O quê?” ela perguntou olhando-o nos olhos.

“Vá para a nossa tenda e não saia de lá até que a minha punição termine.”

Katrina pareceu chocada com o seu pedido. “Não! Eu não vou deixá-lo... não agora.”

“Por favor,” ele disse “Você não tem que assistir a isto.”

“E você não tem que suportá-lo,” Ela retrucou.

“Esqueça isso. Eu sei que você quer ficar ao meu lado, mas eu vou suportar melhor se você não estiver me assistindo... Eu causei isso a mim mesmo, Katrina. Não quero que você sofra por isso também.”

A expressão dela ficou obscura. “Saber que o seu destino é a dor me faz sofrer onde quer que eu esteja. Entretanto eu irei fazer o que me pedes, mas só porque isto vai ajudá-lo durante essa provação... você sabe que eu deixaria o chicote acertar o meu corpo em vez do seu, se eu pudesse.”

“E você sabe,” ele disse, beijando-a em ambas as bochechas, “que eu nunca iria deixar você ficar no meu lugar.”

Lágrimas brotaram em seus olhos de novo, e ela o colocou mais perto, abraçando-o tão apertado que ele teve dificuldade para respirar.

Eles ainda estavam abraçados quando Jörmundur entrou junto de dois caçadores Noturnos. Katrina se desvencilhou de Roran, reverenciou Jörmundur e sem dizer uma palavra deixou a tenda.

Jörmundur estendeu a mão para Roran. “Está na hora.”

Anuindo, Roran se levantou e permitiu que os guardas o escoltassem para o pelourinho.

Fileiras após Fileira de integrantes dos Varden se juntaram ao redor do pelourinho, todo homem, mulher, anão e Urgal juntos, ombro a ombro.

Depois da olhadela inicial para o exército, Roran encarou o horizonte tentando ignorar os maus olhados.

Os dois guardas levantaram os braços de Roran acima de sua cabeça e amarram seus pulsos no pelourinho. Enquanto eles o faziam, Jörmundur caminhou até Roran com um pano grosso na mão. “Aqui, morda isso.” Ele murmurou, “Vai te prevenir de se machucar.” Agradecido, Roran abriu a boca e deixou Jörmundur colocar o pano entre os seus dentes.

Uma corneta e um tambor tocaram Jörmundur leu as acusações contra Roran, os guardas rasgaram a camisa de Roran. Ele tremeu quando o ar gelado atingiu seu torso nu.

Um pouco antes de parar, Roran escutou o chicote estalando no ar.

Parecia que metal quente foi batido contra a sua carne. Roran arqueou as costas e mordeu o pano. Um grito involuntário escapou da sua garganta, mas o pano abafou tanto o som que ele pensou que ninguém havia escutado.

“Uma,” disse o homem que segurava o chicote.

O choque da segunda fez Roran querer gritar, mas ele permaneceu em silêncio, determinado a não parecer fraco perante os Varden.

O açoitamento era tão doloroso quando as inúmeras feridas que Roran havia sofrido nos últimos meses, mas depois de sofrer uma dúzia de chicotadas, ele desistiu de lutar contra a dor e se rendeu, entrando num estado de semi-consciência. Seu campo de visão ficou turvo, até que a única coisa que ele via era a madeira na sua frente.

Depois de um tempo inesgotável, ele escutou uma fraca e distante voz dizer “Trinta,” e o desespero o atingiu quando ele pensou como eu posso agüentar mais vinte chicotadas? Foi nesse instante que ele em Katrina e na criança que ainda não havia nascido esse pensamento lhe deu força.

Roran acordou e se encontrou deitado, de bruços, dentro da tenda que ele e Katrina dividiam. Katrina estava ajoelhada perto dele mexendo em seu cabelo e murmurando em seu ouvido enquanto alguém passava uma fria e viscosa substância nas bandagens de suas costas. Ele reclamou e enrijeceu-se quando a pessoa anônima tocou-o numa parte sensível.

“Não é assim que eu trataria um paciente meu.” Ele escutou Trianna dizer em um tom elevado.

“Se você tratasse todos os seus pacientes como você trata Roran,” outra mulher retrucou, “eu estaria surpresa se algum tivesse sobrevivido.” Depois de um momento Roran reconheceu a segunda voz como sendo da herbolaria Ângela.

“Eu peço seu perdão!” disse Trianna. “mas eu não ficarei aqui para ser insultada por uma vidente de classe baixa que sofre para conjurar o mais básico dos feitiços.”

“Sente então, se isso lhe agrada, mas sentada ou em pé, eu irei continuar a insultá-la até que admita que os curativos de suas costas sejam aqui e não aqui,” Roran sentiu um dedo tocá-lo em dois diferentes lugares, cada um separado por certa de um centímetro.

“Oh!” disse Trianna e saiu da tenda. Katrina sorriu para Roran, e pela primeira vez, ela percebeu lágrimas rolando pela sua face.

“Roran, está me escutando?” ela perguntou, “Está acordado?”

“Eu... eu acho que sim,” ele disse, sua voz rala. Sua mandíbula doía por ter mordido o pano muito forte e por muito tempo

Ele suspirou e depois gemeu quando cada uma das cinquenta feridas vibraram em um som.

“Pronto,” disse Ângela “Tudo terminado.”

“Incrível. Eu não esperava que você e Trianna fizessem tanto.” Disse Katrina.

“Ordens de Nasuada.”

“Nasuada?... Por que ela—”

“Você terá que perguntar você mesma. Diga a ela para ficar de bruços o Maximo que puder. E tomar cuidado quando for virar-se se não poderá abrir as feridas.”

“Obrigado.” Roran murmurou.

Atrás dele, Ângela riu. “Nem pense nisso, Roran, ou melhor, pense algo sobre, mas não considere tão importante. Além disso, me agrada saber que eu curei as feridas das tuas costas como as de Eragon. Certo então estou indo. Cuidado com os ferrões.”

Assim que a Herbolaria partiu, Roran fechou seus olhos de novo. Katrina enfiou seus dedos nos cabelos dele. “Você foi muito corajoso,” ela disse.

“Eu fui?”

“Uhum. Jörmundur e todos os outros com quem eu falei disseram que você não chorou nem implorou para o açoitador parar.”

“Bom.” Ele queria saber o quão sério eram suas férias, mas estava relutante em pedir a ela para falar sobre as feridas nas suas costas.

Katrina pareceu sentir o seu desejo, então disse, “Ângela acredita que com um pouco de sorte, você não terá muitas cicatrizes. Mas em qualquer caso, quando você estiver



completamente curado, Eragon ou outro feiticeiro pode remover as cicatrizes das suas costas e será como se você nunca as tivesse.”

“hum.”

“Você quer algo para beber?” ela perguntou “Tem um pouco de chá.”

“Sim, por favor.”

Quando Katrina levantou, Roran escutou outra pessoa entrar na tenda. Ele abriu um olho e ficou surpreso ao ver Nasuada parada na frente da tenda.

“Minha senhora,” Katrina disse, sua voz afiada como uma espada.

Ignorando os espasmos de dor nas suas costas, Roran se forçou até ficar parcialmente em pé e com a ajuda de Katrina conseguiu ficar sentado. Olhando para Katrina, ele tentou se levantar, mas Nasuada levantou uma mão. “Por favor, não. Eu não desejo lhe causar mais nenhum incômodo do que já causei.”

“Por que você veio, Lady Nasuada?” Perguntou Katrina. “Roran precisa descansar, não ficar conversando quando ele não precisa.”

Roran colocou uma mão no ombro esquerdo de Katrina. “Eu posso falar, se precisar,” ele disse.

Adentrando a tenda, Nasuada levantou a saia do seu vestido verde e sentou na pequena caixa de Katrina trouxe com ela de Carvahall. Depois de ajeitar a saia do seu vestido, ela disse, “Eu tenho outra missão para você, Roran: Um pouco parecida com aquelas que você já participou.”

“Quando eu irei partir?” ele perguntou, intrigado porque ela iria se incomodar em informar a ele uma simples missão.

“Amanhã.”

Katrina arregalou os olhos. “Você está louca?” ela exclamou.

“Katrina...” Roran murmurou, tentando deixá-la calma, mas ela desviou de sua mão e disse, “A última missão que você o enviou quase o matou, e você o chicoteou até quase a morte! Você não pode ordenar que ele volte para combate tão cedo; ele não duraria um minuto contra os soldados de Galbatorix!”

“Eu posso e eu vou!” disse Nasuada com tamanha autoridade que Katrina segurou a língua e esperou para ouvir a explicação de Nasuada, no entanto, Roran podia dizer que a sua raiva não havia sido suprimida.

Olhando para Roran intensamente, Nasuada disse, “Roran, como você está ou não avisado, nossa aliança com os Urgals está perto de um colapso. Um dos nossos matou três Urgals enquanto vocês serviam o Capitão Edric, cujo qual, talvez você fique feliz de saber, não é mais um capitão. De qualquer modo, o miserável que matou os Urgals foi enforcado, mas desde então, nossa relação com o clã de Garzhvog são incrivelmente precárias.”

“O que isso tem a ver com Roran?” Katrina inquiriu.

Nasuada comprimiu seus lábios, então disse, “Eu preciso convencer os Varden a aceitar a presença dos Urgals sem nenhum outro derramamento de sangue, e o melhor jeito de fazê-lo seria mostrando que as duas raças podem lutar juntas pacificamente por um objetivo em comum. Então, o grupo que você viajará terá o mesmo número de homens e Urgals.”

“Mas isso ainda—” Katrina começou a dizer.

“E eu estarei lhe colocando no comando, Martelo forte.”

“Eu?” Roran engasgou, espantado. “Por quê?”

Com um sorriso malvado, Nasuada disse, “Porque você vai fazer o que puder para proteger seus amigos e sua família. Nessa parte, você é que nem eu, mas a minha família é maior que a tua, pois considero todos os Varden como parte dela. Também, porque você é primo de Eragon, eu não posso permitir que você cometa insubordinação

de novo, pois não teria alternativa a não ser lhe expulsar dos Varden. O que eu não desejo fazer.”

“Por tanto, eu estou lhe dando o comando para que não tenha ninguém a quem você possa desobedecer, exceto eu. Se você ignorar minhas ordens, será melhor morrer nas mãos de Galbatorix; não haverá desculpa que irá lhe salvar de coisas piores que as chibatadas que você sofreu hoje. E eu estou lhe dando essa cadeira de comando, porque você provou que está apto a convencer outros a seguir suas ordens, mesmo sendo as piores circunstâncias. Você tem uma boa chance de manter o controle sobre os Urgals e os humanos. Eu iria mandar Eragon, se eu pudesse, mas desde que ele não está aqui, a responsabilidade cai sobre você. Quando os Varden escutarem que o próprio primo de Eragon, Roran Martelo forte – o que massacrou sozinho duzentos soldados --- saiu em missão com os Urgals e que sua missão foi bem sucedida, poderemos manter a aliança com os Urgals até o fim dessa guerra. Por isso eu pedi que Ângela e Trianna lhe curassem mais que o normal: Não para aliviar a sua punição, mas porque eu preciso que você preencha o comando. Agora, o que você me diz, martelo forte? Posso contar com você?”

Roran olhou para Katrina. Ele sabia que ela desesperadamente queria que ele dissesse que era incapaz de liderar uma companhia. Deitando-se na cama para que não tivesse que olhar a sua aflição, Roran pensou na imensidão do exército que era contra os Varden, então, com um sussurro, ele disse:

“Você contar comigo, Lady Nasuada.”



## POR ENTRE AS NÚVENS

De Tronjheim, Saphira voou oito quilômetros até as paredes internas de Farther Dûr. Então, ela e Eragon entraram no túnel Leste, com vários quilômetros, que atravessa a base de Farther Dûr. Eragon poderia ter corrido aquele túnel em dez minutos. No entanto, como a altura do teto impedia safira de voar ou pular, ela não conseguiria acompanhá-lo, limitando-se a caminhar ligeiramente.

Uma hora mais tarde Eragon e Saphira emergiram no Vale Odred, que se estendia na direção Norte-Sul. Aninhado entre as colinas mais baixas, acima do estreito vale ficava Fernoth-mérna, um lago de dimensões consideráveis semelhante a uma gota de tinta negra, situada entre a gigante cadeia de montanhas Beor. No extremo norte de Fernoth-mérna fluía Ragni Darmn, que serpenteava vale acima até juntar-se com Az Ragni, perto dos flancos de Moldûn, o Orgulhoso, a montanha mais ao norte das Beor.

Tinham partido de Tronjheim muito antes do sol nascer e, embora o túnel os tivesse atrasado, ainda era cedo. A faixa irregular de céu, por cima de suas cabeças, estava listrada de raio em tons amarelo pálido, onde o sol despontava através dos picos das enormes montanhas.

Em baixo, no interior do vale, cordilheiras de nuvens pesadas agarravam-se às encostas das montanhas, semelhantes a enormes cobras cinzentas. Filamentos brancos de nevoa elevavam-se à superfície espelhada do lago.

Eragon e Saphira pararam perto de Fernith-mérna para beber água e reabastecer os cantis de pele, para a etapa seguinte. A água provinha da neve derretida e do gelo, do alto das montanhas, sendo tão gelada que fez os dentes de Eragon doer. Ao sentir uma agulhada de dor, induzida pelo frio, percorrer-lhe o crânio, Eragon revirou os olhos e bateu com os opes no chão gemendo.

Logo que a dor abrandou, ele olhou através do lago e avistou as ruínas de um castelo, construído sobre a rocha nua, numa das montanhas. Grossos ramos de hera estrangulavam as paredes em ruínas, mas fora isso a estrutura parecia inanimada. Eragon estremeceu. O edifício abandonado era sombrio e sinistro, como a carcaça podre de algum animal.

*Preparado?* Perguntou Saphira

*Preparado* Respondeu montando na sela.

De Fernoth-mérna Saphira voou rumo para o norte, seguindo o Vale Oderd, afastando-se das montanhas Beor. O vale não conduzia diretamente para Ellesméra, que ficava mais a frente a Oeste. Contudo não havia outra alternativa senão seguir pelo vale, visto que as passagens por entre as montanhas ficavam a mais de oito mil metros de altitude. Saphira voava à altitude máxima que Eragon suportava, pois era à ela muito mais fácil atravessar longas distancias através das camadas superiores da atmosfera, onde o ar é rarefeito, do que penetrar no ar espesso e úmido junto ao solo. Para se proteger das baixas temperaturas Eragon vestia-se com varias camadas de roupas, e para proteger-se do vento fez um feitiço que dividia as correntes de ar gelado, fazendo-o deslizar inofensivamente para os lados.

Montar Saphira estava longe de ser repousante, Desde que ela batesse as asas num ritmo lento e regular, Eragon não precisava se equilibrar, como quando virava, mergulhava ou iniciava outro tipo de manobra mais elaborada. Passou a maior parte do tempo conversando com Saphira, lembrando os acontecimentos das ultimas semanas, ou estudando a paisagem em constante transformação, que passava por debaixo deles.

*Quando os anões te atacaram, usaste da magia sem recorrer a língua antiga, disse Saphira. Isso foi muito arriscado.*

*Eu sei, mais não tinha tempo para pensar nas palavras. Além disso, você nunca usa a língua antiga quando lança um feitiço.*

*É diferente. Eu sou um dragão. Nós, os dragões, não precisamos da língua antiga para definir nossas intenções, assim como não mudamos de idéia tão facilmente como os Elfos ou os Humanos.*

O sol alaranjado estava a um palmo do horizonte, quando Saphira atravessou a boca do vale, rumo às planícies de erva vazias que fazia fronteira com as Montanhas Beor. Endireitando-se na sela, Eragon contemplou-as e abanou a cabeça, impressionado com a distancia que já tinham percorrido.

*Se ao menos pudéssemos ter voado a Ellesméra da primeira vez, disse ele, Teríamos passado muito mais tempo com Oromis e Glaedr, Saphira concordou mentalmente acenando com a cabeça.*

O dragão voou até o por do sol. As estrelas cobriram o céu e as montanhas assemelharam-se a uma mancha escura em tons púrpura, atrás deles. Teria continuado até à manhã seguinte, mas Eragon insistiu em parar para descansar.

*Você ainda esta cansada da viagem a Farthen-Dûr. Amanha voaremos durante a noite e depois de manhã também, se necessário. Mas hoje precisas dormir.*

Embora a proposta do Cavaleiro não lhe agrada-se, Saphira acabou cedendo e pousou perto de uma extensão de salgueiros ao longo de um riacho. Ao desmontar, Eragon tinha as pernas tão rígidas que sentiu alguma dificuldade em manter-se de pé. Retirou a sela de Saphira, estendeu um saco de dormir no chão, junto delam aninhou-se encostando as costas junto ao seu corpo quente. Não precisava de barraca pois Saphira abrigava-o debaixo da asa como uma mãe falcão protege o filhote. Pouco depois, ambos mergulharam nos seus sonhos, que se misturavam de uma forma estranha e maravilhosa, pois mesmo dormindo, suas mentes permaneciam conectadas.

Logo que os primeiros sinais de luz surgiram a Leste, Eragon e Saphira continuaram seu caminho, planando a grande altitude sobre as planícies verdejantes.

No meio da manhã, vieram fortes ventos contrários forçando Saphira a voar com a metade da velocidade. Por mais que tentasse, não conseguia subir acima do vento. Lutou o dia inteiro contra os velozes movimentos de ar, que era algo verdadeiramente extenuante e, embora Eragon lhe passasse toda energia que estava a seu alcance, à tarde Saphira sentia-se profundamente exausta. Então desceu e pousou numa colina das planícies de erva, sentando-se ofegante e tremula, com as asas caídas ao chão.

*Devíamos passar a noite aqui, Disse Eragon*

*Não.*

*Saphira, você não esta em condições de continuar. Acamparemos aqui, até que se recuperes. É possível que o vento não abrande até o fim da tarde.*

Soou um ruído úmido da língua dela, ao lamber as mandíbulas, e a seguir os pulmões encheram-se de ar e recomeçaram a ofegar.

*Não, Disse ela, O vento pode soprar semanas, ou meses a fio nestas planícies. Não podemos esperar que abrande.*

*Então me deixe passar-te energia de Aren. O anel tem energia mais do que suficiente para te auxiliar daqui a Du Weldervarden.*

*Não, Repetiu ela, Poupe Aren para quando não tivermos outros recursos. Eu posso descansar e me recuperar na floresta. Arem, pode nos ser útil a qualquer momento. Não deve esgotá-lo só para me aliviar do cansaço.*

*Detesto te ver nesse sofrimento. Saphira rugiu debilmente.*

*Os meus antepassados, os dragões selvagens, não recuavam perante a uma brisa insignificante como esta. Por isso, eu também não recuarei.*

Dito isso, lançou-se no ar, levando-o consigo em direção à ventania.

Quase no final do dia, o vento ainda uivava e castigava Saphira, como se o destino estivesse decidido a impedi-los de alcançar Du Weldenwarden. Eragon lembrou-se de Glûmra, a mulher anã e a sua fé nos deuses dos Anões e sentiu desejo de rezar pela primeira vez na vida. Retirando-se do contato mental com Saphira, que estava tão exausta e preocupada que nem percebeu, Eragon murmurou:

“Gûntera, rei dos deuses, se existes, se me ouves e se deténs esse poder, por favor, para este vento. Eu sei que não sou um anão, mas o rei Hrothgar acolheu-me em seu clã e creio que isso me de direito de orar a ti. Gûntera, por favor, temos que chegar a Dû Weldenwarden o mais rápido possível, não só pelos Varden, mas pelo nosso povo, os Knurlan. Para este vento, imploro-te. Saphira não agüentara muito mais.” Entretanto, sentindo-se ligeiramente idiota, Eragon voltou a conectar-se a mente de Saphira, retraindo-se solidariamente ao sentir o ardor nos seus músculos.

Mais tarde, ainda nessa noite, quando tudo estava frio e escuro, o vento enfraqueceu-se e daí em diante, só ocasionalmente eram apanhados por uma rajada.

Ao romper da manha, Eragon olhou para baixo e viu a terra dura e seca do Deserto de Hadarac.

*Droga!* Disse ele, ao perceber que não tinham ido tão longe quanto esperava. *Não conseguiremos chegar a Ellesméra hoje?!*

*Se o vento não decidir soprar na direção oposta, e nos os usemos a nosso favor, vamos.* Saphira bateu as asas em silencio durante alguns minutos e depois acrescentou, *Se não tivermos nenhuma surpresa desagradável chegaremos a Du Weldenwarden ao fim da tarde.*

Eragon resmungou.

Nesse dia, pararam apenas duas vezes. Numa delas, Saphira devorou um par de patos, que apanhou e matou com um jato de fogo. Mas, tirando isso, não comeu mais nada. Eragon alimentou-se na sela, poupando tempo.

Tal como Saphira preverá, Du Waldervarden surgiu no instante em que o Sol se punha. A floresta surgiu diante deles: uma imensa extensão verde, a perder de vista. Árvores jovens – carvalhos, faias e bordos – dominavam a orla da floresta, mas Eragon sabia que mais a frente daria lugar aos sombrios pinheiros que preenchiam o interior da floresta.

O crepúsculo já invadira os campos quando chegaram à orla de Du Weldenwarden, e Saphira pousou suavemente debaixo dos longos ramos de um enorme carvalho. Dobrou as asas e se sentou imóvel durante alguns instantes, muito cansada para prosseguir. A língua carmesim pendia inerte a boca. Enquanto ela descansava, Eragon escutou o farfalhar de folhas por cima deles, o piar de corujas e os ruídos de insetos noturnos.

Mal se sentiu suficientemente recuperada, Saphira avançou, caminhando por entre dois carvalhos gigantes cobertos de musgos, e assim os dois atravessaram Du Waldenwarden a pé. Os elfos tinham protegido a floresta para que ninguém entrasse lá por magia. Entendendo que os Dragões não se utilizavam apenas do próprio corpo para voar, caso Saphira adentrasse voando, suas asas falhariam, projetando-a do céu.

*Já devemos estar suficientemente longe,* disse Saphira, parando num pequeno prado, a uma centena de metros do perímetro da floresta.

Eragon desapertou as correias que tinha entorno das pernas e desceu pelo flanco de Saphira. Procurou pelo prado até encontrar uma extensão de terra. Escavou um buraco profundo de meio metro de largura, com as mãos. Invocou a água para que enchesse o buraco e recitou um feitiço de vidência.

A água cintilou, adquirindo um brilho dourado e Eragon contemplou o interior da cabana de Oromis. O elfo de cabelo prateado estava sentado à mesa da cosinha, lendo um pergaminho esfarrapado. Oromis olhou para Eragon e acenou-lhe com a cabeça, não parecendo surpreendido em vê-lo.

“Mestre,” disse Eragon dobrando as mãos sobre o peito.

“Saudações Eragon. Tenho estado a sua espera. Onde estas?”

“Saphira e eu acabamos de chegar a Dû Weldenvarden... Eu sei que prometemos regressar a Ellesméra, Mestre, mas os Varden estão a apenas alguns dias da cidade de Feinster e ficarão vulneráveis sem a nossa presença. Não temos tempo para voar até Ellesméra. Pode responder nossas perguntas através da vidência?”

“Não vou ensiná-los a distancia. Eragon. Faço idéia de algumas questões que querem colocar-me, trata-se de assuntos que teremos que discutir pessoalmente.”

“Mestre, por favor. Se Murtagh e Thorn...”

“Não, Eragon. Compreendo o motivo da sua urgência, mas os seus estudos são tão importantes como proteger os Varden, talvez até mais importantes. Ou fazemos isso como deve ser, ou não fazemos.”

Eragon suspirou e curvou-se para frente: “Sim, Mestre.”

Oromis acenou com a cabeça.

“Glaedr e eu ficaremos a vossa espera. Voem depressa e em segurança. Temos muito o que falar.”

“Sim, Mestre.”

Entorpecido e exausto, Eragon desfez o feitiço e a água foi reabsorvida pela terra. Apoiou a cabeça entre as mãos, olhando para a terra úmida entre seus pés e ouviu a respiração ruidosa e pesada de Saphira.

*Parece que temos que prosseguir, disse ele, Lamento.*

Por instantes a respiração de Saphira parou, enquanto ela lambia as mandíbulas.

*Não faz mal, também não estou a ponto de cair para o lado.*

Ele observou-a

*Tem certeza?*

*Tenho.*

Eragon levantou-se e subiu no dorso do dragão.

*Se vamos novamente para Ellesméra, disse ele, apertando as correias em torno das pernas, devemos visitar a árvore Menoa. Depois, quando tudo te aparecer perdido e o teu poder for insuficiente, vá para o rochedo de Kuthian e diz o teu nome para abrir o Cofre das Almas.* Eragon não sabia onde ficava o rochedo de Kuthian. No entanto, durante a sua primeira estadia em Ellesméra, ele e Saphira tiveram varias oportunidades de examinar a árvore de Menoa, embora não encontrassem nenhuma pista, quanto a relação exata da arma. Musgo, terra, casca de árvore e algumas formigas, foi tudo o que encontraram entre as raízes da árvore de Menoa e nenhuma delas indicava onde escavar. *Solebum poderia não estar se referindo a uma espada, observou Saphira. Tal como alguns Dragões, os meninos gatos adoram charadas. Mesmo que exista, essa arma pode ser um retalho de pergaminho com um feitiço inscrito, ou um livro, ou um quadro, uma ponta afiada de rocha, ou qualquer outro objeto perigoso.*

*Seja o que for, espero que encontremos. Quem sabe quando poderemos voltar a Ellesméra de novo...*

Saphira empurrou para o lado uma árvore caída a sua frente. Depois agachou-se e esticou as asas aveludadas, contraindo os enormes músculos dos ombros. Eragon gritou e agarrou-se ao arco da sela, ao senti-la impulsionar-se para cima e para a frente com uma força inesperada, subindo sobre as copas das árvores, num único salto vertiginoso.

Circulando sobre o mar de ramos ondulantes, Saphira virou-se em direção a Nordeste e partiu rumo a capital dos Elfos, batendo as asas lenta e pesadamente.



## CONFRONTO DE CHEFES

O assalto ao comboio de abastecimento decorreu praticamente como Roran previa: três dias depois de abandonarem o corpo principal dos Varden, ele e os seus cavaleiros desceram uma ravina e atacaram a sinuosa fila de carroças em todo o seu comprimento. Enquanto isso, os Urgals saltaram detrás de rochedos, espalhados ao fundo da ravina, e atacaram de frente o comboio de abastecimento, impedindo-o de avançar. Os soldados e os condutores das carroças combateram com bravura, mas a emboscada apanhara-os sonolentos e desorganizados e as forças de Roran os derrotaram depressa. Não morreram Humanos nem Urgals durante o ataque e apenas três sofreram ferimentos: dois Humanos e um Urgal.

Roran matou sozinho vários soldados. Todavia, a maior parte do tempo, manteve-se à retaguarda e concentrou-se na coordenação do ataque, visto que a sua responsabilidade era essa. Sentia-se ainda tenso e dolorido da flagelação e não queria se esforçar mais do que o necessário, com receio de abrir o tapete de escamas que lhe cobria as costas.

Até o momento, Roran não tivera qualquer dificuldade em manter a disciplina entre os vinte Humanos e os vinte Urgals. Embora fosse óbvio que nenhum dos grupos gostava ou confiava no outro – um sentimento que ele também partilhava, encarando os Urgals com o mesmo grau de desconfiança e aversão de qualquer um que tivesse sido criado nas imediações da Espinha. Nos últimos três dias, tinham conseguido agir em conjunto, sem que ninguém levantasse a voz uma única vez. No entanto, Roran sabia que o fato de os dois grupos terem conseguido cooperar tão bem um com o outro, relacionava-se muito pouco com a sua perícia enquanto comandante. Nasuada e Nar Garzhvog tinham escolhido a dedo os guerreiros que viajariam com ele, mobilizando apenas os que tinham fama de serem rápidos no manejo da espada, que revelavam bom discernimento e, acima de tudo, detinham um temperamento sereno e estável.

Contudo, durante o fim do ataque ao comboio de abastecimento, enquanto os seus homens estavam ocupados reunindo os corpos dos soldados e dos condutores em uma pilha e ele cavalgava entre a caravana de carroças, inspecionando as operações, ouviu um uivo agonizante em algum lugar no fim do comboio. Pensando que provavelmente outro contingente de soldados tivesse por acaso os avistado, Roran gritou a Carn e a alguns outros homens, pedindo que se reunissem a ele e esporeou os flancos de Snowfire, galopando rumo à retaguarda da caravana.

Quatro Urgals tinham amarrado um soldado inimigo ao tronco retorcido de um salgueiro e divertiam-se a picá-lo e espetá-lo com as espadas. Amaldiçoando, Roran desmontou de Snowfire acabando com o sofrimento do homem. Com um único golpe do martelo.

Um redemoinho de pó varreu o grupo, no instante em que Carn e quatro outros guerreiros galoparam até junto do salgueiro. Puxando as rédeas dos cavalos, espalharam-se de ambos os lados de Roran, de armas em punho.

O Urgal maior, um aríete chamado Yarbog, deu um passo à frente:

“Porque interrompe o nosso passatempo, Martelo Forte? Ele teria dançado para nós por mais alguns minutos.”

Roran respondeu de dentes cerrados: “Enquanto vocês estiverem sob as minhas ordens não irão torturar prisioneiros sem motivo, entenderam? Muitos destes soldados podem ter sido forçados a servir Galbatorix, contra sua vontade. Muitos deles são nossos amigos, familiares ou vizinhos e, embora tenhamos de lutar contra eles, não vou permitir que os tratem com esta crueldade desnecessária. Se não fossem os caprichos do



destino qualquer um de nós, Humanos, poderia estar no seu lugar. O nosso inimigo tal como o de vocês, não são eles, mas Galbatorix.”

A testa pesada do Urgal inclinou-se para frente, praticamente obscurecendo os seus olhos amarelos afundados no rosto:

“Mesmo assim, é para matar, certo? Porque não fazê-los rodopiar e dançar um pouco, antes de morrerem?”

Roran pensou se o crânio do Urgal seria duro de mais para rachar com o martelo. Esforçando-se para conter a raiva, respondeu:

“Mesmo assim, isto é errado!” a seguir, apontou para o soldado morto e disse: “Se ele fosse da sua raça e tivesse sido escravizado pelo Espectro Durza, você o teria torturado?”

“Claro que sim,” replicou Yarbog. “Eles iriam desejar que os provocássemos com nossas espadas para poderem demonstrar a sua bravura antes de morrer. Não é assim que funciona com vocês, Humanos despreparados? Ou será que não têm estômago para a dor?”

Roran não sabia até que ponto chamar alguém de despreparado era um verdadeiro insulto entre os Urgals. De qualquer modo, não tinha qualquer dúvida de que questionar a coragem de alguém era tão ofensivo para Urgals como para Humanos, se não mais ainda.

“Qualquer um de nós poderia agüentar mais dor do que você, sem dar um grito que fosse Yarbog,” disse Roran, apurando o escudo e o martelo. “Portanto, se não quiser passar por uma agonia inimaginável, me entregue a sua espada, desamarre este infeliz e leve-o para junto dos outros corpos. Depois vá tratar dos cavalos de carga. Eles ficarão sob sua responsabilidade até regressarmos aos Varden.”

Sem esperar que o Urgal lhe respondesse, Roran virou as costas, agarrou as rédeas de Fogo na Neve, preparando-se para montar.

“Não,” rugiu Yarbog.

Roran ficou petrificado com o pé no estribo e amaldiçoou em silêncio. Aquele era justamente o tipo de situação que esperava poder evitar durante a viagem. Virando-se, novamente, disse: “Não?! Você está se recusando a obedecer às minhas ordens?”

Arreganhando os lábios, Yarbog exibiu os seus pequenos caninos e disse:

“Não. Te desafio pela liderança desta tribo, Martelo Forte,” dito isto, inclinou a enorme cabeça para trás e gritou tão alto que o resto dos Humanos e dos Urgals pararam e correram em direção ao salgueiro até estarem os quarenta reunidos em torno de Yarbog e Roran.

“Quer que tratemos desta criatura?” perguntou Carn, em um sonoro tom de voz.

Desejando não ter tantos espectadores, Roran balançou a cabeça e disse: “Não, eu próprio trato dele,” apesar das suas palavras, estava satisfeito por ter os seus homens junto de si, do lado oposto aos corpulentos Urgals de pele acinzentada.

Os Humanos eram menores que os Urgals, mas todos eles à exceção de Roran, estavam a cavalo, fato este que lhes daria uma ligeira vantagem, se houvesse uma luta entre os grupos. Caso isso acontecesse, a magia de Carn serviria de muito pouco, pois os Urgals tinham o seu próprio feiticeiro, um xamã de nome Dazhgra que - segundo ele próprio constataria - aparentava ser o mais poderoso, se não o mais hábil dos dois feiticeiros, na prática das artes ocultas.

Roran disse a Yarbog: “Não é costume entre os Varden atribuir a liderança, com base em um combate de forças. Se você quiser lutar, eu lutarei, mas você não irá ganhar nada com isso. Se eu perder, Carn assumirá o comando em meu lugar e você terá de obedecê-lo.”

“Bah!” disse Yarbog. “Não estou te desafiando pelo direito de comandar a sua própria raça, mas pelo direito de comandar a nós, guerreiros da tribo Bolvek! Você não pôs o seu poder à prova, Martelo Forte, portanto não pode reclamar a posição de líder. Se você perder, o líder serei eu e não aceitaremos ordens, nem suas, nem de Carn, nem de nenhuma outra criatura fraca de mais para conquistar nosso respeito!”

Roran refletiu a situação antes de aceitar o inevitável. Mesmo que lhe custasse a vida, teria de manter a sua autoridade sobre os Urgals, caso contrário os Varden iriam perdê-los como aliados. Respirando fundo, disse: “Entre a minha raça é costume que a pessoa desafiada escolha a hora e o local para a luta, bem como as armas que ambas as partes usarão.”

Dando uma gargalhada profunda, Yarbog disse: “A hora é agora, Martelo Forte e o local é aqui. Entre a minha raça lutamos de tanga e sem armas.”

“Isso não é justo, porque eu não tenho chifres,” constatou Roran. “Você irá permitir que eu use o meu martelo para compensar esta falta?”

Yarbog pensou e depois disse: “Podes manter o teu elmo e o escudo, mas nada de martelo. Não são permitidas armas quando se luta para ser chefe.”

“Compreendo... Bom, se não posso usar meu martelo, renuncio também ao meu elmo e ao meu escudo. Quais são as regras do combate e como se decide quem é o vencedor?”

“Há apenas uma regra, Martelo Forte: se fugir perde o jogo e é banido da tribo. Ganha, ao forçar seu rival a submeter-se. Mas como eu jamais me submeterei, iremos lutar até a morte.”

Roran concordou. *Talvez ele esteja planejando fazer isto, mas eu não o matarei, se puder evitar.*

“Começemos,” gritou ele e bateu com o martelo no escudo.

De acordo com as suas instruções, os Homens e os Urgals abriram um espaço, no centro da ravina e marcaram com estacas um quadrado com doze passos de largura e doze passos de comprimento. Em seguida Roran e Yarbog despiram-se. Dois Urgals untaram o corpo de Yarbog com gordura de urso, enquanto Carn e Loftan fizeram o mesmo com Roran.

“Coloquem a maior quantidade possível das costas,” murmurou Roran. Queria que as crostas ficassem tão moles quanto possível, para diminuir os locais onde iriam se abrir.

Aproximando-se dele Carn perguntou: “Porque você recusou o escudo e o elmo?”

“Iriam apenas me atrapalhar. Terei que ser mais rápido que uma lebre assustada, se quiser evitar que ele me esmague.” Enquanto Carn e Loftan lhe untavam os membros, Roran estudou o seu adversário, em busca de qualquer vulnerabilidade que pudesse ajudá-lo a derrotar o Urgal.

Yarbog tinha mais de um metro e oitenta. As costas eram largas, o peito fundo, os braços e as pernas cobertos de músculos nodosos. O pescoço era grosso como o de um touro, conveniente para conseguir sustentar o peso da cabeça e dos seus chifres espiralados. Tinha três cicatrizes transversais, do lado esquerdo da cintura, onde fora ferido pela garra de um animal e pêlos ralos pretos no corpo todo.

*Pelo menos não é um Kull,* pensou Roran. Ele sentia-se confiante na sua força, mas, não acreditava poder dominar o Yarbog apenas com a força bruta. Raro era o homem capaz de igualar a agilidade de um Urgal saudável. Roran sabia também que as grandes unhas negras de Yarbog, os caninos, os chifres e a pele dura como couro, lhe garantiam vantagens consideráveis no combate sem armas que estavam prestes a começar. *Se puder, faço,* concluiu Roran, lembrando todos os truques baixos que poderia usar contra o Urgal. Lutar, com Yarbog, não seria o mesmo que lutar corpo-a-corpo com Eragon, Baldor, ou qualquer homem de Carvahall. Iria se assemelhar mais uma briga feroz e desenfreada entre dois animais selvagens. Roran estava certo disso.

Volta e meia este se pegava olhando os enormes chifres de Yarbog. Sem dúvida esta era a característica mais perigosa dos Urgals. Yarbog poderia golpear e estripar Roran impunemente. Além disso, eles protegiam ambos os lados da cabeça contra quaisquer golpes que Roran pudesse desferir com as mãos, embora limitassem a visão periférica do Urgal. Foi então que lhe ocorreu que, apesar dos chifres serem o melhor dom natural de Yarbog, poderiam ser também a sua ruína.

Roran girou os ombros e balançou-se sobre os pés, ansioso por resolver a competição. Depois de estarem ambos totalmente untados de gordura de urso, os seus auxiliares retiraram-se e eles encaminharam-se para o interior dos limites do quadrado marcado com as estacas no solo. Roran manteve-se de joelhos parcialmente flexionados pronto para saltar em qualquer direção, ao menor indício de movimento da parte de Yarbog. Sentia o solo rochoso, frio, duro e áspero abaixo de seus pés descalços.

Uma ligeira brisa agitou os ramos de um salgueiro próximo. Em dos bois presos às carroças batia uma das patas em um montículo de erva, fazendo ranger os arreios.

Com um grito avassalador, Yarbog atacou Roran, percorrendo a distância entre eles com três passos gigantescos. Roran esperou até que Yarbog estivesse quase em cima dele, desviando-se depois para a direita; no entanto, subestimou a velocidade de Yarbog. Baixando a cabeça, o Urgal chocou-se contra o ombro esquerdo de Roran com os chifres fazendo-o cair desamparado no quadrado.

Rochas agudas cravaram-se no flanco de Roran, quando ele aterrissou. Linhas de dor percorriam-lhe as costas, nos locais onde se encontravam as feridas mal saradas. Gemeu e desviou-se, voltando a endireitar-se, e sentiu várias crostas quebrando-se, deixando as costas em carne viva, exposta ao ar cortante. Tinha terra e pequenas pedras agarradas à película de gordura colocada no corpo. Mantendo os pés firmes no chão, arrastou-se em direção a Yarbog, sem tirar os olhos do Urgal de dentes arreganhados.

Yarbog voltou a atacá-lo e Roran saltou novamente para se desviar. Desta vez a manobra foi bem sucedida e ele passou a vários centímetros do Urgal. Girando sobre si, Yarbog correu na sua direção pela terceira vez. E mais uma vez, Roran conseguiu escapar dele.

A seguir, Yarbog mudou de tática. Avançando na diagonal, como um caranguejo, esticou as mãos enormes de unhas curvas na tentativa de apanhar Roran e envolvê-lo em um abraço mortal. Roran hesitou e recuou. Em circunstância alguma poderia cair nas garras de Yarbog, pois o Urgal iria matá-lo rapidamente com iam imensa força.

Os Homens e os Urgals reunidos ou redor do quadrado mantinham-se silenciosos e de rosto impassível, enquanto viam Roran e Yarbog enfrentarem-se na arena.

Durante alguns minutos, Roran e Yarbog trocaram golpes rápidos e indiretos. Roran evitava aproximar-se do Urgal, sempre que possível, tentando cansá-lo a certa distância. No entanto, à medida que o combate se arrastava e Roran viu que Yarbog não parecia mais cansado, percebeu que o tempo não seria seu aliado. Se Roran queria sair vencedor teria de acabar com a luta o quanto antes.

Na expectativa de conseguir incitar Yarbog a atacá-lo novamente, já que a sua estratégia dependia disso, Roran recuou para o canto oposto do quadrado e provocou-o, dizendo:

“Você é mais gordo e lento que uma vaca leiteira! Será que consegue me agarrar, Yarbog, ou será que só tem banha nas pernas? Você deveria cerrar seus chifres só pela vergonha de deixar que um Humano faça pouco de ti. O que dirão as tuas possíveis companheiras quando souberem disto? Vai dizer a elas que...”

Yarbog abafou as palavras de Roran com um rugido. Correndo na direção dele, o Urgal virou-se ligeiramente, de forma a embater em peso contra Roran. Desviando-se do caminho, Roran tentou alcançar a ponta do chifre de Yarbog, mas errou o alvo e caiu

desamparado no centro do quadrado, esfolando os joelhos. Praguejou consigo mesmo, enquanto se levantava.

Tentando controlar a sua impensada investida, antes que o impulso o projetasse para fora dos limites da arena, Yarbog virou-se, procurando Roran com seus olhos amarelos. “Ya!” gritou Roran, mostrando-lhe a língua e fazendo-lhe o gesto mais ofensivo, que lhe ocorreu. “Você não acertaria uma árvore nem que ela estivesse exatamente na sua frente!”

“Morre Humano minúsculo!” rosnou Yarbog. “E lançou-se sobre Roran de braços esticados.”

Duas das unhas de Yarbog abriram rasgos sangrentos nas costelas de Roran, quando este se projetou para a esquerda. Mesmo assim, Roran conseguiu agarrar e segurar em um dos chifres do Urgal, segurando também o outro, antes que Yarbog conseguisse repeli-lo. Segurando firmemente os chifres Roran puxou com violência a cabeça de Yarbog para um lado e usando toda a força dos seus músculos, atirou o Urgal no Chão. As costas ardiam-lhe, protestando furiosamente contra aqueles movimentos.

Assim que o peito de Yarbog atingiu o solo, Roran colocou um joelho por cima do seu ombro direito, prendendo-o ao chão. Yarbog arquejava e esperneava, tentando libertar-se de Roran; mas este se recusou a soltá-lo. Depois, firmando o pé em uma rocha, torceu a cabeça do Urgal até onde era possível, puxando-a com força suficiente para partir o pescoço de qualquer Humano, embora a gordura nas mãos dificultasse a tarefa de segurar os chifres de Yarbog.

Relaxando o corpo por alguns instantes, Yarbog ergueu-se do chão com o braço esquerdo, arrastando Roran consigo, enquanto tentava desesperadamente encontrar apoio para as pernas, presas debaixo do corpo. Roran fez uma careta, encostando-se ao pescoço e ao ombro de Yarbog. Segundos depois, o braço esquerdo de Yarbog fraquejou e ele caiu sobre o estômago.

Tanto Roran quanto Yarbog ofegavam tão intensamente, como se acabassem de bater uma corrida. Nos locais onde os pêlos da pele do Urgal tocavam, Roran sentia picadas como se fossem pedaços duros de arame. Ambos tinham o corpo coberto de pó. Pequenos fios de sangue escorriam de alguns arranhões em um dos flancos de Roran e das costas doloridas.

Logo que recuperou o fôlego Yarbog esperneou e debateu-se, contorcendo-se na terra como um peixe preso em um anzol. Roran quase esgotou as suas forças, mas conseguiu manter-se firme, tentando ignorar as pedras que lhe cortavam os pés e as pernas. Incapaz de se libertar, Yarbog descontraiu as pernas e começou a dobrar o pescoço repetidas vezes, na tentativa de cansar os braços de Roran.

E ficaram ali, sem que nenhum conseguisse se mover mais que alguns centímetros, enquanto lutavam corpo-a-corpo.

Uma mosca zumbiu por cima deles, pousando no tornozelo de Roran.

Os bois mugiram.

Dez minutos depois, Roran tinha o rosto empapado de suor e não conseguia encher bem os pulmões de ar. Os braços ardiam-lhe de dor. As feridas alongadas nas costas pareciam estar prestes a abri-se por completo e as costelas palpitavam no local onde Yarbog o arranhara com as garras.

Roran sabia que não resistiria por muito mais tempo. “Céus. Será que ele não desistirá?” Nesse instante, a cabeça de Yarbog estremeceu e um dos músculos do pescoço do Urgal contraiu-se. Yarbog gemeu – o primeiro ruído que emitia em mais de um minuto – dizendo em voz baixa: “Me mate Martelo Forte, não consigo te vencer.”

Ajustando as mãos aos chifres de Yarbog, Roran rosnou-lhe também em voz baixa: “Não. Se você quiser morrer, peça a outra pessoa que te mate. Lutei pelas tuas regras,

agora você terá de aceitar a derrota segundo as minhas. Diga a toda esta gente que te submetes a mim. Diga que foi errado me desafiar. Faça isto e eu te largarei. Se não fizer, ficarei aqui até que você mude de idéia. Pouco me importa o tempo que demorará.”

A cabeça de Yarbog agitou-se debaixo das mãos de Roran, enquanto o Urgal tentava mais uma vez se libertar. Bufou de raiva, lançando uma pequena nuvem de poeira e, a seguir, rugiu: “A vergonha seria muito grande, Martelo Forte. Mate-me.”

“Não sou da tua raça e não vou obedecer aos teus costumes,” disse Roran. “Se você está preocupado com a sua honra, diga aos curiosos que você foi derrotado pelo primo de Eragon, o Matador de Espectros. Suponho que não há nada de vergonhoso nisso.” E depois de alguns minutos, sem que Yarbog se decidisse a responder, Roran puxou violentamente seus chifres, rugindo:

“Então?”

Erguendo a voz, para que todos os Homens e todos os Urgals o ouvissem, Yarbog disse: “Gar! Rendo-me, por Svarok! Não devia ter te desafiado, Martelo Forte. Você merece ser chefe e não eu.”

Os homens aplaudiram e gritaram em uníssono, batendo com o cabo das espadas nos escudos. Os Urgals remexiam-se nos seus lugares, sem dizer uma palavra.

Satisfeito, Roran soltou os chifres de Yarbog e rolou para longe do Urgal acinzentado. Em seguida, ergueu-se lentamente, como se tivesse sido flagelado pela segunda vez, e caminhou em uma passada pesada para fora do quadrado, onde Carn o esperava.

Carn cobriu-lhe os ombros com um cobertor e Roran retraiu-se, ao sentir o tecido roçar a pele machucada. Sorrindo Carn deu-lhe um odre de vinho: “Depois de te atirar no chão, pensei mesmo que ele iria de matar. Nesta altura, já devia ter aprendido a não desistir de você, não é Roran? Foi a melhor luta que vi em toda a minha vida. Você deve ser o único homem da História que lutou corpo-a-corpo com um Urgal.”

“Único talvez não,” respondeu Roran, entre dois goles de vinho. “Mas talvez seja o único que sobreviveu à experiência.” E sorriu ao ver Carn rir. Olhou para os Urgals, agrupados em trono de Yarbog, falando-lhes em voz baixa enquanto dois deles limpavam a gordura e a sujeira de seus membros. Embora aparentemente desanimados, os Urgals não pareciam irados nem ressentidos, pelo menos tanto quanto era possível compreender. Roran estava convencido que não teria mais problemas com eles.

Apesar das dores dos ferimentos, ele sentia-se satisfeito com o resultado da disputa. *Esta não será a última luta entre as nossas raças, pensou ele, mas se conseguirmos regressar aos Varden em segurança, os Urgals não quebrarão a sua aliança. Não por minha causa, pelo menos.*

Bebendo um ultimo gole de vinho, Roran tapou o odre, devolveu-o a Carn e gritou:

“Muito bem, agora parem de balir como ovelhas e terminem o inventário do que está naquelas carroças! Loftén, reúna os cavalos dos soldados, se ainda não tiverem fugido para longe! Dazhgra, trate dos bois. Andem! Thorn e Murtagh podem estar voando por aqui neste momento. Vamos, temos que ir!”

“Carn, onde estão minhas roupas?”



# GENEALOGIA

No quarto dia após terem deixado Fathen Dûr, Eragon e Saphira chegaram a Ellesméra. O sol brilhava límpido e resplandecente bem no alto, quando avistaram o primeiro edifício da cidade: uma pequena torre, torcida e estreita, de janelas cintilantes, rodeada por três grandes pinheiros, que crescera por entre os ramos entrelaçados. Para lá da torre aninhada nos ramos das árvores, Eragon avistou uma série de clareiras aparentemente dispostas ao acaso, que assinalavam a localização da vasta cidade.

Enquanto Saphira planava sobre a superfície irregular da floresta, Eragon invocou a consciência de Gilderien, o Sábio portador da Chama Branca de Vándil, que protegia Ellesméra dos inimigos dos Elfos, há mais de dois mil e quinhentos anos. Projetando a sua mente em direção a cidade, Eragon disse na língua antiga: *Gilderien-elda, podemos passar?*

Uma voz profunda e calma soou na mente de Eragon. *Podem passar, Eragon Matador de Espectros e Saphira Escamas Brilhantes. Se vêm em paz, são bem vindos em Ellesméra.*

*Obrigado, Gilderien-elda,* Disse Saphira

As suas garras roçavam nas copas das árvores de agulhas escuras, que se elevavam a mais de noventa metros do solo, deslizando ao longo da cidade de pinheiros, rumo ao declive de terra do outro lado de Ellesméra. Por entre a teia de ramos lá em baixo, Eragon tinha breves vislumbres dos contornos fluidos dos edifícios de madeira viva, coloridos canteiros de flores, riachos ondulantes, o brilho castanho-avermelhado de uma lamparina sem chama e, uma ou duas vezes, a breve pálida visão o rosto de um elfo que olhava para cima.

Inclinando as asas, Saphira planou em direção ao topo do declive até alcançar os Penedos de Tel'naeír. Estes desciam a pique, mais de trezentos metros, até à floresta ondulante situada na base da rocha branca e nua, e estendiam-se seis quilômetros em ambas as direções. Depois fez uma curva a direita e voou para Norte, ao longo da cordilheira de pedra, batendo as asas duas vezes a fim de manter a velocidade e a altitude.

Uma clareira coberta de grama destacou-se. Enquadrada pelas árvores ao redor, que lhe serviam de plano de fundo, havia uma casa modesta de um só piso, que crescera de quatro pinheiros diferentes. Um riacho gorgolejante corria para a floresta coberta de musgo, passando por baixo das raízes de um dos pinheiros, antes de desaparecer em Du Weldenvarden. Enroscado junto a casa estava Glaedr, o gigantesco e cintilante dragão dourado, com dentes de marfim mais longos em diâmetro do que o peito de Eragon. Tinha garras como lanças, asas dobradas, macias como camurça, uma cauda musculosa quase tão longa quanto Saphira e as estrias do único olho visível eram cintilantes como os raios de uma estrela de safira. O coto da pata dianteira estava coberto pelo outro lado do corpo. Em frente a Glaedr estava uma mesa redonda e duas cadeiras. Oromis estava sentado na cadeira mais próxima a dele, com o cabelo prateado brilhando como metal a luz do sol.

Eragon inclinou-se para frente, na sela, quando Saphira se endireitou e recuou para desacelerar, pousando com um solavanco no prado verde. Correu vários passos a frente, varrendo o chão com as asas, antes de parar por completo.

Usando os dedos com pouca destreza devido a exaustão, Eragon desapertou as fivelas que prendiam as correias em torno das pernas e tentou desmontar de Saphira pela pata dianteira, mas ao abaixar-se as pernas cederam e ele caiu. Erguendo as mãos para

proteger o rosto, caiu de quatro, raspando a perna em uma pedra escondida na grama. Gemendo de dor e sentindo-se mais cansado que um velho, ergueu-se lentamente.

Uma mão surgiu-lhe no campo de visão.

Eragon olhou para cima e viu Oromis junto de si, com um vago sorriso no rosto interporeal. Oromis disse na língua antiga. “Bem vindo de volta a Ellesméra, Eragon-finiarel e tu também Saphira Escamas Brilhantes, bem vinda. Sejam ambos bem vindos.”

Eragon agarrou-lhe a mão e Oromis o ajudou a levantar-se sem qualquer esforço aparente. No início Eragon não conseguia dizer nada, pois mal voltara a falar desde que tinham partido de Farthen Dûr e a fadiga parecia rondar-lhe a mente. Por fim, levando os dois primeiros dedos da mão direita aos lábios, disse também na língua antiga. “Que a boa sorte lhe acompanhe.” A seguir dobrou as mãos, num gesto de cortesia e reverência característico dos Elfos.

“Que as estrelas te protejam, Eragon,” replicou Oromis.

A seguir, Eragon repetiu a cerimônia de cortesia e reverência com Glaedr. Como sempre, o toque da consciência ardente do dragão assombrou-o, despertando-lhe humildade.

Saphira não saldou Oromis nem Glaedr. Permaneceu imóvel, com o pescoço pendurado até o focinho raspar no chão e com os ombros e o traseiro trêmulos como se estivesse cheia de frio. Exibia uma espuma amarelada encostada nos cantos da boca aberta, e a língua inerte pendurada entre os caninos.

A título de explicação Eragon disse. “Apanhamos ventos contrários, no dia que saímos de Farthen Dûr e...” – silenciou ao ver Glaedr erguer a gigantesca cabeça, e balançá-la em torno da clareira e olhar para Saphira que não tinha feito qualquer esforço para o cumprimentar. Em seguida, Glaedr respirou para cima dela, projetando pequenas línguas de fogo através das narinas. Eragon foi invadido por uma sensação de alívio ao sentir a energia fluir de Saphira, acalmando-lhe os temores e fortalecendo-lhe os membros.

*Fui caçar esta manha, disse ele, fazendo ressoar sua voz mental no interior de Eragon. Encontrarás os restos das minhas presas junto a árvore com o ramo branco, do outro lado do campo. Coma o quanto quiser.*

Uma gratidão silenciosa emanou de Saphira. E arrastando a cauda inerte ao longo da grama, deslizou até a árvore que Glaedr lhe indicara, acomodou-se e começou a comer o veado que fora caçado.

“Vamos,” Disse Oromis, apontando para a mesa e para as cadeiras. Em cima da mesa estava um tabuleiro com taças de frutas e de nozes, meia rodela de queijo, um pão, uma garrafa de vinho e duas taças de cristal. Quando Eragon se sentou, Oromis apontou para a garrafa e perguntou:

“Quer uma bebida para limpar o pó da garganta?”

“Sim, por favor,” respondeu Eragon.

Num gesto elegante, Oromis abriu a garrafa e encheu ambas as taças. Deu uma a Eragon e recostou-se na cadeira, ajeitando a túnica com seus dedos longos e macios.

Eragon bebeu um gole do vinho. Era suave, com sabor de cereja e ameixa. “Mestre, eu ...”

Oromis ergueu o dedo interrompendo-o:

“A não ser que fosse um assunto muito urgente, aguardaria que Saphira se reunisse a nós, antes de discutirmos o que vos trouxe aqui. Concorda?”

Depois de um momento de hesitação, Eragon consentiu e concentrou-se na refeição, saboreando o paladar das frutas frescas. Oromis parecia satisfeito, sentado a seu lado,

em silêncio, bebendo o vinho e contemplando o extremo dos Penedos de Tel'naír. Atrás dele, Glaedr observava como uma estatua de viva de ouro.

Cerca de uma hora depois, Saphira levantou-se e caminhou até o ribeiro onde ficou bebendo água durante mais de dez minutos. Trazia gotas de água nas maxilas ao afastar-se do ribeiro, suspirando e esticando-se junto de Eragon, com as pálpebras pesadas. Bocejou, exibindo os dentes brilhantes, e saudou Oromis e Glaedr. *Falem o tempo que quiserem, mais não esperem que intervenha muito. Adormecerei a qualquer momento. Se adormeceres, esperaremos que acordes para continuarmos a conversa*, Acrescentou Glaedr.

*Isso é muito...gentil*, replicou Saphira, sentindo as pálpebras mais pesadas.

“Mais vinho?” perguntou Oromis, erguendo a garrafa uns centímetros da mesa. Ao ver Eragon abanar a cabeça, Oromis pousou-a, junto as pontas dos dedos, cujas unhas redondas se assemelhavam a opalas polidas e disse: “Não precisa me contar o que se passou com você nessas semanas, Eragon. Desde que Islanzadí abandonou a floresta, Arya tem lhe transmitido as notícias sobre o reino e Islanzadí envia um mensageiro do nosso exército a Du Weldenvarden, de três em três dias. Por isso, eu sei do seu duelo com Murtagh e Thorn nas Planícies Flamejantes, da sua viagem a Helgrind e como punira o talhante da sua aldeia. Sei que assistira a reunião dos clãs em Farthen Dûr e o que daí resultou. Por isso, seja o que for que tenha para me contar, o faça sem receio de me informar das suas últimas aventuras.”

“Sabe de Elva e do que aconteceu quando tentei libertá-la de minha maldição?”

“Sim, até mesmo isso. Talvez não tenha conseguido remover por completo o feitiço, mas saldou a sua dívida com a criança, e é isso que um Cavaleiro de Dragão deve fazer: cumprir suas obrigações, por menores ou difíceis que sejam.”

“Ela ainda sente a dor das pessoas ao redor de si.”

“Mas agora a escolha é sua,” Acrescentou Oromis. “Sua mágica já não a força a isso... Mas não foi para pedir a minha opinião acerca de Elva que veio. O que te pesa no coração, Eragon? Pergunte o que quiser e prometo que responderei a todas as suas perguntas da melhor forma possível.”

“E se eu não souber exatamente o que devo fazer?” perguntou Eragon.

Os olhos cinzentos de Oromis brilharam suavemente: “Comece a pensar como um elfo. Deve confiar em nós como seus mentores, não só para ensinar a você e Saphira o que não sabem, mas também para decidirmos qual o momento ideal para abordar esses assuntos, pois há muitos detalhes de sua educação que não devem ser apresentados fora de ordem.”

Eragon colocou o mirtilo no centro da mesa e depois disse num tom suave e firme, “Parece que há muitas coisas que não nos falaram...”

Por instantes, tudo que conseguia ouvir era o farfalhar das folhas, o borbulhar do riacho e o barulho feito pelos esquilos distantes.

*Se tem algum problema conosco, Eragon*, disse Glaedr. *Fale ao invés de se consumir pela raiva como um velho.*

Saphira mudou de posição e Eragon julgou ouvir um rugido. Olhou-a de relance e depois, lutando para conter as emoções que o invadiam perguntou:

“Quando estive aqui da última vez, sabiam quem era meu pai?”

Oromis acenou com a cabeça uma única vez:

“Sabíamos.”

“E sabiam que Murtagh era meu irmão?”

Oromis consentiu com a cabeça mais uma vez:

“Sabíamos, mas...”



“Então porque não me disseram?” exclamou Eragon, levantando-se e jogando a cadeira no chão. A seguir bateu com os punhos nas ancas, deu vários passos e ficou observando as sombras que eram projetadas na floresta. Virando-se, a fúria de Eragon cresceu ao ver Oromis tão sereno quanto antes.

“Será que vocês pretendiam me dizer algum dia? Esconderam-me a verdade acerca da minha família com receio de que me distraísse dos meus estudos? Ou será que receavam que eu me tornasse como meu pai?” Um pensamento ainda pior ocorreu a Eragon. “Ou não acharam que fosse importante abordar o assunto? E Brom, sabia? Foi por minha causa que decidiu esconder-se em Carvahall, por eu ser o filho de seu inimigo? Esperam que eu acredite que o fato de eu e ele termos vivido a apenas a um quilometro do outro e Arya, por acaso, ter me enviado o ovo de Saphira na Espinha, se tratam de coincidências?”

“O que Arya fez foi acidental,” respondeu Oromis. “Nessa altura ela não sabia quem você era.”

Eragon apertou o punho da espada de anão, sentindo todos os músculos rijos como ferro. “Quando Brim viu Saphira pela primeira vez, me lembro de ter o ouvido dizer para si que não tinha certeza se aquilo seria uma farsa ou uma tragédia. Na altura, pensei que se referia ao fato de um simples camponês como eu se tornar o primeiro Cavaleiro em mais de cem anos. Mas não era a isso que ele estava se referindo, não é? Interrogava-se se seria uma farsa ou uma tragédia que fosse o filho Morzan a recuperar o manto dos Cavaleiros!”

“Foi por isso que você e Brom me treinaram? Para ser apenas uma arma contra Galbatorix e expiar a vilania do meu pai? Será apenas isso que simbolizo para vocês, alguém que equilibrara a balança?” E antes que Oromis pudesse responder, Eragon praguejou e disse, “Minha vida tem sido uma mentira! Desde que nasci, apenas Saphira me amou verdadeiramente. Nem a minha mãe, nem Garrow, nem a Tia Marian, nem mesmo Brom. Ele só revelou interesse em mim por causa de Morzan e Saphira. Fui sempre uma inconveniência. Pensem o que quiserem, mas eu não sou o meu pai, nem meu irmão e recuso-me a seguir seus passos.” Colocando as mãos na beira da mesa, Eragon inclinou-se para frente. “Não entregarei os Elfos, os Anões ou os Varden a Galbatorix, se é isso que o preocupa. Farei o que for necessário, mas a partir de agora, não têm a minha lealdade, nem a minha confiança, não vou...”

O Chão e o ar estremeceram com o rugido de Glaedr, que arreganhou o lábio superior, revelando os caninos em toda a sua extensão. *Tens mais razões para confiar em nós do que qualquer outra pessoa, filhote*, disse ele, estrondando a voz na mente de Eragon. *Se não fossem nossos esforços já estaria morto.*

Depois, para surpresa de Eragon, Saphira dirigiu-se para Oromis e Glaedr, *Cortem-lhe*, e o Cavaleiro ficou alarmado ao sentir a angústia na mente de seu Dragão.

*Saphira?* perguntou ele intrigado. *Contar o que?*

Ela ignorou-o, *Esta discussão não faz mais sentido. Não prolonguem o sofrimento de Eragon.*

Oromis ergueu uma das sobrancelhas oblíquas, *Você sabe?*

*Sei.*

*Sabe o que?* Gritou Eragon, prestes a desembainhar a espada e ameaçar a todos, até conseguir uma explicação.

Oromis apontou para a cadeira caída com o dedo esguio, “Sente-se!” disse ao ver que Eragon continuava de pé. Percebendo que Eragon estava demasiadamente furioso e magoado para obedecer, Oromis suspirou, “Eu compreendo que seja difícil para você, Eragon, mas se insiste em fazer perguntas e depois se recusa a ouvir as respostas,

frustração é tudo que ganhará. Agora se sente, por favor, para que possamos falar civilizadamente.”

“Por quê?” perguntou ele. “Porque não me disseram antes que o meu pai era Morzan, o primeiro dos Renegados?”

“Em primeiro lugar,” interpelou Oromis. “Temos que nos dar por muito felizes se você for semelhante ao seu pai, seja em que aspecto for eu acho que é. Além disso, como ia dizer antes de me interromper, Murtagh não é seu irmão, mas sim seu meio-irmão.”

As palavras pareciam girar em torno de Eragon. A sensação de vertigem era tão intensa, que teve que se agarrar a borda da mesa para manter o equilíbrio. “Meu meio-irmão...Então quem...?”

Oromis tirou um mirtilo de uma taça, contemplo-o por alguns instantes e a seguir o comeu. “Glaedr e eu não queríamos esconder isso de você. No entanto, não havia alternativa, já que ambos prestamos os mais solenes juramentos, no sentido de que jamais te revelaríamos a identidade de seu pai, ou do seu meio-irmão, ou discutiríamos a sua linhagem, a não ser que você descobrisse a verdade por si mesmo, ou a identidade de seus parentes te colocassem em perigo. O que ocorreu entre você e Murtagh durante a Batalha das Planícies Flamejantes, preenche em partes um dos requisitos, o que justifica que agora podemos falar livremente disso.”

Tremendo de emoção e praticamente incapaz de se conter, Eragon questionou, “Oromis-elda, se Murtagh é meu meio-irmão, então quem é meu pai?”

“Procure no seu coração, Eragon,” disse Glaedr. “Você já sabe quem é e já sabe há muito tempo.”

Eragon abanou a cabeça. “Não sei! Não sei! Por favor...”

Glaedr roncou, deixou escapar um jato de fumaça e chamas pelas narinas. *Não é óbvio? Brom é seu pai.*



## DOIS AMANTES AMALDIÇOADOS

Eragon olhou para o dragão atônito.

“Mas como?” exclamou ele. Antes que Glaedr ou Oromis pudesse responder, Eragon virou para Saphira e disse através da mente e em voz alta:

*Você sabia? Você sabia e mesmo assim me deixou acreditar que Morzan era o meu pai, durante todo esse tempo, apesar de... apesar de eu... eu...* Ofegante, Eragon gaguejou e se calou, incapaz de articular qualquer palavra de um modo coerente. Memórias espontâneas de Brom o invadiram, varrendo-lhe todos os outros pensamentos. Reviu o significado de todas as palavras e expressões de Brom; nesse instante, tudo fez sentido. Ainda queria explicações, mas não precisava delas para determinar a veracidade das afirmações de Glaedr, sentindo nos ossos que o que Glaedr disse era verdade.

Eragon sobressaltou-se, ao sentir Oromis tocar-lhe o ombro:

“Eragon, precisa se acalmar,” disse o elfo num tom apaziguador. “Lembre-se das técnicas de meditação que te ensinei. Controla a respiração e deixe que a tensão flua dos seus membros para o solo, debaixo de ti... Assim mesmo. Agora outra vez, respira fundo.”

As mãos de Eragon pararam de tremer e o ritmo cardíaco foi diminuindo, à medida que ele seguia as instruções de Oromis. Logo que sentiu a mente mais clara, olhou logo para Saphira e questionou: *Você sabia?*

Saphira ergueu a cabeça do chão. *Eragon, eu queria te contar. Afligiam-me sentir o quanto as palavras de Murtagh te atormentavam, sabendo que não podia te ajudar. Ainda tentei – por diversas vezes – mas tal como Oromis e Glaedr, eu também jurei na língua antiga esconder de você a identidade de Brom, e não podia quebrar o meu juramento.*

*Q-quando ele te contou?* perguntou Eragon, ainda agitado, falando num tom elevado.

*Um dia depois dos Urgals nos atacarem, à saída de Teírm, você ainda estava inconsciente.*

*Foi nessa altura que ele te disse como contatar os Varden em Gil’ead?*

*Sim. Mas antes de eu saber o que o Brom tinha para me dizer, ele me fez jurar que jamais falaria pra ti sobre o assunto, a não ser que descobrisse por si mesmo. Lamentavelmente, eu aceitei.*

*Ele te contou mais alguma coisa?* Insistiu Eragon, sentindo a raiva crescer. *Há mais algum segredo que eu deva saber, como por exemplo, Murtagh não ser o meu único irmão ou ate como derrotar Galbatorix?*

*Durante os dois dias em que Brom e eu perseguimos os Urgals, ele me contou os detalhes da sua vida, caso morresse e se alguma vez viesse a saber do seu grau de parentesco, o seu filho pudesse saber que tipo de homem ele era e porque agiu daquela forma. Brom também me entregou um presente para ti.*

*Um presente?*

*Uma memória dele, dirigindo-se a você como pai e não como Brom, o contador de historias.*

“Mas antes de Saphira partilhar essa memória com você,” interpelou Oromis e Eragon percebeu que Saphira permitiu que o elfo escutasse suas palavra, “seria melhor que soubesse como tudo aconteceu. Esta disposto a me ouvir durante algum tempo, Eragon?”

Eragon hesitou, sem saber o que queria; entretanto acabou por aceder.

Erguendo a taça de cristal, Oromis bebeu o vinho, voltou a colocá-la na mesa e disse:

“Como sabe, tanto Brom como Morzan eram meus aprendizes. Brom, três anos mais novo, tinha Morzan em tão alta estima, que permitia que ele o desdenhasse e lhe desse ordens, sujeitando-se, a que ele o tratasse vergonhosamente.”

Eragon disse num tom áspero: “É difícil imaginar Brom a se sujeitar as ordens de alguém...”

Oromis baixou a cabeça, num rápido aceno de pássaro.

“No entanto, foi isso que aconteceu. Brom amava Morzan como um irmão, apesar do seu comportamento. Só quando Morzan entregou os Cavaleiros a Galbatorix e os Renegados mataram o dragão de Brom, Saphira, ele percebeu a verdadeira natureza de Morzan. Por mais intensa que fosse a afeição de Brom pelo que outrora Morzan se mostrara, a sua chama era comparável a luz de uma vela, diante do inferno de chamas em que se encontrava o ódio que lhe deu lugar. E Brom jurou se opor e frustrar as conquistas de Morzan como e onde lhe fosse possível, reduzindo as suas ambições a amargos remorsos. Eu avisei Brom em relação a esse caminho de ódio e de violência, mas ele estava louco de desgosto com a morte de Saphira e não deu ouvido.

‘Nas décadas que se seguiram, o ódio de Brom nunca esmoreceu, tão pouco os seus esforços para depor Galbatorix, matar os Renegados e, acima de tudo, vingar-se da dor que Morzan lhe infligira. Brom era a encarnação da persistência; o seu nome era um pesadelo para os Renegados e uma luz de esperança para aqueles que ainda alimentavam a resistência ao Império.’ Oromis fixou a linha branca do horizonte e bebeu mais um gole de vinho. “Estou bastante orgulhos pelo que conseguiu sozinho, sem a ajuda do seu dragão. É sempre reconfortante para um professor, ver um dos seus alunos distinguirem-se, seja de que maneira for... Estou a dispersar-me. Há cerca de vinte anos atrás, os Varden tinham espiões espalhados por todo o Império e começaram a receber relatórios sobre as atividades de uma misteriosa mulher, conhecida apenas por a Mão Negra.”

“A minha mãe,” acrescentou Eragon.

“Tua mãe e a mãe de Murtagh,” continuou Oromis. “A principio, os Varden não sabiam nada sobre ela, a não ser que era extremamente perigosa e que se mantinha leal ao Império. A seu tempo e, depois de muito sangue derramado, descobriram que ela servia Morzan e somente Morzan. Nomeadamente que este se tornou dependente dela para se fazer cumprir a sua vontade por todo o Império. Ao saber disso, Brom partiu em perseguição da Mão Negra, para matá-la e, dessa forma, atingir Morzan. Como os Varden não conseguiam prever onde sua mãe iria aparecer, Brom viajou ate o castelo de Morzan, espionando ate conseguir elaborar uma forma de se infiltrar no seu interior.”

“E onde ficava o castelo de Morzan?”

“Ficava não, fica. O castelo ainda existe. É Galbatorix que agora o usa. Situa-se no sopé da Espinha, perto da margem Nordeste do Lago Leona, bem escondido do resto do reino.”

Eragon afirmou: “Jeod me disse que Brom conseguiu se infiltrar no castelo fingindo ser um dos criados.”

“É verdade e não foi tarefa fácil. Morzan impregnou a sua fortaleza com centenas de feitiços, concebidos para protegê-lo dos inimigos. Forçava também todos que o serviam a prestar juramentos de lealdade, muitas vezes com o seu verdadeiro nome. Contudo, depois de muita experimentação, Brom conseguiu encontrar uma brecha nas proteções de Morzan, o que lhe permitiu tomar o lugar de jardineiro na sua propriedade. E foi sob esse disfarce que conheceu a sua mãe.”

Olhando para as mãos, Eragon continuou: “E depois a seduziu para atingir Morzan, suponho.”

“Nada disso,” replicou Oromis. “Inicialmente talvez essa fosse a sua intenção. Mas entretanto aconteceu algo que nem ele nem a sua mãe previram: apaixonaram-se. Toda a afeição que a sua mãe, antes, nutria por Morzan desapareceu, expurgada pelos maus tratos que ele infligia a ela e a seu filho recém-nascido, Murtagh. Desconheço a sequência exata dos acontecimentos, mas a dada altura Brom revelou a sua verdadeira identidade a sua mãe e esta, em vez de traí-lo, começou a passar informações aos Varden, sobre Galbatorix, Morzan e o resto do Império.”

“Mas Morzan não a obrigara a jurar lealdade na língua antiga? Como pôde ela se virar contra ele?”

Um sorriso apareceu nos lábios finos de Oromis: “Pôde, sim. Morzan dava-lhe um pouco mais de liberdade que aos outros criados, para que ela usasse o seu engenho e iniciativa no cumprimento das ordens. Arrogante como era, Morzan acreditava que o amor que ela sentia por ele lhe garantia a sua lealdade, mais do que qualquer juramento. Além disso, ela já não era a mesma mulher que se ligou a Morzan; a maternidade e o fato de ter conhecido Brom alteraram de tal forma o seu caráter que o seu verdadeiro nome mudou, libertando-a dos compromissos anteriores. Se Morzan tivesse sido mais cauteloso – por exemplo, lançando-lhe um feitiço que o avisasse, caso ela quebrasse as suas promessas -, ele teria percebido o momento em que perdeu o controle sobre ela. Mas esse sempre foi o pior defeito de Morzan: ser capaz de planejar um engenhoso feitiço e em seguida falhar, por impaciência, ao ignorar um detalhe crucial.”

Eragon franziu a testa: “Porque minha mãe não abandonou Morzan logo que teve chance?”

“Porque depois de tudo que ela fez em nome de Morzan, sentiu que era o seu dever ajudar os Varden. E, principalmente, porque não conseguia deixar Murtagh com o pai.”

“E não podia levá-lo com ela?”

“Se estivesse ao seu alcance, tenho certeza de que teria feito. No entanto, Morzan percebeu que a criança lhe dava imenso poder sobre sua mãe forçando-a a confiar Murtagh a uma ama de leite, e apenas permitia-lhe que o visitasse em intervalos espaçados. O que Morzan não sabia é que, durante esses intervalos ela também visitava Brom.”

Oromis se virou para contemplar um par de andorinhas que andavam as voltas no céu azul. *De perfil, as suas delicadas feições oblíquas são semelhantes a um falcão ou a um esbelto gato*, pensou Eragon. Ainda olhando para as andorinhas, Oromis disse:

“Nem mesmo sua mãe conseguia prever para onde Morzan iria mandá-la a seguir, nem quando poderia regressar ao castelo. Por isso Brom tinha que permanecer na propriedade de Morzan por longos períodos se quisesse vê-la. Brom trabalhou como jardineiro de Morzan durante quase três anos. De vez enquanto, escapava para enviar uma mensagem aos Varden, ou comunicar com os seus espiões espalhados por todo o Império, mas, tirando isso, não saía dos jardins do castelo.”

“Três anos! E não receava que Morzan o visse e o reconhecesse?”

Oromis desviou os olhos do céu, observando de novo Eragon:

“Brom era um especialista em disfarces. Além disso, Morzan e ele não se viam a muitos anos.”

“Ah,” exclamou Eragon, torcendo a taça entre os dedos e contemplando a refração da luz através do cristal. “E depois, o que aconteceu?”

“Depois,” continuou Oromis, “um dos agentes de Brom em Teirm contactou um jovem estudioso chamado Jeod, que queria se reunir aos Varden. Além de que, ele alegava ter descoberto provas da existência de um túnel, até então secreto, que conduzia à ala do castelo de Urû’baen, construída pelos Elfos. Como é óbvio, Brom achou que a

descoberta de Jeod era demasiada importante para ser ignorada, por isso fez as malas, desculpou-se junto dos outros criados e partiu para Teirm.”

“E a minha mãe?”

“Partiu um mês antes em uma das missões de Morzan.”

Esforçando-se para reunir todos os fragmentos da história, que entretanto ouvira de outras pessoas, num todo coeso Eragon disse:

“Por isso... Brom encontrou-se com Jeod e, logo que se convenceu que o túnel era real, enviou um dos Varden para tentar roubar os três ovos que Galbatorix tinha em Urû'baen.”

O rosto de Oromis ensombrou-se:

“Infelizmente, por motivos que jamais foram totalmente esclarecidos, o homem que escolheram para a tarefa, um certo Heftring de Furnost, conseguiu roubar apenas um ovo do tesouro de Galbatorix – o ovo de Saphira. Depois de estar de posse do ovo, fugiu dos Varden e dos criados de Galbatorix. Em consequência da sua traição, Brom passou os sete meses seguintes a procurar de Heftring, numa tentativa desesperada para recuperar Saphira.”

“E foi durante esse período que a minha mãe viajou para Carvahall em segredo para me dar a luz. Cinco meses depois?”

Oromis anuiu.

“Você foi concebido precisamente antes da sua mãe partir para a sua última missão. Por isso, Brom não fazia idéia do seu estado, enquanto perseguia Heftring e o ovo de Saphira... Quando Brom e Morzan finalmente se confrontaram em Gil'ead, Morzan lhe perguntou se foi ele o responsável pelo desaparecimento da sua Mão Negra. Era compreensível que Morzan suspeitasse do envolvimento de Brom, uma vez que ele foi o responsável pela morte de vários Renegados. É claro que imediatamente Brom concluiu que algo de terrível teria acontecido com sua mãe. Mais tarde, ele me confessou que foi esse pensamento que lhe deu a força e a coragem necessárias para matar Morzan e seu dragão. Depois de matá-los, Brom retirou o ovo de Saphira do corpo de Morzan – entretanto Morzan localizara Heftring e lhe tomou o ovo - e abandonou a cidade, parando apenas o tempo necessário para esconder o ovo de Saphira, onde sabia que os Varden acabariam descobrindo.”

“Por isso Jeod estava convencido de que Brom tinha morrido em Gil'ead,” acrescentou Eragon.

Oromis voltou a acenar com a cabeça:

“Brom estava tão apavorado que nem quis esperar pelos companheiros. Mesmo que a sua mãe estivesse viva e com boa saúde, Brom tinha medo que Galbatorix tentasse fazer dela a sua Mão Negra e que ela jamais conseguisse escapar dos seus compromissos com o Império.”

Eragon sentiu as lágrimas umedecerem-lhe os olhos. *Brom devia amá-la muito para abandonar toda a gente, assim que soube que ela estava em perigo.*

“Brom cavalgou diretamente de Gil'ead rumo à propriedade de Morzan, parando apenas para dormir. Mas, por muito rápido que fosse, chegou tarde demais. Ao chegar ao castelo descobriu que sua mãe regressara quinze dias antes, doente e cansada da sua misteriosa viagem. E que os curandeiros de Morzan tinham tentado salva-la, mas apesar dos seus esforços ela morrera horas antes de Brom regressar ao castelo.”

“E ele não voltou a vê-la?” perguntou Eragon, sentindo a garganta apertada.

“Nunca mais.” Oromis fez uma pausa e sua expressão serenou. “Creio que perdê-la foi quase tão difícil para Brom como perder o seu dragão, dissipando muito do fogo que lhe ardia na alma. Mesmo assim não desistiu nem enlouqueceu, como quando os Renegados mataram a homônima de Saphira. Em vez disso, decidiu que iria descobrir o motivo da

morte da sua mãe e punir os responsáveis, se tal estivesse ao seu alcance. Questionou os curandeiros de Morzan, forçando-os a descrever-lhe os sintomas da sua mãe. Pelo que ouviu deles, assim como os rumores que corriam entre os criados da propriedade, Brom adivinhou a verdade sobre a gravidez de sua mãe. Possuído por essa esperança, viajou para o local onde sabia que deveria procurar: a casa da sua mãe em Carvahall. E foi aí que te encontrou, entregue aos cuidados da sua tia e do seu tio.

‘No entanto, Brom não ficou. Logo que se certificou que ninguém em Carvahall sabia que a sua mãe havia sido em tempos a Mão Negra e que você não corria perigo iminente, Brom regressou a Farthen Dûr, em segredo, apresentando-se a Deynor, que era o líder dos Varden. Deynor ficou surpreendido ao vê-lo, pois todos julgavam que Brom havia morrido em Gil’ead. Brom convenceu Deynor a guardar segredo sobre a sua presença junto de todos, com exceção de um grupo restrito de pessoas e depois...”

Eragon ergueu um dedo:

“Mas por quê? Porque fingir que estava morto?”

“Brom queria viver o suficiente para treinar o novo Cavaleiro e sabia que a única forma de evitar ser assassinado como retaliação pela morte de Morzan, era se Galbatorix pensasse que ele estava morto e enterrado. Além disso, não queria chamar atenção para Carvahall desnecessariamente, pois tencionava estabelecer-se lá para ficar perto de você, o que de fato ele fez. No entanto, não queria de forma alguma que o Império soubesse da sua existência em consequência disso.

‘Enquanto estive em Farthen Dûr, Brom ajudou os Varden a negociar um acordo com a Rainha Islanzadí, que definiam que os Elfos e os Humanos partilhariam a guarda do ovo e que iriam treinar um novo Cavaleiro, quando o ovo chocasse, se chocasse. Depois acompanhou Arya quando ela transportou o ovo de Farthen Dûr para Ellesméra e, mal chegou, nos contou o que nos acabamos de te contar, para que a verdade sobre o seu parentesco, não se perdesse, caso ele morresse. Foi a última vez que o vi. Daqui Brom voltou para Carvahall, onde se apresentou como Bardo e contador de histórias. O que aconteceu a seguir sabe melhor que eu.”

Oromis ficou em silêncio e ninguém falou durante algum tempo.

Ao fixar o olhar no chão, Eragon reviu tudo o que Oromis lhe contou, tentando perceber o que estava sentindo. Por fim disse:

“E Brom é mesmo meu pai e não Morzan? Quer dizer, se a minha mãe era a esposa de Morzan, então...” e silenciou ao ficar demasiado embaraçado para prosseguir.

“Você é filho do seu pai,” disse Oromis. “E seu pai é Brom. Disso não há qualquer dúvida.”

“Nenhuma mesmo?”

Oromis abanou a cabeça.

“Nenhuma.”

Eragon foi tomado por uma sensação de vertigem, percebendo que estava prendendo a respiração. Expeliu todo o ar e disse:

“Creio que entendo o motivo...” e fez uma pausa para voltar a encher os pulmões. “... o motivo porque Brom não falou nada disso antes de eu encontrar o ovo de Saphira. Mas porque não me contou depois? E porque os obrigou a manter tamanho segredo? ... Não queira me reconhecer como filho? Tinha vergonha de mim?”

“Não posso fingir que conheço todas as razões por que Brom fez o que fez, Eragon. Mas disto estou certo: Brom não queria outra coisa senão se assumir como seu pai e te criar. No entanto, não se atreveu a revelar o seu parentesco, com receio que o Império descobrisse e tentasse atingi-lo através de você. E a sua cautela era justificada. Vê como Galbatorix tentou capturar o seu primo, para usar Roran, te forçando a se render.”

“Brom podia ter dito ao meu tio,” protestou Eragon. “Garrow jamais teria entregado Brom ao Império.”

“Pensa, Eragon. Se estivesse vivendo com Brom e o rumor de que ele estava vivo chegasse aos ouvidos dos espiões de Galbatorix, ambos teriam que fugir de Carvahall, receando por suas vidas. Ao esconder a verdade de você, Brom esperava conseguir te proteger de tais perigos.”

“Mas não conseguiu, pois tivemos que fugir de Carvahall do mesmo jeito.”

“Sim,” retorquiu Oromis. “O erro de Brom, por assim dizer, embora considere que as conseqüências foram mais positivas do que propriamente negativas, era não suportar a idéia de se separar completamente de você. Se ele tivesse reunido força suficiente para não voltar a Carvahall, você jamais teria encontrado o ovo de Saphira e os Ra’zac não teriam matado seu tio. Muitas coisas que não aconteceram teriam acontecido e muitas coisas que aconteceram não teriam acontecido. Mas ele não conseguiu te expulsar do seu coração.”

Eragon cerrou os maxilares sentindo um tremor percorrer-lhe o corpo.

“E depois de saber que Saphira nasceu para mim?”

Oromis hesitou e o seu rosto sereno mostrava-se agora ligeiramente perturbado:

“Não sei bem, Eragon. Talvez Brom estivesse ainda tentando te proteger dos seus inimigos e não te contou pelo mesmo motivo que não te levou diretamente aos Varden: por achar que ainda não estava preparado. Talvez planeja-se te contar antes de se juntar aos Varden. Mas, se eu tivesse que adivinhar, diria que Brom ficou calado não porque tinha vergonha de você, mas porque se acostumou a viver com os seus segredos e sentia relutância em abrir mão deles. E talvez também – e isto é uma mera especulação – porque não tinha certeza de como você ia reagir a sua revelação. Segundo você próprio disse, não tinha muita intimidade com Brom, quando partiu de Carvahall em sua companhia. É bem possível que ele receasse que você o odiasse se te contasse que era seu pai.”

“Odiá-lo?” exclamou Eragon. “Não o teria odiado por isso. Embora... pudesse não acreditar nele.”

“E confiaria nele depois de uma revelação assim?”

Eragon mordeu o interior das bochechas.

“Não, não confiaria.”

Prosseguindo, Oromis disse:

“Brom fez o Melhor que pôde em circunstâncias incrivelmente difíceis. A sua obrigação era, A sua obrigação era, antes de tudo, manter a ambos vivos, ensinar e aconselhar vocês, para que não usassem o seu poder com propósitos egoístas, tal como fez Galbatorix. Nesse aspecto, Brom agiu brilhantemente. Pode não ter sido o pai que desejava que ele fosse, mas acabou por te deixar o maior legado que qualquer filho poderá ter.”

“Não fez mais do que faria por alguém que se tornasse o novo Cavaleiro.”

“O que não diminui o seu valor,” fez notar Oromis. “Mas está enganado. Brom fez mais por você do que teria feito por qualquer outra pessoa. Basta pensar no sacrifício que fez para salvar a sua vida, te impedindo de saber a verdade”

Eragon arranhou a beira da mesa com a unha do indicador, seguindo uma ligeira aresta de um dos anéis de madeira.

“E foi mesmo por acidente que Arya me enviou Saphira?”

“Foi,” confirmou Oromis. “Mas não foi inteiramente uma coincidência. Em vez de transportar o ovo ao pai, Arya o fez aparecer diante do filho.”

“Como pode ser isso, se ela não sabia quem eu era?”

Oromis encolheu os ombros magros:



“Apesar de milhares de anos de estudos ainda não podemos predizer ou explicar todos os efeitos da magia.”

Eragon continuou a mexer na pequena aresta da mesa. *Tenho um pai*, pensou ele. *Vi-o morrer sem fazer idéia de que ele era...*

“Os meus pais nunca se casaram?” perguntou ele.

“Sei por que pergunta isso, Eragon, mas não estou certo se minha resposta te satisfará. O casamento não é um costume entre os Elfos e as suas peculiaridades me escapam freqüentemente. Ninguém uniu as mãos de Brom e Selenia em casamento, mas sei que eles se consideravam marido e mulher. Se és inteligente, não deverás se preocupar que os outros da sua raça te chamem de bastardo, mas sim se orgulhar por ser filho dos seus pais e por ambos terem dado as suas vidas para que você pudesse viver.”

Eragon estava surpreso com a tranquilidade que sentia. Toda a vida especulava sobre a identidade do pai. Quando Murtagh alegara ser Morzan, tal revelação produziu um Eragon um choque tão profundo como o que sentiu na morte de Garrow. O contra-argumento de Glaedr de que o seu pai era Brom também o chocou. No entanto, este choque não parecia ter durado, talvez porque a notícia não era tão perturbadora. De qualquer modo, apesar de estar calmo, Eragon achou que precisaria de alguns anos para compreender o que sentia em relação a qualquer um dos seus pais. *O meu pai era um Cavaleiro e a minha mãe esposa de Morzan e a sua Mãe Negra.*

“Posso contar a Nasuada?” perguntou ele.

Oromis abriu as mãos:

“Conta a quem quiser. O segredo agora é seu. Pode fazer dele o que quiser. Duvido que te colocasses em maior perigo, se o mundo inteiro soubesse que és o herdeiro de Brom.”

“Murtagh pensa que somos irmãos de pai e mãe.” disse Eragon. “Ele me disse isso na língua antiga.”

“E estou certo de que Galbatorix também pensa. Foram os Gêmeos que descobriram que a mãe de Murtagh e a sua eram a mesma pessoa e passaram essa informação ao rei. No entanto, é impossível que o tenham informado do envolvimento de Brom, pois ninguém nos Varden estava a par disso.”

Eragon olhou para cima ao ver duas andorinhas em vôo picado por cima da sua cabeça e deixou escapar um sorriso sardônico.

“Porque sorri?” perguntou Oromis.

“Não sei se iria entender...”

O Elfo dobrou as mãos sobre o colo:

“Talvez não entenda, é verdade, mas nunca saberá se não me explicar.”

Eragon demorou algum tempo para encontrar as palavras certas:

“Quando eu era mais jovem... antes de tudo isso,” e apontou para Saphira, Oromis, Glaedr e para o mundo, “costumava me entreter imaginando que, devido a sua grande beleza, a minha mãe foi levada para a corte de Galbatorix. Imaginava que ela viajou de cidade em cidade, jantou em casa de condes e damas e que... se apaixonou loucamente por um homem rico e poderoso de quem, por alguma razão, era obrigada a se esconder. E, por isso, me entregou aos cuidados de Garrow e Marian, mas que um dia voltaria e me diria quem eu era, confessando que nunca foi sua intenção me abandonar.”

“Isso não é muito diferente do que se passou,” adiantou Oromis.

“Não, não é, mas... imaginei que o meu pai e a minha mãe fossem pessoas importantes e que eu fosse também alguém importante. O destino me deu o que pretendia, mas a verdade não é tão grandiosa e nem tão feliz como eu a imaginava... Creio que a pouco eu sorri pela minha ignorância e também pela inverossimilhança de tudo o que me aconteceu.”

Uma brisa suave varreu a clareira, alisando a erva a seus pés e agitando as árvores da floresta ao seu redor.

Eragon contemplou por instantes a erva ondulante e depois perguntou lentamente:

“A minha mãe era boa pessoa?”

“Não faço idéia, Eragon. Os acontecimentos na vida dela foram complicados. Seria estúpido e arrogante da minha parte tecer um julgamento sobre alguém de quem sei tão pouco.”

“Mas eu preciso saber!” Eragon entrelaçou as mãos, apertando os dedos sobre as calosidades dos nós. “Quando perguntei a Brom se a conheceu, ele me disse ela era imponente e digna e que sempre ajudou os pobres os menos afortunados. Como pode isso ser verdade? Como poderia ela ser essa mesma pessoa e a Mão Negra ao mesmo tempo? Jeod me contou algumas histórias, algumas das coisas horríveis, terríveis, que ela fez ao serviço de Morzan... seria má então? Será que não se importava que Galbatorix reinasse? Porque ela se juntou a Morzan?”

Oromis fez uma pausa.

“O amor pode ser uma maldição terrível, Eragon. Pode fazer com que ignore os maiores defeitos no comportamento de alguém. Duvido que a sua mãe estivesse plenamente consciente da verdadeira natureza de Morzan quando partiu com ele de Carvahall e, depois de o fazer, ele não ter permitido que ela desobedecesse a sua vontade. Selena se tornou sua escrava em tudo menos no nome, e só mudando a sua identidade é que lhe foi possível escapar do seu controle.”

“Mas Jeod me disse que ela sentia prazer em fazer o que fazia em quanto Mão Negra.”

Uma ligeira expressão de desdém modificou o semblante de Oromis.

“Os relatos de atrocidades passadas são freqüentemente exagerados e distorcidos. É bom que não se esqueça disso. Ninguém, a não ser a sua mãe, sabe exatamente o que fez, porque fez, ou o que sentiu ao fazê-lo. E ela já não está entre os vivos para se explicar.”

“Então em quem devo acreditar?” Perguntou Eragon num tom suplicante. “Em Brom ou em Jeod?”

“Quando pediu a Brom que falasse de sua mãe, ele te disse o que achava serem as qualidades dela. O meu conselho é que confie no seu conhecimento dela. Se isso não afastar as suas dúvidas, lembre-se que independentemente dos crimes que ela possa ter cometido enquanto agia como Mão Negra de Morzan, a sua mãe acabou por tomar o partido dos Varden e correu riscos extraordinários para te proteger. Consciente disso, não deveria continuar a se atormentar com a sua natureza.”

Uma aranha pendurada num fio de seda foi arrastada pela brisa e flutuou diante de Eragon, subindo e descendo em redemoinhos invisíveis de ar. Quando a aranha desapareceu, Eragon disse:

“A primeira vez que visitamos Tronjheim, Angela, a adivinha, me disse que o destino de Brom era falhar em tudo o que tentasse, exceto ao matar Morzan.”

Oromis inclinou a cabeça:

“Há quem pense assim. Mas há também quem considere que Brom concretizou grandes e difíceis proezas. Tudo depende da forma como decidir encarar o mundo. As palavras dos adivinhos raramente são fáceis de decifrar. A minha experiência me ensinou que as suas previsões jamais trazem paz de espírito. Se quiser ser feliz, Eragon, não pense no que está por vir, nem naquilo que não controla, mas sim no presente e naquilo que pode modificar.”

Então Eragon se lembrou de algo:

“Blagden,” disse ele, referindo-se ao corvo branco, companheiro da Rainha Islanzadí.

“Também sabe da história de Brom, não sabe?”

Oromis ergueu uma das sobrancelhas agudas:

“Sabe? Eu nunca falei com ele sobre isso. É uma criatura instável, pouco digna de confiança.”

“No dia em que Saphira e eu partimos para as Planícies Flamejantes, ele me recitou uma charada. Não me recordo de todas as frases, mas tratava-se de algo acerca de um de dois serem um, enquanto um poderia ser dois. Creio que poderia estar me dando uma pista sobre o fato de eu e Murtagh partilharmos apenas um progenitor.”

“É possível,” disse Oromis. “Blagden estava aqui em Ellesméra, quando Brom me contou tudo acerca de você. Não me admira nada que esse ladrão de bico aguçado estivesse empoleirado numa árvore próxima durante a nossa conversa. Bisbilhotar é um dos seus hábitos mais infelizes. Também é possível que a charada fosse produto de um dos seus rasgos esporádicos de presciência.”

Momentos depois, Glaedr agitou-se e Oromis virou-se, olhando para o dragão dourado. Depois o Elfo se levantou graciosamente da sua cadeira, dizendo:

“Fruta, nozes e pão são boa comida. Mas depois da sua viagem, devias encher a barriga com algo mais substancial. Tenho uma sopa fervendo em fogo brando na minha cabana, que precisa ser vigiada. Mas por favor não se incomode, eu a trago quando estiver pronta.”

Caminhando suavemente sobre a erva, Oromis se dirigiu a sua cabana de casca de árvore, desaparecendo no seu interior. Quando a porta esculpida se fechou, Glaedr bufou e fechou os olhos, parecendo adormecer.

E tudo ficou em silencio, com exceção dos ramos das árvores fustigadas pelo vento.



## HERANÇA

Eragon ficou sentado na mesa redonda durante alguns minutos. Depois se levantou e caminhou até os Rochedos de Tel'naeír, olhando a floresta ondulante, trezentos metros abaixo. Empurrou uma pedra através do penhasco, com a ponta da bota esquerda e ficou vendo-a ricochetear na parte inclinada da rocha, até desaparecer nas profundezas da floresta.

Um ramo estalou quando Saphira se aproximou por trás. Agachou-se a seu lado e as escamas projetaram nele centenas de manchas em tons de luz azul. Depois olhou na mesma direção que ele.

*Está bravo comigo?* perguntou ela.

*Não, claro que não. Entendo que não tenha podido quebrar o seu juramento na língua antiga... Queria apenas que Brom tivesse me contado tudo isso, ele mesmo, e que não sentisse que era necessário esconder a verdade.*

Saphira virou a cabeça para ele.

*Como você se sente, Eragon?*

*Você sabe muito bem como eu me sinto.*

*Há minutos atrás eu sabia, mas agora, não sei. Ficou muito quieto. Olhar para a tua mente é como observar um lago tão profundo que não é possível ver o fundo. O que sente pequenino? Raiva? Felicidade? Ou não sente nada?*

*O que sinto é aceitação,* respondeu ele, voltando seu rosto para ela. *Não posso mudar o que os meus pais foram. Aceitei isso depois da Campina Ardente: as coisas são como são. E por mais que ranja os dentes, nada irá mudar. Acho que estou... feliz por pensar em Brom como meu pai, mas não tenho a certeza... É muito para assimilar de uma vez só.*

*Talvez, o que eu tenho para te dar, te ajude. Quer ver a memória que Brom deixou ou prefere esperar?*

*Não, nada de esperar,* disse ele. *Se adiarmos, talvez nunca consiga me mostrar.*

*Então, feche os olhos e me deixa mostrar.*

Eragon fez o que ela disse e foi surpreendido por uma onda de sensações provenientes de Saphira: visões, sons, cheiros e outras coisas; tudo o que ela vivia no momento da memória.

À sua frente, Eragon viu uma clareira na floresta, em algum lugar por entre as colinas amontoados contra a encosta Oeste da Espinha. A erva era espessa e exuberante. Véus amarelo-esverdeados de líquens pendiam das grandes árvores inclinadas, cobertas de musgo. Devido às chuvas que varriam a costa, vindas do oceano, os bosques estavam muito mais verdes e úmidos que os do Vale Palancar. Filtrados através dos olhos de Saphira, os verdes e os vermelhos eram mais suaves do que vistos através dos olhos de Eragon. Além de que cada tom de azul brilhava com uma intensidade redobrada. O cheiro da terra úmida e da madeira morta impregnavam o ar.

Ao centro da clareira estava uma árvore caída. Sentado sobre ela estava Brom.

O capuz do manto do velho homem estava puxado para trás e ele tinha a cabeça descoberta. Com a espada pousada no colo e o bastão retorcido, com Runas gravadas, permanecia encostado ao troco da árvore. O anel, Aren, brilhava na sua mão direita.

Durante algum tempo, Brom não se mexeu. Depois, olhou para o céu de olhos franzidos e nariz curvo que lhe projetou uma longa sombra no rosto. Ao ouvir a sua voz rouca, Eragon estremeceu, sentindo-se deslocado no tempo.

Brom disse:

*Eternamente, o sol traçara o seu caminho, de horizonte a horizonte, e eternamente a lua o seguirá. Eternamente os dias passarão indiferentes às vidas que consomem, uma a uma. Baixando os olhos, Brom olhou diretamente para Saphira e através dela para Eragon. Por muito que o tente, nenhum ser escapa eternamente da morte, nem mesmos os Elfos ou os espíritos. Para todos existe um fim. Se está me vendo, Eragon, á minha hora já chegou, eu estou morto e você já sabe que sou o seu pai.*

Brom tirou o cachimbo do bolso de couro que tinha a seu lado, encheu-o de erva de cardus e acendeu-o, murmurando suavemente:

*Brisingr.*

Deu várias passas no cachimbo para acendê-lo bem, antes de voltar a falar:

*Se ver isso, Eragon, espero que esteja feliz e em segurança e que Galbatorix esteja morto, embora ache pouco provável, quanto mais não seja por ser um Cavaleiro de Dragão. Um Cavaleiro de Dragão jamais descansa enquanto houver injustiça na terra.*

Brom riu e balançou a cabeça, com a barba ondulando como água.

*Não tenho tempo para dizer nem metade do que eu gostaria de dizer; creio que teria o dobro da idade que tenho hoje quando terminasse. Procurando abreviar o possível, suponho que Saphira te contou, entretanto, como eu e a sua mãe nos conhecemos, como Selena morreu e como eu fui parar em Carvahall. Desejava que pudéssemos ter essa conversa cara a cara, Eragon. Talvez ainda a possamos ter e Saphira não precise partilhar esta memória contigo, mas eu duvido. As magoas de todos esses anos estão pesando, Eragon, e eu sinto um frio invadindo os meus membros, como nunca senti. Talvez seja por saber que agora é a tua vez de empunhar o estandarte. Há muito que eu espero conseguir fazer, mas não por mim, apenas por você e sei que irá ofuscar todos os meus feitos. Tenho a certeza disso. Mas, antes que o meu túmulo se feche sobre mim, gostaria de poder te chamar de filho, pelo menos uma vez... Meu filho... um prazer inigualável, mas também uma tortura sem igual, pelo segredo que guardo no meu coração.*

Brom deu uma gargalhada áspera, quase gritada:

*Não consegui, realmente, te manter à salvo do Império, não é? Se ainda se pergunta quem é o responsável pela morte de Garrow, não vá muito longe, pois ele está aqui, sentado na sua frente. Foi a minha insensatez. Nunca deveria ter voltado a Carvahall. E agora, Garrow está morto e você é um Cavaleiro de Dragão. Preciso te avisar, Eragon: cuidado com a pessoa por quem se apaixonar, pois o destino parece ter um interesse mórbido pela nossa família.*

Fechando os lábios em torno da haste do cachimbo, Brom trouxe a erva de cardus incandescentes várias vezes, soprando o fumo cor-de-giz para o lado. O seu cheiro pungente pesava nas narinas de Saphira. Depois disse:

*Tenho a minha cota de arrependimentos, mas você não é um deles. Talvez, por vezes, você se comporte como um idiota aluado, tal como agora, ao deixar escapar os malditos Urgals, mas tem tanto de idiota como eu tinha na tua idade.” E acenou com a cabeça. “Menos do que eu, aliás. Tenho orgulho de você ser meu filho, mais orgulho do que jamais poderá imaginar. Nunca pensei que você iria se tornar um Cavaleiro como eu, nem desejava esse futuro para você. Mas quando te vejo com Saphira, tenho vontade de cacarejar ao sol como um galo.*

Brom deu mais uma passa no cachimbo.

*É possível que esteja bravo comigo, por eu não ter revelado isto. Não posso dizer que ficaria feliz em descobrir o nome do meu dessa forma. Mas, você e eu somos uma família, quer isso te agrade ou não e, como não pude cuidar de você como deveria enquanto pai, te dou a única coisa que posso, ao invés disso: conselhos. Pode me odiar*

*se quiser, Eragon, mas preste atenção ao que tenho para dizer, pois sei do que estou falando.*

Com a mão livre, Brom agarrou na bainha da espada, exibindo veias salientes nas costas da mão:

*Muito bem: o meu conselho é duplo. Não importa o que faça, proteja aqueles que ama. Sem eles a vida é mais miserável do que pode imaginar. Uma afirmação óbvia, eu sei, mas não menos verdadeiro por isso. Aí está a primeira parte do meu conselho. Quanto ao resto... Se, por um acaso, tiver tido a sorte de matar Galbatorix – ou se alguém conseguiu cortar a garganta daquele traidor – parabéns. Se ainda não o mataram, então terá que perceber que Galbatorix é o seu maior e mais perigoso inimigo. Até ele estar morto, nem você, nem Saphira, terão paz. Podem fugir para os recantos mais remotos da terra, mas se não se unirem ao Império, um dia, terão de enfrentar Galbatorix. Lamento, Eragon, mas essa é a verdade. Lutei contra muitos mágicos e vários Renegados e, até hoje, sempre derrotei os meus oponentes.*

As rugas na testa de Brom se acentuaram:

*Bom, todas, exceto uma, mas isso foi por não ser totalmente adulto. Enfim, a razão por que sempre saí vitorioso é o fato de usar a razão, ao contrário de muita gente. Nem eu, nem você somos feiticeiros poderosos, se formos comparar com Galbatorix. Mas, num duelo entre feiticeiros, a inteligência é mais importante que a força. A forma de derrotar outro mágico não é castigar cegamente a sua mente. Não! Para assegurar a vitória, terá de perceber de que forma o teu inimigo interpreta a informação e como reage ao mundo. Nessa hora perceberá a sua fraqueza e é nesse momento que deve atacar. O truque não é inventar um feitiço em que ninguém tenha pensado antes, mas encontrar um feitiço que o teu inimigo tenha ignorado e usá-lo contra ele. O truque não é abrir caminho através das barreiras da mente de alguém, mas sim deslizar por baixo delas ou contorná-las. Ninguém é onisciente, Eragon, lembre disso. Galbatorix pode ter um imenso poder, mas não consegue antecipar todas as possibilidades. Faça o que fizer, você vai ter que manter um pensamento ágil. Não se agarre às convicções de ninguém a ponto de não conseguir ver outra possibilidade além dessa. Galbatorix é louco e, portanto, imprevisível, mas tem também falhas de raciocínio que uma pessoa normal não teria. Se conseguir perceber quais são, Eragon, talvez você e Saphira consigam derrotá-lo.*

Brom baixou o cachimbo com uma expressão grave.

*Espero que consiga. O meu maior desejo é que você e a Saphira tenham uma vida longa e proveitosa, livre do medo de Galbatorix e do Império. Quem me dera poder te proteger de todos os perigos que te ameaçam, mas, infelizmente, isso não está ao meu alcance. Tudo o que posso fazer é te dar os meus conselhos e te ensinar o que eu puder enquanto ainda estou aqui... meu filho. Aconteça o que acontecer contigo, quero que saiba que eu te amo e que a tua mãe também te amava. Que as estrelas te protejam, Eragon, filho de Brom.*

Quando as palavras finais de Brom ecoaram na mente de Eragon, a memória sumiu, deixando atrás de si uma escuridão vazia. Eragon abriu os olhos e ficou embaraçado ao sentir as lágrimas rolarem em seu rosto. Deixou escapar uma gargalhada sufocada e limpou os olhos na ponta da túnica.

*Brom realmente tinha medo que eu o odiasse, disse ele, fungando.*

*Vai ficar bem?* perguntou Saphira.

*Sim,* respondeu Eragon, erguendo a cabeça. *Na verdade, acho que vou mesmo. Existem coisas que Brom fez que não me agradam, mas me sinto orgulho em lhe chamar de pai e usar o seu nome. Era um grande homem... Ainda assim, me incomoda o fato de nunca ter tido oportunidade de falar com nenhum deles como meus pais.*

*Pelo menos conseguiu passar algum tempo com Brom. Eu não tive tanta sorte quanto você tanto o meu progenitor como a minha mãe morreram muitos antes que eu nascesse. A proximidade que tenho com eles resume-se à meia dúzia de memórias vagas de Glaedr.*

Eragon pousou uma mão sobre o pescoço dela e os dois se consolaram o melhor que puderam, junto aos Rochedos de Tel'naeír, enquanto contemplavam a floresta dos Elfos.

Pouco depois, Oromis saiu da cabana, com duas tigelas de sopa. Eragon e Saphira deram às costas aos Rochedos, regressando devagar, à pequena mesa, mesmo em frente ao corpo imenso de Glaedr.



## ALMAS DE PEDRA

Depois de Eragon afastar a tigela vazia, Oromis perguntou:

“Gostaria de ver uma imagem de sua mãe, Eragon?”

Eragon ficou paralisado por alguns instantes, estupefato.

“Sim, por favor.” Oromis tirou uma fina lousa cinzenta do interior das pregas da túnica e a entregou para Eragon.

Ele sentiu a pedra fria e macia entre os dedos. Na outra face da placa sabia que iria encontrar um retrato perfeito da sua mãe, pintado através de um feitiço com pigmentos que um Elfo incorporara na pedra há muitos anos. Eragon sentiu um arrepio de desconforto percorrer seu corpo. Sempre quisera ver a sua mãe e agora que a oportunidade estava diante de si, receava que a realidade o desapontasse.

Num esforço, virou a placa e contemplou uma imagem – nítida como se olhasse através de uma janela; era um jardim com rosas vermelhas e brancas iluminadas pela luz pálida do amanhecer. Entre os canteiros de rosas havia um caminho de cascalho e, no meio deste, estavam uma mulher ajoelhada, que segurava uma rosa com as mãos em concha e cheirava a flor, de olhos fechados, com um sorriso tênue nos lábios.

*Era muito bonita*, pensou Eragon. Tinha uma expressão suave e meiga. No entanto, usava roupas acolchoadas de couro; braços escurecidos nos antebraços; caneleiras sobre as pernas e tinha uma espada e uma adaga presas à cintura. Eragon conseguia detectar indícios das suas feições no formato daquele rosto, bem como algumas semelhanças com Garrow, o seu irmão.

A imagem fascinou Eragon. Pousou a mão sobre a superfície da pedra, desejando poder penetrar e tocar-lhe no braço.

*Mãe.*

Oromis disse: “Antes de partir para Carvahall, Brom me entregou esta imagem para que cuidasse dela. Agora, te ofereço.”

Sem olhar para cima, Eragon perguntou: “Cuidaria dela por mim também? Pode se partir durante as viagens e os combates.”

A pausa que se seguiu chamou a atenção de Eragon, que desviou subitamente os olhos da mãe e fitou Oromis, que apresentava uma expressão melancólica e preocupada.

“Não, Eragon, não posso. Terá que arranjar uma forma de preservar a imagem.”

“Por quê?” desejou perguntar, mas a mágoa nos olhos de Oromis dissuadiu-o.

A seguir, Oromis acrescentou: “Tem pouco tempo para ficar aqui e ainda há muitos assuntos que temos que discutir. Quer que eu adivinhe o assunto de que quer me falar ou prefere você mesmo dizer?”

Com grande relutância, Eragon pousou a imagem na mesa, emborcando-a.

“Das duas vezes que defrontamos Murtagh e Thorn, Murtagh estava mais forte do que qualquer ser humano. Na Campina Ardente, nos derrotou porque não percebemos sua força. Se não fosse a sua mudança de atitude, a esta hora estaríamos prisioneiros em Urû’baen. Me disse um dia que sabia como Galbatorix se tornou tão poderoso. Como, Mestre? Precisamos saber para a nossa própria segurança.”

“Não me compete lhe dizer,” respondeu Oromis.

“Então, a quem compete?” insistiu Eragon. “Não pode...”

Glaedr abriu um dos olhos líquidos, maiores que um escudo redondo e disse:

*A mim... A fonte do poder de Galbatorix reside no coração dos dragões. É de nós que ele drena a sua força. Sem a nossa ajuda, Galbatorix teria caído nas mãos dos Elfos e dos Varden há muito tempo.*



Eragon franziu as sobrancelhas.

“Não entendo. Porque vocês iriam ajudar Galbatorix? Restam apenas quatro dragões e um ovo na Alagaësia, não é?”

*Muitos dos dragões cujos corpos Galbatorix e os Renegados mataram, ainda se mantêm vivos.*

“Ainda estão vivos?” confuso, Eragon olhou para Oromis, mas o Elfo se manteve em silêncio, com uma expressão impenetrável. Mais desconcertante ainda era o fato de Saphira não parecer partilhar da confusão de Eragon.

O dragão dourado virou a cabeça sobre as patas, para poder olhar melhor para Eragon, as escamas roçando umas nas outras.

*Ao contrário da maioria das criaturas, continuou Glaedr. A consciência de um dragão não reside apenas no cérebro. Existe no peito, um objeto rijo semelhante a uma pedra preciosa, mais ou menos com a mesma composição que as nossas escamas. Se chama Eldunarí, que significa o ‘coração dos corações’. Quando um dragão nasce, o seu Eldunarí é claro e opaco e, normalmente, assim se mantém ao longo de toda a vida do dragão, dissolvendo-se com o corpo do dragão quando ele morre. No entanto, se o desejarmos, podemos transferir a nossa consciência para o Eldunarí, que adquire a mesma cor que as nossas escamas e começa a brilhar como um carvão em brasa. Se um dragão fizer isso, o Eldunarí sobrevive à decadência da carne e a essência do dragão pode perdurar indefinidamente. Um dragão consegue também expelir o seu Eldunarí enquanto está vivo. Assim, o corpo e a consciência de um Dragão podem existir separadamente e ainda assim permanecerem unidos, o que se torna bastante útil em certas circunstâncias. Porém, nos sujeita também a grandes perigos, na medida em que quem possuir o nosso Eldunarí tem também a nossa alma nas mãos. Com ele, poderão nos obrigar a cumprir as suas ordens, por muito vis que sejam.*

Eragon estava impressionado com as implicações do que Glaedr acabava de revelar. Desviando os olhos para Saphira, perguntou:

“Já sabia disso?”

As escamas do seu pescoço ondularam, ao fazer um estranho movimento serpenteante com a cabeça: *Sempre soube da existência do meu coração dos corações, pois sempre o senti dentro de mim. Mas nunca me ocorreu te falar do assunto.*

“Como não te ocorreu, se é um assunto de tanta importância?”

*Acharia importante mencionar que tem um estômago, Eragon? Um coração, um fígado, ou qualquer outro órgão? O meu Eldunarí é uma parte integrante de mim. Nunca achei que a sua existência fosse digna de nota... pelo menos até à nossa última visita a Ellesméra.*

“Então, sempre soube!”

*Em parte. Glaedr deu a entender que o meu coração dos corações era mais importantes do que eu pensava e recomendou que eu o protegesse, pois inadvertidamente poderia me entregar nas mãos do inimigo. Embora não tivesse explicado mais nada, desde então deduzi muito do que ele acabou de revelar.*

“E, mesmo assim, achou que não valia a pena falar disso?” insistiu Eragon num tom indignado.

*Eu queria falar nisso, gemeu ela. Mas como em relação a Brom, dei a minha palavra a Glaedr que nãoalaria nisso a ninguém... nem mesmo a você.*

“E você concordou?”

*Eu confio em Glaedr e em Oromis, você não?*

Eragon se virou para o Elfo e para o Dragão com um ar furioso: “Porque não nos falaram isso antes?”

Abrindo a garrafa, Oromis voltou a encher a sua taça de vinho e disse: “Para proteger Saphira.”

“Protegê-la? De quê?”

*De você, disse Glaedr. Eragon ficou tão surpreso e ofendido que não conseguiu recompor-se e protestar antes de Glaedr voltar a falar: Em estado selvagem, um dragão ficaria sabendo da existência do seu Eldunari através de um dos seus Anciãos, logo que tivesse idade para entender a sua utilidade. Dessa forma, nenhum dragão transferia a sua consciência para o coração dos corações, sem ter pleno conhecimento da importância de tal gesto. Entre os Cavaleiros surgiu um costume diferente. Os primeiros anos de cooperação entre um dragão e um Cavaleiro são cruciais para que se estabeleça um relacionamento saudável entre os dois. Além de que os Cavaleiros descobriram que seria melhor esperar até que os novos Cavaleiros e dragões estivessem familiarizados uns com os outros, antes de lhes informar do Eldunari. Se assim não fosse, a loucura inconsequente da juventude, poderia levar um dragão a decidir expelir o seu coração dos corações, apenas para apaziguar ou impressionar o seu Cavaleiro. Quando renunciamos ao nosso Eldunari, estamos abdicando de uma materialização de todo o nosso ser, que não pode regressar ao nosso corpo, depois de o tirarmos. Um dragão deve encarar a separação da sua consciência de ânimo leve, pois isso vai mudar a sua forma de viver, para o resto da vida, mesmo que viva mais mil anos.*

“Ainda tem o coração dos corações dentro de você?” perguntou Eragon.

A relva debaixo da mesa dobrou-se sob a massa de ar quente que foi projetada das narinas de Glaedr.

*Não é pergunta que se faça a um dragão, a não ser que seja Saphira. Não volte a me perguntar isso, filhote.*

Mesmo sentindo seu rosto arder ao ouvir a repreensão de Glaedr, Eragon tece ainda presença de espírito para responder, com uma reverência:

“Não, Mestre.” Depois perguntou: “O que... o que acontece se o seu Eldunari se partir?”

*Se um dragão já tiver transferido a sua consciência para o coração dos corações, sofrerá uma morte verdadeira. Glaedr piscou os olhos com um ruído audível, fechando e abrindo rapidamente as pálpebras interiores e exteriores, que percorriam a circunferência raiada da sua íris. Antes de firmamos o nosso pacto com os Elfo, guardávamos os nossos corações em Du Fells Nángoröth, as montanhas ao centro do Deserto de Hadarac. Mais tarde, após os Cavaleiros terem se estabelecido na ilha de Vroengard, tendo aí construído um repositório para os Eldunari, os dragões selvagens e os dragões emparelhados confiaram os seus corações à guarda dos Cavaleiros.*

“E, entretanto, Galbatorix capturou os Eldunari?” adivinhou Eragon.

Contrariamente ao que esperava, foi Oromis quem respondeu: *Sim. Mas não todos de uma vez. Como os Cavaleiros não sofriam uma ameaça real há muito tempo, vários elementos da nossa ordem tornaram-se descuidados com a proteção dos Eldunari. Na época em que Galbatorix se virou contra nós, não era incomum o dragão de um Cavaleiro expelir o seu Eldunari por uma questão de conveniência.*

“Conveniência?”

*Qual indivíduo que possua um dos nossos corações, explicou Glaedr. Pode se comunicar com o dragão de onde ele estiver, independente da distância. Um dragão e um Cavaleiro pode estar em extremos opostos da Alagaësia e trocar pensamentos tão facilmente como você e Saphira agora, desde que o Cavaleiro esteja com o Eldunari do seu dragão.*

“Além disso,” continuou Oromis. “um mágico que possua um Eldunará pode drenar a energia do dragão para sustentar os seus feitiços, também independente de onde quer que a criatura esteja. Quando...”

E um beija-flor de cores brilhantes interrompeu a conversa, voando sobre a mesa. De asas palpitantes, quase invisíveis, o pássaro flutuou sobre as taças de fruta, sugando o líquido que escoava de um mirtilo esmagado, afastando-se em seguida rapidamente e desaparecendo por entre os trocos da floresta.

Oromis retomou a conversa: “Quando Galbatorix matou o primeiro Cavaleiro, roubou também o coração do seu dragão. Ao longo dos anos que se escondeu no mato, depois daquele episódio, entrou na mente do Dragão, submetendo-o à sua vontade, muito provavelmente com a ajuda de Durza. E, quando iniciou em pleno a sua insurreição, com Morzan ao seu lado, Galbatorix estavam mais forte que qualquer outro Cavaleiro. A sua força não era apenas mágica, mas também mental, na medida em que a força da consciência do Eldunará ampliava a sua.

‘Galbatorix não tentou apenas matar os Cavaleiros e os seus Dragões, empenhava-se no propósito de conseguir tantos Eldunará quanto possível. Matou os Cavaleiros ou torturou-os até que os seus dragões expelissem o seu coração dos corações. Quando descobrimos o que Galbatorix andava fazendo, já estava muito poderoso para o determos. O fato da maioria dos Cavaleiros viajarem não só com o Eldunará do seu dragão, mas também com o de outros dragões, cujos corpos não existiam, mas as consciências se aborreciam de permanecer na alcova, ansiando por aventura, foi uma vantagem para Galbatorix. Obviamente que, quando Galbatorix e os Renegados saquearam a cidade de Dorú Areaba, na ilha de Vroengard, Galbatorix apossou-se de todos os Eldunará armazenados.

‘Galbatorix orquestrou o seu sucesso, usando o poder e a sabedoria dos dragões contra toda a Alagaësia. No início conseguia controlar somente meia dúzia dos Eldunará que capturara. Na realidade, não é uma tarefa fácil, forçar um dragão a submeter-se à nossa vontade, por muito poderosos que sejamos. Logo que Galbatorix esmagou os Cavaleiros e se estabeleceu como rei em Urû’baen, dedicou-se à tarefa de sujeitar, um por um, os corações restantes.

‘Cremos que essa tarefa o ocupou durante uma boa parte dos quarenta anos que se seguiram, ao longo dos quais pouca atenção aos assuntos de Alagaësia – motivo pelo qual o povo de Surda conseguiu manter-se independente do Império. Mas, logo que terminou, Galbatorix saiu da sua reclusão e começou a reafirmar o seu controle sobre o Império e os territórios além dele. No entanto, por alguma razão, após dois anos e meio de chacinas e mágoas, retirou-se novamente para Urû’baen, onde tem vivido desde então. Não tão isolado como anteriormente, mas com certeza concentrado num projeto do qual apenas ele sabe. Tem muitos vícios, mas não se abandonou ao deboche; isso os espiões dos Varden conseguiram descobrir, embora não tivessem conseguido apurar mais nada.”

Profundamente embrenhado nos seus pensamentos, Eragon olhava à distancia. Pela primeira vez, todas as histórias que ouvira sobre o poder anormal de Galbatorix faziam sentido. Um ligeiro sentimento de otimismo cresceu dentro de si ao pensar: *não sei como, mas se conseguíssemos libertar os Eldunará do controle de Galbatorix, ele não seria mais poderoso que qualquer Cavaleiro de Dragão.* Por muito improvável que fosse, Eragon se sentia encorajado por saber que o rei tinha, de fato, uma fraqueza, por muito ligeira que fosse.

Enquanto pensava sobre o assunto, ocorreu uma outra pergunta a Eragon:

“Porque nunca ouvi mencionar os corações dos dragões nas histórias antigas? Se são assim tão importantes, os trovadores e os estudiosos deveriam lhes fazer referência.”

Oromis pousou a mão esticada sobre a mesa e disse: “De todos os segredos da Alagaësia, o dos Eldunarí é o mais bem guardado, até mesmo entre o meu povo. Ao longo de toda a História, os dragões lutaram para esconder os seus corações do resto do mundo. Só depois de se estabelecer o pacto mágico entre as nossas duas raças, os dragões revelaram a sua existência e, apenas a um grupo restrito.”

“Mas, porquê?”

*Desprezamos, por inúmeras vezes, a necessidade de guardar esse segredo, disse Glaedr. Mas se o Eldunarí tivesse se tornado conhecimento geral, todo o patife mal-intencionado o tentaria roubar e, certamente, alguns acabariam conseguindo. Esse foi um desfecho que procuramos evitar a todo o custo.*

“Não há forma de um dragão se defender através do seu Eldunarí?” perguntou Eragon.

Os olhos de Glaedr pareciam brilhar mais intensamente que nunca.

*Boa pergunta! Um dragão que tenha expelido o seu Eldunarí, mas que possa usar a carne, será capaz de defender o seu coração com as garras, os dentes, a cauda e o bater das asas. Porém, um dragão cujo corpo esteja morto, não possui nenhuma dessas vantagens. A sua única arma é a mente e talvez a magia, se o momento oportuno surgir, visto que não o aplicamos sempre que desejamos. Esse é o motivo porque muitos dragões preferiram não prolongar a sua existência para além da morte da carne. Não podemos nos mover à nossa vontade, não podemos senti o mundo ao nosso redor, senão através a mente dos outros e apenas influenciar o curso dos acontecimentos através dos nossos pensamentos e dos raros e imprevisíveis rasgos de magia, seria um existência difícil de suportar para qualquer criatura, quanto mais os dragões, as mais livre de todas as criaturas.*

“Porque o faziam, então?” perguntou Eragon.

*Às vezes por acidente. Se o corpo falhava, um dragão poderia entrar em pânico e fugir para o interior do Eldunarí, ou então expelia o seu coração antes de morrer, não tendo outra alternativa senão continuar a existir. Na maioria, os dragões que escolhiam viver dentro do seu Eldunarí já eram muito velhos, mais velhos do que Oromis e eu somos agora. Suficientemente velhos para que os interesses da carne deixassem de ser úteis para eles e se fechassem em si, com o intuito de passar o resto da eternidade a meditar sobre assuntos que os mais jovens jamais entenderiam. Reverenciávamos e estimávamos os corações desses dragões, pela sua grande sabedoria e inteligência. Era habitual entre dragões selvagens, dragões emparelhados e Cavaleiros, consultá-los acerca de assuntos importante. O fato de Galbatorix os ter escravizado, é um crime de uma crueldade e de uma malvadez inimaginável.*

*Tenho uma pergunta a fazer, Falou Saphira, cujo ritmo fecundo de pensamentos fluía através da mente de Eragon. Quando um da nossa raça se confina ao seu Eldunarí tem de continuar a existir ou pode abrir mão do mundo e mergulhar na escuridão além dele, caso não suporte a situação?*

“Sozinhos não,” esclareceu Oromis. “A não ser que a inspiração para fazer uso da magia tocasse o dragão e lhe permitisse quebrar o Eldunarí de dentro. Já aconteceu, mas é algo muito raro, tanto quanto sei. A única opção seria o dragão convencer alguém a quebrar o seu Eldunarí. A falta de controle é uma das razões que torna os dragões extremamente cautelosos ao passar para dentro do coração dos corações, receando encurralarem-se em uma prisão da qual nunca mais poderão sair.”

Eragon sentia a repugnância de Saphira ao contemplar a idéia. Não falou sobre o assunto, mas perguntou:

“Quantos Eldunarí Galbatorix tem sobre controle?”

“Não sabemos o número exato,” retorquiu Oromis. “Mas estimamos que o seu tesouro contenha muitas centenas.”

O corpo cintilante de Saphira estremeceu inteiro.

“Então, a nossa raça não está, de fato, em extinção!”

Oromis hesitou e foi Glaedr que respondeu:

*Pequenina*, disse ele, assustando Eragon com o uso do apelido. *Mesmo que o chão estivesse coberto de Eldunari, a nossa raça ia se manter condenada. Um dragão preservado dentro de um Eldunari continua a ser um dragão, mas não possui os desejos da carne, nem os órgãos para se satisfazer. Não se pode reproduzir.*

A base do crânio de Eragon começou a latejar e o cansaço dos últimos quatro dias de viagem manifestava-se com uma gradual intensidade. A exaustão dificultava-lhe a tarefa de manter o curso dos pensamentos por mais de alguns momentos que pareciam escapar dele na mínima distração.

A ponta da cauda de Saphira se agitou.

*Não sou ignorante a ponto de pensar que o Eldunari possa gerar uma prole. Contudo, é reconfortante saber que não estou tão sozinha como por tempos julguei... A nossa raça pode estar condenada mas, pelo menos, há mais do que quatro dragões vivos no mundo, estejam eles embrulhados na sua pele ou não.*

“Isso é verdade.” Consentiu Oromis. “Mas tal como Murtagh e Thorn, são prisioneiros de Galbatorix.”

*A idéia de os libertar, me dá motivos para lutar, embora também seja necessário salvar o último ovo.* Disse Saphira.

“Dá motivos a ambos para lutar,” reafirmou Eragon. “Somos a sua única esperança.” E esfregou a testa com o polegar direito; depois disse: “Mas há outra coisa que não entendo.”

“Hum!” exclamou Oromis. “O que te deixa confuso?”

“Se Galbatorix drena o seu poder destes corações, como eles produzem a energia da qual ele se socorre?” Eragon fez uma pausa, procurando uma forma melhor de colocar a questão. E apontou para as andorinhas que esvoaçavam no céu: “Qualquer criatura viva, come e bebe para se abastecer, até mesmo as plantas. A comida nos fornece energia imprescindível para que o nosso corpo funcione corretamente. Nos fornece, também, a energia de que precisamos para praticar magia, seja quando recorremos à nossa própria energia para lançar um feitiço, ou quando recorremos à energia dos outros. Mas como é no caso dos Eldunari? Não têm ossos, nem músculo, nem pele, certo? Não comem, não é? Então como sobrevive? De onde vem a energia deles?”

Oromis sorriu, revelando uns dentes alongados e brilhantes como porcelana laqueada.

“Da magia.”

“Magia?”

“Se definirmos magia como a manipulação de energia, que é a definição correta, então sim, magia. De onde provém exatamente a energia dos Eldunari é um mistério, tanto para nós como para os dragões. Nunca ninguém conseguiu identificar a fonte. Talvez absorvam luz solar, tal como as plantas, ou se alimentem da força vital das criaturas mais próximas. Seja qual for a resposta, está provado que quando um dragão experimenta a morte física, a sua consciência passa a residir unicamente no coração dos corações, este carrega consigo toda a energia disponível no corpo do dragão, até o momento da sua morte. Daí em diante, as reservas de energia aumentam a um ritmo regular, ao longo dos cinco a sete anos seguintes, até atingirem o seu nível máximo de poder, que na realidade é imenso. A quantidade total de energia contida num Eldunari depende do tamanho do coração. Quanto mais velho o dragão for, maior é o Eldunari, tal como é maior a quantidade de energia que ele consegue absorver, antes de ficar saturado.”

Recordando o dia em que ele e Saphira tinham se defrontado com Murtagh e Thorn, Eragon disse:

“Galbatorix deve ter dado vários Eldunarí à Murtagh. Essa é a única explicação para o aumento da sua força.”

Oromis consentiu.

“Tem sorte que Galbatorix não lhe tenha emprestado mais corações, caso contrário teria sido fácil para Murtagh vencer você, Arya e todos os feiticeiros dos Varden.”

Eragon lembrou-se que, de ambas as vezes que ele e Saphira tinham confrontado Murtagh e Thorn, a mente de Murtagh parecia conter vários seres. Eragon partilhou essa memória com Saphira ao afirmar:

“Eu devo ter sentido os Eldunarí... Onde os guardaria Murtagh? Thorn não trazia alforques e eu não vi qualquer volume estranho na roupa de Murtagh.”

*Não sei, respondeu Saphira. Percebe agora que Murtagh devia se referir aos Eldunarí quando disse quem em vez de destruir o teu coração, deveria destruir os dele. Ele se referiu a corações e não a coração.*

“Tem razão! Talvez estivesse tentando me avisar”, inspirado, Eragon tentou desfazer o nó que sentia entre as omoplatas e recostou-se na cadeira.

“Além do coração dos corações de Saphira e de Glaedr, há mais alguns Eldunarí que Galbatorix não tenha capturado?”

Oromis deixou cair a boca, fazendo aparecer pequeninas rugas nos cantos.

“Nenhum, que eu saiba. Depois da queda dos Cavaleiros, Brom foi à procura de Eldunarí que pudessem ter escapado a Galbatorix, mas não teve sucesso. Nem eu encontrei um suspiro que fosse do pensamento de um Eldunarí, em todos os anos que passei sondando Alagaësia com a minha mente. Todos os Eldunarí desapareceram na época em que Galbatorix e Morzan iniciaram o ataque contra nós e nenhum desapareceu sem explicação. É pouco provável que haja por aí escondido um grande armazém de Eldunarí, à espera que o encontremos para nos ajudar.”

Embora Eragon não esperasse outra resposta, mesmo assim achou-a desencorajadora.

“Uma última pergunta: Quando um Cavaleiro ou um dragão de um Cavaleiro morrem, o sobrevivente do par normalmente enfraquece ou suicida-se pouco depois. E aqueles que não o fazem, geralmente, enlouquecem com a perda, certo?”

Sim, disse Glaedr.

“Mas, o que aconteceria se o dragão transferisse a sua consciência para o seu coração e posteriormente o seu corpo morresse?”

Eragon sentiu o solo estremecer ligeiramente, através das solas das botas, no momento em que Glaedr mudou de posição. O dragão dourado respondeu:

*Se um dragão experimentasse a morte física e o seu Cavaleiro continuasse vivo, juntos passariam a ser conhecidos como Indlvarn. A transição não seria agradável para o dragão, mas há muitos casos de Cavaleiros e Dragões que se adaptaram à mudança, continuando a servir com distinção, como Cavaleiros. No entanto, se fosse um Cavaleiro de Dragão a morrer, o dragão muito provavelmente quebraria o seu Eldunarí, ou pediria a alguém que o fizesse, se o seu corpo já não existisse, matando-se e seguindo o seu Cavaleiro para o vazio. Mas nem todos o fazem. Alguns dragões conseguiram ultrapassar a sua perda e alguns Cavaleiros também – como Brom, por exemplo –, continuando a servir a nossa ordem, durante muitos anos, seja através da carne, seja através do coração dos corações.*

Nos deu muito em que pensar, Oromis-elda, concluiu Saphira. Eragon consentiu, mas silenciou, ao refletir em tudo o que fora dito.



## AS MÃOS DE UM GUERREIRO

Eragon mordiscou um morango quente e doce, enquanto contemplava as insondáveis profundezas do céu. Quando acabou de comer, pousou o caule no tabuleiro à sua frente, empurrando-o para o respectivo lugar com a ponta do dedo. A seguir, abriu a boca para falar.

Mas, antes que conseguisse dizer alguma coisa, Oromis indagou:

“E agora, Eragon?”

“E agora o quê?”

“Abordamos, exaustivamente, todos os assuntos sobre os quais você estava curioso. O que é que você e Saphira pensam em fazer agora? Como não podem se demorar em Ellesméra, me pergunto o que mais pensam conseguir com a sua visita. Ou será que pensam partir de novo amanhã de manhã?”

“Esperávamos poder prosseguir com a nossa aprendizagem, quando voltássemos. É obvio que agora não temos tempo, mas há algo mais que gostaria de fazer.”

“O quê?”

“... Mestre, não lhe contei tudo o que me aconteceu quando eu e Brom estivemos em Teirm.” Eragon relatou que fora atraído à loja de Angela, por curiosidade, e que esta lera seu destino, falou também do conselho que Solembum lhe deu depois.”

Oromis levou o dedo ao lábio superior, mantendo a sua postura contemplativa.

“Desde o ano passado que ouço falar, cada vez mais, nessa Adivinha nos relatórios dos Varden que você e Arya me enviam. Parece que essa Angela é especialista em aparecer sempre que algo de importante está para acontecer.”

*Isso é verdade*, confirmou Saphira.

Proseguindo, Oromis disse:

“O comportamento dela me lembra muito o de uma feiticeira que uma vez visitou Ellesméra, embora não tivesse esse nome. Essa Angela é uma mulher baixa, com fartos cabelos castanhos, encaracolados, olhos brilhantes e uma inteligência tão perspicaz, quanto estranha?”

“Fez uma descrição perfeito dela,” afirmou Eragon. “É a mesma pessoa?”

Oromis abanou ligeiramente a mão esquerda.

“Se for, é uma pessoa extraordinária... Quanto às suas profecias, eu não perderia muito tempo pensando nelas. Tanto podem vir a se concretizar como não. E como não sabemos mais nada, nenhum de nós poderá influenciar os resultados.

‘Contudo, o que o menino-gato disse me parece ser bastante digno de atenção. Infelizmente, não posso lhes esclarecer acerca de qualquer uma dessas afirmações. Nunca ouvi falar de nenhum lugar chamado Cofre das Almas e, embora o Rochedo de Kuthian me diga qualquer coisa, não me recordo onde encontrei esse nome. Vou procurá-lo nos meus pergaminhos. De qualquer modo, o instinto me diz que não encontrarei nada sobre ele nos registros dos Elfos.’

“E quanto à arma debaixo da árvore Menoa?”

“Nunca ouvi falar dessa arma, Eragon, e estou bem familiarizado com o folclore desta floresta. Em Du Weldenvar den há apenas dois Elfos cujos conhecimentos excedem os meus, no que diz respeito à floresta. Vou lhes perguntar, mas receio que o esforço seja inútil.” Quando Eragon expressou a sua desilusão, Oromis acrescentou: “Compreendo que necessite de uma espada em condições para substituir Zar’roc, Eragon, e poderia te ajudar. Além da minha espada, Naegling, nós, os Elfos, preservamos duas outras espadas de Cavaleiros de Dragão: Arvindr e Támerlein. Arvindr está presentemente

guardada na cidade de Nädindel, que não terá tempo para visitar; mas Támerlein se encontra aqui, em Ellesméra. É um tesouro da Casa de Valtharos e, embora o senhor da casa, Lord Fiolr, não esteja propriamente ansiosa para se separar dela, creio que te confiaria, caso lhe pedisse com respeito. Arranjarei uma forma de você se encontrar com ele amanhã de manhã.

“E se a espada não me servir?” perguntou Eragon.

“Vamos esperar que sirva. Contudo, falarei também com a ferreira, Rhunön, para que conte com a tua visita mais tarde.”

“Mas, ela jurou que não forjaria outra espada.”

Oromis suspirou.

“Jurou, mas, mesmo assim, valerá a pena se aconselhar com ela. Se há alguém capaz de recomendar a espada ideal para você, é ela. Além disso, mesmo que o toque da Támerlein de agrade, tenho certeza que Rhunön vai querer examinar a espada antes de partir com ela. Támerlein não é usada em combate há mais de cem anos; por isso, talvez precise de um ligeiro polimento.”

“Nenhum outro Elfo poderia forjar uma espada para mim?” perguntou Eragon.

“Não,” respondeu Oromis. “Pelo menos não de fabricação equiparável ao de Zar’roc, ou ao da espada de Galbatorix, seja ela qual for. Rhunön é um dos membros mais velhos da nossa raça e foi ela quem fabricou todas as espadas da nossa ordem.”

“Tão velha quanto os Cavaleiros?” perguntou Eragon, surpreso.

“Mais velha ainda.”

Eragon fez uma pausa.

“O que faremos, então, Mestre?”

Oromis olhou para Eragon e Saphira e disse:

“Vão visitar a árvore Menoa. Vê se consegue encontrar a arma que o menino-gato te falou. Depois de satisfazer a sua curiosidade, se retire para os seus aposentos na casa da árvore, que os criados de Islanzadí mantêm sempre preparados para você e Saphira. Amanhã faremos o que pudermos.”

“Mas, temos tão pouco tempo, Mestre...”

“Vocês estão um tanto quanto exaustos para mais agitação. Por hoje, chega. Confie em mim, Eragon, estará em melhores condições para tratar do resto. Suponho que estas horas vão te ajudar a digerir tudo o que falamos até agora. Nem mesmo para reis, rainhas ou dragões, esta conversa teria sido fácil.”

Apesar das garantias de Oromis, a idéia de passar o resto do dia sem fazer nada deixou Eragon desconfortável. O seu sentido de urgência era tão intenso que queria continuar a trabalhar, mesmo sabendo que deveria se restabelecer.

Eragon se remexeu na cadeira e o movimento corporal deve ter revelado a sua ambivalência, na medida em que Oromis sorriu, comentando:

“Se isso te ajudar a relaxar, Eragon, prometo que antes de vocês partirem para os Varden, poderão escolher qualquer forma de magia e eu lhes ensinarei tudo o que puder sobre isso no pouco tempo que nos resta.”

Eragon empurrou o anel que tinha no indicador direito com o polegar e refletiu sobre a oferta de Oromis, tentando decidir que área da magia estaria mais interessado em abordar. Por fim, disse:

“Gostaria de saber como invocar espíritos.”

O rosto de Oromis se assombrou:

“Vou manter a minha palavra, mas a bruxaria é uma arte obscura e inconveniente. Não deve controlar outros seres para o seu proveito. Mesmo que ignore a imortalidade da bruxaria, trata-se de uma disciplina excepcionalmente perigosa e diabolicamente



complicada. Um mágico precisa estudar intensamente durante pelo menos três anos, antes de conseguir invocar espíritos, sem correr o risco de ser possuído por eles.

‘A bruxaria não é como as outras formas de magia, Eragon. Através dela obriga seres incrivelmente poderosos e hostis a obedecer às suas ordens, seres que dedicam todos os momentos do seu aprisionamento em busca de uma brecha nos seus vínculos, que lhes permita te ataquem e te subjuguem como forma de vingança. Nunca um Espectro foi em simultâneo Cavaleiro, em toda a História, e por muitos horrores que tenham assombrado este belo país, tal abominação seria, de longe, a pior de todas. Pior até que Galbatorix. Por favor, Eragon, escolhe outro tema, um que seja menos perigoso para você e a sua causa.’

“Então,” reformulou Eragon. “pode me revelar o meu verdadeiro nome?”

“Os seus pedidos se tornam cada vez mais complicados, Eragon-finiarel,” comentou Oromis. “Poderia adivinhar o seu verdadeiro nome, se quisesse,” O Elfo de cabelo prateado estudou Eragon em uma intensidade crescente, olhando-o fixamente. “Sim, acho que poderia, mas não o farei. Um verdadeiro nome pode ser muito importante em termos mágicos, mas não é um feitiço em si. Portanto, não se inclui na minha promessa. Se o seu desejo é se conhecer melhor, então tenta descobrir o teu verdadeiro nome sozinho. Se te revelasse, talvez tirasse proveito disso, mas nunca com a sabedoria que iria adquirir na jornada. Devemos conquistar o nosso conhecimento, Eragon, e não deixar que nos seja oferecido pelos outros, por muito veneráveis que sejam.”

Eragon mexeu no anel durante alguns instantes. Em seguida, emitiu um ruído com a garganta e balançou a cabeça.

“Não sei... esgotei as minhas perguntas.”

“Duvido,” contrapôs Oromis.

Eragon estava com dificuldade em se concentrar no assunto, pois os seus pensamentos regressavam constantemente ao Eldunari e a Brom. Voltou a pensar, maravilhado, na estranha sequência de acontecimentos que tinham levado Brom a se estabelecer em Carvahall e a fazer dele um Cavaleiro de Dragão, por consequência. “Se Arya não tivesse...” Eragon parou e sorriu, ao se lembrar de algo:

“Me ensina a mover rapidamente um objeto de um lado para o outro, como Arya fez com o ovo de Saphira?”

Oromis aprovou.

“Excelente escolha. O feitiço é difícil, mas tem inúmeras aplicações. Tenho certeza que se rebelará bastante útil nas tuas operações contra Galbatorix e o Império. Arya, por exemplo, poderá atestar a sua eficácia.”

Erguendo a sua taça da mesa, Oromis elevou-a em direção ao sol e os raios deste tornou o vinho transparente. Estudou longamente o líquido. Depois, baixou o copo e disse:

“Antes de se aventurar pela cidade, é bom que saiba que aquele que enviou para nós, chegou há algum tempo atrás.”

Só após uns instantes é que Eragon percebeu a quem Oromis se referia:

“Sloan está em Ellesméra?” indagou Eragon, atônito.

“Vive sozinho em uma pequena habitação, junto a um riacho, no extremo Oeste de Ellesméra. Estava perto da morte, quando cambaleou para fora da floresta. Entretanto, tratamos das suas feridas e agora está com boa saúde. Os Elfos da cidade lhe levam comida e roupas, zelando para que nada lhe falte. O escoltam para onde ele queira ir e por vezes lhe fazem leituras. Mas, por norma, ele prefere ficar sentado sozinho, sem trocar uma só palavra com quem se aproxima dele. Tentou ir embora por duas vezes, mas os seus feitiços o impediram.

“Estou surpreso que tenha chegado aqui tão depressa,” confessou Eragon à Saphira.

“A imposição que lhe lançou deve ter sido mais forte do que imaginava.”

“Sim.”

A seguir Eragon perguntou calmamente:

“Detectaram algum motivo para que lhe devolvesse a visão?”

“Não.”

*O homem choroso está arruinado por dentro*, continuou Glaedr. *Não consegue ver com clareza suficiente, para que os olhos lhe sirvam de alguma coisa.*

“Açam bem que o visite?” perguntou Eragon, sem saber o que Oromis e Glaedr esperaria.

“Essa é uma decisão que apenas você pode tomar,” respondeu Oromis. “Voltar a te encontrar poderá servir apenas para perturbá-lo. Contudo, você é o responsável pelo castigo dele, Eragon. Seria errado da tua parte simplesmente esquecê-lo.”

“Não, Mestre, não o esquecerei.”

Com um movimento rápido de cabeça, Oromis pousou a taça na mesa e aproximou a cadeira de Eragon:

“O dia está acabando e eu não queria lhes prender aqui por mais tempo, sob pena de interferir com o repouso. No entanto, gostaria de fazer algo antes que partissem: posso examinar as tuas mãos? Gostaria de ver o que elas dizem sobre você.” Oromis estendeu as suas mãos na direção de Eragon.

Esticando os braços, o Cavaleiro pousou as palmas das mãos sobre as de Oromis, estremecendo ao sentir os dedos finos do Elfo lhe tocarem no interior dos pulsos. As calosidades dos nós dos dedos de Eragon projetavam longas sombras nas costas das suas mãos enquanto Oromis as virava de um lado para o outro. Depois, apertando-as ligeiramente, mas com firmeza, Oromis virou-as e examinou as palmas e a parte de baixo dos dedos.

“O que vê?” perguntou Eragon.

Oromis voltou a virar as mãos de Eragon e apontou para as calosidades:

“Tem mãos de guerreiro, Eragon. Cuidado para que não se convertam nas mãos de um homem que se alegra com a carnificina da guerra...”



## A ÁRVORE DA VIDA

Dos Rochedos de Tel'naeír, Saphira voou em baixa altitude sobre a floresta ondulante, até alcançar a clareira onde estava à árvore Menoa. Mais grossa que a centena de pinheiros gigantes que a circundavam, a árvore Menoa erguia-se em direção ao céu, com um imponente pilar e uma copa arqueada, com centenas de metros de diâmetro. Uma rede de raízes retorcidas irradiava do tronco maciço, coberto de musgo, estendendo-se ao longo de mais de quatro hectares pelo solo da floresta, acabando por mergulhar no solo macio e desaparecer sob as raízes de outras árvores de menores dimensões. Junto da Árvore Menoa, o ar estava úmido e fresco e uma névoa ligeira, mas constante, descia do emaranhado de agulhas, umedecendo os amplos fetos, que se amontoavam junto da base do tronco. Esquilos vermelhos corriam pelos troncos da velha árvore e das profundezas da sua espessa folhagem emanavam trinados e gorjeios límpidos de centenas de aves. Por toda a clareira prevalecia a sensação de uma presença vigilante, pois a árvore albergava os restos de uma Elfa em tempos conhecida como Linnëa, cuja consciência, agora, guiava o crescimento da árvore e da floresta.

Eragon procurou sinais de uma arma na extensão irregular das raízes, mas, tal como anteriormente, não encontrou qualquer objeto próprio para um campo de batalha. Depois, arrancou um pedaço de casca solta do musgo a seus pés e mostrou-o a Saphira.

*Que tal? perguntou ele. Acha que conseguiria matar um soldado com isto depois de lhe lançar alguns feitiços?*

*Até com uma lâmina de erva poderia matar um soldado, se quisesse, respondeu ela. Mas, atacar Murtagh, Thorn ou o próprio rei e o seu dragão negro com essa casca seria o mesmo que os atacar com um fio de lã úmida."*

*Tem razão, disse ele, lançando-a para longe.*

*Não me parece que precise se fazer de bobo para provar a autenticidade do conselho de Solembum, acrescentou Saphira.*

*Mal, talvez seja necessário abordar o problema de uma outra maneira, se quiser encontrar esta arma. Como você disse antes, tanto pode ser uma pedra, um livro ou lâmina de algum tipo. Um bastão talhado da árvore Menoa seria uma arma de respeito. Mas, muito diferente de uma espada.*

*Sim... Além disso, não me atrevera a cortar um ramo sem a permissão da própria árvore. Nem faço idéia como a convenceria a conceder meu pedido.*

Saphira arqueou o pescoço sinuoso, olhou para cima e, em seguida, sacudiu a cabeça e os ombros para se livrar das gotas de água acumuladas nas pontas aguçadas das escamas facetadas. Ao ser atingido pelos salpicos, Eragon gritou e saltou para trás, protegendo o rosto com o braço.

*Se alguma criatura tentasse atacar a árvore Menoa, afirmou ela. Duvido que vivesse tempo suficiente para lamentar o seu erro.*

Vaguearam pela clareira durante algumas horas. Eragon mantinha a esperança de encontrar um nicho, ou uma fenda entre as raízes nodosas, onde descobrisse um canto com um baú enterrado com a espada lá dentro. *Se Murtagh tem Zar'roc, que é a espada do pai, pensou Eragon. Então eu deveria, por direito, ter a espada que Rhiannon fez para Brom.*

*Que também teria a cor certa, acrescentou Saphira. O dragão dele, a minha homônima, também era azul.*

Por fim, em desespero de causa, Eragon projetou a sua mente em direção à árvore Menoa, tentando captar a atenção da sua lenta consciência, para lhe explicar o que

procurava e lhe pedir ajuda. E era como tentar se comunicar com o vento ou com a chuva, na medida em que a árvore não lhes prestou mais atenção do que ele faria com uma formiga a agitar as antenas junto das suas botas.

Desanimados, ele e Saphira abandonaram a árvore Menoa, no instante em que o sol beijava o horizonte. Da clareira, Saphira voou até o centro de Ellesméra, onde deslizou para um patamar junto do quarto da casa da árvore, que os Elfos lhes tinham disponibilizado para alojamento. A casa era um aglomerado de salas redondas, repousava sobre o cume de uma árvore robusta, a cerca de cem metros do solo.

Eragon tinha uma refeição de frutas, vegetais, feijão cozido e pão à sua espera na sala de jantar. Depois de comer um pouco, ele se aninhou junto de Saphira, dentro de uma banheira forrada de cobertores embutida no chão, ignorando a cama em detrimento da companhia de Saphira. Ali ficou deitado atento ao ambiente ao seu redor, enquanto Saphira mergulhava num sono profundo. Viu as estrelas aparecerem e desaparecerem sobre a floresta iluminada pelo luar, enquanto pensava em Brom e no mistério da vida de sua mãe. Mais tarde, ainda nessa noite, mergulhou no transe dos seus sonhos lúcidos e neles falou com os pais. Eragon não conseguia ouvir o que diziam, tanto ele como os pais falavam em surdina e as suas vozes eram indistintas. Mas, de alguma forma, estava consciente do amor e do orgulho que eles sentiam dele e, mesmo sabendo que se tratavam de fantasmas da sua mente inquieta, daí em diante passaria a acarinhar a memória da sua afeição.

Ao nascer do sol, uma esguia criada Elfa conduziu Eragon e Saphira através dos caminhos de Ellesméra, até o complexo da família Valtharos. Ao passarem por entre as raízes escuras dos pinheiros sombrios, Eragon reparou que a cidade parecia muito mais vazia e sossegada desde a sua última visita. Distinguiu apenas três Elfos por entre as árvores: figuras altas e graciosas que se afastavam caminhando silenciosamente.

*Quando os elfos marcham para a guerra, comentou Saphira, poucos são os que ficam aqui.*

*Sim.*

Lorde Fiolr aguardava-o no interior de uma sala abobadada e iluminada por várias criaturas de luz. O rosto alongado e austero era mais anguloso que o da maioria dos Elfos o que, na opinião de Eragon, o tornava semelhante à ponta estreita de uma lança. Usava uma túnica verde e dourada, cuja gola se prolongava e alargava acima da nuca, tal como as plumas do pescoço de uma ave exótica. Na mão esquerda empunhava um bastão de madeira branca, com hieróglifos da Liduen Kvedhí, e uma pérola lustrosa ao cume.

Curvando-se pela cintura, Lorde Fiolr fez uma vência assim como Eragon. Depois trocaram as saudações tradicionais dos Elfos e Eragon agradeceu a sua generosidade, ao permitir-lhe que examinasse a espada Támerlein.

Lord Fiolr respondeu:

“A Támerlein é, há muito tempo, uma posse de elevado valor para a nossa família e ocupa um lugar muito especial no meu coração. Conhece a história de Támerlein, Matador de Espectros?”

“Não,” replicou Eragon.

“A minha companheira era a bela e inteligente Naudra e o seu irmão, Arva, era um Cavaleiro de Dragão na época da Queda. Naudra foi visitá-lo em Ilirea, quando Galbatorix e os Renegados varreram a cidade como uma tempestade vinda do Norte. Arva lutou ombro a ombro com outros Cavaleiros para defender Ilirea, mas Kialandí, dos Renegados, infligiu-lhe um golpe mortal. Enquanto jazia moribundo nas ameias de Ilirea, Arva deu a sua espada, Támerlein, a Naudra para que ela se protegesse. Naudra

lutou com Támerlein e conseguiu escapar dos Renegados, regressando aqui com outro Cavaleiro e o seu dragão, morrendo pouco depois, dada a gravidade dos seus ferimentos.”

Lorde Fiolr tocou no bastão com um único dedo, produzindo um brilho suave na pérola. “Támerlein é tão preciosa para mim como o ar que respiro. Mais depressa renunciaria à minha própria vida do que a ela. Infelizmente, nem eu nem os meus familiares somos dignos de empunhá-la. Támerlein foi forjada para um Cavaleiro e nós não somos Cavaleiros. Estou disposto a lhe emprestar ela, Matador de Espectros, ajudando-te na luta contra Galbatorix. De qualquer forma, Támerlein continuará a ser propriedade da Casa de Valtharos e terá de me prometer devolver a espada caso algum dos meus herdeiros a reclame.”

Eragon deu a sua palavra e Lord Fiolr conduziu-os a uma mesa longa e polida, que crescera da madeira viva do chão. Numa das extremidades da mesa havia uma plataforma ornamentada, sobre a qual repousava Támerlein e a sua bainha.

A lâmina de Támerlein era de um verde intenso e escuro, tal como a bainha. O pomo estava adornado com uma grande esmeralda. As peças da espada eram em ferro forjado num tom azulado. O guarda-mão estava adornado com uma frase em hieróglifos, que, na língua dos Elfo, dizia: Eu sou Támerlein, portadora do repouso final. A espada tinha o mesmo comprimento que Zar’roc, mas a lâmina era mais larga, a ponta mais arredondada e a construção do punho mais pesada. Era uma arma magnífica e letal. No entanto, ao observá-la, Eragon percebeu que Rhönon forjara Támerlein para alguém com um estilo de luta diferente do seu, que se baseava em cortar e retalhar, do que no uso das técnicas mais rápidas e elegantes que Brom tinha lhe ensinado.

Assim que Eragon fechou a mão em torno do cabo, sentiu que era largo demais, percebendo de imediato que Támerlein não era uma espada para ele. Não a sentia como uma extensão do seu braço, como Zar’roc era. Mas, apesar da conclusão, Eragon hesitou. *Onde mais poderia encontrar uma boa espada? Arvindr, a outra espada que Oromis mencionou, encontra-se numa cidade a centenas de quilômetros de distância*

Entretanto, Saphira disse:

*Não aceite. Se tem de levar uma espada para a batalha sendo que a tua e a minha vida dependerão dela, terá de ser perfeita. Menos não é aceitável. Além disso, não me agradam as condições que Lord Fiolr agregou à sua oferta.*

Assim, Eragon devolveu Támerlein ao expositor e pediu desculpas a Lorde Fiolr, explicando porque motivo não poderia aceitá-la. O Elfo de rosto afilado não pareceu muito desiludido. Pelo contrário, Eragon julgou distinguir um brilho de satisfação nos olhos ferozes de Fiolr.

Dos salões da família Valtharos, Eragon e Saphira seguiram para as cavernas sombrias da floresta até ao túnel de cornizos, que conduzia ao pátio aberto no centro da casa de Rhönon. Ao sair do túnel, Eragon ouviu o ruído do martelo num cinzel e viu Rhunön sentada num banco, junto da forja, de paredes abertas a meio do pátio. A mulher elfo mostrava-se ocupada a esculpir um bloco de aço polido. Eragon não distinguiu o que era, visto que a peça estava ainda em bruto e as suas formas mantinham-se indistintas.

“Ainda está vivo, Matador de Espectros,” afirmou Rhunön, sem tirar os olhos do trabalho. A sua voz era áspera como uma mó esburacada. “Oromis me contou que o filho de Morzan tomou a Zar’roc de você.”

Eragon vacilou e acenou com a cabeça, embora ela não estivesse olhando-o.

“Sim, Rhunön-elda. Tirou de mim na Campina Ardente.”

“Hum,” Rhunön concentrou-se no martelo, batendo no cinzel com uma rapidez inumana. Depois fez uma pausa e disse: “Nesse caso, a espada encontrou o seu legítimo dono, embora não me agrade o uso que – como ele se chama? – Murtagh está dando à

Zar'roc. No entanto, qualquer Cavaleiro merece uma espada decente e não creio que haja espada mais perfeita para o filho de Morzan, que própria espada de Morzan." A mulher elfo observou Eragon por baixo da testa marcada pelas rugas. "Vê se me entende, Matador de Espectros: eu preferia que tivesse ficado com Zar'roc, mas iria me agradar mais se tivesse uma espada feita especialmente para ti. É bem possível que Zar'roc tenha sido muito útil a você, mas apresentava a forma errada para o teu corpo. E nem me fale de Támerlein. Teria de ser doido para querer empunhá-la."

"Como vê," replicou Eragon. "não a trouxe da casa de Lorde Fiolr."

Rhunön acenou com a cabeça e continuou a cinzelar.

"Ótimo."

"Se Zar'roc é a espada certa para Murtagh," disse Eragon. "A espada de Brom não seria a arma certa para mim?"

Rhunön franziu a testa, unindo as sobrancelhas.

"Undbitr? Porque você pensaria na espada de Brom?"

"Porque Brom era meu pai," continuou Eragon, invadido pela emoção de ser capaz de verbalizá-lo.

"Será que isso agora?" pousando o martelo e o cinzel, Rhunön saiu debaixo do telheiro da forja, até ficar de frente para Eragon. Tinha uma postura ligeiramente recurvada, dos séculos que passara dobrada sobre o seu trabalho e, por isso, parecia alguns centímetros mais baixa que ele. "Hum, sim. Consigo ver as semelhanças. Brom era um bruto, lá isso era. Ia sempre direto ao assunto, sem desperdiçar qualquer palavra. E eu apreciava bastante essa característica. Não suporto aquilo em que a minha raça se transformou. Estão muito educados e refinados, muito delicados. Oras! Lembro-me do tempo em que os Elfos riam e lutavam como criaturas normais. Agora se tornaram tão distantes, que alguns parecem tão emotivos quanto uma estatua de mármore!"

Saphira indagou:

*Se refere à forma como os Elfos eram antes das nossas duas raças se juntarem?*

Rhunön virou o rosto franzido na direção de Saphira:

Bem vinda, Escamas Brilhantes. Sim, estava a me referir a um tempo anterior ao pacto feito entre os Elfos e os Dragões. Desde então, as mudanças a que tenho assistido na nossa raça são quase inacreditáveis. Mas, é assim e aqui estou eu, dos poucos ainda vivos, que se lembram como éramos antes.

Em seguida, Rhunön desviou bruscamente o olhar para Eragon:

Undbitr não é a resposta para as suas necessidades. Brom perdeu a sua espada durante a queda dos Cavaleiros. Se não estiver na coleção de Galbatorix, pode ter sido destruída ou enterrada em algum lugar na terra, por baixo de ossos em decomposição, num campo de batalha há muito tempo esquecido. Mesmo que fosse possível encontrá-la, não conseguiria resgatá-la antes de voltar a enfrentar o inimigo.

"Então, o que faço, Rhunön-elda?" perguntou Eragon e lhe falou da cimitarra que escolhera quando estava entre os Varden, dos feitiços com que reforçara e de como esta o tinha desapontado nos túneis embaixo de Farthen Dûr.

Rhunön roncou:

"Não, isso nunca iria funcionar. Depois de uma espada estar forjada e temperada, pode protegê-la com uma interminável série de feitiços. Mas, o metal continuará franco como anteriormente. Um Cavaleiro precisa de mais: uma espada capaz de sobreviver ao mais violento dos impactos e que seja imune a, praticamente, toda magia. O que terá de fazer é entoar feitiços sobre o metal quente, quando está extraindo-a do minério e também enquanto estás a forjar, de forma a modificar e a melhorar a estrutura do metal."

"Mas, como posso conseguir uma espada dessas?" perguntou Eragon. "Faz-me uma, Rhunön-elda?"

As finíssimas rugas no rosto de Rhunön se acentuaram. Ergueu o braço e esfregou o cotovelo esquerdo, contorcendo os grossos músculos do antebraço nu:

“Jurei que não voltaria a criar outra arma enquanto fosse viva.”

“Eu sei.”

“O meu juramento me restringe, não posso quebrá-lo, por muito que gostasse de fazê-lo.” Continuando a segurar o cotovelo, Rhunön voltou para o seu banco e se sentou em frente à escultura. “E porque haveria de fazer isso, Cavaleiro de Dragão? Me diz. Porque haveria de libertar no mundo mais uma seqüestradora de almas?”

Escolhendo criteriosamente as palavras, Eragon disse:

“Porque se o fizer estaria ajudando a pôr um fim ao domínio de Galbatorix. Não faria todo o sentido que eu o matasse com uma espada forjada por ti, quando foi com as tuas espadas que ele e os Renegados chacinaram tantos Cavaleiros de Dragão? Você odeia a forma como eles usaram as tuas armas. Haverá melhor maneira de equilibrar os pratos da balança que forjar o instrumento da ruína de Galbatorix?”

Rhunön cruzou os braços e olhou para o céu.

“Uma espada... Uma nova espada. Voltar a trabalhar no meu ofício, depois de tanto tempo...” Baixando os olhos, esticou o queixo em direção a Eragon e disse: “haveria uma hipótese, uma tênue hipótese de eu te ajudar. Mas, é inútil especular, porque não poderei experimentar.”

*Porque não?* perguntou Saphira.

“Não tenho o metal de que preciso!” rosnou Rhunön. “Ou pensam que forjei as espadas dos Cavaleiros com aço normal? Ah, não! Há muito tempo atrás, andava vagueando por Du Weldenvarden quando encontrei fragmentos de uma estrela cadente que caiu na terra. Esses fragmentos continham um minério como eu nunca tinha manuseado. Por isso, voltei com ele para a minha forja, refinei-o e descobri que a mistura de aço que resultou daí era mais forte, mais dura e mais flexível do que qualquer outra de origem terrestre. Chamei esse metal de aço-brilhante, tendo em consideração seu brilho fora do comum. E quando a Rainha Tarmunora me pediu para forjar as primeiras das espadas dos Cavaleiros, foi o aço-brilhante que usei. Daí em diante, sempre que tinha oportunidade, ia à floresta em busca de mais fragmentos do metal estelar. Por diversas vezes não encontrei nada; mas sempre que o descobria, guardava-o para os Cavaleiros.

‘Com o decorrer dos séculos, os fragmentos tornaram-se raros. Até que comecei a pensar que não restaria nenhum. Só passados vinte e quatro anos é que encontrei o último depósito. A partir dele forjei sete espadas, dentre elas Undbitr e Zar’roc. Desde que os Cavaleiros caíram, só voltei a procurar aço-brilhante mais uma vez: ontem à noite, depois de Oromis me falar sobre você.” Rhunön inclinou a cabeça e os seus olhos aguados trespassaram Eragon. “Percorri uma vasta área e lancei muitos feitiços para descobrir e agregar. No entanto, não encontrei nem uma partícula de aço-brilhante. Se tivesse arranjado algumas, poderíamos começar a pensar numa espada para ti, Matador de Espectros. No entanto, como nada encontrei esta discussão não faz qualquer sentido.”

Eragon fez uma reverência à Elfa, agradecendo por lhe ter dispensado o seu tempo e abandonou o pátio com Saphira, através do exuberante túnel de cornisos.

Enquanto caminhavam lado a lado em direção a uma clareira, na qual Saphira pudesse levantar vôo, Eragon disse:

*Aço-brilhante. Solembum deveria estar se referindo a isso. Deve existir aço-brilhante debaixo da árvore Menoa.*

*Como ele poderia saber?*

*Talvez a própria árvore lhe tenha dito. O que é que isso interessa?*

*Haja ou não aço brilhante, continuou ela. Como conseguiremos tirar seja o que for debaixo da cobertura de raízes da árvore Menoa? Não podemos retalhá-las e nem sequer sabemos onde cortar.*

*Tenho de pensar sobre isso.*

Da clareira perto da casa de Rhunön, Saphira e Eragon voavam sobre Ellesméra, voltando aos Rochedos de Tel'naeír, onde Oromis e Glaedr os aguardavam. Logo que Saphira aterrissou e Eragon desmontou, ela e Glaedr lançaram-se do rochedo e espiralaram lá no alto, não porque quisessem ir a algum lugar, mas apenas para usufruírem do prazer da companhia um do outro.

Enquanto os dois dragões dançavam entre as nuvens, Oromis ensinou a Eragon como poderia um mágico transportar um objeto de um lugar para o outro, sem que este tivesse de percorrer a distância intermédia.

“Na maior parte das formas de magia,” explicou Oromis. “A quantidade de energia necessária para sustentá-las é tão grande quanto for à distância entre você e o seu alvo. Contudo, neste caso, não é isso que se passa. A quantidade de energia necessária para enviar a pedra que tenho na minha mão para o outro lado do riacho seria a mesma que para enviá-la até às Ilhas do Sul. Por isso, este feitiço é extremamente útil sempre que precisar transportar um objeto para tão longe, que corra risco de vida, caso o faça normalmente através do espaço. No entanto, é um feitiço exigente e só deve recorrer a ele se todo o resto falhar. Transportar algo com as dimensões do ovo de Saphira, por exemplo, te deixaria muito exausto para que pudesse se mexer.”

Depois, Oromis ensinou a Eragon a formulação do feitiço e algumas possíveis variações. Quando Oromis sentiu que ele tinha memorizado convenientemente os encantamentos, deixou-o experimentar transportar a pequena pedra que tinha na mão.

Logo que Eragon recitou todo o feitiço, a pedra desapareceu das mãos de Oromis, aparecendo instantes depois no meio da clareira, provocando um clarão azul, uma ruidosa detonação e uma onda de ar escaldante. Eragon encolheu-se com o ruído e agarrou-se ao ramo de uma árvore próxima para se equilibrar, ao sentir os joelhos cederem e o frio subir pelas suas pernas. Sentiu um formigamento no couro cabeludo ao olhar para a pedra pousada num círculo de erva chamuscada e plana, recordando a primeira vez que contemplara o ovo de Saphira.

“Muito bem,” disse Oromis. “Agora, pode me dizer por que a pedra provocou aquele ruído ao materializar-se sobre a erva?”

Eragon estava muito atento a tudo o que Oromis lhe dizia, mas continuou a pensar na questão da árvore Menoa durante toda a lição. E sabia que o mesmo estaria acontecendo com Saphira, naquele momento, enquanto planava lá no alto. E quanto mais pensava no assunto, mais se convencia de que jamais encontraria uma solução.

Logo que Oromis terminou o ensinamento de como mover objetos, perguntou-lhe:

“Desde que você recusou a oferta de Támerlein de Lorde Fiolr, você e Saphira vão ficar em Ellesméra muito mais tempo?”

“Não sei Mestre,” replicou Eragon. “Quero tentar mais uma vez ir até a árvore Menoa. Se não for bem sucedido, creio que não restará qualquer alternativa que não partir para junto dos Varden de mãos vazias.”

Oromis acenou com a cabeça.

“Antes de partirem, voltem aqui mais uma vez.”

“Sim, Mestre.”

Enquanto voava rumo a árvore Menoa, com Eragon no dorso, Saphira disse:

*Se não funcionou, porque funcionaria agora?*

*Porque é preciso que funcione. Tem uma idéia melhor?*



*Não, mas esta também não me agrada. Não sabemos como ela irá reagir. Se lembra que antes de Linnëa se introduzir na árvore, matou o jovem que traiu os seus sentimentos. Pode recorrer à violência.*

*Não se atreverá, pelo menos enquanto você estiver lá para me proteger.*

*Hum.*

Com um tênue murmúrio de vento, Saphira aterrou numa raiz nodosa, a cerca de cem metros da base da árvore Menoa. Ao vê-la chegar, os esquilos espalhados pelo enorme pinheiro guincharam para avisar os irmãos.

Descendo para cima da raiz, Eragon esfregou as palmas das mãos nas coxas e sussurrou: “Muito bem, o melhor é não perdermos tempo,” e correu sobre a raiz até ao tronco da árvore, com uma passada leve, esticando os braços para os lados a fim de manter o equilíbrio. Saphira seguiu-o numa passada mais lenta, com as garras a abrirem e a rasgarem a raiz que pisava.

Eragon agachou-se sobre um pedaço de madeira escorregadio e prendeu os dedos numa fenda do tronco da árvore, para não cair. Aguardou até que Saphira estivesse por cima dele e a seguir fechou os olhos, respirou profundamente o ar frio e úmido e projetou os pensamentos em direção à árvore.

A árvore Menoa não tentou impedir que ele alcançasse a sua mente. A sua consciência era tão imensa, tão estranha e, por isso, entrelaçada com o resto da vida vegetal da floresta, que não precisava se defender. Qualquer pessoa que tentasse ganhar o controle sobre a árvore, teria de estabelecer a sua dominância mental, ao longo de uma extensa faixa, em Du Weldenvarden; tratando-se de uma proeza improvável para qualquer um.

A árvore lhe transmitia uma sensação de calor e luz. Sentia a terra comprimida contra as suas raízes num raio de centenas de metros. Depois sentiu o movimento da brisa através dos ramos enredados, o fluxo de seiva pegajosa num pequeno corte na casca e recebeu ainda uma série de sensações semelhantes oriundas de outras plantas que a árvore Menoa protegia. Em comparação com a consciência vivida que revelara durante a Celebração do Juramento de Sangue, a árvore parecia quase adormecida. O único sinal de pensamentos consciente que Eragon conseguiu detectar era tão longo e lento que seria impossível decifrar.

Reunindo todos os seus recursos, Eragon projetou um grito mental em direção à árvore Menoa:

*Oh, grande árvore, me escuta, por favor! Precisa da tua ajuda! Todo o país está em guerra, os Elfos abandonaram a segurança de Du Weldenvarden e eu não tenho espada para lutar! Solembum, o menino-gato, me disse para procurar debaixo da árvore Menoa, se precisasse de uma arma. E esse momento chegou! Oh, mãe da floresta, escuta-me, por favor! Ajuda-me na minha demanda!”* enquanto falava, Eragon projetava imagens de Thorn, Murtagh e dos exércitos do Império, na direção da consciência da árvore. Acrescentando mais memórias, Saphira contribuiu para os seus esforços, com a força da sua mente.

Eragon não recorria apenas às palavras e imagens, também canalizava para o interior da árvore uma torrente contínua de energia oriunda do seu interior e de Saphira: uma dádiva de boa fé através da qual esperava despertar a curiosidade da árvore Menoa.

Vários minutos se passaram e a árvore continuava a não responder, mas Eragon recusou-se a desistir. A árvore movia-se a um ritmo mais lento que os Humanos, deduziu Eragon; logo, seria de se esperar que não respondesse imediatamente ao seu pedido.

*Não podemos ceder muito mais energia, avisou Saphira. Caso queiramos regressar aos Varden a tempo.*

Relutante, Eragon concordou e interrompeu o fluxo de energia.

Continuaram a apelar à árvore Menoa, até que o sol atingiu o seu auge, começando a descer. Nuvens surgiam, cresciam e definhavam, deslizando pela abóbada celeste; pássaros voavam velozmente sobre as copas das árvores; esquilos furiosos tagarelavam; borboletas serpenteavam de local em local; e uma fila de formigas vermelhas marchava junto da bota de Eragon, carregando pequenas larvas brancas com as pinças.

Entretanto Saphira rosnou e todos os pássaros das imediações fugiram assustados.

*Chega de humilhação!* declarou ela. *Eu sou um dragão e não aceito ser ignorada, nem mesmo por uma árvore!*

*Não, espere!* gritou Eragon ao perceber as suas intenções; mas ela o ignorou.

Recuando do tronco da árvore Menoa, Saphira agachou-se, cravou bem fundo as garras na raiz por baixo dela e arrancou grandes pedaços de madeira, com um puxão violento.

*Venha aqui fora e fala conosco árvore-elfo!* rugiu ela. Em seguida, lançando a cabeça para trás como uma serpente prestes a atacar, projetou uma coluna de chamas através das mandíbulas, envolvendo o tronco numa tempestade de labaredas azuis e brancas.

Cobrindo o rosto, Eragon saltou para longe, escapando do calor.

*Saphira, pára!* gritou ele, horrorizado.

*Só paro quando ela nos responder.*

Uma espessa camada de gotas de água deslizou para o chão. Ao olhar para cima, Eragon viu os ramos do pinheiro estremecerem e oscilarem numa agitação crescente. O ruído de madeira a roçar na madeira impregnou o ar. Ao mesmo tempo, Eragon sentiu uma brisa gelada fustigar-lhe o rosto e pareceu-lhe distinguir um ressoar oco debaixo dos pés. Observando ao redor, verificou que as árvores que ladeavam a clareira estavam maiores e mais angulosas que anteriormente e pareciam inclinar-se para o interior tal como os ramos retorcidos e esticados na sua direção como garras.

Eragon sentiu medo.

*Saphira...* disse ele, baixando-se parcialmente, pronto para correr ou lutar.

Cerrando as mandíbulas e interrompendo a torrente de fogo, Saphira desviou os olhos da árvore Menoa. Ao ver o anel de árvores ameaçadoras, as escamas ondularam e eriçaram-se, como o pêlo de um gato assanhado. Rugiu a floresta, balançando a cabeça de um lado para o outro, abriu as asas e começou a recuar.

*Salta para o meu dorso, depressa!*

Mas, antes que Eragon conseguisse dar um único passo, uma raiz tão grossa como o seu braço irrompeu do chão, enrolando-se em torno do seu tornozelo esquerdo e imobilizando-o. Raízes mais grossas apareceram de ambos os lados de Saphira, prendendo-lhe as patas e a cauda, aprisionando-a também. Saphira rugiu em fúria, arqueando o pescoço e soltando outro dilúvio de fogo.

As chamas tremeluziram e se extinguiram ao ouvir uma voz ecoar na sua mente e na de Eragon. Era uma voz lenta e sussurrante como o restolhar das folhas. A voz disse:

Quem se atreve a perturbar a minha paz? Quem se atreve a me morder e a me queimar? Digam os seus nomes para que eu saiba quem matei!

Eragon fez um esgar de dor ao sentir a raiz aperta-lhe o tornozelo. Um pouco mais de pressão e seu rosto iria partir-se.

*Eu sou Eragon, Matador de Espectros, e este é o dragão a quem estou ligado, Saphira, Escamas Brilhantes.*

*Boa morte, Eragon, Matador de Espectros e Saphira, Escamas Brilhantes.*

*Espera!* disse Eragon. *Não terminei de dizer os nossos nomes.*

Seguiu-se um longo silêncio. Depois a voz disse:

*Continua.*

*Eu sou o último Cavaleiro de Dragão livre na Alagaësia e Saphira é o último dragão fêmea vivo. Talvez sejamos os únicos capazes de derrotar Galbatorix, o traidor que destruiu os Cavaleiros e conquistou metade da Alagaësia.*

“Porque me atacou, dragão?” suspirou a voz.

Saphira arreganhou os dentes e respondeu:

*Porque não estava nos respondendo, árvore-elfo, e porque Eragon perdeu a sua espada e o menino-gato lhe disse que procurasse debaixo da árvore Menoa, se precisasse de uma arma. Procuramos por todo o lado, mas não conseguimos encontrá-la.*

*Sendo assim, morrerá em vão, dragão, visto que não há qualquer arma debaixo das minhas raízes.*

Desesperado em conseguir que a árvore continuasse a falar, Eragon continuou:

*Achamos que o menino-gato poderia estar se referindo ao aço-brilhante, o metal estelar que Rhunön usa para forjar as espadas dos Cavaleiros. Sem ele, nunca poderá substituir a minha espada.*

A superfície da terra ondulou e a rede de raízes que cobria a clareira, moveu-se ligeiramente. A perturbação afugentou das tocas e esconderijos centenas de coelhos, ratos, arganazes, musaranhos em pânico, fazendo-os correr em campo aberto, rumo ao interior da floresta.

Pelo canto do olho, Eragon viu dezenas de Elfos correrem para a clareira, com os cabelos esvoaçando como estandartes em seda. Silenciosos como aparições, os Elfos imobilizaram-se por baixo dos galhos das árvores circundantes e olharam para ele e para Saphira, embora não fizessem qualquer gesto, no sentido de se aproximarem ou de ajudá-los.

Eragon estava prestes a se comunicar mentalmente com Oromis e Glaedr, quando voltou a ouvir a voz:

“O menino-gato sabia do que estava falando. Jaz um bloco de minério de aço-brilhante enterrando mesmo à ponta das minhas raízes, mas vocês não o terão. Morderam-me e queimaram-me. Não os perdão.”

O temor equilibrou o entusiasmo de Eragon ao saber da existência do minério.

*Mas, Saphira é o último dragão fêmea!* exclamou ele. *Com certeza não a mataria!*

“Os dragões cospem fogo,” sussurrou a voz, fazendo estremecer as árvores à volta da clareira. “E os fogos têm de ser extintos.”

Saphira rugiu de novo e disse:

*Se não detivermos o homem que destruiu os Cavaleiros de Dragão, ele virá aqui, queimará a floresta ao seu redor e destruirá você também, árvore-elfo. Se nos ajudar, talvez consigamos impedi-lo.*

Um guincho ecoou entre as árvores enquanto dois ramos raspavam um no outro.

“Se ele tentar matar os meus rebentos, morrerá,” disse a voz. “Não há nada mais forte que a floresta inteira. Ninguém pode derrotar a floresta e eu falo em seu nome.”

“A energia que demos a você não é o bastante para reparar os seus ferimentos?” perguntou Eragon. “Não é o suficiente em compensação?”

A árvore Menoa não respondeu, sondando a mente de Eragon e varrendo-lhe os pensamentos como uma rajada de vento.

“O que você é, Cavaleiro?” perguntou a árvore. “Conheço todas as criaturas que vivem nesta floresta, mas nunca vi nenhuma como você.”

*Não sou um Elfo, nem um Humano,* disse Eragon. *Sou um meio-termo. Os dragões transformaram-me durante a Celebração do Juramento de Sangue.*

“Porque te transformaram, Cavaleiro?”

*“Para combater Galbatorix e o seu Império melhor.”*

“Lembro-me de sentir o mundo deformar-se durante a celebração, mas não achei que fosse algo importante... Hoje em dia, tudo parece tão pouco importante, à exceção do sol e da chuva.”

Eragon continuou:

*Curaremos a sua raiz e o seu tronco, se quiser. Mas, por favor, nos entrega o aço-brilhante.*

As outras árvores rangeram e gemeram como almas abandonadas e, em seguida, a voz soltou a ouvir-se, suave e palpitante.

“Me dará o que eu quero em troca Cavaleiro de Dragão?”

*Sim*, respondeu Eragon, sem qualquer hesitação. Fosse qual fosse o preço da espada de Cavaleiro, o pagaria de bom grado.

A copa da árvore Menoa ficou imóvel e, durante alguns minutos, a clareira foi inundada por um silêncio profundo. Depois o chão começou a tremer e as raízes em frente à Eragon começaram a torcer-se e a desfizeram-se, projetando fragmentos de casca. À medida que se desviavam, era revelada uma extensão nua de terra, da qual emergiu algo semelhante a um bloco de ferro corroído, com cerca de sessenta centímetros de comprimentos e quarenta e cinco de largura. Quando o minério se imobilizou sobre o solo negro e fértil, Eragon sentiu uma ligeira pontada nos intestinos. Vacilou e massageou o local, mas o acesso momentâneo de desconforto, entretanto, já passara. Em seguida, a raiz em torno do seu tornozelo soltou-se e recolheu ao chão, assim como as que prendiam Saphira.

“Aqui está o seu metal,” murmurou a árvore Menoa. “Leva-o e vai embora...”

“*Mas...*” Eragon começou.

“Vai,” disse a árvore Menoa, com a voz se diluindo. “Vai.” E a consciência da árvore se retirou do seu interior e de Saphira, recolhendo-se cada vez mais no interior, até Eragon quase não sentir a sua presença. Ao seu redor, os gigantescos pinheiros descontraíram-se e regressaram às posições habituais.

“*Mas...*” disse Eragon em voz alta, intrigado com o fato da árvore Menoa não ter lhe dito o que pretendia.

Ainda perplexo, foi até o minério, passou os dedos por baixo da aresta da pedra rendilhada de metal e ergueu a massa irregular, segurando-a nos braços e gemendo com o seu peso. Abraçando-a contra o peito, virou as costas à árvore Menoa e iniciou o longo caminho até a casa de Rhunön.

Ao se juntar a ele, Saphira farejou o aço-brilhante.

*Tinha razão*, disse ela. *Eu não deveria tê-la atacado.*

*Pelo menos temos o aço-brilhante*, respondeu Eragon. *E a árvore Menoa... Não sei o que a árvore Menoa lucrou, mas nós temos o que viemos buscar e é isso que interessa.*

Os Elfos reuniram-se de ambos os lados do caminho que Eragon decidira seguir, observando-os com uma intensidade tal que Eragon acelerou o passo, sentindo um formigamento na nuca. Os Elfos não falaram, limitando-se a fitá-los com os seus olhos oblíquos, como se observassem um animal perigoso a rondar as suas casas.

Uma baforada de fumo irrompeu das narinas de Saphira.

*Se Galbatorix não nos matar, entretanto*, disse ela. *Acho que o lamentaremos para o resto da vida.*



## A RAZÃO ACIMA DO FERRO

“Onde encontrou isso?” perguntou Rhunön, quando Eragon entrou bruscamente no pátio de sua casa, largando o bloco de aço-brilhante no chão, a seus pés.

Com o mínimo de palavras possível, Eragon falou-lhe de Solembum e da árvore Menoa. Baixando-se junto do bloco de minério, Rhunön acariciou a superfície esburacada, demorando os dedos sobre os pedaços de metal embutidos na pedra.

“Ou é muito estúpido ou muito corajoso para tentar a árvore Menoa desse jeito. Ela não é flor que se cheire.”

*Há minério suficiente para uma espada?* perguntou Saphira.

“Várias espadas, se a experiência anterior valer de alguma coisa”, respondeu Rhunön, voltando a levantar-se. A Elfa olhou para a forja ao centro do pátio e bateu palmas, com um misto de entusiasmo e determinação a brilhar no seu olhar.

“Vamos lá, então! Precisa de uma espada, Matador de Espectros? Muito bem, te darei uma espada como ninguém viu em Alagaësia.”

“E o juramento?” perguntou Eragon.

“Não pense nisso agora. Quando têm de regressar aos Varden?”

“Deveríamos ter partido no dia em que chegamos,” disse Eragon.

Rhunön fez uma pausa, revelando um ar introspectivo.

“Então, terei de apressar aquilo que jamais apresso e usar magia para produzir aquilo que, de outra forma, demoraria semanas para trabalhar à mão. Você e Escamas Brilhantes vão me ajudar,” não era uma pergunta, mas Eragon acenou com a cabeça, mostrando o seu acordo. “Hoje à noite não vamos ter descanso, mas te prometo que terá a sua espada amanhã de manhã, Matador de Espectros.” Dobrando-se à altura dos joelhos, Rhunön ergueu a pedra de minério do chão, sem qualquer esforço aparente e a levou para a bancada que tinha a escultura na qual Rhunön estava trabalhando.

Eragon tirou a túnica e a camisa, evitando estragá-la durante o trabalho que iria iniciar. Em substituição, Rhunön deu-lhe um colete justo e um avental de tecido resistente ao fogo. Rhunön usava igual. Quando Eragon lhe perguntou se tinha luvas, ela riu e balançou a cabeça:

“Só um ferreiro desajeitado é que usa luvas.”

Depois, Rhunön o conduziu a uma câmara semelhante a uma caverna, no interior do tronco de uma das árvores, de onde a sua casa crescera. Dentro da câmara havia sacos de carvão e pilhas soltas de tijolos de barro esbranquiçados. Com o auxílio de um feitiço, Eragon e Rhunön ergueram algumas centenas de tijolos e levaram-nos para junto da forja, de paredes abertas. A seguir fizeram o mesmo com os sacos de carvão, cada um tinha o tamanho de um homem.

Logo que as provisões ficaram dispostas a contento de Rhunön, ela e Eragon construíram uma caldeira de fundição para o minério. A caldeira era uma estrutura complexa e Rhunön se recusou a usar magia na sua construção. Por isso, demoraram quase a tarde inteira para terminar o projeto. Primeiro abriram um buraco retângulas com um metro e meio de profundidade e encheram-no com camadas de areia, cascalho, barro, carvão e cinzas. Em seguida, abriram uma série de câmaras e canais para filtrar a umidade, que de outro modo impregnaria o calor do fogo de fundição. Quando o conteúdo do buraco atingiu o nível do solo, montaram uma cuba de tijolos por cima dessas camadas, usando água e barro cru como argamassa. Baixando-se no interior de sua casa, Rhunön voltou com um par de foles, que encaixaram em orifícios, na base da cuba.

Depois fizeram um intervalo para beber água e comer um pouco de pão e queijo. Terminada a breve refeição, Rhunön colocou um monte de pequenos ramos na cuba, acendeu fogo murmurando uma palavra e, logo que o fogo estava bem estabelecido depositou ao fundo da cuba achas de carvalho seco de tamanho médio. Cuidou do fogo durante quase uma hora, cultivando-o com o esmero de um jardineiro a plantar rosas, até a madeira arder por completo e converter-se num leito uniforme de brasas. Depois, Rhunön acenou com a cabeça para Eragon e disse: “Agora.”

Eragon levantou o bloco de minério, introduzindo-o cuidadosamente na cuba. Quando o calor nos seus dedos se tornou insuportável, largou o bloco e saltou para trás. Um jato de fagulhas serpenteantes se projetou no ar como um enxame de pirilampos. À cima do bloco de minério e das brasas colocou uma espessa camada de carvão com o intuito de alimentar o fogo.

Após sacudir o pó de carvão das mãos, Eragon agarrou nas pegas de um dos foles e começou a bombear ar, tal como Rhunön que estava no fole do outro lado da clareira. Os dois alimentaram o fogo, fornecendo-lhe um fluxo contínuo de ar fresco, de forma a aumentar-lhe a temperatura.

As escamas do peito e da parte de baixo da cabeça de Saphira refletiam deslumbrantes clarões de luz, sempre que as chamas ondulavam na caldeira. Mantinha-se agachada, a alguns metros de distância, com os olhos fixos no coração flamejante do ferro fundido. *Eu podia ajudar com isso, também?* indagou ela. *Bastaria um minuto para derreter o minério.*

“Sim,” disse Rhunön. “Mas, se o derretermos depressa demais, o metal não se mistura com o carvão e não adquire a dureza nem a flexibilidade necessárias a uma espada. Poupa o seu fogo, dragão. Vamos precisar dele mais tarde.”

O calor da caldeira e o esforço de bombear ar nos foles depressa cobriram Eragon com uma camada de suor e os seus braços nus brilhavam perante o reflexo do fogo.

De vez em quando, ele ou Rhunön abandonavam os foles para lançar mais uma camada de carvão para o fogo.

O trabalho era monótono. Por consequência, logo Eragon perdeu a noção do tempo. O ronco constante do fogo, o contato das suas mãos com as pegas dos foles, o zumbido do ar bombeado e a presença vigilante de Saphira eram as únicas coisas de que o Cavaleiro tinha consciência.

Por isso, foi uma surpresa quando Rhunön disse:

“Já está bom. Solta os foles!”

Limpando a testa, Eragon a ajudou enquanto ela retirava as brasas incandescentes da caldeira para dentro de um barril cheio de água. Ao atingirem o líquido, as brasas chiavam e soltavam um odor acre.

Quando finalmente expuseram a poça brilhante de metal incandescente ao fundo da cuba – cuja espuma e outras impurezas tinham escoado durante a operação –, Rhunön cobriu o metal com uma camada de um centímetro e meio de cinzas brancas, encostou a pá a um dos lados da caldeira e se sentou no bando perto da forja.

“E agora?” perguntou Eragon, aproximando-se dela.

“Agora esperamos.”

“Por quê?”

Rhunön apontou para o céu, onde a luz do poente pintara uma série de nuvens esfarrapadas em tons de vermelho, púrpura e dourado.

“Tem de estar escuro quando trabalhamos o metal; só assim conseguimos avaliar corretamente a sua cor. Além disso, o aço-brilhante precisa de tempo para arrefecer,

ficar macio e fácil de forjar.” Levando a mão atrás das costas, Rhunön desatou o cordão. “Entretanto, vamos falar a sua espada. Como luta? Com uma mão ou as duas?”

Eragon pensou por instantes e depois respondeu:

“Depende. Se puder escolher, prefiro empunhar a espada numa mão e carregar o escuro no outro braço; contudo as circunstâncias nem sempre me são favoráveis e é frequente lutar sem escudo. Nessa hora, prefiro segurar no cabo com as duas mãos, para poder desferir golpes mais fortes. O pomo de Zar’roc era suficientemente grande para agarrá-lo também com a mão esquerda caso fosse necessário. No entanto, as arestas ao redor do rubi eram desconfortáveis e não garantiam um apoio muito estável. Seria bom que o cabo fosse ligeiramente maior.”

“Mas, uma espada de duas mãos não é exatamente o que pretende, suponho,” acrescentou Rhunön.

Eragon balançou a cabeça:

“Não, seria grande demais para combater dentro de portas.”

“Isso depende do tamanho combinado do cabo e da lâmina; mas, de um modo geral, é como diz. Que tal uma espada de mão e meia, em vez disso?”

Eragon visualizou mentalmente a espada original de Murtagh e sorriu. *Porque não?* pensou.

“Sim, acho que uma espada de mão e meia seria o ideal.”

“E quer uma lâmina de que comprimento?”

“Nunca mais longa que a de Zar’roc.”

“Hum. Quer uma lâmina reta ou curva?”

“Reta”

“Tem alguma preferência em relação ao guarda-mão?”

“Não especialmente.”

Cruzando os braços, Rhunön permaneceu sentada, de queixo enterrado no peito e as pálpebras pesadas. Os seus lábios tremeram.

“E quanto à largura da lâmina? Lembra-te que, por muito estreita que seja, nunca se partirá.”

“Talvez um pouco mais larga que a Zar’roc perto da guarda.”

“Por quê?”

“Acho que fica mais bonita.”

Uma gargalhada áspera e estilhaçada ecoou na garganta de Rhunön:

“Mas, como é que isso melhora o desempenho da espada?”

Constrangido, Eragon se remexeu no bando, sem saber o que responder.

“Nunca me peça para alterar uma arma apenas para melhorar a sua aparência,” disse Rhunön, com repreensão. “Uma arma é uma ferramenta e se for bonita é porque é útil. Uma espada que não cumprisse o seu papel seria feia aos meus olhos por muito bela que fosse a sua forma, mesmo que ornamentada com as mais fantásticas jóias e as mais arrevesadas gravações,” a elfa cerrou os lábios, empurrando-os para fora enquanto pensava. “Portanto, uma espada que tanto se adéque ao derrame irrestrito de sangue no campo de batalha, tal como à sua defesa nos túneis de Farthen Dûr. Uma espada para todas as ocasiões, de tamanho médio, à exceção do cabo que seria mais longo que a média.”

“Uma espada para matar Galbatorix,” acrescentou Eragon.

Rhunön concordou:

“Assim sendo, terá de estar bem protegida contra magia...” o queixo dela voltou a decair até o peito. “As armaduras evoluíram muito no último século. Por isso a ponta terá de ser mais estreita do que as que costumava fazer, para melhor perfurar as placas de metal e a cota de malha, deslizando por entre os intervalos das várias peças. Hum,”

Rhunön retirou um pedaço de corda com uns nós do interior de uma bolsa que tinha ao seu lado. Com ela tirou diversas medidas: às mãos e aos braços de Eragon. Depois, sacou um atizador de ferro forjado da forja e atirou-o para Eragon. Ele apanhou-a com uma mão e ergueu as sobrancelhas para a Elfa; Ela fez um gesto com um dedo e disse: “Vamos lá! Fica de pé e me mostra como se mexe com a espada.”

Saindo debaixo do telheiro da forja de paredes abertas, Eragon fez-lhe a vontade demonstrando-lhe diversas técnicas que Brom lhe ensinara. Um minuto depois ouviu o ruído de metal a bater na pedra. Depois, Rhunön tossiu e disse:

“Isso é inútil,” e avançou para perto de Eragon com outro atizador. Franziu a testa num esgar feroz, erguendo o atizador à sua frente em posição de saudação e gritou:

“Ao ataque, Matador de Espectros!”

O pesado atizador de Rhunön silvou pelo ar, ao desferir um potente e penetrante golpe na direção de Eragon. Esquivando-se para o lado, Eragon aparou o golpe. O atizador saltou-lhe da mão, no momento em que ambas as varas de metal colidiram. Ele e Rhunön lutaram por breves instantes e, embora fosse óbvio que esta não praticava o manejo da espada há algum tempo, Eragon a achou uma adversária formidável. Por fim, tiveram de parar porque o aço macio dos atizadores começou a empenar e as varas acabaram por ficarem mais tortas que ramos de teixos.

Rhunön apanhou o atizador de Eragon e levou as duas peças mutiladas para uma pilha de ferramentas inutilizadas. Quando regressou, ergueu o queixo e disse:

“Agora sei exatamente a forma que a sua espada deverá ter.”

“Mas, como vai fazê-la?”

Rhunön lançou-lhe um olhar divertido.

“Não vou. Você quem vai fazer a espada, Matador de Espectros.”

Por instante, Eragon ficou boquiaberto e a seguir esbravejou:

“Eu? Mas, eu nunca fui aprendiz de ferreiro, nem de ferreiro de armas. Nem uma faca de mato sei forjar.”

O brilho nos olhos de Rhunön se acentuou.

“Mesmo assim, você quem vai fazer esta espada.”

“Mas, como? Fica perto de mim e me dá instruções enquanto eu martelo o metal?”

“Longe disso,” respondeu Rhunön. “Vou te guiar através da mente, para que as suas mãos façam aquilo que as minhas não podem executar. Não é uma solução perfeita, mas não me ocorre outra forma de evadir-me ao meu juramento. O que também me permitirá praticar a minha arte.”

Eragon franziu a testa.

“Se você quem vai mover as minhas mãos, que diferença faria ser você a forjar a espada?”

A expressão de Rhunön ensombrou-se e ela replicou num tom brusco:

“Quer a espada ou não, Matador de Espectros?”

“Quero.”

“Então, trata de não me incomodar com perguntas assim. Fazer a espada através de você é diferente, porque eu acho que é diferente. Se eu achasse que era de outra forma, o meu juramento me impediria de participar do processo. Se não quer voltar para os Varden de mãos vazias, o melhor é parar de falar disso.”

“Sim, Rhunön-elda.”

Aproximaram-se da caldeira e Rhunön pediu a Saphira que arrancasse a massa, ainda quente, de aço-brilhante solidificado do fundo da cuba de tijolos.

“Parta elas em pedaços do tamanho de um punho!” ordenou Rhunön, recuando para uma distância segura.



Erguendo uma das patas dianteiras, Saphira pisou a barra ondulada com toda a força. A terra estremeceu o aço-brilhante partiu-se em diversos pedaços. Saphira pisou no metal mais três vezes, antes de Rhunön se dar por satisfeita com os resultados.

A Elfa reuniu os blocos aguçados de metal no aventou e transportou-os para uma mesa baixa, junto da forja. Aí escolheu o metal consoante à dureza, que distinguia pela cor e pela textura da fratura no metal; pelo menos foi o que dissera a Eragon.

“Alguns são um tanto quanto duros, outros são um tanto quanto macios,” explicou ela. “Poderia remediar, se quisesse, mas implicaria um novo aquecimento. Por isso, usaremos apenas as peças que estão em condições para serem utilizadas numa espada.”

“Nos gumes utilizaremos um aço ligeiramente mais duro,” e tocou nuns fragmentos que tinham um grão cintilante. “Que é o melhor para se conseguir um gume afiado. O centro será forjado com um aço ligeiramente mais macio,” e tocou nuns fragmentos mais acinzentados, não tão brilhantes, “que é o melhor para a tornar flexível e capaz de absorver o choque de um golpe. Mas, antes do metal ser forjado para adquirir a sua forma, tem de ser trabalhado para as últimas impurezas serem extraídas.”

*Como se faz isso?* perguntou Saphira.

“Verá daqui a uns instantes,” Rhunön dirigiu-se a um dos postes que suportavam o telheiro da forja, sentou-se encostada a ele, cruzou as pernas e fechou os olhos, apresentando uma expressão calma e serena.

“Está pronto, Matador de Espectros?” perguntou ela.

“Estou,” respondeu Eragon, apesar da tensão que sentindo estômago.

O primeiro aspecto que Eragon notou em Rhunön quando as suas mentes se encontraram, foram os acordes baixos que ecoavam através das paisagens escura e intrincada dos seus pensamentos. A música era lenta e deliberada, obedecendo a uma estranha e inquietante seqüência de notas que lhe mexia com os nervos. Eragon não tinha a certeza do que isso fazia subentender acerca do caráter de Rhunön, mas a assustadora melodia o fez refletir sobre a sensatez de permitir que ela controlasse o seu corpo. Depois pensou em Saphira sentada junto à forja, a zelar por ele e o seu temor abrandou, baixando a última defesa em torno da sua consciência.

Quando Rhunön envolveu a sua mente na dele, insinuando-se até aos recantos mais íntimos do seu ser, Eragon sentiu algo semelhante a um pedaço de lã em bruto a deslizar sobre a pele. Estremeceu perante o contato e por pouco não se retirava. A seguir, ouviu a voz áspera de Rhunön no interior do cérebro:

*Relaxa Matador de Espectros, e tudo correrá bem.*

*Sim, Rhunön-elda.*

Depois Rhunön começou a erguer-lhe os braços, a movimentar-lhe as pernas, a rodar-lhe a cabeça, pondo à prova a destreza do seu corpo. Por muito estranho que fosse para Eragon sentir a cabeça e os membros mexerem-se sem ele os comandar, o momento em que os olhos começaram a se moverem de um lado para o outro, aparentemente por sua livre e espontânea vontade, foi ainda mais estranho. A sensação de impotência provocou-lhe um súbito ataque de pânico. Entretanto, Rhunön o fez caminhar em frente e os seus pés bateram no canto da forja. Pensando que iria cair, Eragon reassumiu imediatamente o controle das suas faculdades, agarrando-se ao chifre da bigorna de Rhunön para manter o equilíbrio.

*Não interfira,* disse Rhunön bruscamente. *Se faltar-lhe coragem no momento errado quando estiver forjando, poderá provocar danos irreparáveis a você mesmo.*

*Você também, se não tiver cuidado,* retorquiu Eragon.

*Seja paciente, Matador de Espectros. Ao cair da noite já devo conseguir melhor que isto.*

Enquanto esperavam que a luz abandonasse o céu aveludado, Rhunön preparou a forja e praticou erguendo várias ferramentas. A falta de jeito inicial para mover o corpo de Eragon rapidamente desapareceu embora uma vez lhe batesse com a ponta dos dedos no tampo da mesa, na tentativa de alcançar um martelo. Os olhos de Eragon lacrimejaram com a dor. Rhunön pediu desculpas e disse:

*Os seus braços são mais longos que os meus*, minutos depois, quando estavam prestes a começar, ela comentou: *É uma sorte que tenha a rapidez e a força de um Elfo, Matador de Espectros, de outra forma não teríamos qualquer chance de terminar hoje à noite.*

Pegando nos fragmentos de aço-brilhante mais duro e mais macio que decidira usar, Rhunön colocou-os na forja. A pedido do Elfo, Saphira aqueceu o aço, abrindo as mandíbulas apenas um centímetro, para que as chamas azuis e brancas que vertiam da boca se projetassem num jato estreito e não se espalhassem pela oficina. O ruidoso pilar de chamas iluminava o pátio com uma intensa luz azul, fazendo as escamas de Saphira cintilarem com uma luz ofuscante.

Assim que o metal começou a brilhar em tons de vermelho-vivo, Rhunön fez Eragon remover o aço-brilhante da torrente de chamas com um par de tenazes. Em seguida colocou-o na forja e aplanou os blocos de metal, com uma série de golpes rápidos, até que adquirissem a forma de placas com menos de um centímetro de espessura. A superfície avermelhada do aço brilhava com partículas incandescentes. Sempre que terminava cada placa, Rhunön colocava-a dentro de uma cuba com água salgada.

Após aplanar todo o aço-brilhante, Rhunön tirou as placas da cuba, aproximando perigosamente o braço de Eragon da água quente. Esfregou cada uma com um pedaço de arenito, a fim de remover as escamas negras que tinham se formado na superfície do metal. A limpeza revelou a sua estrutura cristalina, que Rhunön examinou atentamente. Voltou a separar o metal por dureza e pureza, de acordo com as qualidades que os cristais exibiam.

Dada a sua proximidade, Eragon estava a par de todos os pensamentos e sentimentos de Rhunön. A profundidade dos conhecimentos dela o impressionou. Ela via coisas no metal que ele nem sequer fazia idéia que existiam e os cálculos que fazia acerca do seu tratamento iam muito além da sua compreensão. Sentiu também que ela não estava satisfeita com a forma como manuseara o martelo de forja ao aplanar o aço.

A insatisfação de Rhunön continuou a aumentar, até que disse:

*Bah! Olha para estas marcas no metal! Não posso forjar uma espada assim. Não tenho controle suficiente sobre os seus braços e as suas pernas para forjar uma espada decente.*

Antes que Eragon conseguisse argumentar, Saphira disse:

*Não são as ferramentas que fazem o artista Rhunön-elda. Certamente encontrará uma forma de compensar esta inconveniência.*

*Inconveniência?* rosnou Rhunön. *Tenho a coordenação de um jovem inexperiente. Logo, sou sua estranha numa casa estranha*, ainda resmungando, mergulhou em deliberações mentais, incompreensíveis para Eragon e a seguir disse: *Bem, talvez haja uma solução. Mas, aviso desde já: se vir que não consigo manter a minha perícia habitual no ofício, não prosseguirei.*

Não explicou qual era a solução, nem a Eragon, nem a Saphira. Uma a uma, colocou as placas de aço na bigorna e partiu-as em flocos do tamanho de pétalas de rosa. Reunindo metade dos flocos do aço-brilhante mais duro, os amontôu no interior de um tijolo, que depois revestiu de barro e casca de bétula para que os flocos não se separassem. O tijolo foi colocado numa grossa pá de metal com um cabo de mais de dois metros de comprimentos, semelhante às que os padeiros usam para pôr e tirar o pão do forno quente.

Rhunön colocou o extremo da pá ao centro da forja, fazendo Eragon recuar o mais possível, embora segurando o cabo. Depois pediu a Saphira que voltasse a cuspir fogo e, mais uma vez, o pátio brilhou com uma trêmula luz azul. O calor era tão intenso que Eragon sentiu a pele exposta enrugar-se e viu que as pedras que compunham a forja tinham adquirido um brilho amarelo-vivo.

O aço-brilhante teria demorado, à vontade, mais de meia hora para atingir a temperatura adequada no fogo do carvão. Mas, foram apenas necessários alguns minutos do inferno arrasador das chamas de Saphira para que ficasse incandescente. Em seguida, Rhunön pediu a Saphira para parar de cuspir fogo. Saphira fechou as mandíbulas e a forja mergulhou na escuridão.

Impelindo Eragon para frente, Rhunön o fez transportar o tijolo brilhante cheio de aço coberto de barro para a bigorna, onde pegou o martelo e fundiu os diferentes flocos de aço-brilhante em forma de barra, fez-lhe um corte ao meio, dobrou o metal sobre si e fundiu as duas peças. O repicar do metal ecoava por entre as velhas árvores que rodeavam o pátio.

Logo que o aço perdeu a incandescência e ficou amarelado Rhunön fez Eragon voltar a colocar o aço-brilhante na forja, onde Saphira o banhou mais uma vez, com o fogo das suas entranhas. Rhunön aqueceu e dobrou o aço-brilhante seis vezes, tornando-o cada vez mais maleável e flexível, até este se dobrar sem partir.

Enquanto Eragon batia no metal, inteiramente comandado por Rhunön, a Elfa começou a cantar com a voz dele e com a sua. Ambas as vozes entoaram uma melodia, nem por isso desagradável, cuja escala subia e descia ao ritmo das pancadas do martelo. Eragon sentiu um arrepio na espinha ao sentir Rhunön canalizar um fluxo constante de energia para as palavras e perceber que a canção continha feitiços para fazer, dar forma e ligar. Reunindo ambas as vozes, Rhunön cantava sobre o metal na bigorna, descrevendo as suas propriedades, alterando-as de forma incompreensível para Eragon e envolvendo o aço-brilhante numa complexa teia de encantamentos, concebidos para que se tornasse mais forte e flexível que qualquer outro metal. Rhunön cantou também sobre o braço que segurava o martelo e todos os golpes que dava com o braço de Eragon, que sob influência do seu canto suave atingiam o alvo pretendido.

Depois de dobrar a barra de aço-brilhante pela sexta e última vez, Rhunön temperou-a. Repetiu a operação com a outra metade de aço-brilhante mais duro, forjando uma barra idêntica à primeira. Depois reuniu os fragmentos do aço mais macio, que dobrou e fundiu dez vezes, antes de lhe dar a forma de cunha.

A seguir, Rhunön pediu a Saphira que voltasse a aquecer as duas barras de metal mais duro. Colocou as barras de aço incandescente lado a lado na bigorna, segurou-as com tenazes de ambos os lados e torceu as barras uma em torno da outra, sete vezes. Fagulhas projetavam-se no ar, enquanto martelava a trança, para fundi-la numa única peça de metal. Depois dobrou, fundiu e martelou mais seis vezes a massa resultante, esticando-a em comprimento. Logo que se deu por satisfeita com a qualidade do metal, aplanou o aço-brilhante em forma de uma folha retangular, cortou a folha ao meio, a todo o comprimento, com um cinzel aguçado, e dobrou cada uma das metades num longo “V”, não muito profundo.

Pelos cálculos de Eragon, Rhunön conseguira fazer tudo aquilo em cerca de uma hora e meia. Ficou maravilhado com a sua rapidez, embora fosse o seu corpo a desempenhar as tarefas. Nunca vira um ferreiro a forjar metal com tamanha facilidade. O que Horst demoraria horas a fazer, ela demorara apenas alguns segundos. E, no entanto, apesar das exigências da forja, Rhunön continuava a cantar e a tecer a sua trama de feitiço no aço-brilhante, guiando o braço de Eragon com uma precisão infalível.

No meio de todo aquele frenesi de ruído, fogo, fagulhas e esforço, ao varrer os olhos pela forja sob o comando de Rhunön, Eragon julgou distinguir os olhos pela forja sob o comando de Rhunön, Eragon julgou distinguir três figuras esguias, paradas a um canto do pátio e Saphira confirmou as suas suspeitas ao dizer:

*Eragon, não estamos sozinhos;*

*Quem são eles?* perguntou ele. Saphira enviou-lhe uma imagem de Maud, a envelhecida mulher-gato, na sua forma humana, entre dois Elfos pálidos, não muito mais altos que ela. Um dos Elfos era um rapaz e o outro, uma moça, e eram ambos extraordinariamente bonitos, até mesmo segundo os padrões dos Elfos. Os seus rostos solenes em forma de lágrima pareciam sábios e inocentes, o que tornava impossível para Eragon avaliar a idade. A pele exibia um ligeiro brilho prateado, como se os dois Elfos estivessem tão carregados de energia que esta se escoasse através da pele.

Eragon inquiriu Rhunön acerca da identidade dos Elfos, logo que esta fez uma pausa para permitir que o seu corpo descansasse um pouco. Rhunön fitou-os, transmitindo-lhe uma visão bastante mais clara de ambos, em seguida, sem interromper a canção, disse-lhe mentalmente:

*São Alanna e Dusan, as únicas crianças elfo em Ellesméra. A sua concepção foi motivo de grande regojizo há doze anos atrás.*

*São muito diferentes de todos os outros elfos que conheci,* acrescentou ele.

*As nossas crianças são especiais, Matador de Espectros. São abençoadas com certos dons – dons de graça e poder – que nenhum elfo adulto teria condições de igualar. À medida que envelhecemos, o nosso florescimento atenua-se de certa forma, embora a magia dos primeiros anos nunca desapareça por completo.*

Rhunön não perdeu mais tempo falando, fazendo Eragon colocar a cunha de aço-brilhante entre as tiras em “V”, martelá-las até que envolvessem quase por completo a cunha e as três peças se mantivessem juntas por ação do atrito, fundindo-se depois num todo. Enquanto o metal ainda estava quente, começou a esticá-lo até o configurar num modelo bruto da espada. A cunha de aço macio converteu-se no sulco e as tiras mais duras nas bordas, nos gumes e na ponta da espada. Quando o modelo em bruto estava quase do comprimento da espada acabada, o ritmo do trabalho abrandou de novo, martelando-a cuidadosamente até à lâmina, definindo ângulos e proporções finais.

Rhunön pediu a Saphira que aquecesse a lâmina por segmentos de quinze ou dezesseis centímetros, o que conseguiu segurando a lâmina junto de uma das narinas de Saphira, de onde esta expelia um único jato de fogo, projetando uma horda de sombras retorcidas no perímetro do pátio.

Eragon observava assombrado, enquanto as suas mãos transformavam o bloco cru de metal num elegante instrumento de guerra. A cada golpe de martelo, os contornos da espada tornavam-se mais claros, como se o aço-brilhante quisesse ser uma espada e ansiasse por assumir a forma que Rhunön desejava.

Por fim, o trabalho de forja terminou, revelando uma longa espada negra sobre a bigorna, que apesar de grosseira e inacabada irradiava um propósito letal.

Rhunön deu um pouco de descanso para os braços cansados de Eragon, enquanto a espada arrefecia o ar e, depois, fez Eragon transportá-la para outra parte da oficina, onde havia seis rodas de esmerilar e uma vasta gama de limas, raspadeiras e pedras abrasivas em cima de uma pequena bancada. Ficou a lâmina entre dois blocos de madeira e passou à hora seguinte a aplanar as faces da espada com uma plaina e a refinar os contornos da lâmina com as limas. Tal como o martelo, a plaina e a lima, parecia produzir o dobro do efeito que normalmente conseguiriam, como se as ferramentas soubessem exatamente que quantidade de aço remover, recusando-se a tirar mais do que isso.

Quando acabou de limá-la, Rhunön acendeu um fogo de carvão na forja e, enquanto esperava que este maturasse, produziu uma pasta composta de barro escuro em grãos finos, cinza, pedra-pomes desfeita e seiva de zimbro cristalizada, cobrindo o sulco da espada com o dobro da quantidade que utilizara nos fumes e na ponta. Quanto mais espessa que fosse a camada de barro, mais lentamente o metal subjacente arrefeceria ao ser temperado, e mais macia se tornaria essa área da espada.

O barro aclarou quando Rhunön o secou com um rápido encantamento. Sob a direção de Rhunön, Eragon encaminhou-se até à forja, depositou a face da espada no leito de brasas cintilantes e, bombeando o fole com a mão livre, começou a puxá-la lentamente em direção à anca. Logo que a ponta da lâmina saiu do fogo, Rhunön virou-a e repetiu a operação, continuando a passar a lâmina pelas brasas, até ambos os gumes adquirirem uma tonalidade de alaranjada e o sulco da espada ficar vermelho-vivo. Depois, com um gesto suave, ergueu a espada das brasas, varreu o ar com a barra brilhante de aço, mergulhando-a na cuba de água junto da forja.

Uma nuvem explosiva de vapor eclodiu à superfície da água, que silvava, chiava e borbulhava em torno da lâmina. Um minuto depois, a água em reboição aquietou-se e Rhunön tirou a espada, que exibia agora uma tonalidade cinzenta-pérola. Depois voltou a colocá-la no fogo e sujeitou-a novamente ao mesmo calor moderado, de forma a reduzir a fragilidade dos gumes, e temperou-a mais uma vez.

Eragon esperava que Rhunön o libertasse do seu domínio depois de forjarem, endurecerem e temperatura a lâmina. No entanto, para sua surpresa, ela manteve-se dentro da sua mente, continuando a controlar os seus membros.

Rhunön o fez apagar o fogo da forja e voltou a conduzi-lo para a bancada com as limas, as raspadeiras e as pedras abrasivas. Aí, o fez sentar-se e polir a lâmina, utilizando as pedras mais finas. Através das suas memórias, Eragon ficou sabendo que ela demoraria normalmente uma semana ou mais para polir uma lâmina. Mas, graças à canção que ambos tinham entoado, conseguira através dele completas a operação em apenas quatro horas, para além de esculpir uma estreita nervura ao centro de cada face da lâmina. À medida que o aço-brilhante se tornava mais macio, a verdadeira beleza do metal revelava-se. À superfície, Eragon conseguiria distinguir um padrão estriado cintilante, cujas linhas assinalavam a transição entre cada camada de aço aveludado, e, ao longo de cada gume, havia uma faixa prateada ondulante, da largura do seu polegar, como se aí ardessem línguas de fogo geladas.

Os músculos do braço direito de Eragon cederam no instante em que Rhunön cobria a espiga com um sombreado decorativo de traços transversais. A lima que segurava escorregou da espiga e caiu-lhe dos dedos. A intensidade do seu cansaço surpreendeu-o, pois até então se concentrara na espada e em nada mais.

*Basta*, disse Rhunön e retirou-se da mente de Eragon sem mais discussões.

Abalado com a ausência súbita, Eragon vacilou em cima do banco e quase perdeu o equilíbrio antes de voltar a controlar os seus membros rebeldes.

*Mas, ainda não acabamos!* protestou ele, virando-se para Rhunön. A noite parecia-lhe anormalmente calma, sem a tensão do seu dueto prolongado.

Rhunön levantou-se de onde estivera sentada de pernas cruzadas, encostada ao poste e balançou a cabeça:

*Não preciso mais de você, Matador de Espectros. Vai e sonha até o amanhecer.*

*Mas...*

*Está cansado. Mesmo com a minha magia, está sujeito a arruinar a espada se continuar a trabalhar nela. Agora que a espada está feita, posso tratar do resto sem que o meu juramento interfira nisso. Por isso, vai. Encontrará uma cama no chão. Ao cruzar-se com Saphira, passou-lhe uma mão pelas asas e desejou-lhe boa noite, exausto*

demais para dizer mais alguma coisa. Em resposta, ela despenteou-lhe o cabelo com uma baforada de ar e disse:

*Eu observarei e pensarei por você, pequenino.*

Eragon parou à entrada da casa de Rhunön e olhou para o pátio sombrio, onde Maud e as suas crianças elfos ainda permaneciam. Ergueu a mão para saudá-los e Maud sorriu, revelando os seus dentes afiados. Eragon sentiu um formigamento na nuca quando as crianças elfo o olharam: os seus enormes olhos oblíquos eram ligeiramente luminosos na escuridão. Ao ver que não faziam qualquer movimento, baixou a cabeça e apressou-se a entrar, ansioso por descansar num colchão macio.



## UM CAVALEIRO POR COMPLETO

*Acorda pequenino, disse Saphira. O sol já nasceu e Rhunön está impaciente.*

Eragon ergueu-se direito como um fuso, atirando os cobertores para trás tão facilmente como emergira dos seus sonhos lúcidos. Tinha os braços e os ombros doloridos dos esforços do dia anterior. Calçou as botas, atrapalhando-se com os cadarços, tanto era seu entusiasmo, apanhou o avental sujo do chão e desceu a toda a velocidade as escadas elaboradamente esculpidas até a entrada da casa de Rhunön.

Lá fora o céu brilhava com a claridade do amanhecer, embora o átrio se mantivesse envolto em sombras. Viu Rhunön e Saphira junto da forja de paredes abertas e caminhou na sua direção, penteando o cabelo com os dedos.

Rhunön estava encostada à bancada. Tinha olheiras negras debaixo dos olhos e as rugas no seu rosto pareciam mais acentuadas.

A espada estava diante dela, escondida por um pano branco.

“Fiz o impossível,” disse ela, num tom áspero e abatido. “Fiz uma espada depois de jurar que não o faria. Além disso, fí-la em menos de um dia e com mãos que não eram minhas. De qualquer modo, não ficou feia nem mal feita. Nada disso! É a melhor espada que forjei até hoje. Preferia ter usado menos magia no processo. Mas essa foi minha única fraqueza, o que não é nada comparado a perfeição dos resultados. Deslumbre-se.” Segurando na ponta do pano, Rhunön puxou-o para o lado, exibindo a espada.

Eragon ofegou.

Estava convencido que ela teria apenas tempo de fabricar um punho simples, um guarda-mão, quanto muito uma bainha de madeira simples, naquela meia dúzia de horas em que ficara sozinha. A espada que Eragon viu sobre a bancada era tão magnífica como Zar’roc, Naegling ou Támerlein e, em sua opinião, mais bonita que todas elas.

A lâmina estava protegida por uma bainha brilhante do mesmo tom azul-escuro das escamas do dorso de Saphira. A cor exibia tonalidades ligeiramente diferentes como a luz matizada no fundo de um lago da floresta. A ponta da bainha era rematada por uma peça de aço-brilhante azulado, esculpida com a forma de uma folha e o encaixe superior era emoldurado por ramos de videira estilizados. O guarda-mão curvo era também de aço-brilhante azulado, tal qual as quatro hastes que fixavam a safira ao pomo. O cabo de mão e meia era de madeira negra e resistente.

Dominado por uma sensação de reverência, Eragon esticou o braço em direção à espada, mas depois se deteve e olhou para Rhunön:

“Posso?” perguntou ele.

Ela inclinou a cabeça.

“Pode. Ofereço-te, Matador de Espectros.”

Eragon ergueu a espada da bancada. A bainha e a madeira do cabo eram frias ao toque. Maravilhado, contemplou os detalhes da bainha, do guarda-mão e do pomo, durante largos minutos. Depois apertou a mão em torno do cabo e a desembainhou.

Tal como o resto da espada, a lâmina era azul, mas com uma tonalidade ligeiramente mais clara; tinha a cor das escamas no côncavo da garganta de Saphira e não o tom das escamas do dorso e, tal como Zar’roc, a cor tinha matizes do arco-íris. Sempre que Eragon a movia, a cor cintilava e alterava-se, exibindo uma das muitas tonalidades de azul presentes em Saphira. Mesmo assim, os padrões estriados do aço e as faixas pálidas ao longo dos gumes continuavam visíveis, através daquele banho de cor.

Eragon empunhou a espada numa só mão e brandiu-a, rindo ao sentir a sua leveza e rapidez. A espada quase parecia viva. Depois a empunhou em ambas as mãos e ficou

encantado ao ver que se ajustavam perfeitamente ao cabo alongado. Saltando para frente, investiu contra um inimigo imaginário, com a certeza de que o ataque teria sido mortal.

“Ali,” disse Rhunön, apontando para três barras de ferro enterradas verticalmente no chão, junto da forja. “Tente ali.”

Eragon concentrou-se por instantes e deu um passo em direção às barras. Depois lançou um grito e desferiu um golpe descendente, cortando as três barras. A lâmina produziu uma nota límpida que lentamente se desfez em silêncio. Ao examinar o gume no lugar onde este atingira o ferro, viu que o impacto não causara nenhum dano.

“Está satisfeito, Cavaleiro de Dragão?” perguntou Rhunön.

“Mais do que satisfeito, Rhunön-elda,” respondeu Eragon, fazendo-lhe uma reverência.

“Nem sei como lhe agradecer um presente assim.”

“Pode agradecer-me matando Galbatorix. Se há alguma espada destinada a matar aquele rei louco, é esta.”

“Farei o possível, Rhunön-elda.”

A elfa acenou com a cabeça, aparentemente satisfeita.

“Bom, finalmente tens uma espada tua, como se impunha. Agora, és um verdadeiro Cavaleiro de Dragões!”

“Sim,” concordou Eragon, erguendo a espada para o céu e admirando-a, “agora sou um verdadeiro Cavaleiro.”

“Antes de partires, preciso que faças algo,” interpelou Rhunön.

“Hum?”

Ela agitou o dedo na direção da espada:

“Tens de lhe dar um nome para eu poder marcar a lâmina e a bainha com o hieróglifo adequado.”

Eragon foi até junto de Saphira e disse:

*O que você acha?*

*Não sou eu que tenho que andar com a espada. Dê a ela o nome que te parecer melhor.*

*Sim. Mas você deve ter alguma idéia!*

Ela baixou a cabeça, farejou a espada e disse:

*Eu a chamaria de Precioso Dente Azul, ou Rubra Garra Azul.*

*Seria ridículo entre os Humanos.*

*Que tal Saqueadora, ou Estripadora? Ou talvez Garra de Guerra, Espinho Cintilante ou Aniquiladora de Membros? Você podia chamá-la de Terror, Dor, Trituradora de Braços, Gume Eterno, Escama Ondulada: isto por causa das linhas de aço. Pode ser também Língua da Morte, aço de Elfos, Metal de Estrelas e muitas outras hipóteses desse gênero.*

Aquela manifestação súbita surpreendeu Eragon.

*Você tem um talento especial para isto.*

*Inventar nomes ao acaso é fácil, mais inventar um nome que seja adequado desafia até a paciência de um Elfo.*

*Então, que tal, Aniquiladora do Rei?* perguntou ele.

*E se conseguirmos realmente matar Galbatorix? Como vai ser depois? Você não fará mais nada que possa valer a pena com a tua espada?*

*Hum,* e pousando a espada junto da pata dianteira esquerda de Saphira, Eragon disse: *É exatamente da tua cor... Podia dar a ela o seu nome.*

Um longo gemido ecoou no peito de Saphira.

*Não.*

Ele tentou não rir.

*Tem certeza? Imagine quando estivermos em uma batalha e...*



Saphira enterrou as garras na terra.

*Não. Eu não sou uma coisa. Você não pode andar por aí me abanando pelo ar e fazendo pouco de mim.*

*Não, você tem razão, desculpe... Então e se a chamasse “Esperança”, na língua antiga? Zar’roc significa “desgraça”; não faria todo sentido que eu empunhasse uma espada cujo nome neutralizasse a desgraça?*

*É um nobre sentimento, disse Saphira, Mas você quer mesmo dar esperança aos teus inimigos? Quer matar Galbatorix com esperança?*

*É um trocadilho engraçado, disse ele rindo.*

*Uma vez, talvez, não mais que isso.*

Frustrado, Eragon fez uma careta e esfregou o queixo, estudando os reflexos da luz na lâmina cintilante. Olhando para as profundezas do aço ele, por acaso, reparou em um padrão semelhante a chamas, que marcava a transição entre o aço mais macio do sulco e o aço dos gumes. Então recordou da palavra que Brom usara para acender o cachimbo, na memória que Saphira partilhara com ele. A seguir pensou em Yazuac, onde usara a magia pela primeira vez e no seu duelo com Durza, em Farthen Dûr. Nesse momento, Eragon percebeu que encontrara o nome para sua espada.

Primeiro consultou Saphira e ao ver que ela concordava com a escolha, ergueu a espada ao nível do ombro e disse:

*Decidi, Espada, Brisingr será o teu nome!*

E a espada irrompeu em chamas, com um ruído semelhante a uma rajada de vento, envolvendo a lâmina de aço afiado em um véu de labaredas azul-safira.

Assustado, Eragon gritou, deixou a espada cair e saltou para trás, com receio de se queimar. A lâmina continuou a arder no chão e as chamas translúcidas queimaram um tufo de erva que estava próximo. Foi então que ele percebeu que era ele quem fornecera a energia para manter aquele fogo. Quebrou rapidamente o feitiço e o fogo desapareceu da espada. Admirado por ter lançado um feitiço sem querer, voltou a segurar a espada e tocou de leve na lâmina com a ponta dos dedos, mas esta não estava mais quente.

Com uma expressão furiosa, Rhunön avançou ameaçadoramente, arrancou a espada das mãos de Eragon e examinou-a de ponta a ponta.

“Tua sorte é que já a protegi contra o calor e os estragos, caso contrário teria arruinado a guarda e destruído a têmpera aço. Não volte a deixá-la cair, Matador de Espectros, nem que ela se transforme em uma serpente, senão levo-a comigo e te dou um martelo velho.” Eragon pediu desculpas e Rhunön voltou a dar-lhe a espada, mostrando-se um pouco mais calma.

*Você a fez pegar fogo de propósito?* perguntou ela.

*Não,* respondeu Eragon, incapaz de explicar o que acontecera.

“Diga o nome outra vez,” ordenou Rhunön.

“O que?”

“O nome, diga o nome outra vez.”

Segurando a espada o mais longe do corpo possível, Eragon exclamou.

“Brisingr!”

Uma coluna de chamas trêmulas envolveu a lâmina da espada, aquecendo o rosto de Eragon. Desta vez sentiu uma ligeira quebra de energia, devido ao feitiço. Instantes depois, extinguiu o fogo sem fumaça.

Eragon voltou a exclamar:

“Brisingr!” e as fantasmagóricas labaredas azuis voltaram a cintilar na lâmina.

*Aí está uma espada adequada para o Cavaleiro de um dragão,* disse Saphira num tom delicado. *Cospe fogo tão facilmente como eu.*

“Mas eu não estava tentando lançar um feitiço, protestou Eragon. Tudo o que eu disse foi Brisingr e...” mais uma vez gritou e praguejou ao ver a espada incendiar-se novamente, vendo-se obrigado a apagar o fogo pela quarta vez.

“Dá-me licença?” perguntou Rhunön, esticando o braço em direção a Eragon. Ele passou-lhe a espada e a elfa disse também. “Brisingr!” A espada pareceu estremecer, mas continuou inanimada. Com um ar contemplativo, Rhunön devolveu-lhe a espada e disse: “Só me ocorrem duas explicações para este fenômeno. Uma é que você tenha atribuído uma parte de tua personalidade a lâmina e esta esteja agora sintonizando teus desejos, pelo fato de você a teres forjado. A outra explicação é que tenha descoberto o verdadeiro nome da espada. Ou talvez tenham acontecido ambas as coisas. De qualquer forma escolheste bem, Matador de Espectros. Brisingr! Agrada-me. É um bom nome para uma espada.”

*Muito bom mesmo*, concordou Saphira.

Depois Rhunön colocou a mão no meio da lâmina de Brisingr e murmurou um feitiço inaudível. O hieróglifo de fogo, na Língua Antiga, surgiu de ambos os lados da espada. Depois fez o mesmo na parte da frente da bainha.

Eragon voltou a fazer uma reverência a elfa, expressando-lhe sua gratidão, juntamente com Saphira. Um sorriso rasgou o rosto envelhecido de Rhunön e ela tocou a testa de ambos com o polegar calejado.

“Fico feliz por ter podido ajudar os Cavaleiros mais uma vez. Vai, Matador de Espectros, vai Escamas Brilhantes, regressem aos Varden e que os vossos inimigos fujam apavorados ao verem a espada que agora empunhas!”

Eragon e Saphira despediram-se e partiram da casa de Rhunön. Ele carregava Brisingr nos braços como se fosse uma criança recém nascida.



## CANELEIRAS E BRACELETES

Uma única vela iluminava o interior da tenda de lã. Tratava-se de uma fraca imitação do brilho do sol.

Roran estava de braços esticados, enquanto Katrina apertava os cordões do colete acolchoado, ajustando-o. Quando terminou, puxou o colete por baixo para eliminar as marcas e disse:

“Já está pronto. Ficou muito apertado?”

Ele mexeu a cabeça:

“Não.”

Katrina tirou as caneleiras que estavam embaixo do colchão que dividiam e ajoelhou-se diante da luz fraca da vela. Roran a observou colocar as caneleiras em volta das pernas. Ao pegar a segunda peça da armadura, colocou as mãos na barriga da perna de Roran, e ele sentiu o calor da pele dela contra a sua, através do tecido das calças.

Depois se levantou, virou-se novamente para o colchão e pegou os braceletes. Roran estendeu os braços na sua direção e olhou-a nos olhos, no mesmo instante em que ela também o olhava. Com movimentos lentos e firmes, apertou os braceletes aos antebraços, descendo as mãos desde os cotovelos até os pulsos. Ele agarrou suas mãos, apertando firmemente nas suas.

Ela sorriu e libertou-se do toque gentil de suas mãos.

Pegou a camisa de cota de malha que estava ao lado do colchão e, colocando-se na ponta dos pés, passou pela cabeça dele e segurou-a, enquanto Roran enfiava os braços nas mangas. A cota de malha retiniu como gelo quando a largou sobre seus ombros.

Depois, desenrolou até que a parte de baixo ficasse na altura dos joelhos.

Colocou a touca de couro na cabeça, prendendo-a firmemente, com um nó abaixo do queixo. Segurou seu rosto entre as mãos por alguns instantes e o beijou nos lábios, então foi buscar o seu elmo. O fez deslizar cautelosamente por cima da touca de proteção.

Quando Katrina ia virar-se novamente para o colchão, Roran a abraçou com o braço envolto da cintura volumosa, fazendo-a parar.

“Escuta,” disse ele. “Tudo vai correr bem.” Roran tentava transmitir todo o seu amor por ela, através do tom de sua voz e da força do seu olhar. “Prometa que você não vai ficar aqui sentada sozinha. Fique com Elain. Sua ajuda vai fazer bem a ela. Ela esta doente e sua criança já esta fora do tempo.”

Katrina ergueu o queixo com os olhos cheios de lágrimas, contendo-as até Roran ir embora.

“Tens que marchar nas linhas de frente?” murmurou ela.

“Já que alguém tem que fazer, pode muito bem ser eu. Quem você mandaria no meu lugar?”

“Qualquer pessoa... Qualquer pessoa.” Katrina baixou os olhos e ficou em silêncio num breve instante. A seguir, tirou um lenço vermelho de dentro do corpete do vestido e disse: “Toma, leva este lenço, para que todos saibam o orgulho que sinto por você.” E o amarrou no cinto da espada.

Roran beijou-lhe duas vezes e a largou. Então ela foi buscar o seu escudo e a lança no colchão. Ele a beijou pela terceira vez, ao receber-los de suas mãos, enfiando seus braços para prendê-los no escudo.

“Se algo me acontecer.” Ele começou a dizer.

Mas Katrina colocou os dedos sobre seus lábios.

“Chiu, não fale isso, nada vai acontecer com você.”

“Muito bem,” e a abraçou uma ultima vez. “Tenha cuidado.”

“Você também.”

Embora detestasse ter de deixá-la, Roran ergueu seu escudo e saiu da tenda, mostrando-se a pálida luz do amanhecer. Uma torrente de homens, anões e Urgals marchavam para oeste através do acampamento, encaminhando-se para a terra batida onde os Vardem se reuniam.

Roran encheu os pulmões com o ar fresco da manhã e os seguiu, sabendo que seu grupo de guerreiros o esperava. Mal chegou ao campo, procurou a divisão de Jömundur e encaminhou-se para a dianteira do grupo, ficando ao lado de Yarbog.

O Urgal o olhou e rosnou:

“Belo dia para uma batalha.”

“Belo dia.”

Logo que o sol apareceu no horizonte, ouviu-se uma trombeta na frente dos Vardem.

Roran ergueu a lança e correu em frente, tal como todos os outros em seu redor, gritando a plenos pulmões, enquanto as flechas choviam sobre eles e os pedregulhos assobiavam por cima de suas cabeças, em ambas as direções. Em frente erguia-se um muro de pedra de vinte e cinco metros de altura.

O cerco a Feinster começara.



## DE PARTIDA

Da casa de Rhunön, Saphira e Eragon à casa na árvore. Eragon Reuniu os seus pertences no quarto, selou Saphira e colocou-se no seu lugar, na crista dos ombros de Saphira.

“Antes de irmos aos Rochedos de Tel’naeir,” disse ele, “Há mais uma coisa que tenho que fazer em Ellesméra.”

“Tem mesmo de fazê-lo?” Perguntou ela.

“Não fico satisfeito se não o fizer.”

Saphira voou da casa na árvore, deslizando rumo a Oeste até o número de edifícios começarem a diminuir e, em seguida, começou a descer na direção de um ponto de aterrissagem, num estreito caminho coberto de musgo. Depois de pedir indicações e de recebê-las de um Elfo, sentado nos ramos de uma árvore próxima, Eragon e Saphira seguiram pela floresta ate encontrarem uma casa de uma só divisão que crescera das raízes de um aberto em ângulo acentuado, como se o vento soprasse sempre contra.

À esquerda da casa havia uma rampa de terra mole, com alguns metros de altura a mais que Eragon. Um pequeno riacho descia pela borda da rampa até um lago de água límpida, antes de desaparecer nos recantos sombrios da floresta. Orquídeas brancas ladeavam o lago. No meio das flores esguias, que cresciam ao longo da margem mais próxima, havia uma raiz bulbosa e saliente. Sloan estava sentado sobre essa raiz de pernas cruzadas.

Eragon susteve a respiração na tentativa de evitar alertar o homem de sua presença.

O açougueiro usava uma túnica castanha e laranja confeccionada pelos Elfos e tinha uma tira fina de tecido preto atado em volta da cabeça, para esconder as órbitas ocas onde antes estiveram os seus olhos. Tinha um pedaço de madeira seca no colo, que esculpia com uma faca curva. O seu rosto exibia muito mais rugas do que Eragon se lembrava de ver, além de que as mãos e os braços apresentavam novas cicatrizes, esbranquiçadas, que se destacavam do resto da pele.

*Espera aqui*, disse Eragon a Saphira, descendo do seu dorso.

Quando Eragon se aproximou dele, Sloan parou de esculpir e inclinou a cabeça:

“Vai embora,” disse ele asperamente.

Sem saber o que responder, Eragon parou onde estava e permaneceu em silêncio.

Com os músculos dos maxilares a ondular, Sloan retirou mais algumas lascas do bloco de madeira que tinha na mão e depois, batendo com a ponta da faca na raiz disse:

“Maldito seja! Não consegue me deixar a sós com a minha infelicidade por umas horas? Não quero ouvir os seus bardos e nem os seus menestrelis e pouco me importa quantas vezes que me perguntem. Não vou mudar de idéia. Anda logo, vai embora!”

Eragon sentiu a pena e a raiva crescerem dentro de si e também uma sensação de desalento ao ver, um homem perto de quem crescerá e que tantas vezes receara e detestara chegar aquele ponto.

“Está confortável?” perguntou ele na língua antiga, adotando um tom de voz suave e saltitante.

Sloan deixou escapar um gemido de repugnância.

“Sabe muito bem que não entendo a sua língua e nem quero entender. As palavras ecoam-me nos ouvidos mais do que deviam. Se não falarem na língua da minha raça, melhor seria não me dirigirem qualquer palavra.”

Apesar do pedido de Sloan, Eragon não repetiu a pergunta na língua que lhes era comum, e nem foi embora.

Praguejando, Sloan voltou a escultura. Depois de mais alguns golpes, passou o polegar pela superfície de madeira, verificando os progressos do que quer que fosse que estava esculpindo. Ao fim de alguns minutos, Sloan disse num tom de voz mais suave:

“Tinha razão. Manter as mãos ocupadas me acalma a mente. Às vezes... às vezes quase consigo esquecer o que perdi, mas as memórias acabam sempre por regressar e eu me sinto afogar nelas... Ainda bem que me afiou a faca. Um homem deve ter sempre uma faca afiada.”

Eragon o observou durante mais uns instantes, em seguida virou e voltou para o lugar onde Saphira o esperava. Ao subir para a cela disse: *Sloan não parece ter mudado muito.*

Saphira respondeu: *Não pode esperar que ele se transforme por completo em tão pouco tempo.*

*Não. Mas esperava que tivesse ganhado alguma sabedoria aqui em Ellesméra e que talvez se arrependesse dos seus crimes.*

*Se ele não quiser assumir os seus erros, ninguém poderá obrigá-lo. De qualquer forma, você fez tudo que podia por ele. Agora ele tem que arranjar uma forma de aceitar o seu destino. Se não conseguir, deixe-o procurar consolo no seu túmulo eterno.*

Saphira levantou vôo de uma clareira perto da casa de Sloan, sobrevoando as árvores ao redor e dirigiu-se para o Norte, rumo aos Rochedos de Tel’naeír, se deslocando o mais rapidamente possível. O sol da manhã estava agora sobre horizonte e os raios de luz sobre as copas das árvores projetavam sombras longas e escuras, todas apontando para Oeste como estandarte púrpuro.

Saphira desceu em direção a clareira junto da casa de pinheiros de Oromis, onde ambos os aguardavam. Eragon ficou surpreso ao verificar que Glaedr tinha uma sela aninhada entre dois enormes espinhos e que Oromis estava vestido com pesadas roupas de viagem, em tons de azul e verde, sobre as quais envergava uma armadura de escamas douradas e braçais. Tinha um escudo alto em forma de diamante pendurado nas costas, um elmo arcaico embaixo do braço esquerdo e Naegling, a sua espada cor-de-bronze presa à cintura.

Com uma rajada de vento levantada pelas asas, Saphira aterrissou sobre o prado de ervas e trevos. Deixou a língua de fora para provar o ar, enquanto Eragon deslizava para o chão.

*Vão voar conosco até os Varden?* perguntou ela. A ponta da cauda agitou-se de excitação.

“Voamos com vocês até a orla de Du Weldenvarden, mas depois teremos de seguir caminhos diferentes” informou Oromis.

Desiludido, Eragon perguntou: “Regressam a Ellesméra, então?”

Oromis abanou a cabeça: “Não Eragon, depois seguiremos para a cidade de Gil’ead.”

Saphira bufou tão surpreendida quanto Eragon.

“Por que Gil’ead?” perguntou ele surpreendido.

*Porque Islanzadí e seu exercito marcharam para lá, vindos de Ceunon e estão prestas a montar o cerco à cidade,* disse Glaedr. Eragon sentiu as estranhas cintilantes da sua mente roçarem-lhe pela consciência.

*Mas não era vosso desejo esconderem a vossa existência do Império?* perguntou Saphira.

Oromis fechou os olhos por uns instantes, com uma expressão recolhida e enigmática.

“O tempo de nos escondermos acabou, Saphira. Glaedr e eu ensinamos a vocês tudo que podíamos nos breves momentos em que vos foram possíveis estudarem conosco. Foi uma aprendizagem insignificante, comparada com o que poderiam ter realizado em outros tempos. Mas atendendo as pressões que estamos sujeitos, é uma sorte termos

conseguido ensinar-vos tanto. Glaedr e eu estamos satisfeitos que agora saiba tudo o que é necessário para derrotar Galbatorix.”

‘Portanto, como é pouco provável que ambos consigam voltar aqui para prosseguir a sua aprendizagem antes de terminada esta guerra e como é ainda menos provável que apareça outro Cavaleiro do Dragão para treinarmos enquanto Galbatorix caminhar à face da terra, decidimos que não há qualquer razão para permanecermos isolados em Du Weldenvarden. É mais importante ajudarmos Islanzadí e os Varden a derrotar Galbatorix, do que permanecermos aqui ociosos e confortáveis enquanto aguardamos que outro Cavaleiro e outro Dragão nos procurem.

‘Quando Galbatorix souber que ainda estamos vivos, tal fato irá minar a sua confiança pois ficará sem saber se mais Dragões ou Cavaleiros sobreviveram a sua tentativa de extermínio. Por outro lado, o conhecimento da nossa existência fortalecera a moral dos Anões e dos Varden. Desta forma, serão neutralizados quaisquer efeitos adversos que o aparecimento de Murtagh e Thorn, nas Planícies Flamejantes, possam ter tido nas resoluções dos seus guerreiros. O que poderá significar um aumento considerável do numero de recrutas que Nasuada recebe do Império.”

Eragon olhou para Naegling e disse: “Sim, Mestre. Mas, com certeza, não estão pensando a aventurar-se numa batalha.”

“E porque não?” perguntou Oromis inclinando a cabeça para o lado.

Como não queria ofender Oromis nem Glaedr, Eragon ficou sem saber o que responder. Finalmente disse: “Perdoe-me, Mestre, mas como poderá lutar se não pode lançar feitiços que exijam mais do que uma pequena quantidade de energia? E os espasmos de que por vezes sofre? Se isso lhe acontecer no meio de uma batalha, poderá ser fatal.”

Oromis continuou: “Como já tinha a obrigação de saber que a força, por si só, raramente decide a vitória num duelo entre mágicos. Apesar disso, eu tenho toda a força de que necessito aqui, na jóia da minha espada – e esticou o braço, pousando a palma da mão direita sobre o diamante amarelo incrustado no punho de Naegling. – Há mais de cem anos que Glaedr e eu armazenamos neste diamante qualquer quantidade de energia de que podemos abrir mão e outros transferiram também alguma de sua energia para este depósito: duas vezes por semana, vários Elfos de Ellesméra visitam-me e transferem para a jóia toda a energia vital de que lhes é possível sem correrem o risco de morrer. A quantidade de energia contida nessa pedra é incomensurável, Eragon. Com ela poderia mover uma montanha. Portanto, é irrelevante pensar em defender Glaedr e a mim próprio de espadas, lanças e flechas, ou ate mesmo de um pedregulho lançado de um engenho de cerco. Quanto aos meus ataques, juntei determinadas proteções a pedra de Naegling que me afastarão de qualquer dano, caso fique incapacitado no campo de batalha. Como vê, Eragon, Glaedr e eu não estamos de todo indefesos.”

Envergonhado, Eragon baixou a cabeça e murmurou: “Sim, Mestre.”

A expressão de Oromis suavizou: “Agradeço a sua preocupação, Eragon, e tens razão em te-la porque a guerra e uma disciplina perigosa. E ate mesmo o mais hábil dos guerreiros poderá deparar-se coma morte no frenesi da batalha. Contudo, a nossa causa e valiosa. Se Glaedr e eu marcharmos para a nossa morte fazemos de vontade própria na medida em que, através do nosso sacrifício poderemos ajudar a libertar Alagaësia da sombra da tirania de Galbatorix.”

“Mas se morreres,” disse Eragon, se sentindo muito pequeno “e nós conseguirmos ainda assim matar Galbatorix e libertar o ultimo ovo de dragão, quem treinará esse Dragão e esse Cavaleiro?”

Oromis surpreendeu Eragon ao esticar o braço e agarrá-lo pelo ombro: “Se isso acontecer” disse o Elfo com uma expressão grave “a responsabilidade de instruir o novo Dragão e o novo Cavaleiro, sobre os costumes da nossa ordem será tua, Eragon e tua

Saphira. Não fique tão apreensivo, Eragon. Não estará sozinho. Tenho a certeza de que Islanzadí e Nasuada se encarregarão de te assegurar o apoio dos melhores estudiosos de ambas as nossas raças.”

Uma estranha sensação de desconforto invadiu Eragon. Há muito que desejava ser tratado como um adulto; todavia, não se sentia preparado para substituir Oromis. Parecia errado pensar sequer naquela possibilidade. Pela primeira vez, Eragon percebeu que acabaria por ascender à geração mais velha e, quando isso acontecesse, não teria qualquer mentor em quem confiar para guiá-lo. Sentiu a garganta apertada.

Largando os braços de Eragon, Oromis apontou para Brisingr, nos braços de Eragon e disse: “Toda a floresta estremeceu quando você acordou a árvore da Menoa, Saphira, e metade dos Elfos de Ellesméra nos contataram alvoroçados, pedindo para correrem em seu auxílio. Além disso tivemos que intervir em sua defesa, junto de Gilderien, o Sábio, para impedir de castigá-lo ao usarem métodos tão violentos.”

*Eu não peço desculpa, disse Saphira. Não tínhamos tempo para esperar que a persuasão gentil surtisse efeito.*

Oromis anuiu.

“Eu compreendo e não estou te criticando, Saphira. Só queria que tivesse consciência da consequência das suas ações.” A pedido de Oromis, Eragon lhe passou a espada novinha em folha, segurando-lhe o elmo enquanto o Elfo examinava a Espada.

“Rhunön se excedeu,” afirmou Oromis. “Vi poucas armas, espadas ou lanças, iguais a esta. Tem sorte em ter nas mãos uma arma tão impressionante, Eragon.” Uma das sobrelhas agudas de Oromis ergue-se ligeiramente ao ler o hieróglifo na lâmina. “Brisingr... um nome muito apropriado para a espada de um Cavaleiro do Dragão.”

“Sim,” disse Eragon. “Mas, por alguma razão, cada vez que digo o seu nome a espada pega...” ele hesitou e em vez de dizer fogo que na língua antiga era brisingr, claro disse “... irrompe em chamas.”

A sobrelha de Oromis ergue-se mais ainda.

“Sério? Rhunön deu alguma explicação para esse fenômeno único?” Enquanto falava, Oromis devolveu Brisingr a Eragon, em troca do seu elmo

“Sim, Mestre,” disse Eragon, contando-lhe as duas teorias de Rhunön.

Quando terminou, Oromis murmurou: “Quem sabe...” desviou os olhos de Eragon e contemplou o horizonte. Depois abanou brevemente a cabeça e os seus olhos cinzentos voltaram a concentrar-se em Eragon e Saphira. O seu rosto assumiu uma expressão ainda mais solene. “Receio bem que tenha deixado o meu orgulho falar por mim. Glaedr e eu podemos não estar indefesos, mas tal como disseste Eragon, também não estamos no nosso melhor. Glaedr tem o seu ferimento e eu tenho as minhas... debilidades. Não é a toa que me chamam O Imperfeito Que É Perfeito.”

‘As nossas deficiências não seriam um problema se os nossos únicos inimigos fossem homens mortais. Mesmo no nosso estado atual poderíamos facilmente matar uma centena de homens vulgares. – uma centena, ou um milhar, pouco importa. Contudo, o nosso inimigo e o adversário mais perigoso que nós e esta terra jamais enfrentamos. Por muito que me custe reconhecer, Glaedr e eu estamos em desvantagem e é bem possível que não consigamos sobreviver às batalhas futuras. Tivemos vidas longas e cheias, carregamos conosco as magoas de séculos. Vocês jovens, saudáveis e cheios de esperança, por isso acho que têm mais possibilidades de derrotar Galbatorix do que qualquer outro.’

Oromis olhou para Glaedr com uma expressão perturbada.

“Assim, para assegurar a sua sobrevivência e como precaução contra a nossa possível morte, Glaedr decidiu, com a minha benção...”



*Decidi dar-lhes o meu coração dos corações Saphira, Escamas Brilhantes, e Eragon, Matador de Espectros,* disse Glaedr.

A surpresa de Saphira não foi menor que a de Eragon. Olharam os dois para o majestoso dragão dourado, que se erguia muitos metros acima deles.

Saphira disse: “Não temos palavras para expressar o quanto isso os honra, Mestre, mas... tem certeza de que quer nos confiar o seu coração?”

*Tenho,* disse Glaedr, baixando a gigantesca cabeça ate ficar apenas ligeiramente acima de Eragon. *Tenho a certeza, por muitas razoes. Se ficarem com o meu coração poderão comunicar com Oromis e comigo - por muito longe que estejamos uns dos outros – e eu poderei ajudar vocês com a minha força quando estiverem em dificuldades. Se Oromis e eu cairmos no campo de batalha, os meus conhecimentos, a minha experiência e a minha força, continuarão a sua disposição. Ponderei muito sobre essa decisão e estou confiante de que e a mais certa.*

“Mas se Oromis morresse,” disse Eragon num tom de voz suave. “Desejaria continuar a viver sem ele como um Eldunari?”

Glaedr virou a cabeça e focou os seus olhos imensos em Eragon:

*Não quero me separar de Oromis, mas, aconteça o que acontecer, continuarei a fazer o que puder para arrancar Galbatorix do seu trono. Esse é o nosso único propósito e nem mesmo a morte nos impedira de lutar por ele. A idéia de perder Saphira te horroriza, Eragon, e com razão. No entanto, eu e Oromis tivemos séculos para nos conciliarmos como fato de que essa separação e inevitável. Por muito cautelosos que sejamos, se vivermos o suficiente para isso, um de nos acabará morrendo. Não e um pensamento feliz, mas é realidade. O mundo e assim mesmo.*

Mudando de posição, Oromis disse: “Não posso fingir que a conclusão me agrada, mas o propósito da vida não é fazermos o que queremos, mas sim o que tem de ser feito. É isso que o destino exige de nós.”

*Agora eu vos pergunto, Saphira, Escamas Brilhantes e Eragon, Matador de Espectros,* disse Glaedr, *aceitam a minha oferta e tudo que ela envolve?*

*Aceito,* disse Saphira.

“Aceito,” disse Eragon, após uma breve hesitação.

Depois Glaedr inclinou a cabeça para trás. Os músculos do seu abdômen contraíram-se e distenderam-se varias vezes e a garganta começou a estremecer como se tivesse algo preso no seu interior. Aumentando o seu campo de manobra, o dragão esticou o pescoço pra frente, com todos os músculos e tendões em relevo, debaixo da armadura de escamas cintilantes. A garganta de Glaedr continuou a contrair-se e a distender-se a uma velocidade crescente ate que, por fim, baixou a cabeça ao nível de Eragon, abrindo as mandíbulas com um bafo pungente de ar quente. Eragon espreitou, tentando não vomitar. Ao olhar para as profundezas da boca de Glaedr, Eragon viu a garganta do dragão contrair-se uma ultima vez e um brilho dourado por entre as pregas pendentes do tecido cor-de-sangue. Segundos depois, um objeto redondo com cerca de trinta centímetros de diâmetros, escorregou pela língua carmesim de Glaedr, projetando-se tão depressa pra fora de sua boca que Eragon quase o deixou cair.

Assim que fechou as mãos sobre o Eldunari escorregadio, coberto de saliva, Eragon susteve a respiração e cambaleou para traz, ao sentir repentinamente todos os pensamentos, emoções e sensações do corpo de Glaedr. A quantidade de informação era impressionante, tal como a proximidade do seu contato. Eragon não esperava menos. Ainda assim, a idéia de segurar em suas mãos todo o ser Glaedr, o abalava.

Glaedr vacilou, abanando a cabeça, como se tivesse sido picado, protegendo rapidamente a sua mente de Eragon, embora este conseguisse ainda sentir o movimento dos seus pensamentos e a cor de suas emoções.

O próprio Eldunará era como uma gigantesca jóia dourada. A superfície morna estava coberta por centenas de facetas agudas que variavam em tamanho e, por vezes, se projetavam em estranhos ângulos inclinados. O centro do Eldunará brilhava com uma radiação fosca, semelhante a de uma lanterna fechada, e a luz difusa palpitava a um ritmo lento e regular. À primeira vista a luz parecia uniforme, mas quanto mais Eragon a observava mais detalhes distinguia no seu interior: pequenos redemoinhos e correntes que se enrolavam e serpenteavam em direções aparentemente aleatórias; partículas escuras que mal se moviam e turbilhões de pontos brilhantes, do tamanho da cabeça de um alfinete, que cintilava por instantes diluindo-se em seguida no campo de luz. Estava vivo.

“Toma,” disse Oromis, entregando a Eragon um saco de tecido resistente.

Para alívio de Eragon, a sua ligação com Glaedr se extinguiu assim que colocou o Eldunará dentro do saco e as suas mãos deixaram de estar em contato com a pedra semelhante a uma jóia. Ainda abalado, Eragon encostou o saco de pano com o Eldunará ao peito, assombrado pela evidência de abraçar a essência de Glaedr e receoso do que pudesse acontecer se deixasse o coração dos corações fugir das suas mãos.

*Obrigado, Mestre, conseguiu dizer, curvando a cabeça em direção a Glaedr.*

*Guardaremos o seu coração com as nossas vidas,* acrescentou Saphira.

“Não,” exclamou Oromis num tom feroz. “Com as suas vidas não! É precisamente isso que queremos evitar. Não permitam que nenhum infortúnio se abata sobre o coração de Glaedr, por descuido de vocês, mas não se sacrifiquem para proteger a ele, a mim, ou seja, a quem for. Têm de permanecer vivos a qualquer custo, caso contrário, todas as nossas esperanças estarão perdidas e todos mergulharemos nas trevas.”

*Sim, Mestre,* disseram Eragon e Saphira juntos, ele verbalmente e ela mentalmente.

*Glaedr continuou: Uma vez que juraram fidelidade a Nasuada e lhe devem lealdade e obediência, podem lhe falar do meu coração se quiserem; mas apenas se for necessário. Para bem dos poucos dragões que ainda existem, a verdade sobre o Eldunará não pode ser do conhecimento de todos.*

*Podemos contar a Arya?* perguntou Saphira

*E Blödhgarm e os outros Elfos que Islanzadí mandou para me protegerem?* perguntou Eragon. *Eu permiti que eles entrassem na minha mente, da última vez que eu e Saphira lutamos com Murtagh. Eles saberão de sua presença se nos ajudar durante uma batalha, Glaedr*

*Podem informar Blödhgarm e os seus feiticeiros do Eldunará,* disse Glaedr. *Mas apenas depois que eles prometerem guardar segredo.*

Oromis colocou o elmo na cabeça.

*Arya é filha de Islanzadí, portanto suponho que deve saber. Quanto a Nasuada, não lhe digam a não ser que seja absolutamente necessário. Um segredo partilhado, não é um segredo. Se tiverem disciplina, não pensem nele, nem na existência dele, para que ninguém possa roubar essa informação de suas mentes.*

*Sim, Mestre.*

*Agora, vamos embora,* disse Oromis, calçando um par de luvas grossas. *Islanzadí disse que Nasuada montou cerco a cidade de Feinster e que os Varden precisam muito de vocês.*

*Passamos tempo de mais em Ellesméra,* disse Saphira.

*Talvez,* acrescentou Glaedr. *Mas foi tempo bem empregue.*

Correndo um pouco para tomar impulso, Oromis saltou para a única pata dianteira de Glaedr, trepou para o seu elevado e irregular dorso e se sentou na sela, onde começou a apertar as correias em torno das pernas.

*Enquanto estivermos voando, disse o elfo, podemos rever a lista de nomes verdadeiros que aprendeu durante a sua última visita.*

Eragon se aproximou de Saphira, subiu cuidadosamente para o seu dorso, embrulhando o coração de Glaedr em um dos seus cobertores, guardando o volume nos alforjes. Depois prendeu as pernas da mesma forma que Oromis. Atrás de si, sentia uma vibração constante de energia que irradiava do Eldunari.

Glaedr caminhou até o limite dos Rochedos de Tel'naeír e abriu as suas volumosas asas. A terra tremeu no instante em que o dragão dourado se lançou em direção ao céu riscado de nuvens. O ar rugiu e estremeceu ao baixar as asas, distanciando-se do oceano de árvores lá em baixo. Eragon se agarrou no espinho à sua frente, enquanto Saphira o seguia, lançando-se ao espaço e caindo uma centena de metros num mergulho pronunciado, antes de voltar a subir para se alinhar com Glaedr.

Glaedr assumiu a dianteira e ambos os dragões dirigiram-se para Sudeste. Batendo as asas a um ritmo distinto, Saphira e Glaedr atravessaram velozmente a floresta ondulante.

Saphira arqueou o pescoço, produzindo um sonoro rugido. Mais à frente, Glaedr respondeu-lhe de igual modo e os seus gritos ferozes ecoaram pela vastidão do céu, assustando os pássaros e os animais da terra.



## O VOO

De Ellesméra, Saphira e Glaedr voaram sem parar, através da antiga floresta dos Elfos, planando a grande altitude sobre os pinheiros altos e sombrios. Algumas vezes a floresta se abria, e Eragon avistava um lago ou um rio sinuoso que serpenteava na paisagem. Frequentemente, haviam manadas de pequenas corças junto a água e os animais paravam erguendo a cabeça para ver os dragões passar. Mas, durante a maior parte do tempo, Eragon não prestou atenção muita atenção à paisagem, ocupado em recitar mentalmente todas as palavras na língua antiga que Oromis lhe ensinara e sempre que esquecia de alguma ou pronunciava mal, Oromis obrigava-o a repetir a palavra até Eragon a memorizar.

Ao fim da tarde do primeiro dia, chegaram a orla de Du Weldenwarden. Ali, sobre a fronteira de sombras entre as árvores e os prados além delas, Glaedr e Saphira circularam em torno um do outro e Glaedr disse:

*Proteja o seu coração, Saphira, e o meu também.*

*Farei-o Mestre.*

Oromis gritou do dorso de Glaedr:

“Bons Ventos para ambos, Eragon e Saphira! Se nos encontrarmos novamente, que seja diante dos portões de Urû’baen.”

“Bons ventos para vocês também!” respondeu Eragon.

Depois Glaedr virou e seguiu a linha da floresta rumo ao Oeste, que o conduziria ao extremo Norte do Lago Isenstar e dali até Gil’ead. Saphira continuou voando para o Sudeste, como antes.

Saphira voou durante toda a noite, parando apenas para beber água e para que Eragon esticasse um pouco as pernas e se aliviasse. Ao contrario do que aconteceu durante o vôo para Ellesméra, não foram surpreendidos por ventos contrários e a atmosfera manteve-se limpa e suave, como se a própria natureza estivesse ansiosa para eles regressarem aos Varden. No segundo dia quando o sol nasceu, eles se encontravam em pleno Deserto de Hadarac, viajando diretamente para o Sul, a fim de evitarem a fronteira oriental do Império. Logo que a escuridão caiu novamente sobre a terra e o céu os envolveu em um abraço frio, Saphira e Eragon tinham ultrapassado os limites das ruínas de areia e planavam de novo sobre os campos verdejantes do Império, seguindo uma rota que os levaria a passar entre Urû’baen e o Lago Tudosten, no percurso rumo a cidade de Feinster.

Depois de voar dois dias e duas noites sem dormir, Saphira não conseguiu continuar. Descendo em direção a um pequeno aglomerado de bétulas brancas, próximas de um lago, aninhou-se a sua sombra e dormiu durante algumas horas. Eragon ficou de guarda, aproveitando para praticar com Brisingr.

Depois de se separarem de Oromis e Glaedr, Eragon fora possuído por uma permanente sensação de ansiedade, ao pensar no que ele e Saphira iriam encontrar em Feinster. Sabia que estavam melhor protegidos que ninguém contra ferimentos ou morte, mas ao recordar as Planícies Flamejantes e a batalha de Farthen Dûr, a visão do sangue jorrando de membros decepados, os gritos dos homens e a dor incandescente de uma espada dilacerando sua carne, sentia o estomago embrulhar e os músculos estremecerem de energia contida. Não sabia se o que desejava era combater todos os soldados da terra ou fugir na direção oposta e se esconder num buraco fundo e escuro.

O seu temor aumentou, quando ele e Saphira seguiram viagem e avistaram colunas de soldados marchando pelos campos. Aqui e ali, pálidas colunas de fumaça branca

erguiam-se das aldeias saqueadas. A visão de toda aquela destruição gratuita provocava-lhe náuseas. Desviando o olhar, apertou o espigão a sua frente e franziu os olhos até que a única visão disponível por entre as sombras esbatidas das pestanas, fossem os calos nos nós de seus dedos

*Pequenino*, disse Saphira, de mente lenta e exausta, *já fizemos isso antes. Não fique perturbado.*

Lamentando ter desconcentrado-a do vôo, ele acrescentou.

*Desculpa... Quando chegarmos, estarei bem. Só quero que isso acabe.*

*Eu sei.*

Eragon fungou e limpou o nariz gelado nos punhos da túnica.

*Às vezes, desejo gostar de combater tanto quanto você. Seria muito mais fácil.*

*Se gostasse*, disse ela, *o mundo inteiro se encolheria aos nossos pés, incluindo Galbatorix. Não. É melhor que não partilhe do meu amor por sangue. Assim, equilibraremos um ao outro, Eragon... Separados somos incompletos, mas juntos somos um todo. Agora vê se liberte sua mente desses pensamentos venenosos e me conte um enigma que me mantenha acordada.*

*Muito bem*, disse ele, passado alguns instantes. *Qual coisa que é vermelha, azul, amarela e de todas as cores do arco-íris. Longa e curta, grossa e fina, que descansa enroscada, que pode comer cem ovelhas e continuar esfomeada.*

*Um dragão, claro!* Disse ela sem hesitar.

*Não! Um tapete de lã.*

*Bah!*

O terceiro dia de viagem arrastou-se com uma lentidão agonizante. Os únicos ruídos que se ouviam eram as asas de Saphira, a sua respiração áspera e regular e o ruído monótono do ar assobiando no ouvidos de Eragon. Doíam as pernas e o fundo das costas de permanecer sentado na sela há tanto tempo. De qualquer modo, seu desconforto era pequeno comparado com o de Saphira: os músculos de vôo ardiam, e a dor era quase insuportável. Mesmo assim prosseguiu, sem se queixar, recusando a oferta de Eragon quando ele sugeriu aliviar o sofrimento dela com um feitiço dizendo:

*Você vai precisar dessa energia quando chegarmos.*

Horas depois do crepúsculo, Saphira oscilou e caiu vários metros, num solavanco vertiginoso. Alarmado Eragon endireitou-se olhando ao redor a procura de algo que pudesse ter provocado aquela perturbação. No entanto, só enxergou escuridão por baixo de si e estrelas cintilantes por cima.

*Acho que alcançamos o Rio Jiet*, disse Saphira. *O ar aqui é fresco e úmido, como quando se voa sobre a água.*

*Então Feinster não deve ficar muito longe. Tem certeza que consegue encontrar a cidade na escuridão? Poderemos estar a cento e muitos quilômetros a Norte ou ao Sul da cidade!*

*Não, não podemos. O meu sentido de orientação pode não ser infalível, mas é com certeza melhor que o seu ou de qualquer criatura presa a terra. Se os mapas dos Elfos que vimos estiverem corretos, não estamos a mais de oitenta quilômetros a Norte ou a Sul de Feinster. E a essa altitude, é fácil avistar a cidade a distancia. Talvez seja até possível cheirar a fumaça das chaminés.*

E assim foi. Mais tarde, nessa mesma noite, faltavam já poucas horas para o amanhecer quando avistaram um brilho fosco e avermelhado no horizonte, a Oeste. Ao vê-lo Eragon virou-se e tirou a armadura dos alforjes, vestiu a armadura de escamas, colocou a toca, o elmo, os braçais e as caneleiras. Gostaria de ter contigo o escudo, mas deixara-o nos Varden, antes de correr até o Monte Thardûr com Nar Garzhvog.

Depois vasculhou o conteúdo dos alforjes com uma mão, até encontrar o frasco de prata de faelnirv que Oromis lhe oferecera. O recipiente de metal estava frio ao toque, Eragon bebeu um gole do licor encantado, que ardeu em sua boca deixando um sabor de bagas de sabugueiro, hidromel e cidra de maçã. Sentiu o calor invadir o rosto. Numa questão de segundos, o seu cansaço começou a desaparecer, à medida que as propriedades revigorantes do faelnirv produziam efeito.

Eragon agitou o frasco e ficou preocupado ao perceber que um terço do precioso licor já desaparecera, apesar de ter bebido apenas um gole, uma vez antes. *No futuro, terei que ter mais cuidado com ele*, pensou.

À medida que se aproximava, o brilho no horizonte convertia-se em milhares de pontos luminosos, desde a luz de pequenas lanternas de mão, ao clarão de fornos, fogueiras e grandes extensões de piche incendiado que espalhava uma fumaça negra e fétida pelo céu noturno. A luz avermelhada das fogueiras, Eragon avistou um mar de lanças e elmos cintilantes, que ondulavam na base da grande cidade fortificada, cujos muros fervilhavam de pequenas figuras disparando contra o exercito. Lá em baixo caldeirões de óleo fervendo eram jogados entre as ameias. Cordas eram talhadas ao serem lançadas sobre os muros e as frágeis escadas de madeira, encostadas constantemente pelos invasores, eram empurradas de volta. Do chão emergiam ordens e gritos de ameaça, bem como o estrondo de um aríete batendo contra as portas de ferro da cidade. Os últimos vestígios de cansaço de Eragon desapareceram ao estudar campo de batalha e observar o posicionamento dos homens, dos edifícios e dos vários engenhos de guerra. No exterior dos muros Feinster havia centenas de cabanas desmanteladas, comprimidas umas contra as outras, entre as quais não havia sequer espaço para um cavalo passar: as habitações dos que eram pobres demais para ter uma casa dentro dos muros da cidade. Quase todas essas cabanas pareciam estar abandonadas e uma grande faixa havia sido demolida, para que os Varden pudessem se aproximar com força dos muros da cidade. Havia vinte cabanas ou mais ardendo e, naquele instante, as chamas continuavam a se alastrar, saltando de um telhado de colmo para outro. A Oeste das cabanas, a terra estava sulcada de linhas negras e curvas, sinalizando as trincheiras escavadas para proteger o acampamento dos Varden. Do outro lado da cidade havia docas e embarcações semelhantes aos que Eragon se recordava ter visto em Trein e, por fim, o escuro e inquieto oceano que parecia estender-se até o infinito.

Eragon foi invadido por uma excitação feroz e, ao mesmo tempo, sentiu saphira estremecer. Apertou o punho de Brisingr.

*Não parecem ter percebido a nossa chegada. Anunciamos?*

Saphira respondeu com um rugido que fez trepidar os dentes, pintando o céu com um espesso lençol de fogo azul.

Lá em baixo, os Varden aos pés da cidade e os defensores empoleirados sobre os muros pararam e o silêncio envolveu, durante uns instantes, o campo de batalha. Depois os Varden começaram a aplaudir e bater com as lanças e espadas contra os escudos, enquanto o povo da cidade gritava em desespero.

*Ah!* Exclamou Eragon, piscando os olhos. *Quem me dera se não tivesse feito isso. Agora não vejo nada.*

*Desculpa...*

Ainda piscando os olhos Eragon acrescentou:

*A primeira coisa a fazer é encontrar um cavalo que tenha acabado de morrer, ou qualquer outro animal, para que eu possa transferir a energia para ti.*

*Não precisa de...*

Saphira parou de falar ao sentir uma outra mente a alcança-los. Após meio segundo de pânico, Eragon reconheceu a consciência de Trianna.

*Eragon, Saphira! gritou a feiticeira. Chegaram mesmo a tempo! Arya e outro elfo escalaram os muros, mas foram encurralados por um enorme grupo de soldados. Não conseguirão sobreviver nem mais um minuto, a não ser que alguém ajude! Depressa!*



## BRISINGR!

Saphira dobrou as asas junto ao corpo e mergulhou em vôo vertical descendo velozmente na direção dos edifícios escuros da cidade. Eragon protegeu a cabeça da explosão de vento que batia no seu rosto. O mundo rodopiou ao seu redor, no instante em que Saphira curvou para a direita, evitando que os arqueiros a atingissem do solo.

Eragon sentiu os membros pesados, enquanto ela se elevava do mergulho. A seguir, Saphira nivelou o vôo e o peso que o esmagava desapareceu. As flechas assobiavam ao passar por eles, como estranhos e ruidosos falcões. Algumas falhavam o alvo, outras eram repelidas pelas proteções de Eragon.

Planando a baixa altitude sobre os muros exteriores da cidade, Saphira rugiu de novo, atacando grupos de homens em pânico com as garras e com a cauda, fazendo com que eles caíssem dos baluartes e estatelassem no chão, a vinte cinco metros do solo.

No extremo oposto da parede sul, havia uma torre alta e quadrada, armada com quatro balistas. As enormes bestas disparavam lanças de três metros e meio de comprimento em direção aos Varden que se comprimiam em frente aos portões da cidade. No interior das muralhas, Eragon e Saphira avistaram cerca de cem soldados reunidos em redor de dois guerreiros, encostados às paredes da base da torre, tentando desesperadamente defender-se de um emaranhado de espadas.

Mesmo na escuridão e aquela altitude Eragon distinguiu que um dos guerreiros era Arya.

Saphira saltou do baluarte e aterrou no meio dos soldados, esmagando uma série de homens. O restante se dispersou, gritando de pavor e surpresa. Frustrada por deixar escapar as suas presas Saphira rugiu, varrendo o chão com a cauda e esmagando mais uma dúzia de soldados. Um homem tentou passar por ela correndo. Rápida como uma serpente em pleno ataque, agarrou o homem entre as mandíbulas e arrancou-lhe a cabeça, fraturou-lhe a coluna e eliminando depois mais quatro homens de modo semelhante.

Nessa altura, os homens que restavam tinham já desaparecido por entre os edifícios. Eragon desapertou rapidamente as correias das pernas e saltou para o chão. O peso adicional da armadura o fez aterrar sobre um joelho. Resmungou e ficou de pé:

“Eragon!” gritou Arya, correndo para ele. Estava ofegante e alagada em suor. A sua única proteção era um colete almofadado e um elmo leve, pintado de negro para não produzir reflexos indesejados.

“Bem-vinda, Bjarstskular. Bem-vindo, Matador de Espectros” ronronou Blodhgarm junto dela, com os pequenos caninos alaranjados brilhando a luz das tochas e os olhos cintilantes. A gola de pêlos nas costas do elfo estava eriçada, o que lhe dava um ar mais feroz que o habitual. Tanto ele como Arya estavam sujos de sangue, embora Eragon não sabia se seria deles.

“Estão feridos?” perguntou ele.

Arya abanou a cabeça e Blodhgarm disse:

“Alguns arranhões, mas nada de grave.”

*O que estão fazendo aqui sem reforços?* perguntou Saphira.

“Os portões...” disse Arya ofegante. “Há três dias que os tentamos derrubar, mas são resistentes a magia e o aríete quase não provocou danos na madeira. Por isso convenci Nasuada a...”

Quando Arya parou para recuperar o fôlego, Blodhgarm prosseguiu:



“Arya convenceu Nasuada a encenar o ataque desta noite, para que pudéssemos entrar em Feinster pela calada noite e abrir os portões pelo interior. Infelizmente nos deparamos com três feiticeiros, que nos atacaram com as mentes, impedindo-nos de usar magia enquanto reuniam um elevado numero de soldados para nos dominarem.”

Enquanto Blodhgarm falava, Eragon pousou a mão sobre o peito de um dos soldados mortos, transferindo a energia que restava na carne do homem para o seu corpo e depois para Saphira.

“Onde estão os feiticeiros agora?” perguntou ele, aproximando-se de outro corpo.

Blodhgarm encolheu os ombros cobertos de pêlo.

“Parece que se assustaram com a sua aparição, Shur'tugal.”

*E é bom que se assustem*, rugiu Saphira.

Eragon drenou a energia de mais três soldados, tirando também o escudo redondo de madeira do ultimo.

“Bom, vamos então abrir os portões aos Varden!” disse ele.

“Sim, sem mais demoras,” acrescentou Arya Começou a andar, lançando um olhar enviesado para Eragon.

“Você tem uma espada nova.” Não era uma pergunta.

Ele assentiu.

“Rhunon me ajudou a forja-la.”

“E como se chama a tua arma, Matador de Espectros?” perguntou Blodhgarm.

Eragon ia a responder, quando quatro soldados saíram correndo de uma viela escura com as lanças baixas. Num único gesto suave, Eragon fez deslizar Brisingr da bainha, cortou o cabo da lança do soldado que vinha a frente, decapitando-o de imediato. Brisingr parecia cintilar com um regozijo selvagem. Arya atirou-se para frente e golpeou dois outros homens, antes que estes pudessem reagir. Enquanto isso Blodhgarm saltou para o lado e confrontou o ultimo soldado, matando-o com a sua adaga.

“Corram!” gritou Arya, correndo em direção aos portões da cidade.

Eragon e Blodhgarm correram atrás dela, seguidos de perto por Saphira, com as garras batendo nas pedras da rua. Enquanto os arqueiros tentavam atingir eles com flechas de cima das muralhas, foram atacados três vezes por soldados que saíram correndo da massa de edifícios. Eragon, Arya e Blodhgarm dizimavam os atacantes sem qualquer hesitação e, se algum escapava, Saphira incinerava-o com um arrasador jato de fogo.

O estrondo regular do aríete tornava-se cada vez mais intenso, à medida que se aproximavam dos portões da cidade, com doze metros de altura. Eragon viu dois homens e uma mulher de roupas escuras, em frente dos portões revestidos de ferro, cantando na língua antiga, balançando-se de um lado para o outro, de braços esticados. Ao verem Eragon e os companheiros, os três feiticeiros silenciaram e fugiram correndo pela rua principal de Feinster, que conduzia a fortaleza do lado oposto da cidade, com as túnicas ondulando atrás deles.

Eragon queria perseguir eles, porém era mais importante permitir que os Varden entrassem na cidade, deixando de estar a mercê dos homens nas muralhas. *Que maldades eles estão planejando?* pensou ele, preocupado, ao ver os feiticeiros partindo.

Antes de Eragon, Arya, Blodhgarm e Saphira chegarem aos portões, cinquenta soldados de armaduras cintilantes saíram das torres de vigia, posicionando-se em frente as enormes portas de madeira.

Um dos soldados bateu com o cabo da espada no escudo e gritou:

“Jamais deixaremos que vocês passem, demônios imundos! Esta é a nossa casa e não permitiremos que Urgals, Elfos, ou qualquer outra besta desnaturada entre! Sangue e magoa é tudo o que vos espera em Feinster, por isso fora daqui!”

Arya apontou para as torres de vigia e sussurrou a Eragon: “Os mecanismos para abertura das portas estão escondidos”

“Vão,” disse ele. “Você e Blodhgarm tentem contornar os homens e esgueirar-se para o interior das torres, enquanto eu e Saphira os manteremos ocupados.”

Arya acenou com a cabeça e desapareceu com Blodhgarm por entre as sombras que ladeavam as casas, situadas atrás de Eragon e Saphira.

Através da sua ligação com Saphira, Eragon sentiu que ela se preparava para atacar o grupo de soldados e pousou-lhe a mão numa pata dianteira.

*Espera, disse ele. Me deixe tentar algo antes.*

Se não resultar, posso deixar eles em pedaços? perguntou ela, lambendo os caninos.

*Sim, depois pode fazer o que quiser.*

Eragon avançou lentamente em direção aos soldados, erguendo a espada de um lado e o escudo do outro. Uma flecha saiu disparada de cima, na sua direção, mas parou no ar a pouco menos de um metro do seu peito e caiu direita no chão. Olhando para o rosto assustado dos soldados, Eragon levantou a voz e disse:

“O meu nome é Eragon, Matador de Espectros! É possível que tenham ouvido falar de mim, como é possível que não. De qualquer forma, é bom que saibam: eu sou um Cavaleiro do Dragão e jurei ajudar os Varden a afastar Galbatorix do trono. Digam-me se algum de vocês jurou lealdade a Galbatorix ou ao Império na língua antiga?... Sim ou não?”

O mesmo homem que falara antes e que aparentava ser o capitão dos soldados, disse:

“Não juraríamos lealdade ao rei, nem que ele nos encostasse uma espada na garganta! Somos leais a Lady Lorana. Há quatro gerações que somos governados por ela e pela sua família, que tem feito um excelente trabalho!” Os outros soldados murmuraram palavras de apoio.

“Então se juntem a nós!” gritou Eragon. “Deixem as suas armas e prometo que nenhum mal se abaterá sobre vocês ou sobre as suas famílias. Não tem chance de proteger Feinster contra o poder combinado dos Varden, de Surda, dos Anões e dos Elfos.”

“Isso é o que você diz,” gritou um dos soldados. “E se Murtagh e o seu dragão vermelho regressarem?”

Eragon hesitou e depois respondeu num tom confiante:

“Ele não consegue me vencer com o apoio dos Elfos que lutam com os Varden. Já o repelimos uma vez.” À esquerda dos soldados, Eragon viu Arya e Blodhgarm saírem de trás de uma das escadarias de pedra, que conduziam a cima das muralhas, e esgueirar-se silenciosamente em direção a torre de vigia, localizada mais à esquerda.

O capitão dos soldados disse:

“Podemos não ter prestado juramento ao rei, mas à Lady Lorana prestamos. O que farão com ela? Matá-la? Aprisioná-la? Não, não trairemos a confiança que ela depositou em nós. Deixando vocês passarem, ou aos monstros que arranham os nossos muros. Você e os Varden sustentam apenas a promessa de morte para todos os que foram forçados a servir o Império!

Porque não vai embora, Cavaleiro do Dragão? Não podia ficar de fora, para que pudéssemos viver em paz? Não! O encanto da fama, da glória e da riqueza era forte demais. Tinha que trazer a destruição e a ruína as nossas casas para poder satisfazer as suas ambições. Pois eu te amaldição, Cavaleiro de Dragão! Amaldição-te do fundo do coração! Abandone Alagaësia e nunca mais volte!”

Eragon sentiu um arrepio, pois a maldição do homem era um eco da que o Ra'zac lhe lançara em Helgrind e Ângela previra esse mesmo futuro para ele. Em seguida, Eragon fez um esforço para por de lado esses pensamentos e disse:

“Não é meu desejo te matar, mas farei se for necessário. Abaixem as armas!”

Arya abriu silenciosamente a porta da torre de vigia mais à esquerda e deslizou para o interior. Furtivo como um gato selvagem, Blodhgarm esgueirou-se por trás dos soldados rumo a outra torre. Se algum dos homens tivesse virado, iria vê-lo certamente.

O capitão dos soldados cuspiu para o chão, aos pés de Eragon.

“Nem mesmo você parece Humano! Você é um traidor da Raça!” Dito isto, o homem ergueu o escudo e a espada, avançando lentamente em direção a Eragon. “Matador de Espectros,” rugiu o soldado, “seria tão fácil acreditar que o filho de doze anos do meu irmão matou um Espectro, um menino como você!”

Eragon esperou até que o capitão ficasse apenas a um metro dele. Depois deu um passo em frente e trespassou o escudo, o braço por baixo deste e o peito do homem com Brisingr, até a espada lhe sair pelas costas. O homem teve uma convulsão e ficou imóvel. Quando Eragon libertou a espada do corpo, ouviu-se um clamor dissonante nas torres de vigia, as correntes começaram a enrolar-se e as enormes trancas que mantinham as portas fechadas recuaram.

“Abaixem suas armas, ou morrerão!” gritou Eragon.

Gritando em uníssono, vinte soldados correram para ele, brandindo as espadas. Dos restantes soldados alguns dispersaram-se, outros fugiram para o coração da cidade e outros ainda seguiram o conselho de Eragon, largando as espadas, as lanças e os escudos sobre as pedras cinzentas do pavimento, ajoelhando-se na rua com as mãos nos joelhos.

Uma fina névoa de sangue ergueu-se em torno de Eragon enquanto este golpeava os soldados, saltando de um adversário para outro, sem que estes tivessem tempo de reagir. Saphira derrubou dois dos soldados, incinerou outros dois, com um breve jato das narinas, assando-os dentro das armaduras. Eragon deslizou e parou a cerca de um metro do último soldado, com o braço que empunhava a espada ainda esticado, na sequência do golpe que acabara de desferir, esperou até ouvir o homem cair no chão; primeiro uma metade do corpo depois a outra. Arya e Blodhgarm emergiram das torres de vigia no mesmo instante em que os portões rangiam e se abriam para o exterior, revelando a extremidade romba e estilhada do enorme aríete dos Varden. Em cima das muralhas os arqueiros gritaram apavorados, recuando para posições onde pudessem ainda se defender. Dúzias de mãos apareceram no rebordo dos portões, abrindo-os ainda mais e Eragon viu uma multidão de Varden, composta por Homens e Anões de rostos aguerridos, acotovelandos-se junto da entrada em arco.

“Matador de Espectros!” gritavam eles, ou então “Argetlam!” e ainda “Bem-vindo de volta! Grande caçada hoje!”

“Estes são meus prisioneiros!” disse Eragon, apontando com Brisingr para os soldados ajoelhados a um dos lados da rua. Vendem-nos e zelem para que sejam bem tratados. Dei-lhes a minha palavra de que nenhum mal lhes aconteceria.

Seis guerreiros apressaram-se a cumprir as suas ordens.

Os Varden avançaram, entrando em torrente para a cidade. O retinir das armaduras e o estrondar das botas no chão, produzia um ribombar contínuo. Eragon ficou satisfeito por ver Roran, Horst e outros homens de Carvahall na quarta linha de guerreiros. Saudou-os e Roran ergueu o martelo e correu na sua direção.

Eragon agarrou no antebraço direito de Roran e deu-lhe um forte abraço. Ao recuar reparou que Roran parecia envelhecido e tinha os olhos mais encovados que antes.

“Já estava na hora de chegarem,” resmungou Roran. “Morreram centenas, enquanto tentávamos tomar os muros da cidade.”

“Saphira e eu viemos o mais depressa possível. Como está a Katrina?”

“Esta bem.”

“Logo que isso acabar, você tem que me contar tudo que aconteceu desde que fui embora.”

Roran pressionou os lábios e acenou com a cabeça. Depois apontou para Brisingr e disse:

“Onde arranjou a espada?”

“Com os Elfos.”

“Como se chama?”

“Bris...” Eragon ia dizendo; entretanto os onze Elfos que Islanzadí destacara para o proteger a ele e a Saphira saíram correndo da coluna de homens e rodearam eles. Arya e Blodhgarm voltaram também a reunir-se a eles. Arya limpava a lâmina da espada.

Antes que Eragon pudesse retomar a conversa, Jormundur cavalcou através dos portões e saudou os, gritando:

“Matador de Espectros! Bom te ver!”

Eragon retribuiu a saudação e perguntou:

“O que fazemos agora?”

“O que achar melhor,” respondeu Jormundur, puxando as rédeas do seu cavalo castanho.

“Temos de conseguir chegar a fortaleza. Não me parece que Saphira caiba entre as casas, por isso contorne a cidade e ataque os soldados de onde puder. Se conseguir abrir os portões da fortaleza e capturar Lady Lorana, seria uma grande ajuda.”

“Onde esta Nasuada?”

Jormundur fez um gesto por cima do ombro:

“Na retaguarda do exercito coordenando as nossas forças com o rei Orrin.” Jormundur olhou para trás do fluxo de guerreiros e depois voltou a olhar para Eragon e Roran. “Martelo Forte, o teu lugar é com os seus homens e não conspirando com o seu primo,” dito isto, o magro e seco comandante, esporeou o cavalo e cavalcou através da rua sombria, gritando ordens aos Varden.

Quando Roran e Arya se preparavam para o seguir, Eragon agarrou Roran pelo ombro e bateu ao de leve na espada de Arya com a sua.

“Esperem,” disse ele.

“O que é agora?” perguntaram em uníssono Arya e Roran, num tom exasperado.

“Sim, o que é agora?” perguntou Saphira. “Não deveríamos estar conversando quando há trabalho a fazer.”

“O meu pai,” exclamou Eragon. “Não e Morzan, mas sim Brom!”

Roran pestanejou.

“Brom?”

“Sim, Brom!”

Até Arya parecia surpreendida.

“Tem certeza, Eragon? Como sabe?”

“É claro que tenho certeza! Depois explico. Estava ansioso para contar a verdade a vocês.”

Roran abanou a cabeça.

“Brom... Jamais me ocorreria, mas acho que faz sentido. Deve estar satisfeito por ter se livrado do nome de Morzan.”

“Mais do que satisfeito,” comentou Eragon, sorrindo.

Roran deu-lhe uma palmada nas costas e disse:

“Se cuide, ouviu?” e seguiu atrás de Horst e dos outros aldeões.

Arya afastou-se na mesma direção, mas, depois de dar alguns passos, Eragon chamou a e disse: “O Imperfeito Que É Perfeito partiu de Du Weldenvarden e juntou-se a Islanzadí em Gil'ead.” Os olhos verdes de Arya arregalaram-se e os lábios se abriram

como se fosse fazer uma pergunta. Mas antes que a pudesse fazer, a torrente de guerreiros arrastou-a para o interior da cidade.

Blodhgarm aproximou-se de Eragon.

“Porque abandonou O Sábio Pesaroso na floresta?”

“Ele e o seu companheiro acharam que estava na altura de atacar o Império e revelar a sua presença a Galbatorix.”

O pêlo do elfo eriçou-se:

“São de fato notícias importante!”

Eragon voltou a montar Saphira a seguir, disse à Blodhgarm e aos restantes guardas:

“Avancem até a fortaleza. Nos encontraremos lá.”

Sem aguardar pela resposta do elfo, Saphira saltou para as escadas que conduziam ao topo dos muros da cidade. Os degraus rachavam debaixo do seu peso enquanto ela subia até ao amplo baluarte, de onde lançou em vôo sobre as cabanas incendiadas, à saída de Feinster, batendo velozmente as suas asas a fim de ganhar altitude.

“Arya terá de nos dar permissão, antes de falarmos aos outros sobre Oromis e Glaedr,” disse Eragon, lembrando-se do juramento de sigilo, que ele, Orik e Saphira tinham prestado a Rainha Islanzadí durante a sua primeira visita a Ellesmera.

*Tenho a certeza que dará, depois de ouvir a nossa história, acrescentou Saphira.*

*Sim.*

Eragon e Saphira sobrevoaram várias zonas de Feinster, aterrando sempre que avistavam grandes aglomerados de soldados ou quando lhes parecia distinguir elementos dos Varden cercados por tropas. Eragon tentava sempre convencer os grupos inimigos a renderem-se, salvo quando alguém os decidia atacar de imediato. Tantas vezes falhou como foi bem sucedido. De qualquer forma, sentia-se melhor pelo fato de tentar, pois muitos dos homens que se amontoavam nas ruas eram cidadãos comuns de Feinster e não soldados treinados. A todos eles, Eragon dizia:

“O nosso inimigo e o Império e não vocês. Se não erguerem as suas armas contra nós. Não tem qualquer motivo para nos recearem.”

Quando via uma mulher ou uma criança correndo através das ruas da cidade sombria, Eragon ordenava-lhes que se escondessem na casa mais próxima e todas, sem exceção, lhe obedeciam. Eragon examinava as mentes de toda as pessoas em redor de Saphira, procurando mágicos mal intencionados. Todavia não encontrou outros feiticeiros para além dos três que vira e esses tiveram o cuidado de esconder os seus pensamentos dele. O fato de aparentemente não terem voltado às ruas para se reunir à luta, preocupava-o.

*Talvez estejam planejando abandonar a cidade, disse ele a Saphira.*

*Mas será que Galbatorix permitiria partir no meio de uma batalha?*

*Duvido que esteja disposto a perder qualquer um dos seus feiticeiros.*

*Talvez. Ainda assim, é melhor sermos cautelosos. Não sabemos o que eles estão planejando. . .*

Eragon encolheu os ombros:

*Por agora, o melhor que temos a fazer é ajudar os Varden a conquistar Feinster o mais rápido possível.*

Ela concordou e virou em direção a uma escaramuça num largo próximo.

Lutar numa cidade era diferente de lutar em campo aberto, tal como Eragon e Saphira estavam acostumados. As ruas estreitas e os edifícios demasiados próximos atrapalhavam os movimentos de Saphira, dificultando-lhe a reação quando os soldados atacavam, embora Eragon conseguisse sentir os homens se aproximando muito antes de eles aparecerem. Os seus encontros com soldados degeneravam em lutas sombrias e desesperadas, apenas interrompidas, de vez em quando, por uma explosão de fogo ou de magia. Por mais de uma vez Saphira destruiu a fachada de uma casa ao sacudir

acidentalmente a cauda e, embora ela e Eragon conseguissem sempre escapar sem danos permanentes - combinando a sorte e a perícia, com as proteções de Eragon, os ataques estavam deixando-os mais cautelosos e tensos do que habitual no decurso de uma batalha.

A quinta confrontação do gênero deixou Eragon de tal forma enraivecida que, quando os soldados começaram a se retirar, como faziam no final, ele perseguiu-os decidido a matar todos. No entanto, estes surpreenderam Eragon ao abandonarem a rua arrebatando a porta de uma loja de chapéus.

Eragon seguiu-os, saltando por cima dos destroços da porta. O interior da loja estava escuro como breu, cheirava a penas de galinha e a perfume velho. Podia ter iluminado a loja com magia, mas como sabia que os soldados estavam em desvantagem, conteve-se. Eragon sentia as suas mentes próximas e quase conseguia ouvir a sua respiração enraivecida, mas não sabia ao certo o que havia entre ele e eles. Avançou muito devagar para o interior da loja escura, tateando o caminho com os pés, erguendo o escudo à sua frente e Brisingr por cima da cabeça pronto a atacar.

Eragon ouviu um objeto voando pelo ar, emitindo um ruído tênue como uma fibra de tecido a cair no chão.

A seguir, deu um salto para trás e cambaleou ao ser atingido por um bastão ou um martelo no escudo, despedaçando-o. Soaram gritos. Um homem caiu por cima de uma cadeira ou de uma mesa e algo se estilhaçou contra uma parede.

Eragon atacou e sentiu Brisingr a enterrar-se na carne, cravando-se no osso de alguém. Sentiu um peso na ponta da espada, libertou-a e o homem que atingira caiu aos seus pés. Eragon olhou de relance para Saphira que o aguardava na rua estreita, lá fora. Só então reparou que havia uma lanterna num poste, junto da rua e que a luz que refletia o tornava visível aos soldados. Desviou-se rapidamente da entrada aberta e jogou fora os fragmentos do escudo.

Outro estrondo ecoou pela loja e, em seguida, ouviu-se uma confusão de passos, enquanto os soldados fugiam pelos fundos subindo um lance de escadas. Eragon seguiu-os aos tropeções. O segundo andar era a habitação da família a qual pertencia a loja em baixo. Várias pessoas gritaram e um bebé começou a chorar, enquanto Eragon corria através de um labirinto de pequenas salas. Todavia ele estava de tal forma absorto com as suas presas que as ignorou. Por fim encurralou os soldados numa sala de estar atravancada e iluminada pela luz tremula de uma única vela.

Eragon matou os quatro soldados com quatro golpes de espada, recuando ao sentir o sangue deles a salpicá-lo. Recolheu o escudo de um e depois parou para estudar os corpos. Parecia-lhe indelicado deixá-los caídos no meio da sala de estar, por isso atirou-os pela janela mais próxima.

No momento em que ia regressar às escadas, uma figura dobrou a esquina, tentando apunhalá-lo nas costelas com uma adaga. A ponta da adaga parou a milímetros do flanco de Eragon, graças às suas proteções. Assustado, ergueu Brisingr e estava prestes a decapitar o atacante quando percebeu que quem segurava a adaga era um rapaz magro com cerca de treze anos.

Eragon ficou gelado. *Podia ser eu*, pensou ele. *Eu teria feito o mesmo se estivesse no seu lugar*. Olhando para trás do rapaz, viu um homem e uma mulher, de camisa de dormir e barretes de lã, agarrados um ao outro olhando, horrorizados.

Eragon estremeceu. Depois baixou Brisingr e com a mão que tinha livre, tirou a adaga da mão do rapaz, que não ofereceu resistência.

“Se eu fosse você,” disse Eragon, surpreendido com a intensidade da sua voz, “não sairia lá para fora enquanto a batalha não acabasse.” Hesitou e depois disse: “Desculpa.” Constrangido, apressou-se a sair da loja, reunindo-se a Saphira.

Continuaram a descer a rua.

Não muito longe da loja de chapéus, Eragon e Saphira encontraram vários homens do Rei Orrin com castiçais de ouro, pratos e utensílios de prata, jóias e uma série de peças de decoração de uma mansão abastada que eles tinham assaltado.

Eragon arrancou uma pilha de tapetes dos braços de um dos homens.

“Voltem a colocar isto onde estava!” gritou ele a todo o grupo. “Estamos aqui para ajudar estas pessoas e não para roubar. São nossos irmãos, nossos pais e nossas mães. Desta vez, vou deixar vocês irem, mas passem a palavra: se mais alguém fizer pilhagens, eu mando os amarrar e chicotear como bons ladrões que são!” Saphira rugiu para enfatizar as suas palavras e os guerreiros repreendidos devolveram o saque a mansão de mármore, sob o olhar atento de ambos.

*Agora, disse Eragon a Saphira, talvez possamos...*

“Matador de Espectros! Matador de Espectros!” gritou um homem, correndo para eles do interior da cidade. As armas e a armadura identificaram-no como sendo um dos Varden.

Eragon apertou o cabo de Brisingr.

“O que é?”

“Precisamos da tua ajuda, Matador de Espectros, e também da tua, Saphira!”

Seguiram o guerreiro através de Feinster ate chegarem a um grande edifício de pedra. Varias dezenas de Varden estavam sentados, curvados atrás de um muro baixo, em frente ao edifício. Pareceram aliviados ao ver Eragon e Saphira.

“Não se aproximem!” disse um dos soldados, apontando. “Há um grupo de soldados no interior, que tem arcos apontados para nós.”

Eragon e Saphira pararam fora do alcance dos edifícios. O guerreiro que os trouxera disse: “Não conseguimos alcançar. As portas e as janelas estão barricadas e se tentarmos abrir caminho com machados, eles matam-nos.”

Eragon olhou para Saphira.

*Trato eu disso, ou você trata?*

*Eu trato do assunto, disse ela. Levantou vôo, revolvendo o ar ao abrir as asas.*

O edifício estremeceu e as janelas partiram-se, quando Saphira aterrisou no telhado. Assombrados, Eragon e os outros guerreiros viram-na encaixar a ponta das garras nas brechas de argamassa entre as pedras, rugindo com o esforço de desfazer o edifício, desalojando os soldados apavorados. E matou os da mesma forma que um terrier disseminaria um bando de ratos.

Quando Saphira se juntou a Eragon, os Varden afastaram-se dela visivelmente assustados com a sua demonstração de ferocidade. Ela ignorou-os e começou a lambe as patas, limpando o sangue das escamas.

*Alguma vez te disse a satisfação que sinto por não sermos inimigos?* perguntou Eragon. *Não, mas isso é muito carinhoso da tua parte.*

Por toda a cidade, os soldados lutavam com uma tenacidade que impressionou Eragon. Só recuavam quando eram obrigados e tentavam empatar o avanço dos Varden de todas as maneiras possíveis. Devido àquela determinação, os Varden só conseguiram chegar a zona Oeste da cidade onde se localizava a fortaleza, quando a tênue claridade da alvorada se começou a espalhar pelo céu.

A fortaleza era uma imponente estrutura quadrada e alta, adornada com inúmeras torres de diferentes alturas. O telhado era de ardósia, para que os atacantes não pudessem colocar fogo. Em frente à fortaleza havia um grande pátio - com vários anexos baixos e quatro catapultas em linha - e em redor do complexo via se uma grossa muralha com inúmeras e dispersas torres. Havia centenas de soldados nas ameias e outras centenas enchiam o pátio. A única forma de entrar no pátio através do solo seria usando uma

arcada na muralha, que se encontrava fechada com uma porta levadiça de ferro e um par de grossas portas de carvalho.

Milhares de Varden comprimiam se contra as muralhas, tentando arrebentar a porta levadiça, socorrendo-se do aríete que tinham trazido dos portões da cidade, ou subiam a muralha com ganchos de alpinismo e escadas, que os defensores empurravam constantemente. Bandos de flechas sibilantes descreviam arcos sobre os muros, em ambos os sentidos, e nenhuma das partes parecia estar em vantagem.

*O portão!* disse Eragon apontando.

Saphira desceu dos céus e desobstruiu o baluarte, por cima da porta levadiça, com um jato de fogo ondulante, exalando uma nuvem de fumaça pelas narinas. Depois desceu sobre o muro, fazendo Eragon estremecer com o impacto e disse:

*Vai. Vou tratar das catapultas antes que comecem a atirar pedras aos Varden.*

*Tenha cuidado,* e desmontou sobre o baluarte.

*Eles é que tem que ter cuidado!* respondeu ela, arreganhando os dentes aos lanceiros reunidos em torno das catapultas. Metade dos homens deram meia volta e fugiram para o interior da fortaleza. O muro era alto demais para Eragon conseguir saltar para a rua. Deste modo, Saphira pendurou a cauda na muralha, encaixando-a entre duas ameias. Eragon embainhou Brisingr e desceu, utilizando os espigões da cauda como degraus de uma escada. Logo que chegou a ponta da cauda, saltou os últimos seis metros. Deu uma cambalhota para atenuar o impacto, aterrando no meio da massa compacta de Varden.

“Saudações, Matador de Espectros,” disse Blodhgarm, emergindo da multidão com os outros onze Elfos.

“Saudações.” Eragon voltou a desembainhar Brisingr. “Porque não abriram ainda o portão aos Varden?”

“O portão está protegido contra muitos feitiços, Matador de Espectros. Seria necessário muita energia para o despedaçar. Eu e os meus companheiros estamos aqui para proteger a ti e a Saphira, mas não poderemos cumprir o nosso dever se esgotarmos a nossa energia noutras tarefas.”

Praguejando em voz baixa Eragon disse:

“Preferes que eu e Saphira nos esgotemos, Blodhgarm? Ficaremos mais seguros então?”

O elfo fitou por instantes Eragon, com os olhos amarelos insondáveis, curvando ligeiramente a cabeça:

“Abriremos o portão imediatamente, Matador de Espectros.”

“Não, não abram,” rugiu Eragon. “Esperem aqui!”

Eragon abriu caminho pela dianteira dos Varden e avançou em direção a porta levadiça.

“Me dêem espaço!” gritou ele, gesticulando para os guerreiros. Os Varden recuaram, abrindo uma área com cerca de seis metros de largura. Uma lança disparada de uma balista embateu nas suas proteções, tendo sido projetada as cambalhotas para uma rua lateral. Saphira rugiu no interior do pátio e ouviu se o ruído de madeira a partir e de cordas tensas a rebentarem.

Agarrando na espada com ambas as mãos, Eragon ergueu a sobre a cabeça e gritou:

“Brisingr!” a lamina irrompeu em chamas azuis, ouvindo se os guerreiros atrás dele deixarem escapar exclamações de espanto. Eragon avançou e golpeou uma das barras da porta levadiça. Um clarão ofuscante iluminou a muralha e os edifícios em redor enquanto a espada cortava a grossa barra de metal. Ao mesmo tempo, Eragon sentiu a sua fadiga a aumentar, à medida que Brisingr cortava os feitiço, os que protegiam a porta levadiça. Sorriu. Tal como esperava, os contra feitiços com que Rhunon imbutiu em Brisingr eram mais que suficientes para quebrar os encantamentos.

Ao executar tudo com rapidez, mas a um ritmo regular, Eragon abriu um buraco tão grande quanto possível na porta levadiça. Em seguida, desviou se enquanto o pedaço



solto da grade caía sobre as pedras da rua, provocando um ruído dissonante. Depois, passou através da grade e avançou para as portas de carvalho mais recuadas, no interior da muralha. Alinhou Brisingr com a finíssima fresta entre as duas portas, concentrou todo o seu peso atrás da espada e empurrou a lamina ao longo do intervalo entre as portas, atravessando-as ate ao outro lado. Aumentou o fluxo de energia para o fogo que ardia em torno da espada, ate este ficar suficientemente quente para queimar a pesada madeira tão facilmente como uma faca cortando um pão fresco. Espessas camadas de fumaça ondulavam em torno da lamina, irritando lhe a garganta e fazendo lhe arder os olhos.

Eragon empurrou a espada para cima, queimando a imensa trave de madeira que barrava as portas no interior, logo que sentiu a resistência contra a lamina de Brisingr diminuir, retirou a espada e extinguiu as chamas. Usava luvas grossas por isso não hesitou em agarrar o rebordo incandescente de uma das portas, abrindo a com um gesto poderoso. A outra abriu igualmente para fora, aparentemente movida por vontade própria. Momentos depois, Eragon percebeu que tinha sido Saphira empurrando-a: permanecia sentada do lado direito da entrada observando-o com os seus olhos cintilantes cor-de-safira. Atrás dela jaziam os despojos das quatro catapultas.

Eragon aproximou-se de Saphira enquanto os Varden entravam em enxurrada para o pátio, enchendo o ar com clamorosos gritos de guerra. Exausto, Eragon colocou a mão sobre o cinturão de Beloth, o Sábio, e renovou as suas forças com a energia armazenada nos doze diamantes escondidos dentro do cinturão. Ofereceu o resto da energia a Saphira que se sentia igualmente cansada, mas esta declinou a, dizendo.

*Guarda a para ti, pois já não tem muita. O que eu preciso realmente é de uma boa refeição e de uma boa noite de sono.*

Eragon encostou-se a ela semicerrando os olhos:

*Em breve,* respondeu ele. *Em breve, tudo isso terá terminado.*

*Espero que sim,* acrescentou ela.

Entre os guerreiros que invadiam o espaço incessantemente vinha Ângela, vestida com a sua estranha armadura verde e preta, com nervuras, e empunhando o seu bastão de lamina dupla dos sacerdotes Anões. A herbolária deteve-se junto de Eragon e disse, com uma expressão travessa:

“Uma exibição impressionante! Não acha que exagerou um pouco?”

“O que quer dizer com isso?” perguntou Eragon, franzindo a sobancelha.

Ela arqueou a sobancelha:

“Ta bom, acha mesmo que era necessário atear fogo a espada?”

A expressão de Eragon aligeirou-se quando percebeu a sua objeção e deu uma gargalhada.

“Não que a porta levadiça o merecesse, mas gostei. Além disso, não posso evitar. Chamei a espada Fogo na língua antiga e, cada vez que digo a palavra, a lamina incendeia-se como uma tora de madeira seca numa fogueira.”

“Chamou a tua espada Fogo?” exclamou Ângela, num tom ligeiramente incrédulo. “Fogo? Mas que raio de nome enfadonho é esse? Mais útil seria se a chamasse de Lamina Flamejante e pronto. Agora Fogo? Realmente... Hum. Não prefere ter uma espada chamada Trituradora de Ovelhas, ou Cutelo de Crisântemos, ou algo mais criativo?”

“Já tenho uma Trituradora de Ovelhas aqui ao meu lado,” replicou Eragon, colocando a mão sobre Saphira. “Para que quero outra?”

O rosto de Ângela abriu-se num largo sorriso. “Afinal não é totalmente desprovido de humor! Ainda há esperança para ti.” Dito isto, saltitou em direção a fortaleza girando o bastão de lamina dupla junto de si e resmungando.

“Fogo? Bah!”

Saphira rugiu suavemente e resmungou:

*Cuidadinho com quem chama de Trituradora de Ovelhas, Eragon... Ou ainda trituro você.*

*Sim, Saphira.*



## A SOMBRA DA RUÍNA

A essa altura, Blodhgarm e os seus companheiros tinham se reunido a Eragon e a Saphira no pátio, no entanto Eragon ignorou-os e foi a procura de Arya. Quando a viu correndo ao lado de Jormundur e do seu cavalo, Eragon saudou-a brandindo o escudo para chamar a sua atenção.

Arya correspondeu e avançou velozmente na sua direção, com o trote gracioso de uma gazela. Desde que se separara dela, Arya arranjava um escudo, um elmo completo e uma armadura de escamas. O metal da armadura brilhava no lusco-fusco acinzentado que atravessava a cidade. Logo que ela parou, Eragon disse: “Saphira e eu vamos entrar na fortaleza por cima e tentar capturar Lady Lorana. Quer nos acompanhar?”

Arya concordou com um inequívoco aceno de cabeça.

Saltando do chão para cima de uma das patas dianteiras de Saphira, Eragon montou a sela. Arya seguiu seus passos e, instantes depois, estava sentada atrás dele. Tão perto, que sentia os anéis da sua armadura de escamas nas costas.

Saphira abriu as asas aveludadas e levantou vôo, deixando Blodhgarm e os outros elfos olhando com uma expressão de frustração.

“Não devia abandonar os seus guardas tão levemente” murmurou Arya ao ouvido esquerdo de Eragon. Colocou o braço da espada em torno da cintura dele e agarrou se firmemente enquanto Saphira descrevia círculos sobre o pátio.

Antes que Eragon pudesse responder, sentiu o toque da vasta mente de Glaedr. Por instantes, a cidade lá em baixo desapareceu e ele viu e sentiu unicamente através de Glaedr.

Minúsculas flechas ricocheteavam-lhe a barriga, como picadas de vespa, ao subir sobre as cavernas de madeira dispersas pertencente aos duas-pernas de orelhas redondas. O ar debaixo das suas asas era suave e firme, perfeito para o vôo que teria que fazer. Sobre o seu dorso, a sela roçava-lhe nas escamas sempre que Oromis mudava de posição.

Glaedr pôs a língua de fora e provou o sedutor aroma da madeira queimando, carne cozinhando e sangue derramado. Estivera naquele local muitas vezes. Na sua juventude era conhecido por outro nome, que não Gil'ead. Nessa altura os seus únicos habitantes eram os Elfos de riso sombrio e língua afiada, assim como os amigos dos Elfos. Embora todas as visitas fossem agradáveis, era doloroso para ele recordar os dois companheiros de ninho que ali tinham morrido as mãos dos tortuosos Renegados.

O sol preguiçoso, de um só olho flutuava sobre o horizonte. Ao norte, a grande água Isentar era como uma folha ondulada de prata polida. Lá em baixo, o rebanho dos orelhas-pontudas, comandados por Islanzadí, ordenava-se em torno da devoluta cidade formigueiro e as suas armaduras brilhavam como gelo esmagado. Uma mortalha de fogo azul cobria toda a área, espesso como a nevoa gelada da manha.

Ao sul, o pequeno Thorn das garras furiosas voava em direção a Gil'ead, rugindo em tom de desafio para todos os que quisessem ouvir. Murtagh, filho de Morzan, vinha sentado no seu dorso e na sua mão direita cintilava Zar'roc, mais brilhante que uma garra.

Glaedr encheu-se de magoa ao contemplar os dois miseráveis filhotes. Desejou que ele e Oromis não tivessem que os matar. *A história se repete*, pensou ele, *dragão contra dragão, Cavaleiro contra Cavaleiro, tudo por causa daquele Galbatorix, destruidor de ovos*. Melancólico, Glaedr bateu mais depressa as asas e esticou as garras, preparando se para despedaçar os inimigos que se aproximavam.

A cabeça de Eragon oscilou violentamente sobre o pescoço quando Saphira se inclinou lateralmente, descendo alguns metros antes de recuperar o equilíbrio.

*Também viu aquilo?* perguntou ela.

Vi. Preocupado, Eragon olhou para os alforges, onde tinha escondido o coração dos corações de Glaedr, perguntando-se se ele e Saphira deveriam ajudar Oromis e Glaedr. Mas depois, se tranqüilizou ao pensar que havia imensos feiticeiros entre os Elfos. Certamente, não faltaria apoio aos seus professores.

“O que está pensando?” perguntou Arya, falando em voz alta no ouvido de Eragon.

*Oromis e Glaedr estão prestes a confrontar Thorn e Murtagh*, informou Saphira.

Eragon sentiu Arya endurecer os músculos contra ele.

“Como sabem?” perguntou ela.

“Explico mais tarde. Só espero que não fiquem feridos.”

“Eu também,” disse Arya.

Saphira voou a grande altitude sobre a fortaleza, planando depois em sentido descendente, de asas silenciosas, e aterrissando sobre a torre mais alta. Quando Eragon e Arya desceram para o telhado íngreme, Saphira disse:

*Encontraremos-nos no salão de baixo. A janela aqui é pequena demais para mim.* E levantou vôo. As rajadas de vento das suas asas fustigaram-lhes o rosto. Eragon e Arya baixaram-se sobre a borda do telhado, saltando para uma estreita saliência de pedra dois metros e meio abaixo. Ignorando a queda induzida pela vertigem que o esperava se escorregasse, Eragon caminhou lentamente através da saliência até uma janela em forma de cruz, de onde pulou para o interior de uma grande sala quadrada, ladeada de feixes de flechas e estantes com pesados arcos. Se alguém estivera na sala no momento em que Saphira aterrissara, já tinha corrido.

Arya desceu pela janela depois de Eragon. Inspeccionou a sala e, em seguida, apontou para as escadas no canto oposto, caminhando naquela direção. As suas botas de couro não faziam qualquer ruído sobre o chão de pedra.

Enquanto Eragon a acompanhava, sentiu uma estranha confluência de energias por baixo deles e a presença das mentes de cinco pessoas, cujos pensamentos lhe eram vedados. Receando um ataque mental, Eragon fechou-se em si e concentrou-se no fragmento de uma poesia dos Elfos. Entretanto tocou no ombro de Arya e perguntou-lhe:

“Está sentindo aquilo?”

Ela acenou com a cabeça.

“Devíamos ter trazido Blodhgarm conosco.”

Desceram as escadas juntos, o mais silenciosamente possível. A sala seguinte da torre era muito maior que a última: o teto ficava a mais de nove metros de altura e havia uma lanterna pendurada com painéis de vidro facetado. Dentro dela brilhava uma chama amarelada. As paredes estavam cobertas de centenas de quadros a óleo: retratos de homens com barba e roupas ornamentadas; mulheres inexpressivas sentadas no meio de crianças de dentes aguçados e lisos; imagens sombrias de oceanos varridos pelo vento, retratando cenas de marinheiros se afogando; e episódios de batalhas, mostrando Humanos chacinando bandos de grotescos Urgals. Uma fila de portas de madeira, ao longo da parede oeste, abria-se para uma varanda com uma balaustrada de pedra. Do lado oposto da janela, junto à parede, havia uma série de pequenas mesas redondas, cheias de pergaminhos, três cadeiras estofadas e dois vasos enormes cheios de ramos de flores secas. Uma mulher robusta, de cabelo grisalho com um vestido cor-de-lavanda, permanecia sentada numa das cadeiras. Apresentava traços muito semelhantes a alguns dos homens dos quadros. Na cabeça tinha um diadema de prata adornado com jade e topázio.

Ao centro da sala estavam os três mágicos que Eragon vira na cidade. Os dois homens e a mulher mantinham-se virados uns para os outros, com o capuz dos mantos puxado para trás e os braços esticados para ambos os lados, de forma a que as pontas dos seus dedos se tocassem. Balançavam-se juntos, murmurando um feitiço desconhecido na língua antiga. Uma quarta personagem estava sentada no centro do triângulo que eles formavam: um homem vestido de forma idêntica, mas que nada dizia e contorcia o rosto como se estivesse em sofrimento.

Eragon projetou-se para a mente de um dos feiticeiros, mas o indivíduo estava de tal forma concentrado na sua tarefa que Eragon não conseguiu penetrar na sua consciência, mostrando-se incapaz de submetê-lo aos seus desejos. O homem pareceu nem sequer perceber o ataque. Arya deveria ter tentado o mesmo, pois franziu a sobrancelha e murmurou:

“Estão bem treinados.”

“Sabe o que eles estão fazendo?” murmurou ele.

Ela abanou a cabeça.

Depois, a mulher do vestido cor-de-lavanda olhou e viu Eragon e Arya agachados nas escadas de pedra. Para surpresa de Eragon, em vez de pedir ajuda, levou um dedo aos lábios e fez lhes sinal para avançarem.

Eragon trocou um olhar perplexo com Arya.

“Pode ser uma armadilha,” sussurrou ele.

“Tenho quase certeza de que é,” disse ela.

“O que fazemos?”

“Saphira deve estar chegando.”

“Sim.”

“Então vamos saudar a nossa anfitriã.”

Caminhando em sintonia, desceram os restantes degraus e deslizaram para a sala, sem nunca tirarem os olhos dos mágicos absortos.

“Você é lady Lorana?” perguntou Arya num tom suave, logo que pararam diante da mulher sentada.

Ela inclinou a cabeça.

“Sou sim, bela elfo,” respondeu olhando depois para Eragon e disse: “Você é o Cavaleiro de Dragão de quem tanto ouço falar ultimamente? É Eragon, Matador de Espectros?”

“Sou,” confirmou Eragon.

Uma expressão de alívio manifestou-se no rosto distinto da mulher.

Estava esperando que viesse. “Tem que os deter, Matador de Espectros”, e apontou para os mágicos.

“Porque não ordenas que se rendam?” murmurou Eragon.

“Não posso,” afirmou Lorana. “Obedecem apenas ao rei e ao seu novo Cavaleiro. Eu prestei juramento a Galbatorix - não tive alternativa -, por isso não posso erguer um único dedo contra ele ou os seus servos, caso contrário, já teria me encarregado da sua destruição.”

“Por que?” perguntou Arya. “O que teme tanto?”

A pele em torno dos olhos de Lorana enrugou-se.

“Eles sabem que não podem repelir os Varden nestas circunstâncias e Galbatorix não mandou reforços para nos ajudar. Por isso estão tentando – embora não saiba bem como - criar um Espectro, na esperança que o monstro se vire contra os Varden e espalhe a magoa e a confusão em suas tropas.”

O pavor invadiu Eragon, que não imaginava ter que enfrentar um outro Durza.

“Mas um Espectro tanto pode se virar contra os Varden como contra eles e toda a gente em Feinster.”

Lorana assentiu.

“Eles não se importam. A única coisa que interessa é causar tanta dor e destruição quanto seja possível, antes de morrerem. São loucos, Matador de Espectros. Por favor, detenha-os para bem do meu povo.”

Ao terminar de falar, Saphira aterrou na varanda, do lado de fora da sala, rachando a balaustrada com a cauda. Com um único golpe da pata, atirou com as portas, rebentou com os caixilhos como se fossem lenha seca, enfiou a cabeça e os ombros na sala e rugiu.

Os mágicos continuaram entoando cânticos, aparentemente alheios a sua presença.

“Oh meu Deus!” disse Lorana, agarrando-se aos braços da cadeira.

“Muito bem,” afirmou Eragon, erguendo Brisingr e avançando em direção aos mágicos, tal como Saphira do lado oposto.

Mas o mundo girou em torno de Eragon e ele mais uma vez viu através dos olhos de Glaedr:

Vermelho e negro. Clarões palpitantes amarelos. Dor... Dores atrozes no ventre e na espádua da sua asa esquerda. Dor como já não sentia há mais de um século e, logo a seguir, alívio logo que Oromis, o companheiro da sua vida, lhe curou as feridas.

Glaedr recuperou o equilíbrio e procurou Thorn. O pequeno dragão-picanço vermelho era mais forte e mais rápido que Glaedr imaginara, devido a interferência de Galbatorix. Thorn embateu contra o flanco esquerdo de Glaedr, o seu lado mais frágil, no qual perdera a pata dianteira. Giraram em torno um do outro, mergulhando em direção ao solo plano e rígido quebra-asas. Glaedr atacou, rasgou e arranhou com as patas traseiras, tentando atacar o dragão mais pequeno e força-lo a submeter-se.

*Não deixarei que me derrote, jovem, prometeu a si mesmo. Antes de você nascer, já era velho.*

Garras brancas e afiadas como adagas arranharam Glaedr ao longo das costelas e do ventre. Glaedr flectiu a cauda e atingiu Thorn dos longos caninos arreganhados numa pata, espetando-lhe um dos espinhos da cauda numa coxa. Há muito que a luta esgotara os escudos invisíveis de ambos contra os feitiços, deixando-os vulneráveis a qualquer ferimento.

Quando o solo, em alta rotação, estava apenas a uma centena de metros, Glaedr inspirou, lançou a cabeça para trás, esticou o pescoço, contraiu o ventre e expeliu um denso líquido de fogo do fundo das suas entranhas. Ao entrar em contacto com o ar o líquido inflamou-se e Glaedr abriu as mandíbulas em toda a sua amplitude, pulverizando o dragão com fogo e envolvendo-o num casulo de chamas furiosas. A absorvente e debilitante torrente de chamas fazia-lhe cócegas no interior da boca. Em seguida bloqueou a garganta, extinguindo o jato de fogo, enquanto ele e o dragão das garras atrevidas - que agora se contorcia e guinchava - se afastavam um do outro. A seguir Glaedr ouviu Oromis dizer no seu dorso:

*Estão ficando sem forças, vê-se pela forma como se comportam. Mais alguns ataques e Murtagh perde a concentração e eu conseguirei assumir o controlo dos seus pensamentos. De contrario, mataremos eles a força de espada e garras.*

Glaedr rugiu afirmativamente, frustrado pelo fato de nem ele nem Oromis se atreverem a comunicar mentalmente um com outro, como era hábito.

Subindo no vento quente da terra lavrada, virou-se em direção a Thorn, cujos membros escorriam sangue cor-de-rubi, rugindo e preparando-se para lutar mais uma vez.

Eragon olhou para o teto, desorientado. Estava deitado de costas na torre da fortaleza. Arya ajoelhara-se junto dele, com o rosto marcado pela preocupação. Agarrando-o por

um braço, ajudou-o a levantar-se, segurando-o aio vê-lo cambalear. Do outro lado da sala, Eragon viu Saphira abanar a cabeça, sentindo nela a mesma confusão.

Os três mágicos continuavam de braços esticados, balançando-se e entoando os cânticos na língua antiga. As palavras do feitiço soavam com uma intensidade invulgar e mantinham-se suspensas no ar, quando normalmente já deveriam ter se diluído. O homem sentado a seus pés estava agarrado aos joelhos e todo o seu corpo tremia ao mesmo tempo em que abanava cabeça de um lado para outro.

“O que aconteceu,” perguntou Arya num tom baixo e tenso. Depois puxou Eragon para junto de si e perguntou num tom ainda mais baixo. “Como pode saber o que Glaedr estava pensando a uma distancia tão grande, se ele tinha a mente fechada ate para Oromis? Perdoa-me por tocar na sua mente sem a sua permissão, Eragon, mas estava preocupada com o seu bem-estar. Que tipo de vinculo partilham você e Saphira com Glaedr?”

“Mais tarde,” disse ele, endireitando os ombros.

“Oromis te deu algum amuleto ou alguma bugiganga que permita se comunicar com Glaedr?”

“Demoraria muito tempo a explicar. Mais tarde te conto, prometo.”

Arya hesitou. Depois, acenou com a cabeça e ameaçou:

“Vou te obrigar a cumprir essa promessa.”

Eragon, Saphira e Arya avançaram em direção aos mágicos e cada um atacou o seu alvo. Um tinido metálico encheu o ar e Brisingr desviou-se, antes de atingir o alvo pretendido, torcendo o ombro de Eragon. A espada de Arya também ricocheteou numa proteção, tal como a pata dianteira direita de Saphira. As suas garras chiaram no chão de pedra.

“Concentrem se neste!” gritou Eragon, apontando para o feiticeiro mais alto, um homem pálido e de barba hirsuta. “Depressa, antes que eles consigam invocar algum espírito!” Eragon e Arya poderiam ter tentado iludir ou neutralizar as proteções dos feiticeiros, com feitiços próprios, mas usar magia contra outro mágico seria sempre uma opção arriscada, a não ser que se tivesse a mente do mágico sob controle. Nem Eragon nem Arya estavam dispostos a correr o risco de serem mortos por uma proteção sobre a qual nada sabiam.

Atacando-o a vez, Eragon, Saphira e Arya tentaram golpear, trespassar e bater no feiticeiro de barba, durante quase um minuto, mas nenhum dos golpes o atingiu. Por fim, apos uma ligeira sensação de resistência, Eragon sentiu algo a ceder sob Brisingr e a espada seguiu o seu curso, decapitando o feiticeiro. O ar em frente de Eragon cintilou e ele sentiu uma súbita quebra de energia, enquanto as suas proteções o defendiam de um feitiço desconhecido. Segundos depois, o ataque cessou, deixando-o tonto e desorientado. Sentindo o estomago fazendo ruídos, ele fez uma careta e reforçou a sua energia, recorrendo ao cinturão de Beloth, o Sábio.

A única reação visível dos dois outros mágicos a morte do companheiro foi o fato de aumentarem a velocidade da invocação. Exibiam espuma amarela encrostada nos cantos da boca, a saliva projetava-se dos lábios e estavam de olhos arregalados. No entanto, continuaram a não fazer qualquer tentativa para atacar ou fugir.

Aproximando-se do feiticeiro seguinte - um homem corpulento com anéis nos polegares - Eragon, Saphira e Arya agiram da mesma forma: atacaram alternadamente ate esgotarem as sua proteções. Foi Saphira que matou o homem, projetando-o pelo ar com um golpe de uma das suas garras. O segundo feiticeiro embateu num dos lados da escadaria e fraturou o crânio na aresta de um degrau. Desta vez não houve qualquer retaliação mágica.

Quando Eragon avançou em direção a feiticeira, um cacho de luzes multicolor invadiu a sala através das portadas partidas, convergindo sobre o homem sentado no chão. Os espíritos cintilantes refulgiram com uma virulência furiosa, girando em torno do homem e formando uma parede impenetrável. Ele ergueu os braços como se estivesse tentando proteger-se e gritou. O ar zunia e estalava com a energia que irradiava das esferas cintilantes. Eragon sentiu um sabor amargo e metálico na boca e um formigueiro na pele. O cabelo da feiticeira ficara totalmente eriçado. Do lado oposto, Saphira bufou e arqueou o dorso, com todos os músculos do corpo em tensão.

Eragon sentiu o medo disparar dentro de si, *Não*, pensou ele, nauseado. *Agora não. Depois de tudo o que passamos, não!* Estava mais forte do que quando enfrentara Durza em Tronjheim, mas também tinha mais consciência do perigo que um Espectro representava. Apenas três guerreiros tinham sobrevivido a um confronto com um Espectro: Laetrì, o Elfo; Irnstad, o Cavaleiro; e ele. Além disso Eragon não sabia até que ponto conseguiria repetir a proeza.

“Blodhgarm, onde você está?” gritou Eragon com a sua mente. “Precisamos da sua ajuda!”

Depois, tudo em redor de Eragon desapareceu e quando ele voltou a contemplar:

Brancura. Brancura vazia. Glaedr sentiu a água do céu fria, suave e reconfortante, afagar-lhe os membros depois do calor sufocante da batalha. Lambeu o ar, abençoando a fina película de umidade que se acumulara na boca seca e pegajosa.

Bateu as asas mais uma vez e a água do céu abriu-se a sua frente, revelando o deslumbrante sol abrasa dorsos e a nevoenta terra verde acastanhada. *Onde esta ele?* pensou Glaedr, balançando o pescoço a procura de Thorn. O pequeno dragão-picanço vermelho sobrevoava Gil’ead a grande altitude, mais alto do que qualquer ave poderia voar, onde o ar era rarefeito e o hálito se tornava uma nuvem de vapor.

“Glaedr, atrás de nós!” gritou Oromis.

Glaedr torceu-se, mas foi demasiado lento e o dragão vermelho embateu contra o seu ombro direito, fazendo-o dar uma cambalhota. Arreganhando os dentes, Glaedr envolveu o corpo do feroz filhote amigo das dentadas e das patadas, na sua única pata dianteira, tentando esmagá-lo até a morte. O dragão vermelho gritou, libertando metade do corpo do abraço de Glaedr e cravando as garras no seu peito. Glaedr arqueou o pescoço, enterrando os dentes na pata traseira esquerda de Thorn e segurando-o, embora o dragão vermelho se contorcesse e esperneasse como um gato selvagem aprisionado. Sangue salgado e quente enchia a boca de Glaedr.

Enquanto mergulhavam no ar, Glaedr distinguiu ruído de espadas baterem em escudos, enquanto Oromis e Murtagh trocavam uma série de golpes. Thorn teve uma convulsão e Glaedr viu de relance Murtagh, filho de Morzan. O Humano parecia assustado, mas não tinha a certeza. Mesmo depois de tanto tempo ligado a Oromis, ainda sentia dificuldade em decifrar as expressões das duas pernas sem chifres, devido ao seu rosto macio e achatado, bem como a ausência de cauda.

O retinir de metal cessou e Murtagh gritou.

“Maldito, seja por não ter se mostrado mais cedo! Maldito! Podia ter nos ajudado! Podia ter...” por instantes, Murtagh parecia sufocar na sua própria língua.

Glaedr rosnou ao sentir uma força invisível aparar-lhe abruptamente a queda, quase ao ponto de largar a pata de Thorn, elevando os quatro no céu, cada vez mais alto, até a devoluta cidade formigueira se assemelhar apenas a uma mancha. Glaedr sentia dificuldade em respirar naquele ar rarefeito.

*O que jovem está fazendo?* pensou Glaedr, preocupado. *Estará tentando se matar?*



Depois Murtagh voltou a falar e, desta vez, a sua voz parecia mais intensa e profunda, ecoando como numa sala vazia. Glaedr sentiu as escamas dos ombros eriçarem-se ao reconhecer a voz do seu ancestral inimigo:

“Afinal sobreviveram, Oromis e Glaedr,” disse Galbatorix. Enrolava as palavras num tom suave, tal como um orador experiente, e o tom da sua voz era enganadoramente amigável. “Ha muito que desconfiava que os Elfos escondiam um dragão ou um Cavaleiro de mim. É gratificante ver confirmadas as minhas suspeitas.”

“Vai te embora traidor imundo!” gritou Oromis. “Não te daremos qualquer satisfação.” Galbatorix riu.

“Mas que saudação mais hostil. Que vergonha, Oromis-elda! Será que os Elfos, ao longo do ultimo século, esqueceram a sua lendária cortesia?”

“Nao merece mais cortesia que um lobo raivoso!”

“Então, então, Oromis! Lembra-se do que me disse quando estava diante de ti dos outros Elfos? A raiva é um veneno. É preciso expurga-la da mente, senão corromperá tudo quanto há de melhor na nossa natureza. Deverias prestar mais atenção ao seu próprio conselho.”

“Não me confunde com a tua língua de cobra, Galbatorix. Você é uma abominação e nós trataremos de te eliminar, nem que nos custe as vidas.”

“Mas porque tem de ser assim, Oromis? Porque se virar contra mim? Me entristece que tenha permitido que o teu ódio corrompesse o teu bom-senso. Em tempos foste sensato, Oromis, talvez membro mais sensato de toda a nossa ordem. Foi o primeiro reconhecer que a loucura me consumia a alma e foi você que convenceu os outros Anciãos a recusar o meu pedido de outro ovo de dragão. Isso foi muito sensato da tua parte, Oromis. Inútil, mas sensato. A seguir conseguiu escapar de Kialandi e Formora, mesmo depois que eles te destruíram e se esconder até que todos os teus inimigos estivessem mortos, a exceção de um. Isso também foi muito sensato da sua parte, Elfo.”

Galbatorix fez uma breve pausa no discurso.

“Não precisa continuar a me combater. Admito, francamente, que cometi crimes terríveis na minha juventude, mas esses dias há muito se foram. Atormenta-me a consciência pensar no sangue que derramei. Mas o que quer que eu faça? Não posso desfazer as minhas ações. Agora, a minha maior preocupação e assegurar a paz e a prosperidade do Império, do qual sou Dono e Senhor. Não vê que perdi a minha sede de vingança? A raiva que me comandou durante tantos anos esta reduzida a cinzas. Pergunta a si mesmo, Oromis: quem são os responsáveis pela guerra que alastrou por toda Alagaesia? Eu não sou. Foram os Vaden que provocaram este conflito. Eu me daria por satisfeito se governasse o meu povo, deixando os Elfos, os Anões e os Surdan entregues aos seus próprios mecanismos. Mas para os Varden isso não era suficiente. Foram eles que decidiram roubar o ovo de Saphira e sao eles que cobrem a terra com montanhas de corpos, nao eu. Em outros tempos eras sensato e ainda poderá ser. Renuncia ao teu ódio e junte-se a mim em Ilirea. Contigo a meu lado, poderemos por fim a esse conflito e marcar o inicio de uma era de paz que durará por um milênio ou mais.”

Glaedr não estava convencido. Cerrou as poderosas e penetrantes mandíbulas, fazendo Thorn gemer de dor. O ruído de dor parecia incrivelmente alto comparativamente ao tom do discurso de Galbatorix.

Numa voz clara e sonora, Oromis disse:

“Não, não é com mentiras adocicadas que nos faz esquecer as tuas atrocidades. Liberten-nos! Não tem forças para nos manter aqui por muito mais tempo e eu recuso-me a alimentar essa conversa inútil com um traidor como você!”

“Bah! Es um velho estúpido e senil!” retorquiu Galbatorix e o tom da sua voz tornou-se áspero e colérico. “Devias ter aceitado a minha oferta. Seria o primeiro e o mais importante dos meus escravos. Farei você lamentar a sua insensata devoção a sua famigerada justiça. E está enganado. Posso te manter aqui o tempo que eu quiser, pois tornei-me tao poderoso como um deus e ninguém poderá me deter!”

“Não vencerá,” contrapôs Oromis. “Nem mesmo os deuses podem viver para sempre.”

Em resposta, Galbatorix proferiu uma maldição imunda:

“A tua filosofia não me constrange, Elfo! Sou o mais poderoso dos mágicos e, em breve, serei ainda mais poderoso. A morte não me levará. Você, porem, morrerá. Mas antes vai sofrer. Ambos sofrerão para além do imaginável e, a seguir, vou te matar Oromis e levarei o teu coração dos corações, Glaedr, e você me servirá ate ao final dos tempos.”

“Nunca,” exclamou Oromis.

E Glaedr voltou ouvir o retinir das espadas nas armaduras.

Glaedr excluiu Oromis da sua mente no decurso da luta, mas a sua ligação era mais profunda que o pensamento consciente. Por isso ele sentiu quando Oromis se encolheu, incapacitado pela dor avassaladora da sua praga de nervos e de ossos. Alarmado, Glaedr largou a pata de Thorn e tentou escoicear o dragão vermelho. Thorn uivou com o impacto, mas permaneceu no mesmo lugar. O feitiço de Galbatorix mantinha-os presos, incapazes de se moverem mais do que alguns metros em qualquer direção.

Ouviu se outro ruído metálico em cima e Glaedr viu Nealing cair. A espada dourada brilhava, rodopiando em direção ao chão. Pela primeira vez, a garra fria do medo tomou conta de Glaedr. A maior parte da força e do conhecimento de Oromis encontravam-se armazenados na espada e as suas proteções estavam nela. Sem elas ficaria indefeso. Glaedr lançou-se contra as fronteiras do feitiço de Galbatorix, lutando com todas as suas forças para se libertar; mas, apesar dos seus esforços não conseguiu escapar. E, no preciso instante em que Oromis começava a recuperar, Glaedr sentiu Zar'roc golpeá-lo ombro ate a anca.

Glaedr uivou.

Glaedr uivou da mesma forma que Oromis uivara quando ele perdera a sua pata. Uma força inexorável acumulou-se nas entranhas de Glaedr e sem parar para pensar se seria possível, repeliu Thorn e Murtagh com uma explosão de magia, projetando-os para longe como folhas varridas pelo vento. A seguir, encolhendo as asas junto ao corpo, mergulhou em direção a Gil'ead. Se chegasse a tempo, Islanzadí e os seus feiticeiros conseguiriam salvar Oromis.

Mas a cidade estava longe demais e a consciência de Oromis, estava falhando... se diluindo... desaparecendo...

Glaedr transferiu a sua própria energia para o corpo destruído de Oromis, tentando manter ele vivo ate atingirem o solo. Mas por muita energia que lhe desse, não conseguia parar a hemorragia, aquela terrível hemorragia.

*Glaedr... Me liberte*, murmurou Oromis com a sua mente.

Um momento depois, num tom de voz ainda mais débil, suspirou:

“Não chore a minha morte.”

E a seguir, o companheiro da vida de Glaedr passou para vazio.

Foi-se.

Foi-se!

FOI-SE!

Escuridão. Vazio.

Estava sozinho.

Uma névoa carmesim descia sobre o mundo, palpitando em sintonia com o seu pulso. Abriu as asas e subiu, em busca de Thorn e do seu Cavaleiro. Não os deixaria escapar. Iria apanhá-los, despedaçá-los e queimá-los até os erradicar do mundo.

Glaedr viu o dragão-picanço vermelho mergulhar na sua direção, rugiu de magoa e redobrou a velocidade. O dragão vermelho desviou-se no último instante, tentando flanqueá-lo. Mas não foi suficientemente rápido para escapar a Glaedr, que o atacou, partindo e mordendo o último metro da cauda do dragão vermelho. Uma fonte de sangue esguichou do coto. Gritando em agonia, o dragão vermelho zigue-zagueou para longe, passando velozmente por detrás de Glaedr, que se virou para ficar de frente para ele. Mas o dragão era demasiado rápido, demasiado ágil. Glaedr sentiu uma dor aguda na base do crânio, a sua visão tremeluziu e apagou-se.

Onde estava ele?

Estava sozinho.

Sozinho na escuridão.

Estava sozinho na escuridão e não podia mexer-se nem ver.

Conseguia sentir a mente de criaturas próximas. Só que não eram as mentes de Thorn ou Murtagh, mas de Arya, Eragon e Saphira.

Depois Glaedr percebeu onde estava e foi então que o verdadeiro horror da situação se abateu sobre si. Uivou na escuridão. Uivou, uivou e abandonou-se a sua agonia, sem querer saber o que o futuro lhe poderia trazer. Oromis estava morto e ele ficara sozinho. Sozinho!

Eragon estremeceu e voltou a si.

Estava enroscado num novelo. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Ofegando, levantou-se do chão e fitou Saphira e Arya.

Só instantes depois percebeu o que estava vendo.

A feiticeira que Eragon estivera prestes a atacar estava caída a sua frente, morta por um único golpe de espada. Não havia sinais dos espíritos que ela e os seus companheiros tinham invocado. Lady Lorana permanecia abrigada na sua cadeira. Saphira tentava erguer-se no lado oposto da sala e o homem que estivera sentado no chão, no meio dos três feiticeiros, permanecia agora de pé, junto de si, segurando Arya pelo pescoço, suspensa no ar.

A cor desaparecera do rosto do homem, que, entretanto assumiu a cor do osso. O cabelo, que fora castanho, estava vermelho-vivo e quando olhou para ele e sorriu, Eragon viu que os seus olhos tinham uma cor castanha. Tudo na sua atitude e aparência lembrava-lhe Durza.

“O nosso nome é Varaug,” disse o Espectro. “Teme-nos.” Arya deu-lhe um pontapé, mas os seus golpes não pareciam surtir qualquer efeito.

A pressão ardente da consciência do Espectro forçava a mente de Eragon, tentando derrubar as suas defesas. A força do ataque imobilizou Eragon. Mal conseguia repelir os filamentos penetrantes da mente do Espectro, quanto mais andar ou brandir uma espada. Independentemente da causa subjacente, Varaug era ainda mais forte que Durza e Eragon não sabia quanto tempo conseguiria resistir ao poder do Espectro. Viu que Saphira também estava sendo atacada: permanecia rígida, sentada junto à varanda, imobilizada num esgar feroz.

As veias na testa de Arya estavam salientes e o seu rosto tornou-se vermelho e, a seguir, arroxado. Tinha a boca aberta, mas não respirava. Bateu no cotovelo fechado do Espectro com a palma da mão direita e partiu-lhe a articulação com um estalido sonoro. O braço de Varaug perdeu a firmeza e, por instantes, os dedos dos pés de Arya tocaram levemente no chão. Entretanto os ossos no braço do Espectro voltaram ao lugar e ele ergueu-a ainda mais alto.

“Vai morrer,” rugiu Varaug. “Vai morrer por nos aprisionar neste barro duro e frio.”

O fato de saber que as vidas de Arya e de Saphira estavam em perigo, esvaziou Eragon de todas as emoções, a exceção de uma implacável determinação. Com pensamentos agudos como estilhaços de vidro, projetou-se para a consciência tempestuosa do Espectro. Varaug era demasiado poderoso e os espíritos que residiam no seu interior revelavam-se bastante diferentes entre si para que Eragon conseguisse domina-los e controla-los. Por isso esforçou-se por isolar o Espectro. Rodeou a mente de Varaug com a sua. Sempre que ele tentava alcançar Saphira ou Arya, Eragon bloqueava-lhe o raio mental e sempre que ele tentava mudar de posição, Eragon neutralizava-lhe o impulso com um comando seu.

Lutaram na velocidade do pensamento, avançando e recuando dentro do perímetro da mente do Espectro, cuja paisagem era de tal forma misturada e incoerente que Eragon recebeu enlouquecer se a olhasse durante muito tempo. Enquanto lutava com Varaug, Eragon foi até aos limites da sua resistência, tentando antecipar todas as ações do Espectro. No entanto, Eragon sabia que aquele combate só poderia acabar com a sua derrota. Por muito rápido que fosse, não conseguia suplantar as numerosas inteligências albergadas no Espectro.

A concentração de Eragon falhou e Varaug aproveitou a oportunidade para penetrar mais a fundo na mente de Eragon, encurralando-o... Paralisando-o... Suprimindo os seus pensamentos até Eragon conseguir apenas fixar o espectro com uma raiva muda. O Cavaleiro sentiu um formigueiro doloroso nos membros enquanto os espíritos percorriam o seu corpo, navegando através de todos os seus nervos.

“O teu anel está cheio de luz,” exclamou Varaug, com os olhos esgazeados de prazer. “Que luz maravilhosa! Vai alimentar-nos durante muito tempo!”

Depois rugiu de raiva, quando Arya lhe agarrou num pulso e o partiu em três lugares, libertando-se das mãos de Varaug antes que este tivesse tempo de se curar. Entretanto atirou-se para o chão na tentativa de recuperar o fôlego. Varaug tentou dar-lhe um pontapé, mas ela rebolou para longe. Depois alcançou a sua espada que estava caída no chão.

Eragon estremecia, tentando libertar-se da presença opressiva do Espectro.

A mão de Arya fechou-se em torno do cabo da espada. Por instantes, o Espectro deixou escapar um grito mudo e atacou-a, rolando ambos pelo chão, lutando pelo controlo da arma. Arya gritou e atingiu Varaug de um dos lados da cabeça com o pomo da espada. O Espectro ficou inerte e Arya arrastou-se para trás, levantando-se.

Eragon libertou-se imediatamente de Varaug e, sem pensar na sua segurança, voltou a atacar a consciência do Espectro com o único propósito de atrasá-lo durante alguns instantes.

Varaug ergueu-se sobre um joelho, mas voltou a cair mal Eragon redobrou os seus esforços.

“Ataquem-no!” gritou Eragon.

Arya lançou-se a ele com os cabelos escuros esvoaçando...

E trespassou o Espectro no coração.

Eragon vacilou e desembaraçou-se da mente de Varaug no instante em que o Espectro se afastava de Arya, arrancando a espada do corpo. O Espectro abriu a boca e deu um grito tão agudo e perturbante que estilhaçou os painéis de vidro da lanterna no teto. Esticou o braço em direção a Arya e avançou cambaleante na sua direção. Depois parou e a sua pele começou a desaparecer e a ficar transparente, revelando dezenas de espíritos cintilantes aprisionados no interior do seu corpo. Os espíritos pulsaram, aumentando de tamanho e a pele de Varaug abriu-se pelos músculos da barriga.

Finalmente os espíritos rebentaram com Varaug numa explosão de luz e fugiram da sala da torre, atravessando as paredes como se a pedra fosse imaterial.

O pulso de Eragon acalmou gradualmente. Sentindo se velho e cansado, aproximou se de Arya que permanecia encostada a uma cadeira, segurando no pescoço com uma mão. Ela tossiu e cuspiu sangue. Como parecia incapaz de falar, Eragon colocou a sua mão sobre a dela e disse:

“Waíse heill.” No instante em que a energia para sarar os ferimentos dela fluiu do seu corpo, Eragon sentiu as pernas a fraquejar e apoiou-se numa cadeira.

“Melhor?” perguntou ele depois do feitiço cumprir o seu objetivo.

“Melhor,” murmurou Arya, brindando-o com um débil sorriso. Depois, apontou para o lugar onde Varaug estava. “Matamos! ... Matamos ele e não morremos.” Parecia surpreendida. “Poucos são os que conseguiram matar um Espectro e sobreviver.”

“Isso é porque lutaram sozinhos e não juntos como nós.”

“Não como nos, é verdade.”

“Você me ajudou em Farthen Dur e eu te ajudei aqui.”

“Sim.”

“Agora vou ter que te chamar Matadora de Espectros.”

“Somos os dois...”

Saphira assustou-os com um gemido lamentoso. Ainda a gemer, raspou as garras no chão, lascando e arranhando a pedra. A cauda oscilava de um lado para o outro desfazendo a mobília e as sombrias pinturas nas paredes.

“Foi-se!” disse ela. “Desapareceu! Desapareceu para sempre!”

“Saphira, o que está acontecendo?” exclamou Arya. Ao ver que ela não respondia, Arya repetiu a pergunta a Eragon.

Odiando cada palavra que emitia, Eragon disse: “Oromis e Glaedr morreram. Galbatorix matou-os.”

Arya cambaleou como se tivesse sido atingida.

“Ah!” apertou as costas da cadeira com tanta força que ficou com os nós dos dedos brancos e os seus olhos oblíquos encheram se de lágrimas, que escorreram pelas faces ate ao queixo. “Eragon...” esticou o braço e agarrou-lhe no ombro e, acidentalmente, ele percebeu que a tinha nos seus braços. Eragon sentiu os olhos a umedecerem. Cerrou os maxilares para tentar manter a compostura, pois sabia que se começasse a chorar não seria capaz de parar.

Ficaram ambos abraçados durante algum tempo, consolando-se um ao outro. Depois Arya recuou e disse:

“Como foi que aconteceu?”

“Oromis teve um dos seus ataques e enquanto estava paralisado Galbatorix usou Murtagh para...” Eragon emudeceu e abanou a cabeça. “Te conto resto quando contar a Nasuada. Ela tem que saber disto e eu não quero relatar mais do que uma vez.”

Arya assentiu.

“Então vamos falar com ela.”



## NASCER DO SOL

Assim que Eragon e Arya acompanharam Lady Lorana até a sala na torre, eles encontraram Blödhgarm e os outros onze elfos subindo a escadaria quatro degraus de cada vez.

“Matador de Espectros! Arya!” exclamou uma elfa com longos cabelos negros. “Vocês estão machucados? Ouvimos o lamento de Saphira, então pensamos que um de vocês poderia ter morrido.”

Eragon olhou para Arya. Seu juramento à Rainha Islanzadí não permitiria discutir Oromis ou Glaedr com ninguém que não fosse de Du Weldenvarden – como Lady Lorana – sem a permissão da rainha, Arya, ou qualquer um que a sucedesse no trono selado em Ellesméra.

Ela inclinou-se e disse, “Eu o libero de sua promessa, Eragon, vocês dois. Falem deles a quem vocês escolherem.”

“Não, não estamos machucados,” disse Eragon “Entretanto, Oromis e Glaedr morreram, massacrados na batalha de Gil’ead.”

Como se fossem um, os elfos começaram a chorar, chocados, e então começaram a pregar dezenas de perguntas a Eragon. Arya levantou uma mão e disse, “Contenham-se. Agora não é hora nem lugar para satisfazer sua curiosidade. Ainda há soldados, e nós não sabemos quem pode estar escutando. Mantenham sua amargura escondida em seus corações até estarmos seguros e a salvo.” Ela pausou e olhou para Eragon, então disse, “Eu explicarei as circunstâncias de suas mortes assim que as souber.”

“Nen ono weohnata, Arya Dröttningu,” eles murmuraram.

“Você ouviu meu chamado?” Eragon perguntou a Blödhgarm.

“Ouvi,” o elfo coberto de couro disse. “Nós viemos o mais rápido que pudemos, mas tinham muitos soldados no caminho.”

Eragon levou suas mãos aos seus lábios no tradicional gesto de respeito dos elfos.

“Peço desculpas por ter te deixado para trás, Blödhgarm-elda. O calor da batalha me fez insensato, e nós quase morremos por causa de meu erro.”

“Você não precisa se desculpar, Matador de Espectros. Nós também cometemos um erro hoje, um que eu prometo que nós não repetiremos. A partir de agora, nós lutaremos ao seu lado e dos Varden incondicionalmente.”

Juntos, todos eles se agruparam abaixo das escadas do pátio lá fora. Os Varden capturaram ou mataram muitos dos soldados dentro do sustento, e os poucos que continuaram lutando se renderam assim que viram que Lady Lorana estava em custódia dos Varden. Como o vão das escadas era muito pequeno para ela, Saphira voou até o pátio e os esperava quando chegaram.

Eragon se juntou a Saphira, Arya e Lady Lorana enquanto um dos Varden buscou Jörmundur. Quando se juntou a eles, explicaram-no o que aconteceu dentro da torre – o que o espantou grandemente – e entregou Lady Lorana à sua custódia.

Jörmundur curvou-se perante ela. “Você pode descansar em paz, Lady, nós a trataremos com todo o respeito e dignidade devido a sua posição. Podemos ser seus inimigos, mas ainda somos homens civilizados.”

“Obrigada,” respondeu. “Estou aliviada por ouvi-lo. Entretanto agora minha maior preocupação é com a segurança de meus súditos. Eu gostaria de falar com sua líder, Nasuada, sobre seus planos para eles.”

“Creio que ela também deseja falar com você.”

Enquanto partiam, Lady Lorana disse, “Eu sou mais agradecida a você, elfa, e a você, Cavaleiro de Dragão, pela morte do monstro que poderia ter espalhado amargura e destruição sobre Feinster. O destino nos colocou em lados opostos nesse conflito, mas isso não significa que eu não possa admirar você por sua braveza e proeza. Nós podemos nunca encontrarmos novamente, então tomem cuidado e fiquem bem, ambos.” Eragon curvou-se e disse, “Fique bem, Lady Lorana.”

“E que as estrelas a guiem,” disse Arya.

Blödhgarm e os elfos sobre o seu comando acompanharam Eragon, Saphira e Arya enquanto eles procuravam Nasuada em Feinster. Eles a encontraram cavalcando seu garanhão através das acinzentadas ruas, inspecionando o dano na cidade.

Nasuada saudou Eragon e Saphira com um alívio evidente. “Estou feliz que vocês finalmente retornaram. Nós precisamos de vocês esses últimos dias. Eu vejo que você tem uma nova espada, Eragon. Uma espada de Cavaleiro de Dragão... Os elfos a deram para você?”

“De um jeito indireto, sim.” Eragon olhou as várias pessoas que continuavam perto e abaixou sua voz. “Nasuada, nós precisamos falar com você sozinha. É importante.”

“Muito bem.” Nasuada estudou as construções que apareciam em fila pela rua, então apontou uma casa que parecia abandonada. “Deixe-nos falar ali.”

Dois guardas de Nasuada, os Falcões Noturnos, correram na dianteira e entraram na casa. Eles reapareceram em poucos minutos depois e reverenciaram Nasuada, dizendo, “Está vazia, minha senhora”.

“Bom. Obrigada.” Ela desmontou seu cavalo, entregou as rédeas a um homem de sua guarda e adentrou a casa. Eragon e Arya a seguiram. Os três vagaram pela gasta construção até que encontraram um cômodo, a cozinha, com uma janela grande o suficiente pra acomodar a cabeça de Saphira. Eragon subiu a persiana e Saphira deitou sua cabeça no galpão de madeira. Sua respiração encheu a cozinha com o cheiro da carne carbonizada.

“Podemos falar sem medo,” disse Arya após lançar feitiços para prevenir que ninguém espreitasse a conversa deles.

Nasuada friccionou seus braços e tiritou. “O que é isto tudo, Eragon?” perguntou. Eragon engoliu em seco, desejando que ele não tivesse que residir em cima do destino de Glaedr e Oromis. Então ele disse, “Nasuada... Saphira e eu não estávamos sozinhos... havia outro dragão e outro Cavaleiro lutando contra Galbatorix conosco.”

“Eu sabia,” suspirou Nasuada, com os olhos brilhando. “É a única explicação que faria sentido... Eles eram seus professores em Ellesméra, não eram?”

*Eles eram,* disse Saphira. *Mas não mais.*

“Não mais?”

Eragon contraiu os lábios e levantou sua cabeça, as lágrimas borrando sua visão. “Essa manhã eles morreram em Gil'ead. Galbatorix usou Thorn e Murtagh para matá-los; Ouvi ele falar-lhes pela boca de Murtagh.”

O excitamento escoou do rosto de Nasuada, dando lugar a uma expressão vazia. Afundou-se na cadeira mais próxima e fixou o olhar nas cinzas da fria lareira. A cozinha estava silenciosa. Por último, agitou-se e perguntou, “Você tem certeza que eles morreram?”

“Sim.”

Nasuada limpou seus olhos na bainha de sua luva. “Fale sobre eles, Eragon. Você poderia, por favor?”

Então pela próxima meia hora, Eragon falou sobre Oromis e Glaedr. Ele explicou como eles sobreviveram à queda dos Cavaleiros e por que eles decidiram ficar escondidos desde então. Ele explicou suas respectivas incapacidades. Ele também passou um tempo

falando de suas personalidades e de como foi ficar esse tempo estudando com eles. O sentido de perda aprofundou-se em Eragon enquanto ele lembrava dos longos dias que passou com Oromis nos rochedos de Tel'naeír e todas as coisas que fez por ele e Saphira. Como ele chegou ao encontro deles com Thorn e Murtagh em Gil'lead, Saphira levantou a cabeça do batente da janela e começou a gemer novamente, seu lamento baixo e persistente.

Nasuada suspirou e disse, “Eu queria poder ter encontrado Oromis e Glaedr. Mas, oh, não era para acontecer... Há uma coisa que eu ainda não entendo, Eragon. Você disse ter ouvido Galbatorix falando com eles. Como você pôde?”

“Sim, eu também gostaria de saber.” disse Arya.

Eragon procurou algo para beber, mas não havia água ou vinho na cozinha. Ele tossiu, e então rapidamente entrou num relato completo de sua recente ida à Ellesméra. Saphira ocasionalmente fazia um comentário, mas na maior parte, ela deixou ele contar a história.

Começando com a verdade sobre sua paternidade, Eragon procedeu em uma rápida sucessão os eventos da estada deles, desde a descoberta da espada brilhante abaixo da árvore Menoa até o forjamento de Brisingr e sua visita a Sloan. Por último, ele contou a Arya e Nasuada sobre o coração dos corações dos dragões.

“Bem” disse Nasuada. Levantou-se, andou ao longo da cozinha e voltou. “Você, o filho de Brom, e Galbatorix sugando as almas dos dragões cujos corpos morreram. É quase demais pra se compreender...” Ela friccionou seus braços novamente. “Ao menos, nós sabemos a verdadeira fonte do poder de Galbatorix.”

Arya continuava imóvel, sem fôlego, com uma expressão chocada. “Os dragões continuam vivos,” ela sussurrou. Fechou suas mãos em forma de oração e juntou-as perto de seu tórax. “Eles ainda estão vivos depois de todos esses anos! Oh, se eu pudesse contar isso ao resto de meu povo. Como eles se alegrariam! E o quão terrível seria sua ira quando soubessem do escravizamento dos Eldunarí. Nós marcharíamos em direção a Urû'baen e não descansaríamos até que livrássemos os corações do controle de Galbatorix, não importa quantos de nós morressemos no processo.”

*Mas não podemos contar a eles,* disse Saphira.

“Não,” disse Arya, e abaixou sua voz. “Não podemos. Mas eu queria que pudéssemos.”

Nasuada olhou para ela. “Por favor, não leve como ofensa, mas eu gostaria que sua mãe, a rainha Islanzadí, tivesse sido conveniente em compartilhar essa informação conosco. Podíamos ter feito uso disso há muito tempo.

“Concordo,” disse Arya, franzindo as sombrancelhas. “Na Campina Ardente, Murtagh foi capaz de defender vocês dois” – ela apontou Eragon e Saphira – “porque vocês não sabiam que Galbatorix poderia ter dado a ele um dos Eldunarí e que então você falhou na hora de agir com o cuidado apropriado. Se não fosse pela consciência de Murtagh, vocês dois estariam a serviço de Galbatorix agora. Oromis e Glaedr, e minha mãe também, tiveram razões sadias para manter os Eldunarí em segredo, mas o segredo deles foi quase nosso destruição. Discutirei isso com minha mãe tão logo nos falemos.”

Nasuada estava parada entre o batente da janela e a chaminé. “Vocês me deram muito para pensar, Eragon...” Ela bateu no assoalho com a ponta de sua bota. “Pela primeira vez na história dos Varden, nós sabemos um jeito de matar Galbatorix que pode realmente suceder. Se pudermos separá-lo daqueles coração dos corações ele irá perder a maior parte de sua força, e então você e os outros feiticeiros serão capazes de subjugá-lo.

“Sim, mas como podemos separá-lo dos seus corações?” Eragon perguntou.



Nasuada encolheu os ombros. “Eu não poderia dizer, mas tenho certeza, isso tem que ser possível. A partir de agora, você irá trabalhar em descobrir um modo. Nada mais é importante.”

Eragon viu Arya estudando-o com uma atenção que não era usual. Hesitante, ele encarou-a com uma expressão questionadora.

“Eu sempre me perguntei,” disse Arya, “por que o ovo de Saphira apareceu para você, e não em algum lugar de algum campo vazio. Isso parecia uma coincidência grande demais que ocorreu puramente por sorte, mas eu não pude pensar em nenhuma explicação plausível. Agora eu entendo. Eu deveria ter imaginado que você era o filho de Brom. Eu não conhecia bem Brom, mas eu o conhecia e você realmente tinha uma certa semelhança com ele.”

“Tenho?”

“Você deveria estar orgulhoso em chamar Brom de seu pai,” disse Nasuada. “De qualquer modo, ele era um homem notável. Se não fosse por ele os Varden não existiriam. Parece que você é o próximo a levar o trabalho dele à frente.”

Então Arya disse, “Eragon, podemos ver o Eldunará de Glaedr?”

Eragon hesitou, então seguiu para fora e retomou a bolsa dos alforjes de Saphira. Cuidando para não tocar o Eldunará, afrouxou o cordão na parte superior e deixou a bolsa escorregar para baixo, em volta da gema dourada. Em contraste com o que ele havia visto da última vez, o fulgor dentro do coração era opaco e fraco, como se Glaedr estivesse inconsciente.

Nasuada inclinou-se para frente, e olhou fixamente para o centro da roda do Eldunará, seus olhos brilhando com a luz refletida. “E Glaedr está realmente aí dentro?”

*Está,* disse Saphira.

“Eu posso falar com ele?”

“Você poderia tentar, mas eu duvido que ele responderá. Ele perdeu seu cavaleiro, e isso levará um bom tempo para ele se recuperar do choque, se conseguir. Por favor o deixe, Nasuada. Se ele quisesse conversar com você, ele já o teria feito muito antes.”

“Claro. Não era minha intenção perturbá-lo em seu sofrimento. Eu esperarei para conhecê-lo até que tempo suficiente tenha passado e que ele tenha recuperado sua compostura.”

Arya aproximou-se de Eragon e pôs suas mãos em ambos os lados do Eldunará, seus dedos a menos de dois centímetros de distância de sua superfície. Ela olhou a pedra com uma expressão de reverência, convenientemente perdida dentro de suas profundidades, e então sussurrou algo na língua antiga. A consciência de Glaedr alargou-se ligeiramente, como se em resposta.

Arya abaixou suas mãos. “Eragon, Saphira, vocês receberam a mais solene responsabilidade de todas: a custódia de uma outra vida. O que quer que aconteça, vocês devem proteger Glaedr. Com Oromis morto, nós necessitaremos de sua força e sabedoria mais que nunca agora.”

*Não se preocupe, Arya, nós não permitiremos que nenhum infortúnio recaia sobre ele,* Saphira prometeu.

Eragon colocou o Eldunará novamente dentro da bolsa e apertou o cordão, a exaustão o deixando desajeitado. Os Varden conseguiram uma importante vitória e os elfos tomaram Gil'ead, mas o conhecimento trouxe-lhe pouca alegria.

Ele olhou para Nasuada e perguntou, “O que faremos agora?”

Nasuada levantou seu queixo. “Agora,” disse ela, “nós marcharemos para o norte em direção a Belatona e quando nós o capturarmos, prosseguiremos avante à Dras-Leona e apreendê-lo-emos também, iremos então a Urû'baen, onde nós moldaremos abaixo Galbatorix ou morreremos tentando. Isso é o que faremos agora, Eragon.”

Assim que eles deixaram Nasuada, Eragon e Saphira concordaram em deixar Feinster para o acampamento dos Varden para que ambos pudessem descansar imperturbados pelos ruídos da cidade.

Com Blödgharm e o resto dos protetores de Eragon em volta deles, eles andaram até o portão principal de Feinster, Eragon ainda carregando o Coração de Glaedr em seus braços. Nenhum deles falou.

Eragon olhou fixamente o chão entre seus pés. Ele prestou pouca atenção para os homens que correram ou marcharam perto. Sua parte na batalha tinha terminado, e tudo o que ele queria agora era deitar e esquecer as amarguras do dia. As últimas sensações que ele sentiu de Glaedr ecoavam em sua cabeça: Ele estava sozinho. Ele estava sozinho na escuridão... Sozinho!

A respiração de Eragon travou como uma onda de náusea varrida sobre ele. Então é assim como é perder seu Cavaleiro ou seu Dragão. Sem dúvidas, Galbatorix foi insano.

*Nós somos os últimos*, disse Saphira.

Eragon franziu as sombrancelhas, não entendendo.

*Os últimos Dragão e Cavaleiro livres*, explicou ela. *Nós somos os únicos que sobraram... Nós estamos...*

*Sozinhos.*

*Sim.*

Eragon tropeçou quando seu pé golpeou uma pedra frouxa que ele havia observado. Miserável, ele fechou seus olhos por um momento. Nós não podemos fazer isso sozinhos, ele pensou. Não podemos! Não estamos prontos. Saphira concordou, e seu sofrimento e ansiedade, combinados com o seu próprio, quase o incapacitaram.

Quando eles chegaram aos portões da cidade, Eragon parou, relutante em abrir caminho através da grande multidão recolhida na frente da abertura, tentando fugir de Feinster. Ele olhou em volta para ver se havia outra rota. Assim que seus olhos passaram pelas outras muralhas, surgiu sobre ele um súbito desejo de ver a cidade à luz do dia.

Indo para longe de Saphira, ele subiu correndo a escadaria, que levava ao topo das muralhas. Saphira expressou um curto rosnado de irritação e seguiu-o, abrindo um pouco as asas assim que saltou da rua ao parapeito em um único salto.

Eles permaneceram juntos nas muralhas pela maior parte de uma hora e assistiram com atenção quando o sol se levantou. Um por um, raios da luz pálida do ouro raiaram através dos campos verdejantes do leste, iluminando os montes de poeira que derivaram através do ar. Onde os raios golpearam uma coluna de fumaça, o fumaça incandesceu laranja e vermelho e elevou-se com uma urgência renovada. Os fogos fora das muralhas da cidade haviam morrido na maior parte, embora desde que Eragon e Saphira chegaram, a luta tinha ajustado uma contagem das casas dentro de Feinster em chamas, e as colunas de flamas que pularam acima das casas de desintegração emprestaram à cidade uma arquitetura de beleza delével. Atrás de Feinster, o mar cintilante esticou-se para fora ao distante e liso horizonte, onde as velas de um navio que veleja a sua maneira eram visíveis.

Assim que o Sol aqueceu Eragon através de sua armadura, sua melancolia dissipou-se gradualmente como as grinaldas da névoa que decoravam os rios abaixo. Deu uma profunda inspiração e expirou-a, relaxando seus músculos.

*Não*, ele disse, *não estamos sozinhos. Eu tenho você e você tem a mim. E há Arya e Nasuada e Orik, e muitos outros que nos ajudarão ao longo de nosso caminho.*

*E Glaedr também*, disse Saphira.

*Claro.*

Eragon olhou para baixo, para o Eldunarái que estava deitado em seus braços e sentiu um relance da simpatia e proteção dentro do dragão preso dentro do coração dos corações. Ele abraçou a pedra mais próxima a sua caixa e pôs uma mão em cima de Saphira, grato pela sua companhia.

*Nós podemos fazer isso, ele pensou. Galbatorix não é invulnerável. Ele tem uma fraqueza, e nós podemos usar esta fraqueza contra ele. Nós podemos fazer isso.*

*Nós podemos, e devemos, disse Saphira.*

*Por causa de nossos amigos, e de nossa família –*

*– e pelo resto da Alagaësia –*

*– nós devemos fazer isso.*

Eragon levantou o Eldunarái de Glaedr acima de sua cabeça, apresentando isso ao Sol e ao novo dia, e ele sorriu, ansioso pelas batalhas que ainda estavam para vir, de modo que ele e Saphira poderiam finalmente confrontar Galbatorix e matar o rei das trevas.



**AQUI TERMINA O TERCEIRO LIVRO DO CICLO  
DA HERANÇA. A HISTÓRIA CONTINUARÁ E  
TERMINARÁ NO QUARTO LIVRO.**

Sabe aquele **LIVRO** que você tá louco pra ler?  
Aquele **BEST SELLER** que todo mundo tá lendo e você tá doidinho por ele??  
Ou aquele **CLÁSSICO** que você precisa pra **ESCOLA**?  
Ou então aquela **POESIA** pra sua namorada chata que não se contenta com pouca coisa...  
Quer entender **FILOSOFIA**?  
Quer entender **MATEMÁTICA**? **CIÊNCIA**? **MITOLOGIA**?  
Ou prefere aquele **ROMANCE POLICIAL** da Agatha Christie?  
Ou talvez aquele **ROMANCE** à estilo Diário da Nossa Paixão?  
Ou aquele **DRAMA** À Espera de Um Milagre?  
Mas tem também aquela **FICÇÃO** com **VAMPIROS E LOBISOMENS** que todo ser racional adora!  
Quer viajar pra **OUTRO MUNDO**? É só embarcar nas Fronteiras do Universo!  
Ou talvez nas Crônicas de Nárnia!  
Com um toque de **MAGIA** de Harry Potter e um pouco do **ÉPICO** Senhor dos Anéis, ou talvez Eragon.  
Ou você prefere a **TECNOLOGIA** de Eu, Robô?  
Que tal aprender uma **NOVA LINGUA** na seção de **IDIOMAS**?  
Ou delirar nas **CONSPIRAÇÕES** de Dan Brown e companhia?  
Um pouco de **FOFOCA**? Acesse o blog! Gossip Girl!  
Quer mais um pouco do Rei do **TERROR**? Aqui tem um pouco e muito mais!  
Ou talvez **TEATRO**? O **ROMÂNTICO E TRÁGICO** Romeu e Julieta? Pode ser **TAMBÉM** Otelo. Oh, pobre Desdêmona...  
Ou A **COMÉDIA** dos Erros lhe agrada mais?  
Mas se você é **CRENTE FERVOROSO** que só anda com a **BÍBLIA** debaixo do braço, agora você poderá dizer também que a tem no computador!  
Mas que os **MUÇULMANOS** não fiquem com **CIÚMES**, pois também temos **ALCORÃO**!

## VISITE NOSSA COMUNIDADE

# A . mafia dos livros . AGRADECE

[illegible]

TRADUZIDO POR

